

TRATADO
DAS
PLANTAS
MEDICINAIS

MINEIRAS, NATIVAS E CULTIVADAS



Telma Sueli Mesquita Grandi

© 2014, Telma Sueli Mesquita Grandi

Este livro, ou parte dele, não pode ser alterado ou comercializado sem autorização do Editor.

G753t
2014

Grandi, Telma Sueli Mesquita

Tratado das plantas medicinais [recurso eletrônico] : mineiras, nativas e cultivadas / Telma Sueli Mesquita Grandi. – 1. ed. – Dados eletrônicos. – Belo Horizonte : Adaequatio Estúdio, 2014. 1204 p. : il. color.

Modo de acesso. World Wide Web.

ISBN 978-85-68322-00-0

Inclui glossário

1. Plantas medicinais – Minas Gerais. I. Título.

CDD: 581.634

CDU: 633.88(815.1)

Responsável pela ficha catalográfica: CRB-MG 2742

TRATADO DAS PLANTAS MEDICINAIS MINEIRAS, NATIVAS E CULTIVADAS

Telma Sueli Mesquita Grandi

1^a edição digital

Belo Horizonte



ADÆQUATIO
ESTÚDIO

— 2014 —

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-68322-00-0



9 788568 322000



Projeto Gráfico, Composição e Publicação Digital

Adæquatio Estúdio <adaequatio.com.br>

Revisão de Texto e Normalização

Ana Maria de Moraes

Ilustrações

Andréa Vilela, Júlia Bianchi, Marcelo Viana,
Rafael Zavagli, Sandra Bianchi e Tânia Mara Viana



*Dedico este livro à minha mãe, Neide Mesquita Grandi,
presente em minha vida em todos os momentos importantes.
Com sua fé, força e exemplo, transforma todos os que
dela se aproximam.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao Professor José Martins Pinheiro Sobrinho, que me ensinou a ver as plantas com os olhos de um Botânico.

Ao Rômulo Mesquita Grandi, que me incentivou a escrever esse livro e participou da elaboração, traduções e projeto.

Ao Gilberto Mesquita Grandi, pelo projeto de fomento e à Cássia Maria Teixeira, pela digitação.

Ao Professor Fernão Castro Braga, pela revisão dos constituintes químicos.

À farmacêutica Cristiane Massuda Lyrio, pelas pesquisas, digitação e interesse.

Aos artistas que fizeram com tanto carinho as aquarelas desse livro e a todos os muitos alunos que direta ou indiretamente participaram deste trabalho.



SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO

Este livro foi escrito baseado em experiências profissionais de quase 40 anos, lecionando na Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade de Uberaba e Centro Universitário Newton Paiva, assim como em outras experiências profissionais. Durante esse tempo, muitos alunos participaram de pesquisas em sua cidade natal, coletando exsicatas (plantas secas) para posterior identificação botânica. Só em um trabalho publicado foram analisadas 5.000 exsicatas. Além disso, foram mais de 20 cursos de extensão ministrados em Alfenas, Machado, Ouro Preto, Lavras, Viçosa e Uberlândia.

Ao iniciar meus trabalhos, tive a orientação do grande Professor José Martins Pinheiro Sobrinho. Com ele aprendi a base da fitoterapia e também fiz várias coletas em Ouro Preto e nos arredores de Belo Horizonte, quando ainda existia vegetação nativa em vários locais que hoje estão urbanizados. Além desses trabalhos, pude ainda coletar em várias cidades e serras como: a Fazenda Montes Claros, em Caratinga, Serra de Itabirito, Parque do Caparaó, Serra de Ouro Branco, Serra da Piedade, Serra da Moeda, Serra do Cipó, Serra Negra, o Morro do Chapéu, em Nova Lima, Pico do Itambé e ainda em Montes Claros e Grão Mogol.

Foram entrevistados mais de 80 raizeiros deste Estado e, por isso, posso dizer que o conhecimento dessas pessoas simples é enorme e valioso, e agradeço a eles toda a colaboração que me prestaram. Outros pesquisadores publicaram seus trabalhos em Farmacologia e Fitoquímica, com as espécies medicinais de nosso Estado, e também esses trabalhos foram utilizados em nossa coletânea, mostrando, principalmente, o que já foi comprovado cientificamente. Em Minas Gerais, temos a influência de vários Grupos de origens diferentes que colonizaram nossas terras e trouxeram, com eles, várias espécies de seu local de origem, muitas se transformaram em subespontâneas. Em Ouro Preto, encontramos, nas frestas dos muros: *Cymbalaria muralis*, *Fumaria officinalis*, *Parietaria officinalis*, *Lycopodium clavatum* e outras espécies. Chegamos a coletar a *Capsella bursa-pastoris*, mas os

locais onde a encontrei hoje são urbanizados. Junto a uma população de origem alemã encontramos *Pimpinella magna*, que eles chamam de agrião-do-mato. Em São Tomé das Letras, ainda pode ser encontrada a *Urtica urens* em seus terrenos baldios. Muitas plantas foram introduzidas pelos portugueses e pelos negros em Minas Gerais. A maioria das plantas medicinais cultivadas tem origem europeia. Já os negros contribuíram com muitas espécies na culinária mineira, tais como o ora-pro-nobis, o caruru, e o cará-miúdo, chamado de mangarito e só encontrado na cidade do Serro ou em uma comunidade negra de Contagem, Os Arturus.

Levei 3 anos para coletar todas as plantas com flor e para os artistas desenharem e pintarem as aquarelas. Por diversas vezes tivemos que voltar ao local onde as plantas floresciam para novas coletas das espécies.

É essa rica experiência que quero passar para vocês, e principalmente colocar que plantas medicinais podem causar muitos problemas se não forem observadas as quantidades em uso, pois a diferença entre o medicamento e o veneno é, às vezes, questão de dosagem. Tive, pois, a preocupação de colocar em cada espécie as contra-indicações, toxicidade e a moderna interação medicamentosa.

Com respeito à coleta, é necessário chamar a atenção para o cuidado com o local onde são feitas. Muitos, em Belo Horizonte, coletam plantas na beira dos passeios, onde corre a água de chuva, e, nesse caso, a planta pode estar contaminada com bactérias e parasitas. Lembro-me de um poço, em Taquaraçu de Minas, de onde a população apanhava água para beber, e ela estava com caramujos transmissores de parasitas. Outro fato que pode ocorrer é a coleta de plantas erradas, mas as figuras, em aquarela, facilitarão a identificação. Espero que esta obra venha contribuir para um melhor conhecimento das plantas medicinais.



ABACATEIRO

Família Lauraceae

Lauraceae

Nome Científico

Persea americana Miller

Sinonímia Vulgar

Abacate, avocado.

Sinonímia Científica

Persea drymifolia Cham. & Schlttdl.; *Persea edulis* Raf.; *Persea americana* C. Bauh.; *Persea gratissima* Gaertn.; *Laurus persea* L.; *Laurus indica* Siab.; *Persea persea* Lock.



ABACATEIRO

Descrição Árvore elegante, originária da América Central, muito cultivada em Minas Gerais. Caule pouco ereto, de até 20 m de altura, tendo a extremidade superior dos ramos e os brotos amarelados, com pelos ou quase glabros. Folhas alternas, simples, pecioladas, polimorfas, mas geralmente lanceoladas, acuminadas, agudas, peninérveas, coriáceas, amarelo pubescentes na página superior, enquanto jovens, glabras e raramente pubescentes na página inferior, quando adultas. Flores pálidas ou brancas esverdeadas, muito pequenas, com o perianto persistente, disposto em corimbos. Ovário piloso e globoso. Fruto drupa, esférica ou piriforme de cores variáveis entre verde amarelo e violeta. Polpa comestível, com alto teor de gordura, de cor verde-amarelada, semelhante à manteiga, muito apreciada, envolvendo a semente que é globulosa e grande. Multiplica-se por sementes em locais quentes, embora algumas variedades suportem temperaturas baixas. Preferem terrenos sílico-argilosos, férteis e profundos.

Partes Usadas Folhas, sementes, frutos, cascas ou brotos.

Formas Farmacêuticas Decocto, infuso, óleo, extrato-fluido, xarope, tintura ou pó.

Emprego O óleo essencial tem atividade antibacteriana contra pseudomonas e estafilococos. Os extratos orgânicos das sementes têm atividade contra Escherichia coli, Sarcina lutea e Staphylococcus aureus. O óleo da polpa tem atividade linfocitária e fagocitária e atividade depressora do sistema nervoso central. A cultura popular mineira preconiza os seguintes empregos: diurético, colagogo, tem propriedade emenagogas e carminativas. O óleo extraído da polpa do fruto, por sua riqueza em vitaminas, é usado como antirraquítico, vermífugo, peitoral, contra urticárias, cálculo renal, queda de cabelo, infecções das gengivas, diarreia, cefalalgias e hipertensão arterial. Também se usa para fortalecer os dentes e combater a cárie. O óleo da semente é usado em alcoolatura, em fricções externas, contra dores articulares e reumatismo e a posologia depende do tamanho da semente. Coloca-se a semente

picada em álcool, de modo a cobrir a mesma e sobrar um pouco. Deixa-se 7 dias em maceração e depois se aplica a alcoolatura externamente. Foi constatado em experimentos com animais estimulação significativa do útero. Pacientes com artrose, tomando cápsulas da parte insaponificável, tiveram melhoras significativas em 70% dos casos.

Constituição Química A polpa do fruto tem os seguintes ácidos graxos: oleico, linoleico, palmítico, esteárico, linolênico, cáprico e mirístico. Encontramos também hidrocarbonetos alifáticos saturados, álcoois alifáticos e terpênicos, β -sitoesterol, poliols insaturados, vitamina A, E, tiamina, riboflavina, niacina e ácido ascórbico, aminoácidos (ácido aspártico e glutâmico) e GABA. Além disso, contém fósforo, ferro. A semente possui α -tocoferol, pró-antocianidina (biflavonil), hidrocarbonetos derivados esteroídicos e glicídios e uma saponina. O extrato aquoso das folhas contém óleos essenciais e aminas biogênicas, flavonoides (quercetol, catequina, epicatequina e cianidina), um princípio amargo (abacatina), persiteol, perseita e tiramina.

Interações Medicamentosas e Associações A ingestão para pacientes que estão recebendo terapia anticoagulante (varfarina) diminui o efeito da droga. Por outro lado, os pacientes que recebem tratamento antidepressivo com inibidores da monoaminoxidase podem sofrer crises hipertensivas devido à tiramina. As folhas do abacateiro podem ser associadas ao chapéu-de-couro e cana-de-macaco no tratamento de doenças renais.

Contraindicação O chá de suas folhas deve ser evitado para as mulheres grávidas.

Toxicidade A polpa do abacate não é tóxica. As sementes não são ingeridas. Devido ao uso das folhas como larvicida e inseticida, é necessário usar com cautela as folhas dessa espécie.



ABACAXI

Família

Bromeliaceae

Nome Científico

Ananas comosus (L.) Merrill

Sinonímia Vulgar

Ananás.

Sinonímia Científica

Bromelia comosa L.; *Ananas ananas* Kergawl.; *Ananas paraguayensis* Camargo & L. B. Sm.; *Ananas sativus* Lindl.; *Ananas sativus* Schult. & Schult. F.; *Ananas sativa* Lindl.; *Bromelia ananas* L.



ABACAXI

Descrição Originado do continente americano (Brasil e Paraguai), o abacaxi é uma planta terrestre, aparentemente sem caule, de pequeno porte, medindo em torno de 1,2 m de altura. Suas raízes são pouco desenvolvidas e as folhas dispostas espiralmente e agrupadas na base em roseta. São longas, duras, lineares e em forma de calha tendo suas bases aculeadas. Flores pequenas, de coloração róseo a roxo-purpúreas surgem aglomeradas em uma haste em espiga que se desenvolverá formando a fruta do abacaxi, fruto sincárpico ovoide, de 10-30 cm. O conjunto dos pequenos frutos estrutura o aspecto ovoide do abacaxi que, em sua parte superior, forma uma coroa de pequenas folhas duras, de coloração verde intensa denominadas brácteas. Essa coroa poderá dar origem a uma nova planta. A haste interna do abacaxi é envolta pela succulenta polpa que é comestível. Multiplica-se por ramificações que saem por baixo do fruto e desenvolve-se em terrenos úmidos e arenosos, com temperaturas que variem entre 24° a 27°C.

Parte Usada Frutos.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, sumo, essência, suspensão ou sumo.

Emprego Usado em casos de bronquites, tosse catarral, dor de garganta, acne, espinhas, cravos, psoríase vermelha, psoríase escamativa, esclerodermias, feridas, úlceras, chagas, em máscaras rejuvenescedoras, como digestivo (enzimas proteolíticas), diurético, antiagregante plaquetário. O fruto maduro é ingerido ao natural. A essência é extraída com álcool de cereais. Infuso ou decocto: 2 xícaras de chá do fruto picado para 1 litro de água, deixar em repouso por 6 horas. Tomar 4 a 5 xícaras de chá ao dia. Sumo: 2 xícaras de polpa do fruto para 1 litro de água, adoçar com mel. Tomar 3 a 4 xícaras de chá ao dia.

Constituição Química Enzimas proteolíticas (bromelina e bromelaína), glícides (sacarose, glicose, levulose), vitaminas A, B1, B2, B6, C, e E, fibras, celulose, hemicelulose e linina. Ácidos orgânicos (cítrico, málico, salicílico, oxálico, fólico). Minerais (I, Mg, Mn, K, Ca, P, Fe, S).

Interações Medicamentosas e Associações Inibidores da monoaminooxidase. A absorção do ferro contido numa dieta pode ser multiplicada pela presença de vitamina C. Pode ser associado a antibióticos, aumentando sua eficácia, assim como a da quimioterapia no tratamento de câncer. Substâncias do abacaxi combinadas com a ciclosporina inibiram a inflamação e a artrite.

Contraindicação Para pessoas alérgicas às bromelinas e que também estejam fazendo uso de anticoagulantes.

Toxicidade Pessoas alérgicas podem ter aftas nas amídalas, simulando uma dor de garganta, e o abacaxi também pode provocar distúrbios gastrintestinais.



A BÓBORA-D'ANTA

Família

Cucurbitaceae

Nome Científico

Cayaponia podantha Cogn.

Sinonímia Vulgar

Taiuiá, tomba, cabaça-amargosa.

Sinonímia Científica

Arkezostis podanthe Kuntze



BÓBORA-D'ANTA

Descrição Ramos sulcados, áspero-pubescentes, pecíolo estriado, denso, viloso, de 2 a 4 cm de comprimento. Folha trilobada, de 8 a 12 cm de comprimento, com lobos oblongos, obtusos, margem denticulada, ápice mucronado, laterais menores, gavinhas simples, estriadas, áspero-pilosas, flores maiores, solitárias ou em fascículos, pedúnculo masculino estriado, áspero-pubescente de 1 a 1,5 cm de comprimento. Tubo do cálice infundibuliforme de 10 a 12 mm de comprimento com lacínios dentiformes, de 6 a 7 mm de comprimento. Corola campanulada externamente denso-tomentosa, internamente vilosa, de 20 a 24 mm de comprimento. Com segmentos ovais, penínérveas, de 12 a 14 mm de comprimento e filetes de 8 mm de comprimento, anteras aderentes entre si, globosas. Flores femininas com tubo do cálice campanulado, corola de 12 a 13 mm de comprimento, com segmentos eretos, lanceolados de 8 a 9 mm de comprimento e 3 mm de largura, ovário oblongo-viloso, estilete reto, glabro de 10 mm de comprimento. Fruto glabro, oblongo, avermelhado, de base subaguda e ápice arredondado, e com 25 a 28 mm de comprimento, com 12 sementes de base oblíqua, emarginada de 8 a 9 mm de comprimento.

Parte Usada Raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, xarope, tintura ou extrato fluido.

Emprego Purgativa, emética, drástica, depurativa e anti-sifilítica. Usada para todas as doenças da pele e reumatismo. O decocto é usado a 1%, tomando-se de 1 a 3 xícaras ao dia.



ABÓBORA-MORANGA

Família

Cucurbitaceae

Nome Científico

Cucurbita pepo L.

Sinonímia Vulgar

Abóbora, abóbora-menina, abobra, abóbora-porqueira, jerimum.

Sinonímia Científica

Cucurbita pepo Lour; *Cucurbita pepo* Wall.; *Cucurbita pepo* Vell.;
Cucurbita courgero Cer.; *Cucurbita elongata* Bean ex Schrad.;
Cucurbita esculenta Gray; *Cucurbita ovifera* L.



BÓBORA-MORANGA

Descrição Planta rasteira ou trepadeira, vilosa-áspera, com pelos rígidos e gavinhas compostas. Folhas alternas longo-pecioladas, largo-cordiformes, profundamente penta-lobadas, grandes, rígidas e com pelos espinescentes esparsos, sobretudo nos pecíolos. Plantas monoicas. Flores masculinas amarelas, solitárias ou fasciculadas, com limbo do cálice campanulado, raro cilíndrico, com 5 lobos; corola campanulada, pentâmera, amarela com lobos de ápice recurvado, 5 estames formando uma coluna central composta de 2 pares de estames e 1 livre, porém reunidos em uma só peça colunar, anteras soldadas em um só corpo, rudimentos de ovário nulo. Flores femininas solitárias, curtas pedunculadas com 5 estaminoides curtos, triangulares, inseridos no fundo da corola; ovário oblongo, estilete curto e grosso, estigma trilobado ou bifurcado e papiloso; óvulos numerosos, horizontais. Fruto carnosos-fibroso, indeiscente e com muitas sementes brancas.

Partes Usadas Sementes, frutos, folhas, flores ou raízes.

Formas Farmacêuticas Sementes torradas, extrato ou óleo das sementes. Decocto das folhas, flores ou raízes.

Emprego Popularmente, as folhas são usadas após a decoção sobre queimaduras e as flores para combater erisipela. As raízes possuem atividades febrífugas e tenífugas. Externamente é usada contra úlceras sifilíticas. Sementes torradas (30 a 40 g em um dia) são usadas contra verminose. A cucurbitina é responsável pelo efeito sobre tênias e oxiúros. Tem efeito diurético suave. *In vitro* foi observada sua ação antitumoral em diversos adenomas prostáticos, acreditando-se que seja devido ao seu conteúdo de ácidos graxos insaturados.

Constituição Química As sementes contêm um isoprenoide denominado cucurbitina, e, ainda, ácido cucúrbito, ácidos graxos insaturados (oleico e linoleico), peponosídeo, peporesina, vitaminas, albumina, lecitina, carotenoides, fitosterina, traços de selênio, manganês e zinco, e os aminoácidos leucina e tirosina.

Interações Medicamentosas e Associações Se usada juntamente com agentes diuréticos, apresenta um aumento dos efeitos.

Contraindicação A abóbora está contra indicada para pacientes quando não se conhece a causa da hipertrofia prostática.



ABÚTUA

Família

Menispermaceae

Nome Científico

Cissampelos glaberrima A. St. Hil.

Sinonímia Vulgar

Chondodendron platyphyllum (St. Hil.) Myers; *Cyssampelos abutua* Vell.; *Cocculus platyphyllus* St. Hil.; *Botryopsis platyphylla* Myers

Sinonímia Científica

Chondodendron platyphyllum (St. Hil.) Myers; *Cyssampelos abutua* Vell.; *Cocculus platyphyllus* St. Hil.; *Botryopsis platyphylla* Myers



ABÚTUA

Descrição Encontrada em diversas regiões do Brasil, a abútua é uma trepadeira longa, dioica, lenhosa, semelhante à parreira, porém sem gavinhas, as raízes amarelo-pardas, com caule de vários metros de comprimento atingindo o topo das árvores. Folhas alternas, peltadas, simples, inteiras, pecioladas, chegando a 30 cm de comprimento, de formas variadas, muitas vezes ovoides, largas, arredondadas ou aguçadas, ou somente cordiformes na base. A face interior é coberta, nos intervalos das nervuras, de uma penugem cerrada e cinzenta. Folhas nunca estipuladas. Flores unissexuadas, pequenas, dispostas em cachos que nascem próximo dos ramos novos e velhos. Cálice com 9 a 12 peças, dispostas em 3 verticilos, sendo as 3 peças internas largas e petaloides. Corola com 6 pétalas dispostas em 2 verticilos. Os estames são estéreis ou rudimentares na flor feminina, ao passo que na masculina são em número de 6, com filetes livres e apiculados, anteras basifixas e biloculares. Frutos do tipo drupa oval, vermelha e miúda, em grande número e dispostas em cachos semelhantes aos da parreira.

Partes Usadas Folhas, cascas ou raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido ou pó.

Emprego Popularmente é usada como diurética e febrífuga. Além disso, é considerada tônica, estomáquica e antiasmática. Usada como anti-hemorrágica uterina, problemas menstruais, no parto, como analgésico oral e antifebrífugo. Posologia: infuso e decocto a 2,5%, de 50 a 200 ml ao dia; pó, de 1 a 5 g ao dia; tintura, de 5 a 25 ml ao dia. A substância tetandrina tem atividades analgésicas, antiinflamatórias e febrífugas comprovadas.

Constituição Química Alcaloides (beberina, buxina, chondodendrina, condrofolina, curina isoberberina, d-tubocurarina), saponinas, esteróis, triterpenos, óleos etéreos, politerpenos e polifenóis. Contém, também, uma substância chamada tetrandrina.

Interações Medicamentosas e Associações Potencializa os relaxantes musculares.

Contraindicação Em doses altas não utilizar na gravidez e amamentação, pois possui efeito abortivo. Não deve ser usada em pessoas com miastenia grave.

Toxicidade Não foi encontrada citação de toxicidade, nas doses recomendadas. Essa planta faz parte do preparo do curare, veneno utilizado pelos ameríndios.



AÇAFRÃO-DA-ÍNDIA

Família

Zingiberaceae

Nome Científico

Curcuma longa L.

Sinonímia Vulgar

Cúrcuma, açafroa, açafrão-da-terra.

Sinonímia Científica

Amomum curcuma Jacq.; *Curcuma domestica* Valetton; *Curcuma sichuanensis* X. X. Chen.; *Stissera curcuma* Raeusch



AÇAFRÃO-DA-ÍNDIA

Descrição Rizoma tuberoso, oblongo e palmado, aromático, sabor ardente e amargo. Folhas basilares, alternas, pecioladas, lanceoladas, glabras e verdes. O escarpo que suporta as flores é rodeado pelas bainhas das folhas e termina por uma espiga oblonga, verde, munida de brácteas agudas tendo nas suas axilas flores solitárias, amarelas, de cálice tubuloso, tridentado. Corola tubulosa, tripartida, 3 estames, sendo estéreis, formando um labelo desenvolvido e 1 fértil, petaloide trilobado, tendo no seu lobo mediano uma antera bilocular. Ovário ínfero, com 3 lojas multiovuladas. Estilete filiforme. Fruto cápsula, trilocular, valvulares. Sementes ariladas e albuminosas.

Parte Usada Rizomas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou tintura.

Emprego Excitante, diurético, estomáquico, antidiarreico, antiescorbútico, antiespasmódico. Utilizado também nas afecções do fígado e do trato biliar, é usado como corante em alimentos e preparações farmacêuticas. O infuso e o decocto são preparados a 1%, ingerindo-se de 200 a 400 ml ao dia; a tintura ingerida, de 10 a 20 ml ao dia. O decocto das folhas, depois de frio, é utilizado para lavar feridas.

Constituição Química Óleo essencial rico em sesquiterpenos oxigenados e uma substância corante avermelhada denominada curcumina, que é seu principal constituinte ativo, carbinol, resina e amido.

Interações Medicamentosas e Associações Em pesquisa usando animais, detectou-se que o açafrão é capaz de aumentar os níveis sanguíneos de diversos medicamentos. Pode inibir a agregação plaquetária aumentando o risco de hemorragia, se usado concomitantemente com anticoagulantes. Interação com piperina aumenta a absorção e bioatividade da curcumina. Genisteína usada

simultaneamente com a curcumina diminuiu o crescimento de células cancerosas de mama. Com ciclosporina, pode ser usado como coadjuvante na quimioterapia devido à sua ação bloqueadora da resistência à proliferação de células t.

Contraindicação Contraindicado a pessoas sensíveis. A raiz possui atividade abortiva e não é recomendada para gestantes e lactantes. Também não se deve usar contra obstrução do duto biliar devido à sua ação colagoga ou de aumentar a taxa de secreção. Contraindicado, ainda, na tentativa de concepção, pois altas doses de açafrão mostraram efeitos de infertilidade em ratos.

Toxicidade O rizoma produz efeito tóxico no pâncreas e fígado. Doses elevadas têm efeito purgativo e hepatotóxico. É seguro usá-lo como tempero.



ACARIÇOBA

Família

Araliaceae (antiga Apiaceae)

Nome Científico

Hydrocotyle bonariensis Lamarc

Sinonímia Vulgar

Erva-capitão, para-sol, cicuta-falsa, hidrocotia.

Sinonímia Científica

Hydrocotyle umbellatata var. *bonariensis* Don; *Hydrocotyle pelviformes* Grand.; *Hydrocotyle tribotrys* Ruiz & Pav.; *Hydrocotyle yucatenses* Millsp.; *Hydrocotyle petiolaris* DC.



ACARIÇOBA

Descrição É uma planta herbácea, perene, prostrada, rizomatosa, nativa de terrenos brejosos ou arenosos. É invasora e considerada daninha em gramados e jardins, de vários locais do território brasileiro. Folhas simples, glabras, coriáceas, crenadas, orbicular longo pecíolo que se insere no centro do limbo (folhas peltadas). Flores discretas de cor verde-amarelada dispostas em umbela de umbela, com pedúnculos alongados. Frutos vistos de frente são irregulares, mais compridos que largo e divididos em duas partes, amadurecendo no verão.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Emplasto ou infuso.

Emprego Os rizomas são usados como diurético, vomitivo e antirreumático. As folhas são consideradas tóxicas. Na medicina Ayurvédica, é recomendada para crianças portadoras de Síndrome de Down, por aumentar a capacidade de aprendizado em 25%. Emplastos são usados como cicatrizante, e na medicina popular como purgante e diurético.

Constituição Química Análise do óleo essencial desta planta revelou a presença de isotiocianatos. Contém velariana, uma substância amarga, à qual é atribuída a sua atividade.



ACEROLA

Família

Malpighiaceae

Nome Científico

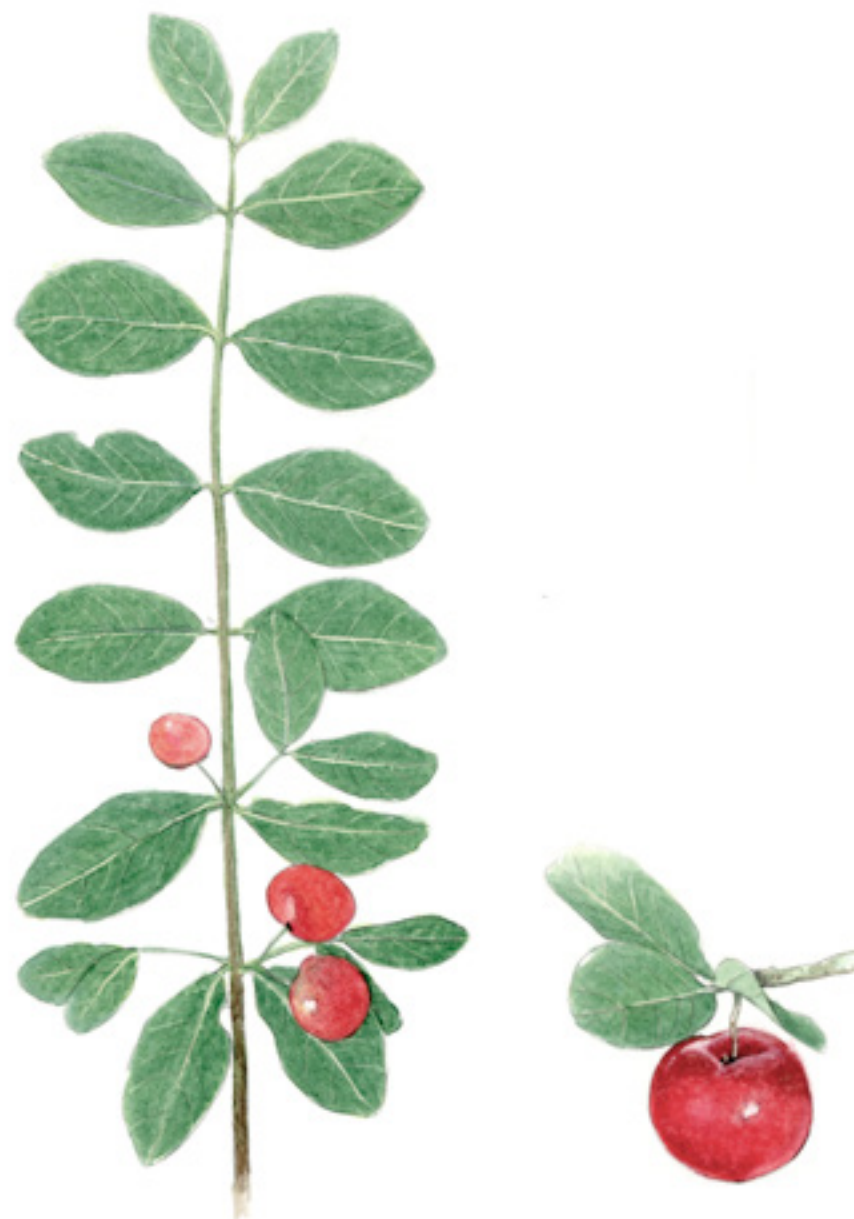
Malpighia emarginata DC.

Sinonímia Vulgar

Cereja-das-antilhas, cereja-de-barbados.

Sinonímia Científica

Malpighia puniceifolia var. *obovata* Nied; *Malpighia glabra* Sesé & Moc; *Malpighia puniceifolia* L.; *Malpighia lucida* Pav. & A. Juss.; *Malpighia peruviana* Moric.



ACEROLA

Descrição É um arbusto, originado das Antilhas, cultivado em quase todo o Brasil, glabro de 2 a 3 m de altura, com ramos densos e espalhados. As folhas são ovadas a elíptico-lanceoladas de 2,5 a 7,5 cm de comprimento, opostas, com pecíolo curto. São pequenas, de coloração verde-escura e brilhante na face superior e verde-pálido na face inferior. As flores são perfeitas com pedúnculo longo com um pouco mais de 1 cm de diâmetro; de coloração rosa-esbranquiçada ou avermelhada. São dispostas em cachos de 3 a 5 flores nas axilas dos ramos em crescimento. Floresce durante todo ano. O fruto é uma drupa de tamanho, forma e peso variáveis. A forma pode ser oval ou subglobosa, com formato trilobado. A casca é fina e delicada. Quanto à cor, os frutos maduros podem apresentar diversas tonalidades do amarelo ao vermelho intenso até o roxo. Possuem três sementes protegidas por invólucros com consistência de pergaminho de cor branca-amarelada. O sabor é ácido, sendo a polpa conhecida pelo seu alto teor de vitamina C. Multiplica-se por sementes ou estacas e é pouco exigente com relação ao solo, preferindo locais mais quentes.

Parte Usada Frutos

Forma Farmacêutica Sumo.

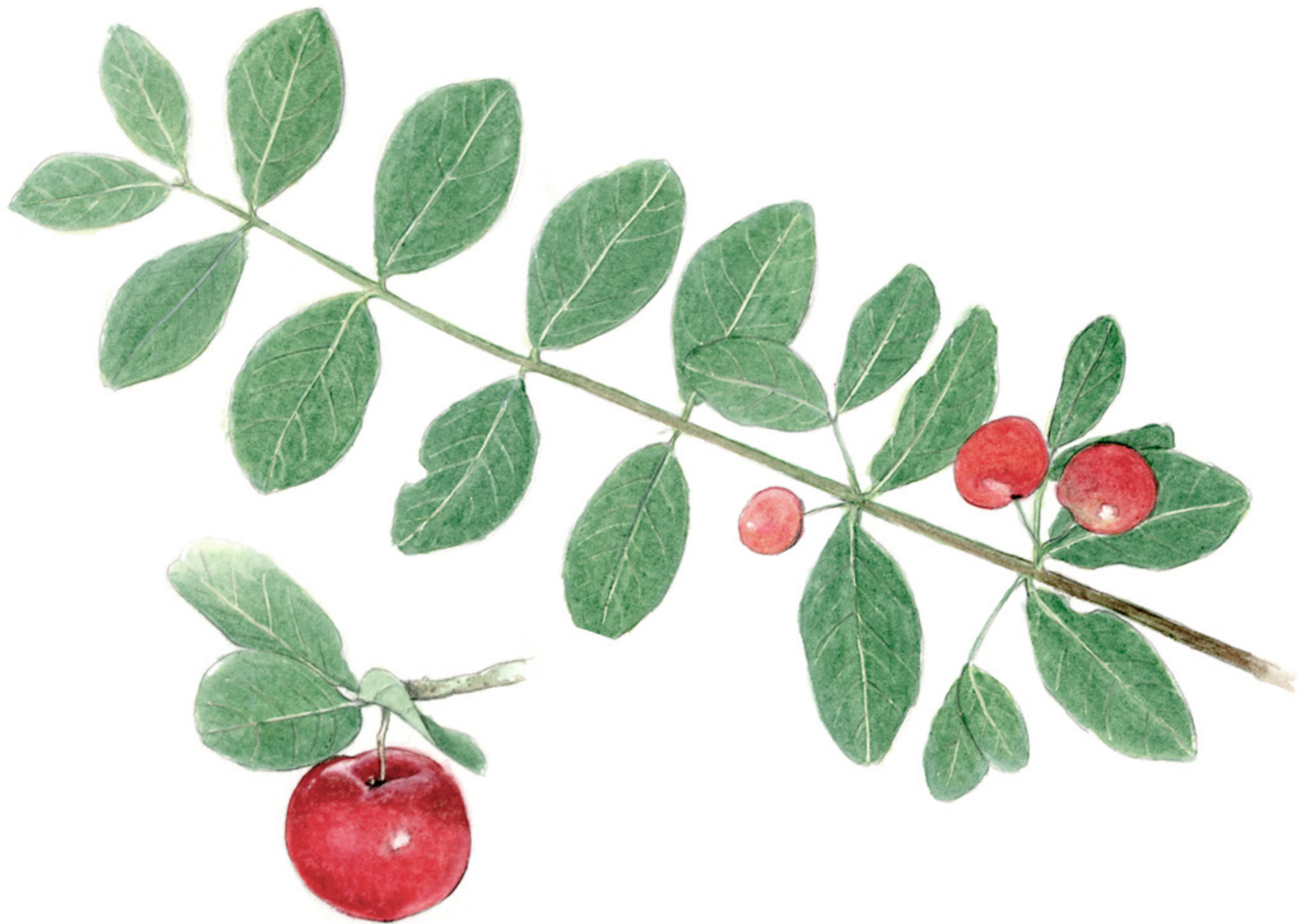
Emprego Usada como suplemento de vitamina C do organismo. Possui ação antioxidante, auxiliando na manutenção do crescimento e regeneração celular. A vitamina C bloqueia a formação de radicais livres, preservando as células, e a atividade de outras vitaminas (A, E, B1 e B2). Sua ação na regeneração celular é devida ao estímulo da formação do colágeno (presente na pele, ligamentos e articulações). A acerola estimula o sistema imunológico, combatendo resfriados, distúrbios da coagulação sanguínea e lesões hepáticas.

Constituição Química Vitamina C, aproximadamente 100 vezes superior à da laranja e ao do limão, na mesma quantidade de polpa, possuindo ainda as vitaminas A, E, B1 e B2.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser administrado junto com outras fontes de vitamina como complemento da dieta.

Contraindicação Deve ser evitado por pessoa com hipersensibilidade. Suspender o uso em caso de irritação gástrica.

Toxicidade Sem toxicidade, é utilizada como alimento há muito tempo.



AÇOITA-CAVALO

Família

Tiliaceae

Nome Científico

Luhea divaricata Mart.

Sinonímia Vulgar

Agoniada, açoita.



AÇOITA-CAVALO

Descrição Árvore grande de até 16 m de altura, com ramos flexíveis, casca fina, pardo-acinzentada com numerosos e pequenos sulcos longitudinais. Folhas curto-pecioladas, trinérveas, oblongas, raramente elípticas e oblongo-pecioladas, acuminadas ou agudas e irregularmente serradas e brancacenta ou ferrugíneo-tomentosas na página inferior e página superior verde-escura. Flores brancas ou róseas, grandes, dispostas em panículas axilares ou terminais. Fruto cápsula, oblonga, lenhosa, com 5 lóculos ocrácio-aveludadas de 2 cm de comprimento. Sementes aladas. Vegeta em terrenos que recebam bastante sol.

Partes Usadas Casca do caule ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso ou xarope.

Emprego Popularmente, o açoita-cavalo é usado na artrite, disenteria, hemorragia, reumatismo, leucorreia, tumores e como adstringente. Posologia: decocto: 1 xícara das de café de casca picada em 1 litro de água fervente, deixar esfriar e aplicar 3 vezes ao dia nos locais afetados; infuso: 1 xícara das de café com pedaços de casca do caule para 1 litro de água; tomar de 2 a 3 xícaras das de chá ao dia.

Constituição Química Tanino e glicosídeos, óleo essencial, goma, mucilagem, saponinas (hecogenina), ácido flavonólico, ácido oxálico, ácido málico, cutina.



AGONIADA

Família

Apocynaceae

Nome Científico

Plumeria lancifolia Müell Arg.

Sinonímia Vulgar

Arapuê, jasmim-manga, quina-mole, sucuúba, tibórnia, tapuoca.

Sinonímia Científica

Himatanthus lancifolius (Müell Arg.) Hoodson



AGONIADA

Descrição Planta que atinge até 8 m de altura, com muitas folhas nas extremidades dos ramos de raízes compridas. Caule de cor parda-escura, lactescente, com manchas amareladas. Folhas opostas e lanceoladas, obovais, semicoriáceas e lactescentes; suas flores são brancas reunidas em inflorescências terminais cimosas, simples ou compostas. Frutos fusiformes, bifolículos, levemente curvado de cor escura, contendo numerosas sementes, achatadas, arredondadas e aladas. Nervuras penínervas bem salientes. Para seu desenvolvimento necessita de regiões quentes, secas e com iluminação plena. Reproduz-se por sementes.

Partes Usadas Casca, folhas ou látex.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, pó, elixir, vinho ou xarope.

Emprego Febrífuga, balsâmica, nas cólicas menstruais, febre, asma brônquica e ansiedade. Tem ação antiespasmódica, antissifilítica, emenagoga, purgativa, febrífuga, galactagoga, resolutive, anticonceptiva, anti-helmíntica, antiasmática. É indicada popularmente contra inflamação no útero, ovários e menstruações difíceis; febrífuga; laxativa; purgativa; sedativa; reguladora dos ciclos menstruais; resolutive e desengurgitante para adenites e gânglios supurados; constipação intestinal; bronquite crônica e vermífuga. O infuso e o decocto a 5%, tomar de 50 a 200 ml ao dia. Pó: usar de 2 a 10 g ao dia. Xarope a 10%, adultos de 3 a 4 colheres de sopa ao dia, crianças de 3 a 4 colheres de chá ao dia.

Constituição Química Glicosídeos (agoniadina), plumerina, ácido plumeritânico e óleos essenciais (farnesol, citronelol, plumerina), resinas.

Contraindicação Não é indicada para crianças, durante a gestação e amamentação.

Toxicidade O látex da casca, em doses elevadas, pode causar síncope e até mesmo a morte.



AGRIÃO

Família

Brassicaceae (Cruciferae)

Nome Científico

Nasturtium officinale R. BR.

Sinonímia Vulgar

Agrião-das-hortas, mastruço-dos-rios, rabaça-dos-rios, agrião-d'água.

Sinonímia Científica

Nasturtium clandestinum Spreng; *Cardamine clandestina* (Spreng) Kuntze; *Sizybrum nasturtium* Thunb; *Roripa nasturtium* (L.) Rusby.; *Cardamine fontana* Lam.; *Nasturtium fontanum* (Lam.) Asch.; *Rorippa nasturtium-aquaticum* (L.) Hayek; *Sizybrum nasturtium-aquaticum* (L.); *Radicula nasturtium-aquaticum* Britt. & Randle



AGRIÃO

Descrição Erva perene, muito cultivada em Minas Gerais, desenvolve-se em lugares pedregosos, arenosos, úmidos e aquáticos. Caule verde de base arroxeadada, flexível, glabro, oco e com raízes gemares, atingindo de 15 a 30 cm de altura. Folhas brancacentas alternas, pinatissectas, compostas de 3 a 11 folíolos oblongos, ovais ou orbiculares e lisos. Flores brancas ou amareladas, dispostas em cachos curtos terminais ou axilares. A corola é actinomorfa, crucífera, e o cálice dialissépalo regular. O androceu é tetradínamo e o ovário é súpero e bicarpelar. Fruto síliqua, subcilíndrica, nervada, de 5 cm de comprimento, contendo sementes pequenas, pardacentas e rugosas. A flor é semelhante à da cocleária, da qual se distingue por possuir estigma obtusamente bilobado. Multiplica-se por sementes, em solos argilosos, pesados e esterçados.

Partes Usadas Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Decocto, extrato fluido, tintura, xarope ou em saladas.

Emprego É recomendado no tratamento do escorbuto, moléstias cutâneas e pulmonares. É tido como antídoto no envenenamento pela nicotina. Sua salada é muito usada e, esfregado no couro cabeludo combate caspa e deixa os cabelos sedosos e suaves devido à presença de enxofre. Como fitoterápico devem ser usadas 10 g da planta fresca ou 2 g da planta seca externamente, nas afecções da pele como acne, eczemas e erupções. Como fitocosmético soluções de 2 a 5%.

Constituição Química Óleos essenciais (isosulfocianato de feniletina), minerais (P, Fe, I, S, Ca), heterosídeos sulfurados, vitaminas (A, B2, D, C, E, PP e K), glicosídeos (gliconasturtina) e princípios amargos.

Interações Medicamentosas e Associações Combina-se com dente de leão e folhas de bétula no tratamento da insuficiência renal, alterações do fígado e bexiga e nas alterações metabólicas. O agrião pode inibir o metabolismo do acetaminofeno e deve-se evitar esse uso concomitante. O agrião inibe a ação do citocromo e pode interferir com chlorozoxazone. A vitamina K existente no agrião pode antagonizar o efeito anticoagulante da varfarina.

Contraindicação É contraindicado nos caso de inflamação das vias urinárias, úlcera gástrica e duodenal, e em crianças com idade inferior a 4 anos. Não é recomendado seu uso durante a gestação e lactação, sem recomendação médica, caso contrário este deve ser feito moderadamente, sendo interrompido caso surjam irritações na vesícula, nos rins ou no trato digestivo.

Toxicidade Pode levar ao aborto nos primeiros meses da gestação. Seu uso, por via oral, em quantidades excessivas, pode causar irritação do estômago, vesícula e vias urinárias.



AGRIÃO-DO-CAPARAÓ

Família

Apiaceae (Umbelliferae)

Nome Científico

Pimpinella magna L.

Sinonímia Vulgar

Pimpinenela

Sinonímia Científica

Pimpinella magna H. & A.



AGRIÃO-DO-CAPARAÓ

Descrição Essa erva pode atingir de 30 a 50 cm de altura. Raiz espessa, que se torna azul em contato com o ar. Caule ereto, ramoso e oco. As folhas alternas dísticas, com bainhas dilatadas e ligeiramente invaginante, são compostas de 1 a 9 folíolos grandes, elípticos, serreados, sendo as primeiras folhas em forma de leque (flabeliforme). Flores reunidas em umbela de umbela, de cor branca ou rosadas. Corola pentâmera serreada, caducas, com ovário de 2 estiletos muito compridos. Fruto ovoide, ligeiramente rugoso.

Partes Usadas Folhas ou sumidades floridas.

Formas Farmacêuticas Melito, xarope ou salada.

Emprego Em uma comunidade isolada do Caparaó, de origem alemã, encontramos essa planta sendo usada com substituto do agrião contra doenças pulmonares. É usada também como expectorante e nas bronquites, tosses, pneumonia, rouquidão, na dosagem de 30 g/l, de 2 a 3 xícaras por dia.

Constituição Química Flavonoides (cinarosídeo e escolimosídeo), tanino, resina, óleos essenciais, minerais (potássio, sódio, cálcio, ferro, magnésio) ácidos (salicílico, fosfórico, e cafeico), saponinas, inulina, terpenos, e um princípio amargo (pimpinellina).

Toxicidade Vem sendo usada como alimento há muito tempo.



AGUAPÉ

Família

Pontederiaceae

Nome Científico

Eichhornia crassipes (Mart.) Solms.

Sinonímia Vulgar

Príncipe, príncipe-d'água, rainha-da-pampulha.

Sinonímia Científica

Pontederia crassipes Mart.; *Pontederia azurea* Hook.; *Eichhornia speciosa* Kunth



AGUAPÉ

Descrição Planta aquática, flutuante, herbácea, de longas raízes em cabeleira, com a coifa negra na ponta de cada raiz principal e também das secundárias. Caule estolonífero que se desenvolve formando novas plantas. Folhas com pecíolo muito desenvolvido constituindo um tecido esponjoso em forma de bolsa, denominado aerênquima, que promove a sua flutuação. Folhas com limbo oval, de um verde-escuro brilhante. Flores sésseis, grandes, de cor arroxeadas manchadas de amarelo, e presas na extremidade de um escapo bem desenvolvido. Floresce no verão, dando origem a um fruto seco deiscente que contém numerosas sementes que podem permanecer em dormência por longos períodos.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Pó ou decocto.

Emprego O pó das folhas é usado pelos índios como tempero, em vez do sal (cloreto de sódio), e o decocto é diurético e depurativo.

Constituição Química Cloreto de potássio.



AIPO

Família

Apiaceae (Umbelliferae)

Nome Científico

Apium graveolens L.

Sinonímia Vulgar

Salsão, aipo-doce, aipo-d'água, salsão-selvagem.

Sinonímia Científica

Apium graveolens Cham.; *Apium integrilobum* Hayata; *Apium vulgare* Bubani; *Carum graveolens* (L.) Koso-pol; *Celere graveolens* (L.) Britton; *Selinum graveolens* (L.) Krause; *Seseli graveolens* Scop.; *Sium apium* Roth.; *Sium graveolens* (L.) Vest



AIPO

Descrição Planta ereta, bianual, aromática, de 20 a 60 cm de altura, um pouco nauseosa. Raiz grossa, pivotante, ramosa, fibrosa, branca na parte subterrânea e rosada no coleto. Caule anguloso, canaliculado, fistuloso, verde, glabro, muito ramoso e estendido. Folhas luzidias, pouco carnosas, polimorfas, as inferiores pecioladas, opostas, pinatissectas, com 5 segmentos cuneiformes, incisos na base, lobos e dentes no ápice; as superiores sésseis, alternas, de bainha estreita, bordos brancos ou branco-amarelados, segmentos curtos e estreitos. Flores branco-amareladas ou alvas, em umbelas curtamente pedunculadas ou mesmo sésseis, terminais ou laterais, com 6 a 12 raios desiguais, sem involúcro e involucelo. Cálice rudimentar e em anel. Corola com 5 pétalas pequenas e encurvadas para dentro, dispostas em torno de um disco deprimido. Estames 5 curtos, reflexos sobre o ovário ínfero. Fruto cremocarpo, pequeno, oval e oblongo. Desenvolve-se em terras úmidas e salinas. O plantio deve ser feito em solos pouco ácidos, fofos, férteis e arenos-argilosos. Não se adapta a lugares quentes e com chuvas prolongadas.

Partes Usadas Folhas, sementes ou raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou cataplasma.

Emprego Excitante, carminativo, diurético. Empregado no tratamento de reumatismo, gota, inflamação do sistema urinário e especificamente na artrite reumatoide com estado depressivo, hipertensivo. Contra anemia é indicado o decocto de suas folhas, 3 vezes ao dia. É usado na alimentação como salada. A raiz fresca, em decocção durante 5 minutos, na dosagem de 20 g/l de água, elimina cálculos do rim e vesícula biliar. Dobrando as doses elimina os cálculos da bexiga. Externamente, pode ser usado como cataplasma e como vulnerário. O decocto do caule é usado em mulheres com infecção pós-parto.

Constituição Química As folhas e o caule contêm um glicosídeo denominado apiina e pequenas quantidades de essência, e ainda manita e isonita. Nas raízes também foram encontradas asparagina, tirosina e colina. Os frutos contêm maior quantidade de essência do que as folhas, ricas em hidrocarbonetos, d-limoneno, ácido palmitínico, 2 fenóis e um sesquiterpeno. Seu odor característico é dado por um derivado do ácido sedanônico. Contém, ainda, vitaminas A, B1, B2, B5, C e E.

Interações Medicamentosas e Associações Faz parte do xarope de 5 raízes: aipo, salsa, funcho, aspargo e gilbarbeira, existente no Codex 1937. As sementes do aipo diminuem a hepatotoxicidade do acetaminofeno e tiocetamina.

Contraindicação O óleo e fruto são contraindicados na lactação e na gravidez (por serem estimulantes uterinos), mas isso não ocorre com o caule. Evitar o uso em pacientes diabéticos e com insuficiência renal.

Toxicidade Existem relatos de fotossensibilidade em contato com o caule, devido à presença de furanocumarinas em sua composição, como também, reações alérgicas e anafiláticas após a ingestão do talo e caule. Pacientes que têm alergia à cenoura e ao dente-de-leão apresentam sensibilidade cruzada ao aipo.



AJUGA

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Ajuga reptans L.

Sinonímia Vulgar

Búgula, erva-de-são-lourenço.



AJUGA

Descrição Erva perene, estolonífera com caule glabro e cilíndrico, sendo da inflorescência tetragonal, ereto e pubescente. Folhas oblongas, arredondadas no ápice e crenadas nas bordas. As folhas superiores são sésseis e a basilares pecioladas. Existe uma variedade que tem folhas com manchas rosadas e brancas. Flores azuis, de corola bilabiada, sendo a pétala do lábio superior bem menor do que as três do lado inferior. Flores sésseis com 4 estames didínamos e gineceu com estigma ginobásico. Multiplica-se por desdobramento de touceira. É planta melífera e possui corante de cor castanho em presença de sulfato ferroso.

Parte Usada Toda a planta, exceto as raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Tônica, adstringente e vulnerária, usada na concentração de 30 gramas por litro, ingerindo-se de 2 a 3 xícaras ao dia.

Constituição Química Tanino, saponosídeo, colina, heterosídeos e sais minerais.

Toxicidade Desconhecida.



ALAMANDA

Família

Apocynaceae

Nome Científico

Allamanda cathartica L.

Sinonímia Vulgar

Erva-mate, quatro-patacas-amarelas, dedal-de-auréia, flor-amarela.

Sinonímia Científica

Allamanda latifolia Presl; *Allamanda aubletti* Pohl.;
Allamanda cathartica var. *herdersonii* (Bull ex Dombrain) L.
H. Bayley & Raffill; *Allamanda cathartica* Schrad.; *Allamanda grandiflora* Lam.



ALAMANDA

Descrição Subarbusto lactescente, perene, de 1 a 2 metros de altura. Folhas simples, subcoriáceas, luzidias, verticiladas, 3 a 4 no mesmo nó. Flores grandes, reunidas em pequenos fascículos de cálice verde na base do tubo da corola. Corola amarela, tubulosa, com estames epipétalos, presos no tubo da corola. Gineceu com estigma em forma de carretel, ovário bicarpelar, com muitas sementes aladas. Fruto capsular, parecendo um ouriço achatado de cor parda ou negra. Multiplica-se por sementes ou estacas. Pode ser confundida com uma espécie ornamental que é trepadeira (*Allamanda nobilis* L.). Em Minas Gerais, cultiva-se uma alamanda roxa, também chamada de quatro-patacas-roxas (*Allamanda violácea* Gardn. & Field.), que tem as mesmas propriedades e é usada da mesma forma.

Parte Usada Folhas

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Cistite, uretrite, afecções renais, podendo ser emética em doses mais elevadas. Decocto das folhas e raízes frescas durante 10 minutos na dose de 30 g/l, são vomitivas e purgativas. Externamente usada contra sarnas, utilizando 10 g/l. Esta planta é denominada, na literatura, como saturnina e, portanto, combate à intoxicação por chumbo, que acomete principalmente os pintores.

Constituição Química Os iridoides plumericina, isoplumericina e allanadina. Presença também de uma cumarina e seu éter metílico. Glicosídeo cardiotoxíco.

Toxicidade Toda a planta tem potencial de toxicidade, principalmente o látex. A ingestão em excesso e/ou intoxicação causa náuseas, câimbras no estômago, cólicas, desidratação, diarreia, dores abdominais, elevação da temperatura, erupção da pele, irritação nas mucosas, perda de potássio, sede e vômitos. Caso seja ingerida pequena quantidade de folhas, os efeitos tóxicos podem ser evitados com antiácido e leite.



ALCACHOFRA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Cynara scolymus L.

Sinonímia Vulgar

Alcachofra-rosa, alcachofra-de-comer, alcachofra-hortense, alcachofra-comum.

Sinonímia Científica

Cynara cardunculus L.



ALCACHOFRA

Descrição A alcachofra é uma planta herbácea, perene, atingindo 1 m de altura, de caule estriado ou sulcado, brancacento, que brota todos os anos após o inverno, se o frio não for muito rigoroso. Forma uma roseta de folhas grandes e profundamente recortadas chegando os recortes à nervura principal, com pouco ou nenhum espinho. As folhas são carnosas, verde-claras, sobretudo na face inferior, cobertas de uma penugem branca que as empalidece. O pecíolo e a nervura principal são muito salientes. Quando a planta torna-se adulta, eleva-se um pedúnculo cilíndrico, sulcado, com poucas e pequenas folhas. Na sua extremidade, surgem os capítulos recobertos de brácteas coriáceas e comestíveis, de cor roxa, tornando-se depois pálidas ou quase brancas. As flores são azuis de corola estreitamente tubulosas, longas, com 5 lobos lineares na extremidade. Os frutos têm uma coroa de cerdas pilosas. O plantio deve ser feito em terrenos bem drenados, de acidez não muito elevada, e em solos sílico-argilosos. O nome genérico *Cynara* vem do latim “canina”, que se refere à semelhança dos espinhos que a envolvem com os dentes de um cachorro. Multiplica-se por sementes em covas ou sulcos.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Moléstias do fígado, regulador da função biliar, estimulante renal. Ensaio químicos comprovaram sua ação hepatoprotetora e ainda reguladora dos níveis de colesterol e triglicérides. As folhas contêm substâncias que apresentam atividades analgésicas. Não apresenta efeito colateral, e foram observadas leve atividade sedativa (que parece estar dissociada da ação analgésica) e atividades bactericida e fungicida, ainda não muito estudadas. O infuso e o decocto a 2,5% são usados de 50 a 200 ml ao dia. O extrato é usado de 1 a 5 ml ao dia e o xarope de 10 a 50 ml ao dia. A manipulação da planta deverá ser feita com material seco.

Constituição Química Seu óleo essencial contém β -selineno e cariofileno, e os óleos fixos estão representados pela cinarina, que é um dos derivados do ácido cafeico, e pela cinaropicrina (principal componente das substâncias amargas), corantes antocianínicos, flavonoides livres e glicosilados. Possui tanino, carboidratos (sacarose, frutose).

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associado à bétula, celidônia, genciana, alecrim ou dente-de-leão para potencializar os efeitos colagogo e colerético. No tratamento de colesterolemia (abaixa o colesterol total e o LDL) e hepatopatias, pode combinar-se com cardo mariano, genciana, dente-de-leão e alecrim. Prejudicial quando utilizado com diuréticos, porque pode haver queda do volume sanguíneo gerando queda de pressão arterial. Essas interações são mais acentuadas com diurético de alça (furosemida) e tiazídicos (cortalidonas e hidroclorotiazida e indapamida). A alcachofra provoca a perda de potássio e pode haver a possibilidade de hipocalcemia.

Contraindicação Não deve ser usado por mães que amamentam e em casos de fermentação intestinal. E não deve ser usada por pacientes alérgicos ou que possuam hipersensibilidade a outras plantas da família Asteraceae, assim como aos pacientes que tenham obstrução do ducto biliar.

Toxicidade Pode reduzir a secreção láctea e produzir dermatite de contato, urticária e reação alérgica. Considerada segura como flavorizante em bebidas alcoólicas.



ALCAÇUZ-DO-BRASIL

Família

Leguminosae (Faboideae)

Nome Científico

Periandra mediterranea Taub.

Sinonímia Vulgar

Alcaçuz-do-cerrado, raiz-doce.

Sinonímia Científica

Glycyrrhiza mediterranea Vell.; *Periandra mucronata* Mart et Benth.; *Periandra angulata* Bth.; *Periandra racemosa* Benth.; *Periandra dulcis* Mart.



ALCAÇUZ-DO-BRASIL

Descrição Espécie muito frequente nas Serras mineiras sendo encontrada também na Bahia, São Paulo e Ceará. Planta arbustiva ereta, podendo atingir até 3 m de altura, com raízes negras por fora e amarela por dentro, tendo os ramos curtos, articulados, angulosos quando novos, pubescentes, vilosos ou glabros. Folhas compostas com 3 folíolos duros, subsésseis, obtusos, ligeiramente revoluto nos bordos, medindo de 3 a 9 cm de comprimento e até 2 cm de largura. Folíolos, oval-oblongos ou sub lanceolados, glabros na face ventral e branco-reticulados venosos na parte dorsal. Pecíolos curtos. Estípulas pequenas não estriadas, ovais e claras. Inflorescência em cachos axilares ou terminais, grandes e pendentes sendo de pedúnculo curto e piloso com brácteas pequenas. Flores andróginas, diclamídeas e relativamente grandes. Cálice protegido por duas bractéolas brevíssimas, curto com 4 lacínios oval-arredondados. Corola fabácea, azulada, tendo o vexilo tomentoso, quando novo. Androceu com 10 estames, diadelfos, sendo um feixe constituído de 9 estames e outro de 1. Anteras medifixas e rimosas. Gineceu com ovário de 1 carpelo e vários óvulos. Fruto legume viloso, quando novo, medindo de 9 a 12 cm de comprimento, coriáceo, tendo de 8 a 10 sementes.

Parte Usada Raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Usado nas afecções do aparelho respiratório, béquica e modificadora da secreção brônquica, assim como resolutive, empregada também nas afecções das vias urinárias e nas inflamações do ventre das crianças. Essa planta é usada como peitoral na dosagem de 60 g da raiz por litro. Essa preparação pode ser adicionada ao leite e adoçada, ou, ainda, pode ser preparada uma bala de sabor agradável que alivia a tosse.

Constituição Química Tem constituição semelhante ao do alcaçuz da Europa (*Glycyrrhiza glabra* L.); contém saponina denominada glicirricina e ácido glicirricínico, flavonoide, sacarose, d-glicose, manitol, e uma matéria amarga insolúvel. Essa saponina tem poder hemolítico.



ALECRIM

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Rosmarinus officinalis L.

Sinonímia Vulgar

Alecrim-da-horta, rosmarinho, alecrim-de-jardim, alecrinzeiro, alecrineiro.

Sinonímia Científica

Rosmarinus latifolius Mill.; *Rosmarinus angustifolius* Miller;
Rosmarinus chilensis Molina



ALECRIM

Descrição Arbusto sempre verde de 1 a 2 m de altura, muito ramificado, folhas opostas, numerosas, estreitas, lineares, coriáceas, com bordos fortemente reflexos, sésseis, verde carregado, glabros na face superior e com pelos estrelados e brancos na face inferior. Flores branco-lilás, com faixas violeta nos lobos, dispostos em cachos curtos ou somente nas ramificações axilares, munidas de brácteas decussadas e tendo na sua axila uma flor acompanhada de 2 brácteas laterais estriadas. Corola bilabiada, sendo o lábio superior bífido e o inferior trilobado. Estames (2 férteis) de anteras uniloculares e apresentando 2 estames estéreis. Possui cheiro aromático e sabor levemente amargo. Sua reprodução pode ser feita por ponteiros ou sementes, em sulcos ou cova.

Partes Usadas Flores, sumidades floridas ou toda a planta.

Formas Farmacêuticas Água, infuso, decocto, tintura, extrato fluido ou vinagre.

Emprego Estomacal, estimulante, abortivo e emenagogo. Sob a forma de decocto, é usada contra inflamações do fígado e dos rins, e a sumidade florida, sob a forma de extrato fluido, é usada contra doenças da pele, resfriado, contusões, cefalalgias, dores nos rins, febre do tifo, angústia, depressão, dismenorreia, queda do cabelo, exaustão física e intelectual, e ainda como carminativo e cicatrizante. O infuso a 2,5% é ingerido de 50 a 200 ml ao dia e a tintura, de 5 a 25 ml ao dia. Para queda de cabelo deve-se lavar com o infuso já morno, 15 g por litro. Ensaios farmacológicos comprovaram suas atividades espasmolíticas sobre a vesícula e duodeno, colerética, protetora hepática e antitumoral.

Constituição Química Óleo essencial constituído por cineol, borneol, linalol, eucaliptol, α -pineno e cânfora, que lhe dão seu odor típico. Entre os compostos não voláteis encontramos os ácidos (cafeico, rosmarínico, clorogênico, labiático,

neoclorogênico, cítrico, glicólico, glicínico), nicotinamida, colina. E ainda flavonoides (diosmina, diosmetina, genkuanina e derivados espidulina e apigenina), diterpenos (carnosol) e triterpenoides (ácidos oleanólico e ursólico).

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser usado com aveia, cola e verbena nas depressões. E com sálvia, gelsemium e valeriana nas dores de cabeças. O extrato aquoso ou o ácido rosmarínico purificado podem alterar o metabolismo de várias enzimas hepáticas, aumentando sua efetividade em algumas delas em até 8 vezes. Os componentes fenólicos da erva têm ação antioxidante. O óleo pode induzir hiperglicemia. Usando agentes hipoglicemiantes, monitorar a diabetes nos pacientes. O extrato aquoso tem efeito diurético. Seus componentes fenólicos podem diminuir a absorção de ferro.

Contraindicação A essência de alecrim pode ser irritante para pele, causando, em pessoas sensíveis, eritema e dermatite. Também é contraindicado na gravidez, devido ao efeito emenagogo e ao efeito tóxico do óleo essencial. Externamente, em massagens, principalmente à noite, pode causar insônia.

Toxicidade Não é indicado em altas doses por via oral, pois é abortivo. A ingestão de doses elevadas provoca irritações gastrintestinais e nefrite, podendo causar até a morte. Pode provocar dermatite de contato. É seguro usá-lo como tempero, extrato e óleo-resina.



ALECRIM-DO-CAMPO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Baccharis dracunculifolia DC.

Sinonímia Vulgar

Vassourinha, alecrim-vassoura.



ALECRIM-DO-CAMPO

Descrição Planta perene, arbustiva, muito ramificada, de ramos pilosos, medindo até 3 m de altura, com folhas simples, alternas, sésseis, membráceas, uninérveas, lanceoladas, com glândulas translúcidas, medindo de 1,5 a 3,5 cm de comprimento por 0,3 a 0,6 cm de largura, face superior verde e glabra e a inferior mais clara, com pelos simples esparsos. Inflorescências em capítulos unissexuais ou andróginas. Flores femininas axilares, ou somente flores hermafroditas, de corola filiforme branca. Brácteas involucrais dispostas de 3 a 4 séries lanceoladas de ápice agudo, glabras e paleáceas. Frutos cipsela, de base mais estreita que o ápice e um pouco arqueada, contendo 11 nervuras. Pappus piloso, unisseriado e abundante. Reprodução exclusivamente por semente. Ocorrência comum em solos arenosos e áridos.

Parte Usada Folhas.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego Febrífugo, tônico e digestivo. Decocto: preparar com 1 xícara das de chá de ramos para 1 litro de água; tomar de 3 a 4 xícaras das de chá ao dia. Aumenta o apetite e ajuda a combater má digestão.

Interações Medicamentosas e Associações Desconhecidas.

Toxicidade Desconhecida.



ALFACE

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Lactuca sativa L.

Sinonímia Vulgar

Alface-comum.

Sinonímia Científica

Lactuca esculenta Lalisb.; *Lactuca scariola* var. *sativa* Moris



ALFACE

Descrição Planta anual de caule inicialmente curto e carnosos, com látex. Atinge 25 cm de altura e é nativa da Ásia. Folhas de um verde-claro, rosuladas, basais, membranáceas em forma de concha imbricada, umas sobre as outras. Com o desenvolvimento da planta, aparecem as hastes florais com um segundo tipo de folha, onde os capítulos se dispõem em forma de panículas. Os capítulos são amarelos e formados por inúmeras flores liguladas. As sementes são negras e disseminadas pelo pappus (cálice é em forma de fios). Reprodução por sementes em solos areno-argilosos bem drenados, com baixa acidez e muita matéria orgânica.

Partes Usadas Talo, raízes ou folhas.

Formas Farmacêuticas Decocto, salada ou tintura.

Emprego O talo e as raízes sob a forma de decocto são usados como calmante e como sonífero. As folhas são usadas como calmante e nas cefaleias infantis. Ajuda os enjoos nas vertigens e é útil nas perturbações cerebrais. Para tratamento de pele (prurido, eczemas, escamações, vermelhidão, urticária) usar o decocto em glicerina. O decocto é usado a 5%, de 50 a 200 ml ao dia, e a tintura pode ser ingerida até 50 ml ao dia.

Constituição Química Lactocina e lactupicrina (substâncias amargas); manitol; ácido lactúico e oxálico; asparagina, vitamina E, mucilagens, resinas e óleo essencial. Matérias azotadas e íons manganês e cobre.

Toxicidade Planta sem toxicidade, usada como alimento de longa data.



ALFAFA

Família

Leguminosae (Faboideae)

Nome Científico

Medicago sativa L.

Sinonímia Científica

Medicago sativa Urban.; *Medicago afghanica* (Bord.) Vassilcz.; *Medicago agropyretorum* Vassilcz.; *Medicago asiatica* subsp. *sinensis* Sinskaya; *Medicago beipinensis* Vassilcz.; *Medicago grandiflora* (Grossheim) Vassilcz.; *Medicago kopetdaghi* Vassilcz.; *Medicago ladak* Vassilcz.; *Medicago mesopotamica* Vassilcz.; *Medicago orientalis* Vassilcz.; *Medicago polia* (A. Brand) Vassilcz.; *Medicago praesativa* Sinsk.; *Medicago praesativa* subsp. *spontanea* Sinsk.; *Medicago sativa* var. *grandiflora* Grossh.; *Medicago sogdiana* Vassilcz.; *Medicago tibetana* (Alef.) Vassilcz.



ALFAFA

Descrição Planta herbácea, perene, ereta, muito ramificada, levemente aromática de 40 a 90 cm de altura. Nativa da Ásia ocidental e cultivada no Brasil. Raiz pivotante (principal) muito profunda, rizoma e caule comprido. Folhas composta, trifoliadas com folíolos, ovais e dentadas, membranáceos de margem serrada em direção ao ápice de 1 a 2 cm de comprimento. Flores violáceas reunidas em cachos axilares. Flor pentâmera, vexilar com dez estames e um carpelo. Fruto legume retorcido e helicoidal. A alfafa é uma planta usada como forrageira para os animais e resiste muito bem à seca. Desenvolve-se bem em solos encharcados.

Partes Usadas Folhas ou flores.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego Reumatismo e artrite. A planta fresca e macerada é usada como cataplasma nas contusões. As folhas e flores secas em decocção durante 2 minutos em doses de 20 g/l de água são digestivas e estimulantes, e regulam as funções do aparelho digestivo.

Constituição Química Nutrientes, incluindo proteínas, minerais (cálcio, potássio, magnésio e fósforo) e vitaminas B, C, D, E, K e pró-vitamina A. Quercetina, trifolina, trifolinina e fenóis. Possui ainda enzimas, gorduras, açúcares, um aminoácido L-canavanine, isoflavonas e amido.

Interações Medicamentosas e Associações Pacientes de lupus em uso de prednisona podem experimentar exacerbação de sintomas. Na terapia de reposição de estrogênio, pode levar ao excesso de estrogênio. Acredita-se que a alfafa possa aumentar a secreção de insulina e diminuir a resistência à insulina. A alfafa contém vitamina K, que pode antagonizar a varfarina.

Contraindicação Deve ser evitado no lupus eritematoso sistêmico, devido à exacerbação potencial do lupus. Não pode ser usado na endometriose, câncer sensível ao estrogênio. Contraindicado para crianças, na lactação, e na vidadez.

Toxicidade Farmacologicamente essa planta não deve ser administrada às pessoas com doença autoimune como artrite reumatóide. Doses excessivas podem causar a destruição de hemácias do sangue, levando à anemia. Quando consumida pelos animais em dietas somente de alfafa e usando a planta fresca, pode causar-lhes distúrbios orgânicos. Uso seguro como tempero e condimento.

Observação Alguns suplementos de vitamina B contêm alfafa.



ALFAVACA

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Ocimum gratissimum L.

Sinonímia Vulgar

Chá-da-índia, cravo-da-terra, favaca-cravo, alfavaca-de-vaqueiro, canelinha-de-casa, príncipe.

Sinonímia Científica

Ocimum gratissimum Forssk.; *Ocimum gratissimum* Seem



ALFAVACA

Descrição O nome alfavaca é dado a várias plantas do mesmo gênero, muito parecidas umas com as outras. Pode ser facilmente reconhecida pelo cheiro típico, que lembra o cravo-da-índia. Subarbusto aromático com até 2 m de altura, é originário do Oriente e subespontâneo em todo Brasil. Raiz principal, folhas ovais-lanceoladas, com as bordas serradas de 4 a 8 cm de comprimento. Flores pequenas, lilases ou brancas, dispostas em inflorescência abundante e ereta, do tipo cacho de cima triflora. Corola bilabiada. Estames didínamos, estilete ginobásico. Fruto nuculâneo, formado por 4 núculas e muito apreciado por alguns pássaros. Muito cultivada em hortas a partir das sementes, adapta-se bem em qualquer tipo de solo. O teor de eugenol é mais elevado no período de 11 a 13 horas e, portanto, deve ser coletada nesse horário.

Partes Usadas Sumidades floridas, folhas ou flores.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, xarope, sumo, maceração ou emplasto.

Emprego Gripes, resfriados, afonias, sendo indicada também como emoliente, febrífugo, expectorante, béquico, e sudorífero. As folhas, flores e frutos servem para preparação de infuso ou de tintura a 10 ou 20%, em álcool diluído. O chá ou tintura diluídos em água é recomendado para uso em bochechos diários com a finalidade de antiséptico bucal após a escovação dos dentes. O sumo das folhas é útil contra frieiras. Infuso e decocto: preparar 15 g por litro e tomar de 2 a 3 xícaras das de chá ao dia.

Constituição Química Toda a parte aérea da planta contém o óleo essencial rico em eugenol (substância muito volátil que se perde com fervura demorada). A presença do eugenol confere à planta e a seu óleo essencial ação antisséptica local contra alguns fungos (*Aspergillus* e *Trichoderma*) e bactérias (*Staphylococcus*). Possui ainda no óleo essencial (timol, estragol, metil-chavecol, linalol, cânfora) e ainda taninos. O óleo e o extrato (tintura) são também aromatizantes bucais.

Contraindicação Não é recomendada durante a gestação.



ALFAVACA-DE-JARDIM

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Ocimum suave Willd.

Sinonímia Vulgar

Chá-da-índia, elixir-paregórico, canelinha.



ALFAVACA-DE-JARDIM

Descrição Planta perene, que atinge até 40 cm de altura, muito cultivada nas hortas mineiras. Caule muito ramificado. Folhas pecioladas, simples, opostas, lanceoladas, de margem inteira ou ondulada, membranáceas de 4 a 7 cm de comprimento e 3 a 5 cm de largura. Com aroma semelhante ao da essência de aniz. Flores pequenas de cor violácea, dispostos em cachos de cimas triflora. Estilete ginobásico. Frutos do tipo tetra-aquênio de cor escura, que não se separam facilmente das sementes. Cheiro aromático e agradável. Reproduz-se facilmente por sementes ou mudas e desenvolve-se melhor em terrenos bem drenados e recebendo o sol da manhã.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou tisana.

Emprego Diurético, estimulante, tônico, usado contra dispneia, problemas cardíacos, gripe, insônia, angina pectoris. O infuso e o decocto a 5%, tomar de 3 a 4 xícaras ao dia, e o xarope, de 20 a 100 ml ao dia.

Constituição Química Aminas, flavonoides, leucoantocianinas, esteróis e triterpenos. O óleo essencial contém eugenol, carvanol, metileugenol, cariofileno, éter metilchavicol, alcanfor, 1,8-cineol, estragol, decilaldeído. α - γ - β pineno; γ -selineno e terpineno-4-ol.



ALFAZEMA-FALSA

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Lavandula stoechas L.

Sinonímia Vulgar

Alfazema-francesa.



ALFAZEMA-FALSA

Descrição Subarbusto perene de 30 cm a 1 m de altura. Folhas lineares, estreitas, pilosas, inteiras, de cor verde-acinzentadas, de 1,5 a 4 cm de comprimento. Flores de 3 mm de comprimento, de cor púrpura ou lilás, em espigas curtas, com pedúnculo muito longo. Corola labiada, de 5 pétalas, com a fauce mais distendida, voltada para cima. Estames didínamos, fruto tetraquênio. Multiplica-se por ponteiros bem tenras, em solo arenoso, ou por sementes, em locais de meia sombra.

Parte Usada Flores secas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou alcoolatura.

Emprego Antisséptico, antiespasmódico, carminativo, digestivo, externamente sua alcoolatura é empregada no reumatismo; vulnerário, estimulante, repelente de insetos. A infusão se prepara como a da alfazema. A essência em ½ litro de água serve para lavar feridas como antisséptica.

Constituição Química Óleo volátil contendo cineol, borneol, fenchona, alcanfor e acetato de bornilo.



ALFAZEMA-VERDADEIRA

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Lavandula angustifolia Mill.

Sinonímia Vulgar

Alfazema, lavanda, lavanda-inglesa.

Sinonímia Científica

Lavandula vera DC.; *Lavandula officinalis* Chaix.; *Lavandula angustifolia* Bulbani; *Lavandula angustifolia* Moench.; *Lavandula spica* Desf.; *Lavandula spica* L.



ALFAZEMA-VERDADEIRA

Descrição Planta herbácea, vivaz, de caule quadrangular, com 30 a 60 cm de altura. Quando cultivada pode atingir até 1 m de altura. Nativa da Europa e cultivada em vários países de clima temperado. Folhas opostas, oblongas, lanceoladas, estreitas, de bordas arredondadas na base, e tomentosas na face inferior. Flores violetas, brancas, pequenas, surgindo de junho a setembro, dispostas em espigas laxas na base, comprimidas na extremidade, longas, estreitas e terminais. Cada espiga tem na base uma bráctea romboideia, acuminada e cada flor é acompanhada de uma bráctea menor e estreita. Cálice e corola recobertos de pequenos pelos estrelados providos de glândulas oleíferas pequenas e luzidias, acontecendo o mesmo com as folhas e os pedúnculos. As glândulas são constituídas de uma célula basilar e uma extremidade arredondada contendo 4 células, dentro das quais a essência secretada acumula-se sob a cutícula da face superior, levantando-se em forma de vesícula. Androceu contendo 4 estames didínamos. Multiplica-se por semente ou estacas e raramente floresce em Minas Gerais. *Lavandula spica* L. distingue-se da anterior por ter folhas mais largas no ápice do caule que é mais ramificado e possuir odor mais intenso, porém menos agradável.

Partes Usadas Flores e sumidades floridas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, alcoolatura, cataplasma ou óleo.

Emprego Reumatismo, anúria, aperitivo, câimbras, sinusite e afecções do fígado e do baço, e asma. Usa-se o infuso de 3 a 5 g de flor seca em 1 xícara de água fervente, de 3 a 4 vezes ao dia. Decocto: 50 g de flores secas por litro de 4 a 6 xícaras de café para a asma. Alcoolatura, cataplasma ou óleo. Externamente, é usado em loções estimulantes antissépticas e cicatrizantes.

Constituição Química Óleo essencial (cariofileno, pineno, cadineno, -ocimeno), álcoois (geraniol, furfurool, lavandulol e borneol, predominando o linalol) e seus ésteres como acetato de linalila, e ainda, cumarina (herniarina), ácidos (acético, propiônico, butírico, valérico, e caproico); taninos, saponinas ácidas e princípios amargos.

Interações Medicamentosas e Associações A alfazema pode ser associada ao alecrim para auxiliar caso de depressão. Com a valeriana e o rabo-de-tatu para cefaleia. Sedativos do SNC (álcool, benzodiazepínicos, narcóticos) podem potencializar seus efeitos. Portanto, evitar o uso concomitante.

Contraindicação Seu uso excessivo interno deve ser evitado no início da gravidez devido ao efeito emenagogo. Para lactentes, pacientes em uso de agentes sedativos.

Toxicidade Reações colaterais: cefaleia, dermatite de contato, miose, constipação, euforia, embotamento e confusão mental, náuseas, depressão respiratória e do SNC, sonolência, vômitos (em altas doses, devido ao seu potencial de tipo narcótico). Cautela no uso interno do óleo essencial. É seguro usá-lo como tempero e externamente o óleo, extrato e óleo-resina. Alergia às espécies da família.



ALGODOEIRO

Família

Malvaceae

Nome Científico

Gossypium hirsutum L.

Sinonímia Vulgar

Algodão, coton.

Sinonímia Científica

Gossypium hirsutum Cav.



ALGODOEIRO

Descrição Planta perene que atinge até 2 m de altura, folhas desenvolvidas, de nervação palmadas, dividida em 5 lobos nas inferiores e 3 lobos nas superiores; sendo às vezes inteiras, todas sustentadas por um pecíolo regular, com 2 estípulas na base. As flores são isoladas e axilares, sustentadas por um pedúnculo. O cálice é pentâmero, gamossépalo, porém dividida em 5 lobos e oculto por 3 brácteas grandes, cordiformes, de 5 a 8 cm de largura e subdivididos em inúmeros lacínios agudos e profundos. As pétalas são amarelas com uma mancha purpúrea na base. Androceu e gineceu semelhantes aos de outras malváceas. Fruto cápsula ovoide, aguda de 5 a 6 cm de comprimento, com 3 cavidades contendo poucas e grandes sementes recobertas de numerosos e longos pelos brancos (arilo).

Partes Usadas Cascas da raiz, semente e seus pelos ou folhas.

Formas Farmacêuticas Extrato fluido, decocto, algodão hidrófilo, óleo ou sumo.

Emprego Popularmente, o chá das folhas é utilizado no tratamento das disenterias e hemorragias uterinas (5 g em meia xícara de água, beber uma xícara ao dia). Cataplasma das folhas como cicatrizante. O chá da raiz faz-se com 2 pedaços médios em meio litro d'água para os casos de falta de memória, emenagogo, distúrbios da menopausa e impotência sexual. O chá das flores e dos frutos verdes friccionados localmente nas micoses, frieiras e impinges. O óleo da semente, além do seu uso em culinária, é empregado como purgativo e vermífugo para lombrigas. Localmente como emoliente, para combater piolhos da cabeça e do corpo. Conforme trabalhos produzidos na China, o gossipol possui atividade antifertilidade masculina, reduzindo a espermatogênese. Já β -sitosterol exibe atividade estrogênica fraca, reduz os níveis séricos de colesterol e reduz o tamanho da próstata em hiperplasia prostática benigna. E o ácido cítrico possui atividade anticoagulante discreta. As folhas em decocção ou vinho são utilizadas para combater inflamação uterina.

Constituição Química Os constituintes mais importantes do algodoeiro são o gossipol e seus derivados, estando presentes nas sementes e em menor quantidade na casca da raiz, folhas e flores. Essas substâncias conferem à planta um certo grau de resistência ao ataque de insetos e fungos patogênicos. Os botões florais possuem óleo essencial, contendo compostos carbonílicos, hidrocarbonetos, álcoois e indol. Já na casca da raiz encontramos resinas, esteróis, triterpenoides, açúcares, ácidos graxos e aminoácidos.

Interações Medicamentosas e Associações Altera o metabolismo de diversas drogas por diminuir os níveis enzimáticos. O gossipol pode ter ação sinérgica quando combinado com agentes alcalinizantes. Aumenta a perda de potássio. Diminui a quantidade de hormônio tireoidiano no sangue.

Contraindicação Na gravidez, pois atua produzindo contração do útero semelhante à induzida pela ergotamina, e para homens em idade fértil por possuir atividade antifertilizante masculina. Mulheres que desejam engravidar devem evitar o uso de carapsina (um dos princípios ativos do algodoeiro), pois pode impedir a nidação do ovo no endométrio. No trato gênito-urinário quando existe inflamação, pois tem efeito diurético estimulante. Na hipocalcemia. Produz descoloração capilar.

Toxicidade O gossipol e seus derivados são substâncias tóxicas para animais não ruminantes. Em alguns casos, o chá das folhas do algodão pode aumentar o fluxo menstrual. Caso esse efeito seja intenso ou o medicamento esteja sendo empregado para o tratamento de hipermenorreia, seu uso deve ser interrompido. O uso prolongado pode causar esterilidade masculina.



ALHO

Família

Alliaceae (Liliaceae)

Nome Científico

Allium sativum L.

Sinonímia Vulgar

Alho.

Sinonímia Científica

Allium pelomense Prokhanov



ALHO

Descrição Planta vivaz, de bulbo composto, eixo cheio e curto, tendo, na parte superior, restos de folhas em cujas axilas encontram-se bulbilhos; na parte inferior, raízes fibrosas. Ramificações aéreas com folhas alternas, lineares, verde-glaucas e munidas de uma bráctea cilíndrica esbranquiçada. Flores, contornadas por uma grande bráctea, formam, no ápice dos ramos, uma falsa umbela. São muitas vezes entremeadas de bulbilhos ovoides e vermelho-purpúreos. Perigônio com 6 peças petaloides, persistentes, marcescentes, um pouco cônicas na base, estreitas e côncavas. Seis estames livres e hipóginos. Ovário livre, trilocular e pluriovulado, deprimido no centro, de onde se eleva o estilete filiforme, persistente. Fruto cápsula trígona, loculicida, cujas lojas abrigam uma semente angulosa e de tegumento coriáceo. Multiplica-se em solos fofos, ricos em matéria orgânica e não subsiste em terrenos encharcados. Reproduz-se por bulbilhos a 1 ou 2 polegadas de profundidade. Deve ser colhido quando as folhas começam a ficar amareladas e secas. É costume mineiro trançarem-se as folhas formando réstias.

Parte Usada Bulbilho.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, óleo, sumo ou xarope.

Emprego Antigripal, vermífugo, hipotensor. Os bulbilhos amassados e cozidos na manteiga são usados nas gripes e como expectorante. Contra sinusite, é usado no vaporizador. Bulbilhos de 2 a 4 ml, 3 vezes ao dia. Tintura (1: 5 em álcool a 45%) 2 a 4 ml, 3 vezes ao dia. Óleo 0,12 a 0,3 ml, 3 vezes ao dia. Sumo, de 2 a 4 ml. Xarope, de 2 a 8 ml. É usado universalmente como condimento. Amassar 3 dentes de alho em uma colherinha de manteiga, aquecer e tomar contra "peito cheio".
Constituição Química: Enzimas: alinase, peroxidases, mirosinases. Óleos voláteis: (0,1 a 0,36%), compostos contendo enxofre incluindo a aliina, alicina e compostos derivados da

mesma. Terpenos incluindo citral, geraniol, linalol e α e β -felandreno. Possui ainda proteínas, minerais (Se, Ca, S, I, Si, Na, Fe), vitaminas (A, B1, B2, C, P), aminoácidos e prostaglandinas.

Interações Medicamentosas e Associações Pacientes que fazem uso de anticoagulantes (varfarina), ou hemostáticos, pois aumenta sua ação. No hipotireoidismo, pois pode diminuir a absorção do iodo pela tireoide. Associado à asa-fétida e à gema de ovo foi usado, em clister, para combater oxiúros. A dose de insulina pode exigir ajuste devido ao efeito hipoglicemiante do alho. Pode aumentar os efeitos dos agentes que abaixam o colesterol.

Contraindicação O uso abusivo do alho pode causar inflamações do estômago e úlceras e, em algumas pessoas sensíveis, erupções cutâneas. Deve ser evitado também por mulheres grávidas, pois em grande quantidade é abortivo. Não usar no hipotireoidismo. Nas hemorragias e no pré-operatório, por diminuir a agregação de plaquetas. Na refluxofagite, pelo efeito relaxante do esfíncter do esôfago.

Toxicidade Pode causar dermatite de contato por causa de sua ação vesicante. Se ingerido em demasia pode causar mau hálito. E seu óleo puro pode causar náuseas. É seguro usá-lo como óleo, extrato e óleo-resina.



ALHO-PAULISTA

Família

Alliaceae (Liliaceae)

Nome Científico

Allium ascalonicum L.

Sinonímia Vulgar

Cebola-branca.



ALHO-PAULISTA

Descrição Planta herbácea, vivaz, bulbosa, de folhas radicais ou rosuladas estreitas, comprida, de cor verde-glaucas de nervura paralelinérvea, retinérvea, ensiformes. Suas flores pequenas, brancas e pedunculadas estão reunidas em umbela terminal na extremidade de um escapo, que alcança altura de 30-40 cm. Corola e cálice trímeros com seis estames e três carpelos. Ovário súpero dando origem a um fruto capsular e deiscente com semente escura.

Parte Usada Bulbilho.

Formas Farmacêuticas Decocto.

Emprego Gripes, hipertensão, dores de ouvido, como tônico cardíaco, excitante da musculatura intestinal, colerético e diurético. A niacina é preventiva do câncer, vasodilatadora, hipoglicemiante, hepatoprotetora e sedativa. O campferol possui atividades antiinflamatórias e antioxidante além de ser preventivo do câncer. O ácido oleico também previne o câncer. A saponina é anti-hepatogênica. A cumarina atua como analgésica, antibrucelose e antiinflamatória. O xarope é usado de 10 a 50 ml por dia. Contra queda de cabelo, corta-se uma ou mais cebolinhas e fricciona-se sobre o cabelo; após 15 minutos, lava-se bem o cabelo com xampu. Outro emprego é socar o alho paulista com água e álcool, adoçar com mel e beber 3 vezes ao dia contra gripes, resfriados e para abaixar a pressão.

Constituição Química Compostos dissulfurosos, sulfurosos de alilo, flavonas e alguns fermentos. Alanina, ácido α -linolênico, arginina, ácido ascórbico, ácido aspártico, β caroteno, ácido cafeico, cálcio, carboidratos, ácido cítrico, ácido ferúlico, ácido fumárico, ácido glutâmico, histidina, ferro, isoleucina, campferol, leucina, magnésio, ácido málico, ácido mirístico, niacina, ácido oleico, ácido p-cumárico, fenilalanina, fósforo, potássio, prolina, proteína, quercetina, ácido quínico, riboflavina, saponina, serina, sódio, ácido esteárico, ácido succínico, tiamina, treonina, triptofano, tirosina, valina, vitamina B6.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associada às seguintes plantas para aumentar os efeitos peitorais: agrião, angico, colônia, alecrim, chambá, hortelã e eucalipto.

Contraindicação Pessoas com úlceras gastroduodenais e gastrites. Mães que amamentam podem causar cólicas nos bebês, quando se alimentam do alho-poró.

Toxicidade A semente pode provocar hemólise.



ALHO-PORÓ

Família

Alliaceae (Liliaceae)

Nome Científico

Allium porrum L.

Sinonímia Vulgar

Alho-francês, alho-porró, porro.

Sinonímia Científica

Allium porrum George



ALHO-PORÓ

Descrição Originário da Europa é cultivado em todo mundo. É uma espécie herbácea provida de pequeno bulbo, suas folhas são alternas-dísticas dando à planta um aspecto típico. As folhas são grandes, ensiformes, inteiras, de base espessa e nervura paralelinérvea-retinérvea. A inflorescência sai do ápice de um escapo, formando uma falsa umbela. As flores têm perigônio petaloide constituído de dois verticilos. Apresenta um androceu com 6 estames e gineceu formado de 3 carpelos unidos em um ovário súpero trilocular. O fruto é uma cápsula loculicida com sementes escuras.

Partes Usadas Folhas ou bulbo.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou pó.

Emprego Na má digestão, mau funcionamento dos rins e intestinos, hipertensão. Para prevenir arteriosclerose, gripe e resfriados. Auxilia na dissolução de cálculos renais e ajuda a baixar a taxa de colesterol. É usado em infusão: 5 g em um copo de água fervente por 5 minutos. E decocção: um bulbo em 250 ml água fervente por 10 minutos. É usado como tempero em misturas condimentares sob a forma de pó.

Constituição Química O princípio ativo principal é um óleo essencial que, além de outros componentes, contém sulfureto de alilo, exercendo suave ação sobre as glândulas gastrintestinais e no fígado, pâncreas e vesícula biliar, evitando produtos de fermentação e abrindo o apetite. Ácidos: esteárico, linoleico, palmítico. Açúcares, alicina, celulose, enxofre, mucilagem, pectina, proteínas, sais minerais (ferro) e vitaminas (B1, C e E)

Contraindicação Pessoas com úlceras gastroduodenais e gastrites devem evitar seu uso e também mulheres que amamentam, pois impregnam o leite, provocando cólicas em bebês.

Toxicidade As sementes podem provocar hemólise.



ALISSUM

Família

Brassicaceae (Cruciferae)

Nome Científico

Alyssum maritimum (L.) Lam.

Sinonímia Vulgar

Branca-de-neve.



ALISSUM

Descrição Erva rastejante que pode atingir, quando distendida, até 60 cm de comprimento. Folhas lineares de até 2 mm de largura que estão cobertas com pelos brancos, assim como no caule e ramos. As flores formam cachos no ápice dos ramos e são muito pequenas, florescendo durante todo o ano. Têm quatro pétalas arredondadas de até 2 mm de largura e sustentadas por um pedúnculo verde. Possui seis estames tetradínamos (2 menores e 4 maiores) que ficam no centro das flores. Os frutos são muito pequenos e têm a forma elíptica, são deiscentes e contêm duas sementes. Sua forma parece de um abanador arredondado. Essa planta é melífera e pode se reproduzir tanto por semente quanto por ponteiros.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego É utilizada como diurético e na litíase (expulsa cálculos renais) usando de 30 gramas por litro. Tomar a bebida fria.

Constituição Química Desconhecidos.

Toxicidade Sem relato de toxicidade.



ALPISTE

Família

Poaceae (Gramineae)

Nome Científico

Phalaris canariensis L.

Sinonímia Vulgar

Alpista.

Sinonímia Científica

Phalaris canariensis Brot.



ALPISTE

Descrição Erva de colmos eretos, cilíndricos e pubescente, atingindo até 80 cm de altura. Folhas laceolado-lineares, com até 30 cm de comprimento e 1 cm de largura. Áspera nas margens e com a bainha da folha superior bastante intumescida. Flores dispostas em panículas terminais, espiciformes, salpicadas de verde e branco. Glumelas aladas, membranáceas. Frutos dispostos em pequenas espigas, reunidas em cachos de 3 a 4 cm. É alimento de pássaros, principalmente dos que vivem em gaiolas, mas entra na composição de sopas, pastéis e doces, principalmente na França. Planta originária das Ilhas Canárias, muito cultivada em todo o Brasil e subespontânea no Rio Grande do Sul.

Parte Usada Fruto.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Hipotensor, provavelmente devido ao potássio. Cólicas menstruais.

Constituição Química Em planta do mesmo gênero foi encontrada a seguinte composição química: substâncias azotadas, matérias graxas, óxido de potássio, ácido fosfórico e fibras.



AMENDOIM

Família

Leguminosae (Faboideae)

Nome Científico

Arachis hypogaea L.

Sinonímia Vulgar

Mindum, midubim.



AMENDOIM

Descrição Planta anual de caule anguloso, robusto, ereto ou prostrado. Folhas compostas, alternas de 4 jugas, folíolos opostos, peciolados, obovados ou oblongos e com um pequeno dente no ápice, pubescente na face inferior. Flores amarelas, às vezes, com estrias vermelhas, geminadas ou agrupadas nas axilas das folhas inferiores. Fruto geocarpo, de 3 a 4 cm de comprimento e com 1 a 3 articulações, contendo outras tantas sementes ovoides, raras vezes 4, desenvolvendo-se e amadurecendo debaixo da terra, até 6 cm de profundidade, fato notável que fora deste gênero, muito raramente acontece.

Parte Usada Óleo da semente.

Forma Farmacêutica Óleo.

Emprego Veículo para injetáveis lipossolúveis, lubrificante, alimento e também como nutritivo e afrodisíaco. Mais que um medicamento, o amendoim é um alimento útil quando o paciente necessita de ácidos graxos, útil para combater inflamações intestinais ou cólicas hepáticas e nefríticas. Podem ser ingeridos crus ou torrados.

Constituição Química Ácidos (hipogaico, palmítico, oleico, linoleico, fosfórico) e ácidos em menor teor: aracdico, esteárico, beênico e lignocérico; lisina e triptofano. A semente contém 45% de óleo fixo, 20% de proteínas e alto teor de tiamina.

Contraindicação Não deve ser utilizado por pessoas que têm alergia ao amendoim.

Toxicidade Em pessoas alérgicas, pode levar ao edema de glote e morte por asfixia.



AMOREIRA-PRETA

Família

Moraceae

Nome Científico

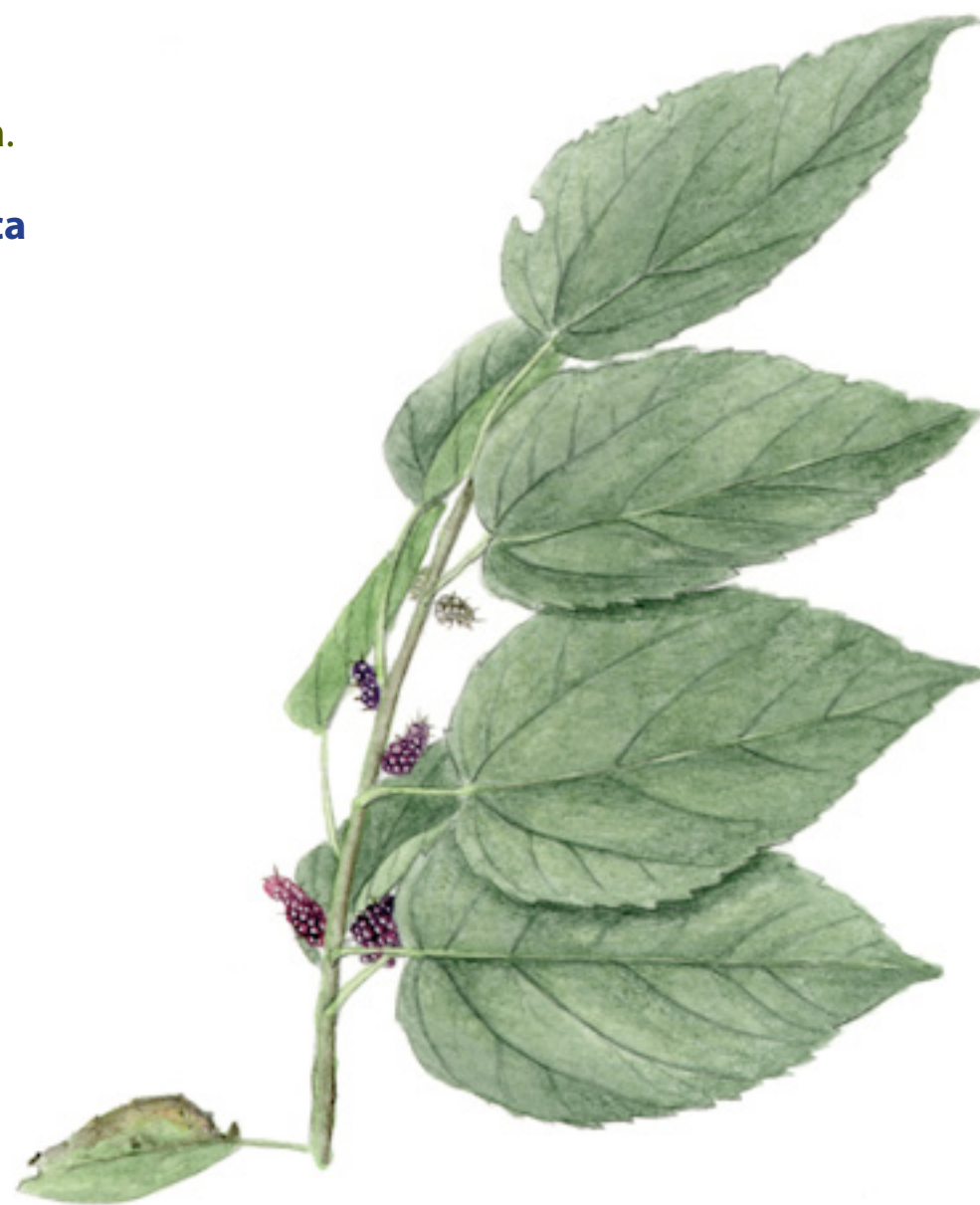
Morus nigra L.

Sinonímia Vulgar

Amora, amora-preta.

Sinonímia Científica

Morus nigra Thunb.



AMOREIRA-PRETA

Descrição É uma árvore que atinge até 15 m de altura, com grandes folhas de até 15 cm de largura, com a base arredondada e um pouco cordiforme, raras vezes é fendida, denteada nos bordos e com pelos nas nervuras da face dorsal, sustentada por um pecíolo cilíndrico e de cor verde-escura. Os ramos masculinos são redondos e prolongados. Os femininos mais curtos variando entre arredondados e ovoides. As flores femininas mostram um rudimento frutífero com 2 estigmas e as masculinas são tetrâmeras. Os frutos se unem e formam a amora, de 2 a 2,5 cm de comprimento, de cor vermelha a negra e de sabor ácido-adocicado. Floresce na primavera e seus frutos amadurecem no verão. É oriunda da Pérsia e hoje cultivada em várias regiões da Terra.

Partes Usadas Folha, frutos, casca ou córtex da raiz.

Formas Farmacêuticas Decocto ou xarope.

Emprego O xarope do fruto feito com a tintura a 10% é usado em gargarejos contra as inflamações da boca e da garganta, como peitoral e laxativo. O córtex da raiz é laxante e popularmente usado como vermífugo contra lombrigas e tênias. As folhas em decocção são vulnerárias. A casca é usada em decocto, para bronquite e diabetes. O extrato-fluido é usado 10 a 50 ml. As folhas vêm sendo usadas para reposição hormonal no climatério. O xarope a 10% é usado como edulcorante.

Constituição Química Ácido ascórbico, ácido graxos, ácido málico e cítricos aminoácidos: (adenina, asparagina), caroteno, taninos, carbonato de cálcio, proteína, flavonoides, açúcares (frutose e glicose), matérias albuminoides e pectínicas, pectose. Os frutos contêm também vitaminas A, B1, B2, C, goma e matérias corantes com 85% de água e salicilato de metila em pequena quantidade.

Contraindicação Não consumir o fruto em caso de diarreia. Não administrar as folhas ou raiz no caso de debilidade.

Observação A amoreira-branca é uma árvore menor que a amoreira-preta e tem as mesmas propriedades da amoreira-preta; sua espécie é *Morus alba* L.



ANDÁ-ASSU

Família

Euphorbiaceae

Nome Científico

Joannesia heveoides Ducke

Sinonímia Vulgar

Boleira, cocô-de-purga, cotieira, purga-de-gentio, purga-de-cavalo, fruta-de-cotia, bolheira.

Sinonímia Científica

Joannesia princeps Vell.; *Anda brasiliensis* Raddi; *Andicus pentaphyllus* Vell.; *Anda gomessi* A. Juss.



ANDÁ-ASSU

Descrição Árvore frondosa e de caule reto, até 15 m de altura, folhas pecioladas, digitadas, 3 a 5 folioladas, folíolos peciolulados, elípticos, glabros, de tamanho variável, até 20 cm de comprimento e 8 de largura. Flores esbranquiçadas ou roxas, andróginas, pequenas, numerosas, apétalas. Cálice pentâmero e androceu com 7 a 10 estames. Flores dispostas em panículas. Fruto cápsula drupácea de 12 cm de diâmetro e com 2 cavidades no ápice e 1 na base, endocarpo duro, contendo 2 a 3 sementes ovoides com testa dura.

Parte Usada Semente.

Formas Farmacêuticas Óleo ou decocto.

Emprego Drástico e hidragogo, constituindo um purgante enérgico e eficaz nas afecções escrofulosas e do fígado. É usado em medicina veterinária e sucedânea do óleo de linhaça para pinturas. Em pequenas doses é usado como antiasmático e depurativo.

Constituição Química Ácidos graxos, cumarina e antraderivados.

Toxicidade A ingestão da semente, que contém um óleo purgativo representando cerca de 50% do seu peso, produz intensas manifestações gastrintestinais com cólicas abdominais e diarreia. Distúrbios hidreletrolíticos são frequentes e graves.



ANDIROBA

Família

Meliaceae

Nome Científico

Carapa guianensis Aubl.

Sinonímia Vulgar

Carapá, carapa, andirova.

Sinonímia Científica

Carapa latifolia Willd. ex C. DC.; *Xylocarpus carapa* Spreng;
Carapa macrocarpa Ducke; *Granatum guianense* (Aubl.) Kuntze



ANDIROBA

Descrição Árvore de 20 a 30 m de altura, de copa globosa, densa, com tronco de 50 a 120 cm de diâmetro, nativa de toda a região amazônica (em várzeas secas e alagadiças) bem como do norte do Brasil, do Pará até o sul da Bahia e, em Minas Gerais, cultivada. Folhas compostas pinadas, de 80 a 120 cm de comprimento, com 12 a 18 folíolos, oblongos ou ovais de margem lisa. Flores discretas, pequenas, perfumadas de cor creme, dispostas em umbelas de cachos. Os frutos são cápsulas lenhosas, globosos, angulados e deiscentes de oito a 14 cm de diâmetro, contendo de 5 a 10 sementes de quatro a 5 cm de comprimento.

Partes Usadas Sementes, cascas ou folhas.

Formas Farmacêuticas Óleo da semente, infuso ou decocto.

Emprego Febrífugo, vermífugo, purgativo, vesicante, cicatrizante, emoliente, antisséptico hidratante e suavizante. A casca ajuda na eliminação de vermes intestinais e abaixa a temperatura corporal. Na pele, atua regenerando tecido epitelial, aliviando e acalmando a dor de tecidos inflamados. As folhas frescas são vulnerárias, além de vermífugas e febrífugas. As sementes são purgativas, e seu óleo amacia a pele e regenera o tecido. Tem sido usado em cosmetologia para o preparo de cremes e xampus. O óleo, quando novo, tem sido usado para debelar o inchaço das pernas causado pela erisipela.

Constituição Química O óleo extraído das sementes contém ácido mirístico, palmítico, oleico, linoleico. A casca contém carapina.



ANGÉLICA

Família

Agavaceae

Nome Científico

Polianthes tuberosa L.

Sinonímia Vulgar

Angélica-do-méxico, tuberosa.



ANGÉLICA

Descrição Erva de bulbo cilíndrico, alongado e pálido. Originária do México e muito cultivada em Minas Gerais como ornamental, flor de corte. Folhas estreitas, lineares, ensiformes, radicais ou apenas na parte inferior do caule onde frequentemente têm cor avermelhada. Escapo de 120 a 150 cm de altura. Inflorescências eretas, com numerosas flores brancas simples ou dobradas, muito aromáticas, dispostas em ráculos terminais. Durante o inverno, os bulbos passam por um período de repouso vegetativo. Nesse período, deve-se suspender a irrigação, colhê-los e guardá-los, limpos, em local abrigado até o início da primavera, momento em que são plantados em canteiros de terras férteis em conjunto ou bordadura, irrigados desde o início da brotação. Multiplica-se por divisão dos bulbos aglomerados.

Parte Usada Bulbos.

Forma Farmacêutica Infuso.

Emprego Estomacal

Constituição Química Foram isolados vários compostos cumarínicos como: angelicina, ostol, bergapteno, imperatorina, oreoselona, oxipeucedanina, umbeliferona, xantotoxol e xantotoxina.



ANILEIRA

Família

Leguminosae (Faboideae)

Nome Científico

Indigofera suffruticosa Miller

Sinonímia Vulgar

Anil, anir.

Sinonímia Científica

Indigofera anil L.



ANILEIRA

Descrição Pequeno arbusto que pode atingir até 1,5 m de altura, ereto ou divaricato-ramoso, mais ou menos lenhoso, ramos angulosos, acinzentados e regularmente sulcados. Folhas compostas, alternas, imparipenadas, com 7 a 15 folíolos podendo ter até 19. Folíolos opostos, curtamente peciolados, linear-elípticos ou oblongos, glabros na face ventral e pubescentes na dorsal. Inflorescência em cachos espiciformes axilares e eretos. Brácteas pequenas e setáceas. Flores andróginas papilionáceas, alvo-róseas ou roxas, pequenas, numerosas e curtamente pedunculadas. Cálice curto denteado e campanulado. Corola com vexilo oval, asas linear-oblongas, sésseis e obtusas. Fruto legume áspero, arqueado, seríceo-pubescente, cilíndrico ou quase quadrangular, voltado para baixo com até 10 sementes angulosas, pardacentas, glabras e duras.

Partes Usadas Raízes ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Antigonocócico, antissifilítico, antiepiléptico, antiespasmódico, sedativo, estomacal. Antídoto no envenenamento por sais arsenicais e mercuriais. A raiz é odontálgica e útil na cura da icterícia. Externamente é empregado em lavagem vaginal e tratamento de ulcerações. Do infuso e decocto a 2%, toma-se de 50 a 200 ml ao dia. Da tintura usam-se de 10 a 20 ml ao dia e externamente não há restrições.

Constituição Química Leucoindigotina, indigotina, resina vermelha, indirubina, batisina, batina, citisina, batoxina (alcaloide tóxico), tanino e matérias resinosas.

Interações Medicamentosas e Associações Para epilepsia associar o pó da raiz ao gengibre e cânfora. Tomar 2 colheres de 3 a 4 vezes ao dia.

Toxicidade Em doses elevadas é emeto-catártica



ANSARINA-BRANCA

Família

Amaranthaceae (Chenopodiaceae)

Nome Científico

Chenopodium album L.

Sinonímia Vulgar

Ansarinha-branca, erva-de-santa-maria-falsa.

Sinonímia Científica

Chenopodium album Box. ex Moq.



ANSARINA-BRANCA

Descrição Planta anual de até 1,5 m, formada por um caule ramificado e um pouco avermelhado, glabro, com folhas de cor verde-azuladas (glaucas), lanceoladas, denteadas, de tamanho variável, atingindo até 8 cm de comprimento por 4 de largura e com inflorescência em espigas frouxas (congesta). Flores pequenas, de cor branco-esverdeadas. Originária da Europa é planta invasora, crescendo em lugares ricos em nitrogênio, sendo comum encontrá-la em culturas, principalmente no sul de Minas. Fruto envolto pelas pétalas e sépalas atingindo 1 mm, tendo a forma discoidal. Multiplica-se por sementes.

Partes Usadas Sementes ou folhas. As sementes podem ser moídas e utilizadas como farinha.

Formas Farmacêuticas Pó ou salada (folhas).

Emprego Nutritivo e laxante suave. A farinha feita com toda a planta restaura os organismos depauperados. A presença de ascaridiol demonstra ser esta planta vermífuga.

Constituição Química Suas folhas são ricas em proteínas, ferro, cálcio e vitaminas B e C, leucina e ascaridiol.



ARAÇÁ

Família

Myrtaceae

Nome Científico

Psidium guineense S.W.

Sinonímia Vulgar

Goiabinha-do-mato, goiabinha-do-campo.



ARAÇÁ

Descrição O araçá dos campos cresce em lugares úmidos a beira dos rios e lagos. Como se parece muito com a goiaba, recebe o nome também de goiabinha-do-campo. É um arbusto que pode atingir até 1,20 m de altura, e possui folhas curtamente pecioladas, opostas, de nervuras bem marcadas, sendo a página inferior mais clara que a superior. As folhas são grandes, alongadas e aveludadas. Flores brancas, axilares. Os frutos amarelos e suculentos, quando verdes, são ácidos, mas tornam-se muito doces quando maduros.

Partes Usadas Raízes, cascas, folhas e frutos.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego O decocto das cascas e folhas é usado como adstringente e atua contra a diarreia e disenteria: 1 xícara de café para 1 litro de água. Tomar de 2 a 4 xícaras de chá ao dia. Os frutos são usados na preparação de doces, geleias e consumidos ao natural.

Constituição Química A casca contém tanino.



ARNICA-DO-CAMPO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Solidago chilensis Meyen

Sinonímia Vulgar

Arnica-do-mato, ponta livre, escovinha, erva-lanceta, lanceta.

Sinonímia Científica

Solidago microglossa DC.; *Solidago nitidula* Mart.; *Solidago vulneraria* Mart.; *Solidago odora* Hook.; *Solidago linearifolia* DC.; *Solidago polyglossa* DC.; *Solidago marginella* DC.



ARNICA-DO-CAMPO

Descrição Subarbusto ereto, anual, entouceirado, rizomatoso, de 80 a 120 cm de altura. Nativo da parte meridional na América do Sul, incluindo Minas Gerais. Suas folhas são simples, alternas espiraladas, quase sésseis, membranáceas e verdes, ásperas ao tato, medindo de 4 a 8 cm de comprimento por 1 a 1,8 de largura, de ápice atenuado e base acuminada. Capítulos florais pequenos com flores amarelas, reunidas em inflorescências compostas de cachos de cimeiras escorpioides muito ornamentais. Flores marginais femininas, de corola ligulada e amarela; flores centrais andróginas e amarelas. Fruto cipsela, com papus branco e unisseriado. Pode multiplicar-se pelos rizomas ou por sementes. Planta invasora, ocorrendo em terrenos baldios e beiras de estrada. Existem várias espécies com o nome de arnica. A arnica oficial é de origem europeia (*Arnica montana*) e não existe no Brasil.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso ou alcoolatura.

Emprego Anginas pectoris, nas contusões, como litagogo e em banhos contra o reumatismo. A alcoolatura é preparada colocando-se em maceração 30 gramas da planta em 1 litro de álcool e deixando-se 7 dias após os quais emprega-se friccionando o local contundido.

Constituição Química As flores possuem acetofenona, carotenoide. Partes aéreas: quercetina, glicosídeos de flavonoides, taninos, saponinas, resinas, óleo essencial. Raízes: inulina e rutina, ácido quínico, ácido cafeico, clorogênico, hidrocínâmico e seus derivados.

Interações Medicamentosas e Associações Na alcoolatura pode ser associada à cânfora.

Toxicidade Por ser considerada tóxica, seu uso interno só deve ser feito com estrita indicação e acompanhamento médico.



ARNICA-DA-MONTANHA-MINEIRA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Lychnophora pinaster Mart.

Sinonímia Vulgar

Arnica, arnica-da-serra.



ARNICA-DA-MONTANHA-MINEIRA

Descrição Planta arbustiva dos campos rupestres, campos sujos e campos limpos de altitude, de Minas Gerais. Possui raiz principal e caule aéreo, ereto e ramificado atingindo até 3 m de altura. Ramos cilíndricos, tomentosos, com cicatrizes de folhas antigas e com ramificações secundárias curtas e levemente curvadas na base. Folhas simples, sésseis, estreitas, elípticas ou lanceoladas, rígidas, espinescente, revolutas nas margens, densamente alterna-espinaladas. Tem a face superior pardo-esverdeadas e inferior cinza-esbranquiçadas. 3 a 5 flores violáceas reunidas em capítulos compostos no ápice dos ramos. Fruto cipsela longo e pardo.

Partes Usadas Caule, folhas ou flores.

Formas Farmacêuticas Alcoolatura, infuso, extrato, cataplasma ou pomada.

Emprego Antiinflamatório, descongestionante, cicatrizante, usada nos reumatismos, contusões, varizes, picadas de insetos e contra cefaleias. Internamente, é usada em caso de febres, catarros e problemas renais. Infuso e decocto, 30 g em 500 ml de água. Alcoolatura: 2 xícaras de chá de pedaços de ramos em 1 garrafa (de vidro) de 1 litro de álcool, deixar macerando por 24 horas e aplicar nas contusões e dores reumáticas, 3 a 4 vezes ao dia. Cataplasma: infuso de 30 g dos ramos com folhas, para 2 xícaras de água fervente. Aplicar nos locais afetados após esfriar.

Constituição Química Flavonoides, triterpeno (friedelina), quercetina, ácido lienofóico (derivado do cariofileno), 15-desoxigoiazenólídeo (lactona sesquiterpênica).

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associada à semente de abacate e também à cânfora, nesse caso colocando-se um tablete de 1 g na alcoolatura. Contra gastrite, pode ser associada à carqueja, à capeba e ao saião.

Toxicidade Não utilizar internamente sem rigorosa supervisão médica por ser hepatotóxica.



A ROEIRA

Família

Anacardiaceae

Nome Científico

Schinus terebinthifolia Raddi

Sinonímia Vulgar

Aroeira, aroeira-vermelha, aroeira-mansa, cambuí.

Sinonímia Científica

Schinus aroeira Vell.; *Schinus acutifolia* Engl.; *Schinus dubia* Barkl; *Schinus chichita* Speg.; *Schinus raddiana* Engl.; *Schinus glasioviana* Engl.; *Schinus seloana* Engl.; *Schinus damasiana* Beauv.; *Schinus pilosa* Engl.; *Schinus microphylla* Chodat & Hassl.; *Schinus angustifolia* Shodat & Hassl.; *Sarcorthea bahiensis* Turcz.



AROEIRA

Descrição Arbusto de 60 cm a 2 ou 3 m de altura, ou árvore de 7 a 8 m, tendo os ramos novos quase sempre pubescentes e os velhos glabros na maioria dos casos. Folhas imparipinadas, compostas de 2 a 7 pares de folíolos, alternas, membráceas, glabras, sésseis, de 2 a 7 cm de comprimento e 1 a 3 cm de largura, oblongo-elípticos, ou ovais, com ápice mais ou menos agudo ou mucronado, margem inteira, subcrenada, crenada ou levemente serrada, provida de um pequeno dente no ápice; base estreita nervação penada e com nervuras secundárias salientes. Pecíolos cilíndricos na parte inferior e mais ou menos alados, inflorescência em panículas de 5 a 10 cm de comprimento. Brácteas inferiores arredondadas e superiores ovais agudas. Flores amarelas ou pálidas, pequenas, com cálice pentâmero, de peças ovais, agudas, palidamente marginados, ciliados e subglabros. Corola pentâmera, com pétalas livres, oblongas, sendo as femininas menores. Androceu com 10 estames de anteras ovoides, claras. Gineceu globuloso, com 2 mm de comprimento, verde, glabro, estilete curto estigma trilobado e captado. Fruto drupa globulosa, vermelha com semente reniforme.

Parte Usada Cascas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego A aroeira é balsâmica, adstringente, usada nas afecções das vias respiratórias e das vias urinárias. Goza de propriedades hemostáticas, notadamente nas hemoptises e metrorragias. A córtex fresca em decocção, durante 20 minutos na dose de 60 g/l, aplicada em banho, atua contra o reumatismo. O infuso ou decocto, usado a 1%, é ingerido de 50 a 200 ml ao dia e o extrato-fluido, de 0,5 a 2 ml ao dia. A tintura, de 2 a 10 ml ao dia. Um ensaio clínico feito com extrato

aquoso das cascas em concentração de 10% aplicado na forma de compressas intravaginais promoveu 100% de cura em 100 mulheres portadoras de cervicite e cervicovaginites num período de 1 a 3 semanas de tratamento.

Constituição Química Resina, hidrocarbonetos terpênicos, ácido pirogálico, glicose, óleo essencial, alquil-fenóis.

Contraindicação Não deve ser usada por pessoas que tenham alergia à planta.

Toxicidade Existem relatos de alergia provocada pela resina. A ingestão do fruto pode causar vômitos e diarreia em crianças, juntamente com cefaleia e astenia.



ARROZ

Família

Poaceae (Gramineae)

Nome Científico

Oryza sativa Hochst ex Steud

Sinonímia Científica

Oryza sativa L.



ARROZ

Descrição Planta anual, oriunda da China e Índia, é muito cultivada em Minas Gerais, principalmente no Triângulo Mineiro. Caule entre 1 a 1,30 m, ereto, fistuloso e folhas alternas, invaginantes, consistentes, lisas, glabras, delgadas, lanceoladas, agudas e parecendo com as da cana de açúcar. Lígula grande, ereta, glabra, multinervada, delgada, lanceolada, aguda e acompanhada de 2 pequenos apêndices falciformes e com pelos longos e sedosos. Flores hermafroditas, na parte superior do caule, em espigas de 1 flor, estipuladas, articuladas, curtas, 2 glumas pequenas, quase iguais, convexas, carenadas, lanceoladas, uma delas é terminadas por um espinho mais pronunciado e de comprimento variável. Glumas espessas, carnosas, duas glumelas glabras. Seis estames dispostos em 2 verticilos. Filetes retos, delgados, anteras alongadas, basifixas, biloculares. Ovário unilocular e uniovulado. Estilete plumoso. Fruto cariopse. O pericarpo é recoberto por albúmem duro e córneo. O arroz é alimento de milhões de indivíduos em todo o mundo.

Parte Usada Frutos.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, pó ou cataplasma.

Emprego Antidiarreico (usar deixando-se um copo de arroz em 1 litro de água por 2 horas, em contato, tomar 3 vezes ao dia, 1 xícara), muito útil nas enterites, emoliente; secativo nas inflamações cutâneas. Como cosmético, é usado na forma de pó-de-arroz perfumado com diversas essências.

Constituição Química O grão de arroz contém 75% de amido, 15% de água, 7% de material albuminoide e pequena quantidade de açúcares. Óleo fixo, ácido fosfórico e óxido de potássio, vitamina B1. Do arroz pode-se fabricar: aguardente, álcool, vinagre, acetona e ácido butílico.

Contraindicação Em pessoas diabéticas, o uso em grandes quantidades pode causar hiperglicemia.



ARRUDA

Família

Rutaceae

Nome Científico

Ruta graveolens L.

Sinonímia Vulgar

Arroda, arruda-dos-jardins, arruda-fedorenta, ruda.

Sinonímia Científica

Ruta hortensis Mill.



ARRUDA

Descrição Planta cosmopolita, resistente até mesmo ao inverno da Europa. Seu caule atinge até 1 m de altura, sendo ramificado e guarnecido de folhas alternas, pecioladas, espessas, glabras, verdes, possuindo inúmeras bolsas de essência que são pequenos pontos claros e translúcidos, quando olhados contra a luz. Pela dissecação, estas folhas tornam-se cinzas. As flores são amarelas ou amarelo-esverdeadas, agrupadas em cimeiras terminais e apresentam 4 a 5 pétalas côncavas, em forma de concha e com as bordas denteadas. São sempre diplostêmones. Possuem sabor picante, mas ele é mascarado pelo cheiro forte, característico e desagradável. Fruto capsular, de 4 ou 5 lobos salientes e rugosos, abrindo-se em 4 ou 5 valvas. Semente rugosa e pardacenta. Multiplica-se por sementes, ponteiros ou folhas compostas em solos levemente alcalinos pobres e pedregosos.

Partes Usadas Planta florida, folhas ou toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, pó, alcoolato, maceração ou colírio.

Emprego Abortivo, emenagogo, hemostático. O óleo é usado como estupefaciente. Externamente, é usado em fricções sob a forma de alcoolato. Toda a planta sob a forma de infuso, decocto, maceração ou colírio é usada como emenagoga, nas doenças cardíacas, nas otites e nas infecções oculares. É usada, externamente, para combater sarnas e piolhos. A rutina extraída da planta aumenta a resistência dos capilares sanguíneos evitando sua ruptura e é usada também na hipertensão. No entanto, seu uso interno é desaconselhável por se tratar de uma planta tóxica que pode causar hemorragia grave. A alcoolatura é usada a 10%.

Constituição Química Óleo essencial constituído de: metilnonil, metileptipilcetonas, dimetilnonilcarbinol, álcoois, éster, fenóis, compostos terpênicos. Alcaloides: arborinina, graveolina, graveolinina, e α -fagarina. Derivados furanocumarínicos: bergapteno, xantoxina, psoraleno, compostos flavônicos (rutina) e skimmianina.

Interações Medicamentosas e Associações A arruda pode ser associada ao alecrim como vulnerário.

Contraindicação Não deve ser usado na gravidez por ser emenagoga e abortiva devido aos efeitos estimulantes uterinos. Se usada em presença da luz solar (UV) pode causar fotodermatites. Na insuficiência renal, pela estimulação do trato gênito-urinário e por ser irritante renal em altas doses, hemorragias e doenças renais. Pulso baixo, melancolia, espasmos musculares, distúrbios do sono e glossite. Na lactação e em crianças.

Toxicidade Internamente é muito tóxica, podendo causar congestão sanguínea e uma estimulação sobre as fibras musculares uterinas. Sua ação abortiva só ocorre em doses tóxicas e causam muitas vezes a morte. Dermatite de contato, desmaio, fadiga, hipotensão. As furanocumarinas da arruda não estão associadas com a hemorragia, como sugerido anteriormente em alguns trabalhos, porém com efeitos mutagênicos e fotossensibilizantes.



ARTEMIGEM-DOS-JARDINS

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Tanacetum parthenium (L.) Sch. Bip.

Sinonímia Vulgar

Artemigem-dos-jardins, margaridinha.

Sinonímia Científica

Chrysanthemum partenium (L.) Bernh; *Matricaria partenium* L.



ARTEMIGEM-DOS-JARDINS

Descrição Erva ereta comumente perene anual, com até 50 cm de altura, muito cultivada em Minas Gerais. Folhas compostas, pinadas, imparipinadas, alternas, com folíolos fendidos. Flores em capítulos heterogêneos reunidos em corimbos, com flores femininas brancas e andróginas amarelas. As femininas são liguladas no raio e as andróginas são centrais, lembrando uma pequena margarida. Tem sabor amargo e cheiro característico. Multiplica-se por sementes em solo úmido e bem drenado ou por rebentos na primavera.

Parte Usada Sumidade florida.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego Antiespasmódica, emenagoga. 3 galhos em 1,5 copos de água, tomar 3 xícaras ao dia. Na inapetência, ferver as folhas, flores e raízes (15 g) em 1 litro de água ingerindo-se de 2 a 4 xícaras ao dia. A manipulação deverá ser feita com a matéria seca.

Constituição Química Óleo essencial (-pineno, bornil-acetato e angelato, ácido ascórbico, alcanfor, -farmesina e éteres espiro-quetalenólicos), lactonas sesquiterpênicas, ácidos cianólicos, flavonoides, princípios amargos, fitosterina, ácido tânico, ácido antêmico e na raiz derivados acerilênicos.

Contraindicação Problemas hemorrágicos. Antes de cirurgia, devido à agregação plaquetária. Hipersensibilidade alérgica à artemísia ou outras asteráceas.

Interações Medicamentosas e Associações Pode aumentar o efeito da aspirina e anticoagulantes como a varfarina devido à inibição de agregação plaquetária e ou inibição do metabolismo do ácido araquidônico.

Toxicidade Abortiva. Dermatite de contato.



ARTEMÍSIA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Artemisia verlotorum Lam.



ARTEMÍSIA

Descrição Planta perene, ereta, de caule avermelhado e sulcado, ligeiramente pubescente, de até 60 cm de altura, folhas de 2,5 a 5 cm de comprimento, de cor verde-escura na base e esbranquiçada ou tomentosa na página inferior. Pinadas ou bipinadas com folíolos denteados. Flores reunidas em pequenos capítulos oblongos ou ovoides, que possuem involúcro de brácteas imbricadas, lanceoladas, com receptáculo glabro. Flores femininas tubulosas e marginais e as andróginas centrais e afuniladas. Muito comum em Minas Gerais, em terrenos ricos em nitrogênio e terrenos baldios, embora alguns autores achem que, em Minas Gerais, a espécie encontrada é a *Artemisia verlotorum*; ela é usada como sucedânea da *Artemisia vulgaris* L.

Parte Usada Planta florida.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Amargo, tônico, estomacal, estimulante, antiespasmódico, anti-helmíntico, emenagogo. Usado, ainda, como vermífugo, antimalárico, na blenorragia, como carminativo e nas convulsões infantis. O infuso e o decocto são usados a 3%, de 3 a 4 xícaras ao dia; e o extrato fluido, de 1 a 6 ml ao dia.

Constituição Química Artemisina, princípio amargo, tanino, resina e essência constituída principalmente de cineol, tuiona e diversos terpenos.

Interações Medicamentosas e Associações Pode potencializar os efeitos dos anticoagulantes; evitar o uso concomitante.

Contraindicação Na gravidez, devido ao efeito emenagogo e abortivo, além da ação estimulante do útero associada ao seu principal constituinte volátil tuiona. Na hipersensibilidade alérgica, uma vez que pode desenvolver eritemas com seu uso interno e externo e sensibilidade cruzada com o pólen da camomila. Evitar o uso em pessoas com alergia a avelã. Evitar o uso em pacientes com refluxo.



ASPARGO

Família

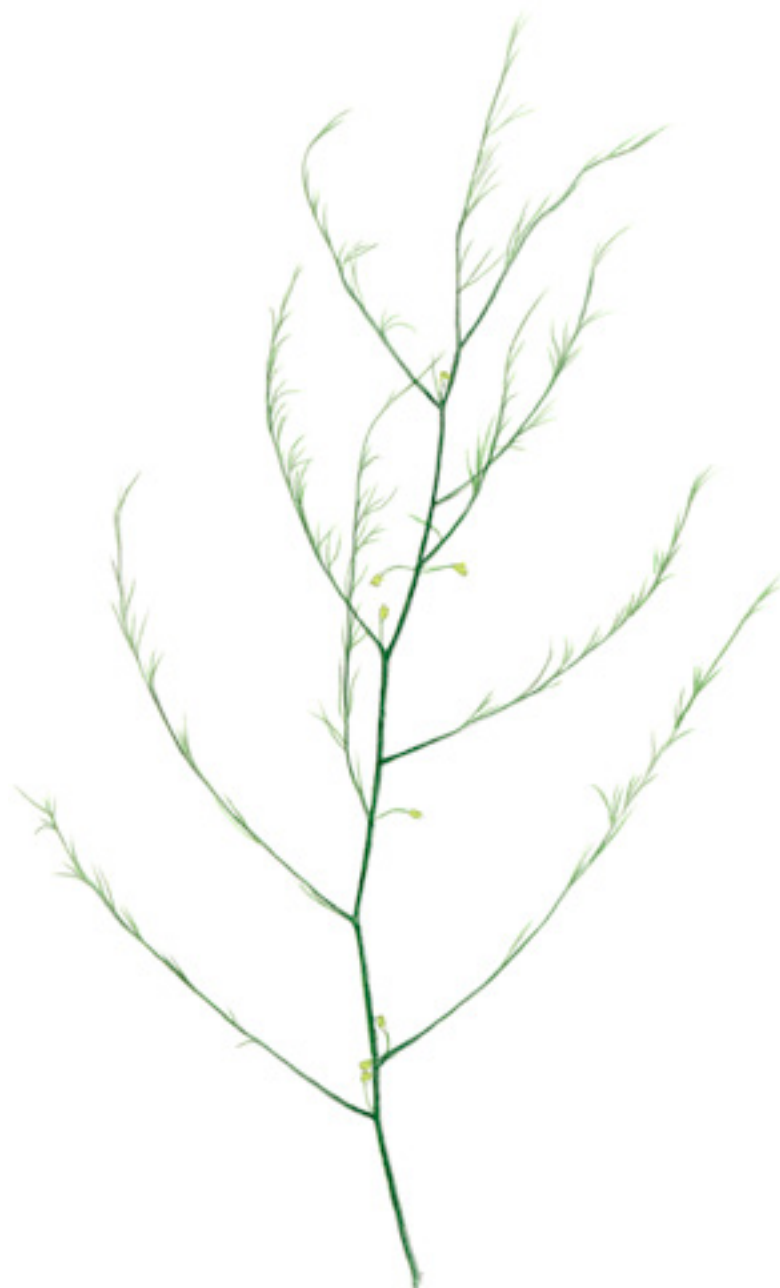
Liliaceae

Nome Científico

Asparagus officinalis L.

Sinonímia Vulgar

Milindre, melindre.



ASPARGO

Descrição Rizoma horizontal, ramificado, com numerosas raízes cilíndricas, espessas e carnosas. Caules numerosos, delgados, lisos, de 1 a 2 m de altura. Folhas pequenas reduzidas e filamentos membranáceos, da axila das folhas partem ramos fasciculados e filiformes. Flores hermafroditas ou unissexuadas, perigônio com 6 peças oblongas, verde-amareladas, 6 estames livres e hipóginos, ovário livre com 3 lojas biovuladas, estilete com 3 lobos curtos recurvados. Fruto baga globuloso, inicialmente verde e depois vermelho, com 3 lojas e 3 sementes com albúmem. Prefere climas temperados, solos férteis, úmidos, areno-argilosos e de baixa acidez.

Partes Usadas Raízes ou toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Diurético, sedativo, anti-hipertensivo, calmante, na obesidade, na hidropsia e problemas do coração.

Constituição Química Óleo volátil, goma, resina, ácido tânico, asparagina, oniferina, tirosina, saponina, vanilina, vitaminas B1 e C, celulose.

Contraindicação Deve ser evitado o uso quando há inflamações dos órgãos urogenitais, pela irritação causada pela saponina.

Toxicidade O uso exagerado pode provocar insônia e ansiedade.



ASSA-PEIXE

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Vernonia polyanthes Less.

Sinonímia Vulgar

Assa-peixe-branco, cambará.

Sinonímia Científica

Eupatorium polyanthes Spreng; *Vernonia patens* Less.; *Vernonia psittacoun* DC.; *Vernonia corcovadensis* Gardn.; *Chrysocoma phosphora* Vell.



ASSA-PEIXE

Descrição Arbusto muito ramificado de 1 a 3 m de altura, com ramos novos, curtos, pardos e pubescentes. Folhas curto-pecioladas, agudas, de base estreita, coriáceas, ásperas com pontos rugosos na parte superior, inferior glabras (nas matas) e pubescentes (em lugares úmidos e abertos). Inflorescência em panícula escorpioide ampla de capítulos pequenos e solitários, sem brácteas e curtamente pedunculados. Invólucro campanulado e escamoso, lanceolado, obtuso e imbricado, duro e quase glabro. Corola glabra, alva. Fruto aquênio pálido, glabro e denso-glanduloso. Pappus saliente, cerdas inteiras, quase caducas. É encontrado em áreas abertas, à beira dos caminhos, pastagens e terrenos baldios.

Parte Usada Todo o vegetal.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, melito, sumo ou emplasto.

Emprego Tônico, excitante, emenagogo, diurético e carminativo. E também nas bronquites, pneumonias, gripes, febres, resfriados, e como béquico. Nas torções, contusões e luxações usa-se o emplasto ou o sumo das folhas. O decocto e o infuso são usados tomando-se 2 xícaras de chá da planta picada em 1 litro de água. Tomar de 3 a 4 xícaras de chá ao dia. Adoçar com mel. O dilapiol isolado do assa-peixe é comprovadamente um inseticida.

Constituição Química Alcaloides, glicosídeos, flavonoides, óleos essenciais, lactonas sesquiterpênicas e dilapiol.



AVEIA

Família

Poaceae (Gramineae)

Nome Científico

Avena sativa L.



AVEIA

Descrição Planta herbácea, anual, de colmo com 50 cm a 1 m de altura, coberto de folhas lineares, agudas, planas, ásperas ao tato invaginantes. Flores dispostas em panículas formadas de espiguetas longas, eretas, pendentes, trifloras, sendo 2 situadas na base, férteis e uma estéril. Glumas iguais, lanceoladas, delgadas e agudas, 2 carenas glabras. Glumelas desiguais, uma maior aguda de 2 pontas, cobertas de pelos sedosos, escuros e munido de uma aresta afilada e redonda. A outra é menor, envolvida pela primeira e glabra. Três estames de anteras longas. Ovário unilocular e uniovulado. Estilete bífido e plumoso. Fruto cariopse, alongado, estreito e agudo nas extremidades.

Parte Usada Fruto.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tisana ou cataplasma.

Emprego Emoliente, diurético, laxativo. É usado também na hidropsia e como refrescante. Seu decocto é usado no processo de desintoxicação da morfina e nicotina. É um alimento para o ser humano, desde as crianças até os idosos. Sua farinha é utilizada em mingaus e sopas, tanto em pratos doces como nos salgados. Sua posologia é de 30 gramas por litro deixando-se ferver por alguns minutos. Pode ser tomada à vontade. Também é usada como alimento para animais, em várias partes do mundo.

Constituição Química Amido, substâncias nitrogenadas, minerais (Cu, Co, Mn, Zn, Fe, Ca), alcaloides indólicos, aminoácidos (lisina, metionina, isoleucina e treonina), vitaminas do grupo B, vitamina K, E e pró-vitamina A. Contém ainda boro, iodo, protídeos, albumina, lipídeos (ácidos oleico e linoleico), lecitina, açúcares, enzimas, um alcaloide trigonelina, pectina.

Interações Medicamentosas e Associações Sua grande quantidade de fibras pode diminuir a absorção de medicamentos. É antagonista da morfina e pode auxiliar no tratamento de viciados em opiáceos e tabaco. Pode ser um auxiliar no controle da diarreia induzida por inibidores de protease, sobretudo no tratamento de HIV.

Contraindicação Sendo rico em minerais, é contraindicada em pacientes reumáticos. Na distensão abdominal, flatulência, pois aumenta os movimentos peristálticos do intestino. O efeito sobre o açúcar no sangue é menor do que de outras ervas contendo fibras. Deve ser ingerida com quantidade adequada de líquidos. Contraindicada em pacientes com doença celíaca devido ao seu conteúdo de glúten.



AVENCA

Família

Adiantaceae

Nome Científico

Adiantum sp.

Sinonímia Científica

Adiantum cuneatum Forst.



AVENCA

Descrição Planta herbácea e rizomatosa com raiz fasciculada, de caule comprido apresentando muitas ramificações de cor negra brilhante, com catafilos, podendo essa planta alcançar até 50 cm de altura. Frondes resistentes e pecioladas, alternas. Foliolos em forma de leque (flabeliformes), de cor verde-clara e nervuras flabelinérveas. Esporângios reunidos em soros nas extremidades dos folíolos, recobertos pelo indúzia que é a própria margem do folíolo que se enrola. Anel elástico incompleto, com uma única camada de células, com deiscência transversal. Planta isosporada.

Partes Usadas Folhas ou toda a planta.

Formas Farmacêuticas Decocto, infuso ou xarope.

Emprego As frondes (folhas compostas) secas em decocção durante 5 minutos na dose de 30 gramas por litro são béquicas, expectorantes, emenagogas, e, também, atuam contra a gripe. É emoliente e usada contra tosse. Foram citados, ainda, pelos raizeiros os usos contra o reumatismo, a artrite e como digestiva.

Constituição Química Mucilagem, compostos fenólicos: ácido gálico, taninos, carboidratos, diversos princípios amargos: (capilarina) e pequena quantidade de óleo essencial.

Interações Medicamentosas e Associações Ocorre sinergismo quando é utilizada com hera terrestre, hissopo e verônica. E como expectorante pode ser associada à polígala, ao marroio e ao alcaçuz.



AZEDINHA

Família

Oxalidaceae

Nome Científico

Oxalis latifolia Kunt

Sinonímia Vulgar

Azedinha, trevo, azedinha-de-folha-cortada.

Sinonímia Científica

Oxalis latifolia H. B. & Kunth; *Oxalis latifolia* Trel.



AZEDINHA

Descrição Planta perene, originária do México, e invasora de culturas em Minas Gerais. Herbácea, ereta, de raiz tuberosa e carnosa, com caule de bulbo escamoso. Folhas compostas, trifoliadas, com folíolo reniforme e bilobado, glabros, sustentados por um longo pecíolo. Flores róseas, reunidas em umbela e sustentadas por um escapo de 30 cm de comprimento.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Decocto ou cataplasma.

Emprego Diurética, refrescante, febrífuga, é usada em casos de cistites, colites e abscesso. Esmagadas e aplicadas sobre tumores, acalmam a dor. As folhas mastigadas, ou em decocto, são usadas como vulnerárias nas feridas bucais. Para cataplasma, misturar folhas frescas cozidas a uma colher de azeite puríssimo e aplicar com um pedaço de gaze em abscessos. O uso como diurético preconiza 50 g de azedinhas frescas fervidas por 5 minutos em 1 litro de água; tomar 3 a 4 cálices ao dia. Para febre, decocto de 60 g de raízes e folhas em 1 litro de água, pode-se adoçar levemente, tomar cálices até abaixar a febre.

Constituição Química Planta com um componente ácido que dá origem ao oxalato de cálcio.

Toxicidade A toxicidade da azedinha acontece se houver grande ingestão de suas folhas. A toxicidade do gênero *Oxalis* é devida à presença do oxalato de potássio que origina o ácido oxálico. Ele, em sua forma solúvel, irrita as mucosas do estômago e do intestino quando ingerido, e a irritação provoca vômitos, diarreia e dor abdominal. Esse ácido, no trato gastrintestinal, é rapidamente absorvido e

reage com o cálcio sérico, formando oxalato de cálcio insolúvel. Essa reação leva a duas graves consequências: hipocalcemia e depósito de oxalato de cálcio nos rins. Sua deposição constante leva à obstrução dos canais, causando lesões renais.

Observação As espécies de azedinha, *Oxalis acetosella* L. e *Oxalis corniculata* L. têm as mesmas aplicações e toxicidade.



AZEITONA-DO-MATO

Família

Lamiaceae

Nome Científico

Vitex polygama Cham.

Sinonímia Vulgar

Maria-preta, maria-pretinha, tarumã, cinco-chagas.



ZEITONA-DO-MATO

Descrição Arbusto de indumento avermelhado, viloso-hirsuto. Ramos alternos, dilatados, com cicatrizes nos nós. Folhas compostas pentadigitadas ou ternadas. Folíolos oblongos ou elípticos, curtamente acuminados, peninérveos, reticulados, verdes por cima. Às vezes, glabros por baixo, sendo o mediano maior e com pecíolo mais desenvolvido, os laterais são menores e curtamente pedicelados. Os maiores são tenros e, quando velhos, lisos por cima e na parte inferior com pelos longos. Flores geralmente hermafroditas. Inflorescência compacta, com brácteas lanceoladas, maiores as de cima e menores as de baixo. Cálices de 6 a 9 cm de comprimento, sésseis, ciatomorfos, com lacínias triangulares. Corola resistente, palidamente violácea, com o tubo amarelado por fora e inteiramente glabro, uniforme, lacínias agudas, tomentosas dos 2 lados, as superiores distintas e arqueadas, de limbo bilabiado, lábio superior curto, bífido e inferior saliente. Lobo médio grande, orbicular, emarginado, lobos laterais elípticos, obtusos. Ovário tomentoso, estilete viloso na base, na parte superior bífido e pubescente. Fruto drupa, com cálice estrelado, glabro e em forma de cereja. Inicialmente pubescente, tornando-se glabro depois e de cor negro-azulado.

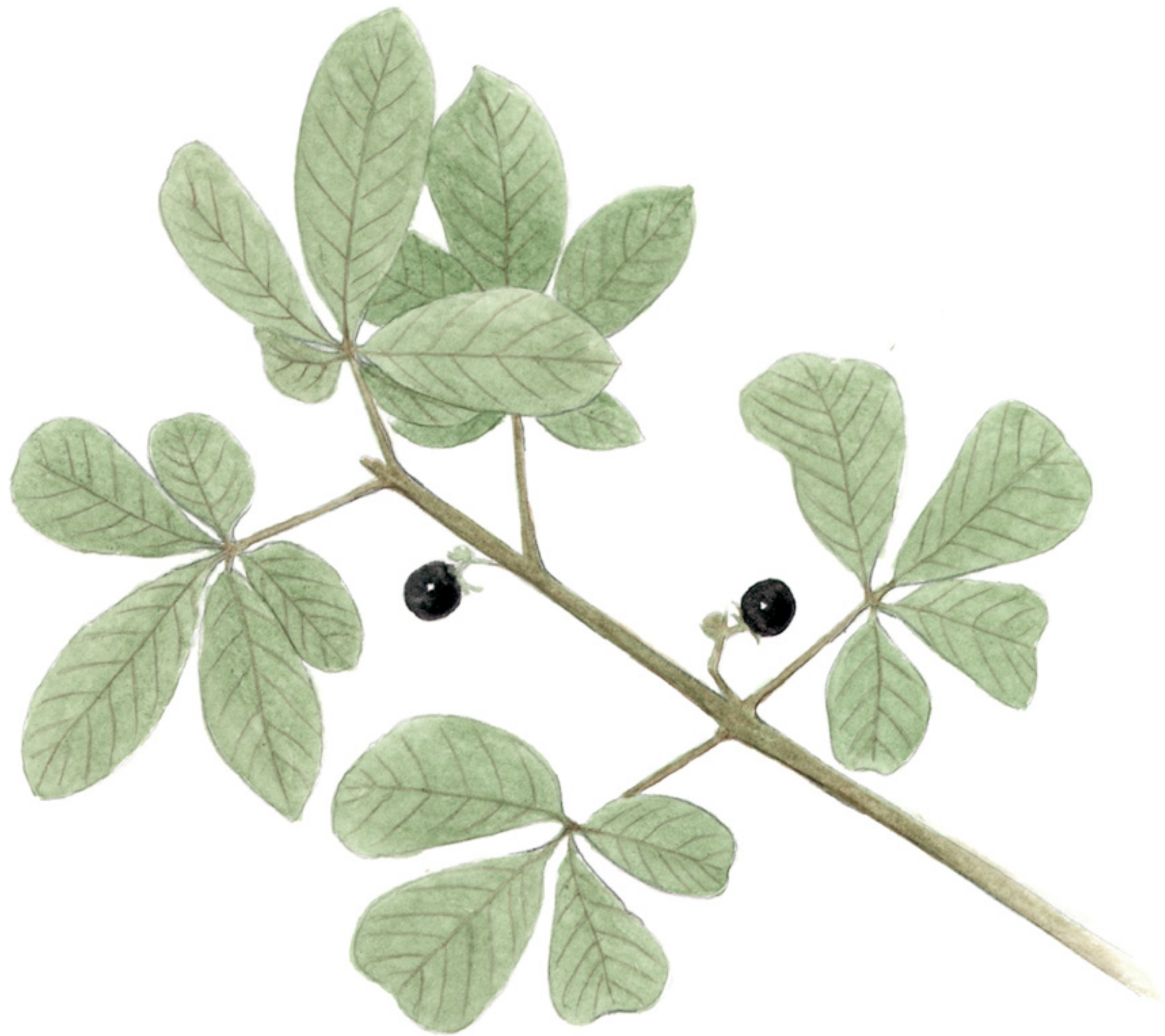
Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Depurativo, antirreumático. Usar 3 folíolos maiores em 300 ml de água. Tomar uma xícara 2 a 3 vezes ao dia.

O efeito in vitro do extrato rico em flavonoides da planta atuou contra o vírus de herpes simples tipo I resistente ao aciclovir.

Constituição Química Óleos essenciais sesquiterpenos (δ -cadineno e β -cariofileno), óleos essenciais monoterpenos (α -pineno, β -pineno) e flavonoides (nos frutos e nas folhas).



BABOSA

Família

Asphodelaceae (Liliaceae)

Nome Científico

Aloë spicata L. f.[1]; *Aloë succotrina* Lam.[2]; *Aloë vera* (L.) Burn. f.[3]

Sinonímia Vulgar

Áloe.

Sinonímia Científica

Aloë arborescens Mill.[2]; *Aloë vera* L.[3]; *Aloë vera* Mill.[3]; *Aloë perfoliata* var. *vera* L.[3]; *Aloë barbadensis* Mill.[3]



BABOSA

Descrição Plantas crassas, de caule lenhoso, folhas alternas, espessas, lisas, ou com espinhos, inteiras. Flores hermafroditas, regulares, estão dispostas em cachos, simples ou compostas, terminais ou axilares. Perianto colorido, com 6 divisões reunidas em tubo na base. Seis estames, hipóginos e livres. Ovário livre, 3 lojas e multiovulado. Estilete longo com 3 lobos estigmatíferos. Fruto cápsula pequena loculicida. Sementes albuminosas.

Alöe spicata L.: Folhas planas, carnosas, até 1 m de comprimento, verdes, com manchas brancas, denteadas e com espinhos bem espaçados. Flores branco-esverdeadas, campanuladas, dispostas em espigas sobre haste central. América do Sul.

Alöe succotrina Lam.: Folhas ensiformes, densas, lanceoladas, ápice voltado para dentro ou lirado, verde-claras ou amareladas, serreadas e com margens brancacentas e guarnecidas de dentes triangulares. Flores amarelas ou vermelho-vivas na base e esverdeadas em cima, dispostas sobre haste central, em cachos não ramificados. América do Sul.

Alöe vera L.: Folhas ensiformes, densas, lanceoladas, estreitando-se na base para o ápice, côncavas na parte superior e convexas na inferior, glauca-esverdeadas, sinuoso-serreadas, carnosas, manchadas. Flores amarelo-esverdeadas, tubulosas, pendentes com pedicelos menores que as brácteas, dispostas em ráculos terminais, densos, sobre haste simples ou ramificada, de 60 a 100 cm de comprimento. Fruto ovoide oblongo, trígono com sementes aladas. Originária das ilhas de Sucotrina e das costas do mar Vermelho.

Partes Usadas Sumo gomoso dessecado ou folhas.

Formas Farmacêuticas Pó, pílulas e sumo (gel fresco e mucilaginoso) ou tintura.

Emprego Purgativo (0,10 a 0,50 g do pó), como estomáquico, digestivo, usa-se a tintura de 5 a 10 gotas. O sumo das folhas é usado como cicatrizante, nas doenças

de pele e do couro cabeludo, nas parasitoses externas (piolho e carrapato) e, ainda, é utilizado nas hemorroidas e infestações por oxiúros. Usada para fazer nascer cabelo. A emodina tem propriedades laxativas. As aloínas A e B são drásticas. Para cicatrização, retirar o sumo das folhas e passar diretamente no local.

Constituição Química Glicosídeos antraquinônicos, aloínas A e B, além de emodina e aloinose. Possui uma quantidade considerável de ácido crisofânico, enzimas (como a celulase, carboxipeptidase, catalase, amilase e oxidase). Aminoácidos vitaminas B, C e E, sais minerais (Ca, K, Na, Mn, Al), além de grande quantidade de ingredientes inativos, incluindo resinas e óleos voláteis.

Contraindicação É contraindicado seu uso interno durante a gravidez e aleitamento. Também não é recomendado para paciente com varizes, hemorroidas, afecções renais e enterocolites, apendicites, prostatites, cistites, disenterias, diverticulites e menstruações profusas. O gel não deve ser usado externamente em cortes cirúrgicos por aumentar o tempo de cicatrização.

Toxicidade Em se usando altas doses, podem ocorrer desmaios, hipotensão, hipotermia e nefrite, e pode ser abortiva. 8 g do pó podem levar à morte. Foi citado um caso em que o uso prolongado interno deixou as unhas do pé roxas. O sumo das folhas pode aumentar o risco de hepatite.

Interações Medicamentosas e Associações O uso da babosa é incompatível com os heterosídeos cardiotônicos e corticosteroides. É incompatível com tanino, ferro, mentol, timol e fenol. Pode ser associado à cáscara sagrada como laxativo. Aumenta a perda de potássio se usada concomitantemente à digoxina. Potencializa o efeito hipoglicemiante da glibenclamida, mas seu uso só poderá ser indicado sob supervisão profissional.

Observação As espécies de babosa mencionadas têm sido usadas de maneira semelhante (como sucedânea), embora a oficial seja a espécie *Alöe vera* L.



BALÃOZINHO¹

Família

Solanaceae

Nome Científico

Nicandra physaloides (L.) Gaertner

Sinonímia Vulgar

Balãozinho, bixiga, bucho-de-rã, joá, juá-de-capote, lanterna-da-china, maçã-do-peru, mata-fome, quintilho.

Sinonímia Científica

Nicandra physaloides Gaertner



BALÃOZINHO¹

Descrição Erva anual, herbácea, ereta, muito ramificada, podendo atingir até 1,30 m de altura. Folhas pecioladas, simples, penínérvea, de cor verde-clara, glabras em ambas as faces, As folhas inferiores são lobadas e as superiores sublanceoladas de ápice agudo e base atenuada, as margens são denteadas e o pecíolo é glabro. As flores são isoladas, axilares, pedunculadas e pendentes. O cálice é pentâmero, verde-claro, membranáceo e vai se desenvolvendo à medida que o fruto também cresce, cobrindo o mesmo totalmente. A corola é campanulada de cor azul, glabra e com 5 pétalas. Os estames são epipétalos, em número de 5, e têm a antera de deiscência rimosa. O ovário é súpero e formado de 3 a 5 carpelos unidos com estilete simples. O fruto é uma baga com muitas sementes e que só se rompe quando o vegetal está perto de secar. Sua reprodução é por sementes e cresce em locais com solo argiloso e úmido.



BALÃOZINHO²

Família

Sapindaceae

Nome Científico

Cardiospermum halicacabum L.

Sinonímia Vulgar

Cipó-timbó-falso, chumbinho.



BALÃOZINHO²

Descrição Planta anual, que ocorre nas regiões tropicais e subtropicais do mundo. Trepadeira de caule volúvel podendo atingir 4 m de comprimento. Folhas alternas, compostas trifoliadas com folíolos profundamente trilobados, lobos fortes e irregularmente dentados membranáceos, verdes, com pelos esparsos na parte superior e glabros na parte inferior. Inflorescência axilar, longamente pedunculada, formada por 3 a 5 flores, com duas pequenas brácteas e 2 gavinhas, ambas pilosas. Flores diclamídeas, andróginas e brancas. Cálice de 4 sépalas, sendo 2 pequenas e 2 grandes. Corola de 4 pétalas brancas. Estames 8, com filetes unidos na base. Ovário súpero trilocular com 1 óvulo por loja. Fruto cápsula inflada, cor de palha. Semente preta esférica, com uma mancha reniforme de coloração branca e um hilo dentro dessa mancha. Reproduz-se por sementes.

Emprego Pesquisas, no campo da homeopatia, vêm sendo realizadas com o uso tópico de *Cardiospermum halicacabum* no tratamento de dermatites.

Constituição Química Saponinas, fitosteroides, alcaloides e ácidos graxos de cadeia longa.



BÁLSAMO¹

Família

Crassulaceae

Nome Científico

Sedum dendroideum Moc & Sessé ex DC.

Sinonímia Vulgar

Sedum dendroideum DC.



BÁLSAMO¹

Descrição Planta herbácea suculenta, perene, ramificada, originária do México, atingindo até 60 cm de altura. Folhas carnosas, planas, obovais, recurvadas e rosuladas. Inflorescências terminais, cacho de cimeiras escorpioides, com flores amarelas e numerosas. Corola pentâmera e cálice amarelo-esverdeado. Multiplica-se por brotações laterais, e as folhas são capazes de enraizar. Prefere pleno sol e terra fértil.

Partes Usadas Folhas e talos em salada ou sumo.

Formas Farmacêuticas Sumo ou decocto.

Emprego Úlceras, dor de estômago, gastrite, como vulnerário, nas gangrenas, dores de ouvido e popularmente usado para curar epilepsias. Mastigar a folha ao natural todo dia e tomar um pouco de água.

Constituição Química Constituinte químico principal: mucilagens.



BÁLSAMO²

Família

Euphorbiaceae

Nome Científico

Jatropha multifida L.

Sinonímia Vulgar

Flor-de-coral, flor-de-sangue.

Sinonímia Científica

Adenoropium multifidum Pohl.; *Jatropha janiphe* Blanco



BÁLSAMO²

Descrição Árvore pequena de até 6 m de altura, às vezes arbustos não excedendo 3 m, lactescente (látex vermelho) e glabro. Folhas alternas, longo-pecioladas, profundamente palmatilobadas, com 7 a 11 divisões, que podem ser ainda subdividas. Cada fenda de 12 a 15 cm de comprimento por 2 cm de largura, de cor verde na face superior e glauca na inferior. Inflorescência cimeira múltipara de ciátios, com longo pedúnculo. Flores de cor de coral e fruto cápsula-ovoide, de cor amarela e de 2 a 3 cm de comprimento, contendo semente ariladas.

Parte Usada Látex do caule.

Formas Farmacêuticas Látex puro.

Emprego Popularmente é usado como vulnerário. O látex do caule é usado diretamente sobre a ferida como cicatrizante.

Constituição Química As folhas contêm saponinas tóxicas e a seiva contém cursina que é uma toxialbumina. As sementes têm 30% de óleo fixo.

Toxicidade Seu uso interno é desaconselhado por ser tóxico.



BÁLSAMO-DO-CAPARAÓ

Família

Crassulaceae

Nome Científico

Cotyledon orbiculata Forssk

Sinonímia Vulgar

Bálsamo-do-caparaó.

Sinonímia Científica

Cotyledon orbiculata L.



BÁLSAMO-DO-CAPARAÓ

Descrição Planta sublenhosa e suculenta, com principal e caule aéreo, herbáceo, atingindo até 1 metro de comprimento. Folhas pecioladas, peninérveas, simples, opostas, de cor glauca, em forma de concha, orbicular, de margens vermelhas, de 5 a 10 cm de comprimento por 3 a 7 cm de largura. Flores avermelhadas, pendentes, hipocrateriformes, enroladas para fora, com 5 pétalas, 5 sépalas, 10 estames e 5 carpelos. Ovário dialicarpelar, formando 4 frutos, protegido pelo cálice que seca e se enrola. Fruto com muitas sementes. Originária do Cabo de Boa Esperança e cultivada como ornamental.

Partes Usadas Folhas e talos em salada ou sumo.

Formas Farmacêuticas Sumo ou decocto.

Emprego Úlceras, dor de estômago, gastrite, males do fígado, como vulnerário, nas gangrenas, dores de ouvido e para curar epilepsias. Socar a folha e tirar o sumo beber como se fosse água.

Constituição Química Constituinte químico principal: mucilagem.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associada à tanchagem.



BANANEIRA

Família

Musaceae

Nome Científico

Musa paradisiaca L.



BANANEIRA

Descrição Planta herbácea, arborescente e muito estolonífera, pseudocaule formado pelas bainhas dos pecíolos superpostos, podendo atingir de 7 a 8 m de altura, e 30 cm de diâmetro. Folhas longo-pecioladas, lanceolato-oblongas, verdes com limbo podendo atingir 2,5 m de comprimento e 80 cm de largura, às vezes de cor roxa na página inferior; inflorescência pêndula de até 1,20 m de comprimento, e com as flores reunidas em espigas cobertas de brácteas sendo as masculinas subpersistentes; fruto cilíndrico anguloso recurvado, amarelado ou verde-amarelado de 16 a 30 cm de comprimento contendo poupa branco-amarelada ligeiramente adstringente. Existem diversas subespécies de bananeira sendo as mais conhecidas de Minas Gerais: banana-prata, banana-maçã, banana-ouro, banana-índia, banana-caturra, banana-são-tomé. Reproduz-se por estolões que saem da base do vegetal.

Partes Usadas Seiva do caule.

Formas Farmacêuticas Seiva ou fruto ao natural.

Emprego O fruto é um alimento consumido em todo o mundo e pode ser ingerido cru, assado, frito, seco, em compota, geleia ou pasta. É um alimento muito saudável e, por isso mesmo, recomendado tanto para crianças na mais tenra idade como também para adultos com diarreias crônicas e nefrites com retenção de urina. A seiva é empregada em casos de hemorróidas; uso tópico.

Constituição Química A seiva é muito rica em tanino. O fruto tem diversos açúcares (dextrose, glicose, levulose e sacarose) e, ainda, proteínas e ácidos graxos.

Toxicidade Planta não tóxica.



BARBA-DE-SÃO-PEDRO

Família

Polygalaceae

Nome Científico

Polygala paniculata L.

Sinonímia Vulgar

Iodex, arrozinho, mimozinho, bromil, alcaçuz-de-santa-catarina, ipeca-bastarda.

Sinonímia Científica

Polygala brasiliensis Mart.; *Polygala apendiculata* Vell.;
Polygala humilis Vell.; *Polygala paniculata* Forst.; *Polygala paniculata* Leconte ex Korr & Gray; *Polygala paniculata* var. *lecoptera* S. F. Blake



BARBA-DE-SÃO-PEDRO

Descrição Planta vivaz, herbácea, pouco ramificada, oriunda da América do Norte, com folhas escamiformes, lanceoladas, mais ou menos afastadas umas das outras, penínervas, glabras. Inflorescência em cachos terminais. Flores pequenas brancas, diperiantadas com 5 peças no cálice e 3 na corola, raramente 5, assimétricas, ligadas pela base dos filetes, sendo uma mais desenvolvida do que as outras duas. Estames em número de 8, dispostos em 2 feixes formando um tubo petaloide envolvendo o ovário, anteras uniloculares. Ovário súpero bicarpelar, bilocular, cada loja com um óvulo. Fruto seco, cápsula. Sementes com arilo.

Parte Usada Raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, pó ou melito.

Emprego Diurético, expectorante. Usada na hidropsia, pois determina o aumento da diurese. Sem ser popular, seu maior emprego é nas diversas afecções das vias respiratórias como expectorante. É usado também nas afecções da pele, uretra, útero, bexiga e rins. Como antiinflamatório. Decoto ou infuso preparado com 1 xícara das de café de raízes picadas para 1 litro de água; tomar de 3 a 5 xícaras de chá ao dia. Como expectorante usar o melito.

Constituição Química Salicilato de metila.

Contraindicação Na gravidez e amamentação, devido à presença de componentes irritantes.

Toxicidade Dose em excesso pode provocar vômito podendo exacerbar inflamação preexistente no trato gastrintestinal.



BARBASCO

Família

Serophulariaceae (Buddlejaceae)

Nome Científico

Buddleja brasiliensis Jack

Sinonímia Vulgar

Chinelo-de-velho, calção-de-velho, verbasco.

Sinonímia Científica

Buddleja australis Vell.; *Buddleja albotomentosa* R. E. e Fr.;
Buddleja neemda Link; *Buddleja brasiliensis* Jack ex Spreng



BARBASCO

Descrição Arbusto de caule quadrangular, tomentoso, amarelo-ferrugíneo ou avermelhado, de 80 a 150 cm de altura. Ramos eretos, medulosos, alado-subtetrágomos. Folhas sésseis, grandes, irregulares, denteadas, lanceoladas, de base inteira ora estreita, ora cuneada, tendo as partes da base mais ou menos salientes, arredondadas, opostas, amplexicaules, decurrentes, crenadas rugosas, albo-lanoso-pubescentes e salientes nervadas na face dorsal, subpubescentes na face ventral. Limbo muito mole, levemente membranáceo, penínérveo. Inflorescência cimosa, sendo as cimeiras capituliformes, 3 a 4 floras. Flores pequenas, campanuladas com 4 divisões e 4 estames, lobos oblongos e obtusos, tomentosos por fora. Cálice tubuloso, tetráfido, levemente tomentoso, sendo os lobos lanceolados e obtusos. Estames epipétalos, alternos com as pétalas, inseridos na corola, anteras subssésseis, estilete glabro, com ápice estigmatoso, ovário súpero e pluriovulado. Fruto cápsula oblonga, glabra, bivalva, membranácea, íntegra. Sementes numerosas.

Partes Usadas Folhas ou raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Popularmente é empregado como emoliente, diaforético, e nas afecções das vias respiratórias. Sob a forma de infuso ou decocto, as folhas ou raízes são usadas nas gripes, bronquites e pneumonias, principalmente como emoliente. O decocto é usado externamente em banhos, contra inflamações dérmicas, artrites e inchações. Para dor de dente, ferver as folhas com água durante 10 minutos e bochechar. Para dor de garganta e feridas usar o decocto. Para pés inchados, coloca-se o pé acometido de molho no chá. Foram comprovadas atividades antifúngicas e antibacterianas moderadas contra *Mycobacterium tuberculosis* e *Staphylococcus aureus*.

Constituição Química Buddjelina A e B, diterpenos, ésteres de 2 [4'-hidroxifenil]-etanol, verbascosídeo, triglicosídeos, flavonoides, saponinas triterpênicas e alcaloides piperidínicos.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associado ao assa-peixe na bronquite. Para pneumonia associar ao camará, à erva-cidreira e ao assa-peixe.

Toxicidade Não há referências na literatura especializada.



BARBATIMÃO

Família

Leguminosae - Mimosoideae

Nome Científico

Stryphnodendron adstringens (Mart.) Coville

Sinonímia Vulgar

Barbatimão-verdadeiro, casca-da-virgindade, barba-de-timan, ibatimó, uabatimó, chorãozinho-roxo, casca-da-mocidade, verna.

Sinonímia Científica

Accacia adstringens Mart.; *Stryphnodredum barbatiman* Mart.; *Stryphnodendron adstringens* Coville; *Mimosa barbadetiman* Vell.; *Mimosa virginalis* Arruda



BARBATIMÃO

Descrição Arbusto regular ou árvore pequena, de caule e ramos tortuosos, revestidos de pouca folhagem. Casca rugosa, folhas bipinadas, 5 a 8 jugos, folíolos com 6 a 8 jugos, ovados, pequenos, às vezes glabros. Flores avermelhadas ou quase brancas, pequenas, dispostas em espigas cilíndricas, axilares, densas. Cálice com 5 dentes, ciliado, corola gamopétala, formada de 5 pétalas de 3 mm de comprimento, glabra ou com ápice parcialmente piloso. Estames em número duplo ao das peças da corola e de comprimento duplo aos mesmos, anteras com glândulas no ápice. Gineceu com um só carpelo e um ovário multiovulado. Fruto vagem, séssil, grossa e carnosa, linear-oblonga, comprimida, de 10 cm de comprimento. Sementes oblongas, pardacentas.

Partes Usadas Casca do caule ou ramos.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Adstringente, antidiarreico, antidisentérico, antileucorreico, antiescorbútico, hemostático, cicatrizante e nas hemorroidas. Na indústria do couro, esta espécie ocupa um lugar de destaque por causa da riqueza em taninos de sua casca. O infuso e o decocto são empregados a 2,5%, na quantidade máxima de 200 ml ao dia, e o extrato fluido, 5 ml ao dia. Para uso oral, ferver uma colher de sopa da casca do caule em 1 litro de água; para banho ou uso externo, 2 colheres de sopa em 1 litro d'água. O decocto no enxágue da cabeça faz nascer cabelo.

Constituição Química Taninos de três espécies. Taninos condensados, substâncias monoméricas (flavan-3-óis) e proantocianidinas (entre elas 8 tipos de prodelfinidinas e 8 prorobinetinidinas), substâncias tânicas (20 a 30%), taninos (18 a 27%), alcaloides não determinados, amido, matérias resinosas, mucilaginosas, matéria corante vermelha, ácido tânico, estrifino, açúcar solúvel, flavonoides, flocafenos.

Contraindicação O uso interno em doses mais elevadas pode causar prisão de ventre. Extratos de sementes, em gestantes, têm potencial abortivo.



BARDANA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Arctium lappa L.

Sinonímia Vulgar

Bardana-maior, labação, pega-pega, carrapicho-de-carneiro, orelha-de-gigante, bardana-maior, carrapicho-grande.

Sinonímia Científica

Lappa major Gaertn.; *Lappa officinalis* Hill.; *Arctium lappa* Willd.; *Arctium lappa* Kalm.



BARDANA

Descrição Erva bienal, robusta, ereta, ramosa, pubescente de 1,5 a 2 m de altura, nativa da Europa e cultivada em Minas Gerais. Raiz tuberosa, comestível. As folhas são alternas, pecioladas, as inferiores cordiformes e as superiores ovais, rosuladas e muito largas no primeiro ano, na página superior da planta são verdes e na página inferior branco-tomentosas. As folhas caulinares são menores de 5 a 17 cm de comprimento. Flores iguais, hermafroditas, purpúreas, violáceas, em capítulos grandes e de muitas flores, reunidos em corimbos na extremidade do caule e dos ramos, protegidos por brácteas, transformados em falsos espinhos. Corola regular, limbo cilíndrico, pentafendido. Invólucro globoso, escamas internas lanceoladas e as outras pequenas e apendiculadas. Receptáculo, plano, denso-cerdo, anteras sagitadas na base, filamentos livres, estilete linear. Fruto aquênio oblongo, quase trígono, com papilos de pêlos muito caducos. Inflorescência em corimbos terminais e axilares, de capítulos globosos, com flores róseo-purpúreas, protegidos por brácteas, transformados em falsos espinhos. Os frutos são aquênios, castanho-avermelhados. As sementes possuem sabor adocicado.

Partes Usadas Raízes ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido ou pó.

Emprego A principal indicação terapêutica da bardana é no tratamento de doenças crônicas da pele por conter substâncias antimicóticas e antibióticas. Depurativo, é usada na furunculose e acne, como diaforético e diurético, em cólicas renais e como eliminador de ácido úrico, reumatismo, diabete, furunculose, queda de cabelo e antídoto contra envenenamento por mercúrio. Tem sido usada também como contraveneno em picadas de aranha. O decocto é preparado com 1 colher (de sopa) de raízes fatiadas em 1 xícara (chá) de água em fervura por 5 minutos. Tintura 1: 10 em álcool a 45%, tomar de 8 a 12 ml 3 vezes ao dia. Estudos iniciais relatam o tratamento do HIV com bardana.

Constituição Química Glicosídeos de antraquinona, poliacetilenos (polienos e poliinos), fitohemaglutinina, sais potássicos, traços de essência, ácidos alcoólicos derivados de enxofre (dependendo do terreno onde foi plantado). Ácidos (acético, cafeico, clorogênico, linoleico, esteárico), aldeídos (acetaldeído, benzaldeídos), carboidratos (inulina 45 a 50% da planta, mucilagem, pectina, açúcares), poliacetilenos (tricadieno, acetato de arctinona), polifenóis, lapatina, taninos, lactonas sesquiterpênicas, fitoesterol (sitosterol), flavonoides (quercetina), vitaminas do grupo B, vitamina A, cálcio, potássio, magnésio.

Interações Medicamentosas e Associações Insulina e agentes antidiabéticos orais, por sua ação hipoglicemiante. Pode potencializar o efeito dos diuréticos e uma descompensação da pressão arterial. Em camundongos, a planta diminuiu a hepatotoxicidade do paracetamol.

Contraindicação Não é recomendado para crianças. E, durante a gravidez, devido aos efeitos dos glicosídeos de antraquinonas, tendo em vista a possibilidade de estimulação uterina. Possível interferência na terapia hiperglicêmica. Pessoas com feridas abertas e com diarreia.

Toxicidade Houve apenas um relato de intoxicação em humanos. Na superdosagem, pode haver dilatação da pupila e boca seca. Dermatite de contato. Devem ser evitadas altas doses por períodos prolongados devido ao alto conteúdo de tanino.



BASILICÃO

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Ocimum basilicum L.

Sinonímia Vulgar

Manjeriçã-grande, manjeriçã-de-folha-larga, alfavaca-cheirosa, alfavaca.



BASILICÃO

Descrição Subarbusto aromático, ereto, muito ramificado, de 30 a 50 cm de altura, introduzido no Brasil pela colônia italiana. Folhas simples ovais membráceas, de margem ondulada, nervuras salientes, de 4 a 7 cm de comprimento. Flores brancas reunidas em cimeiras contraídas, com corola bilabiada, estames didínamos e estilete ginobásico. Fruto nuculâneo. Sementes negras. É planta melífera e condimentar e seu óleo essencial é insetífugo. Multiplica-se por sementes e estacas, em solo rico úmido e quente.

Partes Usadas Raízes ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Resfriados, estimulante, doença de chagas e dores do corpo. A planta seca em decocção, durante 3 minutos na dose 50 g/l atua em gargarejo na inflamação da garganta; 30 g/l é estimulante e sudorífera, atuando contra a inflamação intestinal, vômitos e espasmos. Contra cefaleia. Tônico nervoso, é indicado em caso de estafa mental e intelectual. Infuso 20 g/l, beber 3 xícaras ao dia.

Constituição Química Estragol, lineol, linalol, alcanfor, eugenol, cineol, pineno, timol. Contém também taninos, saponinas, flavonoides, ácido cafeico e esculosídeo.

Interações Medicamentosas e Associações Pode intensificar os efeitos hipoglicemiantes. Evitar o uso concomitante.

Contraindicação Não é recomendado na gestação, porém é utilizado na lactação e fissura dos mamilos.

Toxicidade É hepatocarcinogênico, em animais, efeito atribuído ao estragol e seus derivados ao DNA do fígado. O estragol tem sido relatado como tendo efeito mutagênico. O uso prolongado não é considerado seguro, mas a planta é considerada segura como tempero.



BATATA-DE-PURGA

Família

Convolvulaceae

Nome Científico

Operculina macrocarpa (L.) Urb.

Sinonímia Vulgar

Batata-de-purga, jalapa-do-brasil.

Sinonímia Científica

Operculina tupethum (L.) A. Silva Manso; *Operculina macrocarpa* Urb.; *Ipomoea purga* Benth.; *Ipomoea purga* H.; *Convolvulus macrocarpus* L.



BATATA-DE-PURGA

Descrição Trepadeira, de raízes tuberosas, grandes, que são amiláceas e lactescentes. A liana atinge vários metros de altura e tem aspecto muito ornamental. Folhas pseudocompostas, digitadas, com vários folíolos elípticos ou lanceolados, de margem lisa e ápice acuminado, as nervuras dos folíolos são peninérveas e os folíolos são glabros. Inflorescência isolada ou agrupada de poucas flores brancas. Corola afunilada e brancas, com 5 estames e dois carpelos. Ovário súpero de 4 lóculos, cujo cálice persistente permanece seco e conserva no fruto por muito tempo, sendo muito ornamental. Cada fruto originado de 2 carpelos pode ter de 2 a 4 lojas contendo no total de 1 a 4 sementes grandes, duras e pretas com aspecto aveludado.

Parte Usada Raízes tuberosas.

Formas Farmacêuticas Maceração, resina, pílulas, alcoolatura, infuso, decocto ou xarope.

Emprego Popularmente as raízes tuberosas, raladas em água, são ingeridas em jejum como depurativo. O amido da batata é purgativo ou laxante, dependendo da dose, e age também como anti-helmíntico. Pó purgativo: de 1 a 2 g, já como laxante usar a décima parte. Podemos usar a dosagem de uma só vez ou fracionada. São usadas como purgativas, anti-helmínticas, depurativas do sangue e na leucorreia, e também nas úlceras.

Constituição Química Amido, resina, convolvulina e jalapina; saponinas: ipiranol, citosterina, escopoletina, hidroxycumarina, amido, oxalato de cálcio; ácidos: palmítico e esteárico; matérias mucilaginosas; ácido tíglico, exogênio e isovalérico; ácidos graxos superiores; esteróis.

Contraindicação Inflamações intestinais (apendicite crônica), problemas estomacais, gestantes e lactantes. Evitar o uso prolongado, nunca acima da dose recomendada.

Toxicidade Doses elevadas podem causar cólicas fortes e diarreia intensa com risco de rápida desidratação. Em doses elevadas, podem causar irritação do intestino grosso, vômitos, dores e perda de sangue pelas fezes. Cerca de 4-5 g da resina podem provocar a morte.



BATATA-DOCE

Família

Convolvulaceae

Nome Científico

Ipomoea batatas Poir.

Sinonímia Vulgar

Batata-da-terra.

Sinonímia Científica

Ipomoea batatas Lam.; *Ipomoea batatas* (L.) Lam.; *Ipomoea setigera* Poir.; *Ipomoea fastigiata* Roxb. Sweet.; *Batatas edulis* Choisy; *Convolvulus batatas* L.; *Convolvulus cordatifolius* Vell.; *Convolvulus edulis* Thunb.; *Convolvulus esculentus* Salisb.; *Convolvulus tuberosus* Vell.; *Convolvulus candicans* Sol. ex Sims; *Convolvulus denticulatus* Ders



BATATA-DOCE

Descrição Planta herbácea rastejante, nativa do México e do Peru, cujas raízes de sabor doce são muito ricas em amido, variando de cor, desde o branco ao amarelo chegando até o vermelho. Caule aéreo estolonífero. Folhas simples, membranáceas, lobadas, pedalinérveas, de base quase reta. Flores afuniladas, de cor lilás e fundo purpúreo, com 5 estames e 2 carpelos. Ovário súpero com 4 lóculos. Os tubérculos estão presentes depois que a ramagem floresce. Não é muito exigente em relação a solos, porém vegeta melhor e produz mais raízes em solos arenosos, soltos, drenados e de média acidez. Não resiste bem a temperaturas abaixo de 10°C.

Parte Usada Raízes.

Formas Farmacêuticas Decocto ou raiz cozida.

Emprego Popularmente o uso da raiz como alimento é indicado contra sintomas de avitaminose A, ou seja, pele áspera, cegueira noturna, úlcera na córnea e atraso do crescimento. Externamente, o infuso e o decocto das folhas são usados em gargarejos para combater inflamações da boca e da garganta na concentração de 30 g/l. Seus tubérculos também têm atividade antimicrobiana e antifúngica, sendo ativa contra *Candida albicans*, causadora de corrimentos vaginais e doenças da boca.

Constituição Química Amidos, flavonoides livres e glicosilados, derivados do ácido cafeico, glicosídeos do glicol e borneol, e triterpenoides e β caroteno, principalmente nas de polpa amarela.

Toxicidade A planta, quando infectada por fungos, pode causar intoxicação, produzindo sensação de falta de ar, perda de apetite e vômitos.



BATE-CAIXA

Família

Rubiaceae

Nome Científico

Palicourea rigida H. B. & Kunth

Sinonímia Vulgar

Dom-bernardo, douradinha-do-campo, congonha-dourada, gritadeira.

Sinonímia Científica

Palicourea rigida Kunth; *Psychotria rigida* Bredem. ex Roem. & Schult.



BATE-CAIXA

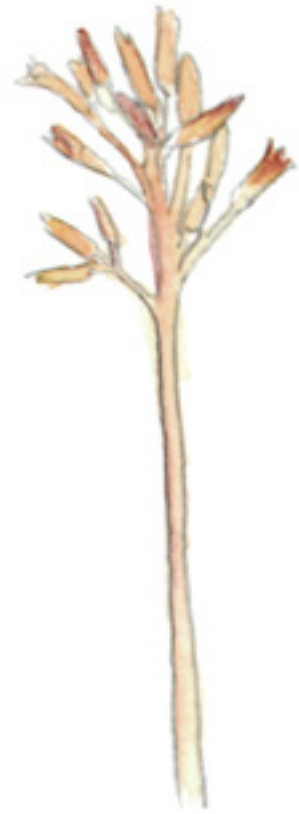
Descrição Arbusto de ramos quadrangulares e lisos, com estípulas bífidas. As folhas são curto-pecioladas, verticiladas, com 4 folhas em cada nó, ovado-oblongas ou lanceoladas, atenuadas nos dois lados, com até 25 cm de comprimento ou 10 de largura, rígidas, glabras na página superior e hirto-pubescentes na parte inferior. Flores alaranjadas dispostas em panículas piramidais, terminais. Fruto drupa contendo sementes sulcadas. Planta característica do cerrado, onde é muito abundante.

Partes Usadas Folhas, raízes ou casca do caule.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego O decocto das folhas e raízes é usado nas doenças de pele como antissifilítico e vulnerário. As folhas e casca do caule, em decocção, são usadas como depurativas, nas doenças renais e nas inflamações do ovário. 1 xícara de chá do material seco e picado para 1 litro d'água, tomar de 3 a 4 xícaras de chá ao dia.

Constituintes químicos Das folhas foram isolados alcaloides; ácidos orgânicos: ácido miotônico (tóxico), ácido palicúrico; taninos e princípios amargos.



BEIJO-BRANCO

Família

Balsaminaceae

Nome Científico

Impatiens balsamina L.

Sinonímia Vulgar

Beijinho, impaciência, não-me-toques, bálsamo-de-jardim, beijo-de-frade.

Sinonímia Científica

Balsamina hortensis DC.; *Impatiens balsamina* Hort.



BEIJO-BRANCO

Descrição Planta herbácea, anual, ereta, de consistência suculenta, originária da Ásia Tropical. Caule nodoso, avermelhado, com muitas folhas lanceoladas, serrada, de ápice acuminado. As flores se dispõem ao longo do caule, podendo ser simples ou dobradas, de várias tonalidades, desde o branco até o fúcsia. Fruto cápsula, que se rompe ao simples toque, expulsando as sementes a longas distâncias. Sementes globosas de cor verde-oliva. Multiplica-se por sementes. Muito ornamental.

Parte Usada Flores.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Junto com a rosa branca ou isolado é usado nas doenças do aparelho genital feminino. Infecção uterina, excesso de menstruação.

Constituição Química Taninos e resina.



BELDROEGA

Família

Portulacaceae

Nome Científico

Portulaca oleracea L.

Sinonímia Vulgar

Onze horas.

Sinonímia Científica

Portulaca marginata Kunth; *Portulaca oleracea* var. *opposita* Poelln; *Portulaca retusa* Engelm.; *Portulaca oleracea* subsp. *sylvestris* (DC.) Thell.



BELDROEGA

Descrição Erva de caule curto, cilíndrico e glabro. Arroxeadado e suculento, rastejante e ramificado. Folhas pequenas, sésseis, obovadas, alternas, suculentas e planas. Flores amarelas que se abrem após as onze horas da manhã e, por isso, o nome popular. Flores pequenas, axilares ou terminais com 10 estames. Fruto cápsula obovoide. Contém numerosas sementes negras. Planta invasora. Multiplica-se por sementes.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Salada, decocto, cataplasma, extrato aquoso ou extrato hidro-alcoólico.

Emprego Afecções do fígado, rins, é antiescorbútica, cicatrizante e diurética. O decocto é usado em queimaduras. A mucilagem é muito empregada para acalmar aquecimentos internos, principalmente para curar rins e bexiga e, externamente, é usado para curar feridas. Cientificamente foi provado que o extrato aquoso de *P. oleracea* apresentou atividade relaxante de músculo esquelético devido à grande quantidade de íons potássio. A planta é usada em saladas sem restrição de quantidade. E o decocto é preparado com 30 g por litro. Apresentou atividade hipoglicemiante aumentando a concentração de insulina em ratos com *diabetes melitus*. O extrato hidroalcoólico apresentou atividade analgésica.

Constituição Química 95% de seu peso é água, mas contém uma grande quantidade de mucilagem. Proteínas, carboidratos, fósforo, cálcio, manganês, ferro, potássio e cobre. Diferentes ácidos graxos, presença de antioxidantes α -tocoferol, ácido ascórbico, β -caroteno, glutatona. Apresenta um glicosídeo monoterpênico (portolosídeo A), triterpenos, esteroides.

Interações Medicamentosas e Associações Com o broto de goiaba é usada nas diarreias graves e com a casca de caule do caju é usada em forma de banho de assento para tratar hemorroidas.



BERINJELA

Família

Solanaceae

Nome Científico

Solanum melongena L.

Sinonímia Vulgar

Brinjela, berenges, macumba, tongu.

Sinonímia Científica

Solanum melongena Wall.



BERINJELA

Descrição Planta herbácea, originária da Índia, anual, de talos ramosos, espinescente que pode alcançar 1 metro de altura. Folhas pecioladas, alternas, cordatas, inteiras de cor verde-escura na face superior da folha, e mais clara e aveludada na face inferior. Suas flores solitárias de cálice espinescentes, pedunculadas de cor violeta, são distribuídas nas axilas foliares ao longo dos ramos. Os frutos grandes são bagas de cor violeta quando maduros e comestíveis. Suas sementes são brancas ou esverdeadas e muito numerosas. Sua reprodução é feita por semente, em solos areno-argilosos, bem drenados, e de média e fraca acidez.

Partes Usadas Folhas ou frutos.

Formas Farmacêuticas Decocto, sumo ou cataplasma.

Emprego As folhas e fruto, em decocção, são usados como colagogo. O sumo do fruto é usado nas nefrites, cistites e como diurético. As folhas são usadas como cataplasmas, nas queimaduras, abscesso, herpes e furúnculos. O sumo do fruto é usado para extirpar verrugas. Popularmente a berinjela vem sendo usada para baixar o colesterol e combater gota. Usar 1 berinjela de tamanho médio, descascar e fazer o decocto em ½ litro de água. Deixar esfriar e beber aos copos durante o dia. O sumo é feito na mesma proporção, batido no liquidificador e coado.

Constituição Química Pró-vitamina A, vitaminas B1, B2, B5, C e niacina. Alcaloides como a solanina, proteínas, gorduras e hidratos de carbono. Minerais (Ca, P, Fe, K, e Mg).

Toxicidade A berinjela deve ser consumida sem a casca devido à presença de solanina.



BERTALHA

Família

Basellaceae

Nome Científico

Basella rubra L.

Sinonímia Vulgar

Ora-pro-nobis-sem-espinho, espinafre-indiano.

Sinonímia Científica

Basella alba L.



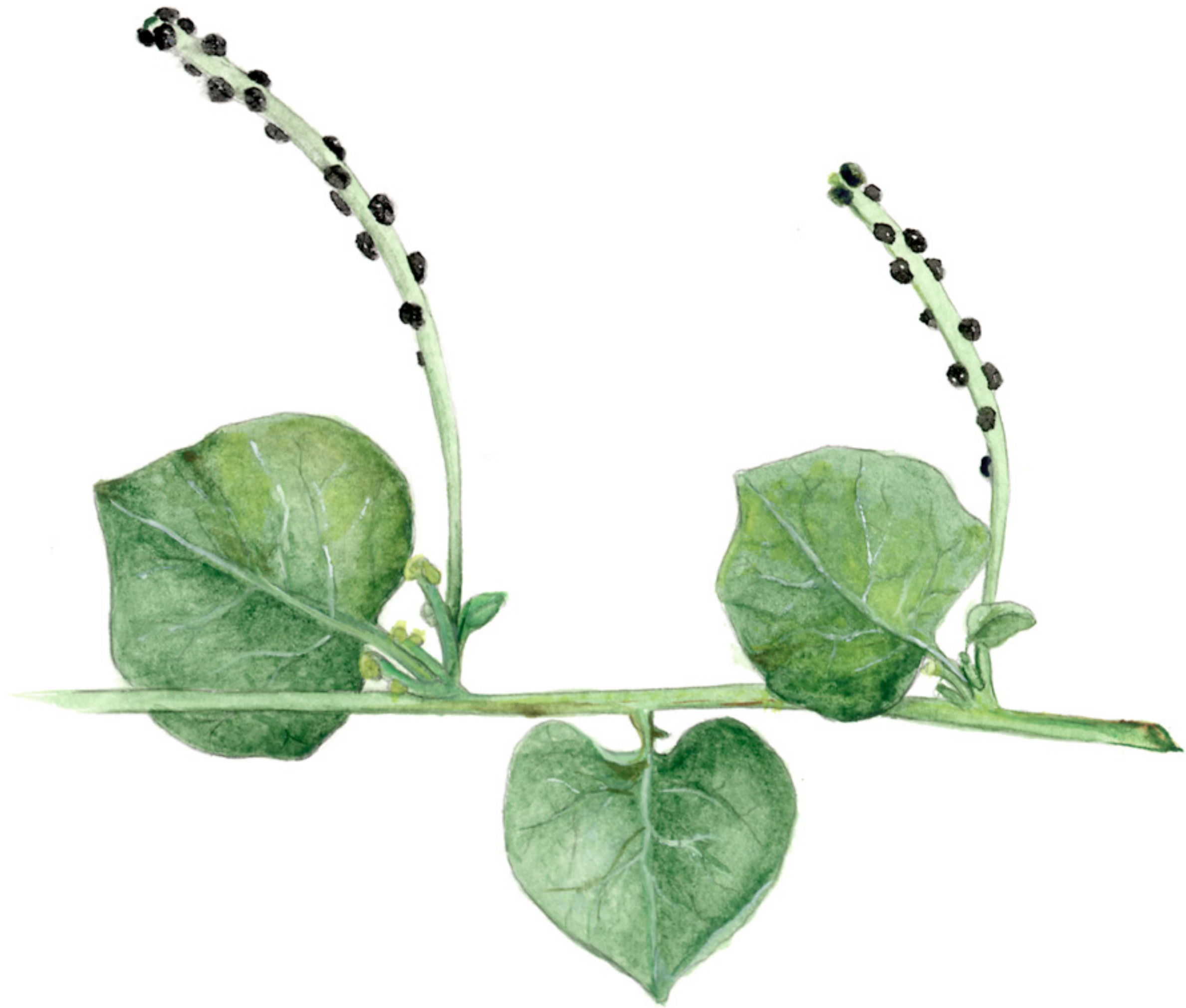
BERTALHA

Descrição Planta escandente, herbácea. Caule medindo cerca de 3 m de comprimento com ramos em abundância, moles e flexíveis. Folhas pecioladas, cordiformes, alternas e carnudas. Flores vermelhas, brancas ou verdes em espigas frouxas. Frutos arredondados, arroxeados, de delicada consistência contendo uma substância aquosa, de 0,5 a 1 cm de diâmetro. É planta comestível. Originada da Ásia, aclimatou-se no Brasil junto dos quintais, prendendo-se aos muros e cercas. Não é exigente quanto ao tipo de solo, mas para uma boa produção exige adubação com esterco de curral bem curtido. É planta típica de clima quente e exige água e luz abundantes.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Decocto.

Emprego As folhas refogadas ou cozidas em sopas são consideradas um alimento nutritivo e reparador para pessoas depauperadas.



BOA-NOITE

Família

Apocynaceae

Nome Científico

Catharanthus roseus (L.) G. Don

Sinonímia Vulgar

Beijinho, maria-sem-vergonha, vinca-de-gato, vinca-de-madagascar, bom-dia.

Sinonímia Científica

Vinca rosea L.; *Vinca guilelmi-waldemarii* Kotsch; *Catharanthus roseus* G. Don; *Lochnera rosea* (L.) Rchb. ex Endl.; *Pervinca rosea* (L.) Moench.



BOA-NOITE

Descrição Subarbusto perene de até 80 cm de altura. Folhas opostas inteiras ovais ou obovais, luzidias, de ápice arredondado de 5 a 9 cm de comprimento. Flores axilares solitárias, bi ou trifloras, com corola de tubo longo, pétalas de cor rósea ou branca com ou sem ocelo vermelho. Estames epipétalos, escondidos dentro do tubo da corola. Gineceu bicarpelar, com estigma em carretel. Fruto formados por dois folículos que se separam pela maturação e se abrem, liberando muitas sementes pequenas. É originária de Madagascar, sendo muito cultivada em Minas Gerais.

Parte Usada Toda a planta.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego Diabetes e hipoglicemia. Atualmente, alcaloides binários como vinblastina e vincristina são produzidos industrialmente e utilizados como antileucêmico e na quimioterapia de diversos tipos de tumores.

Constituição Química Alcaloides derivados do indol e do dihidroindol, podendo ser monômeros e dímeros (vincristina e vimblastina). Ácido pirocatéquico (composto fenólico), pigmentos flavônicos e antociânicos. Glucoalcaloide (vincosídeo).

Interações Medicamentosas e Associações Com agentes hipoglicemiantes e insulina, pode provocar uma hipoglicemia ou perda do controle de glicose no sangue. Altas doses de agentes quimioterápicos da planta podem diminuir a absorção de comprimidos de digoxina. Isso provavelmente acontecerá com altas doses da planta. Com a vincristina e vimblastina (alcaloides derivados da planta) pode haver um somatório de efeitos.

Contraindicação Gravidez, devido aos seus efeitos abortivos e teratogênicos. O uso interno deve ser controlado por médico, devido ao seu efeito tóxico.

Efeitos colaterais Leucopenia, trombocitopenia, distúrbios gastrintestinais, vermelhidão na pele e queda acentuada da pressão sanguínea.

Toxicidade Quando usada no tratamento de leucemias e outros tipos de câncer, a planta, ou substâncias extraídas dela, atuam principalmente na redução da reprodução das células, diminuindo o poder de crescimento dos tumores, mas, por outro lado, podem provocar enjoos, vômitos e reduzir também o crescimento de unhas e cabelos ou até provocar seu enfraquecimento e queda.



BOLDO

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Plecthantus barbathus Andrews[1]; *Plecthantus ornatus* Codd.[2]; *Plecthantus grandis* (Cremer) R. H. Wellenze[3]

Sinonímia Vulgar

Boldo[1], tapete-de-oxalá, falso-boldo, boldo-brasileiro, boldo-nacional, sete-dores.

Boldinho[2],
boldo-gigante[3],

Sinonímia Científica

Coleus barbathus Andrews Benth.[1]; *Coleus forskohlii* (Willd.)

Briq.[1]



BOLDO

Descrição Planta herbácea ou subarbustiva, aromática, perene, ereta, pouco ramificada. Folhas opostas, ovais, simples, de bordos crenados, muito pilosas, aveludadas medindo de 5 a 8 cm de comprimento, suculentas. Flores roxas dispostas em espigas de cima triflora, originária da Índia e cultivada em todo Brasil. Existem duas espécies muito semelhantes: o *Pl. grandis* (Cramer) R. H. Wellensze tem flores azuis, atingindo mais de 2 m de altura e florescendo em épocas diferentes do *Pl. barbatus*; e *Pl. ornatus* Codd., conhecido erroneamente como boldo-do-Chile, ou boldo-gambá. Entrou no Brasil há pouco tempo, como ornamental. Sua diferença com o boldo-sete-dores está no tipo de folha que é rombóidea, sendo erva de menor porte que as demais, tanto que é conhecida também como boldo-mirim.

Parte Usada Folhas.

Forma Farmacêutica Folhas maceradas em água ou infuso.

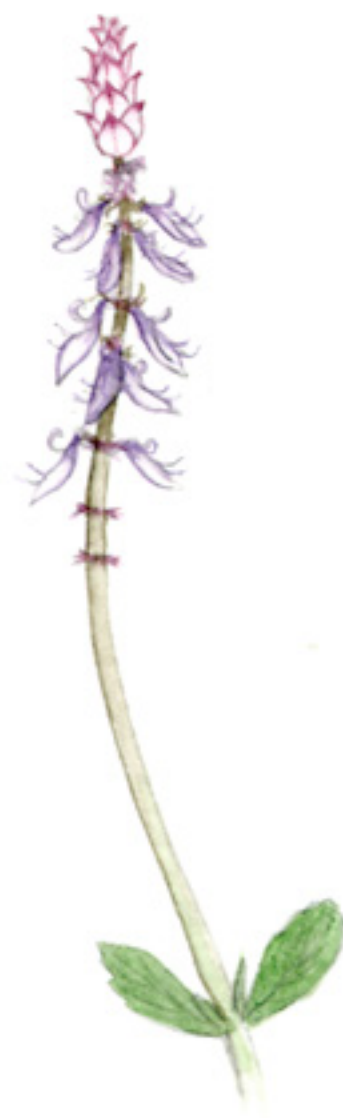
Emprego Popularmente as folhas maceradas em água por 30 minutos e à temperatura ambiente são usadas como colagogo nas dores de cabeça e mal-estar, após ingestão de bebidas alcoólicas e nos problemas estomacais e digestivos; é usada também na hipotensão arterial.

Constituição Química Barbatusol, barbatol, barbatusina, cariocal, ciclobutatusina, colenol, coleol, coliona, óleo essencial (rico em guaieno e fenchona), ferruginol, forskolina. As folhas frescas contêm 0,1% de óleo essencial e folhas secas ao ar, 0,3%.

Toxicidade A utilização do boldo em dosagens elevadas, ou por períodos longos,

pode provocar irritação gástrica e efeito cardioativo. Para pessoas com sensibilidade ao boldo ou a seus componentes é contraindicado. Em caso de obstrução das vias biliares ou doenças severas do fígado. Pacientes com úlcera e gastrite.

Observação Essas 3 espécies têm as mesmas indicações e seus desenhos serão numerados [1], [2], [3], mas as características são do boldo [1].



BOLDO-DA-BAHIA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Vernonia condensata Baker

Sinonímia Vulgar

Boldo, boldo-do-Chile, alumã, chantinon, necroton, alonga, marcelão.

Sinonímia Científica

Vernonia bahiensis Toledo; *Vernonia sylvestis* Glaz;

Vernonanthura condensata (Baker) H. Rob.



BOLDO-DA-BAHIA

Descrição Arvoreta ramificada atingindo até 4 m de altura, originária da África e provavelmente trazida para o Brasil pelos escravos. Folhas simples, inteiras, membranáceas, glabras, mucronadas, de 5 a 12 cm de comprimento. Flores em capítulos alongados, reunidos em panículas florescendo no verão. Fruto aquênio com pappus. Multiplica-se por estacas ou sementes.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Infusão ou maceração.

Emprego Colagogo, estomacal e contra problemas intestinais. Usado popularmente ainda como analgésico e aperiente, e nas ressacas alcoólicas. Infuso: 5 folhas por litro de água para o fígado ou após as refeições para diarreia. Em maceração: 5 folhas em 1 copo de água, tomar 2 a 3 vezes ao dia.

Constituição Química Glicosídeo cardiotônico (vernonina) e substâncias amargas (lactonas sesquiterpênicas), carboidratos, sacarose, frutose e ácido clorogênico; sesquiterpenolactonas e saponinas. Plantas africanas do gênero Vernonia são ricas em saponinas, principalmente nas entrecascas dos ramos (testes rápidos realizados com Vernonia condensata, em Recife nos laboratórios da UFPE).

Contraindicação Tomar precaução com o uso frequente. Gastrite; em doses elevadas pode causar irritações gástricas.

Toxicidade Não há relatos de toxicidade relacionada a essa espécie.



BOLSA-DE-PASTOR¹

Família

Brassicaceae (Cruciferae)

Nome Científico

Capsella bursa-pastoris (L.) Medikus

Sinonímia Científica

Capsella bursa-pastoris Medikus



BOLSA-DE-PASTOR¹

Descrição Erva anual, que foi trazida pelos europeus e se adaptou muito bem nas terras mineiras. Seus talos eretos e às vezes ramificados alcançam até 50 cm de altura. Folhas pequenas, rosuladas na base, verde-acinzentadas, de aspecto muito variado e penatífendidas. Inflorescência de pequenas flores brancas, dispostas em cacho. Frutos triangulares, comprimidos e reforçados na periferia com a forma das bolsas que os pastores carregam o que lhe dá o nome. Numerosas sementes, muito pequenas de cor castanha. Planta invasora que prefere lugares frios. Não confundir essa planta herbácea com a bolsa-de-pastor-do-cerrado, que é um arbusto, e suas indicações são outras.

Parte Usada Toda a planta.

Forma Farmacêutica Maceração.

Emprego Seu maior emprego é na regularização do ciclo menstrual, tanto excessivo quanto escasso, atuando sobre os músculos uterinos lisos. É usado contra hemorragias uterinas e dismenorreia e para tratar catarro gastrintestinal. Tem efeito diurético e é usado também nas perturbações renais. Externamente, é utilizada para limpeza de feridas, nas erupções cutâneas e eczemas provocadas por calor excessivo. Usada em maceração a frio, na proporção de 6 colheres de chá de plantas para 2 xícaras de água. Deixar macerar por 8 horas. Filtrar e tomar dia sim e dia não. Não colher plantas que estejam com a superfície esbranquiçada (atacada por fungo).

Constituição Química Aminoálcoois: colina, acetilcolina, aminofenol e tiramina; um alcaloide (bursina), um flavonoide (diosmina), ácidos orgânicos, tanino.

Interações Medicamentosas e Associações Com substâncias simpatomiméticas.

Toxicidade Em doses elevadas a planta apresenta um efeito tóxico, devido à tiramina.



BOLSA-DE-PASTOR²

Família

Bignoniaceae

Nome Científico

Zeyheria montana Mart.

Sinonímia Vulgar

Chapéu-de-frade, mandioquinha-brava.

Sinonímia Científica

Jacaranda quinquefolia Steud; *Spatodea montana* Spr.; *Zeyheria velloziana* Miers



BOLSA-DE-PASTOR²

Descrição Arbusto pequeno, de até 1,5 m de altura, revestido de pelos estrelados aveludados: caule lenhoso na base e pouco ramoso no ápice; ramos cilíndricos e opostos; folhas opostas, pecioladas, compostas de 5 folíolos oblongo-lanceolados de até 10 cm de comprimento por 5 cm de largura, inteiros, glabros e verdes na página superior e branco-tomentoso-lanosos na página inferior; flores irregulares, grandes e abundantes de cor quase sempre amarela e frequentemente com máculas roxas, dispostas em panículas amplas e terminais; fruto cápsula elíptica, suberoso-lenhosa, áspera, achatada, estipitadas, contendo sementes imbricadas, membranosas e aladas. Vegeta principalmente nos campos sujos de Minas, São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Piauí. Verificar as aquarelas para diferenciar as duas espécies de bolsa-de-pastor.

Partes Usadas Cascas do caule ou da raiz.

Formas Farmacêuticas Decocto, pomada ou creme.

Emprego Popularmente a casca do caule é empregada como antissifilítica e a da raiz é muito utilizada nas doenças da pele. Também contra dores musculares e como vulnerário.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associado à losna para curar feridas.

Toxicidade As folhas são tidas como tóxicas.



BONINA

Família

Nyctaginaceae

Nome Científico

Mirabilis jalapa L.

Sinonímia Vulgar

Maravilha, boas-noites, belas-noites, jalapa-falsa, batata-de-purga.

Sinonímia Científica

Mirabilis dichotoma L.; *Mirabilis corimbosa* Sisber; *Jalapa odorata* L.



BONINA

Descrição Parece ser originária do México, porém muito frequente no Brasil, onde se adaptou muito bem. Erva anual, de caule ereto, dicótomo, nodoso, avermelhado algumas vezes em toda a sua superfície externa e, outras vezes, somente ao nível das extremidades inferiores dos entrenós, ou somente verde. Raiz perene, branca por dentro e escura por fora. Folhas pecioladas opostas, ovais, algumas ligeiramente cordiformes ou cuneadas na base e acuminadas no ápice, verde-escuro na face ventral e verde-claro na face dorsal. Nervação pinada, veias anastomosadas e nervura mediana muito saliente. Limbo medindo até 13 cm de comprimento e até 8 cm de largura. Pecíolo sulcado na parte superior, ligeiramente dilatado no seu ponto de inserção no caule, medindo até 6 cm de comprimento. Flores de cheiro agradável, que se abrem depois do pôr-do-sol e fecham-se pela manhã, avermelhadas, brancas, amarelas ou raiadas ou pintadas de branco-avermelhadas ou branco-amareladas. Cálice gamossépalo e infundibuliforme, com 5 divisões e dilatado na base. Não possui corola. Cinco estames livres na parte terminal e concrecentes na base; gineceu unicarpelar, unilocular e uniovulado. Fruto aquênio rugoso e preto, coberto por parte do cálice persistente. Semente com albúmem. Multiplica-se por sementes.

Partes Usadas Folhas, flores ou raízes. O sumo das folhas é usado nas manchas da pele e também no herpes simples.

Formas Farmacêuticas Extrato fluido, decocto ou pó.

Emprego Popularmente a raiz é purgativa e empregada nas hidropsias, moléstias da pele, leucorreia e diabetes. No último caso, é apenas paliativo. É empregada, também, nas afecções hepáticas, chagas, contusões, escoriações e sarda. O suco das folhas é usado nas manchas da pele e herpes. Embora essa prática seja condenada

pelos médicos, o suco do caule é usado em dores de ouvido. Como purgante, toma-se de 2 a 4 gramas da raiz dessecada e pulverizada. Nas demais moléstias, usa-se para adulto 1 g e para crianças, a metade.

Constituição Química A análise fitoquímica de seus componentes indicou a presença de peptídeos ricos em cisteína (estudos indicam atividade antifúngica bacteriostática sobre bactérias gram-positivas). Além dessas substâncias, foi detectada a presença de galactose, arabinose e trigonelina.

Toxicidade As sementes são venenosas.



BORAGEM

Família

Boraginaceae

Nome Científico

Borago officinalis L.

Sinonímia Vulgar

Borragem.



BORAGEM

Descrição Planta de 30 a 70 cm de altura, recoberta de pelos rudes, de odor ligeiramente vinoso, sabor herbáceo e mucilaginoso. Raiz alongada, escura externamente e branca internamente. Caule herbáceo, ereto, cilíndrico, espesso, crasso, ramoso, completamente revestido de penugem esbranquiçada e hirta. Folhas alternas, reticuladas, verde-acinzentadas, eriçadas de pelos grandes, pecioladas, elípticas. As caulinares mais estreitas, sésseis, ligeiramente decurrentes e amplexicaules. Flores grandes, azuis ou róseas, raro brancas, pouco cheirosas, dispostas nas extremidades dos ramos em cimas uníparas escorpioides. Cálice gamossépalo, pentafendido, estendido e com divisões lineares e agudas. Corola gamopétala, rotácea, com tubo muito curto, com 5 lobos largos e acuminados, garganta com 5 apêndices glabros e obtusos. Androceu com 5 estames coniventes em cone, filete encimado de um apêndice liguliforme, estreito atenuado à altura das anteras. Gineceu bicarpelar, gamocarpelar, ovário com 4 lobos, estilete ginobásico, estigma simples. Fruto tetra-aquênio (nuculâneo). Reproduz-se por sementes em solo seco, pobre e com irrigação moderada.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, cataplasma, salada, vinho ou pó.

Emprego Popularmente usada no sarampo e como galactagogo. As folhas, fritas à milanesa, são usadas na anemia. A mucilagem presente na borragem exerce ação expectorante; o ácido málico e o nitrato de potássio têm ação diurética discreta. O ácido γ -linoléico exerce ação sobre inflamações e sobre tecidos articulares. Mulheres grávidas devem ingerir o pó das sementes amassadas e misturar na comida para produzir leite (a semente não conte alcaloides hepatotóxicos). Estudos efetuados em ratos e seres humanos sugerem que a borragem pode atenuar a resposta cardiovascular ao estresse. Em um estudo, o óleo essencial da borragem reduziu

a pressão arterial sistólica, a frequência cardíaca e melhorou a capacidade de executar tarefas. O extrato fluido é usado de 2 a 10 ml ao dia. O infuso ou decocto de 0,5 a 1%, de 2 a 3 xícaras ao dia.

Constituição Química A planta contém taninos, mucilagem, saponina, ácido salicílico e substâncias minerais (Ca, K, Si). As sementes possuem ácido γ -linoléico (GLA), precursor da prostaglandina que possui atividade antiinflamatória. Os sete alcaloides encontrados são derivados da tesinina, alcaloides estes pirrolizidínicos saturados e vitamina C. Alcaloides insaturados são encontrados em pequenas quantidades, sendo amabilina, supinina, licopsamina, intermedina, acetil-licopsamina e acetilintermedina, ácido málico e nitrato de potássio.

Interações Medicamentosas e Associações As folhas de borragem podem ser trituradas juntamente com folhas de agrião e dente-de-leão produzindo um suco depurativo excelente para a pele. Não deve ser usado em associações com esteroides anabólicos e fenotiazinas. O óleo da semente não deve ser usado com antidepressivos tricíclicos e fenotiazinas pelo alto conteúdo de GLA.

Contraindicação Pessoas sensíveis aos constituintes da planta ou do óleo. O uso interno e prolongado deve ser evitado pelo efeito hepatotóxico e carcinogênico potencial dos alcaloides pirrolizidínicos. A presença desses alcaloides pode ser prejudicial na gravidez e durante a amamentação. O uso tópico em pele com lesão de continuidade deve ser evitado devido à potencial absorção desses mesmos alcaloides. Deve ser evitado seu uso nas doenças hemorrágicas e hepáticas.

Toxicidade A amabilina é um alcaloide pirrolizidínico de ação hepatotóxica conhecida, estando concentrada nas flores, não sendo segura em grandes quantidades. O alto conteúdo do ácido γ -linoléico pode inibir a agregação plaquetária, podendo aumentar o risco de hemorragia.



BORAGEM-BRAVA

Família

Boraginaceae

Nome Científico

Heliotropium indicum L.

Sinonímia Vulgar

Crista-de-peru, borragem, borragem-brava, crista-de-galo, cravo-de-urubu.

Sinonímia Científica

Eliopia riparia Raf.; *Eliopia serrata* Raf.; *Heliophytum indicum* (L.) DC.; *Heliotropium cordifolium* Moench.; *Heliotropium foetidum* Salisb.; *Heliotropium horminifolium* Mill.; *Tiaridicum indicum* (L.) Lehm.



BORAGEM-BRAVA

Descrição Planta herbácea anual de pequeno porte, com caule subprostrado ou ereto, ramificado, de textura um tanto carnosa, pubescente, de 50 a 70 cm de altura, com pelos longos e glandulosos, mais numerosos no ápice da planta. Tem folhas simples, alternas ou subopostas, sem estípulas, pecioladas e membranáceas, com nervuras impressas na página superior atenuada de 3 a 6 cm de comprimento. Inflorescência terminal, geralmente cimeira bípara de cimeira unípara escorpioide. Flores azuis ou lilases, sésseis com cálice verde de 5 dentes, corola tubulosa com ápice curtamente lobado, estames 5 inclusos. Ovário súpero de 4 lóculos. Fruto nuculâneo de coloração pardo-escuro. Multiplica-se apenas por sementes. Encontrada em todo território brasileiro, como ruderal, em solos férteis e úmidos.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou tintura.

Emprego Reumatismo, gota, tosses, coqueluche, anti-hemorroidal. Resolutivo nos abscessos. Furunculoses, estomatites, moléstias cutâneas e como adstringente. Alguns raizeiros consideram esta planta como a mais eficaz no tratamento da coqueluche.

Constituição Química Alcaloides pirrolizidínicos.

Toxicidade O efeito tóxico desta planta em animais foi relatado. O alcaloide encontrado é considerado cancerígeno e hepatocitotóxico.



BOTICA-INTEIRA

Família

Polygalaceae

Nome Científico

Bredmeyera floribunda Willd.

Sinonímia Vulgar

Cervejinha-do-campo, guaranazinho, raiz-de-jôao-da-costa.

Sinonímia Científica

Bredmeyera laurifolia Kl.



BOTICA-INTEIRA

Descrição Planta subereta, de ramos escandentes, de folhas simples, glabras de 7 a 10 cm de comprimento, com raiz provida de casca espessa, quase carnosas, amarga e capaz de produzir espuma, quando agitada na água. Flores de cor creme, reunidas em panículas terminais abundantes e com fruto tipo cápsula achatada, de 2 a 5 cm de comprimento, contendo 2 sementes providas de longos pelos sedosos, comum no cerrado de Minas Gerais.

Partes Usadas Toda a planta, principalmente as raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou alcoolatura.

Emprego Afecções da pele (dermatite e furunculose), picadas de inseto (abelha, aranha e escorpiões) sendo, ainda, citada nas doenças do fígado e rins, principalmente como litagogo. Ensaios farmacológicos mostraram que as raízes desta planta têm forte atividade antiinflamatória, anti-histamínica e protetora da mucosa gástrica contra agressões químicas. Ensaios experimentais mostram que a cabenegrina tem a propriedade de prevenir a intoxicação do veneno de jararaca e cascavel, em ratos. Por sua riqueza em saponina, a raiz pode ser útil na limpeza de cabelos, dentes e objetos. O decocto ou o infuso da raiz é usado na dosagem de 1 colher de sopa para 1 litro de água, tomando-se de 4 a 5 xícaras de chá ao dia.

Constituição Química Bredemeirosídeos que são saponinas triterpenoides, e cabenegrina que é um flavonoide prenilado.



BRAÇO-DE-PREGUIÇA

Família

Solanaceae

Nome Científico

Solanum cernuum Vell.

Sinonímia Vulgar

Panaceia, braço-de-mono.



BRAÇO-DE-PREGUIÇA

Descrição Arbusto grande, arborescente, inerme, pouco ramoso, sendo os ramos grossos e fortes, com pelos pardacentos e compridos. Folhas grandes, de 18 a 45 cm de comprimento por 10 a 24 cm de largura, alternas, longo pecioladas, oboval-elípticas ou oblongas, inferiormente tomentosas, coriáceas, mais ou menos obtusas no ápice e na base, raras vezes acuminadas inteiras, reticuladas nervadas na página superior. Flores subsésseis, alvas ou pardas pubescentes, dispostas em cimeiras multipartidas, com 5 lobos agudos. Fruto baga globosa, amarela e hirsuta.

Partes Usadas Folhas ou raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou tintura.

Emprego Diurético, depurativo, desobstruente, moléstias do fígado, antissifilítico, antigonocócico, antirreumático, moléstias da pele e caxumba. Fazer o decocto com 6 folhas grandes para 1 litro de água, fervendo por 20 minutos. Coar e beber frio. O chá da raiz deve ser feito com 1 colher de raiz para 1 copo de água, tomar de 3 a 4 vezes ao dia.

Interações Medicamentosas e Associações Ela pode ser associada ao confrei, à panaceia, à cana-de-macaco, à cana-da-horta, à tanchagem, e ao picão como depurativo.



BUCHINHA-PAULISTA

Família

Cucurbitaceae

Nome Científico

Luffa operculata (L.) Cogn.

Sinonímia Vulgar

Bucha-paulista, buchinha-do-norte, bucha-dos-pescadores, cabacinha, esponja-vegetal, esfregão, pepino-bravo, purga-de-bicho, abobrinha-do-mato, endoço.

Sinonímia Científica

Luffa sepium (G. Mey) C. Jeffrey; *Cucumis sepium* G. Mey; *Luffa astorii* Svenson; *Luffa purgens* (Mart.) Mart.; *Momordica purgans* Mart.; *Momordica operculata* L.



BUCHINHA-PAULISTA

Descrição Trepadeira herbácea de caule muito ramificado, escandente sarmentoso, com até 10 m de comprimento. Folhas simples, com 3 a 5 lobos, com bainha invaginante e pecíolo anguloso. Folhas medindo de 2 a 8 cm de comprimento por 3 a 15 de largura. Flores amarelas com 5 pétalas medindo até 2 cm. Frutos oblongos ovoides, fusiformes, de deiscência transversal com o pericarpo papiráceo, com 3 carpelos contendo numerosas sementes escuras achatadas e lisas. É nativa da América do Sul; no Brasil, principalmente no Ceará, sendo também cultivada em Minas Gerais. Multiplica-se por sementes.

Partes Usadas Frutos com a semente.

Formas Farmacêuticas Decocto ou inalação.

Emprego Popularmente é usada para sinusite. Usar a quarta parte de uma bucha seca com uma semente em decocto para inalação e depois pingar 2 gotas em cada narina por 4 dias no máximo. Se não houver rompimento do palato com a liberação de pus do sinus, parar o tratamento.

Constituição Química 2 triterpenos: cucurbitacina D e isocucurbitacina D.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associada à jarrinha ou ao pau-pereira.

Toxicidade Doses elevadas irritam a mucosa, e em uso interno é hemorrágica. A planta provoca náuseas, cólica e fortes dejeções. É abortiva.



BUXINHO

Família

Buxaceae

Nome Científico

Buxus sempervirens L.

Sinonímia Vulgar

Bucho.

Sinonímia Científica

Buxus sempervirens Thunb.



BUXINHO

Descrição Arbusto de 1 a 2 m de altura, que pode viver até 600 anos. Muito usado como ornamental e para servir de cerca viva. Planta muito ramificada, com folhas opostas cruzadas. Os ramos jovens e a base das folhas possuem pelos, porém, no restante da planta, não existem. As folhas são elípticas, inteiras, de consistência coriácea e com o pecíolo muito curto. São verde-escuras na face superior e verde-amareladas na inferior. As flores são sésseis, pequeninas e reunidas nas axilas das folhas ou extremidade dos ramos. A inflorescência é composta por flores masculinas na periferia e uma feminina que fica no centro e formará o fruto depois de fecundada. O fruto é coriáceo, em sua extremidade encontramos 3 estiletos persistentes e em sua base restos das flores masculinas. O fruto é deiscente e encerra 6 sementes. Multiplica-se por estacas.

Parte Usada Folhas.

Forma Farmacêutica Alcoolatura.

Emprego Febrífugo e colagogo, empregando-se a alcoolatura da planta fresca para substituir o quinino nas febres intermitentes. Usam-se 25 gotas antes das refeições.

Constituição Química Toda a planta contém um alcaloide, a buxina, pouco solúvel em água e, ainda, a parabuxina, a parabuxidina e a buxinamina.





CACAUEIRO

Família

Malvaceae (Sterculiaceae)

Nome Científico

Theobroma cacao L.

Sinonímia Vulgar

Cacau, chocolate.

Sinonímia Científica

Theobroma sphearocarpum A. Chev.



ACAUEIRO

Descrição Árvore de 6 a 12 m de altura, ramos cilíndricos, tomentosos, enquanto novos, folhas alternas, curto-pecioladas, ovais, acuminadas, inteiras, peninérveas, verde-escuras na página superior e pálidas na inferior. Folhas estipuladas. Flores brancas, amarelas ou róseas, sésseis, estéreis as dos ramos novos e hermafroditas, diperiantadas as dos ramos mais velhos. Cada verticilo do tipo pentâmero, sendo as peças do cálice unidas pela base e as da corola, livres. Estames em número de 5, com anteras ditecas e 5 estaminoides. Ovário súpero, pentalocular, com 5, 8, 10 óvulos que se prendem no ângulo do ovário. Fruto baga ovoide, com ápice mais ou menos curvo para um lado, de cor amarela até ao vermelho-escuro; coriáceo-cartilaginoso, sulcado, quase liso e verrucoso, com óvulos. Sementes ovoides, comprimidas e envoltas por uma polpa aquosa, mucilagínosa e ácida.

Parte Usada Semente torrada.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, supositório, pomada ou creme.

Emprego Popularmente o cacau é tônico e edulcorante. A manteiga de cacau é usada em supositórios, como lenitivo nas inflamações, rachaduras dos lábios e seios, entrando na confecção de pomadas e cremes. A ação estimulante e diurética do cacau é devida à teobromina e à cafeína nele existente. O chocolate é muito usado para mascarar o sabor desagradável dos medicamentos (edulcorante). O infuso e decocto a 5%, tomando-se de 2 a 3 xícaras ao dia; pó, de 2 a 10 g ao dia; extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia. É alimento de alto valor calórico.

Constituição Química Manteiga de cacau (tripalmitina, trioleína, triaraquidina), teobromina, sacarose, glicose, cafeína, mucilagem, óleo palmitoestearina (55%), tanino, esterol, amido, substâncias nitrogenadas, sais minerais etc.

Interações Medicamentosas e Associações A cafeína, componente do cacau, pode melhorar o alívio da dor, interagindo com paracetamol ou a aspirina e pode aumentar os níveis séricos da ergotamina. Uso concomitante com agonistas β -adrenérgicos pode aumentar o risco de arritmias cardíacas. Uso concomitante com efedrina pode ter um efeito estimulante adicional. Monitorar pacientes com diabetes, pois ele pode aumentar a resistência à insulina. Bebidas contendo chocolate podem diminuir sensivelmente a absorção do ferro-não heme, devido ao conteúdo de polifenóis. Para outras interações consultar a cafeína do café.

Contraindicação Deve ser evitado quando o paciente tem alergia aos componentes do cacau e dor de cabeça.

Toxicidade O óleo, extrato, óleo-resina são considerados seguros.



CAFÉ

Família

Rubiaceae

Nome Científico

Coffea arabica L.

Sinonímia Vulgar

Cafezeiro, cafeeiro, moca.

Sinonímia Científica

Coffea liberica (Bull.) Hiern.; *Coffea arabica* Benth.



CAFÉ

Descrição Arvoreta ou arbusto grande, piramidal, perene, com até 12 m de altura, em estado nativo, porém, quando cultivado, atinge apenas 4 m. O caule é mais ou menos reto com casca acinzentada e rugosa. Ramificado desde a base e dotado de copa densa e alongada. Folhas simples, opostas, ovais ou lanceoladas, totalmente glabras, de superfície brilhante, de 8 a 12 cm de comprimento e de cor esbranquiçada na página inferior, tendo entre as folhas um apêndice chamado estípula interpeciolar, curta. Flores em glomérulos axilares, brancas, infundibuliformes e suavemente perfumadas. Fruto do tipo baga ovoide, elíptica ou achatada de cores diversas (pardacenta, vermelha ou amarela quando maduro), medindo 10 a 15 mm, com duas sementes cartilaginosa, plano-convexas, sulcadas na parte interna e revestida de tegumento acinzentado. Originário da Abissínia e de outras partes da África, é cultivado nos países tropicais da Ásia e da América, particularmente no Brasil e na Colômbia. Muito comum no sul de Minas. Seu cultivo exige temperaturas amenas entre os 15 e 20 graus, não podendo atingir zero grau, pois não suporta o frio e a seca. Requer terra com boas condições de fertilidade e boas condições de retenção de água.

Partes Usadas Folhas ou sementes.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Cardiotônico. Popularmente as folhas em infusão são usadas como estimulante, diurético, na obesidade e diabetes. Alguns raizeiros recomendam, ainda, como antirreumático e nas febres. Já as sementes torradas e moídas, em infuso ou decocto, são usadas na cefaleia e como estimulante, na dosagem de 3 colheres de sopa em 1 litro de água.

Constituição Química Alcaloides purínicos ou xantinas (cafeína, teobromina, teofilina paraxantinas), dextrina, caseína vegetal (legumina), glicose, clorogenato de potássio e ácidos orgânicos (clorogênico, cafeico, metilúrico, vanílico, hidroxidobenzoico e

ferrúlico), flavonoides do tipo canferol e quercetol, diterpenos (cafestol e caveol), salicilato de metila, ácido benzoico, derivados nicotínicos (trigonelina), óleos essenciais, vitaminas (nicotinamida, ácido ascórbico, tiamina, riboflavina, pró-vitamina A), tanino, minerais (cálcio, cobre, fósforo e ferro), celulose, essência aromática de aroma suave, amido e água.

Interações Medicamentosas e Associações O alto conteúdo de tanino na semente pode provocar a precipitação de alcaloides. A cafeína diminui a dor junto com o paracetamol, aspirina e ibuprofeno. O uso concomitante de agonistas β -adrenérgicos pode aumentar o risco de arritmia cardíaca. O uso concomitante com a efedrina pode aumentar seu efeito estimulante. A cafeína aumenta o nível sérico e a eficácia da ergotamina. A cafeína pode aumentar a resistência à insulina e de agentes hipoglicemiantes orais. A cafeína aumenta a excreção renal do lítio. A pressão sanguínea pode aumentar sob o uso de propranolol. Inúmeros medicamentos sofrem interação com a cafeína e isso deve ser observado pelos médicos.

Contraindicação Úlcera gástrica, glaucoma, e para crianças. Limitar a ingestão na gravidez e lactação.

Toxicidade Consumido em excesso (mais de 600 mg diários de cafeína), o café pode causar náuseas, gastrite, úlceras gástricas e duodenais, nervosismo, insônia, ansiedade e alterações no ritmo cardíaco, devendo ser evitado na gravidez por uma possível anemia, efeitos abortivos e teratogênicos. No aleitamento, diminui os níveis de ferro e aumenta a excreção de cálcio, além de provocar agitação no lactente. Pode aumentar a pressão intraocular. É especulativo: arritmia, enfarto do miocárdio e osteoporose devido à alta perda de eletrólitos pela urina. São considerados seguros extratos, óleo, óleo-resina.



AJUEIRO

Família

Anacardiaceae

Nome Científico

Anacardium occidentale L.

Sinonímia Vulgar

Acaju, caju, caju-da-praia.

Sinonímia Científica

Acajuba occidentale (L.) Gaertn.; *Cassuvium pommiferum* Lam.;

Anacardium microcarpum Ducke



AJUEIRO

Descrição Árvore originária da América do Sul, de caule, às vezes reto e alto, porém mais comumente tortuoso e baixo, conforme a natureza do terreno. Ramos muito contorcidos, folhas alternas, pecioladas, ovadas, obtusas, subconvexas, onduladas, simples, glabras, salientes-reticuladas-nervadas nas duas faces, róseas enquanto novas; flores pálidas, pequenas, curto-pediceladas, dispostas em amplas panículas terminais, ramificadas, bracteadas na parte inferior. Cálice com 5 peças caducas, corola com 5 pétalas estendidas e lanceoladas, estames em número de 10, sendo 9 menores e concrecidos na base, o décimo com 4 a 5 vezes o comprimento dos outros. Ovário livre, unilocular e uniovulado, estilete lateral e simples. Fruto aquênio reniforme de 2 cm, pendente, de um receptáculo carnosos, mais ou menos piriforme, amarelo, vermelho ou róseo-amarelo, aromático e comestível. Multiplica-se por sementes, porém a semente só é viável por poucos dias. Não é exigente quanto ao solo, mas exige temperaturas acima de 22°C.

Parte Usada Cascas do caule.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, elixir, xarope ou vinho.

Emprego Popularmente é adstringente, tônico nas fraquezas e debilidades, auxiliando o organismo e estimulando-o. Externamente é usado em gargarejos, nas irritações da garganta, aftas etc. Goza de propriedades hipoglicemiantes comprovadas por vários trabalhos. Atividade antimicrobiana e antitumoral. Antimicótico, ictiotóxica e moluscicida. O infuso ou decocto a 2,5%, de 2 a 3 xícaras ao dia. Extrato fluido, de 1 a 5 ml ao dia.

Constituição Química Foram encontrados os seguintes compostos em diferentes partes da árvore: acetilfenona, epiafzelequina, agathisflavona, -amirina, anacardol, apigenina, álcool aracdílico, ácido-p-hidroxibenzoico, campesterol, cardanol, limoneno, glicosídeos da quercetina, derivados do resorcinol, vitamina C. Na semente há grande quantidade de ácidos graxos e uma série de constituintes em pequena quantidade. Pode potencializar os efeitos antidiabéticos e hipocolesterolemiantes. Pode ser usado com a pata-de-vaca. Como antiinflamatório pode ser associado ao barbatimão, à aroeira, à favela, à ameixa-branca e à unha-de-vaca.

Toxicidade O óleo essencial contém substâncias sensibilizantes que causam dermatites, tais como pentadecilresorcinol e pentadecilferol. A fruta verdadeira contém um óleo cáustico: cardol e o ácido anacárdico, que também são capazes de causar dermatite. O vapor do óleo é irritante, se inalado.



CAJUÍ

Família

Anacardiaceae

Nome Científico

Anacardium humile A. St. Hil.

Sinonímia Vulgar

Cajuzinho-do-mato, cajuzinho-do-campo, caju-do-cerrado, cajueirão anão, cajueiro-do-campo.

Sinonímia Científica

Anacardium pumilum Valp.; *Anacardium nanum* St. Hil.



AJUÍ

Descrição Aparentemente essa planta é um arbusto, porque a sua ramificação aérea atinge apenas 25 a 40 cm, no entanto, quando desenterrada essa planta é uma árvore subterrânea do cerrado, podendo atingir vários metros. As ramificações aéreas formam verdadeiras matas e se procurarmos o centro, encontraremos a árvore mãe. Suas folhas são simples, coriáceas, obovais, de cor mais clara na face abaxial, peninérveas, com nervura saliente. Flores dispostas em panículas terminais corimbosas. Corola rósea com um único estame e muitos estaminódios. Seus pseudofrutos (pedúnculo da flor desenvolvido) são oblongos vermelhos ou amarelos, com até 5 cm de comprimento, com polpa carnosa e doce. O verdadeiro fruto é a castanha do tipo aquênio. Multiplica-se por sementes, mas sua semente só é viável por poucos dias.

Partes Usadas Casca do caule, frutos ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, suco ou decocto.

Emprego Diarreia e hipoglicemiante no diabetes melitus. O óleo do pericarpo do fruto verdadeiro é usado para cauterizar afecções da pele. O infuso de suas folhas e do caule subterrâneo é indicado em diarreias pela presença pela grande quantidade de tanino. O suco do pseudofruto é empregado como antissifilítico. O LCC (líquido da castanha de caju) é usado para fazer manchas permanentes na pele. A posologia é mesma do cajueiro comum.

Constituição Química Óleo resina cáustico conhecido como LCC. Na casca foram detectados esteroides, flavonoides, tanino, catequinas e outros fenóis. O aroma do caju é dado pela presença do hexanal e do limoneno. No suco, foram isolados a vitamina C, tanino, açúcares, carotenoides e ácidos orgânicos, e proteínas em pequenas quantidades.

Toxicidade O óleo da castanha verde, quando em contato com a pele, deixa manchas permanentes.





ALÊN DULA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Calendula officinalis L.

Sinonímia Vulgar

Calêndula-hortese, maravilha-dos-jardins, verrucária, mal-me-quer, margarida-dourada.

Sinonímia Científica

Calendula officinalis Hohen



ALÊN DULA

Descrição Planta herbácea anual, ereta, muito ramificada de 30 a 60 cm de altura, originária das Ilhas Canárias. Caule e ramos raras vezes erguidos. As folhas inteiras, ovais, possuem dentículos e são aveludadas, sésseis de 6 a 12 cm de comprimento, de coloração verde-pálida. As inferiores são mais atenuadas e encurvadas, formando um ângulo obtuso com o caule e as superiores mais carnosas. As flores, variando do amarelo-limão ao alaranjado, são brilhantes e dispostas em capítulos terminais grandes, com numerosas brácteas verdes formando o periclíneo. As flores abrem e fecham de acordo com o aparecimento e desaparecimento do sol. Têm um cheiro suave. Os frutos são naviculares e intimamente ligados à semente e, quando plantados, podem germinar em quatro dias, se a terra for adequada. É muito cultivada por seu poder medicinal e por sua beleza. Multiplica-se por sementes em solo adubado e drenado a sol pleno.

Parte Usada Flores.

Formas Farmacêuticas Extrato fluido, tintura, pomada, creme ou colírio oftálmico.

Emprego Possui propriedades antiespasmódicas, levemente diaforéticas, antiinflamatórias, anti-hemorragicas, emenagogas, vulnerárias, empregada tradicionalmente no tratamento de úlceras gástricas e duodenais, úlcera clural, veias varicosas nas feridas dos diabéticos. E, ainda, em lesões cutâneas inflamadas e conjuntivites. Flores desidratadas, de 1 a 4 g em uma xícara de chá 3 vezes ao dia. Extrato líquido de 0,5 a 1 ml, 3 vezes ao dia. Tintura 1: 5 em álcool de cereais, 3 vezes ao dia.

Constituição Química Flavonoides (flavonol, glicosídeos, incluindo a isoquercetina, narcissona, neoesperidiosídeos e rutina), terpenoides (α e -amerina, lupeol, ácido deanólico, arnideol, breína, calenduladiol, eritrodiol, faradiol, campesterol, e

outros), óleos vegetais (mentona, isomentona, cariofileno, peduncolatina). Outros componentes: princípios amargos, arvosídeos, pigmentos carotenoides, calendulina e polissacarídeos.

Interações Medicamentosas e Associações Associada à bardana e ao gerânio robertiano, juntamente com o aciclovir (Zovirax), diminui o tempo de cicatrização e cura, no caso de lesões herpéticas. Monitorar pacientes com diabetes, devido a uma possível ação hipoglicemiante. Pode aumentar o efeito dos sedativos.

Contraindicação Na gravidez e na amamentação, pois a calêndula tem o poder de alterar o ciclo menstrual. Apresenta efeitos uterotônicos in vitro. E os triterpenoides presentes em sua composição são espermicidas, antiblastocísticos e abortivos eficazes. Pode causar reações alérgicas, dermatite de contato, esvaziamento gástrico retardado e sedação.

Toxicidade Considerada segura como tempero e utilizada em larga escala na cosmetologia. Superdosagem pode provocar irritação, nervosismo, depressão, inapetência, azia e náuseas.



CAMAPU

Família

Solanaceae

Nome Científico

Physalis angulata L.

Sinonímia Vulgar

Camapu, juá-de-capote, joá-de-capote.

Sinonímia Científica

Physalis angulata Walter; *Physalis angulata* Ruiz & Pav.; *Physalis angulata* Heyne ex Wall.; *Physalis capsicifolia* Dunal; *Physalis esquirolli* H. Lév. & Vaniot; *Physalis lancefolia* Nees; *Physalis linkiana* Nees; *Physalis ramosissima* Mill.



AMAPU

Descrição Planta herbácea ereta, anual, ramificada, atingindo até 60 cm de altura. Com folhas simples, membráceas, de margem denteada e acuminada. Inflorescência isolada, axilar, com flor de cor creme e cinco pétalas unidas. Estames 5. Gineceu bicarpelar, formando bagas globosas, que são completamente cobertas pelas sépalas que se desenvolvem sobre o fruto, dando a forma de um balão. Possui muitas sementes amarelas. Cresce espontaneamente, sendo considerada planta daninha.

Parte Usada Toda a planta.

Emprego É empregado na medicina caseira, nos casos de reumatismo, problema renal, doenças da bexiga e do fígado, e também como sedativo, antifebrífugo, antiemético e nas doenças da pele. Estudos recentes em animais têm mostrando forte atividade imuno-estimulante contra diversos tipos de células cancerosas e atividade antiviral.

Constituição Química Flavonoides, alcaloides, vários fitoesteróis.



CAMARÁ

Família

Verbenaceae

Nome Científico

Lantana camara L.

Sinonímia Vulgar

Cambará, erva-chumbinho, milho-de-grilo.

Sinonímia Científica

Lantana aculeata L.; *Lantana armata* Schauer; *Lantana armata* var. *guianensis* Moldenke; *Lantana mista* L.; *Lantana moritziana* Otto & A. Dietr.



AMARÁ

Descrição Arbusto ereto até de 2 m de altura. Ramos quadrangulares, armados de acúleos recurvados. Folhas opostas, curtamente pecioladas, peninérveas ovais, oblongas, pubescentes, arredondadas na base, acuminadas, crenado-serreadas, reticulado-rugosas, aromáticas, ásperas, verde-escuras na face superior e mais clara na inferior. Pecíolo curto, canaliculado na parte superior, cilíndrico e pubescente. As folhas, quando frescas, têm sabor amargo. Inflorescência em capítulos longopedunculados, rígidos, pubescente, pilosos, ásperos, aculeados ou não. Floresce durante todo o ano, primeiramente de um amarelo-ouro, depois, alaranjado, róseo ou avermelhado, desabrochando do centro para a periferia. Fruto drupa de cor roxo-escuro e pequeno.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, pó, xarope ou bala.

Emprego Tônico, sudorífero, febrífugo, balsâmico, expectorante, emoliente. Infuso ou decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia. O extrato fluido, de 5 a 15 ml ao dia. E o xarope, de 100 a 300 ml ao dia.

Constituição Química Foram detectados os seguintes compostos: α -amirina, lantanarona, lantadeno B, C, D; ácido lantanílico, lantanólico, lantoico. Ácido oleanólico, triacontan-1-ol, verbascósido, ácido betulínico butolônico e lantabetulínico; β -citosterol. Além disso, possui ainda: ácido ursólico, furanonaftoquinonas e um óleo essencial que tem múltiplos terpenos.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associada à grindélia e à erva-silvina com mel de jataí em balas para tosse e bronquite. E ainda com erva-cidreira, assa-peixe e barbasco para pneumonia.

Toxicidade Contém um princípio tóxico triterpenoide, chamado lantadena, que causa icterícia e fotossensibilização. A casca pode causar hepatotoxicidade. A folha demonstrou atividade supressiva litogênica de biles. Atividade imunossupressora. Inibição à formação de peróxidos lipídicos.



CAMOMILA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Chamomilla recutita (L.) Rauschert

Sinonímia Vulgar

Camomila-verdadeira, camomila-romana, camomila-dos-alemães, camomila-comum, camomila-vulgar, matricária.

Sinonímia Científica

Matricaria recutita L.; *Matricaria chamomila* L.; *Matricaria chamomila* Blanco; *Matricaria chamomila* var *recutita* (L.) Grierson



CAMOMILA

Descrição Planta herbácea anual, de até 30 cm de altura, pilosa, verde-brancacenta, muito aromática, ramos aéreos numerosos, pouco resistentes. Folhas alternas, estreitas, bipinipartidas segmentos numerosos e aromáticos. Flores em capítulos solitários, involúcro de brácteas pilosas, desiguais; as inteiras são escariosas nos bordos e no ápice. Receptáculo cônico e guarnecido de palhetas. Flores periféricas férteis, de corola branca, liguladas; as centrais em disco são amarelas, bem semelhantes às da periferia. Fruto aquênio pequeno, esverdeado, liso, com 3 linhas e sem papilas. Prefere o clima temperado, pois o calor intenso inibe seu crescimento. A temperatura e a luminosidade têm mais influência em seu teor de óleo do que o solo. Reprodução por sementes. A semente deve ficar sobre o solo rico em matéria orgânica e não em leiras, é sensível ao excesso de calor e secas prolongadas. Existem muitas plantas com o nome de camomila: camomila-romana, falsa-camomila, camomila-amarela e artemigem-dos-jardins, mas com características e indicações diferentes.

Parte Usada Capítulos florais.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, vinho, soluto concentrado ou cataplasma.

Emprego É usado como estomáquico, carminativo, calmante para excitação nervosa e insônia. Reduz o estresse promovendo o relaxamento. Atua em inflamações cutâneas, como eczemas e erupções. Em bochechos, atua sobre feridas bucais. Febrífugo. Usado em menstruações dolorosas e excessivas. Gastrite, azia e má digestão. O tampão do decocto atua sobre os olhos irritados e cansados. Dosagem: o infuso a 5%, 2 a 3 xícaras entre as refeições; o pó, 2 a 8 g três vezes ao dia. Em fitocsméticos, em torno de 5%. A apigenina tem propriedades ansiolítica e sedativa, os polissacarídeos, propriedades imunoestimulantes e os éteres bicíclicos têm atividades espasmolíticas.

Constituição Química Óleo essencial contendo camazuleno e camavioleno (dão coloração azul para o óleo), matricina e α -bisabolol; hidrocarbonetos terpênicos, contendo farneseno, cardineno; flavonoides, principalmente apigenina e quercetina; cumarinas; éteres bicíclicos, resinas (triacontano e fitosterina) e muitos ácidos.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associada à melissa, à menta e à valeriana. Teoricamente a camomila pode aumentar o efeito de outros sedativos. A camomila pode inibir a agregação plaquetária, devido à ação da herniarina, o que pode aumentar o risco de hemorragia. Inibe a ação da varfarina. O α -bisabolol do óleo da camomila tem efeito protetor contra úlceras gástricas provocadas pela aspirina. A apigenina se liga aos receptores das benzodiazepinas o que pode alterar o efeito da droga. O chá da camomila pode diminuir a absorção do ferro.

Contraindicação Reações alérgicas são muito raras, quando acontecem é por reação cruzada por uso de outras plantas da família Asteraceae. Estudos em animais demonstraram que doses muito concentradas têm efeito emético e hipotensor. Lavar os olhos com chá de camomila pode induzir à conjuntivite alérgica.

Toxicidade Dermatite de contato, fotodermatite. A superdosagem pode causar náuseas, insônia e excitação nervosa. O chá forte e quente pode causar êmese. É considerada segura como tempero.





AMOMILA-FALSA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Chrysanthemum anethifolium Brouss ex. Willd.

Sinonímia Vulgar

Margaridinha-de-jardim.

Sinonímia Científica

Chrysanthemum anethifolium (Willd.) Steud





CAMOMILA-FALSA

Descrição Planta herbácea, perene, muito ramificada, com até 80 cm de altura, com folhas glaucas (branco-azuladas), muito divididas e muito semelhantes às da verdadeira camomila. Inflorescência em capítulos, muito parecida com as da margarida, porém com 1 a 2 cm de diâmetro. As flores do raio são femininas e brancas, e as do centro são amarelas e andróginas. O pedúnculo que sustenta a inflorescência tem de 8 a 10 cm. A divisão feita por estaca ou ponteira deve usar toda a planta matriz, pois, de modo geral, retirar fragmentos da planta ocasiona a morte da planta mãe. O enraizamento dessas ponteiras e estacas deve ser feito à sombra.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Folhas frescas in natura ou infuso.

Emprego Como anestésico local nas dores de dente ou doenças da boca e da garganta.





CAMOMILA-AMARELA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Coreopsis grandiflora Hogg ex Sweet.

Sinonímia Vulgar

Camomila-amarela.

Sinonímia Científica

Coreopsis grandiflora Nutt ex Chapn.





CAMOMILA-AMARELA

Descrição Tem sido usada como sucedânea da camomila verdadeira, porém com algumas diferenças. As folhas são simples, lineares, muito estreitas, uninérveas de até 2 cm de comprimento. As flores femininas, as andróginas e o capítulo são amarelos. O capítulo é côncavo. Possui um cheiro semelhante ao da camomila verdadeira, mas seu sabor é muito mais amargo.

Partes Usadas Toda a planta, especialmente as flores.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Gripes, febres, como calmante, resfriados e como digestiva. Decocto, 30 g/l. Tomar 3 a 4 xícaras ao dia, no caso de febres, e após as refeições, como digestivo.

Constituição Química Flavonoides responsáveis pela coloração amarela desta planta.





CANA-DE-AÇÚCAR

Família

Poaceae (Gramineae)

Nome Científico

Saccharum officinarum L.

Sinonímia Vulgar

Cana-de-açúcar, cana-caiana.



ANA-DE-AÇÚCAR

Descrição Planta herbácea, originada da Índia, com rizoma vivaz e ramificações aéreas até 5 m de altura, colorido de amarelo até o vermelho-escuro ou verde. Nós do caule salientes, pouco distantes uns dos outros e de crescimento rápido. Folhas dísticas, embutidas, com longa bainha aberta, pilosa, lígula curta, inteira, arqueada, limbo longo, até 1,20 m de altura. Ereta, de bordas distendidas, planas, atenuadas, agudas no ápice e serreadas. Nervura mediana desenvolvida e sulcada, suas folhas se rompem de cima para baixo quando velhas. Flores dispostas em panículas terminais, com pelos sedosos, esbranquiçados. Os ramos da inflorescência são alternos, distendidos e estriados, com espigas unifloras, aos pares, sendo uma séssil e outra pedunculada, ambas articuladas. Sua base é guarnecida de uma coroa de longos pelos brancos. Cada espigueta é protegida por 2 glumas. Três estames lineares, de filetes delgados e com anteras versáteis. Ovário súpero, unilocular, liso, com 2 longos estiletes plumosos e vermelhos. Fruto cariopse, semente albuminosa.

Partes Usadas Sumo do caule ou folhas

Formas Farmacêuticas Xarope simples, pastilhas, tabletes, balas ou decocto.

Emprego Popularmente o decocto da parte central de três folhas, adoçado com açúcar, controla a pressão. O sumo do colmo tomado 2 vezes ao dia é utilizado para aumentar a lactação e tratar de insônia. Para pressão alta, tomar um pedaço da folha em decocção. Edulcorante. Ação antioxidante, antimicrobiana, cicatrização de feridas e úlceras. A cana-de-açúcar é uma especialidade farmacêutica, porque dela retiramos o álcool e o açúcar, que são usados em várias formas farmacêuticas, daí a sua importância.

Constituição Química Sacarose que, por hidrólise, se transforma em glicose e frutose; α -hidroxiácidos (ácido glicólico), ácido hidrocianico, ácido ascórbico, sais minerais (cálcio e ferro), flavonoides e fibras.

Contraindicação O açúcar retirado da cana é contraindicado para diabéticos e obesos.

Toxicidade Em excesso, pode provocar cólica, diarreia, irritação nos rins, urticária, paralisias e transpiração em excesso.





CANA-DE-MACACO

Família

Costaceae (Zingiberaceae)

Nome Científico

Costus spicatus (Jacq.) Sw.

Sinonímia Vulgar

Caninha-do-brejo, caninha-de-macaco, cana-fista, cana-do-reino.

Sinonímia Científica

Alpinia spicata Jacq.; *Amomun petiolatum* Lam.; *Costus conicus* Stokes; *Costus cylindricus* Jacq.; *Costus micranthus* Gagnep.; *Costus quartus* Roem & Schult.



ANA-DE-MACACO

Descrição Planta perene, rizomatosa, ereta, não ramificada, de 1 a 2 m de altura. Nativa em quase todo Brasil e muito comum em Minas Gerais, tanto nativa quanto cultivada. Folhas alternas, espiraladas, membranáceas e com uma bainha tipo ócrea, denominada lâmina, medindo de 25 a 40 cm de comprimento e de 6 a 10 cm de largura. Flores róseas e em espigas tipo estróbilo de cor vermelha. A multiplicação é feita por sementes ou por desdobramento de touceira. Cresce em solos férteis e úmidos.

Partes Usadas Toda a planta, especialmente folhas ou raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, xarope, elixir ou vinho.

Emprego Toda a planta é usada, em infuso ou decocto, como litagoga, diurética e nas anemias. As folhas ou raízes são usadas sob forma de infuso no vinho, no combate a diarreia e a gastrenterite. O infuso ou decoto a 5%, tomar de 2 a 3 xícaras ao dia. O elixir, vinho ou xarope, de 20 a 100 ml ao dia. Contraditoriamente, mesmo esta planta possuindo oxalato de cálcio no caule, o uso como litagogo pode ser feito sem restrição, uma vez que esses cristais são insolúveis tanto no infuso ou decocto.

Constituição Química Ácido oxálico, inulina, taninos, matérias pécticas, flavonoides hesperosídeos e diglicosídeos.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associada ao confrei, à panaceia, à cana-de-açúcar, à tanchagem e ao picão, como litagogo.



CANAFÍSTULA

Família

Leguminosae (Caesalpinoideae)

Nome Científico

Cassia fistula L.

Sinonímia Vulgar

Canafístula, chuva-de-ouro.

Sinonímia Científica

Bactrylobium fistula (L.) Willd.; *Cassia bonplandiana* DC.; *Cassia excelsa* Kunth; *Cassia fistuloides* Colladon; *Cassia rhombifolia* Roxb.; *Cathartocarpus excelsus* G. Don; *Cathartocarpus fistula* (L.) Pers.; *Cathartocarpus fistuloides* (Colladon) G. Don; *Cathartocarpus rhombifolius* G. Don



ANAFÍSTULA

Descrição Árvore elegante, de porte semelhante ao da noqueira, tronco ramificado, com 50 a 60 cm de diâmetro e 5 a 10 m de altura. Casca do caule de cor acinzentada e verde nos ramos novos. Folhas alternas, curtamente pecioladas, de 30 a 50 cm de comprimento, compostas com 4 a 8 pares de folíolos opostos, ovais, pontiagudos, rendados de numerosas nervuras finas inteiros e lisas. Flores hermafroditas, irregulares, dispostas em longos cachos simples e pendentes, pedunculados, com uma bráctea curta na base, pedicelos longos, glabros, flexíveis. Cálice com 5 sépalas desiguais, ovais, arredondadas, glabras, verde-claras e caducas. Corola com 5 pétalas amarelas, desiguais, obtusas, alternadas com as sépalas e 3 vezes mais longas do que as mesmas. Androceu diplostêmone, estames hipóginos, sendo 3 inferiores grandes. Ovário estipulado sobre um disco arqueado, tendo na extremidade o estigma. Fruto legume, pendente, longo, de 15 a 50 cm de comprimento, largo, atenuado nas duas extremidades, glabro, contendo 2 suturas laterais, sendo uma saliente e outra em goteira. Sementes em discos planos, reticulares, amarelo-escuras, lisas e de tegumento duro.

Parte Usada Frutos.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, pó ou polpa.

Emprego Laxativo, descongestionante das inflamações intestinais. Infuso ou decocto a 10%, tomar 2 a 3 xícaras ao dia. Pó, de 3 a 12 g ao dia; extrato fluido, 15 a 60 ml ao dia; polpa, de 4 a 8 g como laxativo e 30 a 60 g como purgativo (crianças 3 g por ano de vida, uso diurno). As propriedades laxativas são atribuídas à presença de oximelantraquinonas.

Constituição Química Antraquinona (oximetilantraquinona), sacarose, frutose, matérias pécticas, tanino e goma.

Contraindicação Não deve ser usado como xarope, porque seu princípio ativo é aumentado e pode causar crise de nefrite aguda.

Toxicidade Ação nefrotóxica em altas doses.





CANELA-DA-CHINA

Família

Lauraceae

Nome Científico

Cinnamomum aromaticum Nees.

Sinonímia Vulgar

Canela-de-cheiro, Canela

Sinonímia Científica

Cinnamomum cassia Nees ex Blume; *Cinnamomum obtusifolium* var. *cassia* Perrot & Berhardt; *Cinnamomum aromaticum* Zoll.; *Cinnamomum aromaticum* J. Genhan





CANELA-DA-CHINA

Descrição A canela foi introduzida na Europa por mercadores árabes e fenícios, e até nos dias de hoje é empregada como sucedânea de qualidade inferior à da canela verdadeira. Árvore sempre verde que pode atingir 7 m de altura, com casca branca aromática e ramos angulares. As folhas são oblongo-lanceoladas de 7,5 a 10 cm de comprimento, com pecíolos finos de 6,0 a 8,0 mm de comprimento. As flores pequenas são reunidas em cachos de cimas trifloras. As inflorescências podem atingir de 7,0 a 12 cm de comprimento. Os frutos são bolotas (aquênio pluricarpelar com cúpula) de cor vermelha. Seu odor é forte, aromático, menos agradável do que a canela-do-ceilão. Sabor quente, picante e um pouco mucilaginoso.

Parte Usada Cascas do caule.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, pó, tintura, extrato-fluido ou xarope.

Emprego Aromática, carminativa, adstringente, estimulante, febrífuga, emenagoga, condimentícia. Infuso e decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras das de café ao dia; extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Óleo essencial, resina, tanino, lignina, basorina e substância corante. O óleo essencial dessa canela é formado principalmente por aldeído cinâmico 75 a 90%, salicilaldeído, benzaldeído, metil-eugenol. Eugenol, felandreno, safrol, furfurool, contém também, traços de ácido cinâmico, aldeído orto-metil-cumárico e acetato de cinamila. Mucilagem e amido.

Interações Medicamentosas e Associações Absorção reduzida de tetraciclina e metaciclina, devido à dissolução diminuída da cápsula gelatinosa in vitro. Diminuiu as úlceras induzidas por fenilbutazona e etanol.

Contraindicação Pessoas com hipertensão devem evitar seu uso contínuo.

Toxicidade Não deve ser usada por mulheres grávidas por ter propriedades abortivas e emenagogas. Não deve ser usada, também, por pessoas com alergia à canela e nem nas refluxofagites. Podem alterar enzimas metabolizantes de drogas. Considerada segura como tempero e condimento.





CANELA-DO-CEILÃO

Família

Lauraceae

Nome Científico

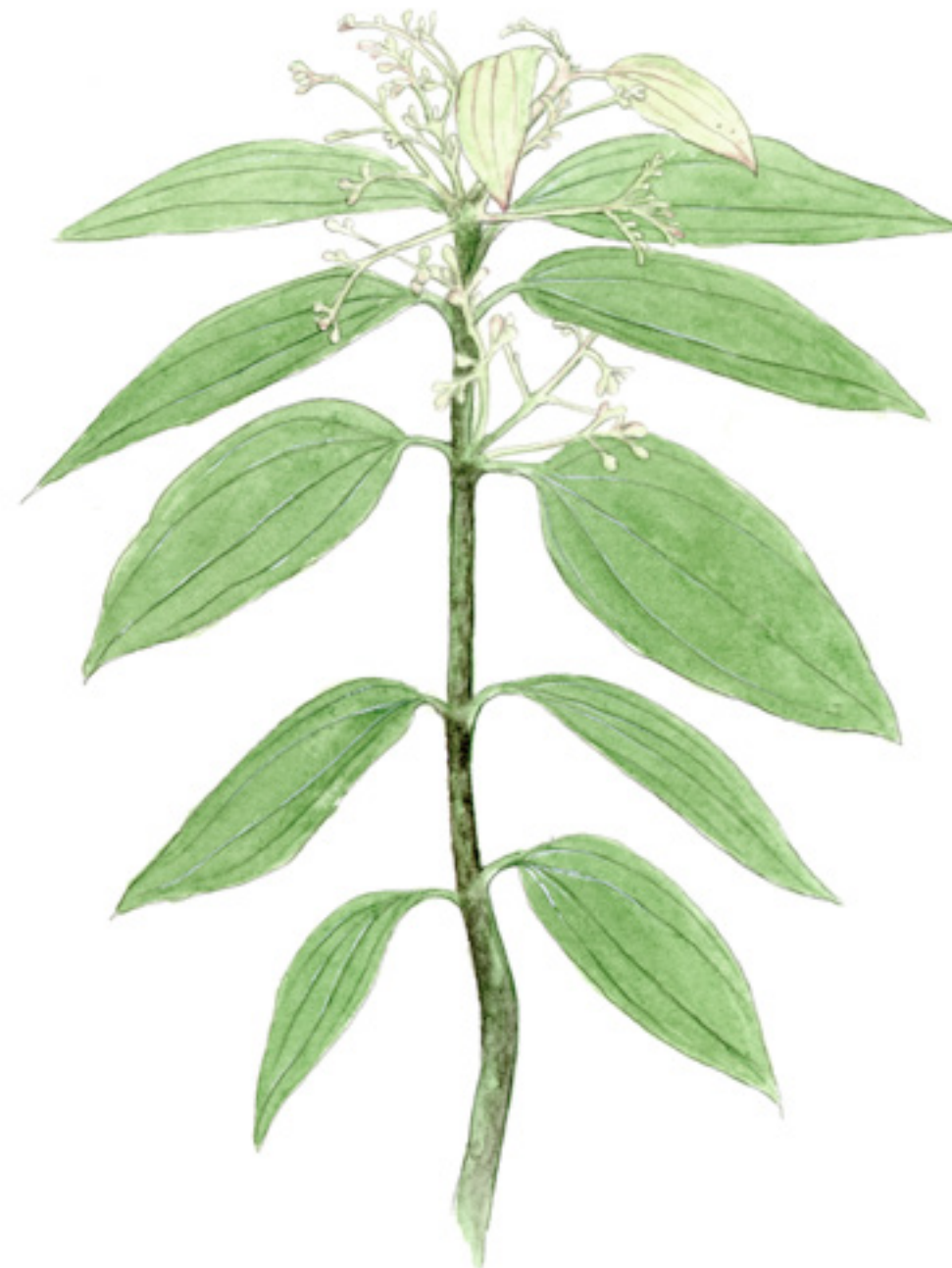
Cinnamomum verum J. S. Presl

Sinonímia Vulgar

Caneleiro, canela-verdadeira, canela-de-cheiro, canela.

Sinonímia Científica

Cinnamomum aromaticum Grah.; *Laurus cinnamomum* L.;
Persea cinnamomum Spreng; *Cinnamomum verum* J. S. Presl;
Cinnamomum zeylanicum Nees; *Cinnamomum zeylanicum*
Blume



ANELA-DO-CEILÃO

Descrição Árvore pequena de até 9 m de altura e 40 cm de diâmetro, casca espessa, pálida e glabra. Ramos cilíndricos de folhas simples, opostas ou subopostas, raramente alternas, pecioladas, ovadas, subagudas ou curto-acuminadas e com a base aguda ou arredondada, de tamanho, forma e consistência variáveis, constantemente coriáceas, peninérveas, com 3 a 5 nervuras na base, luzídias e glabras na página superior e glaucas, densamente reticuladas na inferior. Flores numerosas, axilares, amarelo-esverdeadas; pequenas, aromáticas, bracteadas, reunidas em racemos ramificados e dispostos em panículas terminais amplas e sedoso-pubescentes. Fruto drupa com 2 cm, roxo-escuro, contendo uma semente cujo embrião está cheio de óleo essencial.

Partes Usadas Casca do caule ou folhas. A casca do caule deve ser seca em local sombreado e bem ventilado por 5 dias e, em seguida, exposta ao sol não muito intenso.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido, pó, tintura, alcoolato ou vinagre.

Emprego Edulcorante, excitante, tônico, estimulante, carminativo, estomacal, condimento. Seus efeitos terapêuticos são devidos à ação do óleo essencial e ao tanino. Aumenta a secreção do suco gástrico, corrige e modera cólica intestinal, quando associado aos purgativos. As cascas do caule ou as folhas, sob a forma de decocto, são usadas para má digestão, gripe, resfriado, e também é estimulante; controla a hipotensão e o nervosismo. Acredita-se ainda que o caule misturado a outras plantas, sob a forma de decocto, aumenta a probabilidade de gravidez em mulheres estéreis. Infuso ou decocto a 5%, 50 a 200 ml ao dia; extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia; óleo essencial, de 2 a 3 gotas ao dia.

Constituição Química A canela possui, além dos óleos essenciais de aldeídos cinâmicos e cumínicos, eugenol, metil-acetona, bezaldeído. Contém, ainda, mucilagem, amido, manose, felandreno, taninos, oxalato de cálcio e vanilina.

Contraindicação Pessoas com hipertensão não devem fazer uso contínuo. Contraindicada na gravidez devido ao efeito emenagogo do óleo volátil. Hipersensibilidade alérgica. Úlceras estomacais ou intestinais devido ao seu efeito estomáquico. Contraindicada também no refluxofagite.

Toxicidade Pode causar irritações na pele. Reações de hipersensibilidade, sonolência, aumento de mobilidade do trato gastrintestinal, aumento da frequência cardíaca. Mulheres grávidas devem evitar o uso por ser a canela, em altas doses, abortiva. Altas doses podem causar também metahemoglobinemia, dermatite, irritação oral e estomatite.



QANFOREIRO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Artemisia alba Turra

Sinonímia Vulgar

Alcanfor.



ANFOREIRO

Descrição Planta herbácea, de caule ereto, atingindo até 30 cm de altura. Folhas multifendidas, com lóbulos muito finos, filiformes; alternas, uninérveas, muito numerosas. Flores em panículas de capítulos terminais, de cor branca. Floresce raramente em Minas Gerais, tendo sido encontrada florida apenas na Serra do Caparaó. Cultivada em ponteiras, em locais bem drenados de solo fértil.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Alcoolatura ou decocto.

Emprego Picadas de insetos, contusões, antisséptico, resolutivo e analgésico local.

Constituição Química Cânfora.



CAPEBA

Família

Piperaceae

Nome Científico

Piper umbellata L.

Sinonímia Vulgar

Caapeba, capeva, pariparoba.

Sinonímia Científica

Heckeria umbellata (L.) Kunth; *Heckeria sidaefolia* Kunth;
Lepiantes umbellatum (L.) Raf.; *Peperomia sidaefolia* A. Dietr.;
Peperomia umbellata (L.) Kunth; *Piper dombeyanum* C. DC.;
Piper peltatum Ruiz & Pav.; *Piper sidaefolium* Link & Otto.;
Piper umbellatum L.; *Piper umbellatum* var. *majus* C. DC.;
Pothomorphe alleni Trel.; *Pothomorphe dombeyana* Miq.;
Pothomorphe sidaefolia Miq.; *Pothomorphe umbellata* (L.) Miq.



APEBA

Descrição Planta ornamental, subarborescente, ereta, perene, ramificada com hastes articuladas e com nós bem visíveis atingindo 2,5 m de altura, nativa quase em todo Brasil, principalmente em Minas Gerais. Folhas muito grandes de até 23 cm de comprimento e com o mesmo diâmetro de largura, arredondadas de base cordiforme, parecendo peltadas, cartáceas de nervura multinérveas, com pecíolos muito compridos. Flores pequenas com inflorescência em umbela de espigas; as flores masculinas são entremeadas com as femininas. As femininas estão reduzidas ao ovário, com estigma trifido; as masculinas são formadas por um estame com antera amarela. O fruto é tricoca. Propaga-se pelo desdobramento de touceira e estacas do caule, deve ser plantada em época chuvosa em solos bem drenados.

Partes Usadas Folha, raízes ou cascas.

Formas Farmacêuticas Decocto, infuso, xarope ou vinho.

Emprego As folhas ou raízes sob a forma de decocto ou infuso, são usadas para males do fígado, baço e rins, úlceras, resfriados, bronquites, como diurético, febrífugo, depurativo, emenagogo, na icterícia, sífilis, leucorreia, nas afecções urinárias, furunculoses, queimaduras e filariose. A casca, em decocção, é usada nos problemas de vesícula. O chá é preparado sobre a forma de infuso, usando-se 1 colher das de chá de raízes picadas em 1 xícara das de chá de água fervente, tomando-se 3 dessas xícaras por dia. As folhas são preparadas em decocção ou xarope, usando-se 1 colher das de sopa de folhas e de hastes em 1 xícara das de chá, tomando-se 1 colher das de sopa de 1 a 3 vezes ao dia, para adultos. O vinho é preparado com 2 colheres das de sopa de raízes em 1 garrafa de vinho branco. Tomar 1 colher de sopa antes das refeições como estimulante digestivo. Estudos

realizados no Japão evidenciam sua ação contra a *Helicobacter pylori*, bactéria responsável pelo desenvolvimento da úlcera gástrica, mas são necessários novos trabalhos para conclusões definitivas.

Constituição Química Óleo essencial, esteroides, mucilagens, substâncias fenólicas e pigmentos.

Toxicidade Sem referência





CAPEBA-DO-BRASIL

Família

Piperaceae

Nome Científico

Piper regnelli C. DC.

Sinonímia Vulgar

Capeba-do-brasil, caapeba-do-brasil, pariparoba, capeva.

Sinonímia Científica

Piper regnellii (Miq.) C. DC.





CAPEBA-DO-BRASIL

Descrição Arbusto ereto, perene, de até 2 m de altura, provido de nós e entrenós. Folhas longo-pecioladas, peltadas, ovato-arredondadas, membranosas, hispido-nervadas na página inferior. Flores dispostas em espigas eretas nas axilas das folhas. Espigas simples. Fruto baga pequena, tricarpelar, estigma trifido e comestível. Sementes claras. Multiplica-se por sementes, estacas ou fragmentos retirados da base que estejam enraizados.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Decocto, infuso, ou refogadas como verdura.

Emprego Estimulantes, estomacal, afecções renais, hipertensão e nas cólicas do fígado.

Constituição Química Óleo essencial, esteroides, mucilagens, substâncias fenólicas e pigmentos.





QAPIM-DE-SÃO-JOSÉ

Família

Poaceae (Gramineae)

Nome Científico

Cymbopogon martinii (Roxb.) J. F. Watson

Sinonímia Vulgar

Saco-saco, palma-rosa.





CAPIM-DE-SÃO-JOSÉ

Descrição Capim de 1 a 2 m de altura, que forma touceira em terrenos baldios ou beira de estrada. Possui nós e entrenós bem marcados. Suas características são as da família, com folha ensiforme de nervuras paralelinérveas e margem serrilhada. O que a distingue das demais gramíneas é seu pendão, que muitas vezes forma vários grupos unidos com espessura variável e muito bonita. Tem um cheiro muito agradável e é usado popularmente para defumar o ambiente.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, pomada, creme ou óleo essencial do broto das folhas.

Emprego Popularmente é usada em sinusites, gripes, enxaquecas, insônias, tosses rebeldes e bronquite. Outros autores citam ação como adstringente, afrodisíaca, antisséptica, antifúngica, aromática, bactericida, calmante, cicatrizante, estimulante, hidratante, refrescante, regeneradora celular, relaxante, tônica.

Constituição Química Ácido orgânico (acético, cáprico, caprílico, decanoico, hidrociânico); borneol, carvona, citral, citronela, citronelol, eugenol, farsenol, felandreno, furfural, geraniol, isovaleraldeído, limoneno, linalol, piperitona, terpineol, vanilina.

Contraindicações O óleo não deve ser usado internamente.





CAPIM-GORDURA

Família

Poaceae (Gramineae)

Nome Científico

Melinis minutiflora P. Beauv.

Sinonímia Científica

Tristegis glutinosa Nees; *Panicum melines* Trin.



APIM-GORDURA

Descrição Erva difusa, de raiz comprida, fina e brancacenta. Colmo espesso, branco ou avermelhado até 1 m de comprimento. Ereto apenas no ápice. Folhas estreitas, lineares, lanceoladas, agudas, de 10 cm de comprimento a 1 cm de largura. As folhas são pilosas, aromáticas, viscosas, dando impressão de gordurosas. Inflorescência em panículas compostas roxo-avermelhadas ou violáceas, cerdosas, espiguetas solitárias e sementes insignificantes.

Parte usada Toda a planta.

Forma Farmacêutica Sumo.

Emprego O sumo passado diretamente no couro cabeludo faz crescer e nascer cabelos. Como antidiarreico e diurético é usado o infuso e decocto na dosagem de 1 xícara das de chá de folha picada para 1 litro de água, tomando-se 3 a 4 xícaras de café ao dia.

Constituição Química Riquíssima em proteína digestível é uma das principais gramíneas usadas como forrageira, aumentando a secreção látea das vacas. Contém óxido de cálcio, óxido de potássio, ácido fosfórico, ácido silícico.



APIM-LIMÃO

Família

Poaceae (Gramineae)

Nome Científico

Cymbopogon citratus (DC.) Stapf.

Sinonímia Vulgar

Capim-limão, capim-santo, capim-cidreira, lana, capim-de-lapa, erva-cidreira.

Sinonímia Científica

Andropogon schoenanthus L.; *Andropogon citratus* DC. ex Nees; *Andropogon citratus* DC.; *Andropogon ceriferus* Hack.; *Andropogon citriodorum* Hort. ex Desf.; *Andropogon roxburghii* Nees ex Steud; *Andropogon nardus* subsp. *ceriferus* (Hack.) Hack.; *Andropogon densiflorus* Steud; *Cymbopogon densiflorus* (Steud) Stapf.; *Cymbopogon citriodorus* Link.



APIM-LIMÃO

Descrição Erva perene e cespitosa, de raiz estolonífera e com numerosos colmos eretos, até 2 m de altura, cilíndricos, compactos, sólidos finamente estriados e com os nós intumescidos; bainha frouxa, lisa, mais curta do que os entrenós; lígula muito curta; lâminas compridas, estreitas, planas, lineares, lanceoladas, acuminadas, arredondadas e semiamplexicaules na base, nervura central grossa e canaliculada, glauca, glabra (exceto nas margens que são hispídas), aromática. Inflorescência em panícula de 40 cm de comprimento ou mais, contraída, composta de numerosos fascículos de espigas finamente pediceladas e com brácteas internas ou externas aquilhadas, de cor vermelho-brilhante na maturação; ráquis e pedicelos revestidos de pelos brancos; espiguetas amarelo-esverdeadas, sendo as pedunculadas com as glumas 8 a 10 nervadas. Toda a planta exala um aroma particular, acre, não desagradável, semelhante ao do limão, o qual desaparece com a secagem e persistindo somente no rizoma. Reproduz-se por divisão de touceira, deixando-se grupos de 3 mudas. Durante as 2 primeiras semanas deixar as mudas em local sombreado.

Partes Usadas Folhas ou rizoma.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, maceração ou essência.

Emprego Aromático, diaforético, estimulante, emenagogo, contra febres intermitentes. Calmante ou antiespasmódico nas cólicas, carminativo, expectorante e nas diarreias. O óleo essencial dessa espécie possui ação antibacteriana, aumenta o tempo de sono e tem propriedade anticonvulsivante. O efeito analgésico é atribuído à presença do mirceno nesta espécie. A maceração deve ser feita com 40 folhas picadas e batidas no liquidificador juntamente com 1 litro de água, passar em peneira bem fina. O infuso é feito com 6 folhas frescas em uma xícara de água. Tomar à vontade.

Constituição Química Óleos essenciais contendo citral e seus isômeros geranial e neral. Vários aldeídos como: citronelal, iso-valeraldeído e decil-aldeído, cetonas, álcoois, metil-heptenol, farnesol, terpenos, como depenteno e β -mirceno. Ácido, como acético. Constituintes fixos da parte aérea: flavonoides, substâncias alcaloídicas, uma saponina esteroideal, β -sitosterol, n-hexacosanol e n-triacontanol. Triterpenoides isolados da cera que recobre as folhas: o cimhopogonol e cimhopagona.

Contraindicação Na gravidez. No glaucoma, devido à habilidade do citral, seu principal componente volátil, de aumentar a pressão ocular em doses muito pequenas, de 2 a 5 mcg. Na hiperplasia prostática, pela influência estimulante nos receptores de estrogênio. Superdosagem pode provocar hipocinesia, ataxia, bradipneia, perda de postura, sedação e diarreia.

Interações Medicamentosas e Associações O componente β -mirceno pode induzir enzimas que diminuem os níveis séricos de drogas metabolizadas por essas enzimas (losartan, varfarina, propranolol, tilenol, viagra, e várias outras). Pode ser associado ao limão e à hortelã.

Toxicidade Reação alérgica, alveolite (inalação), pequena elevação da bilirrubina direta e amilase. É seguro usá-lo como óleo, extrato e óleo-resina.





QAPIM-PÉ-DE-GALINHA

Família

Poaceae (Gramineae)

Nome Científico

Eleusine indica (L.) Gaertner

Sinonímia Científica

Cynosurus indicus L.; *Eleusine gracilis* Salisb.; *Cynodon indicus*

Raspail





QAPIM-PÉ-DE-GALINHA

Descrição Planta herbácea anual, cosmopolita, cespitosa e ereta, de raízes fortemente fibrosas e colmos foliosos na base, atingindo até 60 cm de altura, comprimidos estriados e glabros. Bainha foliar comprimida, estriada e sem aurícula, com lígula membranácea, curtíssima e pelos brancacentos nas margens e parte superior. Folhas dísticas, planas ou plicadas sobre a nervura média, lineares, aguadas, glabras ou esparsamente pilosas na página inferior e escabrosa na página superior. Inflorescência formada em espigas de 2 a 7 quase sempre, robustas, lineares, flexíveis, tendo 1 a 2 espigas destacadas. Espiguetas comprimidas em duas séries fazendo um ângulo agudo com a ráquis da espiga. Fruto cariopse, com três ângulos ligeiramente estriados e castanho-avermelhados.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego É diurética, muito usada contra bronquite e, em mistura ao assa-peixe, combate pneumonia, hematúria e hemoptise, amenorreia e nevralgias. O infuso e o decocto são preparados com 1 xícara da planta picada em 1 litro de água, tomando-se de 4 a 5 xícaras de café ao dia.

Constituição Química Ácido silícico, óxido de potássio e de cálcio, ácido fosfórico, ácido graxos, celulose, glicosídeos, saponinas, alcaloides, oxidases e peroxidases.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associado ao assa-peixe contra pneumonia.





CAPUCHINHO-GRANDE

Família

Tropaeolaceae

Nome Científico

Tropaeolum majus L.

Sinonímia Vulgar

Chagas, cocleária, capuchinha, chagra, curiara.

Sinonímia Científica

Cardaminum majus Moench.





QAPUCHINHO-GRANDE

Descrição Trepadeira anual, originária do Peru e muito cultivada como ornamental em Minas Gerais. Herbácea, de raízes fibrosas, caules retorcidos, carnosos e cilíndricos, até 2 m de comprimento, verde-claros, brancacentos, frágeis. Folhas alternas, longamente pecioladas, pecíolos cilíndricos, às vezes, torcidos, peltinérveas, peltadas, com 5 lobos, sendo os segmentos pouco salientes. Flores axilares, solitárias, longamente pedunculadas, grandes, coloridas desigualmente. O receptáculo é prolongado na sua parte inferior em um esporão oco e alongado, pouco curvo e nectarífero. Cálice com 5 sépalas desiguais, amarelas e com uma espora longa (flor calcarada). Corola com 5 peças ovato-obtusas, desiguais, amarelo-alaranjadas ou vermelhas, às vezes, dobradas, com máculas escuras. Androceu polistêmone, com 8 estames livres. Ovário livre, trígono, com 3 lojas uniovuladas. Estilete longo. Cilíndrico e com 3 ramos estigmatíferos. Fruto cápsula tricoca, de pericarpo espesso e carnosos, primeiramente única, globosa, separando-se depois em 3 pequenos aquênios, cada um com 1 semente. A planta se reproduz por sementes, estacas ou desdobramento de touceiras e não exige solo muito rico, mas cresce bem a pleno sol.

Partes Usadas Folhas, flores ou frutos.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido ou salada.

Emprego As folhas e flores são diuréticas, antiescorbúticas e usadas nas escrofuloses. Combatem também a queda de cabelo. O fruto é indicado para combater eczemas, psoríase e furunculoses. O infuso é preparado com 4 colheres das de sopa de folhas picadas ou 2 de sementes em 1 litro de água. Tomar de 3 a 4 xícaras ao dia. Para uso externo, reduzir a água pela metade. A infusão de suas folhas com leite é recomendada para afecções pulmonares e como expectorante.

Constituição Química Enzima mirosina, glucotropaeolina que origina compostos sulfurados, resinas, óleo essencial e vitamina C.

Contraindicação Não foram encontradas.

Interações Medicamentosas e Associações Em uso externo, pode ser associada à bardana para estimular o crescimento dos cabelos e prevenir sua queda.

Toxicidade Não foi encontrada.



CARAMBOLA

Família

Oxalidaceae

Nome Científico

Averrhoa carambola L.



ARAMBOLA

Descrição Pequena árvore, originada da Índia ou da Malásia, muito cultivada em Minas Gerais. Raiz principal, caule ereto e ramificado com folhas compostas, imparipinadas, de folíolos ovais e mucronados. Flores pequenas, róseas, pentâmeras. Androceu com 10 estames epipétalos. Gineceu com 5 carpelos de deiscência loculicida, sem pelos, e depois de fecundado produz um fruto indeiscente, alongado, anguloso, com ângulos profundos. O fruto é carnoso de um verde-amarelado, suculento e a polpa está constituída pelo mesocarpo que enche todo fruto deixando ao centro 5 lóculos dispostos radialmente, onde se alojam numerosas sementes. Sementes pequenas e lisas. Multiplica-se por sementes.

Partes Usadas Folhas, frutos ou ramos novos.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego Febrífugo, anti-hemorroidal, diurético, nos eczemas, infecções dos rins e bexiga, na diabetes e picada de insetos. Pilar folhas frescas e aplicar sobre as áreas afetadas.

Constituição Química Sais minerais (cálcio, fósforo e ferro), vitaminas A, B1, B2, B5 e C. Hidratos de carbono, proteínas e gorduras. É também fonte natural de ácido oxálico.

Contraindicação Pessoas portadoras de sensibilidade ao ácido oxálico e com enfermidades renais. As folhas, quando usadas por um tempo prolongado, podem provocar falência renal, sendo que, muitas vezes, o paciente é obrigado a fazer hemodiálise.

Toxicidade Soluços intratáveis, náusea, vômitos, agitação, rigidez muscular, convulsões, confusão mental, dor abdominal e elevação da temperatura corporal.



CARAPIÁ

Família

Moraceae

Nome Científico

Dorstenia brasiliensis Lam.

Sinonímia Vulgar

Contra-erva, cayapiá-preto, figueira-terrestre, liga-osso, caiapá, chupão.

Sinonímia Científica

Dorstenia arifolia Lank.; *Dorstenia cyperus* Vell.; *Dorstenia pinnatifida* Miq.



ARAPIÁ

Descrição Erva perene de pequeno porte, que habita os barrancos, as matas e as beiras de estradas. É uma planta que apresenta caule curto, rizomatoso, medindo de 5 a 10 cm de comprimento e 10 a 12 cm de largura, cilíndrico, rasteiro, com uma parte subterrânea, tortuosa, densamente estipulada, provida de cicatrizes salientes e de raízes delgadas e longas. Folhas longamente pecioladas, de limbo polimorfo, lobadas ou inteiras, acuminadas, sagitadas, cordiformes, às vezes, pinatífidas ou denteadas, luzidias ou verde-escuras na face ventral e pálida ou escabra na face dorsal e ainda na mesma face com pelos curtos e desiguais. O limbo mede até 35 cm de comprimento e 13 cm de largura. Pecíolos escabrosos ou quase livres. Os capítulos são sustentados por pedúnculos de 8 a 16 cm de comprimento. Receptáculos peltados, às vezes, excentricamente elípticos, outras vezes, triangulares e de margens denteadas ou verrucosas. Flores pequenas, unissexuadas, sobre um mesmo receptáculo, sendo as masculinas com 2 estames e as femininas com um ovário obovoide, curto, estipitado ou séssil, estilete lateral e dois estigmas abertos. Cresce normalmente nas matas, em locais úmidos e sombreados. Planta em perigo de extinção.

Partes Usadas Rizomas ou raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou emplasto.

Emprego É sedativa e antiespasmódica. Ótima diaforética, antifebril, tônica e emenagoga. É usada popularmente como antídoto do veneno de cobras. O rizoma, sob a forma de decocto, é usado nas bronquites, dispneias e como emenagogo e antiespasmódico nas cólicas uterinas. O emplasto é usado externamente para acelerar a consolidação da fratura óssea, daí o nome de liga-osso. O infuso ou decocto a 5%, usa-se de 2 a 3 xícaras ao dia, e a tintura, de 10 a 50 ml ao dia.

Constituição Química Ácidos (dorstênicos, estrofânicoico, graxos); albuminas, alcaloides (caapina e contraervina); benzofuranos, vergapteno, cajupine, celulose, contrayerbine, cumarinas, dorstenina, estireno, esteroides, flavonoides, (flavonone, flavone, flavan, flavonol, chalcone); furanocumarinas, óleos essenciais, psoraleno, sacarídeos, secropine, taninos, terpenos, saponinas, gomas.

Interações Medicamentosas e Associações Pode potencializar os efeitos de medicamentos anticoagulantes.

Toxicidade Em doses excessivas pode provocar vômitos, ardor no estômago e diarreia, podendo até levar à morte. Como é emenagogo não deve ser usado por mulheres grávidas.





CARDO-MARIANO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Silybum marianum (L.) Gaertn.

Sinonímia Vulgar

Cardo-santo, cardo-de-nossa-senhora, serralha-de-folhas-pintadas.

Sinonímia Científica

Carduus marianus L.; *Carduus mariae* Crantz; *Carthamus maculatum* (Scop.) Lam.; *Cirsium maculatum* Scop.; *Mariana lactea* Hill.; *Mariana mariana* (L.) Hill.; *Silybum maculatum* (Scop.) Moench.; *Silybum mariae* (Crantz) Gray





CARDO-MARIANO

Descrição Planta herbácea bianual, lactescente, ereta, espinescente. Folhas simples, sésseis, de cor verde-acinzentada, com manchas brancas ao longo das nervuras, margens lobadas e cheias de espinho, podendo as mesmas atingir até 25 cm de comprimento. Inflorescência em capítulos terminais, formado de muitas flores roxas, com brácteas terminadas em espinho. Sementes variando do branco, cinzento ao negro e lisas. Cresce espontaneamente ao sul do país, mas em Minas Gerais é muito cultivada como ornamental.

Partes Usadas Folhas, raízes ou sementes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato hidroalcoólico.

Emprego É muito empregado contra doenças do fígado, fazendo regeneração das células hepáticas, e como colagoga. A tintura de suas sementes é usada para cólicas, problemas urinários e uterinos, hipertensão. E as folhas para hipotensão. Da tintura podem ser usados de 2 a 5 g ao dia; o pó, de 1 a 2 g; extrato hidroalcoólico, de 0,10 a 0,20 g ao dia; e tintura mãe, 15 gotas.

Constituição Química Silimarina é um complexo ativo composto por uma mistura de 3 silibinas que são flavonolignanas. Além de esteroides na parte aérea foram encontrados ainda ácido fumárico e vários flavonoides. Óleos essenciais, taninos, princípio amargo, histamina e albumina.

Interações Medicamentosas e Associações As silibinas podem aumentar os níveis séricos das drogas metabolizadas por determinadas enzimas ao inibi-las. Com aspirina, a silimarina aumentou seu metabolismo e sua dispersão em animais com cirrose, e a silibina se mostrou protetora do fígado no uso prolongado de várias drogas. O cardo-mariano reduz o risco de danos hepáticos causados pelo butirofenona. Uso concomitante com platinol, a cilibinina mostrou um efeito protetor contra a toxicidade renal da droga. Uso concomitante com várias drogas, a silibinina

mostrou um efeito sinérgico inibidor do crescimento de células cancerígenas. A silimarina diminui a resistência à insulina em pacientes com diabetes e cirrose e pode diminuir os danos ao pâncreas.

Contraindicação Casos de grave oclusão das vias biliares. Pessoas com pressão alta não devem utilizá-la. Contraindicado na gravidez e na lactação; e no uso para crianças não foi estabelecida.



ARDO-SANTO

Família

Papaveraceae

Nome Científico

Argemone mexicana L.

Sinonímia Vulgar

Cardo-santo.

Sinonímia Científica

Argemone leiocarpa Greene; *Argemone mexicana* var. *leiocarpa* (Greene) G. B. Ownbey; *Argemone mexicana* var. *lutea* Kuntze; *Argemone spinosa* Moench.; *Argemone versicolor* Salisb.; *Argemone vulgaris* Spach; *Argemone achoroloeuca* Sweet.



ARDO-SANTO

Descrição Erva de até 1 m de altura, caule verde-cinza, ramificado, espinescente ou quase inerme. Folhas simples, alternas, sésseis, sinuosas, semiamplexicaules, com lobos espinhosos e denteados, peninérveas, com nervuras esbranquiçadas e salientes na parte dorsal, glaucas. Inflorescência solitária, terminal ou axilar. Flores amarelas, andróginas, trímeras, grandes e vistosas. Cálices com 3 sépalas caducas, corola com 6 pétalas livres e orbiculares. Estames numerosos, livres e hipóginos; gineceu com ovário súpero, trígono, unilocular, com 5 placentas parietais e multiovuladas. Fruto cápsula angulosa, aculeada, oblonga, verde quando nova e pardacenta quando madura, abrindo-se por 5 fendas longitudinais. Sementes numerosas, rugosas, pretas, pequenas e escavadas. O suco lactescente da planta é, no Paraguai, usada como sucedâneo do ópio.

Partes Usadas Sementes, folhas, raízes ou flores.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou extrato fluido.

Emprego Usada como calmante, emoliente, narcótico, emético, diaforético, afecções das vias respiratórias. A folha, sob a forma de infuso ou decocto, é usada como febrífuga, em pneumonias e na enxaqueca e dor de cabeça. As sementes frescas em infusão na dose de 10 g/l de água atuam contra a asma. O pó da semente em decocção por 2 minutos na dose de 20 g/l em banhos diários devolve a cor primitiva do cabelo.

Constituição Química Sementes: óleo fixo derivado do ácido linoleico, cetoácidos, flavonoides (luteolina). Folhas e látex: alcaloide diidrosanguinarina e berberina, triterpenoides β -amirina, e de vários glicosídios flavônicos da quercetina e da ramnetina. Ácido vanílico e uma mistura de aminoácidos.

Toxicidade Efeitos colaterais hepatotóxicos.



CAROBA

Família

Bignoniaceae

Nome Científico

Jacaranda caroba DC.

Sinonímia Científica

Jacaranda caroba (Vell.) DC.; *Jacaranda procera* Spreng;
Jacaranda brasiliensis; *Jacaranda caroba* Hort ex Lam.



CAROBA

Descrição Arbusto ou subarbusto de caules fortes, subarredondados quando velhos, floríferos, crassos superiormente, de epiderme subssanguínea, estriada e com lenticelas amarelas. Folhas bipinatífidas, imparipinadas, mais curtas na parte terminal dos ramos. Folíolos numerosos, oblongos, glabros. Nervuras grandes, salientes, em geral 5, raro 6 ou mais. Pecíolos aplanados na base. Panículas de 15 a 20 cm de comprimento, de belas flores violáceas. Cálice tubuloso, campanulado, infundibuliforme, violácea, sendo mais clara na parte inferior. Estames na base da corola. Disco discretamente abaixo do ovário, estilete de 2,5 cm de comprimento. Fruto cápsula elíptica, achatada. Sementes orbiculares ou elípticas, levemente aladas, cinéreo-castâneas.

Partes Usadas Folhas ou caules.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, vinho ou cachaça.

Emprego Antissifilítico, antiblenorrágico, adstringente, diurético, tônico, antirreumático. O caule em infusão é usado externamente para coceiras. O pó, de 5 a 15 g ao dia, é usado como cicatrizante. O infuso e o decocto são preparados a 5%, tomando-se de 2 a 3 xícaras ao dia. O vinho, de 50 a 150 ml ao dia.

Constituição Química Alcaloide carobina, ácidos caróbico e esteacaróbico. Resinas, matérias oleosas, tânicas e pécticas.



CAROBEIRA

Família

Bignoniaceae

Nome Científico

Jacaranda semiserrata Cham.

Sinonímia Vulgar

Carobinha.

Sinonímia Científica

Jacaranda caroba (Vell.) DC.



AROBEIRA

Descrição Arbusto com ramos novos glabros, ligeiramente pubescentes, purpúreo-negros. Folhas bipinadas e imparipinadas, pecíolo na parte superior levemente marginado e pubescentes. Ráquis com até 55 cm de comprimento e pecíolos secundários com até 20 cm de comprimento. Folíolos peciolados, redondos ou oblongos, acuminados, agudos, com base inteira, serreados, glabros e pubescentes no meio. Nervuras bem visíveis nas duas faces, em número de 6 a 7, inferiormente salientes. Inflorescência em panícula. Cálice pentadenteado, subglabro, piloso. Corola irregular, alongada, tubulosa ou infundibuliforme, roxa ou purpúrea e por fora cinéreo-tomentosa. Estames claviformes no ápice, pubescentes na parte inferior, concrecidos com a corola. Anteras ditecas, obtusas. Ovário glabro, curto. Fruto cápsula subalongada e com a parte superior elíptica, obtusa no ápice e mucronada na margem, de cor castanho-metálica.

Partes Usadas Folhas, cascas ou renovos.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, vinho ou cachaça.

Emprego O pó, de 5 a 15 g ao dia, é usado como cicatrizante. O infuso e o decocto são preparados a 5%, tomando-se de 2 a 3 xícaras ao dia, e são usados como antissifilítico e antiblenorrágico, nos reumatismos e nos enfartamentos ganglionares. O vinho é usado de 50 a 150 ml ao dia.





CARQUEJA-AMARGA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Baccharis trimera (Less.) DC.

Sinonímia Vulgar

Carqueija-amarga, carqueja-do-mato, carqueja-amargosa.

Sinonímia Científica

Molina trimera Less.; *Baccharis genistelloides* var. *trimera* (Less.)

Baker





ARQUEJA-AMARGA

Descrição Subarbusto, ereto, de até 1,20 m de altura, muito ramoso, lenhoso, cilíndrico, com 3 decorrências foliáceas planas, rígidas, amplas, interrompidas ora de um lado, ora de outro. Folhas pequeníssimas ou nulas. Capítulos multiflorais, unissexuadas, dispostas em longas espigas interrompidas, eixo trialado, sendo os superiores solitários e os inferiores aglomerados. O involúcro dos capítulos femininos é campanulado, glabro, viscoso, com muitas brácteas imbricadas, rígidas e agudas: as inferiores, lanceoladas e as superiores, ovais. Receptáculo plano, alvo. Flores femininas férteis, brancas, de corola truncada, filiforme, menor do que o estilete. Pappus unisseriado, provido de cerdas frágeis, tortuosas e ciliadas. Ovário quase cilíndrico e liso. Flores alvas e regulares. Corola tubulosa e com limbo campanulado, 5 fendidos. Fruto aquênio linear, glabro, pequeno. Reprodução por sementes ou por ponteiras bem novas.

Partes Usadas Planta florida ou toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido.

Emprego É usada como diurética, tônica, amarga, febrífuga e eupéptica. Na diabete, em regimes de emagrecimento e para o fígado. Em casos de cálculos biliares e doenças do couro cabeludo. Infuso ou decocto a 2,5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; tintura, de 5 a 25 ml ao dia; extrato fluido, de 1 a 5 ml ao dia.

Constituição Química Lactonas diterpênicas, flavonoides, resina, saponina, vitaminas, esteroides, polifenóis, taninos e óleo essencial (acetato de carquejol, carquejol, N-orto-pineno, α e β -cardineno, calameno, eledol, eudesmol).

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associado à quina no preparo da água inglesa.





CARRAPICHO-DE-CALÇADA

Família

Tiliaceae

Nome Científico

Triumfetta semitriloba Jacq.

Sinonímia Vulgar

Guaxima, guaxuma, carrapicho-do-campo.

Sinonímia Científica

Triumfetta semitrilobata Lank; *Triumfetta semitrilobata* Bojer;

Triumfetta semitrilobata Griseb





ARRAPICHO-DE-CALÇADA

Descrição Arbusto que atinge até 2 m de altura, raramente 6 m, de caule glabro e mais ou menos tomentoso e seríceo nas extremidades, tendo a base do caule na cor cinéreo-plumbáceo. Folhas simples, muito polimorfas, as superiores oblongas, lanceoladas, acuminadas, agudas e as inferiores pentalobadas, ligeiramente ovais, todas cordiformes arredondadas, truncadas ou cuneadas na base, duplamente serradas, até 20 cm de comprimento e 12 cm de largura, longamente peciolada, mais ou menos tomentosas e estipuladas. Inflorescência em cacho de cimeiras trifloras. Flores amarelas, andróginas, diperiantadas, heteroclamídeas. Cálice com sépalas lineares, corola com 5 pétalas livres, espatuladas; androceu com 12 a 17 estames, chegando até 25, tendo os filetes até 5 mm de comprimento. Ginóforo com até 0,7 mm de comprimento. Carpelos com 6 a 7 mm de comprimento; ovário globoso, muricado. Fruto cápsula glabra ou pilosa, revestida externamente de espinhos moles. Sementes brancas. Multiplicação por sementes, não sendo exigente quanto ao tipo de terreno. Considerada planta invasora.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Emoliente, adstringente, diurético, antiblenorrágico. Infuso ou decoto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluído, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Matérias mucilaginosas, pécticas e tanino.





CARRAPICHO-BENZINHO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Acanthospermum australe (Loefl.) Kuntze

Sinonímia Vulgar

Carrapicho-ai-ai-benzinho, carrapicho-de-carneiro, chifrinho.

Sinonímia Científica

Acanthospermum australe Kuntze; *Melampodium australe* Loefl.; *Acanthospermum brasilum* Schrank; *Centrospermum xanthioides* Kunth; *Echinodium prostratum* Poit.; *Acanthospermum xanthioides* (Kunth) DC.; *Acanthospermum hirsutum* DC.





ARRAPICHO-BENZINHO

Descrição Planta anual, herbácea, prostrada, com caules pubescente e arroxeados, medindo até 40 cm de comprimento. Folhas opostas, curtamente pecioladas, glandulosas, rombóideas, de nervuras pedalinérveas de até 4 cm de comprimento e 2 de largura. Inflorescência nas axilas das folhas em capítulos solitários, contendo poucas flores amareladas.

Parte Usada Toda a planta.

Forma Farmacêutica Decocto

Emprego Vermífugo, febrífugo, na disenteria e na icterícia, ajuda na digestão e, às vezes, erisipelas. O infuso e o decocto são preparados com 1 xícara das de chá de ramos com folhas picadas em 1 litro de água, tomando-se de 3 a 4 xícaras ao dia. Uma colher de raízes em uma xícara de chá, tomar uma xícara de 4 em 4 horas adicionando um pouquinho de sal. Usada em febres palustres e intermitentes (malária – efeito comprovado).

Constituição Química Foram detectadas as seguintes substâncias: ácido cafeico, flavonoides, crisofenol-D, germacreno, quercetina, rutina, espathulenol, timol, isotimol e compostos acanthamolidos.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associada ao cassau (*Aristolochia triangularis*) e à losna (*Artemisia absinthium*) para uso anticoncepcional.

Toxicidade Estudos com outra espécie do mesmo gênero apresentaram efeitos tóxicos dos brotos e sementes, caracterizados por: diarreia, alopecia, hemorragia, congestão do baço e coração, fraqueza e debilidade dos membros, icterícia e enterite catarro.





CARRAPICHO-DE-BEIÇO-DE-BOI

Família

Leguminosae (Faboideae)

Nome Científico

Desmodium adscendens (Sw.) DC.

Sinonímia Vulgar

Carrapicho, carrapicho-de-carneiro.

Sinonímia Científica

Desmodium glaucescens Miq.; *Desmodium oxalidifolium* H. Lév.;

Desmodium ceruleum (Lindl.) G. Don; *Hedysarum adscendens*

Sw.; *Meibomia adscendens* (Sw.) Kuntze; *Meibonia griffithiana*

(Benth.) Kuntze





ARRAPICHO-DE-BEIÇO-DE-BOI

Descrição Planta perene, herbácea, prostrada, com extremidades levantadas, pubescente, rizomatosa, fibrosa, tingindo até 60 cm de comprimento. Folhas compostas, trifoliadas, com estípulas. Folíolos obovados, peninérveos, com pecíolos curtos. Inflorescência em cacho alongado, com flores róseas, vexilares. Frutos: lomento com fendaduras, cada uma contendo uma semente de cor escura.

Parte Usada Raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou vinho.

Emprego Diarreia, problemas renais e intestinais, béquico. O infuso e o decocto são preparados com 1 xícara de chá da planta picada, tomando-se 1/2 xícara de café de 3 em 3 horas. Deixar em maceração em vinho e tomar antes das refeições.

Interações Medicamentosas e Associações Sua raiz pode ser associada à sumabranca, à tibórnia, à salsaparrilha, à carobinha, à caapeba, à aroeirinha e à bicuíba, como depurativa do sangue.





CARURU-DE-PORCO

Família

Amaranthaceae

Nome Científico

Amaranthus viridis L.

Sinonímia Vulgar

Caruru, caruru-verde, cariru, bredo.

Sinonímia Científica

Amaranthus gracilis Desf.; *Amaranthus viridis* All.; *Amaranthus viridis* Pall ex Steud; *Amaranthus viridis* Pollich ex Moq.; *Amaranthus blitum* Auct. ex Moq.; *Chenopodium caudatum* Jacq.; *Euxolus caudatus* Moq.; *Euxolus viridis* (Baker & Clarke, in Dyer) Moq.





ARURU-DE-PORCO

Descrição Planta anual que, apesar de sua origem asiática, foi trazida para o Brasil pelos escravos. Erva ereta ou ascendente, glabra, verde-escura, com 40-70 cm de altura. Caule profundamente sulcado e anguloso, estriado, avermelhado. Folhas simples, pecioladas, ovadas ou ovado-robóideas, muito obtusas, cuneadas na base, com até 4 cm de comprimento, glabras, salientes, nervadas na página inferior. Inflorescência em espiga de espiga, com flores sésseis, unissexuadas, verdes; as axilares são pequenas e compostas de flores femininas; as terminais medem de 7 a 17 cm, longas, com flores masculinas e femininas. Com a maturação, a inflorescência exibe aspecto encarquilhado muito característico. Flores com 3 tépalas lanceoladas, as masculinas com 3 estames e as femininas com 3 estigmas. Fruto utrículo, indeiscente, protegido por 3 tépalas de ápice agudo, com pericarpo castanho-escuro e rugosidades características da espécie. As sementes são arredondadas, achatadas e luzidias, margens levemente salientes e hilo basal ligeiramente sulcado. Possui coloração negra ou castanho-avermelhada e de superfície aparentemente lisa, mas com lente de aumento aparecem recobertas de minúsculas pontuações. Reproduz-se por sementes em ciclo de 80 a 90 dias. Tem preferência por solos argilosos e úmidos.

Parte Usada Folhas.

Forma Farmacêutica Decocto

Emprego Diurético, antiinflamatório, emoliente e galactagogo. Indicado para fortalecimento de dentes e ossos. É uma planta muito utilizada na alimentação como verdura e muito rica em gorduras e proteínas.

Constituição Química Aminoácidos, concentração alta de lisina, metionina e cisteína. Apresenta ainda: linfoaglutinina, amarantina, isoamarantina e peptídeos. Ácido elaeoterásico, espinasterol e estigmasterol. Carotenos e saponinas.

Toxicidade Não foi descrita toxicidade. Planta usada como alimento.



CASCA-D'ANTA

Família

Winteraceae

Nome Científico

Drimys brasiliensis Miers

Sinonímia Vulgar

Melambo, capororoca, para-tudo, cataia, casca-de-anta.

Sinonímia Científica

Drimys winteri var. *andina* Reiche; *Drimys winteri* var. *chilensis* (DC.) A. Gray; *Drimys winteri* var. *punctata* (Lam.) DC.



ASCA-D'ANTA

Descrição É uma árvore que pode atingir até 12 m de altura, espontânea no México e na América do Sul, mormente na Patagônia. É muito encontrada em Minas Gerais e São Paulo, e abundante principalmente na Serra de Itacolomi, em Ouro Preto, na Serra da Piedade e na Serra do Cipó. Folhas alternas, espiraladas, sem estípulas, lanceoladas, persistentes, oblongas, quase glabras e obtusas, de 12 a 20 cm de comprimento. Flores perfumadas em umbelas ou solitárias, regulares, hermafroditas com cálice de poucas sépalas (2-6) e corola de numerosas pétalas (6-20). Estames numerosos e 5 carpelos livres entre si, com estilete curto. Ovário com muitos óvulos. A planta cresce melhor em solos ácidos e bem drenados e em temperaturas amenas e a sol pleno.

Parte Usada Casca do caule.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido, tintura, maceração, vinho, pó ou xarope.

Emprego Diurético, estomáquico, tônico, sudorífico e antiescorbútico. A casca do caule, em maceração na água ou cachaça, ou em decocção, é usada nos problemas estomacais, nas diarreias, anemias, impotência sexual, como digestiva e antiemética. O infuso ou decocto a 5% é usado de 2 a 3 xícaras ao dia; o pó, de 2 a 12 g por dia; o extrato fluído, de 2 a 12 ml ao dia. Elixir, vinho e xarope, de 40 a 50 ml por dia. A taxifolina tem atividade antitumoral (leucemia). A sesamina tem atividade inseticida. Os flavonoides têm atividade antiinflamatória.

Constituição Química Drimina, drimenona, óleos essenciais (limoneno, eugenol, ascaridiol, α e β -pineno, terpineol poligodial, metoxicumaril-oxipoligonal, tanino, matérias resinosas e pectinas, vitamina C, safrol, flavonoides, cumarina, taxifolina, sesamina.

Contraindicação Doenças hepáticas graves e crônicas.

Toxicidade A seiva desta planta pode causar inflamação séria se entrar em contato com os olhos.



CÁSSIA

Família

Leguminosae (Caesalpinoideae)

Nome Científico

Senna alata (L.) Roxb.

Sinonímia Vulgar

Manjerioba, mata-pasto-grande, candelabro, fedegoso-de-folha-grande.

Sinonímia Científica

Senna alexandrina L.; *Senna alata* (L.) Irw. & Barnb.; *Cassia alata* L.; *Cassia bracteata* L. f.; *Cassia herpetica* Jacq.; *Herpetica alata* (L.) Raf.



ÁSSIA

Descrição Espécie brasileira ruderal, vegetando em lugares úmidos, com grande potencial ornamental. Planta arbustiva que pode atingir até 3 m de altura com folhas compostas, pinadas, paripinadas, com folíolos oblongos, retuso de 4 a 5 cm de comprimento, sendo sua página inferior de cor mais clara que a superior, nervuras peninérveas. Flores amarelas reunidas em espigas terminais, dispostas verticalmente, corola de 5 pétalas, ovário com estigma lateral. Fruto legume quase negro, contendo inúmeras sementes escuras. Reprodução por sementes. Suas folhas têm princípios ativos e propriedades laxantes análogos aos do sene.

Partes Usadas Inflorescências, folhas ou raízes.

Formas Farmacêuticas Sumo ou maceração.

Emprego Em medicina popular, esta planta é usada localmente contra bactérias e fungos no tratamento caseiro de impigens e panos brancos, herpes e sarna. O tratamento é feito por atritos dos brotos com a parte afetada da pele e deve ser feita diariamente até o desaparecimento dos sintomas. A inflorescência em maceração é utilizada nas hemorroidas. E as folhas, como laxativo em infuso ou decocto. As raízes, além de terem ação purgativa são usadas também como emenagogas e febrífugas.

Constituição Química Glicosídeos antraquinônicos, flavonoides, vitamina C.

Contraindicação Gestantes e lactantes.

Toxicidade O xarope desta planta deve ser evitado devido ao alto teor de antraquinonas, que tem ação tóxica sobre os rins, podendo levar até à morte devido à nefrite aguda.





ATINGA-DE-MULATA¹

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Aeollanthus suaveolens G. Don

Sinonímia Científica

Aeollanthus heliotropioides Oliv.





ATINGA-DE-MULATA¹

Descrição Planta herbácea com aproximadamente 40 cm de altura, raiz principal. Caule cilíndrico, ramificado. Folhas pecioladas, revestidas de tricomas secretores, com essência aromática. Inflorescência em cacho. Pré-floração valvar. Flores do tipo metaclamídeas, bissexuadas, trímeras. Androceu com estames didínamos, grãos de pólen esféricos, com carpelos dialicarpelar e unilocular. Ovário do tipo ginobásico, súpero.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso e decocto

Emprego Anticonvulsivante, febrífugo, contra cefaleia, início de derrame.

Constituição Química Óleo essencial fixo (E)- β -farnesen, 2-decen-5-olídeo, linalol, acetato de linalila.





CATINGA-DE-MULATA²

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Tanacetum vulgare L.

Sinonímia Vulgar

Tanacetum, pluma-da-pérsia, pluma, catinga-de-porco, atanásia, tasneira, atanásia-das-boticas, erva-contra-vermes.

Sinonímia Científica

Chrysanthemum vulgare (L.) Bernh.; *Chrysanthemum tanacetum* Vis.; *Pyretrum vulgare* (L.) Boiss.; *Tanacetum boreale* Fisch ex DC.



ATINGA-DE-MULATA²

Descrição Originária da Europa e muito cultivada nas hortas mineiras, esta erva de 0,60 a 1,20 m de altura é perene, de caule ereto, cilíndrico, ramificados, canelado. Folhas verde-escuras, pinatífidas de até 5 cm de comprimento com os segmentos lanceolados, pinatifendidos ou pinatipartidos, serreados, agudos e com pecíolo alado. Flores amarelas, disposta em corimbos de capítulos terminais, rodeados de brácteas. Corolas tubulosas, sendo as exteriores sem estames. Fruto aquênio, pequeno com pouco mais de 1 mm, alongado, costado e glanduloso. Multiplica-se por sementes ou por divisão de touceira. Prefere local adubado e com boa incidência de luz solar.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego É usada como estomacal, depurativa, colagoga, vermífuga, emenagoga. Popularmente esta planta é usada como inseticida contra traças, pulgas, piolhos. Dez gotas do óleo essencial podem causar a morte.

Constituição Química Ácido tanásico, essência tanacetona e tuiol, 1-canfol por oxidação da cânfora, lipídios, ácido cítrico, butírico e oxálico, tanino, resina, vitamina C, magnésio.

Contraindicação Na gravidez, devido aos efeitos emenagogos e abortivos do componente tuiona de seu óleo essencial. Pode causar reações alérgicas devido à reação cruzada com outras espécies de Asteraceae.

Interações Medicamentosas e Associações Pode aumentar o risco de sangramento espontâneo por ação sinérgica aos anticoagulantes orais (varfarina, ácido acetil salicílico, heparina) O tanino existente em sua composição pode comprometer a absorção de ferro.

Toxicidade Mulheres grávidas não devem fazer uso, devido à propriedade emenagoga da planta. Arritmia cardíaca, dermatite, náuseas. Em grandes quantidades pode causar dor abdominal, espasmos, gastroenterite, aumento da respiração, batimentos cardíacos irregulares, dano ao fígado e aos rins, perda de consciência, midríase, rigidez pupilar, vermelhidão na face, hemorragia uterina, vômitos. A essência, tanacetona, injetada nas veias dos animais, produz convulsões idênticas às da hidrofobia, inflamando o tubo digestivo, causando espasmos violentos e morte, após paralisar o coração.



CATUABA

Família

Bignoniaceae

Nome Científico

Anemopaegma arvense (Vell.) Stellf.

Sinonímia Vulgar

Verga-tensa, catuaba-verdadeira, pau-de-resposta, marapuama.

Sinonímia Científica

Anemopaegma myrandum (Cham.) A. DC.; *Jacaranda arvensis* Vell.; *Bignonia miranda* Cham.; *Anemopaegma arvense* (Vell.) Stellf. ex J. F. Sousa



ATUABA

Descrição Arbusto de rizoma lenhoso, branco, duro, de até 15 mm de diâmetro. Caule quadrangular ou subcilíndrico, pubescente ou aveludado, até 40 cm de altura. Folhas compostas de 3 folíolos sésseis, estreito-lineares ou oblongos, agudos ou obtusos, estreitos na base e com margens revolutas, glabras e ásperas. Flores axilares e grandes, solitárias e pedunculadas, pedúnculo pubescente e angulosos. Corola infundibuliforme, amarela, com face branca ou sulfúrea, conforme a variedade. Fruto cápsula comprimida, largo-elíptica, aguda, acuminada na base. Valvas lenhosas e espessas até 8 cm de comprimento. Sementes elípticas com asas hialinas.

Partes Usadas Rizoma, casca do caule e do xilopódio e folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, vinho, pó e xarope.

Emprego Estimulante, peitoral, afrodisíaco, antissifilítico, aperiente, tônico, excitante, no esgotamento nervoso e impotência sexual. Doenças da próstata e sexualmente transmissíveis. O infuso e o decocto são usados a 5%, de 50 a 200 ml ao dia; o pó, de 2 a 10 g ao dia; o extrato-fluido, de 2 a 10 ml ao dia; e a tintura, de 10 a 50 ml ao dia. A superdosagem é acima de 21 g diárias.

Constituição Química Catuabina (substância amarga), matérias aromáticas, tânicas, resinosas, gordurosas e alcaloides (semelhantes à atropina e à ioimbina).

Contraindicação Para crianças e gestantes.

Toxicidade Doses excessivas podem causar midríase, por causa de sua atividade muscarínica, ou taquicardia acompanhada ou não de arritmia cardíaca, resultante do estímulo adrenérgico.





ATUABA-FALSA

Família

Leguminosae (Faboideae)

Nome Científico

Clitoria guianensis (Aubl.) Benth.

Sinonímia Vulgar

Arnica-do-mato.





QATUABA-FALSA

Descrição Raiz principal, caule aéreo herbáceo atingindo no máximo 30 cm. Folhas pecioladas, compostas trifoliadas, estreitas, agudas, de 10 cm de comprimento por 5 mm de largura. Flores arroxeadas isoladas ou em cimas, bi ou trifloras. Flor vexilar com o estandarte muito desenvolvido. É comum nos cerrados, principalmente após a queimada.

Partes Usadas Raízes ou sementes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou pó.

Emprego Estimulante dos nervos e músculos, diurética nas cistites e uretrites, afrodisíaco, laxante. Infuso: 1 xícara de chá de raiz picada para 1 litro de água, tomar de 2 a 3 xícaras de chá ao dia; ou decocto: moer as sementes e diluir 1 colher das de café do pó da semente em 1 xícara das de café de água fervente; tomar de 1 a 2 colheres de sopa.



AVALINHA

Família

Equisetaceae

Nome Científico

Equisetum arvense L.

Sinonímia Vulgar

Cauda-de-cavalo, rabo-de-cavalo, equiseto, caninha-de-macaco, caninha-do-brejo.



AVALINHA

Descrição Esta espécie possui um rizoma com ramificações aéreas de 2 tipos: uma implex, fértil, precoce, porém muito mais frágil e outra de pouco mais de um palmo de altura de cor pardo-avermelhado e com bainhas formadas pela soldadura de 6 a 12 folhinhas; são reconhecidas pelo número de dentes que aparecem nas articulações. O aparelho esporífero em forma de uma espiga é de 4 cm de comprimento por 1 cm de largura. As ramificações que nascem depois podem alcançar de 1 a 2 palmos, se cultivadas em terra adubadas e apresentando ramificações nas 4 faces do caule. Os esporângios atingem a maturidade na primavera e secam no inverno. Prefere sempre lugares úmidos e arenosos, sendo difícil a sua extinção quando em grande quantidade.

Parte Usada Ramificação caulinar verde.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

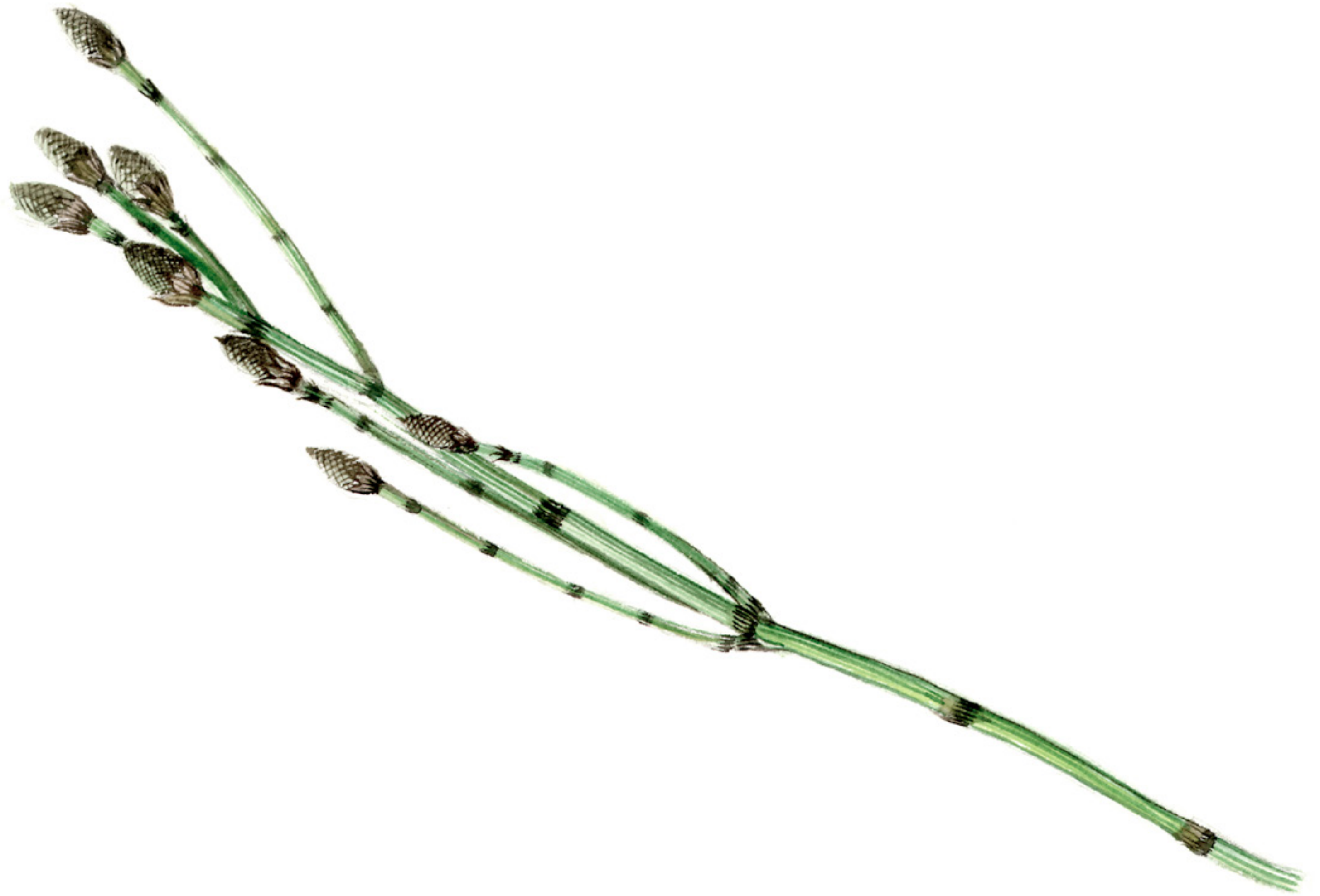
Emprego Esta espécie e outras da mesma família são utilizadas como diurético, facilitando a remineralização do organismo depauperado, principalmente tratando-se de tuberculosos. Atua como hemostático nas hemorragias nasais e nas hemorroidas sanguíneas, menstruação excessiva e hemoptises. O infuso e decocto das ramificações caulinares são usados para estancar hemorragias, principalmente de hemofílicos. Usada no tratamento de hemorroidas, doenças da próstata, bexiga e rins. O banho tira a dor no corpo de mulher grávida. O infuso ou decoto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; o pó, de 2 a 3 g ao dia; o extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Ácido silícico, constituintes inorgânicos (Na, K, Ca, Mg, Mn, Zn, F, Cl, Si, S e P), flavonoides (isoquercetina, hexetrina, canferol, galoteronina e fitosterol), triglicerídeos (ácido oleico, esteárico, linoleico e linolênico), alcaloides (meta-saperidina, nicotina, palustrina e palustrinina, ácido orgânicos (gálico, málico e oxálico), saponinas (hexetonina), pequena quantidade de óleos, substâncias amargas, vitamina C e taninos.

Interações Medicamentosas e Associações Com digoxina, glicosídeos cardíacos, lítio e diuréticos pode aumentar o risco de hipocalcemia.

Contraindicação Disfunção cardíaca ou renal. Crianças não devem fazer uso da erva em pó. A segurança na gravidez e lactação ainda não foi estabelecida. Gastrites e úlceras duodenais.

Toxicidade Evitar doses acima de 5 g ao dia. Dermatite, hipocalcemia e deficiência de tiamina (que é destruída por enzima existente na planta). A cavalinha possui metais pesados principalmente zinco. Em altas doses, pode ocasionar fraqueza, ataxia, inapetência e exaustão muscular.



CEBOLA-DE-CABEÇA

Família

Alliaceae (Liliaceae)

Nome Científico

Allium cepa L.

Sinonímia Vulgar

Cebola.



EBOLA-DE-CABEÇA

Descrição Planta herbácea, originária da Pérsia, anual, raiz em cabeleira, caule subterrâneo, bulbo tunicado, com folhas subterrâneas denominadas catafilos, que é membranácea, escariosa e seca, ambas envolvendo o prato, de maneira completa e concêntrica e, ainda, com folhas aéreas, compridas, cilíndricas e ocas (tubulosas). Depois de alguns meses, aparece um escapo grosso, na extremidade do qual estão reunidas flores numerosas em uma inflorescência globosa. As flores são brancas-verdeadas e sustentadas por pedúnculos de 2 a 3 cm. Corola trímera, estames hexâmeros e ovário súpero. O fruto é uma cápsula que libera sementes negras duras e de forma triangular. Reproduz-se por sementes, prefere solos arenosos ricos em matéria orgânica e de média e fraca acidez. Vegeta melhor em climas amenos.

Partes Usadas Folhas subterrâneas ou folhas escariosas do bulbo.

Formas Farmacêuticas Maceração, infusão ou salada.

Emprego Bronquites, gripes, doenças pulmonares e como rubefaciente. A cebola pode ser usada à vontade, sem contraindicação.

Constituição Química Flavonas, vitaminas B1, B2, C e pró-vitamina A e compostos sulfurados. Fósforo, flúor e potássio e ácido salicílico.

Contraindicação Deve ser evitada por pessoas que sofrem de hipocloridria ou flatulências intestinal. O uso por pessoas mais velhas deve ser evitado devido ao alto teor de enxofre.

Toxicidade Não foi encontrada nenhuma toxicidade até hoje.



CEBOLINHA

Família

Alliaceae (Liliaceae)

Nome Científico

Allium fistulosum L.

Sinonímia Vulgar

Cheiro-verde.



EBOLINHA

Descrição Erva perene, com cheiro característico, sem bulbo desenvolvido, de base alargada. Folhas cilíndricas, fistulosas, de até 35 cm de comprimento, de cor verde-escuro, de escapo folhoso na base e intumescido no centro. Flores brancacentas, com perigônio de 6 tépalas com estames sem filete, ovário tricarpelar, dispostas em umbela globosa. Fruto cápsula, contendo, numerosas sementes. Reproduz-se por sementes ou desdobramento de touceira em solo úmido e rico em matéria orgânica.

Parte Usada Bulbos ou folhas aéreas.

Formas Farmacêuticas Decocto ou salada.

Emprego Expectorante e na arteriosclerose. Pode ser usada na quantidade desejada sem qualquer contraindicação.

Constituição Química Compostos de sulfocianeto, secretina, glicoquinina, vitaminas B e C.



GENOURA-VERMELHA

Família

Apiaceae (Umbelliferae)

Nome Científico

Daucus carota L.

Sinonímia Científica

Carota sativa Rupr.; *Calcalis carota* Crantz; *Calcalis daucus* Crantz



ENOURA-VERMELHA

Descrição Planta bienal, originária da Ásia e da Europa, muito cultivada nas hortas caseiras de Minas Gerais. Pode atingir até 80 cm de altura. Raízes axiais, cônicas ou cilíndricas, de cor alaranjada e com muito pigmento denominado caroteno. Caule subterrâneo e curto. Folhas compostas de muitos folíolos, finos, separados, sendo que a folha inteira é triangular. No florescimento, a cenoura emite uma haste floral principal, contendo no ápice uma inflorescência central, denominada primária ou de primeira ordem, que se ramifica dando origem a umbelas secundárias, terciárias e quaternárias. Cada flor mede de 3 a 7 mm de diâmetro. Seus estames são alternipétalos e exclusivos. Multiplica-se por sementes e desenvolve-se bem em terrenos areno-argilosos ou arenosos, drenados, com baixa acidez e em climas amenos.

Partes Usadas Raízes ou sementes

Formas Farmacêuticas Infuso, cápsulas gelatinosas, creme, cataplasma ou óleo.

Emprego Combate transtornos metabólicos e endócrinos (anemia, hipertiroidismo, dismenorreia, depressão nervosa, diarreia, colite e parasitos intestinais (oxiúros). Sob a forma de cataplasma, rala-se a cenoura crua e aplica-se sobre queimaduras, feridas infectadas e, também, rachadura dos seios das mulheres que amamentam. Sob a forma de decocto, combate a rouquidão e a tosse. Também como cosmético para embelezar a pele. A cenoura ainda é utilizada como bronzeador natural devido à sua riqueza em β caroteno, que favorece a síntese da melanina pelo organismo, pigmento que dá o tom do bronzeado.

Constituição Química Pectina, óleo essencial, sais minerais diversos, vitamina A, B e C, glúten, ácido málico, ácido péctico, fluor, manitol, carotina, colessterina. Alcaloides daucina e pirrolidina. Fibras.

Interações Medicamentosas e Associações Usado concomitantemente com hipertensivos pode alterar o controle da pressão.

Contraindicação Quando ingerida em quantidade excessiva, a cenoura deixa a pele amarelada devido à grande quantidade de vitamina A. É especulativo na diabete, devido a uma exacerbação de danos aos rins. As sementes de cenoura na gravidez, por seu efeito abortivo. Na falência renal, devido à excreção de produtos dos óleos voláteis pela urina.

Toxicidade Fotossensibilidade. É seguro usá-la como óleo, extrato e óleo-resina.



CENTELA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Centella asiatica (L.) Urban.

Sinonímia Vulgar

Hidrocotile.

Sinonímia Científica

Hydrocotyle vulgaris L.; *Hydrocolite asiatica* L.; *Hydrocotyle reniformis* Walter; *Hydrocotyle repanda* Pers.; *Hydrocotyle triflora* Ruiz & Pav.; *Centella asiatica* Urban.; *Centella biflora* (P. Vell.) Nannf.; *Centella coriacea* Nannf.; *Glyceria repanda* (Gaudin) Nutt.



ENTE LA

Descrição É uma erva que atinge no máximo 30 cm de altura, com caule estolonífero e invasor. Folhas orbiculares, semelhantes às do capuchinho, porém menores. Folhas pecioladas, peltinérveas, de margem crenada, pecíolos muito longos. Do mesmo estolon de onde saem as folhas, partem uns ramos de onde nascem as flores, que são muito pequenas, brancas, sustentadas por um pedúnculo muito curto, geralmente dividido em 3 ou verticilados. O fruto é dividido em 2 partes por uma linha e tem 5 costas em cada metade. Desenvolve-se em lugares encharcados ou na beira de rios e lagos.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Purgante e diurético, e externamente vulnerária contra varizes e insuficiência venosa.

Constituição Química Principalmente velarina (substância amarga), a qual se atribui sua atividade. Alcaloides, saponinas, óleos essenciais, flavonoides, quercetina, cânfora, cineol. Da fração triterpênica foram isolados (ácido asiático, madecássico, asiaticosídeo), açúcares, sais minerais, aminoácidos, ácidos graxos e resinas.

Interações Medicamentosas e Associações Com depressores, pode somar ao efeito sedativo das drogas. O ácido asiaticosídeo tem efeito hiperglicemiante (monitorar o aumento de glicose no sangue em pacientes diabéticos). Em pacientes portadores de hanseníase, a centela, unida às cápsulas de cloreto de potássio, resulta em terapia eficaz. Exerce efeito antagônico, em animais, aos efeitos que a dexametossone exerce, na cicatrização de feridas.

Contraindicação A segurança na lactação, na gravidez e em crianças não foi estabelecida. Reação alérgica e dermatite de contato.

Toxicidade Seu uso interno não é recomendado por ser muito tóxico. Doses acima de 50 mg/kg de peso produzem efeito depressor do SNC, podendo ocasionar vertigem em pessoas mais sensíveis. Em regiões tropicais pode causar fotossensibilidade.



CHÁ-DA-ÍNDIA

Família

Theaceae

Nome Científico

Camellia sinensis (L.) Kuntze

Sinonímia Vulgar

Chá-preto.

Sinonímia Científica

Thea sinensis L.; *Thea chinensis* Sims.; *Camellia thea* Link.



HÁ-DA-ÍNDIA

Descrição Arbusto de 2 a 3 m quando cultivado, podendo atingir até 15 m no estado selvagem. As folhas são simples, persistentes, membranosas ou coriáceas, alternas, curto-pecioladas, oval-agudas, lanceoladas, glabras, de 5 a 8 cm de comprimento e até 2 cm de largura. São denteadas, um pouco côncavas e tem 5 a 9 nervuras. A face superior é verde-escura e luzidia. Flores pediceladas, hermafroditas, dispostas 3 a 4 nas axilas das folhas. Cálice polissépalo, persistente, corola branca, rosácea, bem maior do que o cálice, tendo 5 pétalas, às vezes, desiguais entre si, arredondadas, côncavas, unguiculadas; estames em número indefinido, períginos, mais curtos do que a corola. Filetes delgados, unidos pela base, de cor branca. Fruto verde e carnosos, transformando-se depois em cápsulas com 3 lóculos arredondados, cada um deles com uma ou mais sementes.

Partes Usadas Folhas, sementes, flores ou raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, tintura, extrato fluido ou emplasto.

Emprego Estimulante, expectorante e purgativo, quando em grandes doses. As folhas são diaforéticas, diuréticas, levemente adstringentes. O chá verde produz diminuição do nível de triglicerídeos séricos e aumento da lipoproteína de alta densidade. Estudo em animais demonstraram efeitos antioxidantes e supressão de efeitos mutagênicos. No tratamento do envenenamento por alcalóides, as soluções de tanino são ótimos antídotos, por inativarem o alcaloide pela formação de tanato insolúvel.

Constituição Química O infuso obtido desta planta apresenta como constituintes químicos predominantes: catequina, galocatequinas e ésteres de galatocatequinas. Seus constituintes polifenólicos estão associados à prevenção de doenças cardiovasculares e até mesmo câncer. Cafeína, acompanhada de xantina, teofilina, teobromina e adenina, que são seus principais estimulantes e ainda taninos.

Contraindicação Gestantes, crianças, doentes renais e em casos de hipertireoidismo. Reações alérgicas, em pacientes com asma induzida pela planta.



CHÁ-DE-SOLDADO

Família

Chloranthaceae

Nome Científico

Hedyosmum brasiliense Mart.

Sinonímia Vulgar

Chá-de-bugre, erva-de-bugre, erva-de-soldado.

Sinonímia Científica

Hedyosmum bompladianum H. B. & Kunth.; *Hedyosmum acutifolium* Cordem; *Hedyosmum brasiliense* Miq.



CHÁ-DE-SOLDADO

Descrição Vegetal disseminado pelos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, tem como habitat preferido os lugares úmidos. Em Ouro Preto e seus arredores, é muito frequente em terrenos úmidos e em campo pouco úmido e até em altitudes elevadas, como no pico do Itacolomi. Arbusto ou pequena árvore de 4 a 6 m de altura, lenhoso ou sublenhoso, liso, verde-claro, caule ereto, curto, cilíndrico, frequentemente noduloso nos pontos correspondentes aos ramos caídos; ramos decussados, também cilíndricos, provido de pequenas lenticelas, alongados verticalmente, meritalos de 8 a 18 cm de comprimento, entrenó nitidamente espessado, folhas glabérrimas, subagudas luzidias, herbáceas, oblongas ou ovais oblongas, base atenuada, ápice acuminado, margens serreadas, dentes agudos, numerosos e rígidos, limbo de 8 a 15 cm de comprimento e até 6 cm de largura, glabérrimo, bainha arroxeadada, carnosa, estípulas filiformes, nervura saliente na face inferior, inflorescência feminina em panículas. Flores pequenas, dioicas, esverdeadas, inodoras, sésseis aclamídeas, com estigma curto. Flores masculinas em panículas de espigas descontínuas. Anteras sésseis, deiscência longitudinal por 2 fendas. Fruto drupa com uma única semente provida de polpa branca.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou extrato fluido.

Emprego Calmante, sudorífico, analéptico, estomacal, diurético, febrífugo e na cura de frieiras. Alguns utilizam suas folhas como sucedâneo do chá-da-Índia. Prepara-se o infuso e o decocto com 1 xícara das de café das folhas picadas em 1 litro de água e toma-se de 2 a 3 xícaras ao dia.



CHAPÉU-DE-COURO

Família

Alismataceae

Nome Científico

Echinodorus macrophyllus (Kunth) Micheli

Sinonímia Vulgar

Chá-mineiro, congonha, congonha-do-brejo, chá-de-pobre, chá-de-campanha.

Sinonímia Científica

Echinodorus macrophyllus Micheli; *Alisma macrophyllum* Kunth; *Alisma cordifolium* L.; *Sagittaria palaefolia* Nees; *Sagittaria rombifolia* Cham.; *Sagittaria brasiliensis* Mart.



HAPÉU-DE-COURO

Descrição Erva ereta, paludosa, de folhas longamente pecioladas pecíolo anguloso, estriado; limbo amplamente oval, mais ou menos cordiforme na base e agudo no ápice, sendo obtusos e arredondados os lobos da base, inteiras, membranáceas e ásperas, mais ou menos coriáceas, com 11 a 13 nervuras principais, salientes inferiormente, verde-escuras e de superfície muito rugosa, o que lhe valeu o nome de chapéu-de-couro. Flores hermafroditas, perfeitas, numerosas, dispostas em racemos alongados. Cálice trímero, corola trímera, androceu com número variável de estames, gineceu com 6 carpelos. Fruto aquênio com uma só semente.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, vinho ou xarope.

Emprego Diurético, depurativo, colagogo, hipotensor. Possui uma excelente ação antiinflamatória devido à presença de flavonoides que também têm ação diurética. Os glicosídeos e heterosídeos possuem atividade cardiotônica induzindo resposta cardiotrópica positiva. Os taninos atuam nas mucosas produzindo uma película protetora do epitélio e promovendo uma ação antisséptica do local, por isso apresentam resposta clínica positiva em úlceras infectadas e processos infecciosos nas mucosas. O iodo orgânico é responsável na função da glândula tireoide, podendo tanto ativar quanto inibir a secreção T3 e T4. Infuso ou decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Flavonoides, glicosídeos, heterosídeo, taninos, triterpenos e iodo orgânico.

Interações Medicamentosas e Associações A presença do iodo pode modificar a secreção T3 e T4, portanto deve ser controlado o hormônio tireoidiano.

Contraindicação Não deve ser usado por pessoas com pressão arterial baixa.





CHAPÉU-DE-NAPOLEÃO

Família

Apocynaceae

Nome Científico

Thevetia peruviana K. Schum.

Sinonímia Científica

Thevetia peruviana Merr.



HAPÉU-DE-NAPOLEÃO

Descrição Arbusto alto ou árvore pequena, chegando, no máximo, a 10 m de altura, de casca acinzentada. Folhas alternas, lineares, lanceoladas, acuminadas, atenuadas na base, de 7 a 15 cm de comprimento e de 5 a 10 mm de largura, carnosas, luzidias, glabras nas duas páginas, nervuras laterais oblíquas. Flores grandes, amarelas, aromáticas, cálice 5-partido persistente, com corola de até 7 cm em forma de funil e tubo cilíndrico esverdeado, com 5 escamas internamente, dispostas em cimeiras terminais. Anteras pequenas lanceoladas, ovário com estigma em forma de carretel. Fruto uma drupa carnosa triangular, semelhante ao chapéu de Napoleão, daí o seu nome. Sementes oblogo-trígonas, duras e grandes.

Partes Usadas Sementes, cascas ou frutos.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego Usados no enfarte em doses muito pequenas. A casca é amarga e febrífuga.

Constituição Química Tevetina, teveresina, tevetoxína e neriifolina. A tevetina possui ação semelhante a dos digitálicos.

Toxicidade Planta altamente tóxica. Os alcaloides tevetina e teveresina possuem ação direta rápida sobre o músculo cardíaco, podendo ocorrer o óbito por parada cardíaca.



CHICHÁ

Família

Sterculiaceae

Nome Científico

Sterculia chicha A. St. Hil.

Sinonímia Vulgar

Pau-de-cortiça, boia, boia-unha-de-anta, coaxixá, arachichá.

Sinonímia Científica

Manetia robusta Vell.; *Manetia curiosa* Vell.



HICHÁ

Descrição Árvore de 30 m de altura, caule ereto, ramos crassos, grossos, com cicatrizes das folhas que caíram, cinéreo-fusco, suberoso, irregularmente estriado. Folhas fasciculadas no ápice dos ramos, longamente pecioladas, de pecíolo glabro, cilíndrico, até 30 cm de comprimento e com base tomentosa, cordiformes, ovais, 3 a 5 lobadas, sendo os lobos laterais cordiformes e inteiros e os medianos ovados e acuminados, glabros na face ventral e ferrugíneo na dorsal, nervuras reticuladas. Estípulas triangulares, acuminadas. Inflorescência em panículas axilares, com brácteas caducas. Flores masculinas com cálice grande, rotado-campanulado, dividido no seu terço inferior em lacínios de 12 a 13 mm de comprimento. Corola falta. Tubo de estames urceolado sustentando 15 anteras globulosas, sendo 10 internos e eretos, 5 externos e horizontais. Ginóforo e rudimentos de ovário, flores femininas com cálice semelhante ao das masculinas, porém curtos. Corola falta. Ginóforo com 12 a 13 mm de comprimento, ovário obliquamente ereto, globoso e pubescente, estilete curto. Fruto cápsula lenhosa, ovoide ou oblonga.

Partes Usadas Cascas ou sementes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Tônico cardíaco, tônico geral e antidiarreico.

Constituição Química Tanino, lipídios (28,6%), proteína (22,5%) e carboidratos (45,8%). Contudo, é relatado na literatura que as sementes de espécies das famílias Sterculiaceae, Malvaceae, Filiceae e Bombacaceae possuem, na sua constituição, ácidos graxos ciclopropenoídicos. Os ácidos estercúlico (ácido 9,10-metileno-octadec-9-enoico) e malvático (ácido 8,9-metileno-heptadec-8-enoico) são os mais comumente encontrados.



CHICÓRIA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Cichorium intybus L.

Sinonímia Vulgar

Almeirão.



HICÓRIA

Descrição Erva perene de raiz fusiforme, de 1 a 2 cm de espessura, epiderme escura. Caule lactescente, ramoso, até 1 m de altura, cilíndrico, reto, canelado, verde ou avermelhado. Folhas recortadas, nervuras estreitas e vilosas. Folhas superiores oblongas ou lanceoladas, menores e com lobos mais acentuados e de uma cor verde-azulada. Brácteas externas, do involúcro menores do que as internas. Flores quase sésseis, grandes, azuis, brancas ou róseas, numerosas, em capítulos axilares. Fruto aquênio, com pappus curto e escamas obtusas. Sementes angulosas, brancas. Sabor mucilaginoso e amargo. Deve ser plantado em solos arenos-argilosos, permeáveis e com pouca acidez. Prefere climas amenos, temperatura entre 12 e 25°C.

Partes Usadas Folhas e raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura e extrato fluido.

Emprego Tônica, estomacal, depurativa, abortiva e colagogo. As folhas secas em decocção em 5 minutos na dose de 15 g/l de água atuam nas inflamações intestinais e da mucosa. A raiz seca em decocção em 10 minutos, na dose 40 g/l de água, tem ação depurativa, diurética e antiinflamatória do fígado e do intestino.

Constituição Química Intibina, inulina, vitaminas B, C, P e K. Sais minerais, glúcides e lípidos. Ácidos orgânicos (clorogênico e isoclorogênico), glicosídeos (cicorina) e mucilagem.

Interações Medicamentosas e Associações Entra na composição do xarope de ruibarbo composto.

Contraindicação Na gravidez, pelo efeito emenagogo, hipersensibilidade alérgica por contato e na litíase biliar pelo efeito colagogo.



CHUCHU

Família

Cucurbitaceae

Nome Científico

Sechium edule (Jacq.) S.W.

Sinonímia Científica

Sechium edule S.W.; *Sicyos edulis* Jacq.; *Chayota edulis* (Jacq.)
Jacq.; *Sechium americanum* Poir.



HUCHU

Descrição Planta perene, escandente, sarmentosa, com tubérculo subterrâneo, com reserva de amido. Caule muitas vezes oco, com gomos pouco saliente, atingindo vários metros de comprimento e bastante ramificado. Folhas simples, pentalobadas, ásperas, palminérveas, de 10 a 20 cm de comprimento. Inflorescências axilares, com flores, unissexuadas. As masculinas amarelas com estames unidos e as femininas dotadas de ovário ínfero, piriforme. O fruto é suculento de casca rugosa e espinescente em algumas variedades. Semente branca intimamente ligada ao fruto. Originária do México, foi introduzida no país há cerca de 200 anos, hoje é muito cultivada no Brasil. O seu plantio é feito com o fruto já maduro, que deve ser enterrado com a parte mais larga voltada para baixo. Prefere solos férteis, soltos, arenosos ou areno-argilosos.

Partes Usadas Ramos novos, frutos ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou fruto cozido.

Emprego Hipertensão: infuso ou decoto, usar 3 dos brotos novos (grelos) em 1 xícara de chá que deve ser ingerida ao longo do dia. Como calmante e carminativo, diurético, remineralizante.

Constituição Química Pectina, carboidratos, cálcio, fósforo, potássio e vitaminas A, B e C.

Toxicidade Planta usada como alimento de larga data, não sendo relatado nenhum caso de toxicidade.



IDRA

Família

Rutaceae

Nome Científico

Citrus medica L. var. *medica*

Sinonímia Vulgar

Cidreira.



CIDRA

Descrição A cidreira é uma árvore pequena e espinhosa, de folhas curto-pecioladas. Folhas oblongas ou elípticas, com 5 a 20 cm de comprimento, glabras e denteadas. Possui flores brancas sendo extremamente avermelhadas quando fechadas, aromáticas, com muitos estames isolados ou agrupados (adelfos). As flores, quando abertas, chegam a medir de 3 a 4 cm de diâmetro. Uma grande proporção das flores aborta o ovário. Os frutos consistem em bagas ovoides, algumas vezes de formas irregulares, amarelo-esverdeados a amarelo-claros, de 20 cm de comprimento por 15 de diâmetro, de casca muito grossa, rugosa e perfumada, polpa amarelada de sabor ácido, contendo um número variável de sementes. Com as cascas, prepara-se o famoso doce de cidra, em fatias cristalizadas, além de doces secos, conservas e uma bebida refrigerante. Fornecem ainda um óleo essencial que é usado na fabricação de perfumes. Também as folhas encerram um óleo perfumado e volátil. Multiplica-se por sementes ou podem ser enxertadas sobre o limoeiro. Prefere solos bem drenados e férteis.

Partes Usadas Folhas ou frutos.

Formas Farmacêuticas Decocto ou infuso.

Emprego As cascas do fruto são empregadas contra febres intermitentes. No interior, utiliza-se empiricamente o chá de folhas no tratamento de gastralgia, digestão difícil, distúrbios estomacais e afecções das vias urinárias. Esse chá favorece também a eliminação dos gases intestinais. Aperiente, antiácida, calmante, vermífuga e antiemética. A protopectina tem ação coloidal com absorção de substâncias tóxicas.

Constituição Química A casca do fruto contém citroflavonoides, óleos essenciais, vitamina C, vitamina P e rutina. Algumas variedades contêm o flavonoide narigina e cumarina. O fruto contém esperidina, vitamina B1 e C, ácido cítrico, essências, fibras, sacarose e glicose. Protopectina.

Interações Medicamentosas e Associações É associada à erva-cidreira verdadeira (*Melissa officinalis* L.) e utilizada contra ansiedade e nervosismo.

Toxicidade Óleo essencial pode causar reações de fotossensibilidade, dermatite de contato, urticária.



CIDRILA

Família

Verbenaceae

Nome Científico

Lippia alba (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson

Sinonímia Vulgar

Erva-cidreira, falsa-melissa, erva-cidreira-de-arbusto, erva-cidreira-brasileira.

Sinonímia Científica

Lippia alba (Mill.) N. E. Br.; *Lantana alba* Mill.; *Lantana geminata* Kunth; *Lantana geminata* (Kunth) Spreng; *Lippia geminata* var. *microphylla* Griseb; *Lippia globiflora* var. *geminata* (Kunth) Kuntze



IDRILA

Descrição Subarbusto de morfologia variável ora ereto, ora semiescandente, atingindo até 2 m de altura. Folhas inteiras, opostas, de bordos serrados e com forma e tamanhos variados. Flores de cores que vão do azul-arroxeadado ao branco, reunidas em inflorescência axilares, capituliformes, de eixo curto e tamanho variado. Os frutos são drupas arredondas de cor róseo-arroxeados.

Partes Usadas Raízes ou sementes.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Combate transtornos metabólicos e endócrinos (anemia, hipertiroidismo, dismenorreia, depressão nervosa, diarreia, colite, e parasitos intestinais [oxiúros]).

Toxicidade Desconhecida.



IMBALÁRIA

Família

Scrophulariaceae

Nome Científico

Cymbalaria muralis Gaertner & Scherb

Sinónimia Científica

Linaria cymbalaria Miller; *Antirrhinum cymbalaria* L.;

Cymbalaria muralis P. Gaertner Meyer et Scherb



IMBALÁRIA

Descrição Planta vivaz, que cresce entre penhascos e rochas. É comum nos muros das igrejas de Ouro Preto. Completamente glabra, de caules filiformes, muito difusos sinuados, prostrados, pendentes ou trepadores, neste último caso, apoiando-se com o auxílio dos pecíolos e dos pedúnculos frutíferos que desempenham o papel de gavinhas. Folhas quase todas alternas, sendo opostas as inferiores, longo-pecioladas, de limbo reniforme, ou cordiforme, 3, 5, 7 lobadas, lobos mais ou menos agudos nas folhas superiores e obtusas nas inferiores, palmati-nervadas, verde-claras na parte superior e avermelhadas na inferior. Flores roxas escuras ou violáceas, ou ainda lilacíneas, sempre com os lábios amarelados, solitários e axilares, providos de esporas na base do tubo. Prefere terrenos arenosos e expostos para o norte. Oferece uma particularidade interessante: os pedúnculos frutíferos contorcem-se e alongam-se, tanto quanto for preciso, até encontrarem no solo ou nas paredes e rochas, uma fenda onde depositam as sementes e estas fiquem bem protegidas, garantindo, assim, a reprodução da espécie. Pode ser cultivada em vasos suspensos, nos paredões e rochedos artificiais.

Parte Usada Planta florida.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou tintura.

Emprego Adstringente, antiescorbútico, tônico, diurético, depurativo. Emprega-se a infusão das flores ou da planta florida em 1 litro de água e toma-se 1 xícara após as refeições

Constituição Química Cimbarina e certos ácidos orgânicos.



INAMOMO

Família

Meliaceae

Nome Científico

Melia azedarach L.

Sinonímia Vulgar

Santa-bárbara, jasmim-de-soldado.

Sinonímia Científica

Melia azedarach Blanco; *Melia angustifolia* Schem.; *Melia sempervirens* Sw.



INAMOMO

Descrição Árvore de 10 a 20 m de altura, geralmente 10 m; casca pouco espessa, cinzento-escura ou castanho-avermelhada, rugosa, fendida; folhas aglomeradas no ápice dos ramos alternas, longamente pecioladas, imparipinadas, até 50 cm de comprimento, pinas geralmente opostas, compostas de 4 a 5 pares de folíolos, curto peciolados, ovados ou lanceolados, acuminados ou oblíquos na base, mais ou menos profundamente lobados ou denteados, glabros nas duas faces, luzidios na superior e verdes na interior; flores pequenas, aromáticas, de corola lilás azulada ou rósea; tubo estaminal violáceo e anteras amarelas, dispostas em amplas panículas axilares; ovário livre, pentacarpelar. Fruto drupa elipsoide, liso, até 2 cm de diâmetro, amarelo quando maduro, de pericarpo pouco carnoso, mole, de cor branca, translúcida, de cheiro desagradável, com 4 sementes. Originária da Índia e cultivada no Brasil.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Adstringente, estomáquico, febrífugo, anti-histérico, antidiarreico, emenagogo. A casca da raiz é considerada tônica, estimulante e febrífuga. Os frutos são purgativos e anti-helmínticos. O uso interno do fruto é desaconselhado. O infuso de 5 g de folhas ou flores, preparado em 1/2 litro de água fervente, beber de 2 a 3 vezes ao dia para combater vermes e prisão de ventre.

Constituição Química Mangrovina, substâncias amargas e resinosas, ácido azedaráquico, tanino, saponina, fitosterina, paraesina, ácido cianídrico. E os alcaloides azeridina, margosina e paraisina.

Toxicidade Os frutos são considerados tóxicos e usados como inseticida. A casca tem um princípio irritante sobre a mucosa gastrintestinal. O quadro tóxico começa com náuseas, vômitos, cólicas e diarreia, podendo evoluir para distúrbios hidroeletrólíticos.



CINERÁRIA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Senecio cineraria DC.

Sinonímia Vulgar

Neblina, cinerária-dos-floristas.

Sinonímia Científica

Senecio cineraria L.; *Senecio bicolor* subsp. *cineraria*



CNERÁRIA

Descrição Planta herbácea, originada da Ilha das Canárias e região mediterrânea. É perene e pode atingir de 50 a 90 cm de altura com ramos branco-tomentoso. Folhas muito ramificadas, estreitas, com pelos branco-aveludados, dando à planta um aspecto muito bonito sendo, portanto, usada na ornamentação dos jardins. Inflorescências terminais, em corimbos de capítulos amarelos, sendo que raramente floresce em Minas Gerais. Flores andróginas, formadas por um grande grupo, com estames de anteras conatas e gineceu bicarpelar, com estigma bifido. Multiplica-se por estaquia ou desdobramento de touceiras e preferem solos adubados ou arenosos, não suportando geadas ou regas frequentes.

Parte Usada Folhas.

Forma Farmacêutica Colírio, sendo muito usada na homeopatia.

Emprego Cataratas e conjuntivite.

Constituição Química Alcaloides como a jacobina, flavonoides, tanino e mucilagem.

Toxicidade Seu uso interno pode ser hepatotóxico, carcinogênico, mutagênico e pneumotóxico.





QIPÓ-AZOUGUE

Família

Cucurbitaceae

Nome Científico

Apodanthera smilacifolia Cogn.

Sinonímia Vulgar

Cabaça-amargosa, chá-de-boubas.



IPÓ-AZOUGUE

Descrição Trepadeira grande, de caule delgado, sulcado, glabro até 40 cm de comprimento, com raiz cilíndrica amarela, até 40 cm de comprimento e 3 cm de largura (diâmetro). Casca rugosa, cinzenta-esverdeada exteriormente e amarelo-pálida interiormente. Ramos fortes, flexíveis, verde-claros. Folhas curto-pecioladas, membranosas, penínervas, opostas, alternando com os cirros, oblongas ou oblongo-lanceoladas, cordiformes na base, agudas no ápice ou levemente acuminadas, de 8 a 20 cm de comprimento e 4 a 10 cm de largura, denteadas, glabras nas duas faces, luzidias e de cor verde-claro na página superior e verde-pálido na inferior. Pecíolo levemente pubescente, subcilíndrico, ligeiramente canaliculado na parte superior. Flores masculinas brancacentas, pequenas, dispostas em racemos compostos. Cálice levemente pubescente, campanulado, com dentes triangulares, eretos. Pétalas ereto-salientes, oblongas, subobtusas, levemente tomentosas, trinervadas. Estames 3 a 4. Anteras oval-orbiculares, de 2 mm de comprimento. Conetivo estreito, ligeiramente papiloso no ápice. A planta quando fresca possui um cheiro ativo, particular, desagradável, que se acentua com a dessecação. Sabor acre.

Partes Usadas Raízes ou frutos.

Formas Farmacêuticas Extrato fluido decocto, alcoolatura ou infuso.

Emprego Depurativo, afecções cutâneas em geral (inclusive sarna), contra dartros, reumatismo, e antissifilítico. O infuso e decocto são usados a 1%, tomando-se de 1 a 3 xícaras ao dia. O extrato fluido, de 0,5 a 2 ml ao dia.

Constituição Química Alcaloides, taninos, flavonoides e saponinas, ácido apodantérico, resina, cera, ácidos gordurosos, apodanterina amorfa e cristalizada, celulose e sais inorgânicos.



IPÓ-CABELUDO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Mikania hirsutissima DC.

Sinonímia Vulgar

Cipó-miluca, guaco-cabeludo, cipó-almacega, cipó-caatinga, cipó-de-cerca.

Sinonímia Científica

Mikania banisteriae DC.; *Mikania separia* Gardn.; *Mikania maritana* Gardn.; *Eupatorium hirtum* Less.; *Willoughbya banisteriae* (DC.) Kuntze; *Willoughbya hirsutissima* (DC.) Kuntze



IPÓ-CABELUDO

Descrição Subarbusto escandente, volúvel, de ramos cilíndricos, lenhoso, densamente piloso e levemente recurvado e tirsoide paniculado no ápice. Folhas opostas, pecioladas, cordiformes, acuminadas, denticuladas, quase coriáceas, verde-escuras na página ventral e mais clara na dorsal e sempre pubescentes. Pecíolos flexuosos e pilosos. Do vértice do pecíolo partem 7 nervuras primárias e, a seguir, as secundárias pouco salientes. Inflorescência em grandes panículas com pedúnculos pilosos. Capítulos pedicelados, corimbosos nos vértices dos ramos. Brácteas ovais, pilosas, naviculares e mais curtas do que o involúcro. Páleas lineares, agudas, membranáceas, pardacentas, estriadas no dorso, que é levemente piloso. Flores alvas, tubulosas, hermafroditas, 4 em cada capítulo. Corola infundibuliforme, lobos lanceolados, limbo e tubo equilongos, papus com 30 cerdas brancas, flexuosas e frágeis. Fruto aquênio cilíndrico e glabro.

Partes Usadas Planta florida ou toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Poderoso diurético e albuminúrico. Quando florida, é usada principalmente em decocto, nos problemas renais, hipertensão, nas dores lombares e como calmante. Infuso ou decocto a 5 %, de 2 a 4 xícaras ao dia; extrato fluido, 5 a 20 ml ao dia.

Constituição Química Óleos essenciais (acurcumeno e espatulenol), princípios resinoides, cumarinas, minerais (Al, Ca, Fe, Mn, Mg, K, Na), tanino, amido, traços de saponina, matérias corantes e pécticas.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associado às folhas de abacate e estimas de milho, para doenças de fígado e rins. As cumarinas do cipó-cabeludo potencializam os medicamentos anticoagulantes, especialmente outras cumarinas como o dicumarol.

Contraindicação Durante a gravidez e a amamentação, hepatopatias crônicas, cirrose e coagulopatias. É contraindicado também para uso pediátrico.

Toxicidade Na superdosagem crônica, pode ocorrer alterações da coagulação sanguínea.



IPÓ-CABOCLO

Família

Dilleniaceae

Nome Científico

Davilla rugosa Poir.

Sinonímia Vulgar

Cipó-carijó, cambaíba, cuitzinho, sambaibinha.

Sinonímia Científica

Davilla brasiliiana DC.; *Hieronía scabra* Vell.



IPÓ-CABOCLO

Descrição Arbusto trepador de porte variável e caule áspero tomentoso. Ramos revestidos de pelos ásperos. Folhas alternas, pecioladas, ovadas, elípticas, agudas ou obtusas de 8 a 20 cm de comprimento por 4 a 10 cm de largura, ásperas ou rugosas nas duas faces. Flores em cacho, amarelo-pálidas, muito pequenas. Cálice de 5 sépalas e corola de 2 a 5 pétalas. Estames numerosos. Fruto cápsula com 1 a 2 sementes. Floresce de janeiro a abril.

Partes Usadas Folhas ou raízes.

Formas Farmacêuticas Decocto, infuso, extrato fluido ou pomada.

Emprego As folhas são usadas para curar as inchações das pernas e dos escrotos, no tratamento das úlceras crônicas e atônicas. Os ramos são igualmente purgativos e, sobretudo, diuréticos. As raízes, em infuso, são usadas externamente em banhos, como sedativo, e internamente nas angústias. Infuso e decocto a 1%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 0,5 a 2 ml ao dia.

Constituição Química Flavonoides e tanino.

Toxicidade Doses mais elevadas possuem efeito purgativo.



QIPÓ-CHUMBO

Família

Cucurbitaceae

Nome Científico

Cuscuta racemosa Mart.

Sinonímia Vulgar

Fio-de-ovos.

Sinonímia Científica

Cuscuta racemosa Sessé & Moc.



IPÓ-CHUMBO

Descrição Trepadeira e parasita, com caule cilíndrico, filiforme, fixando-se por meio de haustórios. Flores pálidas, pequenas, em cimeiras panículo-racemosas, diferenciando-se da *Cuscuta umbellata*, que possui inflorescência em umbela. Flores pediceladas, actinomorfas, andróginas, glandulosas. Cálice campanulado, com lobos imbricados, ovais, obtusos, lanceolados. Corola gamopétala, com 5 lobos lanceolados e tubo campanulado. Cinco estames epipétalos, concrecidos com o tubo da corola, anteras ovais. Ovário subglobuloso, bilocular, desenvolvido, 2 estiletos livres, terminais, sólidos e filiformes, estigma grande, subpeltado. Fruto cápsula depresso-globulosa, superiormente deiscente, com 4 sementes ovais, foscas, levemente verrucosas.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido, tintura, emplasto ou pó.

Emprego Tônico, anticatarral, adstringente, diurético e anti-hemorroidal. O pó é vulnerário. A infusão é preparada com 4 g de cipó-chumbo em 250 ml de água fervente e bebida de uma só vez.

Constituição Química Tanino, alcaloides (agrocavina e cuscutina) e bálsamo especial.





QIPÓ-DE-SÃO-JOÃO

Família

Bignoniaceae

Nome Científico

Pyrostegia venusta Miers



IPÓ-DE-SÃO-JOÃO

Descrição Trepadeira lenhosa grande e forte, ramos cilíndricos, um pouco angulosos, pubescente enquanto jovens. Folhas pecioladas, compostas, de 2 folíolos e uma gavinha trigarfada no ápice; as folhas inferiores podem ter 3 folíolos, ovato-oblongos, acuminados até 5 cm de comprimento e 2 de largura, verdes inteiros, glabros. Flores irregulares, salpingomorfas, com a corola de 6 a 7 cm de comprimento, vermelho-laranja, muito vistosas, dispostas em corimbos terminais. Fruto cápsula comprida linear, achatada, comprimida, sulcado-angulosa longitudinalmente; semente alada. Não confundir esta planta com a erva-de-são-joão, que tem flores roxas e também é chamada de mentrasto. A erva-de-são-joão, que é usada como calmante, tem flores na cor laranja, porém muito pequenas, e a planta é uma erva. Esta planta está sempre florida no dia 24 de junho e, por isso, é chamada cipó-de-são-joão e pode ser vista pelas estradas de Minas Gerais mesmo de longe, por causa de sua cor laranja forte e abundância de flores na inflorescência.

Partes Usadas Flores ou ramos.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, alcoolatura ou xarope.

Emprego Reumatismo, bronquites, doença dos rins, dor em volta do umbigo. Citação também para vitiligo e toxoplasmose. Prepara-se o infuso e o decocto com 1 xícara das de chá de planta picada em 1 litro de água, tomando-se de 4 a 5 xícaras das de chá ao dia.

Constituição Química Glicosídeo flavônico, pirostegina.

Toxicidade Planta tóxica para o gado.



QIPÓ-PRATA

Família

Malpighiaceae

Nome Científico

Banisteriopsis argyrophylla (A. Juss.) B. Gates

Sinonímia Vulgar

Murici.

Sinonímia Científica

Banisteriopsis oxyclada (A. Juss.) Gaites; *Banisteria campestris* E. L.



IPÓ-PRATA

Descrição Arbusto semilenhoso, ereto ou semiescandente, ramificado com até 3 m de altura, com abundantes flores. Folhas opostas cruzadas, ovais, grandes, ásperas, mucronadas arredondadas na base com 4 a 8 glândulas na página inferior, de nervuras salientes; a página inferior tem a cor prateada visível a distância, quando venta. Inflorescências terminais, ramificadas, com flores amarelas, em umbelas panículadas; pedicelo crasso, branco e tomentoso. Fruto sâmara, tomentosa. Planta nativa do campo cerrado, tolerante a solos ácidos e pobres, desenvolve-se a sol pleno. Multiplica-se por sementes.

Partes Usadas Raízes, folhas ou caules.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego Inflamações, hemorragias ovarianas, na gonorreia e em doenças renais. O decocto é preparado com 1 xícara das de chá de planta picada em 1 litro de água, tomando-se de 3 a 4 xícaras das de chá ao dia.



QIPÓ-SUMA

Família

Violaceae

Nome Científico

Anchietea pyrifolia (Mart.) G. Don.

Sinonímia Vulgar

Suma, paraguaia, piraguais, mercúrio-vegetal.

Sinonímia Científica

Noisettia pyrifolia Mart.; *Anchietea salutaris* St. Hil.; *Anchietea pyrifolia* A. St. Hil.; *Anchietea pyrifolia* G. Don.; *Viola suma* Vell.



IPÓ-SUMA

Descrição Muito comum na Região Sudeste brasileira e na Bahia, principalmente nas capoeiras e orlas de matas, em terrenos úmidos. É um arbusto escandente, de caule bastante ramificado, suberoso e brancacento, estriado quando novo e cilíndrico quando velho. Folhas simples, alternas, ovais, oblongas ou lanceoladas, agudas, acuminadas no ápice e obtusas na base, crenadas, de 4 a 6 cm de comprimento e de 2 a 3 cm de largura. As folhas são ainda coriáceas, curto-pecioladas e penadas. Estípulas pequenas, escamiformes e fugazes. Inflorescência axilar, em cachos ou fascículos de 3 a 10 flores. Brácteas pequenas. Flores esbranquiçadas, amarelas, vermelhas ou róseo-pardas, calcaradas e com cerca de 1 a 2 cm de comprimento. Cálice com sépalas atenuadas, lanceoladas e os 2 intermédios são um pouco maiores. Corola pentâmera, sendo 4 posteriores e horizontais e a anterior calcarada. Androceu com estames providos de anteras ovais e com apêndice curto. Gineceu com ovário oval, ereto; estilete excedente às anteras. Fruto cápsula com sementes aladas.

Partes Usadas Caules ou raízes.

Formas Farmacêuticas Extrato fluido, xarope, decocto, tintura ou infuso.

Emprego Depurativo. Foi citado também como sialogogo, descongestionante dos vasos urogenitais e hemorroidários, e como antissifilítico, usado também no tratamento das moléstias da pele. Mesmo provocando a salivação em excesso, é bem tolerado pela mucosa estomacal, o que permite o seu uso prolongado, pois seus efeitos curativos são lentos, porém eficazes. Infuso ou decocto a 1%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, 1 a 2 ml ao dia.

Constituição Química Um glicosídeo (anchietina), amido, matérias resinosas e pécnicas.

Toxicidade Em doses elevadas é drástico e emeto-catártico.



IPRESTE

Família

Cupressaceae

Nome Científico

Cupressus sempervirens L.



IPRESTE

Descrição Árvore que cresce eretamente, atingindo 25 m de altura, com ramificações formando uma copa longa e estreita, porém compacta. As folhas são pequenas, escamosas, de disposição imbricada, constituindo 4 fileiras com canais glandulosos dorsais. O cipreste é um vegetal monoico. Suas flores masculinas formam pequenos cones ovoides e alongados, ao passo que as femininas formam cones arredondados, compondo-se de até 12 escamas. Quando estão bem desenvolvidas, formam a gálbula que é um pseudofruto, globuloso, poliédrico, de um verde-pardacento, e cada um deles parece um cravo poligonal, muito endurecido e lenhoso. As sementes são planas e tem bordos alados. É uma planta originada do Oriente, mas difundida por diversas partes do globo.

Parte Usada Gálbula (pseudofruto).

Formas Farmacêuticas Decocto, extrato e supositório.

Emprego Por causa do tanino que contém, a gálbula do cipreste é adstringente, usada de longa data; é um vaso constritor de grande eficácia nas afecções do sistema nervoso, cuja ação é semelhante à do *Hamamelis virginica*. É usadas no tratamento das varizes e transtornos da menopausa, nas metrorragias e também nas hemorroidas, disenteria e hérnia. Decoto: ferver 20 g de gálbulas em 1 litro de água.

Constituição Química Taninos catéquicos, ácido (glicérico e glicólico). Óleo essencial: (monoterpenos, α -pineno, γ -3-careno), sesquiterpenos (α -cedreno e γ -cadineno), caneno, alcanfor, manool, sempervirol. Ácido neocuprécico, pro-antocianidóis, dímeros flavônicos.



QOENTRO

Família

Apiaceae (Umbelliferae)

Nome Científico

Coriandrum sativum L.

Sinonímia Vulgar

Coriandro, quento.

Sinonímia Científica

Selinium coriandrum Crause



OENTRO

Descrição Planta glabra que chega a medir entre 10 e 30 cm de altura. Raiz fusiforme e caule ereto, cilíndrico e estriado e um pouco ramoso. Pequenas folhas verdes, sendo as inferiores flabeliformes e as superiores pinatífidas de lacínios lineares. Flores brancas ou róseas, pequenas, sendo que as de circunferência radiadas e com pétalas maiores são dispostas em umbelas curtamente pedunculadas. Fruto cremocarpo ovoide, globuloso, costado e coroado pelos dentes do cálice e pelos 2 estiletos, podendo separar-se em 2 mericarpos hemisféricos. As folhas e flores têm cheiro de percevejo esmagado. Multiplica-se plantando o fruto maduro, pois é difícil separar o fruto da semente.

Partes Usadas Folhas, frutos maduros.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura e extrato fluido.

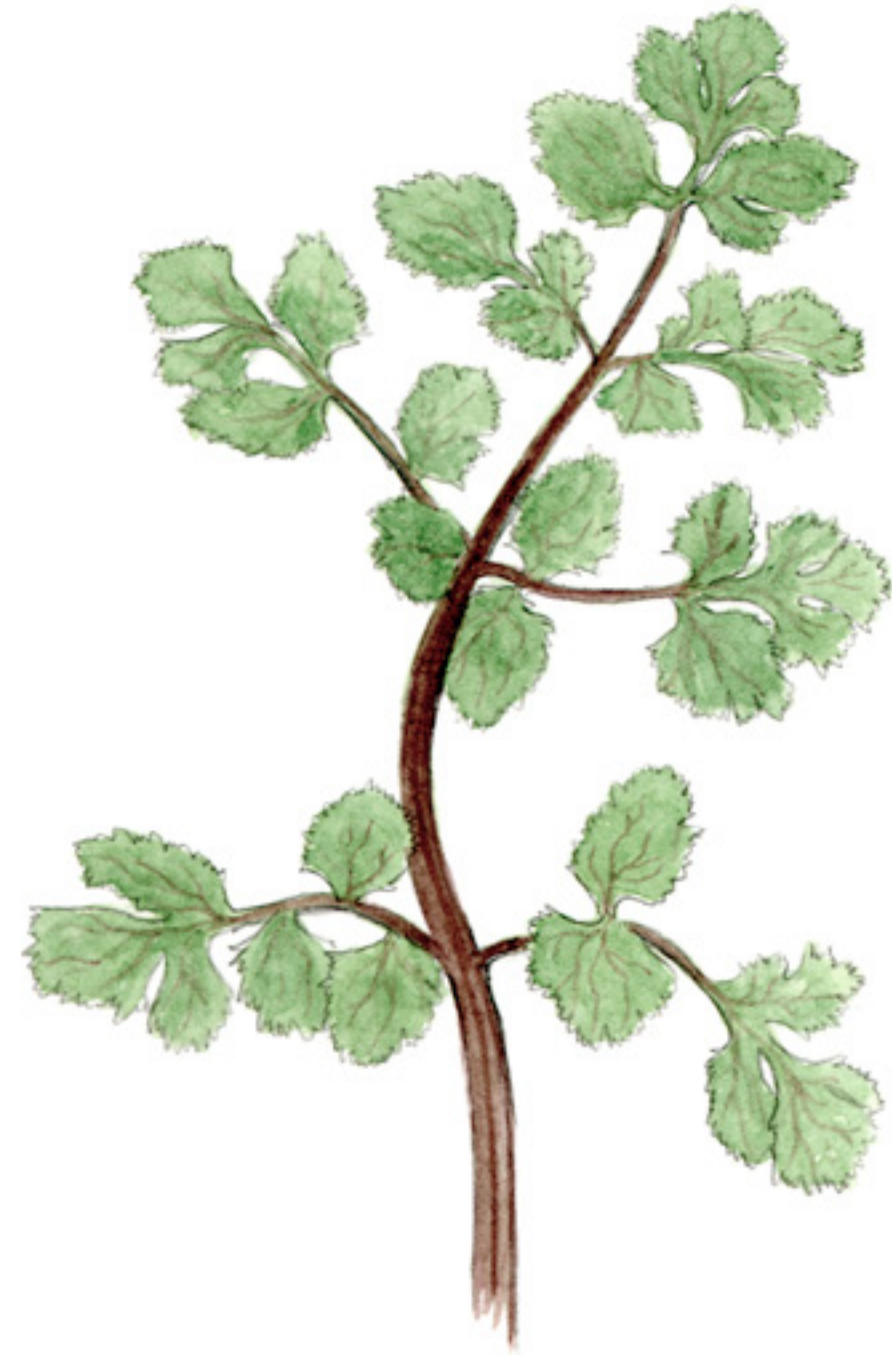
Emprego O óleo essencial confere propriedades estomáquicas, carminativas, analgésicas e antiespasmódicas. É usado na flatulência, inapetência, halitose e insuficiência pancreática. Além de ação fungicida e bactericida, pode ser usado como condimento. Infuso ou decocto a 2,5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 1 a 5 ml ao dia.

Constituição Química Óleos essenciais, principalmente d-linalol ou coriandrol; hidrocarbonetos monoterpênicos principalmente, geraniol, borneol, d-pineno; α -pineno, p-cimeno, limoneno, acetato de geranilo e alcanfor; aldeído 2-trans-dicenol. Flavonoides (quercetina, arpigénina, rutina e campferol); furanocumarinas, alguns ácidos e vitaminas A e C.

Interações Medicamentosas e Associações Aumento do efeito hipoglicemiante. Monitorizar rigorosamente os níveis de glicemia durante o uso do coentro.

Contraindicação Para pessoas alérgicas.

Toxicidade Pode causar lesões renais, quando usado em excesso. Não é seguro seu uso durante a gravidez e amamentação. Pode provocar dermatite de contato, devido ao teor de furanocumarinas, e o óleo essencial pode chegar a ser convulsivante.



QOENTRO-FEDORENTO

Família

Apiaceae (Umbelliferae)

Nome Científico

Eryngium foetidum L.

Sinonímia Vulgar

Eringo.

Sinonímia Científica

Eryngium maritimum L.; *Eryngium foetidum* Forssk; *Eryngium foetidum* Walter; *Eryngium antihystericum* Rottb; *Eryngium molleri* Gand.





COENTRO-FEDORENTO

Descrição É uma planta duradoura, de até 60 cm de altura, de caule ereto e ramificado, de cor branca ou cinzento-azulada. As folhas caulinares são simples, alternas e sésseis, e envolvem parcialmente o caule. As nervuras são peninérveas, de cor verde-azulada, esbranquiçadas e muito espinhosas. As folhas basais são pecioladas, de consistência coriácea, glabras e possuem dentes espinescentes. As flores, em número considerável, se agrupam em capítulos globosos, pedunculados, de cor azulada. As folhas abaixo dos capítulos (brácteas) se dispõem em forma de estrelas e cada uma delas tem o formato de um losango, com as margens serreadas e espinescentes. Esta planta tem um cheiro característico que lhe deu o nome. Típica de áreas litorâneas. Floresce no verão.

Partes Usadas Raízes secas.

Formas Farmacêuticas Extrato ou tintura.

Emprego Diurética, aperitiva, também usada contra hidropsia. A infusão é preparada com 15 gramas da raiz cortada em pedacinhos em ½ litro de água. Essa preparação deve ser feita diariamente. Deixar esfriar e tomar uma xícara após as refeições.

Constituição Química Saponinas, flavonoides, cumarinas, taninos, açúcares e óleo essencial.

Interações Medicamentosas e Associações Juntamente com agentes diuréticos, o coentro fedorento causa aumento de perda de eletrólitos.

Contraindicação Seu uso é desaconselhado por mais de 3 dias consecutivos.



ONFREI

Família

Boraginaceae

Nome Científico

Symphytum officinale L.

Sinonímia Vulgar

Consólida, consólida-maior, orelha-de-burro, confrei-russo, capim-roxo-da-Rússia, erva-de-cardeal.



ONFREI

Descrição Erva perene, de caule aéreo curto e subterrâneo (rizoma desenvolvido), e raízes fusiformes, fasciculadas. As folhas são simples, alternas, oblongo-lanceoladas ásperas, cobertas de pelos, sendo que as superiores são sésseis e de menor tamanho, e as inferiores, pedunculadas e maiores. Antes de as inflorescências se formarem, as folhas são rosuladas e depois elas se prendem ao escapo. As flores são andróginas de corola rosada, pêndula, pentâmera, tubulosa e se dispõem em uma cimeira unípara escorpioide. Multiplica-se, geralmente, por divisão de touceira ou pedaços de rizoma, enraizados em leito de areia. No Brasil, o confrei só é encontrado na forma cultivada.

Partes Usadas Raízes e folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, pó, pomada, creme, sumo, salada e cataplasma.

Emprego Consolidação de fraturas ósseas. Usar ½ folha de 20 cm de comprimento em 1 copo com água ou suco de laranja, bater no liquidificador e coar, tomar por no máximo 10 dias. Dores lombares. Câncer, frieira, úlceras, hepatite, erisipela, hipertensão arterial, doenças do fígado e do estômago, azias, doenças da pele. O ácido rosmarínico tem ação antiinflamatória, a alantoína tem ação cicatrizante e a mucilagem tem ação hidratante e lubrificante.

Constituição Química Caroteno, taninos, açúcares, saponinas esteroidais e triterpênicas, esteróis, ácido clorogênico, ácido cafeico, ácido rosmarínico, mucilagem, alantoína e alcaloides pirrolizidínicos, principalmente sinfitina, equimidina e elicopsamina. O sinfitosídeo, que é uma saponina triterpênica, tem ação antimicrobiana, principalmente frente a organismos dos gêneros Salmonella, Staphylococcus e Streptococcus. Minerais como Mn, Ca, Fe, P e Zn.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser combinado com a alteia para aplicação externa em cremes. O alto conteúdo de tanino pode provocar a precipitação de alcaloides. Evitar a combinação com outras drogas que possam danificar o fígado.

Contraindicação Os alcaloides pirrolizidínicos (sinfitina 64%) presentes nas folhas e raízes provocam, quando em uso prolongado, enfermidade veno-oclusiva hepática e induzem a degeneração dos hepatócitos, provocando a cirrose. Contraindicado na gravidez e na lactação. Seu uso tópico prolongado (mais de 4 a 6 semanas) deve ser evitado em pele lesionada.

Toxicidade O uso prolongado pode ocasionar aparecimento de tumores malignos no fígado, nos brônquios e na bexiga, consequência do desenvolvimento de doença veno-oclusiva causada pelos alcaloides nestes órgãos, complicados com o extravasamento de hemácias e necrose hemorrágica. O confrei teve seu uso por via oral proibido pelos órgãos governamentais, embora seu uso local como cicatrizante seja permitido e estimulado.



CONGONHA

Família

Aquifoliaceae

Nome Científico

Ilex diuretica Mart. ex Reiss.

Sinonímia Vulgar

Congonha-senhora-da-serra, congonha-do-serro-frio.



ONGONHA

Descrição Arbusto de ramos sulcados no ápice, ligeiramente pubescentes, assim como os pecíolos e os pedúnculos. Folhas densas, aproximadas ou verticiladas, ovado-agudas ou oblongo-obovadas, de até 4 cm de comprimento por 0,8 cm de largura, coriáceas, rígidas, com nervuras laterais e pontuações pretas, apenas visíveis com lupa. Luzidias na página superior e frouxamente reticulado-nervadas na página inferior. Inflorescência cima-triflora ou isolada. Fruto drupa globosa, com 4 ângulos, 4 lóculos.

Partes Usadas Folhas ou caule.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou macerato.

Emprego Sob a forma de infuso e decocto é usado como diurético na hipertensão arterial e nas infecções urinárias (rins e bexiga). O caule macerado é usado como cicatrizante.

Constituição Química Celulose, sacarina, sais inorgânicos, ácido metatânico, cafeína, resina, princípios amargos e óleo essencial.



ONGONHA-DE-BUGRE

Família

Rubiaceae

Nome Científico

Palicourea densiflora Mart.

Sinonímia Vulgar

Bugre, chá-de-bugre, cotó-cotó, congonha-de-gentio, erva-pipi.

Sinonímia Científica

Coffea virbunoides; *Rudgea virbunoides* (Cham.) Benth.;
Palicourea densiflora Wawra.





QONGONHA-DE-BUGRE

Descrição Árvore de pequeno porte de até 5 m de altura, de copa globosa com muitos ramos. Tronco curto e tortuoso, com a casca grossa e pardacenta. Folhas simples de pecíolo curto, opostas, muito grossas e rugosas de nervuras peninérveas bastante ramificadas e salientes na face inferior. Folhas de margem inteira podendo atingir até 18 cm de comprimento de forma elíptica ou oval. Flores brancas reunidas em cacho de cacho terminais (panícula). Fruto drupáceo amarelo com uma única semente. É planta muito comum nos cerrados de Minas Gerais. Multiplica-se por sementes.

Partes Usadas Folhas ou raízes.

Formas Farmacêuticas Decocto, infuso, pó ou tintura.

Emprego O decocto a 0,5% das folhas é usado como diurético, nas doenças renais e úlceras estomacais, tomando-se 50 ml de 3 a 4 vezes ao dia. A raiz, em decocção, é usada no reumatismo, angina pectoris, gota, hipertensão, nas doenças renais e circulatórias. O extrato fluido e o pó são utilizados até 1 grama por dia, e a tintura, até 5 ml.

Constituição Química Cotoína, paracotoína, oxileucotoína, leucotoína, hicrocotoína, protocotoína, cotelina, óleo essencial, tanino.

Contraindicações Não deve ser usado nos casos de diarreias tuberculosas, diarreias cerosas, nos processos urêmicos, bem como nas hiperemias intestinais com tendência hemorrágica.



OPAÍBA

Família

Leguminosae (Caesalpinoideae)

Nome Científico

Copaifera langsdorffii Desf.

Sinonímia Vulgar

Óleo-de-copaíba, copaibeira-de-minas, óleo-vermelho, pau-de-óleo.

Sinonímia Científica

Copaifera langsdorffii (Desf.) Kuntze; *Copaifera nitida* Mart. ex Hayne; *Copaifera sellowii* Hayne



OPAÍBA

Descrição São geralmente árvores grandes, de 10 a 20 m de altura, de copa densa e folhagem brilhante e verde, ocorrendo em Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Mato Grosso e Goiás. Folhas alternas, compostas com 3 a 4 pares de jugas, de margem inteira e coriáceas, medindo de 3 a 6 cm de comprimento. O folíolo tem a nervura central esbranquiçada e saliente. Flores brancas reunidas em cachos. Frutos arredondados, de cor bege, deiscentes, com sementes pretas e parcialmente cobertas por arilo branco. Reprodução por sementes.

Partes Usadas Óleo da madeira, retirado por tubos ou canaletas no tronco, ou extraído da serragem da madeira, quando a árvore é cortada. Óleo-resina.

Formas Farmacêuticas Óleo, cápsulas, óvulos vaginais ou xaropes.

Emprego Estimulante das mucosas respiratórias, gênitó-urinárias, usado contra catarros brônquicos e crônicos. É muito usado pela população como cicatrizante, passando-se o óleo nos locais afetados. Misturar 1/2 xícara de seiva em 1/2 litro de cachaça. Tomar 3 vezes ao dia.

Constituição Química O óleo-resina de copaíba é uma solução natural de resina dissolvida em óleo essencial. O óleo essencial é composto basicamente de compostos sesquiterpênicos e sesquiterpênicos oxigenados (β -cariofileno, β -bisaboleno, α -bergamoteno e β -selineno). Ácidos copaívico, oxicopaívico, copaiferólico, paracopaívico E a fração resina é constituída por ácido diterpênicos.

Contraindicação Durante a gestação e a lactação. Indivíduos com problemas gástricos. É desaconselhável usa-la por mais de 10 dias.



QORACÃO-MAGOADO

Família

Amaranthaceae

Nome Científico

Iresine herbstii Hook.

Sinonímia Vulgar

Manjerição-de-nosso-senhor-dos-passos, republicana, catinga-de-mulata.

Sinonímia Científica

Iresine diffusa F.; *Forma herbstii* (Hook.) Pedersen



ORAÇÃO-MAGOADO

Descrição Planta herbácea de aspecto suculento, podendo atingir até 1,5 m de altura. Folhas pecioladas, simples, alternas, ovais ou cordiformes com ápice agudo ou recortado semelhante ao desenho de um coração. As folhas podem ser vinosas com nervuras de um vermelho vivo ou em uma variedade, verdes com nervuras amarelas. Inflorescências cacho de espigas compostas de cor amarelo-pálido com flores insignificantes. Todas são muito usadas em jardinagem como ornamentais. Pode ser plantada por estaquia e exige solos bem adubados, não tolera baixas temperaturas.

Parte Usada Toda a planta

Formas Farmacêuticas Decocto.

Emprego Seu uso vem da doutrina das assinaturas, do médico medieval Paracelso, e, originalmente, era usado para coração e edema. Hoje é usado em banhos sob a forma de infusão ou, quando ingerido, é usado na asma, artrite, reumatismo, gota e histeria.



ORDÃO-DE-FRADE

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Leonotis nepetaefolia Schimp. ex Benth.

Sinonímia Vulgar

Cordão-de-são-francisco.

Sinonímia Científica

Phlomis nepetaefolia L.; *Leonotis nepetaefolia* (L.) R. Br.; *Leonurus globosus* Moench.; *Leonurus nepetaefolius* Mill.; *Leonurus marrubiastrum* Lour; *Stachys mediterranea* Vell.



ORDÃO-DE-FRADE

Descrição Erva anual e sublenhosa, de caule quadrangular e aveludado-pubescente, atinge até 2 m de altura. Ele pode ser simples ou ramificado. Folhas opostas, ovadas até subovadas-deltoides, cuneadas ou subcordiformes na base, finamente crenadas, de 4 a 12 cm de comprimento. Flores pediceladas, de 25 mm; cálice pulverulento, tubuloso, com 9 a 10 dentes; corola bilabiada, com lábio superior côncavo, vermelha, roxa, alaranjada, amarelada ou manchada. Inflorescência disposta em glomérulos densos, de 4 a 6 cm de diâmetro. Androceu oligostêmone, estames didínamos, gineceu dicarpelar, ovário súpero, estilete ginobásico e estigmas desiguais.

Partes Usadas Planta florida, raízes, inflorescência ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido, tintura ou xarope.

Emprego Tônico, balsâmico, antiespasmódico, diurético, antirreumático. A raiz, em decocção ou em vinho branco, é depurativa do sangue, até 10 g por litro; acima dessa dosagem é utilizada para impotência. A planta florida, em decocto, é tida como tônica balsâmica e antiespasmódica. As folhas, maceradas, são febrífugas e antidisentéricas. O extrato fluido é empregado de 1 a 5 ml ao dia. O infuso e o decocto são usados a 2,5 %, de 2 a 3 xícaras por dia.

Constituição Química Óleo essencial, heterosídeos cianogênicos e saponínicos, gomas, mucilagens, taninos e ácidos orgânicos.

Interações Medicamentosas e Associações A inflorescência, cozida com a erva-cidreira da horta, é usada para tensão pré-menstrual.

Contraindicação Não causa efeitos colaterais em doses terapêuticas.

Toxicidade Não foi encontrada nenhuma referência.



ORDEIRO-DE-DEUS

Família

Lamiaceae

Nome Científico

Vitex agnus-castus L.

Sinonímia Vulgar

Pimenta-de-frade, agnocasto, pimenta-de-Angola, pimenta-da-costa.

Sinonímia Científica

Vitex agnus-castus Kurz



ORDEIRO-DE-DEUS

Descrição Arbusto lenhoso, ramoso, que pode alcançar até 3 m de altura. Folhas persistentes, pecioladas, opostas, compostas de 5 a 7 folíolos digitados. Folíolos lanceolados, acuminados, inteiros, de cor prateada na face superior e aveludada na inferior. Suas flores tubulosas, campanuladas e bilabiadas são de cor lilás e estão reunidas em panículas axilares. Seu fruto é uma drupa que tem o odor da pimenta. Reproduz-se facilmente por estacas.

Partes Usadas Folhas ou sementes.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Antiestrogênico, galactogênico, inibe a produção do hormônio FSH, estimula a secreção do LH, impede a produção de prolactina. É utilizado como espasmolítico, sedativo e vulnerário. Infuso: 1 colher das de sopa por xícara, tomar de 2 a 4 xícaras ao dia.

Constituição Química Flavonoides (casticina e homorientina), glicosídeos iridoídes (aucubósico, agnósido), taninos, princípios amargos. Semente rica em cineol e pineno.

Interações Medicamentosas e Associações Devido à sua atividade regularizadora hormonal, pode interferir com a eficácia das pílulas anticoncepcionais, terapia de reposição hormonal e progesterona. Tem efeito somatório com drogas e hormônios que afetam a pituitária. Pode interferir com drogas que se ligam a receptores de dopamina.

Contraindicação Deficiência metabólica de FSH e tratamento de hormônios femininos. Na gravidez, devido ao efeito emenagogo; no entanto, tem sido usado para ajudar a prevenir o aborto nos 3 primeiros meses por insuficiência de progesterona.

Toxicidade Pode aumentar o fluxo menstrual e a cefaleia.



OUVE

Família

Brassicaceae (Cruciferae)

Nome Científico

Brassica oleracea L.

Sinonímia Científica

Brassica oleracea Lour



OUVE

Descrição Erva perene, que pode atingir até 2 m de altura conforme a variedade. Raiz principal, caule bem desenvolvido com folhas em toda a sua periferia. Folhas longo-pecioladas, elípticas ou ovais, lisas ou crespas com a superfície verde-escura ou clara, com manchas roxa-brilhantes devido à cera que ela possui, nervuras peninérveas. Flores amarelas crucíferas, pequenas que se apresentam em uma inflorescência em cacho. Estames tetradínamos, ovário bicarpelar, gamocarpelar, com duas lojas contendo um septo branco transparente (síliqua), sementes escuras e arredondadas. Multiplica-se por sementes ou ponteiras tiradas da base, o que deve ser feito sempre, para que a planta se desenvolva. Prefere solos adubados, fofos, bem drenados, areno-argilosos e fracamente ácidos.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Sumo ou ao natural.

Emprego Anemia, artrite, cálculos biliares e renais, diarreia, escorbuto, úlcera no estômago, enfermidades do fígado, furúnculo, gota, limpeza do intestino, inflamações da pele, reumatismo. Bater no liquidificador 2 folhas médias com 1 limão; depois de coado, tomar 1 xícara 2 vezes ao dia. Na anemia, tirar o sumo através da maceração e ingerir.

Constituição Química A couve possui vitamina C em grande quantidade e β -caroteno, que o corpo humano transforma em vitamina A. Uma xícara de couve contém o dobro das necessidades diárias desses nutrientes. Outros nutrientes encontrados em 1 xícara de couve são: 5 mg de vitamina E, 30 mg de folato, 135 mg de cálcio, 2 mg de ferro e 450 mg de potássio. Fornece mais de 1 g de fibras com apenas 50 calorias o que torna a couve um alimento muito nutritivo, altamente recomendado para quem se preocupa com o peso. Além disso, a couve contém mais

ferro e cálcio que qualquer outra verdura. Seu alto teor de vitamina C aumenta a capacidade de absorção desses minerais pelo organismo. Servir couve com molho de limão ou outras frutas cítricas na mesma refeição acelera a absorção de ferro e cálcio. Os bioflavonoides, carotenoides e outros componentes que combatem o câncer estão presentes em grande quantidade na couve. Ela também contém indóis, compostos que podem diminuir o potencial cancerígeno do estrogênio e induzir a produção de enzimas que protegem contra as doenças.

Toxicidade Existem indivíduos que não podem digerir couve, por não possuírem enzimas que são capazes de quebrar ceras e, nessas pessoas, a couve pode provocar parada digestiva, com grande mal-estar e dores de cabeça.



RAJIRU

Família

Bignoniaceae

Nome Científico

Fredericia chica (Humb. & Bonpl.) L. G. Lohmann

Sinonímia Vulgar

Chica, cipó-cruz, pariri, carajiru, cuíca, guarajuru.

Sinonímia Científica

Arrabidaea chica (Humb. & Bonpl.) Verl.; *Adenocalymna portoricensis* A. Stahl; *Arrabidaea cuprea* (Cham.) Bornm.; *Arrabidaea acutifolia* DC.; *Arrabidaea larensis* Pittier; *Arrabidaea rosea* DC.; *Bignonia chica* Bonpl.; *Bignonia cuprea* Cham.; *Bignonia erubescens* S. Moore; *Bignonia triphylla* Willd. ex DC.; *Lundia chica* (Bonpl.) Seem.; *Temnocydia carajura* Mart. ex DC.; *Vasconcellia acutifolia* Mart. ex DC.



RAJIRU

Descrição Trepadeira de ramos escandentes com uma ramificação abundante. Folhas compostas bi ou trifoliadas; quando bifoliadas, o folíolo central se transforma em gavinha. Os folíolos oblongo-lanceolados, acuminados, cartáceos, de 8 a 13 cm de comprimento. Flores campanuladas, de cor rosada, dispostas em panículas terminais. Os frutos são síliqua deiscentes com muitas sementes aladas.

Parte Usada Folhas.

Forma Farmacêutica Infuso

Emprego Antiinflamatória, antimicrobiana, vulnerária. O chá de suas folhas é utilizado na medicina caseira como adstringente, nas diarreias sanguinolentas, icterícia, anemia, albuminúria, psoríase e enterocolite. Problemas de estômago e para tirar a dor de machucados. Para a maioria dos males o chá deve ser preparado com 10 g de folha por litro de água. Para doenças externas deve-se usar 20 g / litro de 3 a 4 xícaras por dia.

Constituição Química O chá desta planta tem uma cor vermelha muito forte atribuída a 2 flavonoides: carajurina e carajurona. Além desses compostos, são encontrados ainda nesta planta genipina, quinonas, saponinas, triterpenos, ácido anísico, taninos, ferro e cianocobalamina.



GRAVINA

Família

Caryophyllaceae

Nome Científico

Dianthus sinensis L.



RAVINA

Descrição Planta herbácea, perene, entouceirada, originária da Ásia e Europa, que pode atingir até 40 cm de altura. Folhas glaucas, ensiformes, ponteagudas, glabras, de margem inteira e aparentemente com uma única nervura central. Inflorescência isolada ou agrupada com 2 ou 3 flores de cores variadas que podem ser branca, vermelha, rosa, vinho ou a mistura dessas cores. Flores pentâmeras. Corola cariofilácea, que se caracteriza por ter unhas longas, 10 estames e 2 carpelos. Fruto capsular com muitas sementes escuras. Multiplica-se por sementes ou estacas e é cultivada em solo orgânico de boa drenagem, porém irrigado periodicamente.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Decocto ou usado como colírio.

Emprego Popularmente é usado nas doenças dos olhos.



CRAVINHO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Tagetes minuta L.

Sinonímia Vulgar

Cravinho, rabo-de-foguete, cravo-de-defunto-do-mato, alfinete-do-mato.

Sinonímia Científica

Tagetes bonariensis Pers.; *Tagetes grandulifera* Schrank; *Tagetes glandulosa* Link; *Tagetes porophyllum* Vell.



RAVINHO

Descrição Planta anual, ereta, pouco ramificada, glabra, com cheiro característico, podendo atingir 2 m de altura. Folhas compostas, pinadas, imparipinadas, de folíolos lanceolados e estreitos, de margem serrada. Inflorescência formada por corimbos de capítulos terminais, com flores amarelas; fruto cipsela. Planta invasora, crescendo em formações compactas e muitas vezes destruindo as plantas dos locais onde vegeta. Reproduz-se por sementes e não são muito exigentes quanto ao solo, mas crescem em locais ensolarados.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Emplasto, infuso ou decocto.

Emprego Nas contusões, para tratar reumatismo articular; em resfriados e bronquite; empregada também como anti-helmíntica, emenagoga e laxativa. Seu infuso ou decocto é preparado com 3 colheres de sobremesa da planta seca em 1 xícara de chá de água, tomando-se 2 a 3 xícaras de café ao dia. Foi demonstrado, em trabalhos científicos, que o *T. minuta* apresenta atividade biocida decorrente da presença de tiofenos. Foi caracterizada, ainda, uma atividade antichagásica dos extratos hidroalcoólicos e etanólicos das folhas contra o *Triatoma infestans* e antitumoral. Esta espécie tem sido usada também como controle de vetores parasitários, tais como *Aedes aegypti* e *Anopheles stephensi*.

Constituição Química Óleo essencial (cis-;β-cimeno, diidrotagetona, limoleno, tuiona, linalol, mirceno, mentol, timol, canfeno, citral, acetona). Tiofenos e monoterpenos (ocimeno, tajetona, tajetenona). Flavonoides, cinerina, patulitrina, piretrina, ácido valeriânico e ácido siríngico.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associado ao braço-forte e ao jatobá, para impotência sexual.

Toxicidade Não há registros de toxicidade.



CRAVO-CHEIROSO

Família

Caryophyllaceae

Nome Científico

Dianthus caryophyllus L.

Sinonímia Vulgar

Cravo, craveiro.



RAVO-CHEIROSO

Descrição Planta herbácea, vivaz, glauca, originária da Europa, que pode atingir até 90 cm de altura. Folhas glaucas (verde-azuladas), ensiformes, inteiras, caniculadas, lisas nas margens, um pouco carnosas com a nervura central saliente. Flores grandes e perfumadas, com inúmeras pétalas, de várias tonalidades: branca, rosa, amarela, vermelha, dotada de calículo e um cálice alongado, verde, lobado de 3 cm de comprimento. As pétalas são franjadas e possuem unha longa, com 2 lígulas na base. Estames 10, estigma bifido. Fruto cápsula, ovoide-alongada, deiscente pelos dentes que tem no ápice e com muitas sementes. Multiplica-se por estacas ou sementes, dependendo se a planta for perene ou anual. Exige solo leve e bem drenado.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Decocto, extrato fluido ou xarope (preparado com o extrato fluido).

Emprego As pétalas são excitantes e diaforéticas devido ao eugenol. Com o destilado de cravo é preparado um xarope tônico e béquico usado como peitoral. Doenças dos olhos.

Constituição Química Óleos voláteis, dentre eles o eugenol, e, ainda, saponina.



RAVO-DA-ÍNDIA

Família

Myrtaceae

Nome Científico

Syzygium aromaticum (L.) Merril & L. M. Perry

Sinonímia Vulgar

Cravinho, cravo.

Sinonímia Científica

Caryophyllus aromaticus L.; *Eugenia cariophyllata* Thunb.;
Eugenia aromaticus L.; *Eugenia aromatica* Baill.; *Jamposa*
cariophyllus (Spreng) Nyadenzer; *Jambosa cariophyllus* Ndz.;
Myrtus cariophyllus Spreng



RAVO-DA-ÍNDIA

Descrição Árvore até 15 m de altura, folhas persistentes, simples, quase conatas, opostas, longo-pecioladas, pecíolo articulado, caniculado e inteiro, intumescido na parte inferior, oblongas, com 10 cm de comprimento por 5 cm de largura, inteiras, coriáceas, nervadas, luzidias e glabras. Flores hermafroditas, pequenas, aromáticas, róseas ou avermelhadas, dispostas em corimbos terminais. Cálice gamossépalo, com 4 peças carnosas, curtas, côncavas, ovais, corola com 4 peças, 3 caducas; estames numerosos e dispostos em 4 ciclos, ovário ínfero, bilocular e multiovulado. Fruto drupa elíptica, purpúrea, comumente unilocular e uniovulada.

Parte Usada Botões florais secos (nos quais permanece o cálice como uma pequena massa globulosa, “cabeça do cravo”).

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, alcoolatos, tintura, extrato fluido, óleo ou vinagre.

Emprego Excitante, aromático, carminativo. Por sua riqueza em eugenol tem ação antisséptica e desinfetante, entrando em preparações para higiene da boca. Usado também como condimento. Infuso ou decocto a 0,5%, tomar 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 0,1 a 1 ml ao dia.

Constituição Química Óleo essencial constituído fundamentalmente por eugenol, acetil-eugenol, cavicol, 4-alilfenol. Cafeína, teofilina, teobromina. Flavonoides. Ésteres sesquiterpênicos, salicilato de metila, óxido de cariofileno, epóxido de humuleno, metil-amilacetona, álcool benzílico, furfurool, tanino, goma e cera (cariofilina).

Interações Medicamentosas e Associações É associado a diversas plantas e faz parte de diversos compostos da farmacopeia. Com anticoagulantes pode potencializar sua ação, devido à inibição da agregação plaquetária ocasionada pelos componentes do óleo, incluindo eugenol e acetileugenol, mais potentes que a aspirina. O óleo inibiu, in vitro, o metabolismo de aminopirina devido à atividade monooxigenase de microssomos hepáticos.

Contraindicação Em desordens hemorrágicas. O óleo essencial é contraindicado em refluxofagites.

Toxicidade O uso como condimento é considerado seguro. O óleo pode provocar dermatite. Fumar cravos pode causar sangue na saliva. Hemoptise. Irritação de membranas mucosas. Há relatos de toxicidade aguda no fígado, coagulação intravascular, acidose, depressão do sistema nervoso central e coma.



RAVO-DE-DEFUNTO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Tagetes erecta L.

Sinonímia Vulgar

Cravo-de-defunto, tagetes, cravo-amarelo, cravo-africano.

Sinonímia Científica

Tagetes elongata Willd.; *Tagetes ernstii* H. Rob. & Nicolson;
Tagetes heterocarpha Rydb.; *Tagetes major* Gaertn.; *Tagetes remotiflora* Kuntze; *Tagetes corymbosa* Sweet.; *Tagetes tenuifolia* Mill.



RAVO-DE-DEFUNTO

Descrição Herbácea anual, ereta e ramificada, originária do México, com até 90 cm de altura, de folhas profundamente ramificadas e com cheiro característico. As flores são pequenas, liguladas, reunidas em capítulos grandes, de cor do amarelo até laranja, lembrando o cravo de cheiro. Fruto cipsela (aquênio de ovário ínfero). Multiplica-se por sementes, em solo orgânico com boa drenagem e regas frequentes.

Partes Usadas Toda a planta.

Forma Farmacêutica Infuso.

Emprego É usada na angina pectoris, contra corrimento vaginal, antiespasmódica. Apresenta atividade biocida decorrente da presença de tiofenos. O cravo-de-defunto apresenta toxicidade contra fases larvais de *Anopheles stephensi*.

Constituição Química Carotenoides, cineol, linalol, carvona, ocimeno, dextralimoneno, fenol, anetol, eugenol, quercetagetina.



CRISTA-DE-GALO

Família

Amaranthaceae

Nome Científico

Celosia argentea L. var. *cristata*

Sinonímia Vulgar

Bredo-de-namorado, veludo, amaranto-branco, veludo-branco.

Sinonímia Científica

Celosia cristata L.



RISTA-DE-GALO

Descrição É uma planta tropical encontrada em terrenos baldios e cultivada em jardins. Planta herbácea, podendo atingir até 1 m de altura, com caule ereto, suculento e ramificado. Folhas pecioladas, opostas, elípticas ou lanceoladas, inteiras de nervuras proeminentes e tendo manchas avermelhadas nas folhas. Flores reunidas em espigas dilatadas na base e muito unidas, formando um receptáculo achatado, de cor vermelha quase vinho e alaranjada. Fruto intimamente ligado à semente, alongado, achatado e de cor negra. É uma planta facilmente cultivada por sementes, em solo drenado com bastante matéria orgânica e a pleno sol.

Partes Usadas Sementes, folhas ou flores.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego As folhas são usadas como antidiarreico e antiblenorrágico. Infusão: colocar uma inflorescência de crista-de-galo de tamanho médio em 300 ml de água fervente, coar e beber, quando necessário. As sementes são consideradas antiescorbúticas, antidiarreicas, anti-helmínticas.

Constituição Química As flores contêm flavonoides: amarantina, betamino, celosianina, ordeninine, ancistocladine. Folhas: flavonoides e vitamina C. Sementes: ácidos graxos, esteroides e saponinas triterpênicas. Raiz: ácidos orgânicos, carboidratos, esteroides e saponinas triterpênicas.



DAMA-DA-NOITE

Família

Solanaceae

Nome Científico

Cestrum nocturnum L.

Sinonímia Vulgar

Rainha-da-noite, jasmim-da-noite, jasmim-verde.

Sinonímia Científica

Cestrum nocturnum Lam.



DAMA-DA-NOITE

Descrição Arbusto que pode atingir até 3 m de altura com ramos semiescandentes de folhas simples, curtamente pecioladas, lanceoladas, luzidias, inteiras. Inflorescências axilares, muito numerosas, de cor creme, que exalam um perfume muito forte à noite. Corola de tubo longo e lacínios curtos, de 2 a 3 cm de comprimento. 5 estames, ovário bicarpelar, mas fruto drupa de cor cinza. Multiplica-se por estacas ou por sementes.

Partes Usadas Batatas, flores associadas ou flores.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou vinho.

Emprego A batata e a flor associadas, sob a forma de infuso e vinho, são usadas na gastroenterite. Em associação à salsaparrilha, é usada contra inflamação. A flor, sob a forma de infuso, é usada como litagoga e no corrimento vaginal.

Constituição Química Óleo essencial e alcaloides: parquima, solorodina.

Toxicidade A intoxicação é quase sempre consequente à ingestão de frutos ou folhas; manifesta-se inicialmente por náuseas e vômitos e, a seguir, por um quadro neurológico caracterizado por agitação psicomotora, distúrbios de comportamento e alucinações. Midríase e secura de mucosas são constantes, fazendo supor a presença de princípios anticolinérgicos. Todo o gênero é altamente tóxico para os animais.



DAMIANA

Família

Turneraceae

Nome Científico

Turnera ulmifolia L.

Sinonímia Vulgar

Albina, erva-damiana, turnera.

Sinonímia Científica

Turnera alba Liebn; *Turnera angustifolia* Mill.; *Turnera ulmifolia* var. *velutina* (C. Prsl.) Urb.; *Turnera mollis* Kunth; *Turnera coerulea* DC.; *Turnera ulmifolia* var. *angustifolia* (Mill.) Willd.



DAMIANA

Descrição Arbusto pubescente, muito ramificado, com ramos delicados e difusos. Folha curtamente peciolada, oboval ou oblonga-lanceolada, rígida, denteada nos bordos, quase sempre cuneadas nas bases, nervuras salientes, página superior glabra ou pubescente e inferior apenas pilosa, de coloração de verde ou verde-amarelada, de 1 a 3 cm de comprimento. Pedúnculos muito curtos de 8 a 12 mm. Cálice tomentoso, pentadenteado, com pétalas espatuladas, amarelas ou cremes e estames curtíssimos. Fruto cápsula subglobosa. Odor aromático. Sabor aromático, amargo e um pouco picante. Vegeta naturalmente em diversos tipos de clima em pleno sol e lugares secos.

Partes Usadas Folhas ou raízes

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou extrato fluido.

Emprego As folhas são afrodisíacas, tônicas, diuréticas, indicadas nas convalescenças, debilidade e impotência. As raízes, em decocção, são usadas na incontinência urinária e como expectorante. Tem também efeito laxativo. Tem ação antiinflamatória e antioxidante. O infuso ou decocto a 5%, toma-se de 3 a 4 xícaras ao dia. O extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Essência, ácido tânico, cafeína, damianina, pepsina, um princípio amargo não glicosídeo, resina, tanino, goma, substâncias minerais e protídicas.

Contraindicação Deve ser evitada por mulheres grávidas, embora não haja estudo, mas a *Turnera diffusa*, devido a seu conteúdo de arbutin, é contraindicada.



DENTE-DE-LEÃO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Taraxacum officinale Weber

Sinonímia Vulgar

Taraxaco, amor-de-homem, amorosa, alface-de-cão, chicória-silvestre.

Sinonímia Científica

Taraxacum officinale (L.) Weber; *Taraxacum officinale* F. H. Wigg; *Leontodon taraxacum* L.; *Taraxacum retroflexum* Lindb. F.; *Taraxacum aureum* Fisch.; *Taraxacum wallichii* DC.; *Taraxacum vulgare* (Lam.) Shrank



DENTE-DE-LEÃO

Descrição Raiz mais ou menos grossa que, quando cortada, expulsa leite não tóxico; do seu extremo superior (caule) brotam as folhas. O caule é tão curto que parece que a planta não o possui, salvo quando floresce (escapo, que sustenta a inflorescência). Folhas radicais oblongas ou lanceoladas, glabras, dispostas em roseta, atenuadas no pecíolo, polimorfas, raras vezes sinuada-denteadas ou quase inteiras, geralmente pinatífidas, lobos desiguais, triangulares ou oblongos, agudos, incisados ou denteado-acuminados, sendo o terminal mais amplo (folha runcinada). Capítulos grandes, solitários no ápice dos escapos, com muitas flores. Os capítulos são glabros, com as brácteas externas voltadas para baixo (brácteas exteriores reflexas). Flores liguladas, amarelo-ouro, aquênio oblongo-fusifforme, atenuado na extremidade, estriado e com dentes no ápice, terminando com papilas de pelos brancos, sedosos, radiados, formando uma esfera branca que o vento dissemina com facilidade.

Partes Usadas Rizomas, raízes ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, alcoolatura ou salada.

Emprego Amargo, colagogo, diurético, contra nefrite, cistite, hidropsia. É fonte de potássio para o organismo, estimulando a função renal; o aumento da diurese é devido aos flavonoides. O alto teor de potássio assegura um maior controle de esfoliação das vias urinárias. Os terpenos em sinergismo com as lactonas são responsáveis pela ação colagoga, favorecendo a eliminação via biliar de vários catabólicos. Pode ser usado na forma de infuso ou decocto, 2 a 8 g da raiz seca, tomar 3 vezes ao dia antes das refeições. Folha seca, de 4 a 10 g. Extrato líquido 1: 1 em álcool a 25%, 4 a 8 ml correspondem de a 1 ou 2 colheres (de chá) três vezes ao dia. Decocto, 2 a 3 colheres (de chá) em 200 ml de água, ferver de 10 a 15 minutos e tomar de 2 a 3 vezes ao dia.

Constituição Química Ácidos (cafeico, para-hidroxi-fenil-acético, clorogênico, linoleico, linolênico, oleico e palmítico), minerais (297 mg de potássio em 100 g de folha); resina: complexo amargo, chamado taraxicina; alcaloide: taraxina; lactona sesquiterpênica, taraxecina.

Interações Medicamentosas e Associações Pode potencializar atividades de outros diuréticos e também de cardiotônicos. Pode ser associada ao mil-em-rama (*Achillea millefolium*) no caso de retenção de líquidos. Para evitar a hiperacidez gástrica, associar ao malvavisco. O aumento de excreção do sódio pode piorar a toxicidade do lítio.

Contraindicação Na obstrução das vias biliares e íleo paralítico. No câncer do ducto biliar ou pancreático. Pedras e inflamação da vesícula. Inflamação estomacal, úlceras duodenais e estomacais. Obstrução intestinal, devido ao seu efeito laxativo. Hepatite e cirrose. Câncer no fígado.

Toxicidade Para o uso interno, não foi observada nas doses usuais. O látex pode causar dermatites de contato devido à presença das lactonas sesquiterpênicas. Seu uso interno, devido a seu conteúdo em substâncias amargas, pode causar moléstias gástricas com hiperacidez.



EMBAÚBA

Família

Urticaceae (antiga Cecropiaceae)

Nome Científico

Cecropia pachystachya Trevel

Sinonímia Vulgar

Umbaúba, árvore-da-preguiça, embaúba-branca.



EMBAÚBA

Descrição Árvore elegante e frequente nas matas brasileiras, preferindo habitar na beira dos cursos d'água. São frequentes nas grotas úmidas. Folhas longamente pecioladas, de 25 polegadas de diâmetro e densamente intercaladas, principalmente sobre as nervuras, profundamente lobadas, de 6 a 10 lobos oblongos-ovais e arredondados no vértice; os lobos do ápice muito mais longos do que os da base. Pecíolo longo, oco, angulado e com pelos igualmente espalhados. As brácteas são espatiformes, verde-claras nas bordas e vermelho-purpuro na base, providos de longos pelos branco-prateados. Os gomos terminais são cilíndricos, cônicos e constituídos de pequenas folhas protegidas por brácteas, sendo uma para cada folha e ficando as mais novas encobertas pelas mais velhas.

Partes Usadas Renovos (brotos) da planta ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, xarope ou pó.

Emprego Os brotos, recentemente colhidos, são usados para as afecções das vias respiratórias, tais como bronquite e tosse. São diuréticos e usados no tratamento da blenorragia e leucorreia. Os ramos novos ou folhas, em pó, são usados na hipertensão, enquanto as folhas, após decocção, são usadas contra bronquite. O infuso e o decocto são preparados com 1 xícara de chá de raízes picadas, tomando-se de 2 a 3 xícaras das de chá ao dia.

Constituição Química Cecropina (alcaloide), ambaibina, ambaina, ácidos (gálico e salicílico) e salicilato de metila.



EMÍLIA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Emilia fosbergii Nicolson

Sinonímia Vulgar

Pincel-de-estudante, pincel, falsa-serralha, serralha-brava.

Sinonímia Científica

Cacalia sonchifolia L.; *Emilia rigidula* DC.; *Senecio sonchifolius* (L.) Moench.; *Emilia sonchifolia* (L.) DC.; *Emilia sonchifolia* DC.; *Emilia sonchifolia* Benth.; *Crassocephalum sonchifolium* (L.) Less.



EMÍLIA

Descrição Erva anual, cosmopolita, ereta, pouco ramificada, atingindo até 60 cm de altura. Apresenta heterofilia, ou seja, as folhas da base são pecioladas, ovais, serreadas, pilosas e peninérveas. As folhas do ápice são sésseis, amplexicaules, com o ápice alongado. Inflorescência em cimeira bípara de capítulos. Capítulos homogêneos formando um pincel no ápice dos ramos. As brácteas, que formam o falso cálice, são lisas e unidas, formando um tubo. Flores andróginas, estames unidos (sinânteros) e estigma bifido. Frutos escuros. É considerada planta daninha de cultura, multiplicando-se através dos frutos.

Parte Usada Todo o vegetal.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego É usado como febrífugo, antiasmático e nos problemas oculares. Uma colher das de sopa de folha picada é preparada em 200 ml de água e deve ser tomada metade pela manhã e outra metade à noite. Para doenças da pele, recomenda-se popularmente o sinapismo (folhas frescas e lavadas aplicados diretamente sobre a pele).

Constituição Química Mucilagem, pigmentos, saponinas e óleos essenciais.

Toxicidade Não deve ser usada em doses elevadas por causa do látex, que é cáustico.



ERVA-ANDORINHA

Família

Euphorbiaceae

Nome Científico

Euphorbia pilulifera L.

Sinonímia Vulgar

Erva-de-santa-luzia.

Sinonímia Científica

Euphorbia capitata Lam.; *Euphorbia globulifera* H. B. K.;
Euphorbia verticilata Vell.; *Euphorbia pilulifera* L. ex Boiss.



ERVA-ANDORINHA

Descrição Erva brasileira encontrada em vários estados brasileiros. Vegeta nos campos altos e pedregosos, sendo comuns nos cortes de estrada de ferro e flora de passeio em Belo Horizonte. Atinge 30 cm de altura e pode ser ramificada. Contém látex. É subereta, de caule arredondado e quase sempre piloso. Folhas opostas, pubescentes, desiguais na base, serradas, de 2 a 4 cm de comprimento e 1 a 2 de largura, com 5 nervuras desiguais, oblongo ovais. Pedúnculo da inflorescência em corimbo compacto, axilar ou terminal. Flores verdes. Ovário piloso, curto e bipartido. Fruto cápsula. Sementes elípticas e rugosas.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Xarope, decocto e infuso.

Emprego É usado como modificador da secreção brônquica, no tratamento das afecções das vias respiratórias e é útil na dispneia e blenorragia. Preparar um xarope do decocto e tomar várias colheres por dia, contra falta de ar e moléstias das vias respiratórias.

Toxicidade A planta fresca pode causar dermatite de contato.



ERVA-BALEEIRA

Família

Boraginaceae

Nome Científico

Varronia verbenacea (DC.) Borhidi

Sinonímia Vulgar

Maria-preta, córdia, crista-de-galo, milagrosa, catinga-de-barão, erva-preta.

Sinonímia Científica

Cordia salicina DC.; *Cordia curassavica* Auctt. Bras. ex Fresen.; *Cordia cylindristachya* Auctt. Bras. ex Fresen.; *Lithocardium fresenii* Kuntze; *Lithocardium salicinum* Kuntze; *Lithocardium verbenaceum* Kuntze; *Cordia verbenaceae* DC.



ERVA-BALEEIRA

Descrição Arbusto ereto muito ramificado com até 2 m de altura, nascendo em áreas abertas em quase todo estado de Minas Gerais. Folhas simples, pecioladas, serradas, coriáceas, aromáticas, penínervas, podendo atingir até 9 cm de comprimento. Flores pequenas, cremes, dispostas em uma inflorescência alongada, tipo espiga, porém irregular, com até 12 cm de comprimento.

Parte Usada Folhas.

Forma Farmacêutica Infuso.

Emprego Cefaleia, coqueluche, artrite, contusão, dor muscular e da coluna, ferimento, inflamação, reumatismo e infecção.

Constituição Química Artemetina.



ERVA-BOTÃO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Eclipta alba Hassk.

Sinonímia Vulgar

Surucuína, lanceta, erva-lanceta.

Sinonímia Científica

Eclipta alba L. ex Jackson; *Verbesina alba* L.; *Eclipta erecta* L.; *Eclipta prostrata* (L.) L.; *Eclipta punctata* Jacq.; *Verbesina prostrata* L.; *Eclipta marginata* Boiss.; *Eclipta thermalis* Bunge; *Galinsoga oblonga* DC.; *Polygyne inconspicua* Phil.; *Verbesina conyzoides* Trew; *Wedelia psammophila* Poep.; *Wiborgia oblongifolia* Hook.



ERVA-BOTÃO

Descrição Planta herbácea anual, de até 1 m de altura, ramosa, ereta ou decumbente. Caules frágeis, com pelos alvos, juntos e hispídeos. Folhas opostas, sésseis, lanceoladas, ásperas e com lígulas glabras. Capítulos terminais ou solitários, situados em ramos dicótomos, pedicelados e escabrosos. Invólucro campanulado com 11 brácteas, equilongas, herbáceas, sendo as exteriores oblongas, escabras e concrecentes na base e as internas lanceoladas. Lígulas lineares. Flores 30 a 40 ou mais sobre o disco, receptáculo convexo e páleas lineares-subuladas. Fruto aquênio e equilongo, quase tetrágono, rugoso, glabro, com pappus coroliniforme e coroado.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Anti-hemorragico, antiofídico.



ERVA-CIDREIRA-VERDADEIRA

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Melissa officinalis L.

Sinonímia Vulgar

Melissa, erva-cidreira, cidreira.



ERVA-CIDREIRA-VERDADEIRA

Descrição Planta vivaz, ramificada, com ramos aéreos quadrangulares e vilosos. Folhas opostas, simples, inteiras, pecioladas, ovais, crenado-lobada nos bordos, arredondadas na base, ligeiramente arredondadas no ápice, de 7 a 8 cm de comprimento por 4 a 5 de largura, vilosas e coloridas de verde-claro, de aspecto bem característico, proveniente das saliências do limbo entre nervuras anastomosadas. Flores pequenas, inicialmente amareladas, depois, vermelhas violáceas, surgindo nos meses de junho e julho. Inflorescência em cimos axilares, na extremidade dos ramos, mais curtas do que as folhas, porém semelhantes às de outras espécies das Labiadas. Multiplica-se por sementes ou desdobramento de touceiras em solo úmido e rico.

Partes Usadas Planta florida ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Carminativo, estimulante, tônico, sedativo, anti-histérico. O decocto das folhas é usado como calmante, antiespasmódico, indicado na halitose, nas disenterias sanguinolentas, nas febres e resfriados. No caso do infuso ou decocto, tomar 2 colheres das de café de folhas por xícara e ingerir de 2 a 4 xícaras ao dia. No caso do extrato-fluido em álcool a 45%, tomar 2 a 4 ml.

Constituição Química Ácido rosmarínico, cafeico, clorogênico. Ácidos triterpênicos: ácido ursólico, oleanólico; sesquiterpênicos, entre eles o cariofileno; taninos, glicosídeos flavônicos, matérias resinosas, álcoois: citronelol, linalol, geraniol, óleo essencial: aldeídos insaturados, citral, citronelal.

Interações Medicamentosas e Associações O efeito sedativo potencializa os hipnóticos (pentobarbital) e as drogas depressoras. Pode interagir com hormônios tireoideanos (ligar-se à tirotopina). Pode ser adicionado à camomila e ao lúpulo, em caso de distúrbios digestivos, e combinado com a alfazema contra o estresse e tensão nervosa.

Contraindicação Evitar o uso no caso de hipersensibilidade, na gravidez, devido ao efeito emenagogo, na baixa atividade da tireoide, devido ao efeito antitirotrópico e bloqueio da conversão da tiroxina em T3 pelas células do fígado. É indicado para hipertiroidismo apenas sob supervisão médica. No glaucoma, devido à habilidade do citral, seu principal componente volátil, de aumentar a pressão ocular em doses muito pequenas de 2-5 mcg. Na hiperplasia prostática, pela influência estimulante nos receptores de estrogênio.

Toxicidade A essência pode causar diminuição da pulsação. É seguro usá-lo como tempero, óleo e óleo-resina. Não usar por mais de 2 semanas.



ERVA-DE-BICHO¹

Família

Polygonaceae

Nome Científico

Polygonum hydropiperoides Michx.

Sinonímia Vulgar

Catáia, capiçoba, pimenta-d'água, persicária.

Sinonímia Científica

Persicaria hydropiperoides (Michx.) Small;
Persicaria hydropiperoides var. *cetassium* (Small) Gleason;
Percicaria cetacia (Baldwin ex Elliot) Small; *Polygonum*
percarioides Kunth



ERVA-DE-BICHO¹

Descrição Planta paludosa de raiz muito ramificada e caule rastejante ou, às vezes, ascendente, glabro, com nós salientes atingindo altura de até 60 cm. Esta planta é nativa da Ásia, mas subespontânea no sudeste do Brasil, sendo considerada invasora nos terrenos úmidos. As folhas são membranáceas, alternas, subsésseis, lanceoladas, inteiras, de até 12 cm de comprimento por 2 cm de largura, geralmente com nervuras avermelhadas tendo uma ócrea bem desenvolvida. Flores pequenas de coloração branco-rosadas, de 3 a 5 sépalas, dispostas em inflorescência de cimeira de espigas, interrompidas, bíparas, muitos alongadas. O fruto é negro, aquênio, triangular, luzidio, com semente clara ocupando toda região central do fruto. Multiplica-se por sementes.

Partes Usadas Toda a planta.

Forma Farmacêutica Decocto ou pílulas

Emprego Usado nas hemorroidas, erisipelas, varizes, contra reumatismo e doenças das vias urinárias. Essa planta é usada como fitoterápico industrializado sob a forma de pílulas contra hemorroidas. Na medicina caseira, é utilizado o decocto em banhos externos, tanto em hemorroidas como nos olhos, usando-se 1 colher de folhas e ramos em uma xícara de água. O óleo essencial contém poligodial, um diálcool sesquiterpênico, tóxico para fungos e com propriedades antiinflamatórias e analgésicas, confirmando o uso da planta na medicina tradicional.

Constituição Química Flavonoides, saponinas, taninos, ácidos orgânicos (tânico, málico e gálico), fitosterina, pelargonidina, quercetina, luteolina, rutina e óleo essencial.

Toxicidade Planta considerada abortiva, não sendo indicada às gestantes. Pode provocar irritação química por contato com a planta fresca, em pessoas sensíveis.



ERVA-DE-BICHO²

Família

Polygonaceae

Nome Científico

Polygonum acre HB & Kunth

Sinonímia Vulgar

Acataya, caataia, capiçoba, persicária-do-brasil, pimenta-do-brejo, pimenta-d'água.

Sinonímia Científica

Polygonum hydropiperoides Pursh.; *Polygonum punctatum* Elliot.; *Polygonum acuminatum* Bello; *Polygonum antihaemorroidale* Mart.; *Polygonum hydropiper* Michaux; *Polygonum acre* Kunth; *Polygonum acre* Lam.; *Polygonum acre* Meisn.; *Polygonum acre* Sieber ex Meisn.



ERVA-DE-BICHO²

Descrição Planta silvestre brasileira tendo seu habitat nos lugares úmidos e pantanosos, brejos e cursos d'água; vive nos terrenos secos, mas com menos viço. Erva com caule nodoso, articulado, às vezes ereto, glabro, frágil, bastante ramificado, medindo até 1 m de altura, provido de raízes na base e vermelho nos entrenós. Folhas alternas, subsésseis, de até 12 cm, glabras, acuminadas, lanceoladas, verde-escuras ou com manchas vermelhas, de nervuras visíveis. Estípulas axilares com rudimentos de pelos que se transformam em ócrea, estreita e pilosa. Inflorescência agrupada terminal em espiga. Perigônio róseo pálido ou branco, glanduloso, constituído de 3 a 5 tépalas. Androceu com 8 estames, estilete incluso e tripartido. Fruto aquênio. Floresce todo o ano.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura e extrato fluido.

Emprego Usada nas congestões cerebrais, paralisias, erisipela, eczemas e hemorroidas. Febrífuga, estimulante, diurética, vermícida, adstringente, cicatrizante Para uso interno, ferver 10 g de erva-de-bicho por 20 minutos, tomar de 1 a 2 xícaras das de chá ao dia.

Constituição Química Ácidos gálico, malônico, poligônico, acético e butírico; tanino, nitrato de potássio, óleo essencial, glicosídeo flavônico: quercetina, rutina, saponina, antocianinas.

Contraindicação Devido à forte ação emenagoga e abortiva, não deve ser administrada a mulheres grávidas e deve ser evitada em crianças.

Toxicidade Irritação química por contato com a planta fresca.



ERVA-DE-BUGRE

Família

Salicaceae (antiga Flacourtiaceae)

Nome Científico

Casearia silvestris Eichler

Sinonímia Vulgar

Guaçatonga, guaçatunga, língua-de-lagarto, língua-de-tiú, bugre, cafezinho-do-mato.

Sinonímia Científica

Casearia parvifolia Willd.; *Samyda silvestris* Poir.; *Casearia punctata* Spreng; *Casearia samyda* (Gaert.) DC.; *Casearia parviflora* Wild.; *Casearia ovoidea* Lseum.; *Casearia subsessileflora* Lund; *Casearia caldata* Uitt.



ERVA-DE-BUGRE

Descrição Árvore ou arbusto encontrado no Brasil e em toda América do Sul, chegando ao México. Habita as capoeiras e campos, preferindo terrenos secos e pedregosos. Caule bastante ramificado, com ramos alongados e flexuosos. Folhas glabras, oblongas, elípticas, lanceoladas, de verde mais claro na página dorsal, serradas, denteadas, membranáceas e pecioladas. Estípulas caducas. Inflorescência em umbelas axilares. Flores pálidas ou amareladas. Cálice globoso ou campanulado. Androceu de 10 estames com filetes grossos e anteras subglobosas. Gineceu glabro. Fruto cápsula globosa, com 2 a 6 sementes, com arilo vermelho.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido, tintura, vinho e xarope.

Emprego Depurativo, antissifilítico, no tratamento das moléstias da pele, antifebril e na escrofulose. Controla a circulação. Sua alcoolatura é usada com grande sucesso em herpes labial. Infuso ou decocto a 3%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 1 a 6 ml ao dia; alcoolatura: 2 colheres das de sopa de folhas picadas em 1 xícara de chá, completando com álcool de cereais e deixando macerar por 7 dias. Dessa alcoolatura, utiliza-se 1 colher das de sopa em 1 copo com água antes das refeições contra úlcera; e a alcoolatura é passada diretamente nas lesões herpéticas.

Constituição Química As folhas de guaçatonga contêm flavonoides, saponinas e alcaloides. Seu óleo essencial contém elevada quantidade de terpenos (predominando o biciclogermacreno).



ERVA-DE-JABUTI

Família

Piperaceae

Nome Científico

Piperomia pellucida (L.) Kunth

Sinonímia Vulgar

Comida-de-jabuti, alfavaca-de-cobra.

Sinonímia Científica

Piperomia pellucida Kunth; *Piper pellucidum* L.; *Micropiper pellucidum* (L.) Miq.; *Piperomia pellucida* var. *minor* Miq.; *Piperomia pellucidum* L.



ERVA-DE-JABUTI

Descrição Erva anual ereta ou prostrada, carnosa muito ramificada podendo atingir até 40 cm de comprimento. É nativa do norte do Brasil chegando ao Triângulo Mineiro, onde é encontrada em jardins e hortas, em locais sombreados e úmidos. Folhas pecioladas simples, alternas, membranáceas, glabras e brilhantes, com até 3 cm de comprimento. Inflorescência em espigas finas, terminais e axilares com floras pequenas andróginas pequenas e esverdeadas. Fruto de cor negra. Multiplica-se por sementes.

Parte Usada Toda planta.

Forma Farmacêutica Infuso.

Emprego Hipotensor e diurético. Raizeiros recomendam esta planta no infarto coronariano e também seu uso tópico como vulnerária.

Constituição Química Não existem, na literatura específica, dados sobre constituintes químicos.

Interações Medicamentosas e Associações Não existem, na literatura especializada, dados sobre interações.

Toxicidade Não existem, na literatura específica, dados sobre toxicidade.



ERVA-DE-PASSARINHO

Família

Convolvulaceae

Nome Científico

Struthanthus marginatus (Ders.) G. Don

Sinonímia Vulgar

Erva.

Sinonímia Científica

Loranthus subrotundum Pohl.; *Loranthus citricola* Mart.;
Loranthus vulgaris Vell.; *Loranthus avium* Pohl.; *Struthanthus marginatus* Pohl.; *Struthanthus marginatus* Blume



ERVA-DE-PASSARINHO

Descrição Semiparasita comum em todo o Brasil, vive sobre diversas plantas cultivadas, preferindo os caules do gênero Citrus, se bem que seja observada em outras espécies de outros gêneros, tais como: Coffea, Eugenia, Psidium etc. É um verdadeiro inimigo do agricultor. Planta trepadeira muito ramosa, com ramos volúveis, munida de raízes que se aderem ao caule de outras plantas e haustórios. Os ramos longos, variados, cilíndricos, tetrágonos, se expandem no ar, sobre os galhos do vegetal parasitado ou de seus vizinhos. Folhas coriáceas, carnosas, de formas e tamanhos variáveis, geralmente ovais, ou oval-cordiformes, lanceoladas, com estômatos nas duas faces, inteiras, com margens cartilaginosas, agudas, levemente obtuso-acuminadas ou atenuadas no pecíolo e raramente agudas. Limbo pontuado, luzidio na face ventral e um tanto opaco ou glabro-verde na face dorsal, tendo, na mesma face, a nervura mediana um tanto saliente e as laterais obliquas e levemente reticuladas. Pecíolo plano-convexo ou côncavo-convexo. Inflorescência em cachos axilares, sustentando flores masculinas e femininas. Flores alvas ou amarelas, tendo os estames anteras amareladas. Fruto baga oval ou oboval, vermelho, alaranjado ou amarelo, quando maduro. Os frutos fornecem uma substância viscosa e resinosa que vai sendo transformada ao passar pelos intestinos dos pássaros, que deles se alimentam. Essa substância serve para fazer as sementes se aderirem aos galhos dos vegetais, onde são lançados os dejetos dessas aves.

Partes Usadas Caules e folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido, tintura, xarope e sumo.

Emprego Peitoral, usado nas afecções das vias respiratórias, tais como tosse, bronquite, pneumonia, modificando as secreções e com especial ação descongestionante. Externamente, a tintura é usada em fricções nas contusões. O infuso e o decocto são usados a 5% e tomadas de 2 a 3 xícaras ao dia, e o extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Tanino.



ERVA-DE-SANTA-LUZIA

Família

Araceae

Nome Científico

Pistia stratiotes L.

Sinonímia Vulgar

Alface-d'água.

Sinonímia Científica

Apiospermum obcordatum Klotzsch; *Limnonesis commutata* Klotzsch; *Limnonesis friedrichsthaliana* Klotzsch; *Pistia aegyptiaca* Schleid.; *Pistia aethiopica* Fenzl ex Klotzsch; *Pistia africana* C. Presl.; *Pistia amazonica* C. Presl.; *Pistia brasiliensis* Klotzsch; *Pistia commutata* Schleid.; *Pistia crispata* Blume; *Pistia cumingii* Klotzsch; *Pistia gardneri* Klotzsch; *Pistia horkeliana* Miq.; *Pistia leprieuri* Blume; *Pistia linguaeformis* Blume; *Pistia minor* Blume; *Pistia natalensis* Klotzsch; *Pistia obcordata* Schlid.; *Pistia occidentalis* Blume; *Pistia schleideniana* Klotzsch; *Pistia spathulata* Michx.; *Pistia texensis* Klotzsch; *Pistia turpine* Blume; *Zala asiatica* Lour



ERVA-DE-SANTA-LUZIA

Descrição Planta herbácea, aquática, flutuante, com raízes pendentes, muito ramificadas e com coifa negra em cada uma das raízes principais e secundárias. Folhas aveludadas e rosuladas, com o ápice sulcado. Flores em espiga protegidas por espatas alongadas, características da família das Aráceas. Observando com mais detalhes esta inflorescência, parece pequenos copos de leite no centro da roseta. Esta planta reproduz-se rapidamente e pode transformar-se em planta daninha em lagos e tanques, devido à sua rápida multiplicação.

Parte Usada Toda a planta

Forma Farmacêutica Colírio.

Emprego Lavagem ocular nas doenças dos olhos.



ERVA-DE-SANTA-MARIA

Família

Amarantaceae (antiga Chenopodiaceae)

Nome Científico

Chenopodium ambrosioides L. var. *Sancta Maria* Vell.

Sinonímia Vulgar

Mastruço, erva-das-lombrigas, chá-dos-jesuítas, erva-formigueira, erva-de-bicho, matruz, mentruço, mentruz, quenopódio, ambrósia, ambrisia, canudo.

Sinonímia Científica

Ambrina ambrosioides Sapch.; *Ambrina parvula* Phil.; *Ambrina spathulata* Moq.; *Atriplex ambrosioides* Crantz; *Blitum ambrosioides* (L.) Beck; *Chenopodium ambrosioides* Descourt.; *Chenopodium ambrosioides* Bert ex Steud; *Chenopodium ambrosioides* Hance; *Chenopodium anthelminticum* L.; *Chenopodium suffruticosum* Willd.; *Chenopodium integrifolium* Vorosch; *Chenopodium abovatum* Moq.; *Chenopodium spathulatum* Sieber



ERVA-DE-SANTA-MARIA

Descrição Encontrada no Brasil e em toda a América Tropical, hoje é aclimatada em grande parte do globo terrestre. Planta anual, variando de 1 a 2 m de altura ora piramidal ramosa, ora profundamente ramificada, ereta ou ascendente, com ramos angulosos, lisos ou pubescentes e até hirsutos. Folhas do eixo principal, oblongas e lanceoladas, atenuadas no pecíolo, alternas, de pecíolos curtos, acuminadas, crenadas, denteadas, sinuadas ou cortadas, raramente inteiras e pubescentes, glabras ou um tanto hirsutas na face dorsal. As folhas superiores são menores, denteadas ou inteiras, atenuadas para o ápice para a base. Inflorescência congesta, quase sempre densa, simulando espigas interrompidas, com flores femininas e masculinas dispostas lateralmente, e as andróginas na parte terminal, verdes, apétalas, pentâmeras, regulares e pequenas. Folhas florais persistentes. Perigônio com 5 divisões ovais e obovais ou redondas. Androceu com 4 a 5 estames, quase livre ou ligeiramente ligado. Gineceu com 3 a 4 estigmas alongados. Sementes com albúmem. O vegetal se desenvolve muito melhor, quando se acha exposto direto aos raios solares.

Partes Usadas Folhas e sementes.

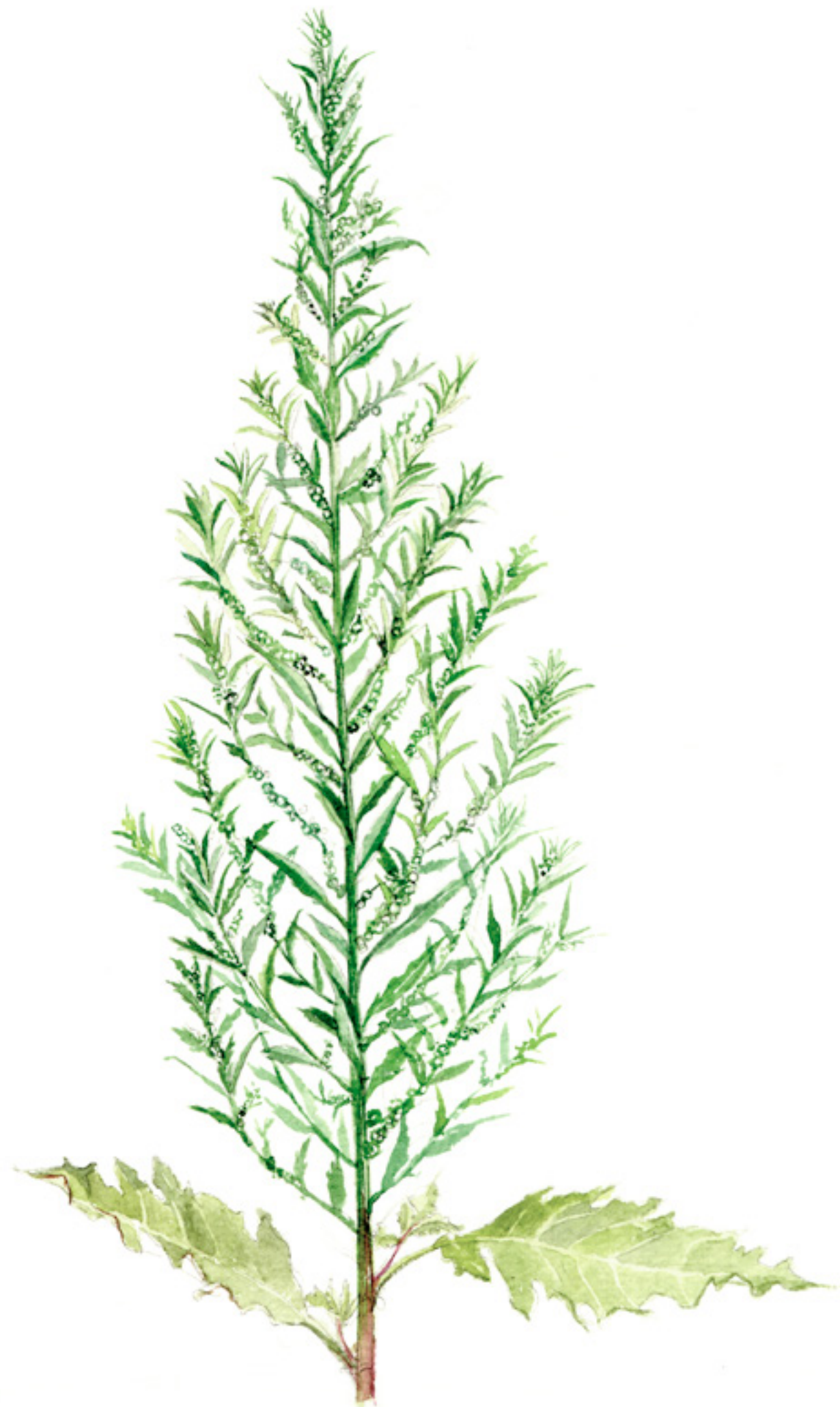
Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido, tintura, pílulas e balas.

Emprego Seu principal emprego é como anti-helmíntico, mas é também aromático, emenagogo, estimulante, sendo aconselhado nas moléstias das vias respiratórias. Combate eficazmente os *Ascaris*, os *Oxyurus* etc. Por causa do cheiro ativo que desprende, serve para afugentar alguns insetos. Vulnerária e usada nos reumatismos. Deve ser usado a 5% e tomado de 50 a 200 ml ao dia sob a forma de decocto, seguido de algumas colheres de óleo de rícino, para que os vermes desçam pelo intestino. O extrato fluido pode ser usado de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Óleo essencial constituído principalmente de ascaridiol, (em maior concentração nas sementes), cineol; cimeno; e, ainda, salicilato de metila, cânfora, quenopodina, histamina, limoneno. Ácidos butírico e salicílico.

Contraindicação Na gravidez, o óleo da semente é contraindicado, devido aos efeitos emenagogo e abortivo. Doenças estomacais e intestinais, por causa do efeito irritante do óleo da semente no aparelho digestivo. Uso repetitivo de mais de 1 a 3 ml no período de 1 semana deve ser evitado. O óleo da semente puro, em pessoas subnutridas, debilitadas e crianças muito pequenas, é contraindicado, devido a seu potencial tóxico. Nas doenças renais, deve ser evitado o óleo da semente, por causa de seu efeito tóxico para os rins. Náuseas, vômitos, depressão do sistema nervoso central, lesões hepáticas e renais, convulsões, coma e insuficiência cárdio-respiratória.

Toxicidade Não recomendada para mulheres grávidas, pois é abortiva. Lactantes e crianças menores de 2 anos. Náuseas, vômitos, depressão do sistema nervoso central, lesões hepáticas e renais, coma e insuficiência cárdio-respiratória. A planta fresca pode provocar dermatite de contato.



ERVA-DE-SÃO-JOÃO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Ageratum conyzoides L.

Sinonímia Vulgar

Menstruste, mentrasto, catinga-de-bode, maria-preta, picão-roxo.

Sinonímia Científica

Ageratum conyzoides Sieber ex Steud; *Ageratum hirsutum* Lam.; *Ageratum mexicanum* Sims.; *Ageratum latifolium* Cav.; *Alomia microcarpa* (Benth. ex Oerst.) B. L. Rob.; *Carelia conyzoides* (L.) Kuntze; *Coelestina microcarpa* Benth. ex Oerst.; *Eupatorium conyzoides* (L.) E. H. L. Krause; *Cacalia mentrasto* Vell.; *Ageratum obtusifolium* Lam.; *Ageratum maritimum* Kunth



ERVA-DE-SÃO-JOÃO

Descrição Erva anual e ereta, mais ou menos pilosa, ramosa, de caule cilíndrico com até 1 m de altura, ramos ascendentes. Folhas opostas, longo pecioladas, ovais, obtusas no ápice, crenadas ou quase cordiformes na base, cuneadas. Flores brancacentas ou lilases, 30 ou 50 reunidas em pequenos capítulos e estes dispostos em panículas corimbosas densas, corola pequena. Invólucro campanulado bracteado e largo. Escamas lineares, verdes, glabras, agudas e imbricadas, receptáculo côncavo. Fruto aquênio de 2 mm de comprimento, preto, cilíndrico, glabro, quando novos é ciliado nos ângulos. Cinco pétalas acuminadas e lineares. Planta comum em diversos Estados brasileiros, inclusive em Minas Gerais; é ainda encontrada no oeste da África, no México e em algumas regiões da Ásia, da América do Sul e da Austrália. Planta invasora que se multiplica por sementes e cresce nos terrenos incultos e nas hortas. Não confundir essa espécie com a erva-de-são-joão do gênero *Hipericum*, que é usada como calmante, ou como o cipó (trepadeira) de-são-joão, que tem flores alaranjadas.

Parte Usada Todo o vegetal.

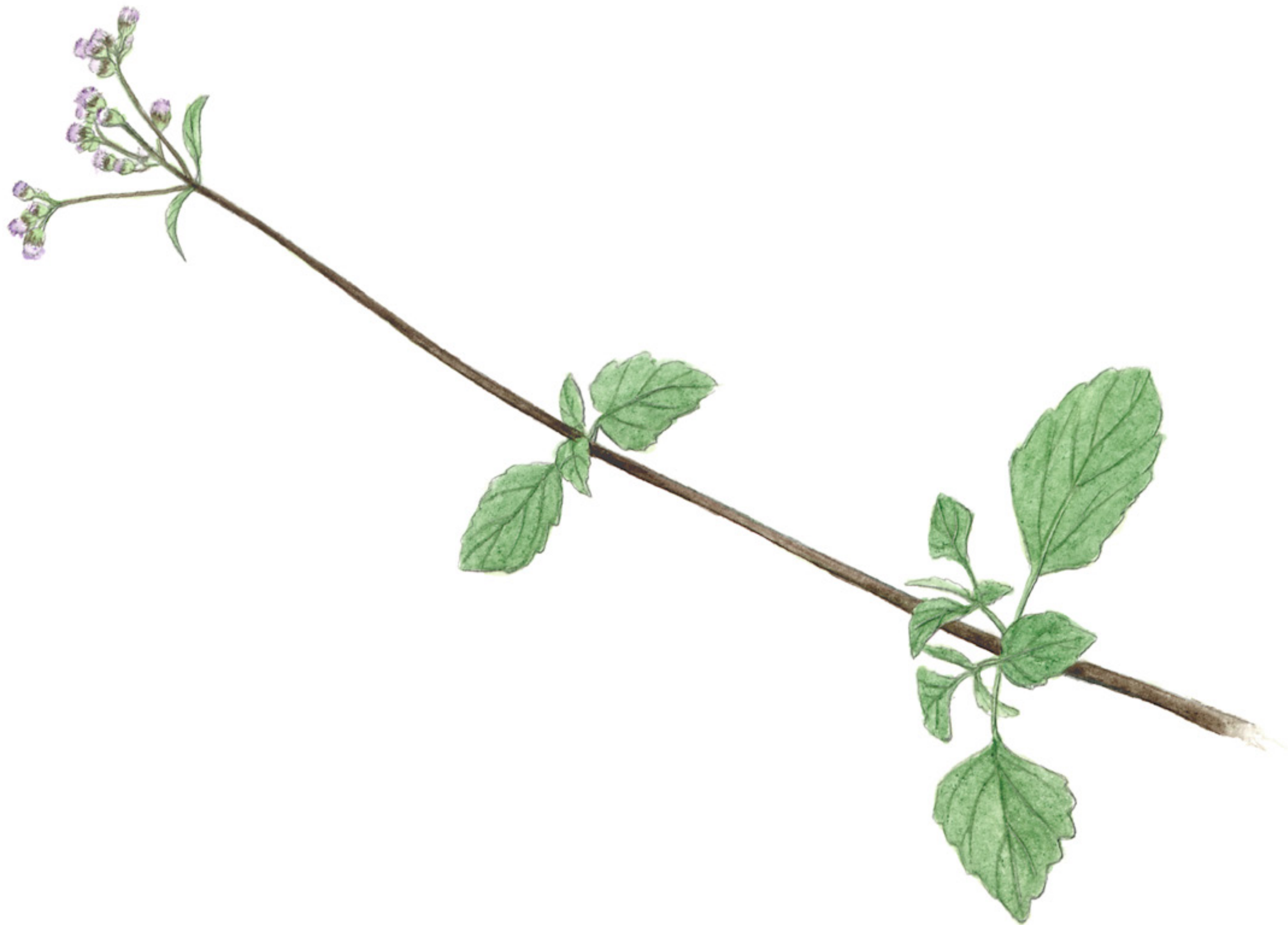
Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Tônico, excitante, diurético, carminativo, antiespasmódico, estomáquica, ocitóxica, emenagoga e analgésica. Foi demonstrada, em animais, sua ação antimicrobiana sobre 22 espécies de bactéria e fungos. Seu infuso e decocto são preparados a 5% e tomados de 2 a 3 xícaras ao dia, e o extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Essa espécie apresenta diferentes composições químicas dependendo de sua origem; as plantas coletadas na Índia são diferentes das plantas coletadas no Brasil. Óleos essenciais (monoterpenos, sequiterpenos e cromenos), flavonoides (predominando as flavonas), cumarinas, triterpenos e esteroides, benzofuranos e alcaloides pirrolizidínicos.

Interações Medicamentosas e Associações Ela pode ser associada às espécies peitorais, carminativas e purgativas, como a salsaparrilha e o sene.

Contraindicação Os alcaloides pirrolizidínicos são hepatotóxicos. Doses elevadas ou por longos períodos provocam hipertensão arterial. Contraindicada para diabéticos.



ERVA-DOCE

Família

Apiaceae (Umbelliferae)

Nome Científico

Pimpinella anisum L.

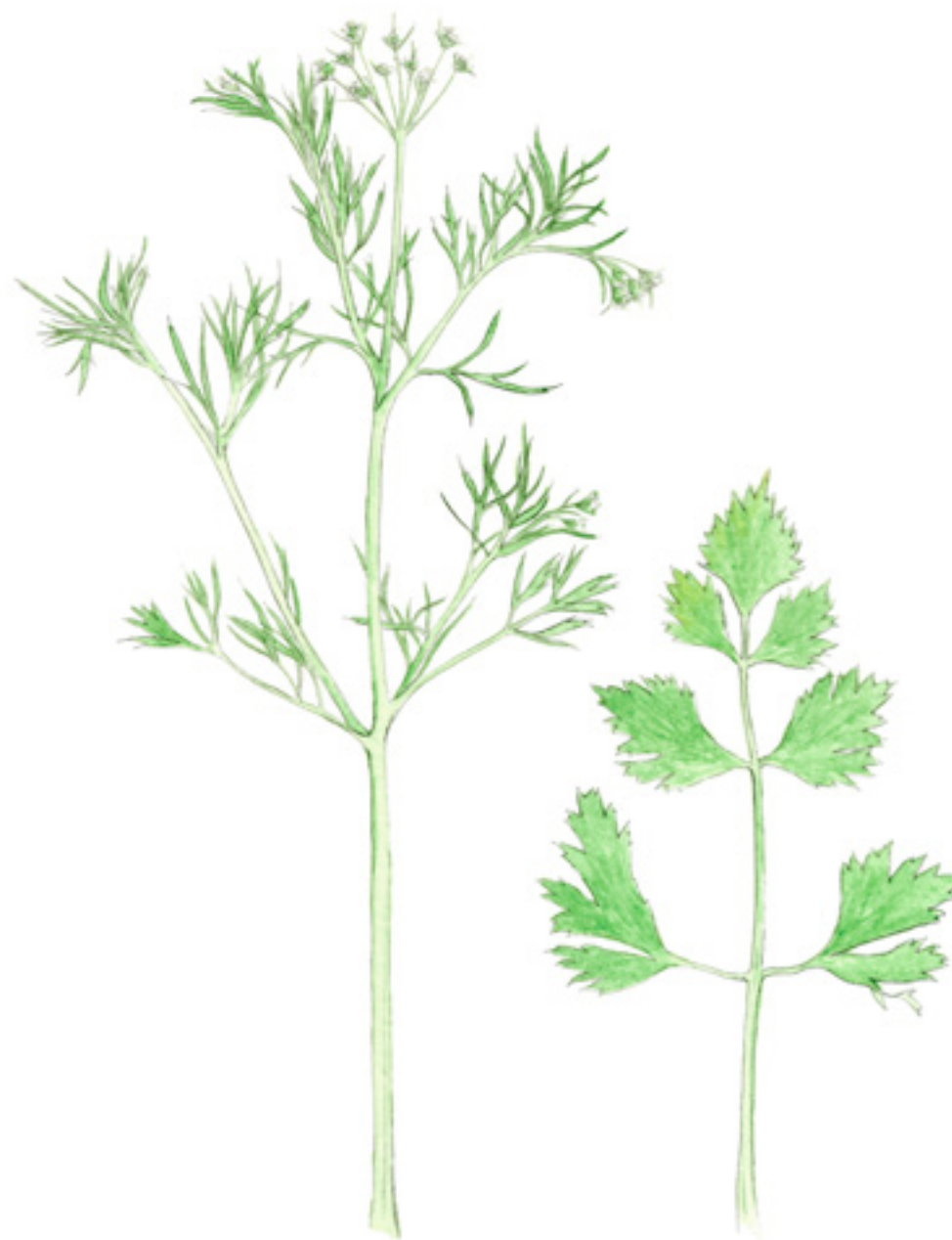
Sinonímia Vulgar

Anis, pimpinela.

Sinonímia Científica

Pimpinella anisum S. G. Gmel.;

Pimpinella anisum Georgi



ERVA-DOCE

Descrição Originária do Egito, é muito confundida e até falsificada com o funcho; cultivada nas hortas mineiras. Erva aromática, anual, ereta, de até 50 cm de altura. Raiz fusiforme, caule herbáceo, cilíndrico, oco, ramificado, pubescente. Folhas alternas, polimorfas: as primeiras folhas têm a forma de leque (flabeliformes), em seguida aparecem as folhas compostas semelhantes às da salsa e, por último, próximas às inflorescências são muito ramificadas em forma de fios. As inferiores são arredondadas, pecioladas, amplexicaules, cordiformes, denteadas, medianas, pinatilobadas e de lobos lanceolados, as superiores trífidas, lineares, inteiras, regulares no centro, irregulares na periferia. Flores pequenas, brancas, com 5 pétalas cuculadas, dispostas em umbelas longamente pedunculadas, com estames alternipétalos. Invólucro ausente. Gineceu bicarpelar, com estigmas e estiletos persistentes no fruto. Esses são aquênios que se abrem pela maturação em dois mericarpos, coloridos em cinza-esverdeado, ovoides, aveludados, atenuados ao nível do cálice persistente. Cada mericarpo traz em sua face dorsal 5 arestas delgadas, munidas de pelos, como em toda a subface do fruto, sustentado por fios chamados carpóforos. Sementes intimamente ligadas aos frutos, sendo seu cheiro forte e adocicado. Reproduz-se por sementes em solos leves e moderadamente ricos.

Partes Usadas Frutos com a semente

Formas Farmacêutica Infuso, decocto, extrato fluido ou tintura.

Emprego Estimulante, carminativo e, por isso, usado na falsa angina com ação rápida. As sementes em decocção, na dose de 10 g/l de água, são tônicas e digestivas, aliviam dores de estômago e diminuem a excitação nervosa. Se a dose for dobrada, passa a ser estimulante e antiespasmódica. É galactagogo, aumentando o leite das mulheres que amamentam. Externamente, é usado em sabonetes, por suavizar a pele e retirar impurezas, e em dentifrícios. O extrato fluido é usado de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Anizsulima, estearina, ácido graxo, essência de aniz, anetol, colina, metil-cravacol, metil-chavicol. Fração mais volátil é constituída de acetaldeídos, alguns compostos de enxofre e pequena quantidade de terpenos. Contém ainda óleo fixo representado por glicerídeos de ácidos graxos (palmítico, esteárico e oleico). Matéria protéica, açúcares, gomas e cumarinas (umbeliferona, escopoletina, umbeliprenina, bergapteno) e flavonides (flavonol e flavona).

Interações Medicamentosas e Associações Em animais de laboratório potencializa o sono induzido pelo doral ou pentabarbital. O uso concomitante com anticoagulante pode ser potencializado. O anetol tem atividade estrogênica ainda pouco estudada. Esta planta pode ser associada às espécies peitorais, carminativas e purgativas, como a salsaparrilha e o sene.

Contraindicação Em pacientes alérgicos ao anetol e com refluxofagite, gravidez, doenças hemorrágicas e, ainda, em pacientes com cânceres sensíveis à catecolamina ou estrogênio. Seu óleo não deve ser usado em doenças da pele. O bergapteno pode causar fotossensibilidade em indivíduos sensíveis.

Toxicidade Em doses muito elevadas provoca uma embriaguez acompanhada de tremores e problemas visuais. E o abuso crônico, confusão mental e convulsões. Pode ainda causar fotossensibilidade e edema pulmonar. Essa planta é considerada segura como tempero, óleo, extrato e resina. O óleo concentrado pode não ser seguro.



ERVA-GUINÉ

Família

Phytolaccaceae

Nome Científico

Petiveria alliacea L.

Sinonímia Vulgar

Erva-pipi, guiné.

Sinonímia Científica

Petiveria tetranda Gomes



ERVA-GUINÉ

Descrição Pequeno arbusto comum nos campos do Brasil. Ramos eretos, pouco sarmentosos, ligeiramente pubescentes, em suas extremidades sustentam folhas alternas, lanceoladas, oblongas, lisas e escuras. Flores em espigas alongadas, brancas, dispostas em cruzetas. Fruto cápsula pequena, oval, com pontas curtas no ápice, com uma só semente. Raiz ramosa, muito pilosa com longas ramificações finas, exalando cheiro aliáceo. Floresce todo o ano.

Parte Usada Raízes.

Formas Farmacêuticas Extrato fluido, decocto, infuso, tintura ou queimado na cachaça.

Emprego Hidropsia, paralisia, reumatismo articular. Alguns ainda a recomendam nas afecções da cabeça, dor de cabeça, dor de dentes, afecções visuais, falta de memória, artrites e dores reumáticas, e como emenagogo.

Constituição Química Triterpenos, cumarinas, β -citosterol, pinitol, alantoína, álcool, lignocerílico, e ácido lignocérico.

Interações Medicamentosas e Associações A guiné pode ser associada a 3 folhas de arruda contra dores reumáticas.

Toxicidade Em grandes doses, as raízes e folhas possuem efeitos abortivos e o caule efeito zigtóxico.



ERVA-LOMBRIGUEIRA

Família

Loganiaceae

Nome Científico

Spigelia anthelmia L.

Sinonímia Vulgar

Arapabaca, lombrigueira.

Sinonímia Científica

Spigelia anthelmia var. *nervosa* (Steud) Progel; *Spigelia nervosa* Steud; *Spigelia quadrifolia* Stokes; *Anthelminthia quadrifolia* Brown



ERVA-LOMBRIGUEIRA

Descrição Planta herbácea atingindo até 50 cm de altura. Caule nodoso e liso. Folhas simples pecioladas, opostas, inteiras, estreito-lanceoladas, pilosas na página inferior. Flores pequenas, tubulosas, brancas ou arroxeadas, reunidas em inflorescência cimeira triflora de cima unípara, helicoide de eixo reto. Fruto capsular formando duas bolsas unidas de cor verde, contendo uma ou mais sementes pequenas de cor escura.

Partes Usadas Folhas, raízes ou toda a planta. Sendo as raízes mais usadas que as folhas.

Formas Farmacêuticas Decocto, pó, xarope ou geleia.

Emprego Anti-helmíntico e purgativa.

Constituição Química Isoquinolina, e um iridoide do tipo actinidina, considerados princípios cardiotônicos ativos.

Toxicidade A planta é tóxica para o gado e deve ser usada com cautela, pois pode provocar vômitos e convulsões.



ERVA-LUIZA

Família

Verbenaceae

Nome Científico

Aloysia triphylla Royle

Sinonímia Vulgar

Cidrila, lúcia-lima, limonete.

Sinonímia Científica

Lippia triphylla Kuntze; *Aloysia triphylla* Royle; *Aloysia triphylla* (L'Her) Britton; *Aloysia citriodora* Ortega ex Pers.; *Lippia citriodora* (Lam.) Kunth; *Lippia triphylla* (L'Her) Kuntze; *Verbena triphylla* L'Her.; *Zapania citriodora* Lam.



ERVA-LUIZA

Descrição Planta lenhosa, arbustiva, com folhas lanceoladas, sustentadas por um pecíolo curto, um pouco ásperas e agrupadas de 3 ou 4 em cada nó (verticiladas). As flores são pequeninas, dispostas em cachos na axila das folhas superiores. Sua corola bilabiada pode ser lilás ou violeta-pálido. As folhas têm um cheiro agradável de limão. Pode se reproduzir por estacas, ponteiros ou sementes. Preferem locais ensolarados e solo bem adubado.

Partes Usadas Folhas ou flores.

Forma Farmacêutica Infuso.

Emprego É usada como calmante do sistema nervoso e indicada nas indigestões, palpitações e flatulências. Tônica e antiespasmódica. Infuso, tomar dois copos: um pela manhã e outro à tarde (30 g por litro).

Constituição Química Óleo essencial (citral, l-limoneno, geraniol) aldeídos, cetonas, verbenona.



ERVA-MOURA

Família

Solanaceae

Nome Científico

Solanum americanum Mill.

Sinonímia Vulgar

Erva-moura, pimenta-de-cachorro, pimenta-de-galinha, guaraquinha.

Sinonímia Científica

Solanum nigrum L.; *Solanum nodiflorum* Jacq.; *Solanum oleraceum* Dunal; *Solanum pterocaulum* Dunal; *Solanum tenellum* Bitter



ERVA-MOURA

Descrição Planta herbácea ou lenhosa, pequena, muito variável, de caule anguloso, liso ou piloso simples. Folhas alternas ou geminadas, glabras ou pilosas, ovais ou lanceoladas, inteiras ou denteadas, com base mais ou menos atenuada para o pecíolo. Inflorescência cimo umbeliforme; flores pequenas, alvas, de 5 mm de comprimento, recurvadas antes da antese, com lobos ovais, obtusos. Corola 5 partida, androceu com 5 estames livres, concrecidos com o tubo da corola, gineceu gamocarpelar, bicarpelar, ovário súpero. Fruto pequeno, do tipo baga globulosa e preta quando madura.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, cataplasma, tintura ou extrato fluido.

Emprego Emoliente, sedativo, calmante, narcótico e antiespasmódico. Feridas, tumores, furunculoses e queimaduras. O infuso e o decocto são usados a 0,25%, de 2 a xícaras 3 vezes ao dia, e o extrato fluido, de 0,1 a 0,5 ml ao dia.

Constituição Química Solanina, solasonina, solamargina, asparagina, rutina, demisina e atropina, saponinas. Fitosterol e ácidos (palmítico, esteárico e linoleico). O extrato aquoso da flor possui acetilcolina.

Toxicidade Sua toxicidade é devida à presença de solanina, alcaloide midríatico de efeitos semelhantes ao da atropina. Os sintomas apresentados são: náuseas, vômitos e cólicas abdominais. Os vômitos, quando intensos, podem levar a distúrbios eletrolíticos de certa gravidade.



ERVA-TOSTÃO

Família

Nyctaginaceae

Nome Científico

Boerhavia diffusa L.

Sinonímia Vulgar

Tangaraca, pega-pinto.

Sinonímia Científica

Boerhavia hirsuta Willd.; *Boerhavia paniculata* Rich.; *Boerhavia diffusa* S.W.; *Boerhavia diffusa* Engelm S & A. Gray; *Boerhavia repens* L.



ERVA-TOSTÃO

Descrição Planta abundante em quase todo o Brasil. É uma espécie herbácea, rasteira, de raiz fusiforme, roxa por fora e branca por dentro. Alastra pelo chão e levanta seus ramos que chegam até 70 cm de comprimento. Os ramos são articulados com folhas ovais, opostas e simples. Flores dispostas em pequenos cachos rubras e brancas, à maneira de campânulas. Flores hermafroditas, apétalas, cálice tubuloso, regular e súpero, porém corolino e curto, munido de 1 a 10 estames. Ovário unilocular. Os frutos, que se parecem com os da erva-doce, são pequenas bagas piriformes, angulosas, verdes, pegajosas. Sabor picante, acre e amargo. Multiplica-se por sementes e desenvolve-se em solo arenoso e seco.

Parte Usada Raízes.

Formas Farmacêuticas Extrato fluido, tintura, decocto ou infuso.

Emprego É um diurético de primeira ordem. Esta planta é também usada nas moléstias do fígado, do baço e na icterícia. Tem virtudes peitorais. Atualmente vem sendo empregada com sucesso na malária. Posologia: de 2 a 8 g da raiz seca ao dia; do extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia; e do infuso ou decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia.

Constituição Química Alcaloides (boerhaavina); ácido boerháarvico, punarnavina, além de gomas, pectinas, resinas, oxalato de cálcio, carbonatos, amido.



ESPELINA

Família

Cucurbitaceae

Nome Científico

Cayaponia espelina (Silva Manso) Cogn.

Sinonímia Vulgar

Espelina-verdadeira, fel-de gentio.

Sinonímia Científica

Periantopodus espelina; *Periantopodus tomba*;

Periantopodu carijo



ESPELINA

Descrição Planta de raiz perene de cor amarelo-pardacenta e caule trepador ou rasteiro, glabro e ramoso; folhas curtas pecioladas, tripartidas quase até a base ou trifoliadas, rígidas, com o lobo central inteiro ou espinescente-dentado, raras vezes, sublobulado, de 7 a 15 cm de comprimento por 4 a 9 cm de largura; lobos laterais menores, sendo que as folhas superiores são algumas vezes inteiras e mais ou menos lobadas, pedúnculos curtos, flores solitárias, brancacentas; cálice e corola da flor feminina menor do que as masculinas. Fruto peponídeo, pequeno, oblongo, cilíndrico, carnoso, glabro e avermelhado. Sementes brancacentas e glabras.

Parte Usada Raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, pó ou xarope.

Emprego Tônico, depurativo, emeto-catártico. Usado no artrismo, reumatismo, manifestações sífilíticas secundárias. Nas afecções bronco-pulmonares, asma, bronquite, coqueluche. O infuso ou decocto a 1%, de 2 a 3 xícaras ao dia; como vomitivo tomar 4 xícaras de uma só vez. O extrato fluido de 0,5 a 1 ml é usado como tônico e, como emético, 2 ml.

Constituição Química Espelinina (princípio amargo), periantopodina, resina, amido e sais minerais.



ESPINAFRE

Família

Chenopodiaceae

Nome Científico

Spinacia oleracea L.

Sinónimia Científica

Chenopodium oleraceum E. H. I. Krause.



ESPINAFRE

Descrição Planta articular de origem Persa, foi introduzida na Espanha pelos árabes. Planta de raiz fusiforme, comprida e brancacenta. Rastejante, podendo atingir até 1 m de comprimento, com algumas ramificações eretas. Folhas pecioladas, simples, deltiformes, alternas, peninérveas, sendo verde-escura na face superior e verde-clara na face inferior. Extremamente pilosa e áspera ao tato. As inferiores inteiras, sinuadas, dentadas. Flores dioicas, pequenas esverdeadas. As masculinas dispostas em glómérulos reunidas em espigas axilares. E as femininas nuas, dispostas em glómérulos axilares, tendo cada uma delas bractéolas, completamente aderentes, também acrescentes, que formam um involúcro endurecido e um pouco comprimido, subtrígono, de coloração amarelo-pálida. Ovário globuloso, liso, com um lóculo e um óvulo.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Salada, refogada como verdura ou cataplasma.

Emprego Antianêmico, estimulante, hipotensor, laxativo e remineralizante. Externamente, pode ser empregado na forma de cataplasma como emoliente.

Constituição Química Muito rica em sais minerais (ferro assimilável em alto teor, flúor), contém também aminoácidos, vitamina B1, B2, C e PP, caroteno e glúcides.

Contraindicação Devido à sua alta mineralização e aos seus oxalatos, o espinafre deve ser evitado pelos doentes reumáticos, do fígado, dos rins e diabéticos, bem como dos estados inflamatórios do tubo digestivo e vias urinárias.



ESPINHEIRA-SANTA

Família

Celastraceae

Nome Científico

Maytenus ilicifolia (Schrad.) Planch.

Sinonímia Vulgar

Folha-santa, divina, cancerosa.

Sinonímia Científica

Maytenus ilicifolia Reiss.; *Maytenus ilicifolia* f. *angustior* Briq.;

Maytenus angustior Briq.; *Maytenus muelleri* Schwacke;

Maytenus hassleri Briq.; *Maytenus pilcomayensis* Briq.; *Celastrus spinifolium* Larrañaga



SPINHEIRA-SANTA

Descrição É uma planta arbustiva, crescendo até 5 m de altura, nativa do sul do Brasil, em regiões de altitude, e cultivada em Minas Gerais. O caule é lenhoso, esgalhado. Apresenta folhas lanceoladas, coriáceas e denteadas, profundamente armadas com espinhos pontiagudos e pouco rígidos, de 4 a 7 cm de comprimento. Inflorescências axilares. Flores pequenas, de coloração creme, com 5 pétalas e muitos estames. Os frutos são cápsulas achatadas, de cor vermelha, originados de 2 carpelos, onde se alojam as sementes de cor preta com arilo branco. Reproduz-se na mata por sementes, mas no horto conseguimos sua reprodução por meio de brotos estoloníferos. Exige solo rico em matéria orgânica e bem drenado.

Parte Usada Folhas secas.

Formas Farmacêuticas Decocto, infuso, extrato fluido, pó, elixir, vinho ou xarope.

Emprego Antiinflamatório nas úlceras estomacais, azia e dores de estômago. Analgésico, cicatrizante e vulnerária. Externamente, o decocto é usado no tratamento de úlceras, afecções pruriginosas, como a acne e a eczema. 3 g para 150 ml de água fervente devem ser usados antes das refeições, para todos os tipos de problemas estomacais. Estudos em ratos mostram que a espinheira-santa foi eficiente na cura de úlceras induzidas por vários compostos (indometacina, aspirina, reserpina).

Constituição Química Cafeína, ácidos (tânico e silícico), sais de ferro, enxofre, sódio e cálcio. Matérias aromáticas e resinosas; alcaloides (maitamprina, maitansina, e maitambutina), terpenos: maitenina, tringenona, isotenginona III, congorosina A e B, ácidos (maitenólio e salasperônico); triterpênicos (friedelina e friedelinol); diterpeno: maitenoquinona; flavonoides, taninos, óleo essencial, resina, antocianosídeos, mucilagem e açúcar.

Interações Medicamentosas e Associações Estudos em ratos demonstraram que a administração intramuscular do extrato aquoso das folhas potencializa a atividade de barbitúricos.

Contraindicação Mulheres que amamentam devem evitar o uso da espinheira-santa, pois ela reduz a secreção láctea.

Toxicidade Foram efetuados vários testes em ratos e humanos e nenhuma toxicidade foi encontrada.



ESTÉVIA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Stevia rebaudiana (Bertoni) Bertoni

Sinonímia Vulgar

Erva-doce, folha-doce, planta-doce, estévia-de-Brasília.

Sinonímia Científica

Eupatorium rebaldianum Bertoni; *Stevia rebaudiana* Hemsl.



ESTÉVIA

Descrição Erva perene, ereta ou estolonífera, podendo atingir até 80 cm de altura, as regiões caulinares do ápice são verdes e da base pardacentas. Muito ramificada com folhas curtamente pecioladas, simples, ovaladas, trinérveas, alternas e de margem inteira atingindo 2 a 4 cm de comprimento. Flores brancas, reunidas em pequenos capítulos corimbiformes. Fruto do tipo aquênio, muito pequeno. Nativa do Paraguai e do estado do Paraná, é cultivada em Minas Gerais. Sua reprodução se dá por sementes e por estolon (estolon), pois a parte aérea seca depois de um certo tempo, rebrotando a partir de sua parte subterrânea e adaptando-se melhor a solos ricos, úmidos e frescos, não tolerando solos encharcados. Tem baixo poder de germinação e é mais fácil cultivá-la por estacas ou mudas retiradas da base, já enraizadas. A semente germina melhor na areia.

Partes Usadas Folhas ou caules novos secos.

Formas Farmacêuticas Infuso, alcoolatura ou pó.

Emprego É utilizado como adoçante em lugar do açúcar, tendo uma capacidade 300 vezes maior de adoçar do que a sacarose. É indicada para os diabéticos e pessoas que estão fazendo dietas de baixas calorias. Além disso, é recomendado como tônico para o coração, contra a obesidade, a hipertensão, a azia, e para fazer baixar os níveis de ácido úrico. Posologia: o diabético deve usar 1 colher de chá de folhas secas em 1 xícara de água quente, abafar, e nessa água preparar o chá. Para refresco usar 1 colher de folhas verdes em um copo de suco.

Constituição Química As análises fitoquímicas registraram a presença de esteviosídeo (maior poder adoçante), esteviobiosídeo, rebaaldeosídeo e dulcosídeo, terpenos, flavonoides. O óleo essencial contém: álcool benzílico, α - bergamoteno, bisaboleno, borneol, β -bouboneno, γ - cadineno, calacoreno, clameneno, centaureidina, carvacrol, cosmosiina, dulcosídeos A e B, daucostero.

Contraindicação Pode causar taquicardia.



ESTORAQUEIRO

Família

Styracaceae

Nome Científico

Styrax camporum Pohl.

Sinonímia Vulgar

Falso-benjoim, fruta-de-pomba, botica-inteira.



ESTORAQUEIRO

Descrição Árvore de até 8 m de altura de ramos eretos, glabros, estriados. Folhas simples alternas, verde-acinzentadas, coriáceas, elípticas, lanceoladas, de pecíolos curtos atingindo no máximo 10 cm. Folhas de base arredondada e com ápice agudo. Inflorescências axilares ou terminais, constituídas de cachos com poucas flores, muito perfumadas, com cheiro lembrando o pêssego. Flores brancas, com cálice e corola de 5 pétalas (radiada) e 10 estames amarelos, epipétalos, ovário, tricarpelar, gamocarpelar, regular. Fruto seco, capsular. É comum nos cerrados e cerradões de Minas Gerais.

Partes Usadas Casca do caule e folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso e decocto.

Emprego Depurativo nas febres. O infuso é preparado usando-se 1 xícara de caule com folhas picadas para 1 litro de água. Tomar de 3 a 4 xícaras de chá ao dia.



ESTRAMÔNIO

Família

Solanaceae

Nome Científico

Datura stramonium L.

Sinonímia Vulgar

Erva-do-diabo, estrepa-cavalo, figueira-do-inferno, figueira-brava, erva-dos-demônios, erva-dos-feiticeiros.

Sinonímia Científica

Datura stramonium Wall.; *Datura stramonium* Thunb.;
Datura tatula L.



ESTRAMÔNIO

Descrição Planta herbácea, originária da Ásia e de grande distribuição no Brasil. Em Minas Gerais, aparece nos terrenos incultos e úmidos, como na beira de rios e lagoas, e em locais esterçados próximos de habitações rurais. Anual, glabra, de raiz fibrosa branca e bastante espessa. Caule ereto, verde, até 1 m de altura, cilíndrica e ramosa. Folhas alternas, amplas, longamente pecioladas, ovais, arredondadas de base assimétrica, cordiformes, lobos marginais sinuosos e desiguais, denteadas. Faces glabras quando novas, penínervas, com 4 a 5 nervuras de cada lado, alternas, côncavas em cima e salientes em baixo, separando-se da mediana sob um ângulo agudo, verde-escuras na face superior e mais claras na inferior. Flores grandes, tubulosas, alvas ou azuladas, solitárias e curto pedunculadas. Cálice gamossépalo, menor do que a corola. Corola gamopétala e infundibuliforme. 5 estames livres, concrecidos com a corola. Ovário piramidal, 4 lobado e aculeado. Fruto cápsula ovoide, ereta, espinhosa e tendo na base a parte persistente do cálice. Sementes reniformes, amarelas, pretas quando maduras. Reprodução por sementes.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, cigarros ou pó.

Emprego Midriático, estupefaciente, narcótico, antiespasmódico, antiasmático, sedativo. As folhas, sob a forma de cigarro, são usadas na asma, e sob a forma de decocto, como antiespasmódicas. O decocto e o infuso são usados a 1%, para uso externo. Dose máxima para uso interno 0,2 g ao dia e também no cigarro.

Constituição Química As folhas possuem como componentes principais os alcaloides tropânicos (hiosciamina e escopolamina), além de componentes cumarínicos como a escopoletina, esculetina e escolina.

Contraindicação Nos cardíacos.

Toxicidade Com a secagem das folhas ou extração existe uma tendência da hiosciamina de se transformar em atropina, altamente tóxica, que pode provocar náuseas, vômitos, diminuição das secreções, rubor facial, dilatação das pupilas, taquicardia, confusão mental, agitação psicomotora, alucinações e, em casos mais graves, depressão neurológica, distúrbios cardiovasculares e respiratórios, podendo ocorrer a morte.



EUCALIPTO

Família

Myrtaceae

Nome Científico

Eucalyptus globulus Labill.

Sinonímia Vulgar

Calipte, eucalipto-canela.



EUCALIPTO

Descrição Árvore de grande comprimento e diâmetro, quando cultivada em condições favoráveis. As camadas externas do córtex destacam-se anualmente. Folhas persistentes, dimorfas; no vegetal novo são opostas, dispostas horizontalmente, sésseis, ovais, cordiformes na base, obtusas no ápice, inteiras, coloridas, verde-azuladas, recobertas de uma penugem esbranquiçadas. Quando adultas, são coriáceas e adquirem uma coloração amarelada na parte mais velha da árvore, dispostas com aparência completamente diferente; alternas, falciformes, lanceoladas, em posição vertical ou oblíqua, alcançando os ramos; expondo-se ao vento como as folhas de choupo. Esta disposição é que dá às florestas de eucalipto um aspecto particular dos mais estranhos. A luz passa em tamanha quantidade através das folhagens que se pode dizer que existe floresta sem sombra. Folhas coriáceas, rígidas, com grande número de pontuações translúcidas produzidas pelas glândulas secretoras de essência. Flores brancas, solitárias ou agrupadas 2 a 2, ou 3 a 3 na axila das folhas, andróginas, regulares, receptáculo muito côncavo, quadrangular, espesso, lignificado e munido de arestas irregulares. É recoberto de penugem branca, muito aderente. Seu bordo superior contém 4 dentes e 1 cálice muito reduzido, sobreposto de uma cobertura cônica rugosa, espessa, representando uma corola com pétalas unidas e cobertas igualmente de uma penugem esbranquiçada. Estames numerosos, reunidos em um tubo muito curto, espesso, duro, amarronzado, de onde saem filetes estaminais filiformes, muito delgados, encurvados no botão, mais longos do que a corola, estendidos após o desabrochamento da flor e amarelos. Ovário ínfero, quadrilocular, multiovulado, estilete curto, cilíndrico, com estigma pouco acentuado. O fruto representa uma pequena urna, globuloso, quase lignificado, sobreposto por um estilete persistente, sementes pretas, pequenas, angulosas e irregularmente comprimidas.

Parte Usada Folhas adultas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Antisséptico, balsâmico, estomacal, febrífugo. Usado em inalação para sinusite, gripes, tosse, bronquite e em dores de garganta. O infuso ou decocto é usado a 2,5%, tomando-se de 2 a 3 xícaras ao dia; o extrato fluido, de 1 a 5 ml ao dia; e, em inalações, 0,1 g por dose do óleo essencial.

Constituição Química Tanino, essência, constituída principalmente pelo eucaliptol (cineol ou cajeputol) acompanhado de pineno, canfeno, fencheno, eudesmol, substâncias aldeídicas, resina, princípio amargo.

Interações Medicamentosas e Associações Pode interferir em terapias hipoglicemiantes. Quando aplicado à pele como loção contendo 5-fluor-uracila, ele aumenta a absorção dessa droga. Diminui ou enfraquece os efeitos de outras drogas, devido à alteração de enzimas metabolizantes.

Contraindicação Folha e óleo contraindicados em obstrução ou inflamação do ducto biliar, na inflamação gastrintestinal e doenças do fígado. Crianças com menos de 2 anos não devem fazer inalação ou uso oral do óleo essencial ou tópico, na face ou em volta do nariz, devido ao risco potencial de espasmos de glote ou brônquicos.

Toxicidade Cianose, delírio, fraqueza muscular, miose, náuseas, podendo ocorrer reações gastrintestinais, respiratórias e do sistema nervoso central, até mesmo com o uso de pequenas doses. Tópicamente o óleo não é tóxico, sensibilizante ou fototóxico. Porém o óleo puro não deve ser ingerido, a menos que seja devidamente diluído. Dose de 3,5 ml revelou ser fatal. Não usar na face das crianças.



FAZENDEIRO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Galinsoga parviflora Cav.

Sinonímia Vulgar

Picão-branco.

Sinonímia Científica

Wiborgia parviflora (Cav.) Kunth.; *Galinsoga quinqueradiata* Ruiz & Pav.; *Stemmatella sodiroi* Hieron.; *Adventina parviflora* Raf.; *Wiborgia acmella* Roth



FAZENDEIRO

Descrição É planta ruderal em todo estado de Minas Gerais. Erva anual, ereta, de até 80 cm de altura, ramificada desde a base. Raiz fasciculada, caule herbáceo de folhas opostas. Folhas pecioladas, ovato-acuminadas, serradas, com nervuras pedalinérvias. Inflorescência em capítulos solitários, radiados, heterogâmica, pedunculados. Os capítulos possuem involúncros com brácteas ovadas e receptáculos com escamas trífidias. Flores do raio hemiliguladas e femininas de cor branca, flores centrais hermafroditas amarelas. Fruto aquênio com vilano escamoso.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego É usado como vulnerário, excitante, antiescorbútico e aromático. Digestivo, muito usado em dores do estômago, males do fígado, icterícia e outras infecções do aparelho digestivo. Popularmente é usado em cólicas, erisipela e em mioma do útero.

Contraindicação Desconhecida.

Toxicidade Desconhecida.



FEDEGOSO

Família

Leguminosae (Caesalpinoideae)

Nome Científico

Senna occidentalis (L.) Link.

Sinonímia Vulgar

Mata-pasto, café-de-negro.

Sinonímia Científica

Cassia occidentalis L.; *Cassia carolineana* Walter; *Cassia ciliata* Raf.; *Cassia falcata* L.; *Senna occidentalis* (L.) Roxb.; *Senna occidentalis* (L.) H. Irvin & Barneby



FEDEGOSO

Descrição Subarbusto de até 2 m de altura, com folhas compostas de 4 a 6 jugas (pares de folíolos). Folíolos lanceolados, penínervos de até 7 cm de comprimento. Flores amarelas, reunidas em cacho de poucas flores. Fruto legume contendo muitas sementes de cor escura. Planta nativa do Brasil, tem um odor fétido, o que deu origem a seu nome. É a raiz que produz o cheiro mais pronunciado, indicando a presença de óleo essencial.

Partes Usadas Folhas ou raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, vinho ou na cachaça.

Emprego Gripes, rouquidão, como vermífuga, febrífuga e nas moléstias do fígado. E também nas doenças da pele. Óleo essencial contendo uma substância capaz de matar os peixes sem torná-los tóxicos, quando diluída na água. Esse fato a tornou conhecida pelos índios em suas pescarias. Em Minas Gerais, suas sementes torradas são usadas em lugar do café. A raiz pode ser usada em infuso ou decocto preparada com 1 xícara de café em 1 litro de água. Tomar de 6 a 8 colheres de sopa para moléstias do fígado, e de 3 a 4 colheres de sopa como diurético. O infuso é usado como emenagogo preparado com 1 xícara de café de folhas picadas para ½ litro de água. Tomar 1 a 2 xícaras das de chá ao dia.

Constituição Química Raízes possuem compostos antracênicos (crisofanol, emodinas livres e glicosilados), sendo os dois últimos responsáveis por atividade antimicrobiana e antifúngica. As folhas possuem flavonoides e compostos antraquinônicos livres e glicosilados. As sementes possuem ainda lipídeos, carotenoides, tocoferóis, aminoácidos e carboidratos.

Contraindicação Para gestantes e lactentes.

Toxicidade Planta abortiva. O café preparado com as sementes de fedegoso e usado por longo período pode causar problemas de nefrite aguda, devido à presença de compostos antracênicos.



FEIJÃO

Família

Leguminosae (Faboideae)

Nome Científico

Phaseolus vulgaris L.

Sinonímia Vulgar

Judia.

Sinonímia Científica

Phaseolus vulgaris Wall.



FEIJÃO

Descrição Planta anual de raiz principal, caule aéreo escandente volúvel (enrola-se, mas sem gavinhas que o prendam). Folhas pecioladas, compostas, trifoliadas. Folíolos laterais de pedúnculo curto tendo a forma mais deltóidea, e o central, com pedúnculo mais alongado, tem a forma mais oval. Os folíolos são inteiros e de nervuras pedalinérveas. As flores saem das axilas das folhas em forma de cachos curtos. As flores, quase sempre brancas, têm a forma vexilar, características das Leguminosae-Faboidea (com 2 pétalas em forma de quilha de navio). Tem 10 estames e 1 carpelo que forma uma vagem alongada com muitas sementes, presas ao fruto com placentação axial. Sementes reniformes, nas quais podemos ver o hilo e a micrópila, um ao lado da outra.

Partes Usadas Sementes ou vagens novas cozidas.

Formas Farmacêuticas Tisanas, pó ou decocto das sementes (cozido como alimento).

Emprego Tem ação diurética e hipoglicêmica entrando na dieta alimentar dos diabéticos. As tisanas são empregadas nas afecções renais e cardíacas. Emplastos dos grãos cozidos são utilizados nas dores reumáticas, ciáticas e nevralgias.

Constituição Química Aminoácidos (arginina e asparagina), vitaminas B1, B2 e C, amido e substâncias minerais, como cálcio, magnésio, ferro e manganês. Ácidos pantotênico (coenzima A), tirosina, leucina.

Contraindicação Em pessoas com dificuldades digestivas, o feijão pode causar flatulências. É contraindicado em pacientes com nefrite, hepatite e gota.

Toxicidade Não foi encontrada na literatura.



FEIJÃO-ANDU

Família

Leguminosae (Faboideae)

Nome Científico

Cajanus cajan (L.) Millsp.

Sinonímia Vulgar

Feijão-guandu, andu.

Sinonímia Científica

Cajanus cajan L.; *Cajanus indicus* Spreng; *Cajanus cajan* (L.) Druce; *Cajanus cajan* Druce; *Cajanus flavus* DC.; *Cajanus luteus* Bello; *Cajanus striatus* Borjer; *Cytisus cajan* L.; *Cytisus pseudocajan* Jacq.; *Cajan cajan* (L.) Huth.



FEIJÃO-ANDU

Descrição Subarbusto de caule ereto e um pouco lenhoso, de até 3 m de altura, ramoso, pulverulento, ou tomentoso-pubescente; ramos angulosos, pulverulentos ou finamente tomentoso-pubescente (pubescência sedosa e acinzentada com pelos esparsos), folhas pecioladas, pinadas, compostas de 3 folíolos-ovados, lanceolados, oblongos, agudos nas duas extremidades, ou obtusos na base, até 10 cm de comprimento, aveludadas nas duas páginas, verdes na página superior e argênteo-acinzentadas na face inferior. Flores vão de amarelo-pálido ou amarelo-vivo à cor de laranja com ou sem listras vermelhas, na face dorsal do estandarte, de 12 a 18 mm de diâmetro, de estandarte reflexo e quase orbicular muito vistosas e poucas, 2 a 8 flores, dispostas em pedúnculos axilares do mesmo comprimento das folhas ou, ainda, mais compridas; pedicelos ráquis e ovário-castanho, pubescentes, sendo o último estreito, campanulado e com os lobos agudos. Fruto vagem linear, comprimida de 4 a 8 cm de comprimento e 15 mm de largura, aguda e com ponta longa. Valvas finalmente pubescentes e obliquamente divididas, estranguladas entre as sementes geralmente brancacentas ou amareladas também aparecem com coloração cinzento-escura ou castanha, raras vezes vermelho-escuras. Esta planta nunca foi encontrada no estado selvagem e, por isso, não se sabe sua origem.

Partes Usadas Folhas, flores ou sementes.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Usado na alimentação humana e animal, serve de cobertura e para adubo verde, do qual se pode fazer combustível e carvão para pólvora; a folha serve para limpar os dentes e os ramos têm emprego na cobertura de ranchos e na confecção de obras trançadas, tais como esteiras e balaios. As sementes substituem o café e, bem cozidas, substituem o feijão. Faz parte da culinária mineira. O chá de suas folhas, 25-30 folhas por litro, é indicado como depurativo do sangue, diurético,

contra tosse, inflamações da garganta, dor de dente e úlceras. A raiz é benéfica na clorose e males do fígado; a planta toda, sobretudo a semente, é altamente nutritiva, rica em proteínas, ferro e cálcio.

Constituição Química Urease, cistisina, carboidratos, proteínas, sais minerais e vitaminas, principalmente do complexo B. É uma das melhores fontes de ferro e cálcio. O guandu é o feijão de mais alto teor protéico depois da soja, pois contém 25,85% de protídeos. É também o que possui hidratos de carbono em maior proporção.

Contraindicação Desconhecida.

Toxicidade Desconhecida.



FIGUEIRA

Família

Moraceae

Nome Científico

Ficus carica L.

Sinonímia Vulgar

Figo.



FIGUEIRA

Descrição Árvore leitosa, de pouca altura e grande copa. As folhas que surgem no outono têm formas variadas, podendo ser arredondadas, de limbo dividido em profundos lobos, geralmente em número de 5, ásperas ao tato, verde-escuras na face ventral e mais claras na dorsal, sustentadas por um pecíolo bem desenvolvido. Flores pequenas, nascendo no centro de um receptáculo piriforme, com abertura apical e inflorescência em capítulo cônico. Há figueiras dioicas e por isto não pode haver fecundação das flores, donde se diz que aquelas figueiras não dão frutos. Floresce desde a primavera até o outono. É cultivada em diversas regiões, tanto secas quanto úmidas.

Partes Usadas Fruto, látex ou folhas.

Formas Farmacêuticas Decocto ou fruto maduro em passa.

Emprego Os antigos atribuíram à figueira numerosas virtudes, tais como peitoral e laxante. O leite do pecíolo é usado popularmente contra verrugas; se usada várias vezes no mesmo lugar a verruga vai desaparecendo aos poucos. Os frutos, quando dessecados, são usados como emolientes. As folhas em decocto são usadas como emolientes e nas amidalites. O decocto é preparado a 5%.

Constituição Química Mucilagens, ácidos, provitamina A, vitaminas B1, B2, C, e D. Ácido nicotínico.

Toxicidade Na pele pode provocar queimaduras graves, nunca usar bronzeadores caseiros, pois o látex provoca fitofotossensibilidade.



PHYTOLACA

Família

Phytolaccaceae

Nome Científico

Phytolacca americana L.

Sinonímia Vulgar

Erva-tintureira, caruru-bravo, caruru-de-porco

Sinonímia Científica

Phytolacca decandra.



FITOLACA

Descrição É um arbusto que pode alcançar até 2 m de altura, Suas raízes são grossas, escuras por fora e esbranquiçadas por dentro, com o caule muito grosso e que se ramifica no alto. É comum em terrenos baldios de Minas Gerais, especialmente na Serra da Piedade. Tem folhas pecioladas, simples, inteiras, peninérveas. As flores reúnem-se em cachos pendentes, no ápice dos ramos; são brancas na parte superior e rosadas na inferior, têm 5 pétalas e 10 estames. O gineceu forma um ovário esverdeado com 10 sulcos e 10 estigmas brancacentos. O fruto é achatado, discoidal, com 10 gomos. Verde a princípio, depois negro e muito carnosos, liberando um suco cor de vinho tinto. As folhas têm sabor amargo e desagradável.

Partes Usadas Frutos ou raízes.

Formas Farmacêuticas Pó, pomada ou decocto.

Emprego Seus frutos são purgativos e vomitivos. As raízes, reduzidas a pó, são usadas em erupções cutâneas sob a forma de pomada.

Constituição Química O fruto contém uma saponina de sabor amargo (fitolacina) que, por hidrólise, forma sapogenina e ainda levulose, dextrose e galactose. Possui um corante vermelho empregado para dar cor aos vinhos artificiais. A raiz contém ainda pequenas quantidades de ácidos (fórmico e acético), fitolacajenina, essência e alcaloide (fitolaxina).

Toxicidade Não é recomendado o uso interno desta planta.



FOLHA-DA-FORTUNA

Família

Crassulaceae

Nome Científico

Bryophyllum pinnatum (Lam.) Oken.

Sinonímia Vulgar

Saião, courama-vermelha, folha-grossa.

Sinonímia Científica

Bryophyllum pinnatum Kurz; *Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Kurz; *Bryophyllum pinnatum* Archers & Schwemf; *Kalanchoë pinnata* (Lam.) Pers.; *Cotyledon pinnata* Lam.; *Bryophyllum caycinum* Salisb.; *Bryophyllum proliferum* Bowie; *Crassuvia floripendula* Comm.; *Sedum madagascariense* Clus



FOLHA-DA-FORTUNA

Descrição Planta herbácea com até 1,5 m de altura. Folhas curtamente pecioladas, simples ou compostas trifoliadas, suculentas, ovais ou obovais, de margem crenada, penínervia. Flores vermelhas, pendentes na inflorescência, ultrapassando o cálice rosa com 4 sépalas e 4 pétalas e possuindo 4 carpelos livres. Multiplica-se por sementes ou, ainda, suas folhas caindo no solo desenvolvem raízes, produzindo novas plantas.

Parte Usada Folhas.

Forma Farmacêutica Folhas ao natural aquecidas.

Emprego Cefalalgias e dismenorreia. E, principalmente, queimaduras e lesões na pele. Vulnerária. Gastrite: macerado em 1/2 copo d'água após as refeições. Nas queimaduras, usam-se as folhas lavadas e raspadas colocando-se diretamente sobre a pele. Para dores musculares, deve-se esquentar a folha na chapa quente e colocar sobre a parte do corpo dolorida.

Constituição Química 2-bufodienolídeos (briofilina B de atividade antitumoral e briofilina (de ação inseticida), além de hidrocarbonetos, álcoois simples, triterpenos, esteróis e flavonoides livres (quercetina, campferol).

Interações Medicamentosas e Associações É associado a folhas de malvarisco (boldo comum) para tosse.

Toxicidade Seu uso interno por tempo prolongado pode causar hipertiroidismo.



FRAMBOESA-DO-BRASIL

Família

Rosaceae

Nome Científico

Rubus brasiliensis Mart.

Sinonímia Vulgar

Amoreira-do-brasil, amora-preta, silva, amoreira-do-mato, morango-silvestre.

Sinonímia Científica

Rubus erythrocladus Meissn; *Rubus occidentalis* Vell.



FRAMBOESA-DO-BRASIL

Descrição Arbusto escandente, armado (com muitos espinhos), sendo muito comum nas montanhas de Minas Gerais (serras de Ouro Preto, Serra da Piedade, Serra do Caraça e outras), sarmentoso, ramos frouxos, armados de numerosos acúleos. Caule ramificado. Folhas pecioladas, estipuladas, digitadas, de 3 a 5 folíolos. Folíolos peciolados, ovato-peciolados, estreitos e acuminados, serrado, penínérveo, sendo verde-escuro na página superior, e bem mais claro e glabro. Inflorescência terminal paniculada, com muitas flores pediceladas. As flores aparecem apenas na extremidade dos ramos e têm 5 pétalas e 5 sépalas de cor branca ou levemente rosadas, inodoras. Estames numerosos, ovário súpero com carpelos livres e muito numerosos. Fruto passando de verde, a vermelho e depois a preto, subgloboso e drupáceo. Semente 1 por fruto. Reprodução por semente, ou por estolon.

Partes Usadas Fruto maduro ou brotos.

Formas Farmacêuticas Sumo, infuso, decocto, xarope, vinho ou colutório.

Emprego É adstringente, por causa do tanino existente na planta. Por isso é empregado contra diarreia, hemorroidas e inflamações na boca e na garganta. O decocto é preparado a 5% e tomado de 2 a 3 xícaras ao dia; o xarope, de 20 a 100 ml ao dia. Ingerindo ou fazendo gargarejos.

Constituição Química Tanino, ácidos orgânicos (cítrico, láctico, succínico, oxálico e salicílico), açúcares e vitamina C.

Interações Medicamentosas e Associações O alto conteúdo de tanino pode causar a precipitação de alcaloides.



FUMÁRIA

Família

Papaveraceae

Nome Científico

Fumaria officinalis L.

Sinonímia Vulgar

Fel-da-terra, erva-molarina.

Sinonímia Científica

Fumaria officinalis Schimp ex Hammar; *Fumaria officinalis* Burm. f.; *Fumaria officinalis* Chaub



FUMÁRIA

Descrição Planta natural da Europa e introduzida na América, é conhecida desde os Estados Unidos até São Paulo. Em Minas Gerais, é encontrada nas cidades históricas, principalmente Ouro Preto e Mariana. Vegetal herbáceo, pequeno, anual, com caule ereto ou rasteiro, ramoso, anguloso, glabro, macio, ligeiramente glauco e ramos mais ou menos difusos. Folhas alternas, opostas, desprovidas de estípulas, lobos oblongos, obtusos, glabros, agudos e glaucos. Inflorescência em cacho, opostas às folhas ou terminais, com flores zigomorfas, andróginas, rosa-purpúreo, pequenas e numerosas. Cálice dímero e corola tetrâmera em 2 verticilos, sendo as do verticilo exterior carenadas e as do posterior calcaradas na base. O androceu é formado por 2 estames, cujos filetes se ramificam e dão origem a 3. Gineceu com ovário súpero, unilocular e uniovulado. Fruto cápsula monospérmica.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Extrato fluido, tintura, decocto ou sublimado.

Emprego Depurativo, tônico, amargo, diaforético, emenagogo, antiescorbútico. É empregado, também, no tratamento das moléstias da pele e escrofuloses, e, ainda, como antiescorbútica e antissifilítica. O sublimado é muito usado para enxaquecas. Infuso e decocto, de 2 a 3 xícaras; extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Alcaloides isoquinolínicos (fumarina, criptonina e 20 outros em pequenas proporções), flavonoides (principalmente glicosídeos da quercetina), sais e potássio, ácidos orgânicos mucilagem, colina, princípios amargos, ácido tânico e ácido fumárico.

Toxicidade Seu uso interno em doses mais elevadas deve ser evitado.



FUMO

Família

Solanaceae

Nome Científico

Nicotiana tabacum L.

Sinonímia Vulgar

Tabaco.

Sinonímia Científica

Nicotiana chinensis Fisch ex Lehmann; *Nicotiana mexicana* Schlttdl.; *Nicotiana mexicana* var. *rubiflora* Dunal; *Nicotiana pilosa* Dunal



FUMO

Descrição Erva anual que pode atingir até 2 m de altura, sendo invasora em todo estado de Minas Gerais. Possui folhas simples, alternas, sésseis, decurrentes (uma parte do limbo é presa ao caule), membranáceas, de cheiro desagradável, medindo até 0,5 m de comprimento. A superfície da folha, de coloração verde, fica amarela-pardacenta quando dessecada, e é coberta de pelos glandulosos que a tornam viscosa e glutinosa. Flores afuniladas, pequenas em relação às folhas, de cor geralmente rosa, reunidas em cacho axilares ou terminais, 5 estames, 2 carpelos com ovário súpero. Fruto cápsula septífraga, com inúmeras sementes. As sementes são arredondadas e escuras.

Parte Usada Folhas secas e pulverizadas.

Formas Farmacêuticas Decocto ou pó.

Emprego As folhas secas e pulverizadas são usadas como antitetânicas, esternutatórias (provoca espirro). O decocto das folhas é usado nas parasitoses externas, como sarnas e piolhos. A ação do pó no aparelho respiratório é considerado benéfico, principalmente no início de gripes e sinusites. O fumo de rolo em maceração é utilizado como inseticida na horticultura e floricultura. Em Minas Gerais, é comum fazer cirurgias nos animais, principalmente castração, colocando fumo de rolo no local para evitar o tétano. O extrato fluido, 0,2 a 1 ml ao dia. Pó, máximo de 1 vez 0,15 g, e em 24 horas 0,5 g.

Constituição Química Alcaloides (nicotina, nicotelina, nicotoína, iso-nicoteína, nicotimina, nicotirina, anabasina), ácido tabacotânico, ácido málico, ácido cítrico, alcatrão, goma, amido, açúcar redutor, substâncias gordurosas, pécticas e essência.

Interações Medicamentosas e Associações É associado às piretrinas ou rotenonas como parasiticida em veterinária. O tabagismo diminui os níveis sanguíneos de bloqueadores de H2 e vitamina B12 e acelera a eliminação de benzodiazepinas,

antidepressivos tricíclicos e vários outros componentes, inclusive vitamina C. Aumenta a velocidade de metabolização de vários componentes. Devido ao efeito vasoconstritor e/ou estimulante da nicotina, alguns medicamentos perdem a eficácia como insulina, lidocaína e propanolol. Mulheres em uso de contraceptivos orais com mais de 30 anos sofrem aumento de risco de AVC. Aumenta o metabolismo de estrogênio.

Contraindicação A sua fumaça é prejudicial às crianças e gestantes, cuja toxicidade é transmitida ao feto e aos lactantes. Abortivo. Pode prejudicar o desenvolvimento do feto, seu peso e causar danos neurológicos. É contraindicado para pessoas que têm histórico familiar de doenças cardíacas, por diminuir níveis de lipoproteínas de alta densidade; em diversos tipos de câncer associados ao tabaco, e também em glaucoma, enfisema, bronquite, asma, diabetes, hipertensão, osteoporose e úlceras, devido à exacerbação das condições existentes. Trombose nas pernas. Deve ser evitado antes de cirurgias devido ao aumento de monóxido de carbono no sangue.

Toxicidade Favorece o aparecimento de tumores malignos, principalmente no pulmão e no lábio (cachimbo), dentre outros. Bronquite crônica. Fibrose pulmonar, enfisema, além de problemas de pressão arterial e na mucosa do estômago. Demora na cicatrização. Dependência. Mas esses efeitos não estão associados ao uso medicinal da espécie como parasiticida.



FUMO-BRAVO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Elephantopus mollis H. B. & K.

Sinonímia Vulgar

Erva-grossa, língua-de-vaca, pé-de-elefante.

Sinonímia Científica

Elephantopus scaber L.; *Elephantopus tomentosus* L.;

Elephantopus hypomalacus S. F. Blake; *Elephantopus martii*

Graham; *Elephantopus pilosus* Phil.; *Elephantopus sericeus*

Graham; *Elephantopus serratus* Blanco; *Elephantopus bodinieri*

Gagnep.; *Elephantopus mollis* Kunth



FUMO-BRAVO

Descrição Planta herbácea, perene, de base sublenhosa e ramos muito curtos, atingindo até 90 cm de altura. É planta invasora ocorrendo em todo o Brasil. Folhas ásperas com pecíolo muito curto, quase todas concentradas na base, podendo atingir até 18 cm de comprimento. Nervuras peninérveas de margem serradas. Flores arroxeadas dispostas em cimeira bípara de capítulos protegidos por brácteas. Sementes escuras.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Decocto e infuso.

Emprego É usada nas tosses e bronquites. As folhas frescas são empregadas diretamente sobre úlceras e feridas como vulnerária. A raiz é usada contra bronquite. Para combater picadas de carrapato, deve-se amassar as folhas, fervê-las com água e passar no local afetado. Para dores no corpo, tomar banho com o decocto.

Constituição Química Flavonoides e triterpenos, lactonas sesquiterpênicas.



FUNCHO

Família

Apiaceae (Umbelliferae)

Nome Científico

Foeniculum vulgare Mill.

Sinonímia Vulgar

Erva-doce-falsa.

Sinonímia Científica

Foeniculum vulgare Hill.; *Foeniculum officinale* All.; *Ligusticum foeniculum* Crantz; *Foeniculum foeniculum* (L.) H. Karst; *Anethum foeniculum* L.



FUNCHO

Descrição Planta herbácea de caule subterrâneo e espesso, vivaz ou bianual, ereto, cilíndrico, ramificado, verde e até 2 m de altura. Folhas alternas, grandes, verdes, decompostas, filiformes e longas. As superiores são dotadas de uma bainha que não envolve o caule. Flores em umbelas compostas, terminais, pedúnculos lisos, angulosos e espessos, os pedicelos secundários menores e desiguais, não têm nenhum involúcro e nem brácteas. Flores amarelo-douradas, andróginas, regulares no centro da umbela e irregulares na periferia. Fruto elíptico, um pouco arqueado, cilíndrico, canelado e alargado na base. Os mericarpos abrigam um estilete levemente saliente. Os frutos são verde-pálidos, esbranquiçados, de cheiro aromático e sabor doce e agradável. Multiplica-se por sementes, em sulcos e covas, em solo leve e bem drenado.

Partes Usadas Frutos ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, xarope ou cataplasma.

Emprego Estomáquico, estimulante, aromático, expectorante, galactogênico. Suas folhas são muito ricas em fibras, importante para o bom funcionamento intestinal. Pode ser consumida como verdura em saladas cruas, contendo boa quantidade de cálcio, fósforo, ferro e pequena quantidade de vitamina C. As folhas são usadas como cataplasma, os óleos essenciais como fortificantes das gengivas, o linimento em dores musculares e reumáticas. Compressa do infuso nas inflamações oculares. A infusão é preparada na dosagem de 1 xícara de frutos secos para 1/2 litro d'água. Do decocto, usar 1 colher das de chá de frutos para 100 ml de água (cólica de crianças); como diurético, 15 g de raiz para 1 litro de água.

Constituição Química As sementes contêm 2 a 6% de óleo volátil, 20% de óleo fixo, (compostos de ácido petroselinico, ácido oleico e ácido linoleico) flavonoides derivados de quercetina, umbeliferona, heterosídeos do campferol, estigmasterol, proteínas, açúcares, vitaminas, altas concentrações de tocoferóis e sais minerais. A planta possui alto teor de cálcio e potássio. O óleo volátil consiste em anetol, funchona, estragol, limoneno, canfeno, -pineno e foeniculina. Outros componentes incluem hidrocarbonetos monoterpênicos, sabineno, -felandreno, mirceno, terpinenos, terpinoleno, álcool fenchílico, anisaldeído, miristicina, apiol e mucilagem.

Interações Medicamentosas e Associações O anetol, constituinte do óleo essencial, potencializa o sono induzido pelo pentobarbital: pode ser combinado com a camomila, a macelinha e a colônia, nas cólicas e flatulências. E com o alecrim, a sálvia e a hamamelis, para gargarejos nas infecções de garganta.

Contraindicação Deve ser utilizado com cautela em pacientes alérgicos a outros membros da família Umbelíferas, como o aipo e a cenoura. Evitar o uso em gestantes devido ao efeito emenagogo e das atividades fitoestrogênicas dos componentes do óleo volátil. Deve ser evitado na refluxofagite.

Toxicidade Nas doses usuais, o funcho não tem toxicidade, porém mais de 20 g por litro da semente pode ser convulsivante. Pode provocar dermatite de contato, fotodermatite e náuseas. O estragol (componente do óleo essencial) tem efeito potencial pró-carcinogênico e, em animais, causou tumores, vômitos e edema pulmonar. Portanto, o uso prolongado deve ser evitado. É seguro usá-lo como tempero, óleo, extrato e óleo-resina.



ENGIBRE

Família

Zingiberaceae

Nome Científico

Zingiber officinale Roscoe

Sinonímia Vulgar

Cerveja-do-campo.

Sinonímia Científica

Amomun zingiber L.; *Curcuma longifolia* Wall.; *Zingiber aromaticum* Noronha; *Zingiber majus* Rumphius; *Zingiber missionis* Wall; *Zingiber sichuanense* Z. Y. Zhu et al.; *Zingiber zingiber* H. Karst



ENGIBRE

Descrição Planta originária da China, Índia e Malásia, com porte de uma roseira, rizoma bianual, tuberoso, ramificações eretas, anuais de até 1,5 m de altura. Folhas alternas, invaginantes, estreitas, lanceoladas, lineares, agudas, inteiras e nervura mediana brancacenta, lígula obtusa e membranosa. Flores dispostas em ramificações especiais, muito mais curtas do que os ramos foliares, e munidas de brácteas obtusas, alongadas, em espigas densas, cada uma localizada na axila de uma grande bráctea côncava, arredondada, estriada de amarelo-esverdeado. Cálice gamossépalo, verde-amarelado, fendido de um lado, tridentado; corolas amareladas, estriadas de cor púrpuro-violáceo, com 3 divisões iguais e agudas. 3 estames, sendo 2 estéreis e um fértil que se acha sobre um filete curto e com antera de 2 lojas separadas pelo sulco, atravessado pelo estilete. Ovário ínfero, com 3 lojas multiovuladas. Estilete simples e estigma franzido. Odor agradável, aromático, sabor quente e picante. Multiplica-se por fragmentação dos rizomas logo que as folhas secam. Prefere climas quentes com solos ricos em matéria orgânica, e bem drenados.

Partes Usadas Rizomas, raízes ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, alcoolato, extrato fluido, pó, fragmentos dessecados salgados ou doces (pérolas).

Emprego Excitante, estomacal, carminativo, contra rouquidões e tosse. Os rizomas, as raízes e as folhas, sob a forma de infuso, decocto ou ao natural, são usadas na gripe. Pode ser usado para evitar náuseas devidas ao uso de quimioterápicos, gravidez e náusea por movimento. Infuso ou decocto a 1%, tomar de 1 a 2 xícaras ao dia; extrato fluido, de 1 a 2 ml ao dia.

Constituição Química Óleos essenciais citral, cineol, canfeno, felandreno, borneol, sesquiterpenos (zingibereno e bisaboleno), além de um óleo resina, rico em zingeróis, que lhe confere o sabor picante. Açúcares e vitaminas do complexo B, e C. Amido, resina e mucilagem.

Interações Medicamentosas e Associações 1 g do gengibre em pó reduziu náusea por diversos anestésicos, dado antes da cirurgia. Pode aumentar o efeito de varfarina ou outros anti-hemaglutinantes em doses maiores de 4 g diárias. O gengibre estimula a produção de ácido clorídrico estomacal, podendo comprometer a ação de medicamentos contendo sucralfato, ranitidina, ou lansoprasol. Pode interferir, em doses elevadas, com medicamentos que alterem a contração cardíaca, incluindo os beta-bloqueadores, digoxina, e outros medicamentos para o coração.

Contraindicação No caso de cálculos biliares, a droga só deve ser empregada com orientação médica. Na gravidez, devido ao efeito emenagogo e abortivo, embora, no início da gravidez em doses de 250 mg 4 vezes ao dia, do rizoma em pó, reduziu a severidade da náusea e vômitos. Doses elevadas antes de cirurgia, para evitar risco de hemorragia.

Toxicidade Em doses terapêuticas não apresenta toxicidade, no entanto, pode causar dermatite de contato. Aumento de hemorragia, se a dose for superior a 5 g ao dia. É seguro usá-lo como tempero, óleo, extrato e óleo-resina.



GENIPAPO

Família

Rubiaceae

Nome Científico

Genipa americana L.

Sinonímia Vulgar

Genipapinho, genipaba, genipapeiro, genipapo-branco.

Sinonímia Científica

Gardenia genipa Sw.; *Genipa barbata* Presl; *Genipa caruto* Kunth; *Genipa codonocalyx* Standl.; *Genipa cymosa* Spruce; *Genipa excelsa* K. Krause; *Genipa grandifolia* Pers.; *Genipa nervosa* Spruce; *Genipa oblongifolia* Ruiz & Pav.; *Genipa pubescens* DC.; *Genipa spruceana* Steyerm.; *Genipa venosa* Standl.



GENIPAPO

Descrição Árvore nativa, de porte elegante, até 10 m de altura, copa ramificada e bastante frondosa, com galhos pendentes e fracos. Folhas simples, lisas, grandes, até 35 cm, opostas cruzadas, pecíolos curtos, obovais até oblongas, ápice afilado ou arredondado, base estreita, subcoriáceas, glabras. Flores pentâmeras, grandes, hermafroditas, na forma de tubos longos e brancos que logo que se abrem, passando a amareladas. Levemente aromáticas, reunidas em grupos terminais, axilares, às vezes poucas ou apenas 1 flor. Fruto de até 12 cm de diâmetro, macio, baga globosa, amarelada quando madura, aromática, com polpa delicada de coloração vinosa-escura e sabor adocicado, amadurecendo de janeiro a março. Dele podem ser feitos doces, refrescos, vinho, refrigerantes ou licores. Semente de 0,5 cm de cor marrom-clara. Sua propagação pode ser feita por sementes ou enxertia. Prefere terrenos profundos, permeáveis, úmidos na beira de córregos ou riachos, mas reage bem ao ser plantado em locais secos e terrenos elevados.

Partes Usadas Folhas, frutos, casca do caule, raízes ou sementes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou vinho.

Emprego As folhas são utilizadas popularmente em infusão contra problemas renais, principalmente cólicas (3 folhas grandes em 1 litro de água). Os frutos, ao natural, são tônicos, estomacais e diuréticos. A casca do caule, em infuso ou decocto, é utilizada para os mesmos fins. Empregado clinicamente em caso de anorexia, gastroenterites, anemia carencial, constipação intestinal. A raiz é purgativa e a emulsão das sementes piladas constitui um vomitório rápido e energético. Em uso externo, apresenta função cicatrizante. Extrato fluido, de 10 a 50 ml ao dia.

Constituição Química No fruto, encontramos ácidos graxos (palmítico, linoleico), taninos e mucilagens, vitaminas B1, B2, B5 e C. A casca possui ferro e riboflavina.

Interações Medicamentosas e Associações A semente do genipapo contém de 0 a 22,5 ppm de cafeína. Acima de 400 mg de cafeína pode diminuir o clearance de clozerpina (induz possivelmente outras drogas metabolizadas pelo CYP1A2).

Toxicidade Nas doses usuais, o fruto e a casca do caule não possuem toxicidade. A raiz e a semente podem ser eméticas e purgativas.



GERÂNIO

Família

Geraniaceae

Nome Científico

Geranium maculatum L.

Sinonímia Vulgar

Jardineira.

Sinonímia Científica

Geranium maculatum Andrews



GERÂNIO

Descrição Planta herbácea, originária da África do Sul e cultivada em várias regiões, inclusive em Minas Gerais, como ornamental. Caule cilíndrico, carnoso, com raízes curtas podendo atingir até 50 cm de comprimento. Pecíolo longo e piloso. Folhas reniformes, crenadas, às vezes com uma mancha escura conhecida por zona ou ferradura de contorno, e pode ser ainda variegada. Folhas alternas com 2 estípulas sagitadas. Flores grandes, de cor vermelha, rosa, branca, lilás-claro ou róseo-purpúreo, dispostas em cimeiras múltiplas de muitas flores. Cálice pentâmero, oblongo, mucronado; corola pentâmera, pétalas de unha curta; androceu com 10 estames, 5 maiores e 5 menores, anteras versáteis, biloculares, oblongas e caducas. Gineceu com ovário livre, pentalocular, biovulado, estigma pentífido. Fruto regma, fruto seco indeiscente, que se separa pela maturação em seus carpídios originais. Multiplica-se por estacas ou por desdobramento de touceiras.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Decocto, infuso, pó, extrato fluido, tintura ou xarope.

Emprego Banhos para dores musculares. Tônico e adstringente. Usado principalmente nas diarreias (devido ao tanino), como hemostático usado em casos de hemoptises e hemorragias nasais. Externamente, em gargarejos, inflamações da boca e da garganta, e em tratamento de úlceras. Infuso ou decocto a 2,5%, de 2 a 3 xícaras ao dia. Pó, de 1 a 5 g ao dia. Extrato fluido, de 1 a 5 ml ao dia. Tintura, de 5 a 25 ml ao dia. Xarope, de 20 a 100 ml ao dia.

Constituição Química Ácidos (tânico e gálico); um óleo-resina, amido e oxalato de cálcio.



GERGELIM

Família

Pedaliaceae

Nome Científico

Sesamum orientale L.

Sinonímia Vulgar

Sésamo.

Sinonímia Científica

Sesamum indicum DC.



ERGELIM

Descrição Planta herbácea, pubescente, anual, de 60 cm de altura. Folhas opostas, simples, inteiras, pecioladas, atenuadamente elípticas nas 2 extremidades. Flores brancas, solitárias, axilares, brevemente pedunculadas, irregulares, hermafroditas. Cálice de 5 sépalas desiguais, estreitas e reunidas na base. Corola gamopétala, infundibuliforme, irregular, de 2 lábios. O inferior de 3 lobos arredondados e o mediano maior. O superior tem 2 lobos arredondados e pouco distintos. Quatro estames didínamos e livres. Ovário bilocular e multiovulado. Fruto cápsula.

Parte Usada Óleo da semente.

Formas Farmacêuticas Óleo ou pomada.

Emprego Emoliente, nutritivo e sucedâneo do óleo de oliva, sendo usado como veículo em injeções intramusculares. Entra na composição de diversos óleos compostos como os óleos de beladona, de meimendo, de camomila, de estramônio. A sesamolina é um sinérgico eficaz para os inseticidas do piretro.

Constituição Química Óleo fixo (55%) com glicerídeos dos ácidos palmítico, esteárico, mirístico, oleico, linoleico e outros; uma substância fenólica, sesamol, responsável pela excelente estabilidade deste óleo é derivado da sesamonila, por hidrólise. Colina, lecitina e sais de cálcio.



ERVÃO-ROXO

Família

Verbenaceae

Nome Científico

Stachytarpheta cayennensis (Rich.) Vahl.

Sinonímia Vulgar

Gervão-roxo, gerbão.

Sinonímia Científica

Stachytarpheta dichotoma Vahl.; *Verbena dichotoma* Ruiz & Pav.; *Verbena jamaicensis* L.; *Stachytarpheta cayennensis* Schauer; *Abena cayennensis* (Rich.) Hitchc.; *Lippia cylindrica* Scheele; *Stachytarpheta australis* Moldenke; *Stachytarpheta dichotoma* (Ruiz & Pav.) Vahl.; *Valerianoides cayennense* (Rich) Kuntze



GERVÃO-ROXO

Descrição Subarbusto anual ou perene até 1 m de altura ramoso, entrenós superiores fortemente emarginados quando novos ou angulosos. Folhas pecioladas, opostas, simples, membranáceas, sem estípulas, ovais ou lanceoladas, acuminadas, agudas e estreitando-se para a base, decurrente sobre o pecíolo, com a base provida de dentes, ovais, largas, terminando por uma pequena ponta aguda, quase glabra às vezes, pouco pilosas na página inferior. As folhas são peninérveas, com nervuras proeminentes na face inferior e pecíolo canaliculado, glabro e ciliado nas margens. Cálice comprimido e plicado, com 4 divisões pilosas, dentes curtos e resistentes. Flores pentâmeras. Corola cerúlea, de curta duração, tubo esbranquiçado, glabra externamente, sendo pubescente por dentro e na parte superior, de tubo curvo, mais largo do que o cálice, 5 lobos. Estames 4, sendo 2 férteis, ovário súpero, estilete curto e facetado. Fruto comprimido e alongado, subcompresso oblongo, fosco no dorso, nítido, estriado, areolado do meio para adiante, com 2 sementes. Inflorescências cimeira de espigas com brácteas estreitas de flores de cor azul que vão se abrindo aos poucos. Nasce nos terrenos abandonados e nas orlas dos caminhos.

Partes Usadas Raízes ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido ou xarope.

Emprego Febrífuga, béquica, vulnerária, tônica, estomacal. Estimula as funções gastrintestinais; útil nas dispepsias, nas afecções crônicas do fígado (hepatite) e vermífuga. Infuso ou decoto a 2,5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluído, de 1 a 5 ml ao dia.

Constituição Química Óleo essencial, princípios amargos, matérias pécticas.





GINSENG-DO-BRASIL

Família

Amaranthaceae

Nome Científico

Pfaffia paniculata (Mart.) Kuntze[1]; *Pfaffia glomerata* (Spreng) Pedersen[2]

Sinonímia Vulgar

Fáfia, para-tudo, corrente.

Sinonímia Científica

Pfaffia paniculata Kuntze[1]; *Hebanthe paniculata* Mart.[1];
Gomphrena eriantha (Poir.) Moq.[1]; *Gomphrena paniculata*
(Mart.) Moq.[1]; *Iresine erianthos* Poir.[1]; *Iresine paniculata*
(Mart.) Spreng[1]; *Iresine tenuis* Suess.[1]; *Pfaffia eriantha* (Poir.)
Kuntze; *Xeraea paniculata* (Mart.) Kuntze[1]; *Pfaffia glomerata*
(Spreng) Pedersen in Cabrera.





GINSENG-DO-BRASIL

Descrição É um subarbusto de ramos escandentes, de 2 a 3 m de comprimento com raízes axiais tuberosas apresentando externamente cor amarelo-claro até o castanho, sendo grossas e longas. A raiz principal com frequência é tortuosa e pode atingir até 0,5 m de comprimento por 5 cm de diâmetro. Folhas simples, membranáceas, glabras, de cor verde-escura na face superior e mais clara na face inferior, penínérvea de margem inteira, podendo atingir até 7 cm de comprimento. Flores muito pequenas de cores brancas ou róseas, dispostas em panículas alongadas.

Parte Usada Raízes.

Formas Farmacêuticas Extrato, cápsulas, decocto ou tintura.

Emprego Amnésia, anorexia, aterosclerose, gastrite, hiperglicemia, hipertensão e insônia. Usado também na artrite e artrose, na leucemia, nas irregularidades circulatória, favorecendo a produção de estrogênio. É um fortificante físico e mental.

Constituição Química Contém aminoácidos, saponinas, glicosídeos e nortriterpenos. Vitaminas A, B1, B2, E, K e ácido pantotênico (P). Sais minerais compostos de ferro, magnésio cobalto, sílica e zinco. Vários compostos extraídos das raízes desta planta foram patenteados por japoneses e americanos. Os japoneses patentearam saponinas do grupo pfaffosídeos e o ácido fáfico por sua eficácia na inibição de tumores de melanoma e no controle do açúcar no sangue. Atletas russos utilizavam essa planta para desenvolver a massa muscular e resistência física, promovida pela β -ecdisterona, substância de propriedade anabólica sem os efeitos colaterais dos esteroides sintéticos. São duas espécies que possuem as mesmas propriedades e são conhecidas com o mesmo nome. A outra espécie é a *Pfaffia glomerata* (Spreng) Pedersen.



IRASSOL

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Helianthus annuus L.

Sinonímia Vulgar

Helianto.



IRASSOL

Descrição Originário da América Central, o girassol se espalhou por todo o globo. A planta pode crescer até 2 m de altura. Seu caule é reto e cheio de pelos ásperos. Folhas cordiformes, pecioladas, pilosas, com ápice apendiculado e alternas. A planta nasce, cresce, frutifica e morre no período de um ano. A inflorescência é o resultado de centenas de flores pequenas sobre um largo disco. As flores femininas amarelas muito vibrantes ficam no raio e as centrais são andróginas. A inflorescência, um capítulo heterogêneo, costuma seguir o trajeto do sol. Sendo uma planta melífera, as abelhas e outros insetos são importantes para sua polinização. Os frutos são ovoides, podendo atingir até 2 cm de comprimento, e tem uma cor acinzentada com algumas listras de um cinzento mais claro. As sementes são claras e muito oleaginosas, sendo alimento preferencial de muitos pássaros. É uma planta de fácil cultivo.

Partes Usadas Folhas ou sementes.

Formas Farmacêuticas Decocto, tintura alcoólica, pó ou óleo.

Emprego O pó da semente é usado na sinusite (esternutatório). O óleo da semente é usado para impedir escaras e as folhas são usadas nas contusões e como cicatrizante, antiasmática, expectorantes, diuréticas e antigripais. O girassol é nutritivo e expectorante, combate a febre na malária, inflamações da pleura e suas sequelas. O óleo de girassol, por ter as mais altas concentrações de ácido linoleico, apresenta um efeito redutor nas taxas de colesterol, favorecendo a reversão da placa arterosclerótica. Em culinária é usado como substituto do óleo de milho. Infuso ou decocto a 2%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 1 a 4 ml ao dia. Estão sendo estudadas as propriedades terapêuticas do óleo no tratamento de dores de cabeça, bronquite e trombose.

Constituição Química As sementes são ricas em óleo (linoleico, oleico, palmítico, esteárico, aráquico, lignocérico). Além do óleo, podemos encontrar lecitina, antocianina, colina, histidina, betaína e outros ácidos orgânicos. É rico em vitaminas (B1, B2, e cianina). No fruto, encontramos ácidos graxos (palmítico, linoleico), taninos e mucilagens, vitaminas B1, B2, B5 e C. A casca possui ferro e riboflavina.

Contraindicação O uso terapêutico da planta por crianças, mulheres grávidas, lactantes, portadores de doenças hepáticas ou renais severas, deve ser feito de modo cauteloso. O uso tópico do óleo do girassol deve ser evitado por pessoas com histórico de reações de fotossensibilidade.

Interações Medicamentosas e Associações Devido ao grande conteúdo de tiamina que suas sementes apresentam, o girassol pode interagir com os medicamentos antiácidos a base de alumínio, barbitúricos, etanol e furosemida. Além disso, pode interagir com os seguintes medicamentos, devido ao alto conteúdo de riboflavina: amitriptilina, cloranfenicol, clorpromazina, imipramina, metotrexato, contraceptivos orais, probenecida, tetraciclinas, tiazídicos. A niacina, presente em altas concentrações no girassol, pode interagir com atorvastatina, carbamazepina, cerivastatina, colestipol, isoniazida, lovastatina, pravastatina, sinvastatina. Esses medicamentos têm sua absorção dificultada e/ou reações adversas intensificadas, quando utilizadas conjuntamente com as sementes de girassol.



OIABEIRA

Família

Myrtaceae

Nome Científico

1 - *Psidium guayava* L.; 2 - *Psidium guayava* L. var. *pomifera*

Sinonímia Vulgar

1 - goiaba-branca, 2 - goiaba-vermelha.



GOIABEIRA

Descrição Plantas brasileiras, crescendo em quase todo território nacional. Arbustos ou árvores esgalhadas, às vezes atingindo 8 m de altura, podendo o caule ter 30 cm de diâmetro. Casca escamosa, avermelhada, ramos moles, pubescentes e quadrangulares, folhas opostas, curto-pecioladas, ovado-lanceoladas ou oblongas, agudas ou obtusas, de 5 a 15 cm de comprimento por 4 a 6 de largura, glabras ou ligeiramente pubescentes na página superior, sobretudo quando jovens, pubescentes ou pulverulentas e salientes-nervadas na página inferior, ainda com pequenas pontuações glandulosas; pedúnculos com 1 a 3 flores axilares; botões florais tomentosos ou glabros, cálice gamossépalo e membranoso, 4 a 5 lobos, corola pentâmera, pétalas de 15 a 20 mm de comprimento e estames numerosos; ovário plurilocular. Fruto baga amarela, dependendo da espécie com polpa abundante amarela ou vermelha e aroma forte, penetrante e persistente, envolvendo numerosas sementes pequenas, reniformes e duras. Inodora, de sabor levemente amargo e muito adstringente. Multiplica-se por sementes e não é muito exigente quanto ao solo.

Partes Usadas Casca do caule ou folhas (até a sexta folha tenra a partir do ápice).

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Estomáquico, adstringente, antidiarreico, antidisentérico. Para cicatrização após extração de dente. Nas afecções da boca e gengivas, usa-se, de preferência, o decocto em bochechos utilizando 8 folhas em 250 ml de água. No infuso são usados 4 brotos em 1 xícara de água, tomando 1 xícara a cada 2 horas ou 4 horas. Extrato fluido, 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Folha: Taninos, óleos essenciais, triterpenoides, ácido catecólico, ácido guaiacólico, ácido maslínico, ácido elágico, β -citosterol. Caule: 30% de taninos. Fruto: riquíssimo em vitamina C.

Interações Medicamentosas e Associações O chá das folhas da goiabeira costuma ser associado ao das folhas de pitanga para combater a diarreia.

Toxicidade A ingestão de grande quantidade de frutos verdes pode causar prisão de ventre.

Observação Ambas as espécies têm a mesma indicação, porém a goiabeira branca é a oficial.



RAVATÁ

Família

Bromeliaceae

Nome Científico

Bromelia antiacantha Bertol.

Sinonímia Vulgar

Caragatatá.

Sinonímia Científica

Agallostachys antiacantha (Bertol.) Beer; *Agallostachys commeliniana* (de Vriese) Beer; *Bromelia commeliniana* de Vriese; *Bromelia sceptrum* Fenzl. ex Hugel; *Hechtia longifolia* Hort. ex Baker



RAVATÁ

Descrição Planta herbácea perene, acaule, de até 90 cm de altura, nativa de campos e cerrados de Minas Gerais e de todo Brasil. Folhas em rosetas basais, de forma lanceolada, caniculadas, coriáceas, com margens providas em espinhos em forma de ganchos de cor vermelha na base e verde-avermelhada no ápice de até 1,5 m de comprimento. Flores de cor violeta dispostas um cacho denso em eixo grosso, localizada no centro da roseta. Os frutos são bagas de cor amarela e polpa comestível com muitas sementes pequenas. Multiplica-se por estolões e sementes.

Parte Usada Frutos.

Forma Farmacêutica Xarope.

Emprego Asma, bronquite e ansilostomoníase. Preparar um decocto com um fruto cortado em 1 xícara de água fervente durante 5 minutos, amassar o fruto e coar, preparando com ele o xarope como de costume. (Xarope: para 1 xícara das de chá, 2 xícaras de açúcar, fervendo até a ebulição.) Tomar 1 colher de sopa 3 vezes ao dia.

Constituição Química Saponinas, taninos, mucilagem e enzima bromelina.



RAVIOLA

Família

Annonaceae

Nome Científico

Annona muricata L.

Sinonímia Vulgar

Coração-de-rainha, fruta-do-conde, pinha, araticum-do-grande, marolo.

Sinonímia Científica

Annona bonplandiana Kunth; *Annona cearensis* Barb. Rodr.;
Annona macrocarpa Wercklé; *Guanabanus muricatus* M. GoMez



RAVIOLA

Descrição Árvore originária das Antilhas, de até 8 m de altura de copa piramidal, com folhas pecioladas simples, peninérveas, obovais brilhantes, medindo de 8 a 15 cm de comprimento. Flores solitárias, com cálice de sépalas triangulares e pétalas carnosas de cor amarelada. Fruto do tipo baga, muricado, podendo atingir até 40 cm de comprimento, com polpa mucilagínosa e levemente ácida, fornecendo um suco de sabor agradável e perfumado. Multiplica-se por sementes e não é muito exigente quanto ao solo. Em alguns estados já se tornou subespontânea.

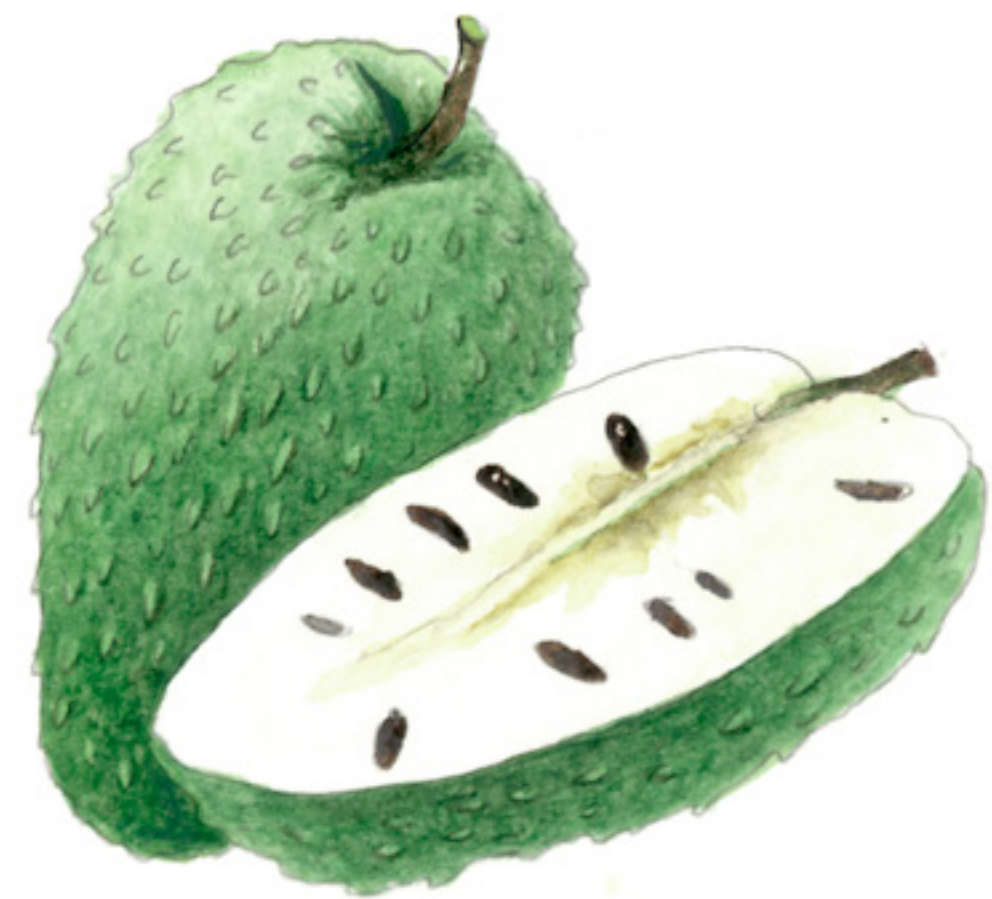
Partes Usadas Folhas ou cascas.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego A folha é antidiarréica, antiespasmódica e tem sido muito usada nos regimes de emagrecimento. As sementes são adstringentes e vomitivas, e as cascas têm ação antidiabética e antiespasmódica. Atualmente alguns raizeiros têm indicado o uso do chá das folhas para tratamento de alguns tipos de câncer.

Constituição Química As folhas têm óleo essencial rico em β -cariofileno, γ -cadineno e α -elemeno e alcaloides como reticulum, corexima, coclarina e anomurina. Enquanto o fruto tem ésteres compostos nitrogenados, além de açúcares, tanino, ácido ascórbico, pectinas e vitaminas A, B, C, as sementes possuem acetogeninas, estudadas atualmente como antitumoral e inseticida. A sua ação antitumoral tem sido descrita frente ao adenocarcinoma do cólon.

Toxicidade Doses altas de extratos produzidos com a graviola causam tremores e convulsões. E alcaloides presentes são responsáveis pela degeneração de células nervosas dopaminérgicas observadas in vitro. Em alguns países, o mal de Parkinson foi atribuído à ingestão contínua de algumas espécies do gênero *Annona*. Por isso novos trabalhos precisam ser realizados.



RUMIXAMA

Família

Myrtaceae

Nome Científico

Eugenia brasiliensis Lam.

Sinonímia Vulgar

Grumixameira, grumixaba.

Sinonímia Científica

Eugenia brasiliensis Mart.; *Eugenia grumixama* Vell.; *Eugenia dombeyi* (Spreng) Skeels; *Eugenia dombeyi* Skeels; *Myrtus dombeyi* Spreng; *Stenocalyx brasiliensis* O. Ber



RUMIXAMA

Descrição Árvore brasileira da Mata Atlântica de 6 a 10 m de altura, de tronco áspero pardacento, podendo atingir até 40 cm de diâmetro. Folhas curtamente pecioladas, simples, obovais, glabras coriáceas, podendo atingir até 9 cm de comprimento por 5 de largura. Folhas opostas brilhantes na face ventral e com nervuras bem marcadas na face dorsal. As flores são brancas, pediceladas com 5 pétalas e muitos estames. Os frutos são globosos negros e brilhantes e têm o cálice persistente, de sabor dito delicioso, por algumas pessoas. No estado de Minas Gerais ocorre na mata fluvial.

Partes Usadas Cascas ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido, elixir, vinho ou xarope.

Emprego Adstringente, estomacal. Usado nas diarreias, catarros intestinais e disenterias. Externamente, o decocto é empregado em irrigações vaginais, leucorreias, lavagens e tratamento de úlceras. Infuso ou decoto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.



UACO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Mikania glomerata Spreng

Sinonímia Vulgar

Guaco-liso, guaco-de-cheiro, cipó-catinga, cipó-sucuriju, coração-de-jesus, erva-de-cobra.

Sinonímia Científica

Mikania guaco H. B. K.



UACO

Descrição Subarbusto trepador de ramos lenhosos, cilíndricos, estriados, castanhos, glabros, folhas pecioladas, pecíolo flexuoso, cordiformes, agudas no ápice e cordiformes na base, 5 a 7 nervadas, com 1 a 2 lobos deltoides, glabros. Inflorescência em panícula-tirsoide, capítulos sésseis, reunidos em grandes glomérulos globoides ou obtusos no ápice dos ramos, involúcro de escamas pequenas, liguladas, glabras, corola infundibuliforme, limbo maior do que o tubo, fruto aquênio cilíndrico e glabro, pappus de 30 cerdas vermelhas pardas e flexuosas. Flores brancacentas. As folhas secas são fracamente aromáticas e possuem sabor levemente amargo. O plantio é feito por estacas das partes mais velhas do caule. Existe uma espécie brasileira de mata ciliar (*Mikania laevigata* Schultz Bip ex Baker) que pode ser sucedânea da *Mikania glomerata*, possuindo as mesmas substâncias químicas e as mesmas indicações medicinais. Esta espécie é mais adaptada a regiões mais frias, tem suas folhas mais delicadas e seu formato é mais elíptico.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, elixir, vinho ou xarope.

Emprego Tônico, depurativo, febrífugo, peitoral. Expectoante, béquico, nas bronquites, asma e gripes. Faz parte das espécies peitorais da farmacopeia. Tomar uma colher das de sopa 3 a 4 vezes por dia, do xarope, que é preparado com 6 folhas cortadas em 1 xícara média de água fervente, acrescentando 2 xícaras de açúcar. A alcoolatura é preparada com 100 g das folhas trituradas em 300 ml de álcool a 70 graus.

Constituição Química Alcaloides, cumarina e derivados. Flavonoides, antraquinonas, esteroides/triterpenoides, leucoantocianidinas, saponinas, guacina (substância amarga), substância aromática, resina, taninos e ácidos fixos e voláteis.

Contraindicação Em mulheres com fluxo menstrual abundante, pode provocar aumento do fluxo menstrual, devido às cumarinas. Contraindicado para pessoas com hepatopatias (antagonistas da vitamina K), trombocitopenias e coagulopatias. Também para pessoas que usam anticoagulantes ou heparina (aumenta o risco de sangramento). Não indicada para crianças com menos de 1 ano de idade e mulheres na menstruação.

Toxicidade Quando usado em excesso, pode causar vômitos e diarreia, e predispõe o paciente a acidentes hemorrágicos.



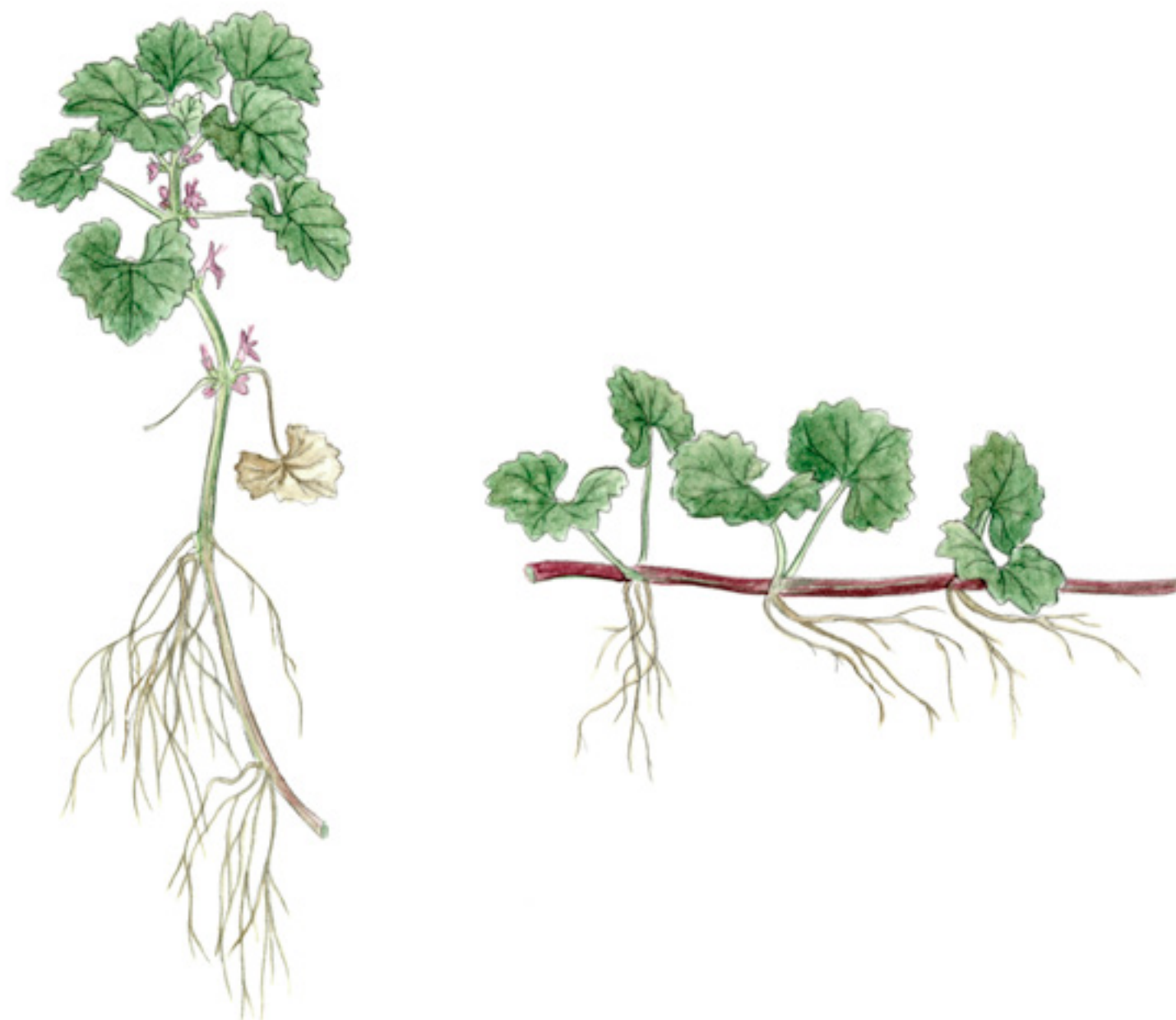
HERA-TERRESTRE

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Glechoma hederacea L.



HERA-TERRESTRE

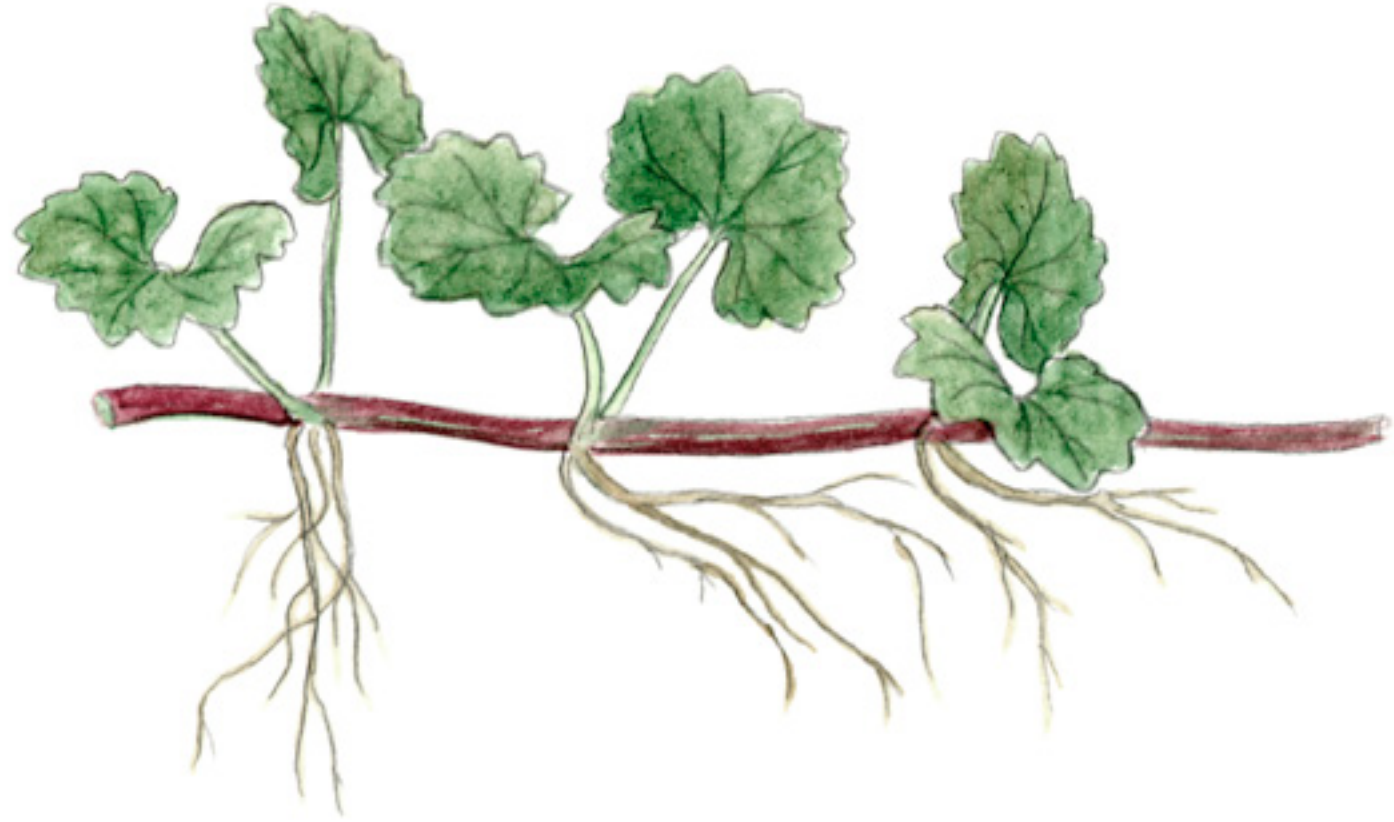
Descrição Planta perene, prostada, radicante, estolonífera, pilosa, sendo os ramos floríferos, eretos e simples, porém raramente floresce no Brasil. Folhas verdes, crenadas, cordiformes, arredondadas, com pecíolos com tamanho do limbo ou maiores. Flores azul-violeta manchadas de cor púrpura, apresentando aos pares ou em feixes nas axilas da folhas. Cálice denteado, tubuloso. Corola bilabiada, sendo o lábio superior chanfrado e o inferior dividido em três lobos. Quatro estames didínamos. O fruto é formado por 4 aquênios ovoides e lisos de cor escura.

Partes Usadas Folhas frescas ou secas, sumo ou toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido, alcoolatura ou cozido no leite.

Emprego Usado na asma, bronquite, enfisema, contra problemas de estômago e furúnculo. É vulnerário, peitoral, tônico, diurético, expectorante, emoliente e no controle da hipertensão. A bronquite crônica é tratada com a alcoolatura (1 colher das de café 2 vezes ao dia) e tem demonstrado bons resultados. O infuso e o decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia. O extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Princípio amargo, óleos essenciais, taninos, glúcides, resina, cera, gorduras e sais minerais.



HOMEM-NU

Família

Euphorbiaceae

Nome Científico

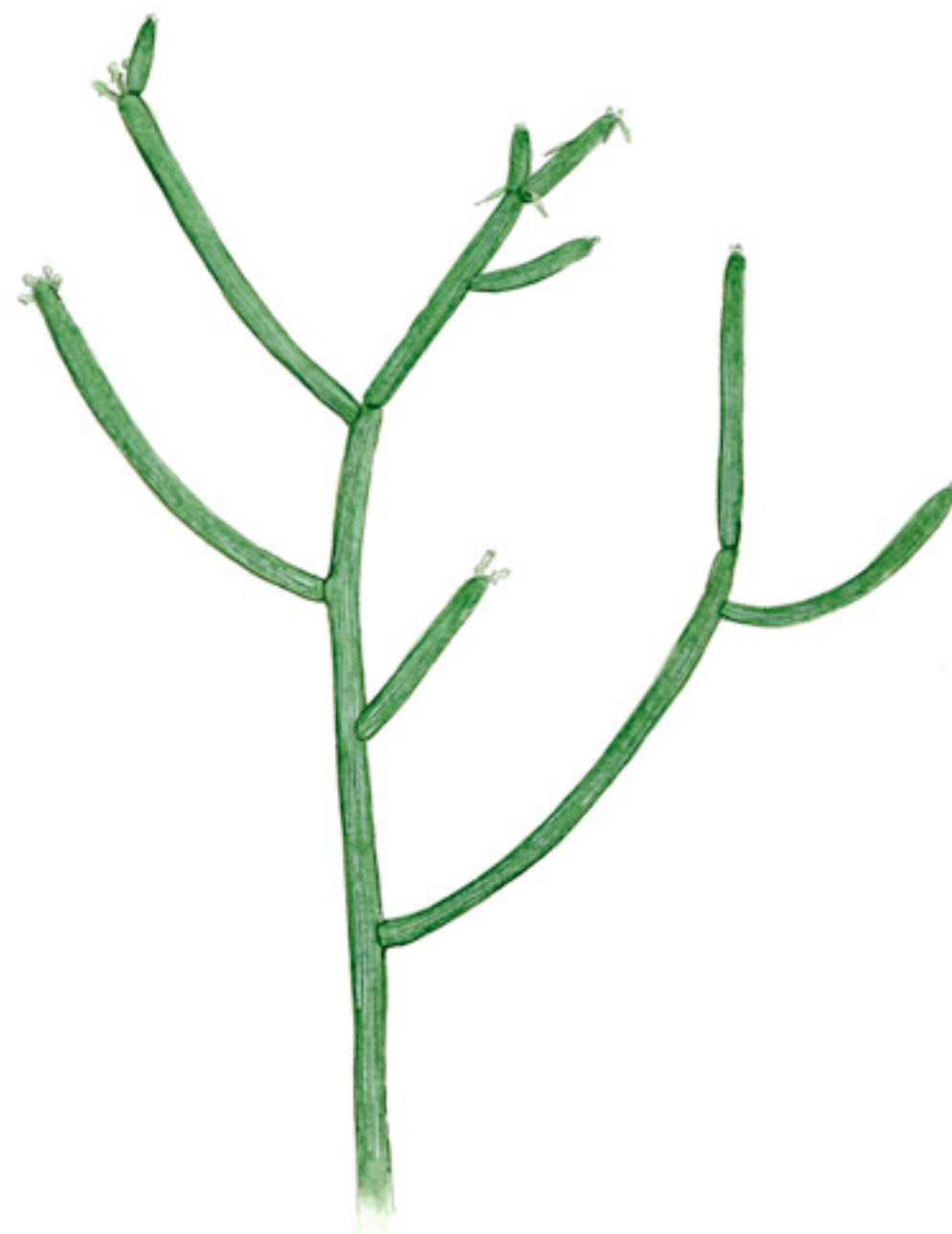
Euphorbia tirucalli L.

Sinonímia Vulgar

Avelós, mata-verruga.

Sinonímia Científica

Euphorbia tirucalli Thunb.; *Euphorbia tirucalli* Forssk.



HOMEM-NU

Descrição Arbusto de até 8 m de altura, originado do nordeste, mas cultivado em Minas Gerais. Sublenhoso, de galhos verticilados, duros, arredondados quase sem folhas, com estrias em toda a extensão, delgados e flexíveis. Flores escassas, amarelas ou verdes que desabrocham na extremidade dos ramos onde permanecem por pouco tempo, caindo logo. Os galhos possuem nós de aproximadamente 1 a 2 cm de espessura separados um do outro por mais ou menos 8 cm. O fruto é uma cápsula recoberta de pelos com três cavidades e sementes ovais de superfície lisa. Planta lactescente.

Parte Usada Látex.

Forma Farmacêutica Látex diluído em água.

Emprego 2 a 10 gotas por copo: usado no combate ao câncer; é também purgativo e antissifilítico. O látex puro tira verrugas.

Constituição Química Resina, um princípio cristalizável e uma fitotoxina.

Toxicidade Seu látex é cáustico, se cair nos olhos pode causar cegueira. Até mesmo o ato de levar as mãos aos olhos, depois do contato com a planta, pode causar doloroso eritema nas pálpebras. Por via oral, causa náuseas, vômito e diarreia.



HORTELÃ-PICANTE

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Plecthanthus amboinicus (Lour) Spreng

Sinonímia Vulgar

Malvarisco, hortelã-grossa, hortelã-grande, hortelã-de-quibe.

Sinonímia Científica

Stachys arvensis L.; *Coleus amboinicus* Lour; *Coleus aromaticus* Benth.



HORTELÃ-PICANTE

Descrição Erva perene, ereta, aromática, provavelmente de origem africana. Caule carnosos, possuindo folhas grandes, opostas, crenadas, deltoides e um sulco mucilaginoso. Inflorescência em panícula de espigas de cor róseo-pálidas de pequeno tamanho. Quando a inflorescência aparece, o vegetal deve ser replantado. Fruto nuculâneo, formado por pequenas núculas. Multiplica-se por ponteiros, ou sementes, em solo bem adubado e bem regado.

Partes Usadas Folhas ou sumo.

Formas Farmacêuticas Decocto, melito, xarope, infuso, cozida em saladas ou balas.

Emprego Vermífugo, expectorante, calmante, peitoral, para infecções, gripe, dor de estômago, carminativo, cólica menstrual, dor e tosse. Para preparação do xarope, utilizar de 30 a 40 folhas frescas aquecidas com 200 g de açúcar sem juntar água. Tomar 1 a 2 colheres das de sopa 2 vezes ao dia para adulto. Para crianças usa-se a metade.

Constituição Química Óleo essencial rico em timol, barbatol, copaeno, cariofileno, gaieno, aremofileno, flavonas, diterpenos e carvacrol. Tanino.

Interações Medicamentosas e Associações Essa planta pode ser associada, para aumentar os efeitos peitorais, ao agrião, à malva-rosa, ao alecrim, ao chambá, à cebola, ao eucalipto, ao jatobá, ao angico, à hortelã, ao saião, ao mastruz ou ao sabugueiro.



HORTELÃ-PIMENTA

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Mentha piperita L.

Sinonímia Vulgar

Hortelã-pimenta, sândalo, hortelã-inglesa.



HORTELÃ-PIMENTA

Descrição Origina-se do Oriente; é uma planta herbácea e vivaz, de caule quadrangular, ereto, pouco pubescente, de 40 a 60 cm de altura. Folhas opostas, simples, pecioladas, lanceoladas, retorcidas, um pouco arredondadas na base, agudas, denteadas ou serradas, verde-escuras na face superior e verde-pálidas na inferior, ligeiramente aveludadas nas nervuras inferiores. As folhas inferiores têm de 5 a 8 cm de comprimento por 2 cm de largura, diminuindo de tamanho, à medida que se aproximam do ápice do caule. Flores andróginas, purpúreas, dispostas no ápice dos ramos, em espigas laxas, cônicas, agudas e opostas. As espigas inferiores são espaçadas umas das outras, ao passo que as superiores são muito próximas e sempre acompanhadas de brácteas foliáceas. Flores semelhantes às das Labiadas. Odor forte, aromático e característico. Multiplica-se por estolões enraizados, ponteiros ou desdobramento de touceiras de uma planta adulta, sendo de fácil cultivo, mas prefere solos ricos em matéria orgânica, bem drenados e a pleno sol.

Partes Usadas Folha ou sumidade florida.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou bala.

Emprego Antiespasmódico, carminativo, estomacal, estimulante, vermífugo. Como especialidade farmacêutica, faz parte da constituição de dentifrícios, pomadas e linimentos, pós e pastilhas. O infuso ou decocto a 2%, tomar de 2 a 3 xícaras ao dia; o extrato fluido, de 1 a 4 ml ao dia; a essência pura, de 1 a 3 gotas ao dia.

Constituição Química Piperitone, α -mentona, mentofurano, metilacelato, pulejona, cineol, limoneno, jasmone, princípio amargo, vitaminas C e D, nicotinamida, terpenos, cetonas, taninos, sesquiterpenos: cariofileno e bisabolol. Flavonoides: mentosida, isoroifolina, luteolina. Óleo essencial: mentol, ácidos p-cumarínicos, perúlico, cafeico, rosmarínico clorogênicos e outros. Outros constituintes: carotenoides, colina, betaina e minerais.

Interações Medicamentosas e Associações Em conjunto com a camomila, pode aumentar a atividade antiespasmódica, recomendada para lactentes e crianças. Pode ser associado, ainda, ao sabugueiro e ao mil-em-rama. A hortelã pode aumentar os níveis de várias drogas no sangue, devido à inibição do metabolismo de diversas enzimas das quais as drogas são substratos, como tilenol, varfarina e aldol.

Contraindicação Gravidez, devido a seu potencial efeito emenagogo. O mentol em crianças de pouca idade e lactentes pode levar à dispneia e asfixia. O óleo essencial não deve ser inalado ou aplicado na área facial ou nariz de bebês ou crianças pequenas, pois o mentol pode causar o espasmo da glote. A essência irrita a mucosa ocular e conjuntiva em pessoas sensíveis e nelas pode ainda provocar insônia. É contraindicado o uso para pessoas que possuem cálculos biliares, ou em hérnia de hiato e refluxos ácidos, devido ao efeito relaxante no esfíncter do esôfago.

Toxicidade Resposta alérgica, dermatite, úlceras na boca, perturbações gastrintestinais, dor de cabeça, rubor, azia. É seguro usá-la como tempero, óleo, extrato e óleo-resina.



INGÁ-FERRADURA

Família

Leguminosae (Mimosoideae)

Nome Científico

Inga sessilis (Vell.) Mart.

Sinonímia Vulgar

Ingá, angá.

Sinonímia Científica

Mimosa sessilis Vell.; *Inga sessilis* Mart.



INGÁ-FERRADURA

Descrição Árvore de tamanho regular, atingindo até 6 m de altura, velutina-hirsuta, com ramos crassos. Folhas compostas, paripinadas, com 5 a 7 jugos, folíolos oblongos ou oval-lanceoladas, acuminados, curtamente peciolados, opostos, subcoriáceos, ferrugíneos, sendo mais curtos os da base da folhas. O pecíolo principal, bem como os secundários são ferrugíneo-pubescentes, sendo estes subpares, cuneados e alados. Estípulas pequenas e caducas. Inflorescência em espigas axilares de poucas flores, quase alvas. Flores sésseis e andróginas. Cálice campanulado, grande, persistente e com ápice irregular. Corola pentâmera, gamopétala, com pelos densos e nítidos, numerosos e concrecidos na base dos filetes. Gineceu unicarpelar, ovário multiovulado, estilete filiforme e estigma terminal. Fruto legume, comprimido, arqueado, em forma de ferradura ou reto, margem exterior sinuada, provida de pelos longos e vermelhos. Sementes envoltas em polpa brancacenta e adocicada.

Partes Usadas Frutos novos, cascas do caule ou polpa do fruto.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, cataplasma, compressa e ao natural.

Emprego Diaforético, antipirético, antirreumático, anti-helmíntico. Laxativa. O cataplasma e a compressa são feitos com 1 xícara de café da casca do caule picado para 1 litro de água filtrada, deixe esfriar. No caso do cataplasma, adicionar farinhas. Fazer de 1 a 2 compressas ao dia por 10 minutos cada uma. O decocto é feito com 1 xícara das de café de casca picada para 1 litro de água. Tomar de 2 a 3 xícaras das de café ao dia.



INSULINA-VEGETAL

Família

Vitaceae

Nome Científico

Cissus verticillata (L.) Nicholson & C. E. Jarvis

Sinonímia Vulgar

Cipó-puçá, mãe-boá, cortina-de-pobre.

Sinonímia Científica

Cissus sycioides L.; *Cissus tamoides* Cambess.; *Cissus smilacina* Kunth; *Cissus canescens* Lam.; *Vitis sycioides* (L.) Baker; *Phoradendron verticilatum* (L.) Ducke



INSULINA-VEGETAL

Descrição Planta escandente que se eleva numa altura de até 6 m ou mais, apresentando raízes adventícias em grande profusão. Folhas simples, ovais ou oval-oblongas de 2 a 15 cm de comprimento e de 2 a 11 cm de largura, agudas acuminadas ou arredondadas no ápice podendo, às vezes, ser truncadas. A base é cordiforme e tem um pecíolo de 2 a 4 cm de comprimento. Flores em cimeiras pedunculadas com quatro pétalas. Disco em forma de copa aderido à base do ovário com quatro lobos, estames 4, inseridos na margem do disco. Ovário bilocular e biovulado por loja. Bagas negras de 7 a 10 mm de diâmetro. Planta originária de Cuba crescendo também na América Tropical e nas Antilhas.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Alcoolatura ou extrato aquoso.

Emprego A alcoolatura de 100 folhas em 1 litro de álcool de cereais é deixado em repouso por 7 dias para extração. Usa-se 20 gotas antes das refeições para diabetes, não insulino-dependentes. Estudos mostraram que o extrato aquoso tem ação anticonvulsivante e atividade uterina.

Constituição Química Esteroides, quinonas, compostos fenólicos, aminoácidos, alcaloides, saponinas, açúcares e lactonas sesquiterpênicas.

Toxicidade Não é recomendada para mulheres grávidas, pois estudos em ratas comprovam sua ação estimulante uterina.



IPÊ

Família

Bignoniaceae

Nome Científico

Handroanthus avellanedae (Lorentz ex Griseb) Mattos

Sinonímia Vulgar

Ipê-roxo, pau-d'arco, lapacho.

Sinonímia Científica

Tecoma ipe Mart. ex K. Schum.; *Tabebuia ipe* (Mart.) Standl.;

Tabebuia avellanedae (Lond. ex Griseb.) Spreng



IPÊ

Descrição Árvore de 25 a 30 m de altura e 60 a 80 cm de diâmetro na altura do peito. O tronco é mais ou menos reto cilíndrico, porém pode ser levemente tortuoso. O fuste é longo e a casca externa grossa, de cor pardo-acinzentada ou quase negra. Possui fissuras longitudinais finas profundas e espessadas. Sua inflorescência é um tirso multifloral, nascendo em ramos sem folhas com lenho adulto, densamente tomentoso, formando nos galhos bolas de flores às vezes muito próximas. Folhas compostas digitadas de 5 folíolos quase glabros, medindo de 5 a 15 cm de comprimento por 3 a 4 cm de largura. Flores vermelho-arroxeadas cobrindo quase toda a planta, que fica completamente sem folhas durante a floração. Cálice com tomento branco. Corola infundibuliforme, com 5 pétalas. Fruto síliqua, com muitas sementes aladas.

Partes Usadas Cascas ou folhas.

Formas Farmacêuticas Decocto, infuso ou cápsula.

Emprego O ipê-roxo é usado na hérnia, lupus eritematoso, câncer, diabete, tosse dos fumantes, infecções, úlceras, reumatismos, alergias e até AIDS. Deve ser preparado, usando-se 2 xícaras das de café de casca, em 1 litro de água, tomando-se de 4 a 5 xícaras de chá ao dia.

Constituição Química 15 quinonas entre eles lapachol, -lapachona, antraquinona, nafto-quinonas, carobinase e taninos. O lapachol e a xiloidona foram investigados por sua atividade antimicrobiana. O lapachol tem atividade contra bactérias Gram-positivas (*Pseudomonas aeruginosas* e *Brucella melitensis*) e a xiloidona é ativa contra a *Brucella sp* e *Candida albicans*. Estas duas substâncias são fungistáticas e o lapachol tem efeito antimalárico e antiesquistossômico. Diversos estudos comprovaram o uso de lapachol como agente antineoplásico, porém demonstraram elevada toxicidade.

Interações Medicamentosas e Associações O lapachol pode potencializar o efeito de anticoagulantes aumentando o risco de hemorragias.

Contraindicação Não deve ser indicado para gestantes devido ao efeito potencial abortivo e teratogênico do lapachol e em pacientes com hemofilia, hepatopatia ou trombocitopenia devido ao lapachol, que é antagonista da vitamina K. Não deve ser usado com drogas anticoagulantes como varfarina.

Toxicidade Em doses elevadas pode causar problemas gastrintestinais, anemia e no tempo de coagulação.



IPECA

Família

Rubiaceae

Nome Científico

Cephaelis ipecacuanha (Brot.) A. Rich.

Sinonímia Vulgar

Ipecacuanha, ipeca, ipecacuanha-anelada, ipecacuanha-preta, poaia-do-mato, poaia-cinzenta, poaia-legítima, ipeca-preta.

Sinonímia Científica

Evea ipecacuanha Standley; *Cephaelis emetica* Pers.; *Psychotria ipecacuanha* Brotero; *Uragoga ipecacuanha* Baill.; *Psychotria ipecacuanha* Müell Arg.; *Ipecacuanha officinalis* Arr. Cam.; *Uragoga ipecacuanha* H. Br.; *Evea ipecacuanha* (Brotero) Standl.; *Psychotria ipecacuanha* Stokes; *Callicocca ipecacuanha* Brotero



IPÉCA

Descrição Pequeno vegetal lignificado, com raiz formada de anéis superpostos de caule simples de 10 a 40 cm de altura, contendo, na sua parte superior, alguns pares de folhas opostas, curtamente pecioladas, com estípulas interpeciolares, unidas na base e lacínios no ápice. O limbo é oval, oblongo, um pouco agudo no ápice, penínervas, inteiras, verde-escura na face ventral e verde-claro na dorsal. Flores pequenas, brancas, inodoras, em capítulos terminais de glomérulos ou cimeiras, curtamente pedunculadas, com 4 grandes brácteas decussadas protegendo a inflorescência e formando um involúcro. Hermafroditas, regulares, cálice gamossépalo, regular, pentâmero, pequeno, triangular, obtuso. Corola gamopétala, de tubo estreito, cilíndrico, com 5 lobos. Estames em número de 5, inclusos, livres e epipétalos. Ovário ínfero, bilocular, uniovulado. Fruto baga com duas sementes albuminosas retorcidas e de testa dura.

Parte Usada Raízes, colhidas no início da primavera estando as plantas floridas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, pó, vinho ou xarope.

Emprego Expectorante, diaforético, antidisentérico, emético usado nas disenterias do tipo amebiana. Em doses reduzidas, expectorante nas bronquites e asma, purgativo e tônico. O uso farmacológico é devido à presença de 2 alcaloides presentes nas raízes: a emetina e a cefalina, que conferem à planta atividade emética e amebicida. A dose do xarope para adultos e crianças é de 15 ml, seguidos por 1 a 2 copos de água, o que pode ser repetido depois de 20 minutos. Se não ocorrer a êmese, o xarope deve ser retirado por lavagem gástrica.

Constituição Química Alcaloides (emetina, cefalina, psicotrina, emetamina, cafeína e alguns traços de outros alcaloides), ipecósidos (glicosídeo iridoide), taninos catéquicos, saponinas, sais minerais. Ácidos ipecacuânico, málico e cítrico; amido e açúcares redutores.

Interações Medicamentosas e Associações A ipeca pode apresentar ineficácia, quando administrado simultaneamente com outros fármacos antieméticos como a fenotiazina. Tem também seu efeito emético reduzido com a administração simultânea de carvão ativado.

Contraindicação Para gestantes e lactantes, pois a emetina é estimulante do útero. Para crianças com menos de 1 ano, devido à toxicidade potencial. É contraindicado em casos de coma ou convulsões associadas ao envenenamento. Para pessoas que possuem problemas cardíacos, neuromusculares, insuficiência renal e quadros hipotensivos severos.

Toxicidade Não se deve fazer uso da ipeca por períodos prolongados, devido ao fato de os alcaloides apresentarem efeitos acumulativos e provocarem sobrecarga na função renal. Doses altas provocam náuseas, vômitos, diarreia hipotensão arterial, polimialgias, arritmias cardíacas. O pó irrita a pele e as membranas mucosas, provocando espirros e tosse. Seu uso como emético nos envenenamentos foi proibido devido ao efeito irritante e corrosivo no esôfago. Se usado como emético, nos envenenamento por thinner e outros destilados de petróleo, pode causar irritação no pulmão, por aspiração. Em envenenamento por estricnina pode induzir convulsões.



JABORANDI-FALSO

Família

Piperaceae

Nome Científico

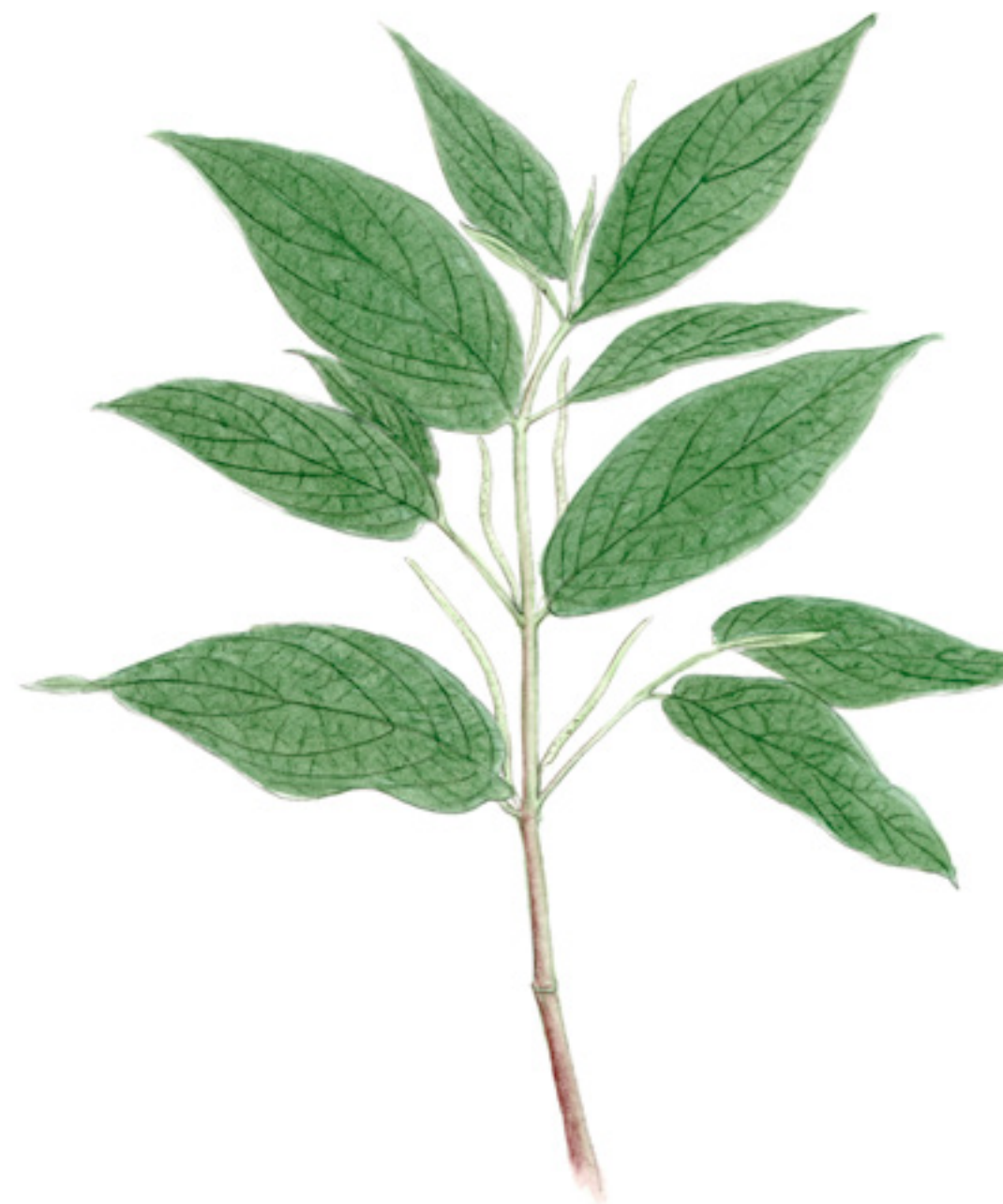
Piper aduncum L.

Sinonímia Vulgar

João-barandi, tapa-buraco, quebra-tijela, aberta-ruão, falso-jaborandi.

Sinonímia Científica

Arthanthé adunca Mig.; *Piper aduncum* Well.; *Piper aduncifolium* Trel.; *Piper angustifolium* Ruiz & Pav.; *Piper elongatifolium* Trel.; *Piper elongatum* Vahl; *Steffensia adunca* (L.) Kunth



JABORANDI-FALSO

Descrição Arbusto de ramos articulados e rugosos. Folhas curtamente pecioladas, oblongas, agudas e regularmente arredondadas na base, assimétricas, ásperas, pubescentes na face inferior, peninérvias, com nervuras muito salientes. Inflorescência em espigas isoladas, grandes e curvas. As flores masculinas se alternam com as femininas. As masculinas são constituídas por um único estame de deiscência longitudinal, pólen amarelo e bem visível. Flores femininas constituídas de ovário tricarpelar, com estigma trífido e séssil. Fruto trígono.

Partes Usadas Caules ou folhas.

Formas Farmacêuticas Decocto, infuso, pó, cataplasma ou tintura.

Emprego Queda de cabelo, dores em geral, como anestésico e como adstringente no pós-parto. O óleo essencial extraído desta planta demonstrou possuir atividade antimicrobiana e antifúngica. Externamente, é resolutiva e cicatrizante. O infuso e o decocto a 2% são usados de 50 a 200 ml por dia. Para uso externo, o decocto é preparado a 5%. A tintura é usada de 5 a 20 ml ao dia.

Constituição Química Óleo essencial composto de 5-meiose-6- (2'-perolem) benzodioxol, miristicina e piperitona. Nas folhas foram encontrados também cânfora, matérias resinosa, tanino e mucilagens.



JABUTICABEIRA

Família

Myrtaceae

Nome Científico

Peleria cauliflora (Mart.) Kausel

Sinonímia Vulgar

Jaboticaba, jaboticabeira, jaboticaba-sabará.

Sinonímia Científica

Myrciaria trunciflora Berg.; *Eugenia cauliflora* DC.; *Myrciaria cauliflora* (Mart.) O. Berg; *Myrtus cauliflora* Mart.



JABUTICABEIRA

Descrição Árvore que pode atingir de 5 a 10 m de altura, de copa geralmente arredondada, de caule muito ramificado de cor escura e que solta cascas durante uma certa parte do ano, deixando o tronco com manchas claras. Ramos dicotômicos e com muitas folhas pequenas de cor verde mais escura na face superior, que se localizam nas extremidades dos galhos. Folhas elípticas que se desprendem antes da floração e são penínérveas e inteiras. Flores brancas que se prendem diretamente no caule (cauliflora) muito perfumadas, atraindo abelhas de longas distâncias. Estames numerosos e claros. Gineceu de ovário ínfero, com um carpelo que pode ter de 1 a 2 caroços envoltos em um arilo de sabor doce agradável, fazendo da fruta uma das preferidas dos brasileiros. Fruto inicialmente verdes e depois passam a negros. A reprodução é feita geralmente por sementes, mas algumas pessoas conseguiram resultados fazendo alporquia. A árvore leva de 10 a 15 anos para frutificar.

Partes Usadas Frutos, cascas ou entrecasca do caule.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego Diurética, usada na amigdalite crônica, asma, diarreia. O chá da casca é usado na diarreia e disenteria. O decocto pode ser usado para erisipela. O bagaço dos frutos é adstringente, sendo usado em cozimento para o combate de amigdalite crônica. A entrecasca do caule pode ser indicada para prevenir gripes e asma. Para amigdalite, 30 g de bagaço em 500 ml de água. Coar e fazer gargarejo várias vezes ao dia. Para asma, 8 g da entrecasca sob forma de decocto em 500 ml de água; tomar um copo pela manhã. Os pigmentos antociânicos são usados para combater os radicais livres.

Constituição Química Sais minerais (Ca, Mg, S, K, Na, Cu, Mn, Zn, B, Al), vitamina C, niacina, glicose, frutose, sacarose, ácidos cítrico e oxálico, pigmentos antociânicos (peonidina, peonidina 3-glucósido) celulose e hemi-celulose, pectina, tanino, amido.

Toxicidade O uso prolongado das jabuticabas com casca, devido ao tanino em excesso, pode prejudicar a absorção de nutrientes e ter efeito carcinogênico.



JAMBO-AMARELO

Família

Myrtaceae

Nome Científico

Syzygium jambos (L.) Alstron

Sinonímia Vulgar

Jambo.

Sinonímia Científica

Jambosa vulgaris L.



JAMBO-AMARELO

Descrição Árvore ramosa, de copa densa, muito ramificada, de folhas grandes e brilhantes, com 16 cm de comprimento por 4 cm de largura, sendo lanceoladas com a base aguda e o ápice acuminado. Folhas penínervas, de nervuras salientes no dorso. Flores brancas, grandes, em corimbos terminais, com muitos estames longos e brancos, sendo os filetes e estigmas brancos também. O fruto é drupa globosa, carnosa, com 3 a 5 cm de diâmetro de cor amarelo-rosado com 1 a 2 sementes soltas em seu interior. Sua polpa é branca, cheirosa e aquosa, e tem um sabor delicado, muito apreciado por algumas pessoas. Planta originada da Ásia, porém bastante cultivada no Brasil, estando presente em numerosos quintais mineiros.

Parte Usada Folhas.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego Diabetes.

Constituição Química Resina e óleo essencial.



JAMBOLÃO

Família

Myrtaceae

Nome Científico

Syzygium cumini (L.) Skeels

Sinonímia Vulgar

Jamelão, azeitona-do-nordeste, uva-do-nordeste.

Sinonímia Científica

Syzygium jambolanum (Lam.) DC.; *Eugenia jambolana* Lam.;
Myrtus cumini L.



JAMBOLÃO

Descrição Árvore de até 10 m de altura com ramos pendentes e folhas curtamente pecioladas, simples, opostas, penínervas e com uma nervura marginal saliente, inteiras. Flores brancas pequenas, reunidas em panículas, pentâmeras, com inúmeros estames brancos. Gineceu com um estilete terminal e ovário ínfero. Fruto de cor roxo-escuro, com uma única semente coberta por uma polpa doce mucilaginosa e comestível. Quando verde é adstringente. Originária da Indonésia, China e Antilhas.

Partes Usadas Frutos ou folhas.

Formas Farmacêuticas Fruto ao natural, infuso, decocto, extrato fluido das folhas ou pó dos frutos.

Emprego Hipoglicemiante, adstringente. No tratamento de diabetes, atenua a ação de diversos fermentos notadamente das diástases, dos fermentos sacarificantes da saliva e do suco pancreático, reduzindo a quantidade de açúcares urinários. Pó dos frutos: 1 colher das de café em 1 xícara de água fervente, 4 vezes ao dia. Folhas: 4 folhas em 1 xícara de chá de água fervente 4 vezes ao dia. Do infuso e do decocto a 5% tomam-se de 2 a 3 xícaras ao dia; e do extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Os frutos contêm amido, tanino, ácido gálico resina fenólica e jambolol, além de gorduras derivadas dos ácidos palmítico, esteárico e oleico. Foram registrados ainda terpenos (-pireno, -pireno, limoneno), fitoesterol, ácido cinâmico, quercetina e o glicosídeo antimelina.

Toxicidade Não há registros.



JAPICANGA

Família

Smilacaceae

Nome Científico

Smilax brasiliensis Spreng

Sinonímia Vulgar

Japecanga, falsa-salsaparrilha.



JAPICANGA

Descrição É uma trepadeira sublenhosa com grande número de espinhos, muito comum nos cerrados de Minas Gerais. Folhas pecioladas simples, alternas, paralelinérveas curvinérveas, glabras, acuminadas, terminando em espinho, atingindo de 5 a 7 cm de comprimento. Flores esverdeadas, pequenas, axilares, abundantes, reunidas em corimbos. Frutos globosos.

Parte Usada Raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou extrato fluido.

Emprego Gonorreia, reumatismos, eczemas, afecções do aparelho genital feminino e como depurativo. Na China, seu uso foi considerado eficaz para 90% dos casos agudos de sífilis e 50% nos casos crônicos. Foi comprovada também sua eficácia no tratamento de lepra nos seres humanos. Do infuso e do decocto a 5%, tomam-se de 2 a 3 xícaras ao dia; e do extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Saponinas, esteroides, amido, matérias mucilaginosas e resinas.



JASMIM

Família

Oleaceae

Nome Científico

Jasminum sambac Soland.

Sinonímia Vulgar

Jasmim-sambac, bogari.

Sinonímia Científica

Mogorium sambac Lam.; *Nyctantethes sambac* L.



JASMIM

Descrição Arbusto trepadeira semiescandente de ramos longos, pubescentes enquanto novos, de 3 a 4 m de altura. Originário da Índia e Arábia. Folhas simples, inteiras em grupos de 3 curtamente pecioladas, membranosas, opostas, peninérveas, inteiras, acuminadas, de textura firme, pubescentes ou quase glabras. Inflorescências curtas de poucas flores em fascículos de flores brancas ou amarelas, muito aromáticas que, com o passar do tempo, ganham tons arroxeados. Corola de 6 a 7 pétalas unidas, formando um tubo. 2 estames livres. O fruto é uma baga preta sub-globosa. Multiplica-se por estacas. Cultivada em todo país como planta ornamental. E suas flores são usadas para extrair essência de alto valor na indústria.

Partes Usadas Folhas ou flores.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Doenças cardíacas. Excitante do sistema nervoso. Alivia dores de cabeça e é estimulante.



JATOBÁ

Família

Leguminosae (Caesalpinoideae)

Nome Científico

Hymenaea courbaril L.

Sinonímia Vulgar

Pão-de-ló-de-mico, jataipeba, jataí-amarelo, farinha, imbiúva, árvore-de-copal, jataí, jaté, jetaí, jitaí, lágrima.

Sinonímia Científica

Hymenaea animifera Strokes; *Hymenaea candolleana* Kunth;
Hymenaea multiflora Kleinhoonte; *Hymenaea resinifera* Salisb.;
Hymenaea retusa Willd. ex Hayne; *Hymenaea stilbocarpa*
Hayne; *Inga megacarpa* Jones



JATOBÁ

Descrição Árvore nativa do Brasil, de 15 a 20 m de altura de copa ampla e densa com tronco mais ou menos cilíndrico, podendo atingir 1 m de diâmetro. Folhas compostas bifoliadas, de folíolos coriáceos, de 6 a 14 cm de comprimento. Flores brancas, grandes, reunidas em inflorescências terminais. Os frutos são legumes curtos indeiscentes de até 13 cm de comprimento, de cor marrom escura, contendo de 3 a 8 sementes de cor marrom, envoltas por uma substância farinácea, com cheiro desagradável. Multiplica-se por sementes e prefere solos argilosos e úmidos.

Partes Usadas Casca do caule, fruto, seiva ou resina.

Formas Farmacêuticas Decocto, xarope, infuso, seiva, emplasto, unguento, melito ou no vinho.

Emprego Aperitivo, vermífugo, expectorante, antiespasmódica, estomáquico, adstringente, peitoral, tônico para o cérebro, antioxidante, laxativo, na asma, úlcera, diarreia, gripe, tosse, anemia e como antiinflamatório. O infuso e o decocto são preparados com 1 xícara das de café de casca, ramos mais velhos, tomando-se de 3 a 4 xícaras ao dia. Seiva: tomar de 2 a 3 colheres de resina antes das refeições. A polpa do fruto cozida e misturada ao leite quente e açúcar é indicada contra tosse, bronquite, asma e enfisema pulmonar.

Constituição Química Possui, em sua composição, terpenos e compostos fenólicos com propriedades antimicrobianas, antifúngicas, moluscicidas. Os compostos químicos são ácido copálico, brasilcopálico, flavonoides (astilbina, β -sitosterol, β -bourboneno, $\alpha\delta$ -cadineno, cariofileno, capaeno, cubebeno).

Interações Medicamentosas e Associações A raiz do jatobá pode ser associada ao braço-forte e ao cravinho- do-mato na impotência sexual.



JEQUIRI

Família

Solanaceae

Nome Científico

Solanum juciri Mart. ex Sendt.

Sinonímia Vulgar

Juciri, jiquiri, juquiri.



JEQUIRI

Descrição Planta escandente, podendo atingir vários metros de comprimento, com acúleos curvados. Folhas pecioladas, compostas de 3 a 4 pares de jugas, com acúleos nos pecíolos e limbos. Folíolos ovais ou lanceolados, pubescentes, acuminados, com nervuras peninérveas e de uma cor verde-clara. Inflorescência simples ou compostas do tipo cacho. Flores brancas, de corola afunilada com 5 estames e ovário súpero. Fruto inicialmente verde com listras amarelas, passando depois a amarelo com listras mais claras. Muitas sementes. Multiplica-se por sementes preferencialmente e por estacas. É cultivado por algumas pessoas que usam suas folhas como alimento.

Parte Usada Folhas.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego Amidalites ou como depurativo.



JILÓ

Família

Solanaceae

Nome Científico

Solanum gilo Raddi

Sinonímia Vulgar

Jiló.

Sinonímia Científica

Solanum racemiflorum Dun.; *Solanum gilo* Requier ex Dun.



JILÓ

Descrição Planta anual, provavelmente originada da África, herbácea, inerme, revestida de pelos flocosos e pálidos. Caule ereto, ramificado desde a base, podendo atingir até 1 metro de altura. Ramos alongados cilíndricos e verdes. Folhas alternas, pecioladas, pentalobadas, com lobos agudos, densamente tomentosas na página inferior. Flores creme, isoladas ou reunidas aos pares ou em feixes, curtos pedunculados. Quando as flores são fecundadas, este pedúnculo alonga-se até 5 cm de comprimento. Cálice com 5 sépalas, persistentes no fruto. Corola rotácea, com 5 pontas. Fruto baga ovoide ou piriforme de até 5 cm de diâmetro de cor vermelho-vivo quando completamente maduro. Sementes achatadas, redondas e amarelas. Multiplica-se por sementes em solos areno-argilosos com bastante matéria orgânica e fracamente ácidos.

Partes Usadas Fruto cozido ou ao natural

Formas Farmacêuticas Decocto, saladas e maceração no álcool ou cachaça.

Emprego O fruto cozido, em decocção ou salada, é utilizado nas úlceras do estômago, prisão de ventre, má digestão. Em maceração, no álcool ou cachaça, é usado para picada de insetos e aliviar dores da picada de escorpião.



JURUBEBA

Família

Solanaceae

Nome Científico

Solanum paniculatum L.

Sinonímia Vulgar

Jurubeba-verdadeira, jurupeba, juribeba.



JURUBEBA

Descrição Arbusto de até 3 m de altura, claro-tomentoso nas suas partes mais novas, aculeados, pouco recurvados, disseminados pelo caule, acerosos nas folhas. Ramos e folhas pilosos. Folhas inferiores solitárias e alternas, as superiores ligeiramente geminadas, ovais, 5-7 lobadas ou inteiras, aculeadas, pardo-tomentosas. Flores andróginas, regulares, quase rotáceas, azul-arroxeadas, em cimeiras laxas, muito ramificadas, multifloras, paniculiformes terminais, pedicelos secundários numerosos e reflexos. Cálice curto pentapartido, com lobos ovais, persistentes até o desenvolvimento do fruto. Corola 4 a 5 vezes maior, dividida acima do meio, exteriormente lanceolada. Estames iguais, retos, anteras lineares e amarelas. Ovário oval, redondo, glabro. Estilete reto, maior do que os estames, estigma capitado e clavado. Fruto baga regular, lisa, amarelada. Sementes oval-triangulares, cinzas.

Partes Usadas Raízes e fruto.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido e vinho.

Emprego Afecções hepáticas, colagogo, tônico, febrífugo, antiinflamatório, antipirético e na inapetência. Infuso e decocto: 20 g de raízes para 1 litro de água; 1 xícara após as refeições, podendo chegar a 5 xícaras ao dia. Vinho: usar 15 frutos de jurubeba cortados em 4 e deixar macerar por 7 dias no vinho tinto suave. Tomar um cálice às refeições. Antes das refeições é aperitivo, depois, é digestivo.

Constituição Química Apresenta sapogeninas, óleo essencial contendo tuiona, caliofineno, bisaboleno e vários azulenos, responsáveis pelo efeito antiinflamatório e antipirético. Princípios amargos, lactonas sesquiterpênicas, resinas (jurubina e jurubebina) matérias mucilaginosas e pécticas.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser combinado com compostos ferruginosos no tratamento da anemia.

Contraindicação Para crianças, devido à sua toxicidade. Não se recomenda o uso prolongado por causa da quantidade de alcaloides e esteroides que contém. Na gravidez, devido ao conteúdo de tuiona.

Toxicidade A tuiona pode causar convulsões quando ingerida em grandes quantidades.



JURUBEBA-FALSA

Família

Solanaceae

Nome Científico

Solanum asperolanatum Ruiz et Pav.

Sinonímia Vulgar

Jurubeba-de-flor-branca, jurubeba-amarela.



JURUBEBA-FALSA

Descrição Árvore pequena de 4 a 5 m de altura com espinhos de base achatada, ligeiramente curvos, de ápice agudo que ocorrem esparsamente ao longo do caule e dos ramos. Folhas com 1 a 2 espinhos no lado inferior dos pecíolos e, às vezes, sobre a nervura mediana na página dorsal da folha. Folhas e ramos novos com muitos pelos de cor ferrugínea. Folhas elípticas ou ovais de base assimétrica e com alguns lobos, podendo atingir de 10 a 22 cm de comprimento e 10 a 12 cm de largura. Inflorescência extra axilar em cimeiras bíparas de cimas escorpioides. Flores brancas com 5 lobos formando um tubo, corola gamopétala radiada. Androceu de 5 estames com anteras amarelas e de deiscência foraminal. Fruto baga globosa com muitas sementes. Sabor muito amargo. Reproduz-se por sementes e também por ramos que partem de suas raízes. É uma planta que vegeta nos terrenos baldios; pássaros e morcegos a disseminam por toda a parte.

Partes Usadas Frutos e raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso ou vinho.

Emprego Doenças do fígado e do baço, aperitivo, febrífugo, antidiabético. Infuso e decocto: 20 g de raízes para 1 litro de água; 1 xícara após as refeições, podendo chegar a 5 xícaras ao dia. Vinho: usar 15 frutos de jurubeba cortados em 4 e deixar macerar por sete dias no vinho tinto suave. Tomar um cálice às refeições. Antes das refeições é aperitivo, depois, é digestivo.



L⁵ABAÇA

Família

Polygonaceae

Nome Científico

Rumex obtusifolius L.

Sinonímia Vulgar

Labaça.

Sinonímia Científica

Rumex crispus L.; *Rumex obtusifolius* Ham ex Wall.; *Rumex obtusifolius* Fres ex Meisn.; *Rumex obtusifolius* Auct. ex Meisn.



LABAÇA

Descrição Espécie encontrada na Europa, América do Norte, Brasil e Ásia temperada, em lugares incultos. Erva com caule aéreo, ereto, ramoso, que pode atingir 1 m de altura, com raiz carnosa, estriada, fusiforme e amarela internamente. Espécie de porte pequeno, caracterizando-se por ter suas primeiras folhas obtusas, oval-lanceoladas, medindo até 15 cm de comprimento, cordiformes e longamente pecioladas e, as caulinares, curtamente pecioladas, com bordos ordinariamente ondulados, crenulados e hirsutos na face dorsal. Inflorescência em panículas. Flores unissexuadas verdes em verticilos que se tornam contíguos na parte terminal, pedúnculo sustentando cálice frutífero. Odor fraco, sabor adstringente, algumas vezes amargo.

Partes Usadas Folhas, sumo e raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido, tintura, creme, elixir, vinho e xarope.

Emprego As folhas são comestíveis. A raiz é tônica, antiescorbútica, depurativa, ligeiramente purgativa e vomitiva. Aconselhado o uso interno nas afecções cutâneas e como antifebril, e externamente, nos ingurgitamentos glandulares, glanglionares. Tônico, usado para anemia. Largamente usada para doenças da pele (úlceras e dermatoses). Amassa-se a raiz e faz-se o seu decocto em ½ copo de água (pode ser acrescentado ao açúcar). Para os adultos, tomar 1 colher de sopa 3 vezes ao dia. Para crianças, 1 colher das de sobremesa 3 vezes ao dia. A manipulação da planta deverá ser feita com a planta dessecada.

Constituição Química Substâncias antraquinônicas (ácido crisofânico, emodina e seu éster monometílico), oxalatos e ácido lapatínico, tanino, açúcar, resinas, ferro, fósforo, heterosídeos e matérias corantes.

Toxicidade Semelhante à da azedinha. Dermatite de contato.



LÁGRIMA-DE-NOSSA-SENHORA

Família

Poaceae (Gramineae)

Nome Científico

Coix lacryma-jobi L.

Sinonímia Vulgar

Conta-de-lágrima, lágrimas-de-jó, lágrimas-de-cristo.

Sinonímia Científica

Coix lacryma L.; *Coix agrestes* Lour; *Coix arundinacea* Lam.;
Coix exaltata Jacq.; *Coix ovata* Stokes; *Coix pendula* Salisb.;
Lithagrostis lacryma-jobi (L.) Gaertn.; *Sphaerium lacryma* (L.)
Kuntze



LÁGRIMA-DE-NOSSA-SENHORA

Descrição Raiz fasciculada. Caule aéreo, colmo oco, podendo atingir 2 metros de altura. Folhas sésseis, ensiformes, serrilhadas, acuminadas, de nervuras paralelinérvea-retinérveas. As folhas da base podem atingir 80 centímetros. Inflorescência em espigas, partindo do caule, sendo que as masculinas saem de dentro de duas brácteas córneas, de cor cinza ou parda, contendo internamente o ovário. Os estigmas de cor violeta são bífidos e saem também da perfuração das brácteas. Essas brácteas endurecem com a maturação do fruto. Os frutos são feculentos e utilizados para confecção artesanal de rosários e colares

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso e decocto.

Emprego Diurético nas doenças renais, nas cólicas menstruais e na asma. Externamente, em banho contra reumatismos e inchações. Torrar algumas contas socar e moer, fazer o chá com 2 colheres das de sopa para cada xícara de água (de chá). Tomar 4 colheres das de sopa por dia, para combater a asma.



LARANJA-AMARGA

Família

Rutaceae

Nome Científico

Citrus aurantium var. *amara* L.

Sinonímia Vulgar

Laranjeira, laranja-de-fazer-doce, laranja-da-terra, laranja-azedo, laranja-cavalo.

Sinonímia Científica

Citrus vulgaris Risso; *Citrus bigaradia* Dub.;
Aurantium acre Mill.; *Citrus hystrix* H. Perrier



LARANJA-AMARGA

Descrição Pequena árvore de folhas alternas persistentes, elípticas, agudas, crenadas, de nervura mediana saliente, pecíolo dilatado e alado, com numerosos espinhos. Flores alvas de odor forte e agradável, dispostas em cimeiras, hermafroditas. Cálice gamossépalo e com 5 dentes agudos. Corola com 5 peças alternas, sésseis, alongadas, elípticas, obtusas e repletas de vesículas transparentes. Estames numerosos, curtos, dispostos em um disco hipógino anular, carnoso, de filetes concrecidos até certa altura e livres na parte superior, sustentando uma antera bilocular. Ovário livre, inserido sobre um disco, com 8 a 10 lojas, contendo cada uma certo número de óvulos anátropos. Estilete cilíndrico, com estigma globoso. Fruto baga hesperídica. Sementes com tegumento piloso. A laranja se reproduz por sementes em temperaturas variáveis de 23 a 32°C, mas podem também ser feitos enxertos em variedades de crescimento rápido. O solo deve ser profundo e permeável, de preferência latossolos. Encontramos várias espécies de laranja que são utilizadas como medicinal: laranja-lima, laranja-pera, tangerina-cravo, mexerica-do-rio, tangerina ponkan, tangor murcott.

Parte Usada Epicarpo.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, xarope e água.

Emprego Estomacal, carminativo, edulcorante, febrífuga, antirreumática, antisséptica, antiescorbútica, prisão de ventre e taquicardia. A protopectina tem ação coloidal com absorção de substâncias tóxicas. O infuso e o decocto a 4% tomam-se de 2 a 3 xícaras ao dia; o extrato fluido, de 2 a 8 ml ao dia; e a água, de 50 a 200 ml ao dia. A manipulação da planta deverá ser feita com a planta dessecada.

Constituição Química Óleo essencial (cital, mirceno, pineno-dextrógero, cis e trans- β -ocimeno, para-cimeno, limoneno), álcoois monoterpênicos (linalol, α -terpineol, nerol, geraniol, citronelol), acetatos de geranilo (nerilo, citronelilo, linalino, aldeídos, cumarinas, furanocumarinas voláteis), aminas (sinefrina, N-metil-tiramina, hordenina, octopamina e tiramina), flavonoides (diosmina, herperidina e rutina- muito utilizada pela indústria farmacêutica), princípios amargos e outros compostos como ácidos orgânicos, pectinas, resinas e açúcares. Vitaminas (A, B2, C e Niacina). Minerais: K, Fe, Si, Mg e Ca. Protopectina.

Contraindicação Pacientes com úlceras estomacais ou intestinais, devido ao seu efeito tônico no trato gastrintestinal. Em terapia com luz ultravioleta, por causa de seu efeito fotossensibilizante. Não foi estudada ainda sua contraindicação na gravidez e na lactação.

Interações Medicamentosas e Associações Seu efeito estimulante pode ser somado ao da efedrina nos descongestionantes. Adicionados às drogas que contêm felodipina aumentam seus níveis séricos, e aos antidepressivos teoricamente poderão provocar uma crise de hipertensão. Pode ser associada à losna, à genciana e também à quina. Faz parte da água inglesa.

Toxicidade Em contato com a pele, pode causar lesões de cor escura devido à fotossensibilidade provocada pela presença das furanocumarinas. É considerada segura na forma de óleo, extrato e óleo resina, exceto em quantidades excessivas.



LARANJEIRA

Família

Rutaceae

Nome Científico

Citrus aurantium L.

Sinonímia Vulgar

Laranja.



LARANJEIRA

Descrição Árvore grande, originária da Ásia meridional, muito rústica, copa cônica e compacta. Folhas ovais ou oblongas, com pecíolo ligeiramente alado. Flores axilares em cachos de 1 a 6 flores, brancas, de perfume suave. Cálice em forma de taça com 4 a 5 sépalas. Fruto esferoidal de coloração alaranjada-clara a avermelhada, casca lisa, polpa succulenta ácido-adocicada. Sementes numerosas oblongo-ovais, plano convexas geralmente largas em cunha ou afilada. Multiplica-se por sementes. Para que frutifique mais depressa, enxerta-se sobre um “cavalo”. Adaptou-se muito bem no Brasil e prefere solos arenosos ou sílico-argilosos. Não suporta geadas fortes.

Partes Usadas Folhas ou flores. Epicarpo fresco

Formas Farmacêuticas Decocto, alcoolatura, alcoolato e extratos fluidos compostos.

Emprego Tétano, gripes, como expectorante, calmante e nas cefalalgias. A protopectina tem ação coloidal com absorção de substâncias tóxicas.

Constituição Química Ácido hesperídico, ácido aurântico, ácido isoheperídico, furanocumarinas, óleo essencial (citrinal, citronelal, limoneno e linalol), hesperidina, protopectina.

Interações Medicamentosas e Associações Entra na composição de espírito de limão composto e extrato fluido de cáscara sagrada da Farmacopeia Brasileira. Seu efeito estimulante pode ser somado ao da efedrina nos descongestionantes. Adicionados às drogas que contêm felodipina aumentam seus níveis séricos, e aos antidepressivos teoricamente poderão provocar uma crise de hipertensão. Pode ser associada à losna, à genciana e também à quina. Faz parte da água inglesa.

Contraindicação Pacientes com úlceras estomacais ou intestinais, devido ao seu efeito tônico no trato gastrintestinal. Em terapia com luz ultravioleta, por causa de seu efeito fotossensibilizante. Em traqueoarritmias, glaucoma de ângulo estreito. Não foi estudada ainda sua contra-indicação na gravidez e na lactação.

Toxicidade Em contato com a pele, pode causar lesões de cor escura devido à fotossensibilidade provocada pela presença das furanocumarinas. É considerada segura na forma de óleo, extrato e óleo resina, exceto em quantidades excessivas.



LEVANTE

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Mentha sylvestris L.

Sinonímia Vulgar

Hortelã-selvagem, alevante, hortelã-da-amazônia.



LEVANTE

Descrição Planta originária da Europa, vegetando desde as Ilhas Britânicas até o Cáucaso. Erva rasteira de raiz principal, formando maciços. Caule ereto, cotonoso, esbranquiçado. Folhas sésseis ou quase sésseis, lanceoladas ou oblongas, pubescentes ou tomentosas por cima, e face abaxial alvo-tomentosa. Inflorescência em espiga terminal, cilíndrico-cônicas, compactas ou com falhas na base. Cálice viloso-tomentoso, corola pequena violácea. Em Minas Gerais, são cultivadas 2 variedades: a do caule roxo e a do caule verde.

Partes Usadas Folhas e sumidade florida.

Formas Farmacêuticas Decocto, infuso, sumo e óleo essencial.

Emprego Gripes e resfriados, como expectorante e vermífuga, na hepatite e na afonia, tendo sido citada também para angina.

Constituição Química Óleo essencial contendo mentol, fenol e pulejol.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associado ao sabugueiro.

Contraindicação Pessoas que possuam cálculos biliares.

Toxicidade O mentol, isolado do óleo essencial, pode provocar dispneia e asfixia em lactentes.



LICOPÓDIO

Família

Lycopodiaceae

Nome Científico

Lycopodium clavatum L.

Sinonímia Vulgar

Pé-de-lobo, enxofre-vegetal, pó-de-licopódio.



LICOPÓDIO

Descrição Semelhante a um musgo gigantesco, com caule rasteiro e ereto, até 1 m de comprimento. Dos caules brotam ramos dicotômicos de mais de 1/2 palmo de comprimento. Tanto o caule principal como as ramificações são cobertas de pequeninas folhas e em toda a sua periferia. Nas extremidades das ramificações surgem os suportes que sustentam o aparelho esporífero em forma de espigas, recobertas por folhas ainda menores e diferentes das caulinares. Os esporângios por maturação, em grande quantidade, soltam os esporos tetraédricos.

Partes Usadas Esporos ou a planta inteira.

Formas Farmacêuticas Pó e decocto.

Emprego A planta inteira é usada como diurético e empregada no combate aos catarros das vias urinárias, em forma de decocto (30 g/l) e bebendo-se como água. Externamente, usa-se o pó como forma de talco, para impedir assaduras e irritações da pele, após o banho, principalmente em pessoas obesas. Era também muito usado para envolver pílulas, a fim de se evitar alguma aderência.

Constituição Química Óleos graxos, ácido fosfórico e minerais (cálcio, potássio, magnésio, alumínio, ferro e traços de manganês). Ácido mirístico, metilalanina.



LIMOEIRO

Família

Rutaceae

Nome Científico

Citrus limon (L.) Burman F.

Sinonímia Vulgar

Limão, limão-galego

Sinonímia Científica

Citrus limonum Risso; *Citrus limonelloides* Hayata; *Citrus medica* var. *limon* L.



LIMOEIRO

Descrição Arbusto de 3 a 4 m de altura, ramificado, cujos brotos novos e botões são vermelhos. São, muitas vezes, munidos de espinhos axilares. As folhas são alternas, inteiras, ovais, agudas, de bordos crenados, de um verde um pouco amarelado, com pontuações translúcidas e pecíolo não alado. Flores brancas ou róseas, muito perfumadas. Cálice com 5 divisões. Corola de 5 pétalas sésseis e cheirosas. Estames muito numerosos, de filetes curtos e unidos em feixes na base, livres na parte superior. Ovário livre, sobre um disco, com 10 a 20 lojas, multiovulados. Estilete curto, espesso e cônico. O fruto varia entre o verde e o amarelo característico, cuja superfície é lisa ou rugosa, dependendo da variedade. Sua polpa é succulenta, ácida, amarelada e com poucas sementes. O limoeiro é cultivado em quase todas as regiões, porém é originário da Índia.

Partes Usadas Frutos, cascas do fruto, folhas.

Formas Farmacêuticas Sumo, espírito e decocto.

Emprego Antiescorbuto, afecções das vias respiratórias, distúrbios intestinais. A protopectina tem ação coloidal com absorção de substâncias tóxicas. Gripes, rouquidão, bronquites, furunculoses e como aperitivo ou refresco.

Constituição Química A casca contém óleo essencial (constituído principalmente de citral, limoneno, felandreno, citronelal, linalol, acetato de geranilo e linalina), terpeno, cimeno, hidrocarboneto, essência de terebentina, hesperidina, furanocumarina, ácido cítrico, vitamina C. Fontes de pectinas e flavonoides. No pericarpo encontram-se heterosídeos (hesperosídeos, narigosídeos, eriodiosídeo) e outros heterosídeos (diosmina e rutosídeo).

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associado à laranja e à melissa.

Toxicidade Em contato com a pele, pode causar lesões de cor escura devido à fotossensibilidade provocada pela presença das furanocumarinas. É considerada segura na forma de óleo, extrato e óleo resina, exceto em quantidades excessivas.



LÍNGUA-DE-VACA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Chaptalia nutans (L.) Polak.

Sinonímia Vulgar

Língua-de-boi.

Sinonímia Científica

Chaptalia nutans Hemsl.



LÍNGUA-DE-VACA

Descrição Erva perene, com raiz primária muito curta e raízes secundárias fibrosas e longas. Folhas rosuladas, tomentosas no dorso, glabras na página ventral, espatuladas, liradas, com lobo terminal bem desenvolvido, sinuado, denteado e os lobos laterais largos obtusos e denteados, atenuados na base em pseudopecíolo. Escapo tomentoso com 10 a 40 cm de comprimento sem brácteas. Capítulo com involução, campanulado, com 15 mm de comprimento, brácteas involucrais, lineares, lanceoladas, agudas, tomentosas no dorso. Flores numerosas de três tipos: as primeiras são as marginais femininas liguladas, com lígula curta; as do segundo tipo são femininas, de corola tubulosa muito reduzidas com estilete longamente exserto e as do terceiro tipo são centrais, hermafroditas com corola bilabiada. Aquênio fusiforme longamente rostrado, pappus branco, formado por numerosos pelos simples. Espécie amplamente distribuída por toda América Tropical.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Decocto ou infuso.

Emprego É usada como resolutivo, desobstruinte, balsâmico, anticatarral, nas gripes, contra insônia, cefalalgias e erupções cutâneas.



LINHO

Família

Linaceae

Nome Científico

Linum usitatissimum L.

Sinonímia Vulgar

Linhaça.

Sinonímia Científica

Linum usitatissimum Griseb; *Linum humile*



LINHO

Descrição Vegetal oriundo da Europa e Ásia, cultivado na América e África, preferindo as regiões temperadas e subtropicais. Planta anual que pode atingir até 60 cm de comprimento, com folhas alternas, lanceoladas, lineares. Flores azuis, diperiantadas; tanto o cálice como a corola são constituídos de 5 peças. Estames em número de 10, sendo 5 férteis e 5 estéreis, hipóginos. Gineceu pentacarpelar, ovário pentalocular, tendo cada um 2 óvulos. Fruto com semente ovoide, oblongo-lanceolada, provida de albúmem, brilhante e de cor escura. Mede de 4 a 6 mm de comprimento e 2 a 3 mm de largura. Na porção mais afilada possui uma cicatriz pequena que é a micrópila, o hilo está logo abaixo e a hafe é uma linha mais alongada que atravessa quase toda a semente.

Parte Usada Sementes.

Formas Farmacêuticas Linimento, emplastro, pó e óleo.

Emprego Emoliente. O linho entra na preparação de diversos linimentos, emplastos e na preparação de óleos para pinturas como secativo. Sua torta é usada para adubo orgânico e alimentação de animais. Atualmente vem sendo usado como fonte de fibra, bastando 1 colher das de café por dia para regularizar o intestino. O infuso de sua semente, 30 g por litro, é usado nas inflamações digestivas e urinárias, tomando-se de 2 a 3 xícaras por dia. O linho é usado para diminuir a aterosclerose e hipercolesterolemia, prevenção de câncer, doenças renais crônicas, constipação e diabetes.

Constituição Química Ácidos graxos essenciais polinsaturados são seus principais compostos oleico, linolênico, cis-linoleico, α -linoleico, palmítico, esteárico, mirístico e aracdônico, mucilagens, pectinas, pró-vitamina A, B, D, E; fitosteróis, lininas, cera, resina.

Interações Medicamentosas e Associações Possível redução do efeito de drogas orais, devida à absorção pela mucilagem. O uso com anticoagulantes e drogas que aumentam o risco de hemorragia pode diminuir a agregação de plaquetas. Em caso de terapia de reposição hormonal e uso de agentes orais hipoglicemiantes, pode alterar o metabolismo de hormônios endógenos como também aumentar prolactina no sangue de mulheres após a menopausa. A linhaça diminui em 27% a glicose pós-prandial e, portanto, os níveis de glicose devem ser monitorados no uso concomitantes com insulina ou hipoglicemiantes orais.

Contraindicação Em feridas abertas, pode haver aderência e retenção das sementes nas feridas. Obstruções intestinais. Inflamações agudas do esôfago, do estômago ou intestinos, podendo resultar em obstrução alimentar. Contraindicado nas anemias, osteoporoses e deficiências minerais crônicas por reduzir absorção de íons positivos de ferro e cálcio com os quais faz ligação. Também em casos de hemorragia, prolactina aumentada e hipocalcemia e íleo paralítico.

Toxicidade Pode diminuir o zinco do organismo e aumentar triglicérides no sangue. Pode haver resposta alérgica, flatulência e aumento da frequência dos movimentos peristálticos. A semente, depois de triturada, deve ser conservada em geladeira ou freezer, para prevenir oxidação dos óleos. As sementes liberam ácido cianídrico quando expostas à água.



LÍRIO-BRANCO

Família

Liliaceae

Nome Científico

Lilium candidum L.

Sinonímia Vulgar

Lírio-japonês, lírio-trombeta, lírio, açucena.

Sinonímia Científica

Lilium longiflorum Thunb.



LÍRIO-BRANCO

Descrição Herbácea, bulbosa, ereta, não ramificada. Originária da China. De 40 cm a 1,20 m de altura com folhas ao longo da haste, decrescentes, verticais, serosas e espessas. Flores terminais, grandes, branco-serosas em forma de trombeta com aroma característico. São produzidas geralmente em outubro-novembro e comercializadas como flores de corte, principalmente em Finados. Há diversas variedades caracterizadas pelo crescimento compacto ou pelo número de flores. Fruto tricarpelar, trilocular, de deiscência ventricida e numerosas sementes. Cultivadas em canteiros a pleno sol, em solos esterçados, permeáveis e úmidos; após o florescimento, a folhagem decai e os bulbos são retirados da terra, limpos e plantados novamente no outono.

Partes Usadas Bulbos e flores.

Formas Farmacêuticas Cataplasma.

Emprego Assado e macerado, o bulbo se aplica em cataplasma contra abscessos, furúnculos e contusões. As flores secas, desprovidas dos estames e aquecidas em azeite de oliva, são empregadas contra queimadura, úlcera, eczemas e rachaduras da pele.

Constituição Química Antocianinas. O bulbo contém óleo essencial.



LÍRIO-DO-BREJO

Família

Zingiberaceae

Nome Científico

Hedychium coronarium Koen.

Sinonímia Vulgar

Marianeira, lágrima-de-moça, borboleta, lágrima-de-vênus, jasmim-borboleta.



LÍRIO-DO-BREJO

Descrição Planta herbácea, originária da Ásia Tropical, rizomatosa, atingindo até 2,5 m de altura. Muito comum em lugares brejosos de Minas Gerais, especialmente nos riachos da Serra da Piedade. Folhas sésseis, lanceoladas, atenuadas e acuminadas no ápice de base angustada, glabra na página ventral, com dorso e bainha pubescente com lâmina (lígula muito desenvolvida, com até 6 cm de comprimento). Inflorescência terminal, racemosa, de flores grandes, brancas, de corola trímera. Do gineceu de 3 carpelos e ovário ínfero parte um estigma e um estilete que passa no centro da antera de um único estame. Floresce durante todo o ano. Multiplica-se por divisão de touceira desenvolvendo-se a pleno sol em solos ricos em matéria orgânica.

Parte Usada Rizoma.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego Bronquite e asma. Os sesquiterpenos isolados apresentaram atividades antialérgicas inibindo a produção de uma enzima que altera a permeabilidade de células vasculares.

Constituição Química Óleo essencial constituído de 1,8-cineol, cânfora, α -mirceno, (-)-cariofileno óxido, curzerenona, (Z)-1,3-pentadieno, 3,5-dimetil-fenol, eucaliptol, triterpenos labdano e sesquiterpenos furânicos (hedychiol A e 8-9 diacetato de hedychiol) diterpenos labdônicos.



LOBEIRA

Família

Solanaceae

Nome Científico

Solanum lycocarpum St. Hil.

Sinonímia Vulgar

Fruta-de-lobo, jurubeba-de-boi, capoeira-branca, jurubebão, berinjela-do-mato, baba-de-boi.



LOBEIRA

Descrição Arbusto grande ou pequeno, árvore de 3 a 5 m de altura, dotada de copa arredonda e aberta, com espinhos grandes nos ramos. Nativa em áreas de cerrado. Folhas pecioladas, simples, alternas, coriáceas, branco-tomentosas na face inferior, de margem lobada, de 16 a 18 cm de comprimento e armadas. Corola roxa, tubulosa, pentâmera, hexâmera, com 5 a 6 estames, de deiscência poricida. Gineceu bicarpelar, carnoso, verde, com manchas amarelas desenvolvendo um fruto de 8 a 13 cm de diâmetro, contendo polpa carnosa, com muitas sementes. Multiplica-se por sementes, mas pode rebrotar a partir das raízes, quando cortada, o que a torna uma planta daninha em pastagens implantadas em antigas áreas de cerrado.

Partes Usadas Flores, frutos e raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, xarope, decocto, sumo e amido do fruto.

Emprego Gripes, bronquites, cefalalgias, dores de garganta e coqueluches. O chá das folhas é indicado contra afecções das vias urinárias e renais, espasmos e epilepsia, e, também, contra hemorroidas. O sumo dos frutos é aplicado externamente para eliminação de verrugas. O amido dos frutos é utilizado para tratamento da diabete. Como emoliente e antirreumática, preparar 1 xícara das de chá de folhas picadas para 1 litro de água e aplicar nos locais afetados 4 vezes ao dia por 10 minutos. Nas bronquites e dores de garganta, macerar 1 xícara das de chá de rodela de frutos e flores em ½ litro de água fervente, deixar repousar por 12 horas, coar e preparar o xarope. Tomar de 5 a 6 colheres das de sopa ao dia. Pessoas com diabete devem usar o fruto quase maduro, ralado, deixar depositar o amido e tomar 2 colheres das de chá após as refeições.

Constituição Química Foram identificados compostos como salamargina e solasonina. No fruto maduro, encontram-se pectina, açúcares e baixo teor de fenóis.

Interações Medicamentosas e Associações Suas flores são usadas no xarope de mamão, juntamente com flores de camará, violeta e mamão-macho, contra broquites e asma.

Toxicidade Estudos em ratos, com extrato aquoso preparado com seus frutos, sugerem um efeito tóxico sobre o sistema reprodutivo masculino, contudo sem indicação aparente sobre a fertilidade.



LOSNA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Artemisia absinthium L.

Sinonímia Vulgar

Artemísia, absinto, erva-dos-vermes, losna-maior, erva-santa, asinto, alumina, alvina, amargosa, citronela-maior, vermute.



LOSNA

Descrição Planta herbácea, vivaz, rizoma lenhoso, com ramificações aéreas, cilíndricas, umas só trazem folhas, outras somente flores e folhas. Folhas alternas, ovais, as inferiores longamente pecioladas, tripartidas, com lobos incisos. As folhas da parte superior são pinatifidas, inteiras, e as medianas são bipinatifidas com pecíolo mais curto. Todas de cor verde-esbranquiçadas, pubescentes, brancas por cima e cinzas por baixo, odor particular. Flores dispostas na parte superior dos ramos em cachos piramidais de capítulos, arqueados, inclinados com pedicelos curtos e acompanhados de brácteas inteiras ou trilineares, obtusas e de bordos escariosos. Receptáculo convexo, piloso e esbranquiçado ou amarelado. Capítulo heterogêneo. Cálice nulo e corola tubulosa e estreita e bilobada no ápice. Ovário ínfero unilocular e óvulo anátropo. Estilete ramoso, cilíndrico, enrolado sobre si. Fruto aquênio desprovido de coroa. Semente ereta e sem albúmem. Flores centrais hermafroditas, tubulosas, esbranquiçadas, com 5 lobos no ápice, agudos, curtos e com 5 estames inclusos, com filetes e anteras conatas, biloculares. Estilete passando no centro do tubo estaminal e análogo ao da flor feminina. Multiplica-se por ponteiros ou divisão de touceiras em solos pobres e secos.

Partes Usadas Folhas ou sumidade florida.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, xarope ou macerado.

Emprego Antiespasmódica, emenagoga, antiemética. É usada também contra problemas de estômago e fígado ou como vermífuga, contra as solitárias, os oxiúros e na esquistossomose. As folhas e as sumidades floridas secas em infusão, na dose de 50 g/l, são digestivas, estimulantes, tônicas e febrífugas. Maceração: 1 folha fresca picada e triturada em 1/2 copo de água fria, deixar por 15 minutos e tomar. Como vermífuga, usar de 2 a 3 g ao dia sem ultrapassar 10 dias.

Constituição Química Tuiona, compostos mono e sesquiterpênicos, compostos azulênicos, óleo essencial (absintina, boneol), resinas, tanino, ácidos clorogênico, málico, succínico, tânico, palmítico, nicotínico, tuiônico, isovaleriânico, cafeico e nitratos. Tuiol, pró-azuleno, felandreno. Aminoácidos, vitaminas B6 e C e flavonoides.

Interações Medicamentosas e Associações É incompatível com sais de ferro, zinco e chumbo, devido aos taninos que ela contém. Não se deve adoçar o chá, pois o açúcar e o princípio amargo são incompatíveis. O extrato pode ser hepatoprotetor contra os efeitos do paracetamol. O alto conteúdo de tanino pode provocar a precipitação de alcaloides. O extrato da planta aumentou o tempo de sono do pentabarbital em camundongos.

Contraindicação Hipersensibilidade aos óleos essenciais. Não usar em pacientes com epilepsia, doença de Parkinson, hepatopatias e dispepsias hipersecretoras. Na gravidez, devido ao conteúdo de tuiona, e em pessoas com úlceras, por causa da irritação do trato gastrointestinal. O uso prolongado do óleo essencial e extratos alcoólicos, devido aos efeitos tóxicos da tuiona. Não deve ser usado em quem está fazendo tratamento de radioatividade.

Toxicidade Não deve ser usada na gravidez, pois exerce forte ação sobre o útero, podendo causar aborto. Lactantes e crianças com menos de 10 anos. A losna contém um óleo essencial que, ingerido em doses elevadas, é um veneno que causa convulsões tetânicas, perturbações psíquicas e alucinações e, por isso, o seu licor foi proibido em vários países. A planta fresca pode provocar dermatite de contato. Pode causar dor de cabeça, tremores, agitação, dormência, inquietação, falência renal, constipação, vertigem e vômitos. Pode ser considerada segura como flavorizante, isento de tuiona.



L LOUREIRO

Família

Lauraceae

Nome Científico

Laurus nobilis L.

Sinonímia Vulgar

Loureiro-de-presunto, loureiro-de-apollo, loureiro-dos-poetas, louro-comum.

Sinonímia Científica

Laurus nobilis Cav.



LOUREIRO

Descrição Oriundo da Ásia menor, espontâneo na Grécia, Síria e sul da Europa. Cultivado em muitos países, inclusive o Brasil. Árvore de folhas alternas, inteiras, imbricadas, flores masculinas com 12 estames de anteras biloculares, basifixas, de deiscências valvares. Flores femininas com ovário súpero unilocular, uniovulado. Estilete simples. Fruto baga. Multiplica-se por enxertia, alporquia ou mergulhia. Em climas muito quentes, requer meia sombra.

Parte Usada Fruto.

Formas Farmacêuticas Extrato fluido, decocto, xarope, tintura e infuso.

Emprego Estimulante e resolutivo. Antisséptico e irritante é também usado na medicina veterinária. Para uso interno, recomenda-se macerar em vinho tinto 30 g por litro, deixar 9 dias e tomar 3 xícaras ao dia, para amenorreia. No infuso, usar 2 folhas em 1 xícara de água, adoçar e tomar quente à noite. O fruto, macerado em azeite por alguns dias, pode ser usado em massagens contra reumatismo.

Constituição Química As folhas secas de loureiro possuem óleo essencial, sendo o cineol na maior proporção e, ainda, eugenol, pineno, ácidos orgânicos (acético, isobutírico, valeriânico); terpineno, sesquiterpênico.

Interações Medicamentosas e Associações O β -mirceno do óleo essencial pode atuar em certas enzimas, diminuindo o nível no sangue das drogas metabolizadas por elas.

Contraindicação Para mulheres grávidas. Não deve ser usado por pessoas com alergia ao loureiro. O óleo pode provocar dermatite.

Toxicidade A folha do loureiro pode perfurar o trato gastrointestinal devido à sua consistência rígida. É seguro usá-lo como tempero em pó, óleo, extrato e óleo-resina.



MACAÉ

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Leonurus sibiricus L.

Sinonímia Vulgar

Hisopo, marianeira, mané-turé, mata-pasto, bico-de-urubu, pasto-de-abelha, mariquetinha, mané-magro, santo-cílio, manjuliana, porrete, amor-deixado, erva-das-lavadeiras, marimbondo, rubim, cardíaca, agripalma, cordão-de-frade, cauda-de-leão.

Sinonímia Científica

Leonurus sibiricus Schinq.; *Leonorus tataricus* Burm.; *Panzeria multifida* Moench.; *Stachys artemisiae* Lour; *Leonurus multifidus* Desf.; *Leonurus manshuricus* Yabe; *Leonurus sibiricus* var. *grandiflora* Benth.



MACAÉ

Descrição Planta de caule herbáceo, duro, ereto, ramoso, de até 2 m de altura. Ramos tetragonais, sulcados, glabros ou pubescentes. Folhas longamente pecioladas, sendo as inferiores subarredondadas e as superiores (pinati ou palmati) partidas, em 3 lacínios lineares, obtusas, verdes na parte superior e pálidas e pubescentes na inferior. Brácteas numerosas, subuladas, de vértice com espinhos, quase do mesmo tamanho do cálice. 5 sépalas turbinadas, glabras ou tomentosas. Corola rubra, externamente pubescente, quase do tamanho do cálice, com o tubo internamente pubescente, incluso, curvo, completamente nu. Lábio superior arqueado trifido, com os lobos laterais oblongos, estreitos e reflexos e o médio patente e lábio inferior quase reto. Estames 4, paralelamente aproximados, os inferiores mais longo-retorcidos. Filetes simples e nus. Anteras com 10 lojas subdivergentes. Gineceu bicarpelar, gamocarpelar, ovário súpero, estilete ginobásico e estigma bifido. Inflorescência em fascículos axilares.

Partes Usadas Folhas, sumidades floridas ou todo o vegetal.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido e principalmente maceração.

Emprego Aromático, amargo, estomacal. O decocto da planta inteira é usado como antigripal, estomacal, digestivo, curando ainda febrile, hemorroidas e traumatismos. Externamente em fricções, é empregado nos reumatismos. O infuso e o decocto a 3% tomam-se de 2 a 3 xícaras ao dia; o extrato fluido, de 1 a 6 ml ao dia; e a água de 50 a 200 ml ao dia. A maceração é preparada com 4 folhas do macaé em um copo d'água, trituradas com as mãos, à temperatura ambiente.

Constituição Química Nas folhas foram encontrados os seguintes flavonoides: quercetina-O-β-D-glicopiranosídeo e 3-O-β-D-galactopiranosídeo e as seguintes flavonas: genkiwainina e 3-hidroxi-genkiwainina e ainda os ácidos gálico e clorogênico. No óleo essencial os seguintes sesquiterpenos: trans-cariofileno e α-humuleno germacreno, γ-cadineno, β-bourboreno. Foi isolado ainda um alcaloide, a estaquidrina; diterpenos e furanolactonas.

Interações Medicamentosas e Associações No caso de Leonurus cardíaca, o alto conteúdo de tanino pode causar a precipitação de alcaloides.

Contraindicação No gênero Leonurus, mas não para o macaé, há contraindicação no caso de gravidez, hemorragias, câncer de mama e também casos de câncer de mama na família. Na lactação e para crianças, a contraindicação não foi estabelecida.



MACELA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Achyrocline satureoides (Lam.) DC.

Sinonímia Vulgar

Macela-do-campo, marcela, marcela-amarela, camomila-nacional.

Sinonímia Científica

Gnaphalium satureoides Lam.; *Gnaphalium candicans* Kunth;
Achyrocline candicans (Kunth) DC.; *Achyrocline flaccida* DC.



MACELA

Descrição Erva perene, ereta, até 1,50 m de altura, caule cilíndrico e com ramos ascendentes. Folhas distantes, sésseis, lineares, longas, inteiras. A corola da flor feminina é filiforme, de vértice denteado e a da flor hermafrodita é regular, tubulosa, de limbo estreito e dentes lanceolados. Flores amarelas, do cheiro particular, sabor amargo e aromático, reunidas em capítulos discoides com 5 a 6 flores, heterogâmicas, agrupadas em glomérulos paniculados. Invólucro cilíndrico, com brácteas amarelo-pardas, estreitas, escariosas multisseriadas, sendo as internas lanceoladas e as externas menores e oblongas. O receptáculo é pequeno e desnudo. Anteras sagitadas na base. Ovário ínfero, estilete longo e truncado. Fruto aquênio obovoide, glabro, brúneo, papiloso. Pappus alvo, unisseriado, com 20 cerdas ciliadas. Sua reprodução é feita por sementes, quando os capítulos mudam de cor pelo amadurecimento. É difícil de ser cultivada, ocorrendo em campos de altitude, em áreas abertas.

Parte Usada Flores.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura e extrato fluido.

Emprego Tônica, amarga, sudorífera, estomacal. É usada ainda como analgésica, antimicrobiana, antirreumática, antiemética, antiinflamatória, febrífuga, hipoglicemia, diabete e desordens menstruais. Infuso: 10 g de flores por litro, tomar 1 xícara de 3 a 4 vezes ao dia, preferencialmente após as refeições, como digestivo.

Constituição Química Flavonoides (quercetina, luteolina, galangina, isognafalina), ésteres de calerianina com o ácido cafeico e ácido protocatéquico, óleo essencial, saponinas triterpênicas.

Interações Medicamentosas e Associações Pode levar à hipoglicemia em pessoas que fazem uso de insulina, e, portanto, seu uso deve ser monitorado. Pode ser associada à camomila (*Matricaria recutita*) como antiespasmódica nos distúrbios digestivos. O uso de cápsulas, chás ou tinturas de macela pode potencializar o efeito de barbitúricos e sedativos.

Toxicidade Quando usada em doses terapêuticas não causa efeitos colaterais.



MACELÃO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Achillea millefolium L.

Sinonímia Vulgar

Mil-em-rama, mil-folhas, mil-homens, sabugueirinho, novalgina.

Sinonímia Científica

Achillea millefolium Ledeb.



MACELÃO

Descrição Planta herbácea originária da Europa, sul da Austrália, norte da Ásia e, também, da América do Norte. Planta perene, rizomatosa, entouceirada, de 30 a 50 cm de altura e rústica. Folhas estreitas, tenras, verde-acinzentadas, em tons escuros, compostas, finamente recompostas de 5 a 8 cm de comprimento. Inflorescência corimbo de capítulos. Seus capítulos possuem flores de cor branca, às vezes, cor-de-rosa, de cheiro aromático e penetrante. As flores centrais são tubulosas, periféricas e liguladas. Fruto aquênio esbranquiçado, de ovário ínfero (cipsela). Planta muito ornamental, sendo vendida como samambaia. Pode ser plantada por desdobramento de touceiras em solo bem drenado e permeável. Renovar o plantio a cada 3 anos.

Partes Usadas Sumidades floridas, folhas e sementes.

Formas Farmacêuticas Infuso, cataplasma, extrato fluido, creme, vinho e loção.

Emprego O infuso é preparado usando-se 5 g em 100 ml de água. Deixar em repouso por 10 minutos e tomar 3 vezes ao dia. O vinho é preparado com 5 g em 100 ml do vinho branco deixando-se extrair por 10 dias; tomar 1 cálice pequeno 3 vezes ao dia. O cataplasma é preparado com as folhas e flores frescas, limpas e esmagadas, e aplicado diretamente sobre o ferimento, protegendo a pele com gaze. Tem ação antiinflamatória, cicatrizante, vulnerária, antiespasmódica e diurética. A loção é preparada para ser utilizada em queda de cabelos. O vinagre é bom para deixar a pele do rosto aveludada. Uma colher das de sobremesa em 1 xícara das de chá 2 vezes ao dia, para uso interno. Para uso externo, pega-se o infuso e incorpora-se em creme básico. Para fissuras anais e hemorroidas, recomenda-se o banho de assento em exposição mínima de 15 minutos por 7 dias seguidos. Tem sido relatado também seu emprego como emenagogo, antiespasmódico e tônico.

Constituição Química Na sua composição química destacam-se óleos essenciais (tuiona, cineol, borneol, pinenos, cânfora e azuleno), derivados terpênicos e sesquiterpênicos, taninos, mucilagem, cumarinas, resinas, saponinas, esteroides, ácidos graxos, alcaloides (aquileina) e princípios amargos. Foram também detectados flavonoides e seus heterosídeos que estão relacionados com atividade anti-espasmódica, vitamina C, e ácidos graxos.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser combinado com outras plantas; no caso de febres, pode ser associado ao sabugueiro e à hortelã-pimenta. Para inflamações gastrintestinais, pode ser associado às seguintes plantas: angélica, camomila, melissa e hipérico. Como vulnerário, pode ser associado à arnica, à bardana, à cavalinha e ao hipérico. Nos espasmos uterinos com distúrbios circulatórios, pode ser associado à angélica, à camomila e à calêndula.

Contraindicação Na gravidez, devido aos efeitos emenagogo e abortivo do componente tuiona óleo essencial. Lactação. Hipersensibilidade alérgica por causa dos sesquiterpenos das Asteraceae.

Toxicidade O sumo da planta fresca pode desenvolver fotossensibilidade. Não deve ser utilizada por mulheres grávidas, por ter propriedades emenagogas. É considerado seguro seu uso como flavorizante em bebidas alcoólicas, isento de tuiona.



MACELINHA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Chamaemelum nobile (L.) All.

Sinonímia Vulgar

Marcelinha, macelinha-galega, camomila-romana, camomila-dourada.

Sinonímia Científica

Anthemis nobile L.; *Anthemis cotula* L.



MACELINHA

Descrição Originária da Europa meridional e cultivado em todo Brasil. Planta aromática, perene, de até 30 cm, com rizoma reptante e talos pilosos e ramificados. Pedúnculos da inflorescência compridos e eretos. Folíolos das folhas divididos em muitos segmentos, muito finos. A inflorescência tem uma região central amarela e uma coroa de falsas pétalas brancas em torno de si. O receptáculo que contorna a inflorescência se compõe de pequenas folhas de margens membranosas e formam um falso cálice denominado periclíneo. O receptáculo formato, que sustenta a inflorescência, é ostensivamente cônico. O capítulo é formado quase que completamente por flores femininas brancas e andróginas amarelas. As flores do raio e três quartas partes das do disco são liguladas. Prefere solos secos, arenosos em pleno sol e suas sementes devem ser semeadas na superfície do solo. Odor aromático, sabor amargo. Reproduz-se por sementes ou por estolon.

Partes Usadas Toda a planta e flores.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, macerado e vinho.

Emprego Calmante, estomáquico, antidiarreico, febrífugo, carminativo, antiepilético e antiespasmódico, usado em casos de gastroenterite e enxaquecas. Sob a forma de pó, usar 1 cápsula de 2 gramas 3 vezes ao dia. O infuso ou decocto é preparado a 3%, ingerindo-se de 50 a 200 ml ao dia. Capítulos florais desidratados, de 1 a 4 g em infusão 3 vezes ao dia. Para a profilaxia das enxaquecas, a dose média diária é de 50 mg das partes aéreas.

Constituição Química Cumarinas: escopoletina-7-glicosídeo; flavonoides: apigenina, luteolina, quercetina e seus glicosídeos (como apiina, luteolina-7-glicosídeo e rutina); Óleos voláteis: ésteres de ácido angélico (0,4 a 1,75%) e tíglico (85%); 1,8-cineol, 1-trans-pinocarveol, 1-trans-pinocarvona, camazuleno, farnesol, nerolidol; lactonas sesquiterpênicas do tipo germacranolídeos (0,6%), incluído nobilina, 3-epinobilina,

1,10-epoxinobilina, 3-desidronobilina; vários álcoois, incluindo amílico e isobutílico, antemol. O camazuleno é formado a partir de um precursor natural durante a destilação a vapor do óleo e sua quantidade varia conforme a origem e a idade das flores. Outros componentes: ácido antêmico (amargo), ácidos fenólicos e graxos, fitosteróis, colina, inositol.

Interações Medicamentosas e Associações Pode também interferir com alguma terapia anticoagulante em curso, em razão dos componentes cumarínicos. Diminui o efeito de diversas drogas devido à alteração das enzimas que metabolizam as drogas. O óleo essencial aumenta a ação de drogas sedativas. O flavonoide da macelinha tem atividade hipoglicemiante.

Contraindicação Indivíduos com hipersensibilidade a qualquer espécie de Asteraceae (Compositae) devem evitar a macela-galega, em face das reações alérgicas e sensibilidade cruzada. Essa planta exacerba reações alérgicas de asmáticos. Contraindicação na gravidez.

Toxicidade Essa planta não é recomendada para mulheres grávidas por ser tida como abortiva. Anafilaxia. Dermatite de contato e rinite.



MADRESSILVA

Família

Caprifoliaceae

Nome Científico

Lonicera japonica Thunb. ex Murray

Sinonímia Vulgar

Madressilva-do-japão.

Sinonímia Científica

Lonicera japonica Wall. Cat; *Lonicera japonica* Thunb.; *Lonicera japonica* Andrews; *Lonicera brachypoda* DC.; *Lonicera chinensis* Wats.; *Lonicera flexuosa* Thunb.; *Lonicera pallida* Host.; *Caprifolium hallianum* Hort



MADRESSILVA

Descrição Trepadeira que pode atingir de 1 a 5 m de altura, muito ramificada, com as extremidades pilosas. Folhas opostas, curtamente pecioladas, sendo as superiores praticamente sésseis, ovais ou lanceoladas de margem inteira. Flores creme, sendo que as mais velhas chegam a ter a cor amarela. Cálice curto de 5 dentes, corola bilabiada, sendo o lábio superior com 4 pétalas e o inferior inteiro. As pétalas muitas vezes estão enroladas, expondo os seus 5 estames e seu estigma captado. Planta muito perfumada que se reproduz por estacas ou caules estoloníferos.

Partes Usadas Folhas e flores.

Formas Farmacêuticas Infuso e decocto.

Emprego Adstringente, antisséptico, diurético e sudorífico.

Constituição Química Ácido salicílico, mucilagem, óleos essenciais, saponinas e flavonoides, incluindo luteolina.



MALVA

Família

Malvaceae

Nome Científico

Malva sylvestris L.

Sinonímia Vulgar

Malva.

Sinonímia Científica

Malva grossheimii Ijin; *Malva erecta* J. Presl & C. Presl.



MALVA

Descrição Planta herbácea, anual perene, comum na Europa, porém cultivada em várias regiões do globo, pois é muito ornamental. A base do caule é subterrânea e vivaz. As ramificações aéreas com até 80 cm de comprimento são vilosas. Folhas alternas, palmatilobadas, cordiformes com 5 a 7 lobos, pouco pronunciados nas folhas superiores, bordos denteados, verde-cinza, lisos, luzidios, aveludados. Flores em cimeiras, raramente brancas, lilás-purpúreas, com um calículo formado de 3 brácteas. Cálice com 5 peças soldadas, corola formada de 5 peças livres, soldadas a uma coluna formada pelos filetes. Estames numerosos, unidos em um feixe em forma de um tubo que protege o estilete e envolve o ovário. Gineceu pluricarpelar. O fruto rodeado com o cálice persistente e mais ou menos acrescentado é constituído de um conjunto de pequenos frutos secos, indeiscentes, rugosos e dispostos em círculo.

Partes Usadas Flores e folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido e tintura.

Emprego Peitoral e emoliente. Usado contra afecções da boca e da garganta em gargarejos. Infuso e decocto a 2%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 1 a 4 ml ao dia.

Constituição Química Mucilagem (quando hidrolisada produz arabinose, glicose, raminose, galactose e ácidos galacturônicos), antocianina (malvina), taninos e leucocianinas, caroteno, vitamina C e complexo B, oxalato de cálcio, substâncias resinosas e pécticas.

Interações Medicamentosas e Associações Junto com mil-folhas é utilizada em banhos para alívio da irritação vaginal.

Toxicidade Não foi relatado nenhum efeito colateral em seres humanos.



MALVA-ROSA

Família

Malvaceae

Nome Científico

Alcea rosea L.

Sinonímia Vulgar

Malva-real.

Sinonímia Científica

Alcea rosea Falk



MALVA-ROSA

Descrição Planta vivaz, podendo durar até 2 anos. É composta por um caule robusto, ereto, que pode chegar a mais de 2 m de altura. Suas folhas são muito grandes, vilosas, de nervuras palminérveas e divididas em lobos. Quanto mais comprido é o caule, mais profundos são os lobos das suas folhas no ápice. As flores são muito grandes, com cálice e calículo, divididos em 5 ou 6 segmentos. Agrupam-se as flores ao longo desse ramo terminal, com um pedúnculo muito curto. A cor das flores varia do rosa ou amarelo-pálido até o púrpura-negro. Seu fruto é uma cápsula com vários segmentos ordenados em círculo. Essa planta é originária da Síria e muito cultivada como ornamental.

Partes Usadas Folhas

Formas Farmacêuticas Infuso ou melito (xarope onde se substitui o açúcar pelo mel).

Emprego É usada contra tosse e dores de garganta. Emoliente e purgante suave.

Constituição Química Mucilagem, óleo volátil, tanino e pigmento antocianínico.



MAMACADELA

Família

Moraceae

Nome Científico

Brosimum gaudichaudii Trec.

Sinonímia Vulgar

Inharaé, cabo-verde, apae, mamajoia, salva-vida.

Sinonímia Científica

Alicastrum gaudichaudii (Trec.) Kuntze; *Brosimum gaudichaudii* for *macrophyllum* Hassl.; *Brosimum pusillum* Hassl.; *Brosimum glaucifolium* Ducke



MAMACADELA

Descrição Pequena árvore ou arbusto, de raízes de cor vermelha. Folhas caducas, lactescentes, que podem atingir até 8 m, em Goiás e Tocantins. Folhas simples, alternas, curto-pecioladas, subcoriáceas, lactescentes, de margem levemente ondulada, com nervuras proeminentes, glabras na face superior e espaços pubescentes na inferior. Inflorescência com flores amarelas, 2 por axila de folha. Frutos drupas compostas, oblongas ou obovais, de cor amarelo-alaranjadas de até 3 cm de diâmetro, com polpa carnosa, adocicada e comestível.

Partes Usadas Folhas, caule, raiz.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou vinho.

Emprego Gripe, bronquite, manchas da pele, vitiligo, como depurativo, para a circulação, coração e cérebro. Para manchas na pele e vitiligo, preparar infuso ou decocto espremendo 1 xícara das de chá de raiz e casca do caule, diluindo em 1 litro de água. Deixar repousar por 24 horas. Passar 2 vezes ao dia nas partes afetadas. Depurativo e circulação do sangue – decocto, infuso ou vinho seco: 1 xícara de ramos e folhas picados para 1 litro de água ou vinho deixar repousar por 24 horas. Tomar 2 xícaras das de chá ou 1 copo de vinho ao dia. Para gripes, resfriados e bronquites tomar 4 colheres das de sopa do vinho ou do chá ao dia.

Constituição Química Furanocumarinas, principalmente bergapteno e psoraleno.

Contraindicação Para criança não deve ser administrado o vinho, dar somente o chá.



MAMOEIRO

Família

Caricaceae

Nome Científico

Carica papaya L.

Sinonímia Vulgar

Papaia, mamão-formoso, mamão-de-corda, mamão-macho, mamão-do-amazonas, papaeira, mamãozinho.

Sinonímia Científica

Carica hermafrodita Blanco; *Carica jimenezii* Bertoni; *Carica pinnatifida* Heilborn; *Carica sativa* Tussac; *Papaya carica* (L.) Gaertn.; *Papaya edulis* Bojer; *Papaya papaya* (L.) H. Karst.; *Papaya vulgaris* A. DC.



MAMOEIRO

Descrição Vegetal de porte ereto, originário da América tropical, de até 10 m de altura, cilíndrico, simples, herbáceo, às vezes ramificado na extremidade, dilatado na base, casca marcada por cicatrizes deixadas pelas folhas caídas. O tronco dá a impressão de uma palmeira. Folhas na extremidade, alternas, longamente pecioladas, com lobos ovais, agudos e irregularmente serrados ou denteados. O limbo é mole e de um verde-escuro na face ventral e verde-claro na dorsal, digitinérveas. Flores brancas ou amareladas, regulares e unissexuadas. Flores masculinas axilares ou dispostas em cachos ou panículas. Cálice pequeno, gamossépalo, com 5 dentes. Corola gamopétala infundibuliformes, de tubo estreito, cilíndrico. 10 estames inseridos na corola superpõem as divisões do cálice e são quase sésseis. Gineceu rudimentar e de ápice atenuado. Androceu com estames férteis, ovário livre, unilocular, oval, contendo um grande número de óvulos. Estilete com 5 divisões e numerosos estigmas. O fruto é uma baga oblonga de forma variável. Multiplica-se por sementes e cresce em clima úmido e quente (é pouco resistente ao frio) e precisa de terrenos bem drenados e com bastante matéria orgânica.

Partes Usadas Flores masculinas, frutos e látex.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido e fruto ao natural.

Emprego Peitoral, sedativo. O óleo da semente é vermífugo. O fruto é considerado digestivo, diurético e laxante. Seu látex tem sido usado, modernamente, em medicina, para dissolver bico de papagaio na coluna. O látex é composto de papaína que provoca proteólise e possui ainda ação bactericida e antiinflamatória, além de promover alinhamento do colágeno, proporcionando um crescimento tecidual uniforme e diminuindo a formação de queloides. No tratamento de feridas, que apresentem necrose de coagulação a papaína, pode ser empregada em diluições

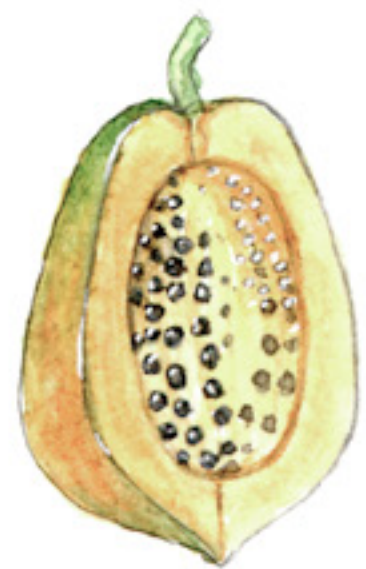
de 8 a 10 % e, em feridas exsudativas, é empregada em soluções diluídas de 4 a 6%. Seu fruto consumido em jejum garante o bom funcionamento dos rins e fígado e, após as refeições, ajuda na digestão.

Constituição Química O látex é composto de papaína (alcaloide) e peroxidase (enzimas proteolíticas). O fruto possui: ácido ascórbico, ácido cítrico, ácido hidrocianico, ácido málico, mucilagem, resina, cerotonina, sais minerais (cálcio, fósforo, ferro, sódio e potássio) e vitamina A.

Interações Medicamentosas e Associações É comum, em Minas Gerais, usar um mamão quase maduro, retirar-lhe um fragmento, colocar flores de camará, violeta, lobeira, mamão-macho, tampar com o próprio pedaço de mamão cortado e assar por 10 minutos. Dar o xarope formado, em colheradas, para crianças com bronquite. A papaína extraída do mamão pode aumentar o risco de hemorragia em pacientes em uso de anticoagulantes.

Contraindicação Quando o paciente está com diarreia, o fruto e o látex são contra indicados. Na gravidez, o consumo em excesso deve ser evitado, devido a um possível efeito emenagogo e abortivo do látex e do fruto verde. A hipersensibilidade alérgica à papaína, extraída do látex do fruto verde, que ocorre em 1% dos pacientes, pode conduzir a um choque anafilático.

Toxicidade O fruto maduro não possui toxicidade e é usado como alimento, de longa data.



MAMONA

Família

Euphorbiaceae

Nome Científico

Ricinus communis L.

Sinonímia Vulgar

Carrapateira, mamoneira, rícino, palma-de-cristo.

Sinonímia Científica

Ricinus communis Müell Arg; *Ricinus digitatus* Nor; *Ricinus gibsoni* Cf.; *Ricinus hibridus* Bess; *Ricinus leucocarpus* Bert.



MAMONA

Descrição Arbusto ou pequena árvore de caule ereto tipo pseudocolmo e ramos herbáceos, grossos, lisos, fistulosos, podendo atingir até 6 m de altura. Folhas grandes alternas, longamente pecioladas, digitado-lobadas, palminérveas denticuladas, glabras, com 2 estípulas membranáceas e incolores. Flores unissexuadas, numerosas, apétalas, pequenas, pálidas, em grandes cachos tirsoides, nos quais as femininas ficam acima das masculinas, fruto cápsula tricoca, espinhosa, subglobulosa, trilocular, com uma semente em cada loja. Sementes brilhantes, lisas, negras, matizadas de branco e com pontuações cinzas e pardas. Embora não tenha origem no Brasil, é considerada planta ruderal.

Parte Usada Óleo da semente.

Forma Farmacêutica Óleo.

Emprego Lubrificante e purgativo. Usado nos embaraços gástricos, devido à sua pronta e suave ação sobre os intestinos, tomando-se de 30 a 15 ml do óleo.

Constituição Química As folhas possuem ricina, ricinamina, além de rutina, flavonoides, ácidos elágicos, gálicos, corilagina, esteroides triterpenoides e ricinina. Encontraram também alto teor de proteínas e a N-desmetilrescinina que apresentou em ensaios farmacológicos, propriedades hepatoprotetora, colerética e anticoléstática. A semente contém 45% a 55% de óleo fixo e 20% de substâncias protéicas constituídas por globulina, albumina, nuclealbumina, glicoproteína e ricina.

Interações Medicamentosas e Associações Uso frequente com perda eletrolítica pode potencializar glicosídeos cardiotônicos.

Contraindicação Pacientes com obstrução intestinal ou dores abdominais. Uso por tempo superior a 8 dias devido a perdas eletrolíticas. Durante a gravidez é abortivo e na lactação pode induzir diarreia no lactante. Crianças com menos

de 12 anos não devem fazer uso do óleo de rícino como laxante, pois podem ter desidratação. Não deve ser usado também em inflamação intestinal e apendicite.

Toxicidade Semente não pode ser ingerida, devido à presença de ricina que é muito tóxica, podendo causar a morte. Em Belo Horizonte, as crianças brincam com suas sementes e como seu gosto é agradável, costumam ingeri-la após as brincadeiras. Bastam 7 sementes para causar danos graves em crianças e 10 em um adulto. Como seus alcaloides tóxicos ricina e ricinamina não ficam no óleo, e sim na torta (resíduo sólido), o óleo pode ser usado, mas a torta só pode ser aproveitada como adubo. Se a torta for dada para animais, ela pode também causar a morte dos mesmos. O uso da folha pode causar queimadura na boca e garganta, alterações visuais, falha renal, uremia e morte. O óleo pode ser usado como purgativo, mas não em uso prolongado.



MANACÁ

Família

Solanaceae

Nome Científico

Brunfelsia uniflora (Pohl.) D. Don

Sinonímia Vulgar

Manacá-cheiroso, romeu-e-julieta.

Sinonímia Científica

Brunfelsia hoppeana Hook.; *Brunfelsia uniflora* D. Don;
Franciscea uniflora Pohl.



MANACÁ

Descrição Arbusto ou pequena árvore lenhosa muito ramificada, atingindo de 2 a 3 m de altura, de ramos densos e nodosos. Folhas alternas, inteiras, glabras, pecioladas, ovadas, oblongas, agudas ou obtusas, e delgadas na base. Têm uma cor verde-escura na face superior e verde mais clara na face inferior. Flores em geral solitárias, de cálice tubuloso e campanulado. Corola hipocrateriforme, violácea quando nova, passando a rósea desmaiada e finalmente branca, muito perfumada. Androceu com 4 estames inclusos, gineceu bicarpelar, gamocarpelar, ovário súpero. Apresenta um aroma agradável muito semelhante ao do jasmim. O fruto é uma cápsula mole, bivalva, com numerosas sementes. Multiplica-se por sementes estacas ou por mudas estoloníferas, que surgem em volta da planta mãe.

Partes Usadas Raízes, ramos e folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura e extrato fluido.

Emprego Purgativo, emético, abortiva, depurativo, antissifilítico, antirreumático e emenagogo. Decocto preparado com 15 g de raiz em ½ litro de água. Tomar somente 30 ml por dia.

Constituição Química Nas raízes é encontrado um alcaloide (manacina) e ainda o ácido gelsemínico.

Toxicidade Abortivo. Em doses elevadas apresenta toxicidade.



MANDIOCA

Família

Euphorbiaceae

Nome Científico

Manihot esculenta Crantz

Sinonímia Vulgar

Macaxeira, manioca, aipim.

Sinonímia Científica

Manihot utilissima Pohl.



MANDIOCA

Descrição A mandioca é uma planta arbustiva, esgalhada, com nós e entrenós bem pronunciados, de origem americana. Possui raízes grossas, de até 50 cm de comprimento e tem caule e ramos avermelhados e ou esbranquiçados. A mandioca apresenta folhas grandes e verdes, profundamente partidas, lembrando formato de mão e flores apétalas reunidas em cachos. A raiz é formada por uma substância lisa, compacta, branca e rica em amido. Na indústria é utilizada para fabricação de farinha, de largo consumo entre a população brasileira. Os princípios tóxicos são encontrados nas raízes, em estado natural. Por serem voláteis, acabam por desaparecer durante o processo de torrefação da farinha ou do cozimento. Na região Norte do Brasil é feito, das folhas da macaxeira, um prato típico regional chamado maniçoba. Multiplica-se por pequenos pedaços do caule, plantado em época de chuva. Não resiste às geadas. Prefere solos areno-argilosos, bem adubados e permeáveis.

Partes Usadas Raízes e folhas.

Formas Farmacêuticas Pó e farinha.

Emprego As raízes contêm uma substância lisa, compacta, branca e rica em amido que, depois de ralada e espremida, fornece um líquido amarelado, o tucupi, fermentável e bastante tóxico quando cru. Na indústria, é utilizada na fabricação de farinha, de largo consumo entre a população brasileira. Com ela são preparados cataplasmas emolientes usados contra abscessos e outras inflamações. Por seu poder nutritivo, é usado em forma de mingaus e papinhas de pessoas desnutridas e de pauperadas. Ajuda também a combater disenterias. O pó das folhas torradas é usado para enriquecimento do alimento da população carente, devido à riqueza em aminoácidos que possui.

Constituição Química As raízes possuem ácido cianídrico, amido, cálcio, fósforo, ácido prússico, látex, princípio amargo supercolitina, ácido manihótico e manihotina. As folhas são ricas em aminoácidos.

Toxicidade O ácido cianídrico existente na raiz mata animais que bebem da água em que se lava a farinha e, se uma pessoa ingerir a mandioca crua, também pode morrer. Recomenda-se cozinhar a mandioca em recipientes abertos.



MANGABA

Família

Moraceae

Nome Científico

Hancornia speciosa Gomes

Sinonímia Vulgar

Mangabeira.



MANGABA

Descrição Árvore de até 7 m de altura, com látex e ramos lisos, tronco fino e tortuoso, com 15 a 25 cm de diâmetro, de casca escura e fendilhada. Folhas pecioladas, simples, opostas, inteiras, oblongas de ápice agudo e base obtusa, coriáceas e glabras. Quando novas, apresentam uma coloração avermelhada. Flores aos pares ou em cachos curtos axilares. As pétalas são brancas, perfumadas, alongadas, vistosas e de tubo estreito e alongado. O fruto é constituído por uma baga globosa ovoide, de 5 a 6 cm de diâmetro, amarelada, manchada de vermelho, com a polpa clara e leitosa, succulenta, comestível, com muitas sementes discoides e escuras. O fruto maduro é perecível, devendo ser colhido não muito maduro para ser consumido. Em Minas Gerais, ocorre nas áreas de cerrado e em áreas de transição do cerrado para a caatinga.

Partes Usadas Cascas do caule, látex e frutos.

Formas Farmacêuticas Ao natural, decocto.

Emprego O látex é usado no tratamento da tuberculose. Também é usado popularmente para emagrecer e no controle da diabete. O fruto é utilizado na fabricação de geleias, doces e sorvetes. A casca do caule é preparada com 1 xícara das de café de casca picada. Tomar de 3 a 4 xícaras das de chá ao dia, para diabete e obesidade.

Constituição Química Látex.

Toxicidade O fruto, quando verde, é venenoso.



MANGARITO

Família

Araceae

Nome Científico

Xanthosoma riedelianum Schott

Sinonímia Científica

Acontias riedelianum Schott



MANGARITO

Descrição Caule tuberoso de cor rosa ou branco, tamanho pequeno de 3 a 5 cm de comprimento por 1 a 2 cm de espessura, cilíndrico. Pecíolo liso, com até 25 cm de comprimento, provido de bainha até além de sua metade; lâmina da folha tem a forma sagitada ou panduriforme, com até 15 cm de comprimento, com lobo superior ovado, constricto na parte inferior, de ápice acuminado, com 10 a 12 cm de comprimento e 8 a 9 cm de largura na porção mais larga, com 5 a 6 nervuras laterais de cada lado, ascendentes, reunidas em nervura coletiva arqueada, afastada da margem; lobos basais oblongos, obtusos e desiguais, com 4 cm de comprimento e 2,5 de largura. Pedúnculo verde-pálido quase igual ao pecíolo e espata branco-esverdeada, com tubo ovoide. Inflorescências femininas mais longas que as masculinas. Seu rizoma é muito apreciado como alimento e muito usado pelos antigos escravos. É citado como nativo de Lagoa Santa, Minas Gerais.

Parte Usada Rizomas.

Formas Farmacêuticas Rizoma cozido.

Indicação medicinal É recomendado como nutriente para pessoas depauperadas e usado nas doenças da pele.



MANJERONA

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Origanum majorana L.

Sinonímia Vulgar

Manjerona-do-campo, majorana, manjerona-branca, manjerona-verdadeira.

Sinonímia Científica

Glechon spatulata Benthon; *Majorana hortensis*



MANJERONA

Descrição Planta de origem europeia aclimatada no Brasil, onde se cultiva largamente, sobretudo nos jardins. É muito cheirosa, sendo este um dos motivos do tradicional prestígio de que goza esse vegetal. Planta herbácea cujo caule flexível, quadrangular, se dispõe de tal modo que forma touceira ou moita que ostenta ramos finos de delicada consistência, alcançando a altura de 40 a 60 cm. Suas folhas pecioladas são miúdas, de forma oval e revestidas de pelos esbranquiçados, aveludados e finos. As flores são muito pequenas, pedunculadas, de cor branca e reunidas em cachos de cimas trifloras axilares ou terminais. A manjerona tem sido aproveitada na indústria de perfumes e outrora, no Brasil, era muito usado o unguento aromático feito com suas folhas. Multiplica-se por sementes, estacas ou divisão de touceira. Renovar o plantio a cada 3 anos. Exige solo alcalino ou ligeiramente ácido.

Partes Usadas Toda a planta ou sumidades floridas.

Formas Farmacêuticas Decocto, infuso, cataplasma ou extrato fluido.

Emprego Estimulante, tônica, estomacal, carminativa, expectorante e calmante. O infuso ou o decocto é usado em gargarejo nas irritações da garganta. Infuso ou decocto a 2%, tomar de 2 a 3 xícaras ao dia. Extrato fluido, de 1 a 4 ml ao dia. Pode ser usado em cataplasma para uso externo de reumatismo. A inalação nas gripes e resfriados previne sinusite. Externamente, suas folhas frescas aplicadas sobre tumores, feridas e pancadas têm ação antiinflamatória.

Constituição Química Tanino; óleo essencial constituído por terpineno, terpineol, carvacrol e timol; triacontano, sitosterol, ácidos poleanólico, ursólico e rosmarínico; hidroquinonas e glicosídeos fenólicos.

Contraindicação O uso interno deve ser evitado no início da gravidez, devido ao seu efeito emenagogo. Deve ser usado com cautela em lactentes e crianças, pois não foi avaliado devidamente nesse grupo etário.



MANGUEIRA

Família

Anacardiaceae

Nome Científico

Mangifera indica L.

Sinonímia Vulgar

Manga.

Sinonímia Científica

Mangifera indica Wall.; *Mangifera indica* Thwaites;

Mangifera indica Blume



MANGUEIRA

Descrição Árvore de até 20 m de altura, originada da Índia e cultivada em todo o mundo, extensivamente em Minas Gerais, onde é muito apreciada. Tem tronco de ramificação dicotômica e com folhas oblongas, lanceoladas, elípticas de até 28 cm de comprimento por 5 cm de largura, coriáceas, de margem inteira e glabras. Sua nervura é penínérvea e a folha é brilhante em sua face superior. Flores abundantes, reunidas em panículas terminais, glabras, de cor amarelada e com cerca de 6 mm de diâmetro com 6 pétalas e 1 único estame fértil; os outros são rudimentares, ou seja, estaminódios (estames sem pólen). As flores são presas em um pedúnculo avermelhado que sustentará os frutos provenientes de ovário súpero e com estilete curvo. O fruto é uma drupa reniforme ou ovoide, glabro, de polpa fibrosa e doce, que pode ser amarelada ou alaranjada. O fruto muda muito de forma, cor e peso, de acordo com a variedade. Multiplica-se por sementes em terrenos profundos, bem drenados e com alguma matéria orgânica.

Partes Usadas Caules, cascas do caule ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido, tintura ou xarope,

Emprego Peitoral, febrífugo, bronquites, laringites, catarro crônico e coqueluche. Afecções purulentas das vias urinárias. Gripes. Externamente, o decocto das cascas é utilizado em gargarejos nas inflamações da garganta e irrigações vaginais. Infuso e decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Tanino, terebintina, óleo essencial, resinas.



MANJERICÃO-BRANCO

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Ocimum selloi Benth.

Sinonímia Vulgar

Manjeriçã, manjeriçã-de-molho, elixir-paraegórico, atroveram.

Sinonímia Científica

Ocimum carnosum Link & Otto



MANJERICÃO-BRANCO

Descrição Planta herbácea cultivada nos jardins e conhecidíssima em todo o Brasil. Caracteriza-se pelo cheiro agradável que é liberado de suas folhas. Tem o caule quadrangular e as folhas são opostas, agudas e em grande número. Flores brancas, pequenas, dispostas em um eixo alongado, sempre se ramificando em 3 partes. Em cada eixo formam-se inflorescências secundárias que são congestas de cimas trifloras. Corola bilabiada com 4 peças tendo 4 estames didínamos. Fruto nukulâneo com 4 núculas escuras. É planta melífera. Multiplica-se por sementes ou ponteiros destacadas das ramificações dos galhos em solos férteis ricos em matéria orgânica, permeáveis e com temperaturas elevadas.

Parte Usada Sumidades floridas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido e xarope.

Emprego É utilizado como digestivo, carminativo e edulcorante.

Constituição Química Taninos, flavonoides, saponinas, óleo essencial: timol, metilchavicol, linalol, eugenol, cineol, e pireno.

Toxicidade Desconhecida.



MANJERICÃO-ROXO

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Ocimum basilicum L. var. *purpureum* Hort.

Sinonímia Vulgar

Manjeriço, basilicão.



MANJERICÃO-ROXO

Descrição É uma variedade do basilicão, ou seja, o *Ocimum basilicum* L., mas tem as mesmas propriedades. Erva anual, de 30 a 50 cm de altura, nativa da Ásia tropical e introduzida no Brasil pela colônia italiana. Folhas simples, pecioladas, membráceas com margens onduladas e nervuras salientes de 4 a 7 cm de comprimento, podendo ser verdes, pintadas, manchadas ou purpúreas. Flores brancas, lilases ou roxas, reunidas em cachos de cimas trifloras curtos. Corola bilabiada com 4 estames didínamos e gineceu de estigma ginobásico. Fruto núcênio. Multiplica-se por sementes ou estacas. Desenvolve-se melhor em terrenos bem adubados e úmidos.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Decocto e infuso.

Emprego Palpitações, má circulação, dispnéia e angina pectoris. E também como tempero.

Constituição Química Taninos, flavonoides, saponinas, cânfora, óleo essencial: timol, metil-chavicol, linalol, eugenol, cineol, e pireno.



MANTO-DE-CRISTO

Família

Solanaceae

Nome Científico

Datura stramonium L. var. *tatula* (L.) Torr.

Sinonímia Vulgar

Saia-dobrada, zabumba.

Sinonímia Científica

Datura stramonium Thunb.; *Datura stramonium* Wall.



MANTO-DE-CRISTO

Descrição Esta planta é uma variedade do estramônio. Atinge até 1,5 m de altura, com raiz principal, caule arbustivo muito ramificado. Possui folhas pecioladas, simples, de forma oval e base assimétrica. Sua corola é pentâmera, afunilada, dupla ou tripla de cor arroxeadas. Os frutos são deiscentes e armados (muitos espinhos), com muitas sementes curvas. É subespontânea no Brasil e cultivada como ornamental.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Cigarro.

Emprego Asma.

Constituição Química Alcaloides (escopolamina e hiosciamina).

Contraindicação Pacientes cardíacos.

Toxicidade Planta tóxica, podendo causar sintomas de envenenamento (dilatação da pupila, redução da sudorese, da salivagem e da micção, além de alucinações, febre alta e perda da consciência), muitas vezes levando à morte.



MARACUJÁ

Família

Passifloraceae

Nome Científico

Passiflora quadrangularis Triana & Planch.

Sinonímia Vulgar

Flor-da-paixão.

Sinonímia Científica

Passiflora alata Curtis; *Passiflora alata* Dryander.; *Passiflora quadrangularis* L.



MARACUJÁ

Descrição Trepadeira de caule provido de gavinhas, quadrangular, ramoso, glabro, com 4 asas, fistuloso internamente. Folhas simples, ovais, membranáceas, glabras, verde-escuras, com 10 a 15 cm de comprimento por 8 a 10 de largura, de margens estreitas e inteiras, peninérveas, sendo a nervura principal mais desenvolvida na face dorsal, estipuladas e pecioladas. Pecíolo convexo na parte inferior e sulcado na superior, havendo nos bordos dos sulcos 2 a 4 glândulas dispostas aos pares. Estípulas pequenas, foliáceas, ovais, agudas, serreadas. Flores com 10 cm de diâmetro, quase sempre curtas e lisas. Cálice com sépalas oblongas, verdes por fora e rubra ou violácea por dentro. Corola com pétalas mais longas do que as sépalas, róseo-claras por fora, rubra e violácea por dentro. Coroa de estaminoides filamentosos, distintos e plurisseriados. Androceu com 5 estames inseridos no androginóforo. Gineceu sobre o androginóforo, de ovário oblongo ou oval, glabro, ligeiramente sulcado, 3 estiletos amarelos ou rubro-maculados. Estigma hemisférico e esverdeado. Fruto ovoide ou piriforme, glabro, com sementes numerosas.

Partes Usadas Folhas (somente quando o vegetal estiver florido) ou arilo da semente.

Formas Farmacêuticas Infuso e decocto.

Emprego Hipnótico e sedativo. Infuso e decocto (1%), tomar de 2 a 3 xícaras ao dia; tintura, extrato fluido em álcool (25%) 0,5 a 1 ml, 3 vezes ao dia. Como sedativo, tomar em doses fracionadas; como hipnótico, tomar a dose única, antes de deitar.

Constituição Química Alcaloides indólicos (armana, armina, armol e armalina); flavonoides (vitexina, isovitexina, orientina e apigenina); glicosídeos cianogênicos, álcoois, ácidos, gomas resinas, vitaminas, principalmente vitamina K, e taninos.

Interações Medicamentosas e Associações Pode haver potencialização dos efeitos com o álcool, depressores, anti-histamínicos, do sono induzido pelo pentobarbital e também dos efeitos analgésicos da morfina. Como coadjuvante da clonidina, potencializou seu efeito para tratar dos sintomas mentais na abstinência de opiáceos. A vitamina K pode antagonizar o efeito anticoagulante da varfarina, mas não da heparina. Pode ser associado à valeriana e ao lúpulo nos casos de insônia. Pode causar um bloqueio parcial do efeito das anfetaminas.

Contraindicação Na gravidez, devido ao efeito estimulante do útero. Na depressão, por causa do seu efeito sedativo.

Toxicidade Uso restrito em indivíduos com pressão arterial baixa. Deve-se, ainda, controlar o uso das folhas na forma de chá, pois existem riscos de intoxicação cianídrica. A semente triturada é tóxica e não deve ser ingerida. É seguro usá-lo como flavorizante.



MARACUJÁ-DE-SUCO

Família

Passifloraceae

Nome Científico

Passiflora edulis Sims

Sinonímia Vulgar

Maracujá-azedo.



MARACUJÁ-DE-SUCO

Descrição Trepadeira vigorosa, glabra com gavinhas. Folhas alternas, trilobadas, com duas pequenas glândulas nectaríferas na base do limbo próximas à inserção do curto pecíolo, com estípulas na base lineares subuladas, com lobos mucronados, serrilhados. Inflorescência com pedúnculo robusto. Flores isoladas, grandes e brancas, com sépalas verdes na face inferior, e petaloides na face superior, com coroa de estaminódio roxa, estigma e estiletos trifidos sobre androginóforo. Ovário ovoide ou globoso, seríceo-tomentoso. Frutos de cor amarelo ou purpúreo. Sementes ovais e reticuladas. Muito cultivada em Minas Gerais.

Partes Usadas Folhas e suco do arilo da semente.

Formas Farmacêuticas Decocto e sumo.

Emprego A folha fresca é utilizada no tratamento da hipertensão e para induzir diurese. Externamente, em banhos nas varizes, feridas e hemorroidas. Calmante e hipnótico, o suco dos frutos em dose de 10 ml/kg produziu um efeito tranquilizante em ratos. Infuso e decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Apresenta alcaloides indólicos, vários sesquiterpenos, cumarina, ácidos cafeico, clorogênico e p-cumárico, esperidina, passiflorina, vitexina, quercetina, β -sitosterol, estigmasterol, prunasina, compostos azotados, luteolina, glicosídeos cianogênicos, umbeliferona, rutina, quercetina e outros compostos em menor quantidade.

Interações Medicamentosas e Associações Pode haver potencialização dos efeitos com o álcool, depressores, anti-histamínicos, do sono induzido pelo pentabarbital e também dos efeitos analgésicos da morfina. Como coadjuvante da clonidina, potencializou seu efeito para tratar dos sintomas mentais na abstinência de opiáceos. A vitamina K pode antagonizar o efeito anticoagulante da varfarina, mas não da heparina.

Contraindicação Na gravidez, devido ao efeito estimulante do útero. Na depressão, por causa do seu efeito sedativo.

Toxicidade Uso restrito em indivíduos com hipertensão. Deve-se, ainda, controlar o uso das folhas na forma de chá, pois existem riscos de intoxicação cianídrica, consequente ao uso de dose acima da recomendada. A semente triturada é tóxica e não deve ser ingerida. Pode causar depressão, alteração de consciência, vertigem, perturbação do trato gastrointestinal, aumentar a frequência respiratória e reduzir a pressão arterial. Pode causar, também, taquicardia e vasculite.



MARGARIDINHA-DA-EUROPA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Bellis perennis L.

Sinonímia Vulgar

Bonina, consólida-menor.



MARGARIDINHA-DA-EUROPA

Descrição Planta vivaz com as folhas rosuladas, ou seja, todas as folhas nascem na base da planta, formando uma roseta. Suas folhas têm a forma de uma espátula, com os bordos inteiros e atenuados na base. No centro da roseta aparece uma haste (escapo) de 10 a 15 cm de altura, tendo no ápice uma inflorescência em capítulo de cor branca ou purpúrea nas flores do raio. As flores do centro são tubulosas, amarelas, e estão divididas em 5 dentes. As flores da periferia (raio) têm forma ligulada. O involúcro é formado por uma série de brácteas obtusas. Seus frutos são comprimidos e não possuem vilano (cálice persistente em forma de fios). Multiplica-se por sementes em terrenos adubados, úmidos e ensolarados.

Parte Usada Capítulos.

Formas Farmacêuticas Infuso, salada ou xarope.

Emprego É usada contra a tosse, como vulnerário (furúnculos, feridas e ulceração dérmicas), depurativa. Na gripe, resfriados, reumatismo e edemas. Usar uma colher das de sobremesa em uma xícara de infuso 2 a 3 vezes ao dia.

Interações Medicamentosas e Associações Em caso de insuficiência hepática, usa-se uma associação de margaridinha, dente-de-leão e fumária.

Constituição Química Ácidos (málico, tartárico, acético, oxálico e tânico); uma matéria corante amarela (antoxantina), -sitosterol), saponinas (belissaponosídeos e virguariassaponosídeos), óleo essencial, mucilagem e tanino.

Contraindicação Gastrite e úlcera gastroduodenal.

Toxicidade Desconhecida.



MARIA-GONDÓ

Família

Portulacaceae

Nome Científico

Talinum paniculatum (Jacq.) Gaertn.

Sinonímia Vulgar

Maria-gorda, João-gomes, maria-gomes, labrobró, bunda-mole, manjogome.

Sinonímia Científica

Portulaca patens L.; *Portulaca patens* Jacq.; *Portulaca reflexa* (Cav.) Haw.; *Talinum patens* Juss.; *Talinum patens* Willd.; *Talinum patens* Andrews; *Talinum patens* (Ehrh) Willd.; *Talinum reflexum* Cav.



MARIA-GONDÓ

Descrição Planta herbácea, anual, ereta, com raízes tuberosas, glabras, suculentas, pouco ramificadas, nativa do continente americano. Folhas simples, espatuladas, quase todas basais. Flores pequenas de cor rósea, reunidas em cacho de cacho, apresentando 5 pétalas com anteras amarelas. Fruto cápsula. Multiplica-se por sementes.

Partes Usadas Folhas ou raízes.

Formas Farmacêuticas Sumo, decocto ou salada.

Emprego O decocto preparado com 1 colher de sopa de raízes em 1 copo de água fervente e administrado de 1 a 3 vezes ao dia é utilizado como antiescorbútico. Em uso externo contra feridas. Internamente, como diurética ou para combater infecções urinárias. As folhas são comestíveis como excelente verdura e utilizadas na medicina popular como cicatrizante, vulnerária e emoliente. Testes realizados mostraram atividade antiinflamatória e superiores à da indometacina.

Constituição Química Mucilagens, taninos, ácido fólico, pigmentos e sais minerais. Além dessas substâncias, apresenta ainda um esteroide e hidrocarbonetos.



MARMELEIRO

Família

Rosaceae

Nome Científico

Cydonia oblonga Miller

Sinonímia Vulgar

Marmelo.

Sinonímia Científica

; *Pirus cydonia* L.; *Cydonia cydonia* L.; *Cydonia vulgaris* Persh.



MARMELEIRO

Descrição Arbusto originário da Ásia Ocidental, cultivado na Europa e outros países, e em algumas cidades de Minas Gerais, principalmente São Gonçalo. O caule é sinuoso, de uma altura de 4 a 5 m; a casca é esbranquiçada ou cinzenta, com ramos irregulares, cobertos de pelos. Folhas simples, alternas, inteiras, ovais, obtusas somente na base, curtamente pecioladas, pilosas na face inferior e apresentando, de cada lado do pecíolo, 2 pequenas estípulas caducas, ovais, finamente denteadas. Flores branco-róseas, grandes, solitárias, terminais, acompanhadas de brácteas caducas, ovais e glandulosas. As flores aparecem antes das folhas. O receptáculo é côncavo, felpudo, trazendo em seus bordos o perianto e os estames. Cálice pentâmero, de sépalas ovais, denticuladas. Corola com 5 pétalas alternas, elípticas, arredondadas, duas vezes mais longas que os estames que, por sua vez, são longos e livres, de 15 a 20, em 2 verticilos. O gineceu é pentacarpelar, livre, ovário unilocular, com óvulos anátropos. O fruto é pomo. Multiplica-se por estacas e sementes e prefere clima temperado. Desenvolve-se melhor em solos sílico-argilosos, férteis e bem drenados.

Partes Usadas Polpa do fruto ou sementes.

Formas Farmacêuticas Decocto, extrato fluido, xarope ou geleias.

Emprego Adstringente suave, edulcorante, antidiarreico, antientérico. A polpa da semente é utilizada popularmente para aliviar as dores das queimaduras, das rachaduras dos seios, úlceras cutâneas e hemorroidas. Os frutos, transformados em doces e geleias, são usados para combater diarreias, disenterias e má digestão. Externamente, o decocto é usado para irrigações vaginais e leucorreia. Infuso e decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química O fruto possui tanino, vitaminas A, B1, B2, B5 e C, ferro, cálcio, fósforo, glicose e óleo fixo, mucilagem, ácido málico, óleo de amigdalina, substâncias pépticas e substâncias proteicas.



MARMELINHO-DO-CAMPO

Família

Boraginaceae

Nome Científico

Tournefortia paniculata Cham.

Sinonímia Vulgar

Marmelo-do-campo.



MARMELINHO-DO-CAMPO

Descrição Arbusto semiescandente de ramos obtusos subangulosos, denso-pubescentes. Folhas pecioladas ovais, de ápice acuminado pubescente nas duas faces. Inflorescência em panícula terminal, ampla e laxa. Cálice com lacínias lanceoladas pubescentes. Corola tubular, campanulada, rotácea, com 5 pétalas. Estames 5, epipétalos de anteras medifixas. Gineceu bicarpelar, tetralocular, com estigma ginobásico. Fruto glabro, tetrágono, formado de núculas. Reprodução por estacas ou sementes.

Partes Usadas Folhas ou caules.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Diurético, contra problemas renais, como infecções e cálculos, e também infecções da bexiga.

Constituição Química Compostos fenólicos e furanocumarinas (bergapteno e psoraleno), flavonoides.



MASTRUÇO

Família

Brassicaceae (Cruciferae)

Nome Científico

Lepidium virginicum L.

Sinonímia Científica

Lepidium ruderale L.; *Lepidium sativum* L.; *Lepidium virginicum*

Gren & Godr



MASTRUÇO

Descrição Erva ereta, com base do caule lenhoso, bastante ramificado, até 50 cm de altura, glabro ou ligeiramente piloso e verde. Folhas simples, peninérveas, alternas, com nervuras principais e secundárias muito nítidas na face dorsal; as inferiores são pecioladas, ligeiramente pilosas, pronunciadamente recortadas, tendo os dentes mais numerosos do que as superiores, com 7 mm de comprimento por 1,5 mm de largura, enquanto que as superiores são sésseis, glabras, levemente denteadas, muito estreitas, de até 1 mm de comprimento. Inflorescência em cacho. Flores andróginas, alvas, pequenas, diperiantadas, heteroclamídeas e com somente 2 estames. Fruto silícula oval com 2 sementes aladas.

Parte Usada Todo o vegetal.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, cataplasma ou extrato fluido.

Emprego Antiescorbútico, estomacal, expectorante (usado em todas as doenças peitorais), escrofulose (usada nos ingurgitamentos ganglionares) e moléstias das vias urinárias. As folhas são aplicadas em cataplasma na fronte para combater a sinusite e luxações musculares. Infuso e decocto a 2,5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 1 a 5 ml ao dia.

Constituição Química Lepidina, flavonoides, polifenóis, alcaloides, vitamina C, clorofila, ferro, arsênico e óleo.

Contraindicação Pode causar coceira, vermelhidão na pele, irritação, diarreia, azia e palpitações cardíacas.



MAXIXE

Família

Cucurbitaceae

Nome Científico

Cucumis anguria L.

Sinonímia Vulgar

Maxixo, maxixe-bravo, pepino-castanha, pepino-espinhoso.

Sinonímia Científica

Cucumis anguria Forssk.; *Cucumis anguria* Rodsch



MAXIXE

Descrição É uma planta de origem africana achando-se aclimatada no Brasil em diversos estados, inclusive em Minas Gerais. Planta típica dos climas quentes, adaptando-se melhor a temperaturas entre 20 e 28°C em terrenos areno-argilosos, ricos em matéria orgânica e permeáveis, É uma planta rastejante de folhas digitadas e nervuras palminérveas. Flores pequenas, amarelas, produzindo um fruto pequeno, carnoso de até 10 cm, semelhante ao pepino, porém muito menor e todo ele dotado de espículas não muito duras. É sustentado por um longo pedúnculo de até 12 cm de comprimento. Internamente ele se parece com o pepino e também tem gosto semelhante. Tem 3 carpelos e muitas sementes de cor branca.

Parte Usada Frutos.

Formas Farmacêuticas Saladas cruas ao natural e uso tópico sob a forma de cataplasma.

Emprego É cicatrizante, antiinflamatório, emoliente e vermífugo.



MELÃO-DE-SÃO-CAETANO

Família

Cucurbitaceae

Nome Científico

Momordica charantia L.

Sinonímia Vulgar

Erva-de-são-caetano, melão-de-são-vicente.

Sinonímia Científica

Momordica charantia Descourt; *Cucumis argyi* H. Lév.;

Momordica chinensis Spreng; *Momordica elegans* Salisb.;

Momordica indica L.; *Momordica perculata* Vell.; *Momordica*

sinensis Spreng; *Sicyos fauriei* H. Lév.



MELÃO-DE-SÃO-CAETANO

Descrição Trepadeira de folhas palmadas, com 5 lobos sinuosos e denteados, quando jovens são aveludadas na face inferior e nas nervuras. Flores amareladas, regulares e unissexuadas. As masculinas são dotadas de uma bráctea no meio do pedúnculo. Perianto duplo e pentâmero. Estames triadelfos, anteras unidas duas a duas, soldando-se, sendo livre a quinta. Flores femininas com mesmo perianto; ovário com 3 lojas, com grande número de óvulos, estilete trifido na extremidade. Fruto longo e oblongo, muricado e coberto de tubérculos. Abre-se com elasticidade pela maturação. Sementes desprovidas de albúmem, mas com arilo avermelhado. O fruto, apesar do sabor amargo, é apreciado pelos indígenas que os maceram com água salgada antes da cocção.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido ou maceração.

Emprego Antifebril (semelhante à quinidina), antirreumático, anti-helmíntico, emético e purgativo. Gripes, bronquites, pneumonias, cólicas, vermífugo no caso da ascaridíase. É comprovadamente hipoglicemiante. O sumo das folhas é bom para sarna. Infuso e decocto a 2 %, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido; de 1 a 4 ml ao dia. Uso externo preparação a 5%.

Constituição Química Princípio amargo chamado momordopicrina, triterpenos, ácido momórdico, ácidos graxos, cera, clorofila e várias resinas.

Interações Medicamentosas e Associações Como possui efeito hipoglicemiante, a dosagem de insulina em pacientes diabéticos pode necessitar de ajuste, já que seu consumo pode aumentar a produção de insulina pelas células beta.

Contraindicação Deve ser evitado na gravidez devido ao efeito emenagogo e abortivo.

Toxicidade Os frutos possuem substâncias abortivas capazes de induzir teratogênese em embriões de ratos e de atuarem como imunossupressora por ação linfocitotóxica. O envoltório vermelho da semente não deve ser consumido por crianças. O uso excessivo pode causar diarreia. É consumido como alimento na Ásia.



MILHO

Família

Poaceae (Gramineae)

Nome Científico

Zea mays L.

Sinonímia Vulgar

Cabelo-de-milho, estigmas-de-milho, barba-de-milho.

Sinonímia Científica

Mays americana Baumg.; *Mays zea* Gaertn.; *Mayzea cerealis* Raf.;
Zea cania S. Watson; *Zea erythrolepis* Bonaf.; *Zea hirta* Bonaf.;
Zea saccharata Sturtev.; *Zea segetalis* Salisb.; *Zea vulgaris* Mill.



MILHO

Descrição Planta anual de caule ereto, robusto, muito espesso, de 1 a 2 m de altura, cilíndrico e nodoso. Folhas largas, longas, invaginantes, planas, ciliadas, rugosas nas margens com a nervura mediana mais desenvolvida e provida na base de um feixe de pelos espiralados. Flores unissexuadas. As espiguetas masculinas de 2 flores estão dispostas em cachos espiciformes terminais. Glumas côncavas, 2 glumelas carnudas, incompletas, com 3 estames livres. As espigas femininas longas, de 20 a 30 cm de comprimento, nascem abaixo das masculinas e possuem várias flores femininas agrupadas, cada uma delas séssil ou de 2 flores neutras reduzidas a glumelas. Ovário semigloboso, glabro, livre, unilocular e uniovulado. Estilete terminal, longo, pendente, ciliado e terminado por um eixo comum, provida de um albúmem farináceo.

Partes Usadas Estigmas e estiletos (cabelo de milho) ou fruto.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido ou óleo.

Emprego Cabelo de milho: diurético, emoliente, nas cólicas renais, nas cistites e nefrites. O óleo é usado como suplemento dietético por nutrição entérica. Ferver um copo de cabelo do milho durante 30 minutos e tomar o chá frio diariamente (3 a 4 xícaras ao dia). Xarope de estigmas, de 8 a 15 ml por dia.

Constituição Química Açúcares redutores, pentosanas, galactona, óleos essenciais, resinas, criptoxantina, flavona, fitosteroides: estigmasterol e sitosterol, tanino, saponina, fermento, ácido oleico, linoleico, alantoina, ácido salicílico, velaina, vitaminas C e K, sais de potássio em quantidade apreciável.

Interações Medicamentosas e Associações Doses excessivas podem interferir com atividade hipoglicemiante dos fármacos.

Contraindicação Para homens com inflamação nos testículos. O uso prolongado pode causar hipocalemia devido à ação diurética. É contraindicado na gravidez e na lactação, pois o cabelo de milho estimulou contrações uterinas em coelhos. Homens com dificuldade ao urinar devido à inflamação na próstata.

Toxicidade O cabelo de milho possui um princípio tóxico não identificado, porém a toxicidade do extrato aquoso insolúvel em metanol demonstrou ser baixa em coelhos. Devido à falta de dados sobre a toxicidade, evitar seu uso excessivo.



MIXIRICA

Família

Rutaceae

Nome Científico

Citrus deliciosa Tenore

Sinonímia Vulgar

Tangerina.



MIXIRICA

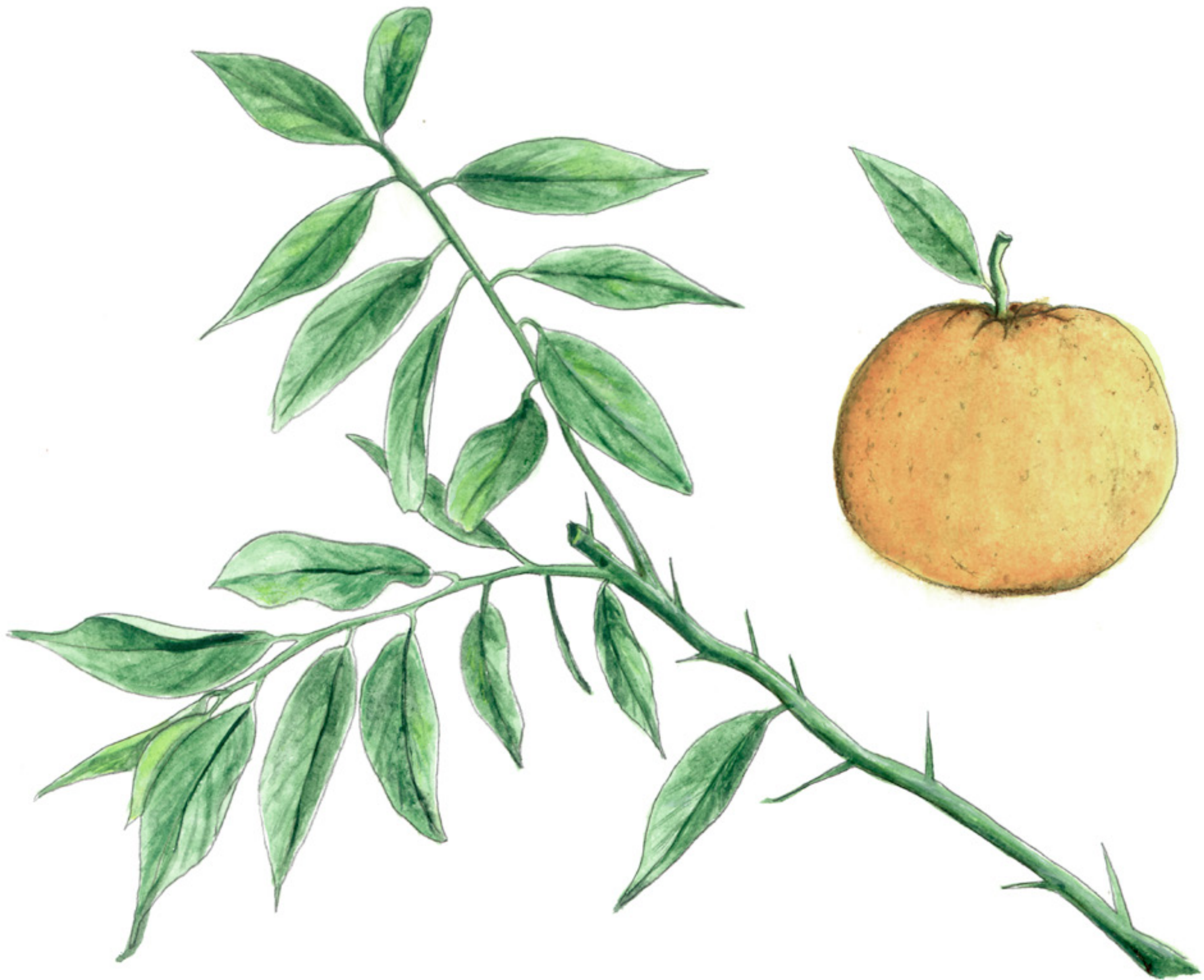
Descrição Árvore copada armada de espinhos. Folhas alternas com pecíolo alado, lanceoladas, acuminadas, simples, pequenas, glabras, contendo numerosos depósitos de óleos essenciais em glândulas translúcidas, aromático e volátil. Flores brancas perfumadas, com 5 sépalas e 5 pétalas com numerosos estames reunidos em feixes e um gineceu de 7 a 12 carpelos. O fruto é achatado na base de casca mole e oleaginosa, contendo sumo de cor avermelhada, doce, saboroso e muito apreciado. Presença de numerosas sementes brancas. É originária da China e cultivada em todo Brasil como árvore frutífera.

Partes Usadas Folhas ou essência extraída da casca.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego Usada contra gripes e como febrífugo. Umas gotas de essência misturadas na água funcionam como calmante na excitação nervosa, cicatrizante e vulnerário, curando até as inflamações do reto. Ferver 3 ramos com 3 a 4 folhas em 1/2 copo d'água durante 20 minutos e tomar 1 xícara 3 vezes ao dia.

Constituição Química Óleo essencial e ácidos. A protopectina tem ação coloidal com absorção de substâncias tóxicas.



MORANGO-SILVESTRE

Família

Rosaceae

Nome Científico

Rubus rosifolius Sm.

Sinonímia Vulgar

Framboesa, framboesa-do-brasil.

Sinonímia Científica

Rubus rosifolius Stokes



MORANGO-SILVESTRE

Descrição Pequeno arbusto de caule ereto, até 2 m de altura, ramoso e com ramos alongados, cilíndricos, glaucos, glabros, armados até o pecíolo de acúleos setáceos retos ou subulados e inofensivos. Folhas superiores compostas de 3 folíolos e folhas inferiores pecioladas, imparipinadas, com 5 folíolos, sésseis, ovais, agudíssimos, sendo o terminal maior do que os laterais, glabros na face superior e branco-tomentosos na inferior. Flores alvas reunidas em cimeiras axilares no ápice dos ramos e nas axilas das folhas superiores. Cálice pentâmero com cinco divisões ovais, lanceoladas, agudas e um pouco vilosas nas margens. Corola polipétala, pequena, ereta, um pouco obtusa. Androceu com numerosos estames livres. Gineceu pluricarpelar, dialicarpelar; ovários; inseridos em um receptáculo que se eleva em forma de uma coluna arredondada, tendo a parte central cônica. Cada carpelo é constituído de um ovário unilocular, uniovulado e de estilete truncado no ápice. Fruto sorose pubescente, aromático, formado de varias drupas avermelhadas; às vezes amareladas, róseas ou brancas, comprimidas entre si e reunidas sobre um ginóforo alongado.

Partes Usadas Frutos maduros, brotos e raízes.

Formas Farmacêuticas Xarope, vinho, soluto concentrado, extrato fluido, decocto e infuso.

Emprego Diurético, refrescante, edulcorante. Depurativo nas afecções renais e para as inflamações da boca e da garganta (fazer o chá com as raízes).



MORANGUEIRO

Família

Rosaceae

Nome Científico

Fragaria vesca L.

Sinonímia Vulgar

Morango, fragaia, fragária.

Sinonímia Científica

Fragaria vulgaris Ehrh; *Fragaria vesca* Coville; *Fragaria vesca* Walter; *Fragaria vesca* Benth.



MORANGUEIRO

Descrição Originário da Europa, ao longo dos bosques e caminhos. Planta perene com rizoma curto, apresentando folhas rosuladas e estolões radicantes. As folhas compostas trifoliadas, longamente pecioladas, verde-claras e brilhantes na face superior, mas claras e pubescentes na face inferior. As flores brancas são pentâmeras, com numerosos estames amarelos, de corola rosácea, formando um cacho terminal de poucas flores. Os frutos são aquênios, presos em um receptáculo carnoso, com o cálice persistente. O morango é um fruto vermelho apreciado por todos e muito perfumado. Reproduz por estolões ou sementes, em terrenos úmidos, areno-argilosos, de baixa acidez e com bastante matéria orgânica. Seu cultivo, em grande escala, leva grande quantidade de agrotóxicos e, portanto, seria interessante cultivá-lo em hortas caseiras.

Partes Usadas Folhas, raízes ou fruto.

Formas Farmacêuticas Decocto, infuso, colutório ou fruto ao natural.

Emprego As folhas e raízes sob a forma de decocto e infuso são usadas nas inflamações bucais, na hepatite, na icterícia e diarreia, como diurético, depurativo e emenagogo. O fruto ao natural é utilizado em aftas, como edulcorante, adstringente e também na gota. Infuso e decocto a 2 %, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 1 a 4 ml ao dia.

Constituição Química Vitamina C, provitamina A, B1, B2, sais minerais, glúcides, proteínas e tanino, eugenol, éster metil-salicílico.

Contraindicação Deve ser evitado por obesos, diabéticos e por aqueles que apresentem alergia ao fruto.



MOSTARDA-BRANCA

Família

Brassicaceae (Cruciferae)

Nome Científico

Sinapis alba (L.) Hooker f.

Sinonímia Vulgar

Mostarda-branca.

Sinonímia Científica

Brassica alba Hook. e Thoms; *Brassica alba* Boiss.; *Brassica alba* Gilib; *Brassica alba* (L.) Rabenh.



MOSTARDA-BRANCA

Descrição A mostarda- branca é uma planta anual, herbácea, que pode alcançar 60 a 80 cm de altura. Caule rígido, anguloso, estriado, fistuloso, com pelos rígidos e folhas profundamente partidas, com alguns pelos ásperos. As flores se dispõem em cachos terminais no caule e em suas ramificações. As 4 pétalas estão sustentadas por unguículas longas e delgadas e são de cor amarelo-limão, muito intensa. Os frutos, longamente pedunculados, se dispõem no eixo principal, formando um ângulo reto. São silíquas que terminam à maneira de um punhal e estão dotadas de pelos rígidos e ásperos. Em cada um deles se encontram 4 a 5 sementes nos compartimentos globosos em que se divide. Floresce no mês de maio na Europa e na Ásia. Cultivada em Minas Gerais, não é apreciada como a mostarda-negra.

Parte Usada Sementes.

Formas Farmacêuticas Pó, decocto ou cataplasma.

Emprego Tem usos semelhantes aos da mostarda- negra e é também estimulante do aparelho digestivo, tomando-se de 4 a 8 gramas (uma colher de sopa) da semente inteira após as refeições.

Constituição Química Enzima mirosinase que hidrolisa a sinabina, produzindo o isotiocianato de p-hidroxibenzila, que é menos volátil que o isotiocianato de alila da mostarda- negra.

Interações Medicamentosas e Associações Devido ao efeito antagonista da vitamina K, diminui ou aumenta o efeito dos anticoagulantes, quando consumida em doses variáveis (manter quantidades de ingestão constante). O uso excessivo pode alterar a absorção do hormônio da tireoide no trato gastrintestinal, devido ao conteúdo de glucosinolatos, provocando o bócio.

Contraindicação Na gravidez, devido aos seus efeitos emenagogo e abortivo; na lactação e em crianças com menos de 6 anos. Em envenenamentos, o uso interno é contraindicado devido ao seu próprio efeito irritante. Em virtude da liberação de iso-tiocianato de alila, é contraindicado nas inflamações do estômago, rins e intestino. Externamente, em pele desprotegida devido à sua ação epistática do óleo essencial e também em uso prolongado.

Toxicidade A planta fresca pode causar dermatite de contato.



MOSTARDA-NEGRA

Família

Brassicaceae (Cruciferae)

Nome Científico

Brassica nigra (L.) Andraz

Sinonímia Vulgar

Mostarda.

Sinonímia Científica

Sinapis nigra L.; *Brassica nigra* Coch;

Brassica nigra (L.) W. D. J. Coch



MOSTARDA-NEGRA

Descrição Planta originária da Europa, onde é espontânea, cultivada em quase todo o globo, pelo menos onde há condições climáticas favoráveis. Atinge até 1,20 m de altura, mas é planta herbácea, de folhas grandes, pilosas, alternas, pecioladas, denteadas na base e inteiras na parte superior do caule. Flores reunidas em inflorescência do tipo cacho terminal, hermafroditas, regulares e com corola crucífera, amarela. Estames tetradínamos, isto é, 4 maiores e 2 menores. Ovário súpero. Fruto síliqua, de 2 cm de comprimento, glabro, comprimido, munido de muitas sementes ovais ou esféricas e escuras. Multiplica-se por sementes. Prefere terreno areno-argilosos, leve, úmido e ensolarado.

Partes Usadas Sementes e folhas em saladas.

Formas Farmacêuticas Pó, cataplasma e decocto.

Emprego As sementes são usadas em cataplasma como rubefaciente e vesicatória. A essência goza de propriedades antissépticas. Internamente, é estimulante e aperitiva, aumentando a salivagem e não o suco gástrico. Em grandes doses, é emética. As folhas em saladas são usadas como digestivas. A cinigrina possui uma propriedade anticarcinogênica. O cataplasma é obtido misturando-se a farinha da semente com água a 40° C.

Constituição Química Óleo fixo, glicérides dos ácidos eicosenoico, erúico, linocérico, linoleico, linolênico e oleico. Compostos nitrogenados e sulfúricos (ácido sinápico e sinapina). Possui também mucilagens, proteínas e lipídeos. O gosto da mostarda é devido a um componente, denominado isotiocianato de alila, resultante da hidrólise da cinigrina pela enzima mirosinase.

Interações Medicamentosas e Associações Devido ao efeito antagonista da vitamina K, diminui ou aumenta o efeito dos anticoagulantes, quando consumida em doses variáveis (manter quantidades de ingestão constante). Pode aumentar os níveis séricos de vários medicamentos, por causa da diminuição da atividade de uma enzima da qual os medicamentos são substratos. Com antiácidos, pode haver um antagonismo e maior irritação da mucosa devido ao efeito irritante do iso-tiocianato de alila.

Contraindicação Na gravidez, devido aos seus efeitos emenagogo e abortivo; na lactação e em crianças com menos de 6 anos. Em envenenamentos, o uso interno é contraindicado devido ao seu próprio efeito irritante. Por causa da liberação de iso-tiocianato de alila, é contraindicado nas inflamações do estômago, rins e intestino. Externamente, em pele desprotegida devido à sua ação epistática do óleo essencial e também em uso prolongado.

Toxicidade Em altas doses é emética. A planta fresca pode causar dermatite de contato.



MULUNGU

Família

Leguminosae (Faboideae)

Nome Científico

Erythrina verna Vell.

Sinonímia Vulgar

Árvore-de-coral, sapatinho-de-judeu, bico-de-papagaio.



MULUNGU

Descrição Árvore com folhas alternas, compostas, trifoliadas, com estípulas pequenas e acompanhadas de espinhos agudos e escuros, que caem após a estação chuvosa e depois dos pelos. As flores surgem antes das folhas e são de um belo escarlate, donde lhe vem o nome de árvore de coral. Estas flores dispõem-se em cachos axilares e terminais. Androceu com 10 estames diadelfos, sendo 9 unidos e 1 livre. Fruto legume longo, linear, atenuado na base e no ápice, abrindo-se por 2 valvas sinuosas e contraídas, entre as sementes que são arredondadas, vermelhas e com uma mancha preta. Desenvolve-se na costa da América do Sul. A casca do caule, no Brasil, é conhecida com o nome de casca de mulungu.

Parte Usada Cascas do caule.

Formas Farmacêuticas Pó, infuso, tintura, extrato fluido ou decocto.

Emprego Sedativo, hipnótico e calmante dos nervos. É muito usado na asma de origem nervosa, além de em tosses nervosas, dores reumáticas e insônia. Decocto a 2 %, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 1 a 4 ml ao dia. Sua propriedade de regularizar os batimentos cardíacos e a atividade hipotensora foi atribuída aos alcaloides.

Constituição Química Alcaloides (eritrina, erisopina, erisodina, eritramina, eritratina); esteroides, migurrina.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associado ao maracujá, à valeriana e ao viburno.

Toxicidade As sementes são tóxicas.



MURTA

Família

Rutaceae

Nome Científico

Murraya exotica L.

Sinonímia Vulgar

Jasmineiro.

Sinonímia Científica

Chalcas exotica (L.) Millsp.; *Murraya paniculata* var. *exotica* (L.)

C. C. Huang; *Murraya paniculata* (L.) Jack



MURTA

Descrição Pequena árvore, originada da Ásia e cultivada em Minas Gerais, onde é muito usada na arborização de ruas de passeios mais curtos. É de crescimento muito lento e pode atingir até 4 m de altura. Seu tronco é fissurado nas árvores mais velhas e tem copa arredondada, muito ramificada e densa. Folhas compostas imparipinadas, alternas, com pontuações translúcidas, características da família. Os folíolos são elípticos ou ovais de 4 cm de comprimento por até 2 cm de largura. Sua margem é inteira e tem o ápice acuminado ou recoso na base. Flores brancas muito perfumadas reunidas em corimbos, cachos ou ainda inflorescência isolada. Suas flores têm 5 pétalas com glândulas translúcidas e possuem de 9 a 10 estames. O fruto é uma drupa piriforme, muito apreciada pelos pássaros, de cor vermelho-brilhante quando maduros, e tem 1 ou 2 sementes de cor clara.

Partes Usadas Folhas

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou tintura.

Emprego Tônico, febrífugo, diaforético, disenterias, adstringente, estimulante.

Constituição Química Óleo essencial.



MUSSAMBÉ-DE-ESPINHO

Família

Capparidaceae

Nome Científico

Cleome spinosa Jacq.

Sinonímia Vulgar

Manto-de-nossa-senhora, mussambé, mussambé-sete-marias.

Sinonímia Científica

Cleome spinosa Rojas; *Cleome spinosa* S.W.



MUSSAMBÉ-DE-ESPINHO

Descrição Arbusto espinhento, ramificado, semi-herbáceo, de 70 cm a 1,2 m de altura no Brasil. Folhas compostas de 5 a 7 folíolos, membráceas e dotadas de cheiro forte. Inflorescências terminais vistosas de muitas flores de cor rosa de 4 pétalas, com unhas longas. 6 estames com filetes muito longos. Gineceu com carpóforo. Frutos secos deiscentes com muitas sementes escuras. É plantada em grupos, visando formar canteiros grandes em áreas abertas. Também utilizado ao longo de cercas e próximo a lagos em terrenos úmidos. É nativa em Minas Gerais em terrenos úmidos. Em Belo Horizonte, é encontrada em torno da Lagoa da Pampulha. Reproduz-se facilmente por sementes.

Parte Usada Toda a planta.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego Asma, bronquite, cefaleia e leucorreia.

Constituição Química Não foi encontrada sua constituição química.



NEGRAMINA

Família

Siparunaceae (antiga Monimiaceae)

Nome Científico

Siparuna guyanensis Aubl.

Sinonímia Vulgar

Negramina.

Sinonímia Científica

Citrosma discolor Poepp. & Endl.; *Citrosma guianensis* (Aubl.)
Tul.; *Siparuna discolor* (Poepp. & Endl.) A. DC.; *Siparuna foetida*
Barb. Rodr.; *Siparuna panamensis* A. DC.



NEGRAMINA

Descrição Arbusto ereto ou pequena árvore de 3 a 5 m de altura, aromática, com ramos jovens rufo-pubescentes, nativa em quase todo Brasil, em sub-bosque de matas secundárias. Folhas simples, membranáceas de margens lisas, de 6 a 15 cm de comprimento por 4 a 7 cm de largura. Flores unissexuadas, de cor amarelo-esverdeadas, dispostas em pequenas inflorescências axilares. Os frutos são cápsulas de cor verde que, ao se abrirem, expõem o interior de cor róseo-avermelhado com sementes presas a ela. Multiplica-se apenas por sementes.

Partes Usadas Folhas, raízes ou toda a planta.

Forma Farmacêutica Infuso.

Emprego As folhas ou raízes, sob a forma de chá quente com açúcar ou sal, são usadas nas inflamações. Toda a planta, sob a forma de chá frio, é usada na cefalalgia, reumatismo e gripes.

Constituição Química Alcaloides oxoaporfinícos, liriiodernina, cassamedina, além de terpenoides no óleo essencial.

Toxicidade Abortivo.



NESPEREIRA

Família

Rosaceae

Nome Científico

Eriobotrya japonica (Thumb.) Lindley

Sinonímia Vulgar

Nêspera, ameixa-amarela, ameixeira.

Sinonímia Científica

Eriobotrya japonica Lindl.



NESPEREIRA

Descrição Árvore originária da China, de porte médio, podendo atingir até 40 cm de diâmetro. Folhas lanceoladas, coriáceas, com nervuras com pelos e ligeiramente acinzentadas na face inferior. A inflorescência é em panículas de muitas flores. As flores são brancas, reunidas em cachos terminais. A corola é pentâmera. O androceu possui numerosos estames. O fruto tem a epiderme aveludada e amarela com uma polpa esbranquiçada, carnuda e aquosa. O fruto tem a forma oval, arredondada e, quando bem maduro, delicioso sabor, representando uma das frutas mais populares e apreciadas, sendo muito cultivada nos quintais de Minas Gerais. Contém 1 caroço e, às vezes, 2, de cor marrom-clara, brilhante. É planta típica de clima temperado, vegeta em terrenos calcáreos, férteis e bem drenados.

Partes Usadas Folhas novas ou frutos.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego As folhas novas em decocção são usadas como diurético; é tida pelos raizeiros como hipotensora e usada, ainda, no reumatismo, arteriosclerose, como antidiarreico e nas hemorroidas. Os frutos são laxativos, emolientes e usados nas tosses e resfriados.

Constituição Química Glicosídeo cianogênico.

Contraindicação Uso prolongado das folhas deve ser evitado devido ao conteúdo de glicosídeo cianogênico.





QFICIAL-DE-SALA

Família

Asclepiadaceae

Nome Científico

Asclepias curassavica L.

Sinonímia Vulgar

Paina-de-sapo, erva-de-rato.

Sinonímia Científica

Asclepias curassavica Gliseb;

Asclepias curassavica Lour





OFICIAL-DE-SALA

Descrição Planta herbácea, anual, até 1 m de altura ou mais, lactescente como todas as espécies da Família. Caule cilíndrico, ereto, articulado, ramoso desde a base. Folhas lanceoladas, oblongo-lanceoladas, opostas, inteiras, pecioladas, membranáceas, quase glabras. Elas são pálidas na face dorsal e verdes na face ventral. Inflorescência em umbelas bracteadas, longo pedunculadas, unilaterais, com 8 a 10 flores, dispostas na axila das folhas e no ápice dos ramos. Flores de pétalas vermelhas, amarelo-alaranjadas, brancas, providas de uma falsa corola, em forma de coroa de cor amarela, denominada corona, sendo, às vezes, semelhante a capuchos. Fruto múltiplo, pois tem origem em ovário dialicarpelar, além de seco e deiscente (difolículo), providos de numerosas sementes com papus ou vilano, que facilitam a sua dispersão.

Parte Usada Raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Cardiotônico, sucedâneo da dedaleira. Em doses muito pequenas é laxativo. Externamente, é usado para matar bernes. A manipulação da planta deverá ser feita com a planta dessecada.

Constituição Química Alcaloides (Asclepina).

Interações Medicamentosas e Associações Pode aumentar a toxicidade da digoxina e glicosídeos cardiotônicos pela presença de asclepina.

Contraindicação Dermatite de contato com a planta fresca.

Toxicidade Planta altamente tóxica, podendo matar homens e animais.



LIVEIRA

Família

Oleaceae

Nome Científico

Olea europaea L.

Sinonímia Vulgar

Azeitona.

Sinonímia Científica

Olea europaea Thunb.



LIVEIRA

Descrição É uma árvore sempre verde, originada da Ásia menor, cuja altura chega até 12 m, podendo tornar-se gigantesca. Folhas persistentes, opostas, curtamente pecioladas, desprovidas de estípulas, simples, inteiras, lanceoladas, ovais, agudas, pouco nervadas, coriáceas, peninérveas, lisas, glabras, de verde-pálido na face superior e branco argênteo na inferior. Vegetal polígamo, flores dispostas em inflorescências axilares, mais curtas do que folhas; cada flor brevemente pedunculada é colocada na axila de uma folha falsa ou bráctea. Cálice gamossépalo, membranoso, esbranquiçado ou verde na base, com 4 dentes curtos e aveludados; corola gamopétala, de tubo curto, com 4 lobos profundos, triangulares, branco-amarelados. 2 estames livres, concrecidos com o tubo da corola, anteras grossas, elípticas, biloculares, conectivo arqueado e sempre extrorso. Nas flores hermafroditas, o ovário é livre, súpero, ovoide, carnoso, com 2 lojas biovuladas. Estilete curto, cilíndrico, com extremidade claviforme, 2 lobos aderentes, separados por um sulco vertical. Fruto drupa alongada, de cor púrpura quando madura. Multiplica-se por sementes e não é exigente quanto ao solo, mas, para florescer e frutificar, é preciso que o verão seja bem quente e o inverno bem frio. Em Minas Gerais, é muito cultivada em Maria da Fé.

Parte Usada Óleo do fruto.

Forma Farmacêutica Óleo (azeite).

Emprego Adjuvante farmacêutico veículo para injetáveis usado em emplasto e linimentos. O azeite de oliva é considerado vulnerário e ingerido em jejum é usado como laxante.

Constituição Química Oleína, glucídeos, protídeos, cálcio, ácidos orgânicos, palmitina, aradona, vitaminas A, B1, B2, D, E, PP e pró-vitamina A. Óleos fixos: palmítico, esteárico, oleico e linoleico.

Interações Medicamentosas e Associações As folhas da oliveira reduzem a hipertensão e a glicose, e o uso concomitante com anti-hipertensivos e hipoglicemiantes deve ser monitorado por profissional da saúde.

Contraindicação O óleo usado em torno dos olhos pode provocar irritação. Devido ao efeito colagogo pode apresentar risco de induzir cólicas biliares.



ORA-PRO-NOBIS

Família

Cactaceae

Nome Científico

Pereskia aculeata Mill.

Sinonímia Vulgar

Carne-dos-pobres.





RA-PRO-NOBIS

Descrição Arbusto semiescandente, espinescente, com folhas lanceoladas, quase sésseis, glabras e muito carnosas, cuneiformes na base e atenuadas no ápice, nervura peninérvea. Flores amarelo-alaranjadas, muito abundantes, dispostas em panículas terminais. As flores têm muitas pétalas e muitos estames. Fruto baga ligeiramente amarga, pequeno e amarelo com muitas sementes e dotado de espinhos externamente. Quando bem maduro é comestível, retirando-se os espinhos que se destacam com facilidade. Suas folhas fazem parte de pratos típicos de Minas Gerais. É facilmente reproduzidas por estacas em solo rico em areia.

Parte Usada Folhas cruas ou cozidas.

Forma Farmacêutica Salada.

Emprego As folhas cozidas ou em saladas são usadas na alimentação de pessoas desnutridas e anêmicas.

Constituição Química Aminoácidos.



ORÉGANO

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Origanum vulgare L.

Sinonímia Vulgar

Orégão, manjerona-selvagem, manjerona-rasteira, manjerona-bahiana.

Sinonímia Científica

Origanum vulgare O. F. Miell; *Micromeria formosana* C.

Marquand; *Origanum creticum* Lour; *Origanum dilatatum* Klok.;

Origanum normale D. Don; *Origanum puberulum* (G. Beck) Klok.



RÉGANO

Descrição Erva de 50 a 80 cm de altura, ramoso, com a parte superior pubescente e algumas vezes avermelhado. Folhas pecioladas, simples, opostas, aveludadas na face inferior, ovais, denticuladas. Flores de cor branca ou lilás, dispostas em inflorescências terminais, corimbiformes, providas de brácteas florais, mais longas que o cálice. Estames didínamos e fruto nuculânio. Originado do Mediterrâneo Oriental, nas colinas ensolaradas. Propaga-se por estaquia, divisão de touceiras ou por sementes, em solos de natureza calcárea, permeáveis e secos, em temperaturas amenas e boa incidência de luz. Renovar o plantio a cada 3 anos.

Partes Usadas Toda a planta ou sumidade florida.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, pó, xarope ou pomada.

Emprego Tônico, digestivo, aromático, nas gripes de criança, expectorante, bronquite, asma, problemas de pele, estimulante de secreções estomacais, vulnerária, distúrbios estomacais, contra venenos, dores reumáticas, carminativo, antiespasmódica. O infuso é preparado com 2 colheres das de sopa de folhas picadas em 1 litro de água fervente, tomando-se de 2 a 3 xícaras ao dia. O extrato fluido, de 1 a 4 ml ao dia.

Constituição Química Óleo essencial composto por muitos fenóis, dependendo do local onde ele é produzido. Possui timol, terpineol, carvacrol e hidrocarbonetos monoterpênicos como limoneno, α e β -pineno e p-cimeno. Compostos sesquiterpênicos como o -cariofileno e bisaboleno. Em sua composição encontramos ainda ácidos orgânicos, flavonoides, taninos, resinas, princípios amargos e minerais.

Contraindicação O uso na gravidez deve ser evitado devido ao efeito emenagogo

e abortivo. Reações de hipersensibilidade cruzadas em pessoas que tenham alergia a plantas da mesma família apresentando as seguintes manifestações: prurido, edema facial, disfagia, disfonia, e apneia.

Interações Medicamentosas e Associações Administrar orégano separadamente com intervalo de pelo menos 2 horas, quando se utilizam suplementos de ferro ou alimentos que contenham ferro, pois o mesmo pode reduzir a absorção de ferro.



RELHA-DE-CACHORRO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Mikania setigera Sch.-Bip. ex Baker

Sinonímia Vulgar

Orelha-de-cachorro.

Sinonímia Científica

Mikania setigera Sch.-Bip.



RELHA-DE-CACHORRO

Descrição Trepadeira subarborescente, com ramos ferrugíneos, pilosos, lenhosos, cilíndricos, distintamente estriados. Folhas opostas, pecioladas, ovado-cordiformes, agudo-acuminadas, denteadas, membranáceas, com 5 a 7 nervuras e com grandes pelos esparsos. Capítulos pedicelados, corimbosos, dispostos em panículas amplas tirsoides. Brácteas grandes, pappus com 30 cerdas brancas. Fruto aquênio, cilíndrico e glabro.

Partes Usadas Folhas ou raízes.

Formas Farmacêuticas Decocto ou sumo da folha.

Emprego O decocto das folhas ou raízes é usado nas frieiras, inflamações e como vulnerário. O sumo da folha é usado contra luxações. Depurativo do sangue.

Constituição Química Não foram encontrados os constituintes químicos desta espécie.





RELHA-DE-COELHO

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Stackys bizantina C. Koch

Sinonímia Vulgar

Orelha-de-lebre, orelha-de-cordeiro.



RELHA-DE-COELHO

Descrição Planta herbácea, perene, muito resistente ao frio, originada do Cáucaso. Pode atingir até 40 cm de altura e é totalmente revestida por uma lanugem branca. O mesmo acontece às folhas elípticas ou lanceoladas, dando à planta um belo efeito decorativo. As folhas curto-pecioladas são opostas, peninérveas, e o limbo se afina para o pecíolo, dando a impressão de um pecíolo alado. Inflorescências densas, com flores pequenas, roxas, de efeito ornamental secundário. Multiplica-se por desdobramento de touceiras, produzidas por brotações laterais já enraizadas. Prefere solos ricos em matéria orgânica, com boa drenagem e mantidos sempre úmidos.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas As folhas à milanesa são usadas como alimento.

Emprego Em anemias.

Constituição Química Não foram encontrados os constituintes químicos desta espécie.



PACOVÁ

Família

Zingiberaceae

Nome Científico

Alpinia zerumbet (Pers.) B. L. Burt. et Sm.

Sinonímia Vulgar

Colônia, príncipe.

Sinonímia Científica

Alpinia speciosa (J. C. Wendel) K. Schum.; *Costus zerumbet* Pers.;
Languas speciosa (J. C. Wendel) Small; *Zerumbet speciosum* J.
C. Wendel; *Renealmia exaltata* L.; *Renealmia exaltata* (Sims)
Kuntze; *Renealmia exaltata* Blanco



PACOVÁ

Descrição Planta herbácea, originada da Ásia Oriental, rizomatosa com hastes eretas extensas, de 1 a 2 m de altura, formadas pela justaposição das folhas. Folhas invaginantes, aromáticas, lanceoladas, de bainha fendida e ligulada, de 40 a 50 cm de comprimento e 8 a 12 cm de largura, agudas e de nervura mediana saliente, verde ou levemente rósea na face inferior, lisas e lustrosas; inflorescência em espiga ovoide composta, que parte do rizoma atingindo de 20 a 30 cm de altura, ereta ou arqueada, com flores pedunculadas, um tanto pilosas. Corola colorida de amarelo e vermelho, possuindo labelo róseo-pálido ou esbranquiçado; cálice tubuloso, tridentado. Fruto cápsula oval-arredondada e fina no ápice, lisa e lúzida, vermelha-clara ou rósea, curtamente pedunculada, provida de brácteas calicinais, pardacentas, triloculares e com muitas sementes pequenas em cada loja. As sementes são envolvidas por uma leve película fibrosa. Frutos de sabor picante, acre, agradável, aromáticos e dispostos em um longo pedúnculo avermelhado ou rosado, cheio de brácteas pardas, carnosas, suculentas e aromáticas. Multiplica-se por divisão de touceira (ter o cuidado de sempre pegar um pedaço do rizoma).

Partes Usadas Folhas, rizoma e sementes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto e tintura.

Emprego Hipotensor e diurético. Tônico, estomáquico, carminativo, excitante, vermífugo, usado contra amenorreia e diversas moléstias da pele. Sementes e rizoma em infusão ou no vinho branco são usados como excitante, carminativo, estomacal, anti-helmíntico e no reumatismo. A folha deve ser cortada em pequenos pedaços e coloca-se sobre ela a água fervente. Cobre-se e deixa-se esfriar. O chá deve ser preparado com 1 folha no primeiro dia e 3 no segundo, se a pressão não abaixar. Deve ficar com a coloração amarelada e não rósea. A cor avermelhada indica que houve oxidação de seus princípios. O chá deve ser mantido em geladeira e preparado a cada dia.

Constituição Química Alcaloides, fenóis, óleo essencial (cineol, eugenol, pineno, éter metílico, ácido cinâmico, cadineno); galantina, éter metílico de galantina, canjerina, bassorina, amido, matérias resinosas e mucilaginosas.



PAPO-DE-PERU

Família

Aristolochiaceae

Nome Científico

Aristolochia gigantea Mart. & Zucc.

Sinonímia Vulgar

Jarrinha, milhome, cipó-mil-homens, cassaú, calunga, capa-homem, orelha-de-elefante.

Sinonímia Científica

Aristolochia gigantea Hook.



PAPO-DE-PERU

Descrição Trepadeira herbácea de ramos finos e flexuosos, de base engrossada com casca fissurada. Folhas simples, membráceas, longamente pecioladas, glabras, de 12 a 20 cm de comprimento. Flores solitárias avermelhadas ou vinosas atingindo de 30 a 40 cm em forma de sifão, de nervuras vinosas. Os frutos são provenientes de ovário ínfero e formam cápsulas deiscentes, ventricidas. Por sua forma, são chamadas de jarrinha. Existem outras espécies, do mesmo gênero, utilizadas para o mesmo fim terapêutico e com composição química semelhante; dessas, a mais conhecida é a *Aristolochia cymbifera* Mart. & Zucc, conhecida como cassaú. Em Minas Gerais, existem muitas espécies de *Aristolochia*, sendo que a população faz uso destas espécies indiscriminadamente.

Partes Usadas Raízes ou casca do caule.

Formas Farmacêuticas Infuso, alcoolatura ou decocto.

Emprego As raízes ou a casca do caule sob a forma de infuso, decocto, ou alcoolatura são usadas contra reumatismo, amenorreia, na indução do parto e como excitante. Ferver 20 g da raiz em 1 copo d'água por 20 minutos. As folhas em decocção são usadas na hipertensão arterial. Estudos com os extratos etanólicos e aquosos demonstraram atividades significativas contra duas bactérias gram positivas e uma gram negativa, esclarecendo o seu uso popular como antisséptica.

Constituição Química As raízes e os caules possuem diterpenos e as folhas, sesquiterpenoides. A partir de um estudo do extrato alcaloídico das folhas, foram isoladas 2 isoquinolinonas: corildaldina e thalifolina. Além de outros 3 alcaloides bis-benzil-tetraidro-isoquinolínicos inéditos chamados: pampulhamina, geraldoamina e pedroamina. Nos caules foram identificados β -sitosterol, a magnoflorina e o pinetol.



PAPOUULA-RUBRA

Família

Papaveraceae

Nome Científico

Papaver rhoeas L.

Sinonímia Vulgar

Papoula-vermelha, papoula-comum.

Sinonímia Científica

Papaver rhoeas Pall.



APOULA-RUBRA

Descrição Originária do Oriente, esta planta possui caule de 1 a 3 palmos de altura, com folhas e pedúnculos compridos, erguidos e com numerosos pelos brancos. A flor está virada para baixo antes de abrir-se e possui cálice dímero e caduco; corola com 4 pétalas grandes e cruzadas, de cor avermelhada e com manchas escuras na base. As pétalas são delgadas e a flor só dura um dia. Estames numerosos, com filamentos delgados e de cor escura. A antera é verde-oliva. O fruto tem o formato de uma urna e por cima uma espécie de disco, de onde saem 7 a 12 linhas escuras radiais que são os estigmas, abrindo-se por meio de pequenos poros que se localizam abaixo do disco (cápsula poricida).

Parte Usada Pétalas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido, tintura ou xarope.

Emprego Emoliente, béquico. Nas afecções das vias respiratórias, tais como bronquites e coqueluche. Externamente, o decocto é usado em bochechos e gargarejos no tratamento de abscessos dentários, inflamações da boca. As pétalas em infusão de 10 g/l de água acalmam a tosse e insônia.

Constituição Química Antocinina, antocianidina, readiana, rearubina, reagenina e codeína.



PARACARI

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Peltodon radicans Pohl.

Sinonímia Vulgar

Hortelã-do-campo, hortelã-do-mato, hortelã-do-brasil.



PARACARI

Descrição Erva prostrada, viscosa. Caule longo, tetrágono, levemente radiante, estriado, sulcado na parte superior e glabro na inferior. Folhas membranáceas, ovais, arredondadas, obtusas, cordiformes na base, decurrentes, crenadas, hispido-vilosas e levemente nervo-venosas. Brácteas ovais, obtusas, crenadas, cordiformes na base, levemente pilosas. Capítulos terminais de 2 a 3 cm de diâmetro e hemisféricos. Pedúnculo viloso, flexuoso, cilíndrico e comprimido. Cálice tubuloso, campanulado, membranáceo, glabro, com 5 dentes iguais, eretos, peltados no apêndice curto, ciliado. Corola branca de tubo glabro, reto, de limbo bilabiado, sendo o lábio superior bífido e o inferior mais longo, inclinado com os lobos laterais oblongos e estreitos na base. 4 estames didínamos, com filetes glabros. Estilete com vértice curtamente bífido.

Partes Usadas Sumidades floridas ou toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Balsâmico, carminativo, diurético e esternutatório. Sob a forma de decocto, é usada para inflamações do fígado e dos rins, e a sumidade florida, sob a forma de extrato-fluido, é usada para doenças da pele, como dartros, tinhas e eczemas. Infuso e decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Óleo-resina e amido.

Toxicidade É tida como abortiva.



PARA-TUDO-DO-CAMPO

Família

Amarathaceae

Nome Científico

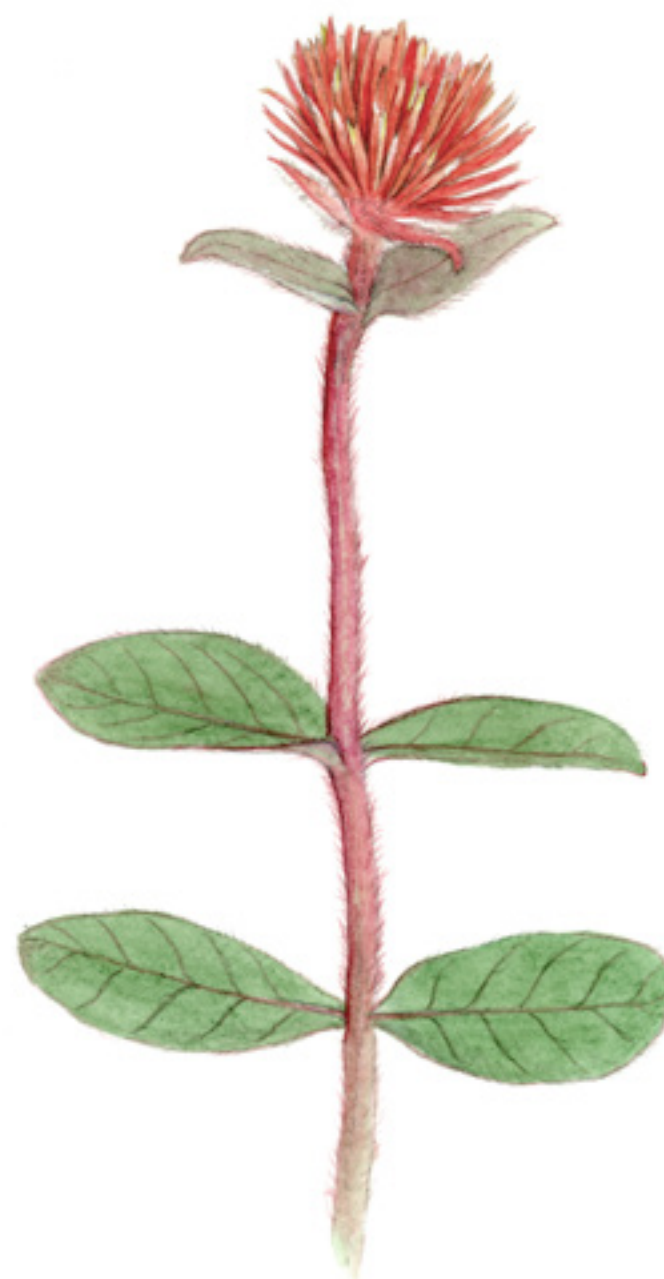
Gomphrena arborescens L. f.

Sinonímia Vulgar

Perpétua, perpétua-do-mato, paratudinho, para-tudo.

Sinonímia Científica

Gomphrena officinalis Mart.; *Gomphrena arborescens* Balb ex Moq.; *Gomphrena macrocephala* St. Hil.; *Gomphrena fruticosa* L. ex Jackson; *Bragantia vandell* Roem & Schult.; *Xeraea arborencens* (L. f.) O. Kuntze



ARA-TUDO-DO-CAMPO

Descrição Raiz pivotante. Caule subterrâneo do tipo xilopódio. Caule aéreo ereto pouco ramificado, de até 30 cm de comprimento, muito piloso em toda a sua periferia. Folhas simples, inteiras, opostas, curto-pecioladas, lanceoladas ou oblongas, revestidas de pelos longos e amarelados, compostas de nervura peninérvea e com o ápice obtuso, de 10 cm de comprimento por 3 cm de largura. Folhas involucrais, lineares, igualando ou superando os capítulos. Inflorescência em capítulos homogêneos. Flores alaranjadas de 3 a 4 cm, tubo estaminífero cilíndrico, estilete curto e estigma linear. Planta muito frequente nas serras mineiras, em campos arenosos e campos cerrados; em época de floração, ornamentando as serras com seu colorido vibrante.

Partes Usadas Caule subterrâneo, folhas ou flores.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Dismenorreia, febrífuga, eupéptica.

Constituição Química Caule subterrâneo: saponinas, ecdisterona. Carboidratos oligo e polissacarídeos não redutores.

Contraindicação Como a planta é indicada para dismenorreia, deve ser evitado seu uso por mulheres grávidas.



PARIETÁRIA

Família

Urticaceae

Nome Científico

Parietaria officinalis L.

Sinonímia Vulgar

Fura-parede.



ARIETÁRIA

Descrição Originada da Europa e aclimatada no Brasil, tornou-se espontânea e vive sobre paredões, de preferência em lugares úmidos e sombrios. É herbácea, perene, de 60 a 80 cm de comprimento, quase sempre com ramos coloridos de vermelho, cilíndricos e cobertos de pelos. Folhas simples, trinérveas, alternas, pecioladas, inteiras, também providas de pelos lanceolados, ovais, ligeiramente luzentes na face ventral e munidas, como o caule, de cystólitos. Ausência de estípulas. Flores dispostas em cimos axilares, de 5 a 7 flores, sendo a central feminina e munida de perigônio tubuloso. Flores unissexuais ou polígamas pequenas, esverdeadas, ocupando, as masculinas ou as hermafroditas, a periferia da inflorescência, sendo o ovário e as peças do perigônio pilosos. A inflorescência é protegida por 1 involúcro constituído de 1 bráctea e 2 bractéolas. Perigônio formado de 4 peças livres ou concrecidas na base. Estames com 4 filetes livres, grossos, sulcados ou estriados transversalmente, inseridos abaixo do ovário, com anteras ditecas de deiscência rimosa. Ovário súpero, unilocular, uniovulado. Estilete delgado comprido, articulado na base e caduco. Estigma papiloso e penicelado. Fruto aquênio ovoide, protegido pelo cálice persistente. Semente com albúmem carnosos e copiosos.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou extrato fluido.

Emprego Ótimo diurético, usado nos cálculos renais e, ainda, como emoliente e nas dermatoses. Em uso externo é cicatrizante. Infuso e decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Nitrato de potássio, oxalato de cálcio, substâncias mucilaginosas.



PARREIRA

Família

Ampelidaceae

Nome Científico

Vitis vinifera L.

Sinonímia Vulgar

Uva, videira, passas.

Sinonímia Científica

Vitis vinifera Marsh



PARREIRA

Descrição Quando a parreira cresce nativa, forma um grosso tronco que sobe nos arbustos vizinhos. Prende sua copa por meio de gavinhas. Possui folhas grandes, pedunculadas, cordiformes na base e pentalobuladas cujos lóbulos são desiguais, palminérveas. Oposta à folha nasce uma gavinha. A inflorescência é panícula. Nela, as flores se compõem de um cálice verde pentassépalo. A corola é pentâmera, ligeiramente concrecida e mostra 5 estames livres. No centro da flor, ergue-se o pistilo que parece um figo em miniatura, possuindo uma cabeça avermelhada ou amarelada, que é o estigma. O fruto é uma baga redonda ou elíptica, de cores variadas, desde o branco, rosa, azulado até quase o negro. Existem quase 4.000 variedades que são cultivadas em todo o mundo.

Partes Usadas Fruto parcialmente dessecado (passas), folhas.

Formas Farmacêuticas Vinho, passas (fruto dessecado), suco, decocto, salada.

Emprego O álcool e o vinho são empregados como veículo na confecção das alcoolaturas e dos vinhos medicinais. A uva fresca pode servir como alimento e é usada como diurética e laxativa, excitante e aperitiva. Quando dessecada, é usada como emoliente. O sumo do fruto é usado como laxante, colagogo e litagogo. As folhas, em decocto ou salada, são usadas nos casos de urticária e arteriosclerose.

Constituição Química Glicose, bitartarato de potássio, ácido málico, matérias mucilaginosas.

Interações Medicamentosas e Associações Desde a mais remota antiguidade as uvas passas eram associadas às tâmaras e aos figos secos como laxantes e peitorais.

Contraindicação Devido à glicose, as passas são contraindicadas na diabetes e na hipoglicemia.

Observação Essa espécie já foi descrita como da família Vitaceae.



PAU-MAGRO

Família

Sapindaceae

Nome Científico

Cupania oblongifolia Mart.

Sinonímia Vulgar

Camboatã.

Sinonímia Científica

Cupania oblongifolia Turcz



PAU-MAGRO

Descrição Árvore com até 8 m de altura de copa alongada e pouco ramificada, de modo geral com um tronco reto e fino. Folhas compostas de primeiro grau com folíolos alternos apresentando um número de 5 a 7. Folíolos de pecíolo curto, sem pelos na face adaxial e tomentosos na abaxial, coriáceos de margem serreada, podendo atingir 17 cm de comprimento por 8 cm de largura. Nervuras peninérveas bem visíveis. Inflorescência formada por panículas axilares de flores creme. O fruto é uma cápsula rugosa e a semente tem arilo. Em Minas Gerais, ocorre nas matas fluviais.

Parte Usada Folha.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Diurético e muito usado pela população para emagrecimento.

Constituição Química Não foram encontrados na literatura os constituintes químicos do pau-magro.



PAU-PEREIRA

Família

Apocynaceae

Nome Científico

Geissospermum laeve (Vell.) Miers

Sinonímia Vulgar

Pau-forquilha, pau-de-pente, canudo-amargoso.

Sinonímia Científica

Geissospermum vellosii Fr. Allem



PAU-PEREIRA

Descrição Árvore do Brasil, com casca grossa, profunda e irregularmente fendida na parte suberosa. A casca tem a cor amarela, sabor amargo, sem adstringência notável. Seus ramos são tortuosos, copados, cobertos de um pelo macio e pardo. Folhas alternas, ovais, lanceoladas. As flores são pequenas, de cor parda e sem cheiro. Só 1 ou 2 flores chegam a frutificar, de cada vez, uma resulta em 2 frutos e por abortamento resulta apenas um. Fruto carnoso, oval, acuminado e divergente. Enquanto verdes, são cobertos de pelos cinzentos, luzidios e depois de maduros são glabros e amarelos. As sementes são lenticulares, oblongas ou arredondadas, dispostas em 2 fileiras, com 4 a 5 sementes cada, raras vezes mais, de cada lado das falsas lojas, sobre as quais estão aplicadas e imbricadas de modo que a primeira inferior cobre metade da segunda. Envolvidas em polpa fibrosa e succulenta.

Parte Usada Casca

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido, tintura, elixir ou vinho.

Emprego Tônico amargo, febrífugo (sucedâneo da quina e empregado para as mesmas finalidades), inapetência e atonia gástrica. Infuso ou decocto a 3%, tomar de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 1 a 6 ml ao dia.

Constituição Química Alcaloides: pereirina, geissospermina e velosina.



PAU-TERRA

Família

Vochysiaceae

Nome Científico

Qualea grandiflora Mart.

Sinonímia Vulgar

Pau-terra.



PAU-TERRA

Descrição É uma planta de cerrado, encontrada em cerradão e campos rupestres. Árvore grande, de casca acinzentada, caule reto, fendido irregularmente e com o cerne cor de terra, daí o seu nome. Folhas opostas, curto-pecioladas, oblongas de base arredondada ou cordiforme, rígidas, quebradiças e tomentosas na parte inferior. Sua nervura é bem pronunciada. Flores irregulares com lábio branco sobre fundo amarelo-claro e uma pétala grande. A flor é calcarada, ou seja, possui um esporão típico das Vochysiaceae. O fruto é grande, áspero, seco, deiscente do tipo cápsula e com muitas sementes.

Partes Usadas Folhas ou cascas.

Formas Farmacêuticas Decocto ou infuso.

Emprego As folhas são usadas contra úlcera, gastrite, amebíase, diarreia com sangue e cólicas intestinais. As cascas, sob a forma de infuso, são usadas para limpeza externa de úlceras e feridas, e como antiinflamatório. A tintura é extraída da casca e da madeira: é usada topicamente como vulnerária. Decoto ou infuso: 1 xícara das de chá de folhas picadas em 1 litro de água. Tomar de 3 a 4 xícaras das de chá ao dia.

Constituição Química Compostos fenólicos.

Toxicidade Não foi encontrada na literatura.



PÉ-DE-PERDIZ

Família

Euphorbiaceae

Nome Científico

Croton antisiphiliticus Mart.

Sinonímia Vulgar

Curraleira, canela-de-perdiz, rabujo-de-cachorro, canela-de-saracura.

Sinonímia Científica

Croton antisiphiliticus Müell Arg.



É-DE-PERDIZ

Descrição Planta herbácea, subarborescente, ou pequeno arbusto, atingindo até 50 cm de altura, provida de pelos estrelados. Folhas simples, alternas, curtamente pecioladas, ovais ou elípticas, penínervas, com base escutelar e 2 a 4 glândulas. Estípulas lanceolato-subuladas ou lanceoladas. Inflorescência em cachos de flores pequenas, numerosas e alvas. Brácteas pequenas e espatuladas, sustentando 1 a 2 flores masculinas. Pétalas das flores masculinas espatulato-sublanceoladas, inferiormente viloso-ciliadas e superiormente ciliadas, tendo as faces glabras. Androceu com 10 estames de filetes glabros e anteras elípticas. Flores femininas de cálice laciniado, sendo os lacínios, às vezes, desiguais, triangulares e ovais. Ovário brevemente muricado e densamente fulvo-hirsuto, bilocular, estilete profundamente bipartido. Fruto cápsula globosa, tripartida. Sementes globulosas, elípticas, claras e glabras.

Partes Usadas Folhas, raízes ou toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido ou pó.

Emprego Estimulante, aromático, diurético, diaforético, antirreumático, antiinflamatório, depurativo, antissifilítico, em feridas e eczemas. Toda a planta ou a raiz em decocção são preparadas com 1 xícara das de chá de planta picada para 1 litro de água. Tomar de 3 a 4 xícaras das de chá ao dia.

Constituição Química Óleo essencial (eugenol e cimol), ácidos livres e alcaloides (colombasina, crotonosina, crotosparina, flavenatina, flavenina, hernovina).



PEQUI

Família

Caryocaraceae

Nome Científico

Cariocar brasiliense Cambess.



PEQUI

Descrição Árvore de até 5 m de altura de tronco tortuoso, com casca cinza-escura, fendida e espessa; ramos grossos, tortuosos, pilosos nas extremidades jovens; folhas compostas trifolioladas, sendo o folíolo central maior que os outros, opostas, de pecíolo tomentoso e ferrugíneo; folíolos de base arredondados, com margem crenado-dentados, rugosos, ondulados, oblongo-ovados, aveludados, de coloração verde-clara, com nervura saliente na face dorsal. Flores em racemos com pedicelos ferrugíneo-tomentosos; quando em botões, as pétalas apresentam-se em tom róseo-amarronzadas; cálice glabro, formado por 5-6 sépalas; corola de 5-6 pétalas, espessas; estames numerosos, superando em mais de 2 vezes o tamanho das pétala, dando um aspecto chamativo à flor; fruto drupa, inicialmente verde e globoso, tendo de 1 a 3 carpelos. Sementes envolvidas por um arilo de cor alaranjada.

Partes Usadas Óleo da semente ou caroços.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, alcoolatura ou extrato fluido.

Emprego Na asma, coqueluche, bronquites e resfriados. Também é usado por alguns raizeiros como afrodisíaco e tônico. Infuso e decocto dos caroços a 1%, de 2 a 3 xícaras ao dia. Óleo da semente, de 0,5 a 1 ml ao dia. Na carência de vitamina A, pode-se usar o óleo de pequi ou as sementes cozidas no arroz. Em algumas cidades de Minas Gerais, é preparado um doce de leite onde o pequi é inserido, ficando com a cor mais avermelhada e sendo muito apreciado.

Constituição Química Planta riquíssima em carotenoides ou pró-vitamina A.



PERPÉTUA-BRANCA

Família

Amaranthaceae

Nome Científico

Alternanthera tenella Colla

Sinonímia Vulgar

Periquita, carrapichinho-do-mato, terramicina.

Sinonímia Científica

Alternanthera brasiliensis (L.) O. Kuntze; *Althernanthera tenella* Moq.; *Gomphrena brasiliensis* L.; *Gomphrena brasiliensis* (L.) Lam.; *Mogiphanes ramosissima* Mart.; *Mogiphanes brasiliensis* Mart.; *Telanthera brasiliensis* Moq. & DC.; *Telanthera capituliflora* Moq.; *Telanthera ramosissima* Moq.; *Achyranthes ramosissima* Moq. & DC.; *Achyranthes brasiliensis* Standl.



ERPÉTUA-BRANCA

Descrição Planta perene, rasteira, herbácea, de base lenhosa, muito polimorfa de acordo com seu habitat. Caule de coloração esverdeada, com pelos principalmente nas partes jovens. Folhas simples, opostas, sésseis, de forma oval-lanceolada, de ápice agudo ou ligeiramente acuminado e base atenuada, de coloração verde-escura na face superior e brancacenta na inferior, nitidamente pilosa nas duas faces, principalmente na base. Inflorescência pedunculada, multiflora, com flores em glomérulos alongados e subglobosos de 1 a 3 cm de comprimento. Flores hermafroditas, de coloração cremosa, com 2 brácteas subiguais, pilosas e cobertas por 5 tépalas que são bem desenvolvidas, com 5 estames alternados e com 5 pseudo-estaminódios; ovário unilocular e uniovulado. Fruto utrículo, indeiscente e com uma semente ovalada, envolvida por 2 brácteas lanceoladas de ápice acuminado, com 1,6 a 2,0 mm de comprimento por 1 mm de largura, com hilo lateral. Testa levemente ondulada, brilhante, de coloração marrom-avermelhada e região do hilo mais escura. Reproduz-se por sementes, tem preferência por solos argilosos. Planta comumente encontrada na beira de matas.

Parte Usada Toda a planta.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego Depurativo, diurético, antiinflamatório, béquico, colagogo e em inflamações do útero.

Constituição Química Polifenóis.



PERPÉTUA-ROXA

Família

Amaranthaceae

Nome Científico

Gomphrena globosa L.

Sinonímia Vulgar

Perpétua, angélica.



PERPÉTUA-ROXA

Descrição Erva de 50 a 60 cm de altura, tendo ramos revestidos de pelos macios. Folhas ovais lanceoladas, guarnecidas de penugens e inflorescência de pedúnculos compridos, inodoros de coloração roxa ou de um branco-rosado. A inflorescência dura longo tempo e sua cor permanece sem se desbotar, por isso é usada como ornamental nos jardins. Multiplicação por sementes, feitas em leiras pouco profundas e em solos bem adubados

Partes Usada Toda a planta.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego Diurético, contra acidez estomacal, doenças das vias respiratórias, vermífuga e digestiva. Apresenta atividade antibacteriana.

Constituição Química Flores: flavonoides, saponinas e taninos. Raiz: saponinas. Folhas: além dos componentes das flores contêm ainda sesquiterpenos, acetonas e triterpenos.

Toxicidade Maiores estudos são necessários para uso contínuo desta planta, por apresentar efeitos tóxicos para peixes, além de ser vermífuga e digestiva.



PERPÉTUA-ROXA-DO-MATO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Centratherum punctatum Cass.

Sinonímia Vulgar

Perpétua-roxa, balainho-de-velho.

Sinonímia Científica

Cyanus arvensis Moench.; *Centaurea cyanocephala* Velen



ERPÉTUA-ROXA-DO-MATO

Descrição Planta nativa da América Tropical, herbácea, atingindo até 1 m de altura, sublísa ou pardo-pubescente, de folhas oblongo-espátuladas, serreadas de 3 a 10 cm de comprimento, em geral glabras, subagudas com a base inteira. Capítulo com folhas involucrais exteriores em número de 6 a 12, bastante desiguais, e as escamas inferiores de 7 a 10 mm de comprimento, de ápice negro e membranáceo; as exteriores menores e com aristas subcórneas, purpúreas ou negras de 1 a 3 mm. Aquênio de 1 mm de comprimento, hirto, com cerdas brancas, caducas e curtas: capítulos numerosos, terminais ou laterais de 18 a 24 mm de comprimento e 7 a 10 de largura. Multiplicação por sementes em solos de boa fertilidade.

Partes Usadas Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso e decocto.

Emprego Popularmente a perpétua-roxa-do-mato é usada nas doenças do aparelho genital feminino. A isocentraterina tem efeito antimicrobiano comprovado.

Constituição Química Compostos sesquiterpênicos (centraterina e isocentraterina) e β cariofileno.



PÊSSEGO

Família

Rosaceae

Nome Científico

Prunus persica (L.) Batsch

Sinonímia Vulgar

Pessegueiro.

Sinonímia Científica

Prunus persica Stokes



PÊSSEGO

Descrição Planta originária do Oriente, afirmando alguns autores que ela tem, como pátria primitiva, a China, de onde foi transportada para a Pérsia, passando a florescer abundantemente. O pêsego possui folhas simples, pecioladas, lanceoladas, denteadas e pontiagudas, flores de cor rosa, com muitos estames. O fruto tem comumente de 8 a 9 cm de comprimento, amarelado ou rosado de aroma marcante, com uma pilosidade delicada. Contém 1 caroço achatado recoberto por um mesocarpo de massa amarelada compacta e muito apreciada. Na Europa, são cultivadas muitas variedades e os frutos se diferenciam um pouco entre si, no tamanho, sabor e na cor. Em nosso país, há numerosas espécies de pêsego, sendo as mais populares o pêsego de Minas, o solta caroço e o marrocotão. Floresce nos meses de junho e julho. Com seu fruto são feitos doces, geleias e sorvetes, dando uma excelente e saborosa compota. Multiplica-se por sementes e prefere climas mais amenos e terrenos sílico-argilosos, profundos e bem drenados.

Partes Usadas Folhas, flores ou frutos.

Formas Farmacêuticas Ao natural, infuso ou maceração.

Emprego As folhas amassadas são usadas em dores reumáticas e nevralgias, colocando-as sobre a área afetada. As flores em infusão são usadas nas coqueluches. O fruto comido ao natural é usado na anemia, gota e hipertensão arterial.

Constituição Química Glicosídeos cianogenéticos prunasina e amigdalina que, por hidrólise, produz o ácido hidrocianico, altamente tóxico, presente nas folhas, flores, sementes e cascas. A floretina é encontrada nas folhas e cascas.

Contraindicação As sementes são emenagogas e têm potencial efeito abortivo, devido ao seu conteúdo dos glicosídeos cianogenéticos prunasina e amigdalina; devem ser mantidas longe do alcance de crianças. O fruto é comestível e usado na alimentação humana desde larga data, não tendo contra-indicação de seu uso.



PICÃO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Bidens pilosa L.

Sinonímia Vulgar

Carrapicho, picanço, picão-preto, carrapicho-de-agulha, picão-do-campo.

Sinonímia Científica

Bidens edrescens Vell.; *Bidens alausensis* Kunth; *Bidens chilensis* DC.; *Bidens scandicina* Kunth; *Coreopsis leucantha* L.; *Kerneria dubia* Cass.; *Kerneria tetragona* Moench.; *Bidens leucantha* (L.) Willd.; *Bidens sundaicus* Brume; *Bidens subalternans* DC.; *Bidens quadrangularis* DC.



Picão

Descrição Planta herbácea da América Tropical, sendo considerada planta daninha em muitos países. Anual, de 1 m de altura, glabra, raro pilosa, caule ereto, quadrangular, ramificado e de ramos opostos. Folhas opostas, alternas, pecioladas, triangulares, simples ou decompostas, membranáceas, 3 a 5 pinadas, segmentos ovais, lanceolados, agudos ou serrados. Poucos capítulos pedunculados, reunidos em corimbos laxos de 30 a 40 flores amarelas, sendo as centrais hermafroditas e as marginais femininas de corola ligulada muito curta. Invólucro campanulado, escamas exteriores geralmente foliáceas e inteiras, mais curtas, brancacentas e ciliadas. Poucas lígulas, pálidas, maiores do que o invólucro. Fruto aquênio negro, estreito, anguloso, com 2 a 4 arestas recurvadas, amareladas, que se aderem à roupa e aos pelos dos animais. As sementes germinam com facilidade.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Emoliente, usado no ingurgitamento das glândulas mamárias, icterícia, hepatite e problemas de fígado. Como uso externo, tem ação antimicrobiana em abscessos e furúnculos e é utilizado em banhos, nas hemorroidas. Usado também como litagogo. Infuso ou decocto: usar 1 xícara das de chá de folha picada para 1 litro de água. Adultos, tomar de 4 a 5 xícaras das de chá ao dia. Crianças, tomar de 4 a 5 xícaras das de café ao dia. Para o banho preparar 2 xícaras de folhas em 1 litro de água. Tomar o banho de 25 minutos ou passar com um pano sobre a pele.

Constituição Química Terpenos (-pineno, -pineno, timol, limoneno), carotenoides, fitosteroides, poliacetilenos e ácido nicotínico.

Toxicidade Doses elevadas podem ser tóxicas.



PIMENTA-CUMARI

Família

Solanaceae

Nome Científico

Capsicum baccatum L.

Sinonímia Vulgar

Cumarim.



PIMENTA-CUMARI

Descrição Vegeta em quase todas as regiões do Brasil. Dentre as diferentes espécies de pimentas, esta se destaca também por ser muito conhecida. Tem a forma ovalada e, quando madura, é vermelha. Seu poder estimulante é menor do que o poder da pimenta-malagueta e, por isso, se torna mais tolerável.

Partes Usadas Fruto ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, ou conserva do fruto na cachaça.

Emprego O infuso das folhas é utilizado em gargarejos para combater dor de garganta. O fruto em conserva é usado na alimentação sendo fonte de vitamina A. A capsaicina é eficaz topicamente no tratamento da dor causada por artrite reumatoide, osteoartrite, nevralgia pós-herpética, pós-mastectomia e da pós-amputação (dor fantasma).

Constituição Química As pimentas do gênero *Capsicum* contêm a substância capsaicina, princípio extremamente pungente, existente no septo do fruto. Carotenoides (pró-vitamina A) e ácido ascórbico (vitamina C).

Toxicidade O contato das mãos, após manuseio das sementes ou parte interna do fruto, com os olhos, ou mucosas, pode provocar alergia ou mesmo queimaduras em pessoas sensíveis.



PIMENTA-DE-MACACO

Família

Annonaceae

Nome Científico

Xylopi aromaticum (Lam.) Mart.

Sinonímia Vulgar

Pimenta-de-macaco, pimenta-do-cerrado, pimenta-de-bugre.

Sinonímia Científica

Xylopi aromaticum Baill.; *Uvaria aromaticum* Lam.; *Xylopi grandiflora* A. St. Hil.



PIMENTA-DE-MACACO

Descrição Árvore que mede de 4 a 6 m de altura, de tronco ereto e copa aberta, com casca quase lisa, de cor acinzentada, nativa dos cerrados e muito comum no estado de Minas Gerais. Folhas simples, alternas, coriáceas, lanceoladas, de margem inteira, glabras na parte ventral e pilosas na parte dorsal, com 7 a 15 cm de comprimento e 2 a 3 cm de largura. Flores isoladas, axilares, de pétalas brancas e carnosas. Os frutos são carpódios quase cilíndricos, deiscentes, verdes por fora e vermelhos por dentro quando maduros, medindo de 2 a 3 cm, contendo sementes azeitonadas e brilhantes.

Partes Usadas Folhas, casca do caule ou fruto.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou tintura.

Emprego Antiinflamatório e digestivo. Usado no lugar da pimenta-do-reino, sendo, porém, menos picante. A tintura da casca do caule é empregada como excitante, carminativa e afrodisíaca. Os frutos são usados como digestivo em infuso ou decocto, e são preparados usando-se 1 xícara das de café para 1 litro de água. Tomar 1 xícara das de chá após as refeições. Com antiinflamatório, usar folhas ou casca do caule picadas: 1 xícara para 1 litro, tomar 2 a 3 xícaras das de chá ao dia.

Constituição Química: Estudos químicos registram a presença de óleo essencial, tendo como constituintes de α e β -pineno, mirceno, limoneno, ocimeno, citronelol e carvona, além de diterpenos. A planta contém acetogeninas que apresentam atividade antitumoral *in vitro*.



PIMENTA-MALAGUETA

Família

Solanaceae

Nome Científico

Capsicum frutescens L.

Sinonímia Vulgar

Pimenta-ardida.

Sinonímia Científica

Capsicum frutescens Rodsch



PIMENTA-MALAGUETA

Descrição Possui uma vida mais curta que os pimentões. É uma erva que pode atingir até 50 cm de altura. Possui ramificações que vêm desde a base até o ápice. Folhas simples, alternas, inteiras, ovais, acuminadas e glabras. Flores isoladas, de cor branca, com o centro arroxeadado. As flores são muito abundantes no vegetal. Os frutos são bagas com numerosas sementes presas em um eixo central de cor amarelo-claro. São vermelhas e muito picantes.

Parte Usada Folhas.

Forma Farmacêutica Sumo.

Emprego Erisipela. Dores reumáticas. Como esta planta é riquíssima em vitamina A, ela é usada para doenças da pele e dos olhos (cegueira noturna). Tem efeito hipoglicemiante. A manipulação deverá ser feita com a planta dessecada.

Constituição Química Possui 2 componentes principais: a capsaicina e a diidrocapsacina. Outros componentes: carotenoides (capsantina, -caroteno, violaxantina), ácidos graxos, flavonoides, saponinas, óleo volátil. Os frutos maduros contêm capsaicinoides (amida aromática que apresenta reações alcaloídicas), capsaicinas, pigmentos carotenoides, óleos essenciais (125 substâncias diferentes, vitaminas A e C, proteínas e ácidos graxos), alcaloides esteroidais e uma cumarina.

Interações Medicamentosas e Associações Pode melhorar o dano da mucosa gástrica se ingerida meia hora antes da aspirina. Antiácidos são antagonizados. A absorção da teofilina é aumentada e o metabolismo inibido. A pimenta inibiu isozimas metabolizantes de vários medicamentos o que pode aumentar os níveis séricos dessas drogas e causar tosse. Com álcool, reduz o dano oxidativo do mesmo. Aumentando a secreção de catecolamina, pode diminuir o efeito de anti-hipertensivos. Aumenta o efeito de barbitúricos e drogas depressoras.

Contraindicação Crises de asma podem ser agravadas pelo uso de pimenta devido à broncoconstrição. Pessoas com hipersensibilidade na pele devem ter cuidado com reações alérgicas, principalmente na área dos olhos e pele já lesada, podendo desenvolver urticária. Úlceras ou inflamações no estômago podem ser agravadas pela ingestão de pimenta. Contraindicada também em indivíduos que têm diverticulite, acidez excessiva e refluxofagite.

Toxicidade O tratamento externo deve ser controlado e as aplicações suspensas logo que se observem bolhas ou sensação de queimadura. Pode ser considerada segura como tempero, extrato e óleo resina.

Observação A pimenta-de-caiena tem as mesmas contra-indicações, interações e toxicidade da pimenta-malagueta.



PIMENTÃO

Família

Solanaceae

Nome Científico

Capsicum annuum L.



PIMENTÃO

Descrição O pimentão tem raiz principal, caule aéreo herbáceo, não muito ramificado. Folhas pecioladas, penínérveas, ovais e brilhantes, acuminadas, em cuja axila nascem as flores solitárias, sustentadas por um pedúnculo grosso e curto. As flores brancas têm 5 sépalas unidas e curtas e pétalas iguais, unidas do tipo rotácea. O androceu é formado por 5 estames unidos à corola, com deiscência da antera poricida. O gineceu é formado por 1 ovário de 3 carpelos formando, ao se desenvolver, uma baga que pode variar do amarelo ao vermelho, com inúmeros óvulos presos a um eixo central. As sementes são brancas e reniformes. Sua reprodução se dá por sementes.

Parte Usada Fruto.

Forma Farmacêutica Emplasto.

Emprego O emplasto é aplicado externamente como antirreumático, na pleurisia e na ciática. Os frutos são riquíssimos em vitamina C e A, e usados internamente nessas avitaminoses, como alimento.

Constituição Química Substância oleosa (capsaicina), pigmentos vermelhos do grupo dos carotenos, vitaminas A, C, B1, B2 e E, além de ácidos graxos.



PITANGUEIRA

Família

Myrtaceae

Nome Científico

Eugenia uniflora L.

Sinonímia Vulgar

Pitangueira-vermelha, pitanga-roxa, pitanga.

Sinonímia Científica

Eugenia uniflora O. Berg; *Eugenia michelii* Lam.; *Eugenia costata* Camb.; *Eugenia indica* Mich; *Stenocalyx michelii* (Lam.) O. Berg; *Stenocalyx brunneus* O. Berg; *Stenocalyx affinis* O. Berg; *Stenocalyx impunctatus* O. Berg; *Stenocalyx glaber* O. Berg; *Stenocalyx lucidus* O. Berg; *Stenocalyx dasyblastus* O. Berg; *Myrtus brasiliiana* L.; *Plinia rubra* L.; *Plinia pedunculata* L.



PITANGUEIRA

Descrição Árvore ou arbusto, originária do Brasil, de 4 a 10 m de altura, copa estreita, tronco liso, de cor pardo-clara. Folhas simples, curtamente pecioladas, de 3,0 a 7,0 cm de comprimento com cheiro característico quando amassadas. Flores de cor branca, isoladas ou reunidas em umbelas, nas axilas ou extremidades dos ramos. Fruto drupáceo, globoso e cheio de gomos brilhantes, de cor amarela, vermelha ou vinosa; polpa carnosa e agridoce; contém de 1 a 2 sementes. Multiplica-se por sementes e estacas e prefere climas quentes e úmidos, embora possa suportar, depois de adulta, climas mais frios e secos. Prefere solos sílico-argilosos, ou arenosos, profundos e bem drenados.

Partes Usadas Folhas ou frutos.

Formas Farmacêuticas Decocto ou infuso.

Emprego Diurético, antirreumático, antidiarreico, febrífugo e sialagogo. Os frutos, riquíssimos em vitamina C, são consumidos ao natural ou sob a forma de sucos, geleias e doces. Infuso e decocto a 3%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 1 a 6 ml ao dia.

Constituição Química Óleo essencial (eugenol), sesquiterpenos, e ácidos fenólicos, flavonoides (quercetina, quercitrina, miricitrina e mirecetina), taninos, saponinas, sais minerais e vitaminas A e C.



PITEIRA

Família

Agavaceae

Nome Científico

Agave americana L.

Sinonímia Vulgar

Agave, pita.

Sinonímia Científica

Agave expansa Jacobi.; *Agave fuestenbergii* Jacobi.; *Agave mileni* Haw.; *Agave ornata* Jacobi.; *Agave picta* Salm.Dick.; *Agave ramosa* Hoech.; *Agave spectabilis* Salish.; *Agave variegata* Hort. ex Steudel.; *Agave virginica* Miller.



PITEIRA

Descrição Erva acaule de até 15 m de altura. Folhas de 1 a 2 m de comprimento por 15 a 20 cm de largura, eretas e glaucas. Folhas armadas com espinhos marginais e um apical de 3 a 4 cm de comprimento. Esta planta só floresce uma vez, de 6 a 8 anos de idade com inflorescência de 4 a 10 m de altura com 25 a 30 ramos suportados por brácteas triangulares. Flores trímeras com perianto amarelo-claro, estames de cor verde. Fruto capsular de 6 cm de comprimento por 3 cm de largura. As flores se transformam em bulbilhos que caem formando novas plantas. Cresce em regiões secas, em bordas de caminhos. É planta nativa no Equador, mas é cultivada em toda as Américas, principalmente no México.

Parte Usada Folhas

Formas Farmacêuticas Vinho, decocto ou sumo.

Emprego Antiinflamatória, usada em reumatismo. 1 colher das de sopa do sumo da folha em 1 litro de água fervida por 5 a 10 minutos é usada para o alívio da artrite e tuberculose. O sumo das folhas, in vitro, demonstrou possuir atividade antibacteriana sobre vários microrganismos gram positivos e gram negativos. Para sarna, aplicam-se as folhas frescas maceradas diretamente no local afetado, 1 a 2 vezes ao dia. Contra reumatismo, podem ser usadas, também, folhas maceradas no vinho branco. Tomar uma colher ao dia.

Constituição Química As folhas contêm uma grande quantidade de saponinas. Foram isolados 9 glicosídeos esteroidais, sendo a aglicona aecogenina. Posteriormente, foram isolados outras agliconas rocogenina, tigogenina e gitogenina. E enzimas principalmente proteases.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associada ao poejo para tratamento de reumatismo.

Contraindicação Não deve ser usada por pessoas sensíveis e alérgicas.

Toxicidade O manuseio da planta pode causar lesões cutâneas com eritemas, vesículas e bolhas, além de prurido acentuado. Internamente, pode irritar a mucosa digestiva provocando dor, náuseas e vômitos. Aos primeiros sintomas de edema de língua e lábios ou náuseas, deve-se interromper o tratamento.



POAIA-DO-CAMPO

Família

Rubiaceae

Nome Científico

Richardia brasiliensis GoMez

Sinonímia Vulgar

Poaia-falsa, poaia-do-mato, poaia-branca.

Sinonímia Científica

Richardia scabra St. Hil.



O A I A - D O - C A M P O

Descrição Planta nativa do Brasil, herbácea, com raiz branca quando fresca e cinzenta depois de seca. Caule prostrado, quadrangular, ramificado, quase glabro na base, piloso e avermelhado na axila. Folhas opostas, oblongas, elípticas, curtamente decussadas sobre o pecíolo, inteiras, um tanto carnosas, de cor verde-claro, ásperas ao tato. Estípulas intermediárias, aderentes ao pecíolo das 2 folhas vizinhas, veludas, membranáceas e laciniadas. Inflorescências terminais, em cimeiras contraídas, simulando capítulos, com involúcro composto, com brácteas foliáceas, sésseis e ásperas. Cálice de 5 a 6 sépalas concrecentes até certa altura em tubo campanulado e piloso. Corola infundibuliforme, branca, com 5 a 6 divisões ovais, triangulares, desiguais, vértice róseo-purpurino e mais ou menos piloso. Tubo com anel viloso próximo da base. Estames em número de 5 a 6, eretos, glabros e inseridos no vértice do tubo da corola, anteras oscilantes, dorsifixas estreitas, deiscência longitudinal. Ovário oboval, trilocular, piloso, estilete glabro, estigmas dilatados e oblongos. Fruto cápsula, formado por 3 cocas, coroado pelo cálice persistente. Reproduz-se principalmente por sementes. É uma planta anual, ocorrendo predominantemente de maio a setembro.

Parte Usada Raiz.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Expectorante, diaforético e emético.

Constituição Química O extrato aquoso das folhas contém principalmente taninos, enquanto o extrato alcoólico possui antraquinona, flavonoides. A folha contém tanino, saponinas e esteroides.



POEJO

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Mentha pulegium L.

Sinonímia Vulgar

Poejo-das-hortas.

Sinonímia Científica

Mentha pulegium Luce; *Mentha daghestanica* Boriss; *Pulegium vulgare* Mill.; *Pulegium daghestanicum* (Boriss) Holub



POEJO

Descrição Erva aromática, anual ou perene, podendo atingir 10 cm de altura. Pode ser rastejante ou ereta com ramos de cor verde-escura. Folhas de margem inteira e limbo com glândulas translúcidas. Flores de corola violácea, reunidas em fascículos nas axilas das folhas. 4 estames didínamos, gineceu de estilete ginobásico. Fruto tetra-aquênio, sementes escuras.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Decocto ou xarope.

Emprego Gripes, resfriados, tosses, bronquites, como expectorante e béquica. Infuso e decocto a 1%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 0,5 a 2 ml ao dia.

Constituição Química Óleo essencial constituído principalmente de pulejona, cis e trans-isopulejona, mentona, isomentona, mentofurano, piperitona, isopiperitona, linalol, d-limoneno, cineol, carvacrol, eugenol, mentol, isomentol, neomentol, neoisomentol, 3-octanol, canfeno, α -fenantreno, γ -terpineno, lippiona. Flavonoides: diosmina e hesperidina.



POLÍGALA

Família

Polygalaceae

Nome Científico

Polygala lancifolia St. Hil.

Sinonímia Vulgar

Iodex, poaia-de-são-paulo.

Sinonímia Científica

Polygala virgata Vell.



OLÍGALA

Descrição Planta herbácea nativa em Minas Gerais e São Paulo, muito comum nos gramados. Raiz principal. Caule ascendente muito ramoso, cilíndrico, glabro. Folhas ovais-lanceoladas, geralmente atenuado-acuminadas, verdes, luzidias, alternas, de pecíolos muito curtos quase sésseis. Elas são muito estreitas de 6 a 12 mm, podendo atingir até 5 cm de comprimento. Inflorescência em cacho de 3 a 6 cm de comprimento, sendo seu pedúnculo levemente pubescente. Flores subglobosas com aproximadamente 3 mm de comprimento e largura, pedicelo muito curto e glabro sépalas exteriores subdesiguais, pétala superior apresentando 2 terços do seu tamanho livre, filetes curtos, anteras ovais e iguais. Ovário elíptico, glabro. Fruto emarginado, membranáceo.

Parte Usada Raiz.

Formas Farmacêuticas Decocto ou infuso.

Emprego Diurética, nas bronquites, expectorante, nos problemas renais e contusões. Usada para aumentar o leite materno.

Constituição Química Raízes possuem salicilato de metila, senegina e tenuidina. Partes aéreas possuem xantonas oxigenadas, além do estigmasterol.



PRONTO-ALÍVIO

Família

Acanthaceae

Nome Científico

Justicia pectoralis Jacq.

Sinonímia Vulgar

Chambá-falso.

Sinonímia Científica

Dianthera pectoralis (Jacq.) J. F. Gmel.; *Dianthera pectoralis* (Jacq.) Murray; *Echolium pectorale* (Jacq.) Kuntz; *Pseudokalymma pectorale* (Jacq.) Bremek.; *Rhytiglossa pectoralis* (Jacq.) Nees; *Stethoma pectoralis* (Jacq.) Raf.



PRONTO-ALÍVIO

Descrição Raiz principal, caule aéreo, herbáceo, com pilosidade em todo caule. Folhas simples, membranácea, opostas, peninérveas, ovais, acuminadas, curtamente pecioladas. Flores em inflorescência isoladas, biflora ou triflora de cor vermelha, corola bilabiada. Fruto núcênio com 4 núculas piramidais escuras.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Analgésica (dor de cabeça, dores articulares e cólicas abdominais).

Constituição Química Cumarina, umbeliferona, diidroxycumarina, éster do ácido o-hidroxi-transcinâmico acetilado, β -sitosterol, c-glicosilflavonas-o-metoxiladas, eswerticina, eswertia japonina e outros derivados da eswerticina. Betaína, linina e justicinina.

Contraindicação Não usar folhas secas contaminadas por fungos, pois os mesmos podem transformar a cumarina em dicumarol, substância hemorrágica.



QUEBRA-PEDRA

Família

Phyllanthaceae (antiga Euphorbiaceae)

Nome Científico

Phyllanthus niruri L.

Sinonímia Vulgar

Quebra-pedra-verdadeiro, arrebenta-pedra, erva-pombinha.

Sinonímia Científica

Diasperus niruri (L.) Kuntze; *Phyllanthus lathyroides* H. B. K.;
Phyllanthus brasiliensis Müell; *Phyllanthus asperulatus* Hutch.;
Phyllanthus filiformis Pav. ex Baill.; *Phyllanthus lathyroides*
Kunth; *Phyllanthus niruri* Well.; *Phyllanthus niruri* Vell.;
Phyllanthus niruri Thunb.; *Phyllanthus niruri* Blanco; *Phyllanthus*
niruri Griseb; *Phyllanthus niruri* Schltchl & Cham.



UEBRA-PEDRA

Descrição É uma erva encontrada em quase todos os estados do Brasil, principalmente em lugares úmidos e sombrios, sendo muito frequente. Com 30 a 60 cm de altura, é glabra e glaucescente, de ramos cilíndricos e numerosos. Folhas simples que simulam folhas compostas, sésseis, densas, oblongas, elípticas, quase ovais, mais claras na face dorsal e com as margens claras, membranáceas, de 1 cm de comprimento e 0,4 de largura. Planta monoica, com flores unissexuadas, as masculinas situadas na região foliar, acima dos galhos e as femininas abaixo dos galhos, sendo curtamente pedunculados e com as tépalas em forma de lacínios obovais. Flores masculinas com coluna de estames inteira, com 3 anteras. Flores femininas com tépalas. Estilete curto e bilobado. Ovário arredondado, claro e glabro. Fruto cápsula. Sementes desenvolvidas.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Decocto ou infuso.

Emprego Diurético, desobstruente e nas moléstias do fígado. Dá bons resultados no tratamento da blenorragia e moléstias das vias urinárias. É útil nos caos da icterícia, hidropsia, bronquite e impaludismo. Preparar o infuso com 20 a 30 g / litro de água, tomar 1 a 2 xícaras ao dia. Para cálculo renal, fazer o chá com uma colher das de café de pó da planta em 1/2 copo de água tomando de 3 a 4 vezes ao dia.

Constituição Química Sementes: ácido linoleico, ácido linolênico, ácido ricinoleico. Folhas: compostos fenólicos, vitamina C, ligninas, triterpenoides; Partes aéreas: flavonoides, (quercetina, rutina, astragolina, rirurina, fisetina, triacontanal, triacontanol, lignina (hipofilantina); Raízes: derivados flavônicos, triterpenoides e 1 esteroide, o estradiol.

Contraindicação Na gravidez e na lactação.

Toxicidade Na dose terapêutica não há relatos; em doses elevadas, pode causar diarreias e aumento exagerado da diurese.



QUEBRA-PEDRA-FALSO

Família

Phyllanthaceae (antiga Euphorbiaceae)

Nome Científico

Phyllanthus tenellus Roxb.

Sinonímia Vulgar

Arrebenta-pedra, erva-pombinha.

Sinonímia Científica

Phyllanthus corcovadensis Müell Arg.



UEBRA-PEDRA-FALSO

Descrição Raiz principal, caule aéreo, herbáceo, simples ou pouco ramificado, podendo atingir até 45 cm de altura, de cor avermelhada, presença de estípulas de 1 mm. Folhas simples, curtamente pecioladas, de cor oliva na face superior e cor glauca na face inferior, de 4 a 12 mm de comprimento por 5 a 7 mm de largura. Vegetal monoico, com inflorescência em ciátio que pode estar isolado ou aos pares. Estile bífido, cápsula trissulcada, com 1 mm de comprimento, de forma elíptica, oblongas ou lanceoladas, de margem inteira.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto. Posologia: 30 a 40 g da planta fresca ou 10 a 20 g da planta seca em 1 litro de água, tomar durante o dia como se fosse água.

Emprego Doenças renais como cistite, litíase, diurético, na hipertensão arterial e na icterícia. Em estudos mais recentes, verificou-se que esta planta tem poder de regeneração dos hepatócitos tanto na hepatite, quanto na icterícia neonatal e na nefrolitíase.

Constituição Química Alcaloides, flavonoides, lignanas, fenóis.



QUIABO

Família

Malvaceae

Nome Científico

Abelmoschus esculentus (L.) Moench.



UIABO

Descrição Planta herbácea, originária da Índia e, depois, do Egito, Etiópia e Antilhas, antes de vir para o Brasil pelas mãos dos escravos negros. Anual, de talos ramosos, que alcança a altura de 2 m, conforme a variedade. Folhas pecioladas, alternas, cordiformes e de cor verde-clara, guarnecida de pelos. Flores grandes amarelas com fundo vermelho, que podem ser solitárias ou reunidas em pequenos cachos axilares ou terminais. Os frutos são cápsulas de configuração mais ou menos piramidal, e são angulosos, compridos, com 5 a 10 divisões onde se localizam sementes arredondadas. Esse fruto, verde, é comestível e muito usado na culinária típica do estado de Minas Gerais. Multiplica-se por sementes. Prefere terrenos areno-argilosos, bem drenados, fracamente ácidos e com muita matéria orgânica.

Partes Usadas Frutos, sementes ou folhas.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego O decocto das sementes, frutos e folhas são emolientes; a decocção das folhas por 5 minutos na dose de 50 g por litro de água é usada para lavar feridas e úlceras. A semente é utilizada como contraveneno na picada de cobra, e os frutos são utilizados por pessoas depauperadas.

Constituição Química Mucilagens.



QUIABO-AZEDO

Família

Malvaceae

Nome Científico

Hibiscus subdariffa L.

Sinonímia Vulgar

Rosela, vinagreira.

Sinonímia Científica

Abelmoschus cruentus Bertol.; *Hibiscus fraternus* L.;

Subdariffa rubra Kostel



UIABO-AZEDO

Descrição Subarbusto anual, ereto, podendo atingir até 1,5 m de altura. Folhas alternas, com até 12 cm de comprimento, verdes ou arroxeadas, longo-pecioladas, inteiras na base e lobadas no ápice com margens denteadas. Flores solitárias, axilares, de corola amarela e fundo roxo. Muitos estames adelfos, e gineceu formado por muitos carpelos. Os frutos são cápsulas protegidas pelo cálice vermelho cujas sépalas se desenvolvem, protegendo o mesmo. As cápsulas possuem muitas sementes.

Partes Usadas Sépalas, folhas, raízes ou frutos.

Formas Farmacêuticas Geleia ou infuso.

Emprego A geleia do fruto é usada como antiescorbútico (devido à alta quantidade de vitamina C) e febrífuga. Folhas, raízes e frutos são empregados como antiescorbútico, emoliente, estomáquico, diurético e febrífugo.

Constituição Química Antocianidinas (hibiscina, cianidina-3-sambubiosídeo, deofinidina), mucilagens (arabinanos, arabinogalactanos). Outros compostos: pigmentos flavônicos, ácidos orgânicos, pectinas, vitamina C, fitosteroides.

Toxicidade Não se conhece nenhuma toxicidade até o presente momento.



QUINA-DO-CAMPO

Família

Loganiaceae

Nome Científico

Strychnos pseudoquina St. Hil.

Sinonímia Vulgar

Quina-mineira, quina-do-cerrado, quina-cruzeiro.

Sinonímia Científica

Remijia ferruginea St. Hil.



UINA-DO-CAMPO

Descrição Arbusto de 2 m, ramos crassos, tetrágonos, obtusos, cinéreo-vilosos quando novos e ferrugíneos ou tomentosos quando mais velhos. Folhas decussadas ou verticiladas, curtamente peciolados, oblongas elípticas, cuneadas na base. Pecíolos mais ou menos estreitos, agudos no ápice, resolutos na base, glabras, ferrugíneas, coriáceas e vilosas quando novas. Estípulas basilares com 3 cm de comprimento, triangulares, conatas, caducas. Inflorescência axilar, ramificada na base, com pequenas brácteas acuminadas, glabras no ápice escuras. Flores pálidas ou róseas, hipocrateriformes. Cálice tomentoso por fora, corola rósea clara externamente, 8 a 9 vezes maior do que o cálice, estames presos na base da antera. Ovário subglobuloso, ferrugíneo-tomentoso, estilete filiforme, estigma lanceolado, acuminado. Fruto cápsula com até 3 cm de comprimento. Sementes agudas ou submucronadas, de base truncada ou submarginada ferrugínea.

Parte Usada Casca do caule.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, vinho ou xarope.

Emprego Estomacal, tônica, amarga e antiinflamatória. Usada no caso de inapetência, dispepsia e debilidade. No vinho, é usada contra a anemia. Infuso e decocto a 2%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 1 a 4 ml ao dia; pó, de 1 a 4 g.

Constituição Química Verina, substância amarga, resinas.

Interações Medicamentosas e Associações A quina-mineira faz parte da água inglesa onde entram as seguintes plantas: quina-mineira, caferana, calumba, cassaú, losna e casca de laranja-amarga.



QUINA-MINEIRA

Família

Rubiaceae

Nome Científico

Remijia ferruginea DC.

Sinonímia Vulgar

Quina-da-serra, quina-do-campo, quina-brasileira, quina-rosa.

Sinonímia Científica

Remijia ferruginea St. Hil.



UINA-MINEIRA

Descrição Arbusto de 2 m, ramos crassos, tetragonos, obtusos, cinéreo-vilosos quando novos e ferrugíneos ou tomentosos quando mais velhos. Folhas decussadas ou verticiladas, curtamente peciolados, oblongas elípticas, cuneadas na base. Pecíolos mais ou menos estreitos, agudos no ápice, resolutos na base, glabras, ferrugíneas, coriáceas e vilosas quando novas. Estípulas basilares com 3 cm de comprimento, triangulares, conatas, caducas. Inflorescência axilar, ramificada na base, com pequenas brácteas acuminadas, glabras no ápice escuras. Flores pálidas ou róseas, hipocrateriformes. Cálice tomentoso por fora, corola rósea clara externamente, 8 a 9 vezes maior do que o cálice, estames presos na base da antera. Ovário subglobuloso, ferrugíneo-tomentoso, estilete filiforme, estigma lanceolado, acuminado. Fruto cápsula com até 3 cm de comprimento. Sementes agudas ou submucronadas, de base truncada ou submarginada ferrugínea.

Parte Usada Casca do caule.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, vinho ou xarope.

Emprego Estomacal, tônica, amarga e antiinflamatória. Usada no caso de inapetência, dispepsia e debilidade. No vinho, é usada contra a anemia. Infuso e decocto a 2%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 1 a 4 ml ao dia; pó, de 1 a 4 g.

Constituição Química Verina, substância amarga, resinas.

Interações Medicamentosas e Associações A quina-mineira faz parte da água inglesa onde entram as seguintes plantas: quina-mineira, caferana, calumba, cassaú, losna e casca de laranja-amarga.



QUIOIO

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Ocimum gratissimum L.

Sinonímia Vulgar

Alfavaca, alfavaca-de-guiné, alfavaca-cravo, alfavaca-de-vaqueiro.

Sinonímia Científica

Ocimum guineense Schum.; *Ocimum viridi* Willd.; *Ocimum guineense* Schum. & Thonn



QUIOIO

Descrição Planta originária da África e cultivada em vários estados do Brasil, inclusive no Estado de Minas Gerais. Pode atingir até 1,80 m de altura, com caule pubescente e mais ou menos quadrangular. As folhas são ovato-oblongas, acuminadas, agudas na base, denteadas, lisas, glandulosas, e com pelos nas nervuras na página inferior. Flores reunidas em cimeira triflora, de espigas interrompidas (congesta), de cor lilás ou branca, com cálice muito rígido, fruto nuculâneo, com 4 núculas negras ou verde-oliváceas. Multiplica-se por sementes e hibridiza-se com as demais espécies do gênero *Ocimum*.

Parte Usada Sumidades floridas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Febrífuga, contra gripes e resfriados, carminativa. Usada também como tempero. Muitos lhe atribuem propriedades de afugentar os mosquitos. Para queda de cabelo, fazer fricção com a macerato. Para gripes e resfriados deve-se ferver, por 15 minutos, 5 folhas em 2 copos de água, adoçar e tomar quente à noite.

Constituição Química Óleo essencial contendo de 32 a 65 % de timol.

Observação Esta espécie tem as mesmas características da alfavaca-de-vaqueiro, porém o cheiro e a consistência são diferentes. Acredita-se que a constituição química também seja outra.



QUITOCO

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Pluchea sagittalis (Lam.) Cabrera

Sinonímia Vulgar

Tabacarana.

Sinonímia Científica

Conyza sagittalis Lam.; *Gnaphalium suaveolens* Vell.; *Pluchea quitoc* DC.; *Pluchea suaveolens* (Vell.) Kuntze; *Pluchea sagittalis* Less.



UITOCO

Descrição Planta brasileira muito abundante em Minas Gerais, atingindo até 1,5 m. Erva aromática com caule alado e folhas verde-claras que terminam em ponta fina oblongas e com recortes semelhantes a dentes. Flores de cor violácea ou purpúrea, reunidas em capítulos arredondados. As flores são pequenas e muito cheirosas. Frutos globosos, muito numerosos e pequenos. Desenvolve-se em terrenos paludosos.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, queimado na cachaça ou cataplasma.

Emprego É usado como emenagogo, nas flatulências, bronquites e reumatismo. É um bom resolutivo, aplicando-se as folhas em abscessos e outras inflamações, sob a forma de cataplasma. Dispepsias nervosas e histerias. Infuso e decocto a 1%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 0,5 a 2 ml ao dia.

Composição Química Terpenos voláteis.



RABO-DE-TATU

Família

Orchidaceae

Nome Científico

Cyrtopodium punctatum (L.) Lindl.

Sinonímia Vulgar

Cirtopódio, sumaré.

Sinonímia Científica

Cyrtopodium punctatum Lindl.



RABO-DE-TATU

Descrição Orquídea que nasce no cerrado e tem um caule semelhante a um rabo de tatu podendo atingir até 50 cm de altura. Na parte superior do caule, nascem folhas semelhantes às folhas novas de palmeira. As folhas são flabeliformes (em forma de leque), flabelinérveas, simples e alternas. As flores têm pétalas amarelas manchadas de vermelho a marrom. Os frutos são grandes, ovais, deiscentes, que liberam milhares de sementes minúsculas.

Parte Usada Caule.

Forma Farmacêutica Resina ou goma.

Emprego Antiinflamatório, vesicatório (produz vesículas em furúnculos, antrazes e panarícios), é ainda vulnerário e cicatrizante em machucados e erisipelas. Para indigestão, bater um falso-bulbo em 1 copo grande d'água, beber dessa água espumante.



ROMEIRA

Família

Lythraceae (antiga Punicaceae)

Nome Científico

Punica granatum L.

Sinonímia Vulgar

Romã.



ROMEIRA

Descrição Arbusto ou árvore pequena, oriunda da África boreal e cultivada nas regiões quentes e temperadas do mundo inteiro. Suas ramificações transformam-se em espinhos pelo endurecimento dos ramos e quedas das folhas. Essas são simples, inteiras, fasciculadas em torno dos nós, às vezes alternas, ou quase opostas, desprovidas de estípulas, brevemente pecioladas, ovais, oblongas, peninérveas, coriáceas, glabras e luzidias. Flores de cor vermelha-escarlate, axilares, solitárias ou em cimeiras pouco pedunculadas. Receptáculo côncavo, um pouco oblíquo. Cálice com 4 a 8 peças persistentes, coloridas de vermelho ou amarelo-pálido, carnosas, coriáceas, estendidas ou dobradas após o desabrochar. Corola com 4 a 8 peças membranosas, vermelhas ou amarelas, amarrotadas ou imbricadas na prefloração. Estames numerosos e livres, inseridos em planos diversos e em toda a superfície interna do receptáculo. Ovário ínfero, contendo diversas lojas superpostas, sendo 5 os da parte superior e 3 na inferior. Óvulos numerosos, multisseriados e anátropos. Estilete cônico e estigma na extremidade. O fruto é uma balaústia carnosa, encimada pelo cálice persistente. Sementes sésseis, ovoides, com tegumento suculento. Reproduz-se por sementes e prefere terrenos úmidos e profundos.

Partes Usadas Cascas do caule, da raiz ou do fruto.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, apózema ou extrato fluido.

Emprego Tenífugo. Alguns autores aconselham o apózema de romeira do Codex, adicionado de gelo e xarope de hortelã para evitar náuseas, ingerido de 2 a 3 vezes com intervalo de meia hora. Após 2 horas, ingerir 39 g de óleo de rícino. O apózema pode ser substituído pelo extrato fluido (20 ml) de romeira, água 159 ml e xarope de hortelã 30 ml. Inflamações de garganta, rouquidão, nas hemorragias de ovário e útero, como vermífugo e para fortalecer o couro cabeludo.

Constituição Química 28% do peso em tanino. Alcaloides: peletierina, isopeletierina, e pseudopeletierina, metil-peletierina; amido, ácido gálico, e granadotânico, manita, vitaminas B2, C e D. Mg e Fe.

Contraindicação Desaconselhado para crianças com menos de 12 anos de idade, como tenífugo.

Toxicidade A ingestão de altas doses do pó pode causar intoxicação grave.



R

ROSA-BRANCA

Família

Rosaceae

Nome Científico

Rosa centifolia L.

Sinonímia Vulgar

Rosa, roseira.

Sinonímia Científica

Rosa centifolia Lour



ROSA-BRANCA

Descrição Raiz principal, caule aéreo arbustivo de cor castanha, muito ramificado e com muitos acúleos (formações epidérmicas, semelhantes a espinhos, porém, que se destacam com facilidade). Folhas pecioladas, compostas, pinadas, imparipinadas tri ou pentafolioladas, com estipulas na base do pecíolo. Folíolo verde-escuro na página superior e mais claro na inferior, serrilhado de formato oval ou oboval. Flores de perianto duplo, com cálice pentâmero, sépalas verdes do tipo sagitada e recortada. As pétalas ovais ou obovadas são de cor variada, desde vermelha a branca, passando pelo amarelo e rosa; podem estar em um único verticilo ou vários, dependendo de muitos estames se transformarem em pétalas. Estames de número indefinido, dialistêmones, com anteras amarelas. Ovário multicarpelar, dialicarpelar, ínfero. Fruto conocarpo, formado de muitas núculas, dentro do envoltório que é o próprio receptáculo desenvolvido. Odor característico e sabor adstringente. Reproduz-se, no Brasil, por estacas, nos meses frios.

Parte Usada Pétalas.

Formas Farmacêuticas Decocto, infuso, óleo ou extrato fluido.

Emprego Laxativo, nas doenças de pele e do útero é adstringente e antiinflamatória. Do óleo essencial, preparam-se as águas de rosa que são usadas para lavar feridas e fazem parte do laxante de sene e rosa, muito famoso. Sua essência é usada na cosmética e entra na constituição de diversos perfumes. Infuso e decocto a 4%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 2 a 8 ml ao dia.

Constituição Química Óleo essencial constituído principalmente de geraniol, taninos, pigmentos, quercertina, ácidos málico e tartárico, resinas, graxas, açúcares. Potássio e fósforo.

Contraindicação Pode causar reações alérgicas em algumas pessoas e alguma irritação.



ROSMANINHO

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Hyptis carpinifolia Benth.

Sinonímia Científica

Mesosphoerum carpinifolia O. K.



ROSMANINHO

Descrição Arbusto de até 2 m de altura, apresentando xilopódio bem desenvolvido, muitas vezes de caule simples, ou com ramificações verticiladas, com folhas sésseis, oblongas, de 3 cm de comprimento por 2 de largura, irregularmente denteadas, rugosas, pubescentes, coriáceas, ferrugíneo-tomentosas. Flores azuis, muito pequenas, sésseis, com cálice imbricado, dispostas em capítulos verticilados. Planta muito aromática.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego As folhas sob a forma de infuso e ou decocto são utilizadas nas gripes e resfriados, na dosagem de 30 g por litro, tomando-se de 3 a 4 xícaras das de chá ao dia. Sob a forma de cataplasma, é usada no reumatismo. As folhas cozidas em farinha de mandioca, na proporção de 60 g por litro de água e 3 colheres das de sopa de farinha é aplicada ainda quente, embrulhada em um pano, nos locais afetados, 2 a 3 vezes ao dia, até o cataplasma esfriar. Cuidado para não aplicar muito quente, principalmente em crianças, cuja pele é muito sensível, pois o cataplasma poderá provocar queimaduras.



RUIBARBO-DO-CAMPO

Família

Iridaceae

Nome Científico

Eleutherine bulbosa (Mill.) Urb.

Sinonímia Vulgar

Marupá, marupari.

Sinonímia Científica

Eleutherine plicata Herb.; *Eleutherine plicata* (S.W.) Klatt; *Ferraria parviflora* Salisb.; *Ixia americana* Aubl.; *Marica plicata* Ker.; *Moraea parviflora* Jacq.; *Sisyrinchium americanum* Magn.; *Galatea bulbosa* (Mill.) Britton; *Sisyrinchium bulbosum* Mill.; *Eleutherine palmifolia* (L.) Merr.; *Sisyrinchium palmifolium* L.



QUIBARBO-DO-CAMPO

Descrição Planta herbácea, entouceirada, de raiz em cabeleira, caule subterrâneo, bulboso de cor purpúrea, escapo de até 30 cm, fino, redondo, simples, ereto, afilo, mas terminando no ápice por uma bráctea foliácea e uma panícula emergente. Folhas radicais, de 30 a 60 cm de comprimento e 3 a 8 cm de largura, oblongo-lanceoladas, acuminadas, eretas, pouco espessas, conduplicadas desde a base, membranáceas, com dobras verde-escuras, acompanhando com igualdade de 5 a 7 nervuras longitudinais. Flores em numero pequeno, fasciculadas, com perianto desigual, formado de tépalas obtusas, branco-amareladas ou rosadas, com ovário atenuado, trígono. Multiplica-se por bulbos ou desdobramento de touceiras e por sementes. Alguns autores consideram a *Eleutherine bulbosa* (Mill) Urb. como a mesma espécie da *Eleutherine plicata* Herb.

Parte Usada Rizomas.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego Antidiarreico: usam-se 2 bulbos cortados e fervidos em 1/2 litro de água, ingerindo-se 1 xícara, antes das refeições.

Constituição Química Naftoquinonas e antraquinonas do tipo crisofanol, além de uma sapogenina esteroideal.



SABUGUEIRO

Família

Caprifoliaceae

Nome Científico

Sambucus australis Cham. & Schlttdl.

Sinonímia Vulgar

Sabugueirinho.



SABUGUEIRO

Descrição Arbusto ou pequena árvore que pode atingir até 5 m de altura e de 20 a 30 cm de diâmetro. Em todos os ramos, encontram-se medulas esbranquiçadas e esponjosas. Folhas opostas, estipuladas, compostas, imparipenadas de 5 a 7 folíolos peciolados, ovais, lanceolados, acuminados e desigualmente serrados. Flores dispostas em grandes corimbos terminais pediceladas e com as flores laterais sésseis. Flores brancas, cheirosas, pequenas, regulares, hermafroditas, cupuliformes. Cálice tetrâmero ou pentâmero, corola gamopétala rotácea de tubo curto e limbo dividido em 4-5 lobos iguais, 4-5 estames livres. Ovário semi-ínfero. Fruto drupa globosa.

Partes Usadas Flores secas ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Sudorífero, diurético. Intoxicações do fígado e angina pectoris. Nas febres eruptivas, usar as flores secas. É também resolutiva. Infuso e decocto a 2%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 1 a 4 ml ao dia.

Constituição Química Nitrato de potássio, óleo essencial, alcaloides, tanino, mucilagem, vitamina C, pigmentos flavônicos e antociânicos, ácido cianídrico e um glicosídeo ciabnogênico chamado saburigena. Nas bagas do *S. nigra*, encontramos vitaminas A, B e C, além de ácido málico, tartárico, valeriânico, tânico, óleo essencial glicose e saponina. Alcaloide (sabunigrina).



SALIÃO

Família

Crassulaceae

Nome Científico

Kalanchoë brasiliensis Camb.

Sinonímia Vulgar

Folha-da-fortuna, courama-branca, orelha-de-monge.

Sinonímia Científica

Kalanchoë brasiliensis Larrañaga; *Cotyledon brasílica* Vell.;

Kalanchoë crenata (Andrews) Haworth;

Kalanchoë laciniata (L.) DC.



SAIÃO

Descrição Erva perene, brasileira, vegetando da Bahia até São Paulo, de preferência na zona litorânea, atinge até 2 m de altura, glanduloso-pubescente na parte superior; folhas opostas, suculentas, curto-pecioladas, ovadas ou obovadas, côncavas, até 10 cm de comprimento, ligeiramente nervadas, crenado-dentadas. Os pares superiores são lanceolados, muito menores e inteiros; flores na cor laranja, pequenas, abundantes dispostas em cimeiras paniculadas; fruto folículo de 6 cm, contendo sementes oblongas e castanhas.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Sumo, infuso ou pó.

Emprego É planta cicatrizante e refrigerante: as folhas frescas e tostadas são úteis na cura das cefalalgias, sendo que a infusão das mesmas serve para combater os ingurgitamentos linfáticos e as inchações das pernas com erisipela; o sumo é eficaz contra os calos, frieiras e queimaduras. Estudos farmacológicos comprovaram suas atividades imunomoduladora, antibacteriana, antiinflamatória, espasmolítica, emoliente, além de uma ação leishmanicida potencialmente útil contra leishmaniose cutânea.

Constituição Química Ácido cafeico, ferúlico e cinâmico, vários esteróis, flavonoides: (quercetina, kaempferol), tanino e elevado teor de mucilagem.



SALSA

Família

Apiaceae (Umbelliferae)

Nome Científico

Petroselinum crispum (Miller) Nyman & A. W. Hill.

Sinonímia Vulgar

Salsinha, salsa-das-hortas, salsa-comum.

Sinonímia Científica

Petroselinum sativum L.; *Petroselinum hortense* Hoffm.; *Carum petroselinum* (L.) Benth. & Hook.; *Petroselinum crispum* (Miller) Nyman; *Petroselinum crispum* A. W. Hill.; *Petroselinum hortense* Hoffm.; *Apium crispum* Mill.; *Apium petroselinum* L.



SALSA

Descrição Originária da Europa, Ásia ou África e muito cultivada em Minas Gerais, seu uso condimentar é generalizado. Erva bianual de raiz simples ou ramificada, branca ou amarelada, cujo talo pode atingir 1 m de altura. O caule é todo marcado com listras verdes e muito ramificado. As folhas se dividem em vários segmentos, sendo que, na base, aparece uma bainha bem desenvolvida que abraça o caule. As flores são da cor creme e formam umbelas compostas de ramos desiguais. O fruto é arredondado e pode atingir 2 mm de comprimento e, quando maduro, divide-se em dois frutos arqueados com 5 estrias. É uma planta de cor verde-escura e brilhante, com cheiro característico. Sua multiplicação é feita por semente e a sementeira é a lanço. Colocar a semente na água 3 horas antes da sementeira. Prefere temperaturas mais amenas, não tolerando umidade excessiva. Exposição parcial ao sol.

Partes Usadas Raízes ou toda a planta.

Formas Farmacêuticas Decocto, vinho ou cataplasma.

Emprego As raízes são usadas no tratamento de inflamações uterinas, como tônico uterino, regulador das menstruações, na dose de 20 gramas por litro. Toda a planta tem propriedades diuréticas, aperitivas, aromáticas, carminativas, vasodilatadoras e vulnerárias. Infuso e decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Óleos essenciais, apiol (miristicina), tetra-metoxi-alil-benzeno, aldeídos, cetonas, álcoois terpênicos. Flavonoides derivados principalmente da apigenina. Furanocumarinas (apenas traços). Óleo fixo (ácido petroselinico). Outros compostos: vitaminas A, B1, B2, B12, C, D e K, e falcarinolona.

Interações Medicamentosas e Associações A vitamina K antagoniza o efeito anticoagulante da varfarina. Pode aumentar o risco de fotossensibilidade com o uso concomitante de drogas que a aumentem.

Contraindicação Na gravidez, o fruto e a raiz devem ser evitados devido ao efeito emenagogo; e o óleo essencial, por causa do efeito abortivo e estimulante do útero (apiol). Inflamações renais, devido à irritação epitelial causada pelo óleo essencial; e edemas provocados por doenças cardíacas e renais, por causa da excreção inadequada de sais urinários. Hipersensibilidade alérgica à salsa ou ao apiol.

Toxicidade A raiz da salsa não deve ser usada por mulheres grávidas, pois é abortiva. Pode produzir, quando consumida em excesso: sangramento de mucosas, arritmias cardíacas, gordura do fígado, sangramento do intestino, fotodermatite e fotossensibilidade, hemoglobinúria, irritação dos rins, congestão vascular e perda de peso. É seguro usá-la como tempero, óleo, extrato e óleo-resina.



SALSAPARRILHA

Família

Smilacaceae (antiga Liliaceae)

Nome Científico

Smilax officinalis Griseb

Sinonímia Vulgar

Salsaparrilha-falsa.

Sinonímia Científica

Smilax papyracea Poiret; *Smilax officinalis* Kunth; *Smilax medica*

Chamisso et Schelechtendal; *Smilax syphilitica* Humboldt et

Bompland



ALSAPARRILHA

Descrição Planta herbácea, vivaz, com ramos aéreos numerosos, repartindo-se em pequenas ramificações angulosas e cobertas de numerosos espinhos. Folhas de pecíolo torcido e munidas de 2 gavinhas laterais. Limbo de 20 a 40 cm de comprimento por 10 a 20 de largura, oval, oblongo, cordiforme na base, acuminado no ápice, inteiro, coriáceo, glabro, com 5 a 7 nervuras curvas no ápice. Flores masculinas em falsas umbelas fasciculadas. Perigônio com 6 peças oblongas, estreitas e verdes. Seis estames iguais. Flores femininas e frutos não são conhecidos. É quase inodora e possui sabor mucilaginoso, um tanto adocicado e acre. Esta planta de modo geral é coletada na natureza, mas, como frutifica em abundância, provavelmente pode ser cultivada por sementes.

Parte Usada Raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, xarope, extrato fluido ou pó.

Emprego Sudorífero, depurativo, antissifilítico, diurético. Infuso e decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Saponinas heterosídeas, (salsaponina, smilacina, ácido parílico); agliconas heterosídicas, (salsapogenina, smilagenina, parigenina); ácido salsápico, resinas, esteróis, glicose, ácidos graxos, amido.



SALSAPARRILHA-FALSA

Família

Smilacaceae (antiga Liliaceae)

Nome Científico

Smilax medica Schlec. & Cham.

Sinonímia Vulgar

Japicanga.



ALSAPARRILHA-FALSA

Descrição Liana glabra e de ramos imperfeitos, hexagonais, longos, espessos e flexuosos, espinhos alongados, arqueados e de número reduzido. Folhas espessas e alternas, pecíolo com bainha grande e com 2 gavinhas laterais filiformes e torcidas em espiral. O limbo, oval-oblongo, inteiro, cordiforme, acuminado no ápice possui 7 a 9 nervuras, muitas vezes transformadas em espinhos, e as outras curvas na base e no ápice. Folhas polimorfas, glabras, verde-pálidas na face inferior e com pontuações. As menores são cordiformes, ovais e oblongas. Flores dispostas em cimeiras uníparas, hermafroditas e longamente pedunculadas. Perianto herbáceo, 6 estames livres, em 2 verticilos. Ovário com 3 lojas, com 1 a 2 óvulos, muitas vezes 1 ou 2 lojas abortam-se, estilete com ramos estigmatíferos. Fruto em número de 8 a 10 em cada inflorescência, carnosos, globulosos, vermelhos, com 1 a 3 sementes.

Parte Usada Raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido ou pó.

Emprego Sudorífico, depurativo, antissifilítico Infuso e decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Saponinas esteroídais, fitosteróis, ácidos graxos, sais minerais. Outros componentes: amido, colina, leucoantocianinas, flavonoides, ácidos orgânicos, vitamina C, taninos, alcaloides quaternários e resinas. Glicosídeos saponínicos: sarsasapogenina e esmilagenina.

Interações Medicamentosas e Associações Pode aumentar a absorção do bismuto,

digoxina e glicosídeos cardíacos. Pode aumentar a excreção de hipnóticos.

Contraindicação Irritação da pele, irritação gastrintestinal, diurese, problemas renais temporários.

Toxicidade Os saponosídeos podem dissolver as membranas dos eritrócitos. Possuem atividade hemolítica, a qual não é observada após absorção oral, apenas após absorção parenteral. Não é recomendado o uso por crianças e gestantes. É considerada segura como flavorizante em bebidas alcoólicas.



SALSAPARRILHA-VERDADEIRA

Família

Herreriaceae (antiga Liliaceae)

Nome Científico

Herreria salsaparrilha Mart.

Sinonímia Vulgar

Salsa-do-mato, japecanga-branca.

Sinonímia Científica

Herreria parviflora Lindl.; *Rajana verticilata* Vell.





SALSAPARRILHA-VERDADEIRA

Descrição Planta escandente volúvel, com raízes espessadas, tuberosas, alongadas, e caules cilíndricos lenhosos, armados de pequenos espinhos. Folhas reunidas em rosetas espaçadas, nos nós, simples, lanceoladas ou oblongo-lanceoladas, sésseis, agudas ou obtusas no ápice e atenuadas na base, glabras, nervuras paraleninérvea-retinérveas, de cor verde-clara, mede de 7 a 16 cm de comprimento e 2 a 5 cm de largura. Flores pequenas, esverdeadas dispostas em cachos ou panículas, de 3 pétalas e 3 sépalas. Fruto cápsula, trilocular, com sementes aladas.

Parte Usada Raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou pó.

Emprego Depurativa, antissifilítica e sudorífera. Muito empregada nas erupções cutâneas. Preparar 1 colher das de sobremesa de raízes picadas com 1 xícara de água, tomar 2 a 3 xícaras das de café ao dia.

Constituição Química Esteroides e saponinas.



SÁLVIA

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Salvia officinalis L.

Sinonímia Vulgar

Sálvia-verdadeira, salva, salva-das-boticas.

Sinonímia Científica

Salvia officinalis Pall



SÁLVIA

Descrição Erva que pode atingir 30 a 70 cm de altura, de caule muito ramificado, tomentoso e pubescente. Folhas grandes de margem crenada e ápice obtuso, oblongas, pecioladas, verde-esbranquiçadas e mais claras na face inferior. Nervuras muito salientes na face superior. Flores violáceas, sendo muito raras em Minas Gerais. Cálice e corola bilabiados. Fruto núcula. Reproduz-se por sementes ou ponteiros.

Partes Usadas Folhas ou sumidades floridas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, loção, vinho, pó ou xarope.

Emprego Calmante, expectorante, antiinflamatório, contra hipertensão arterial, nos resfriados, dor de cabeça, tosse, vômito e disenteria, problemas hepáticos, picadas de insetos, bronquites, afecções gástricas e afonia. Na menopausa e nas depressões. Infuso e decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia. Como vulnerário, usar o infuso de 15 a 30 g de folhas em 1 litro de água. Pó 1 a 4 g, 3 vezes ao dia.

Constituição Química Óleo essencial (borneol, cineol, cânfora e tuiona); triterpenos. Ácido rosmarínico, ácidos ursólico, e oleanólico e seus glicosídeos (α e β -amirina e betulina), Flavonoides e saponinas, taninos, substância amarga (picrosalvina), ácido clorogênico e labiático, resinas, mucilagens.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser combinada com outras plantas de acordo com o efeito desejado. Não usar com sais de ferro, pois pode perder suas propriedades. Alto conteúdo de tanino pode provocar a precipitação de alcaloides.

Contraindicação O extrato alcoólico e o óleo essencial são contraindicados na gravidez, na lactação e para crianças, devido ao efeito emenagogo e abortivo da tuiona. A tuiona pode causar convulsões quando ingerida em grandes quantidades.

Toxicidade Como a planta é emenagoga, não deve ser usada por mulheres grávidas. Pode provocar ainda náuseas, vômitos e estomatites. A superdosagem do óleo essencial pode provocar câibras epileptiformes e convulsões, sintomas de intoxicação e bradicardia intensa.



SANGUE-DE-CRISTO

Família

Rubiaceae

Nome Científico

Sabicea brasiliensis Wernham

Sinonímia Vulgar

Sangue-de-cristo, vinho-do-campo, velame, maçãzinha, sangue-de-nosso-senhor.



SANGUE-DE-CRISTO

Descrição Arbusto de 1 a 2 m de altura, de folhas opostas, curto-pecioladas, tomentosas em ambas as faces, de cor verde-escura na face superior e prateada na face inferior, oblongas, inteiras, penínérveas, 6 cm de comprimento por 3 cm de largura. Flores pálidas, pilosas, hipocrateriformes, de 1 cm de comprimento, reunidas nas axilas das folhas, em número de 12 ou menos. Flor com 5 lojas no ovário, 5 estigmas e 5 estames. Fruto baga, globosa, branco-lanosa, de polpa roxa e adocicada.

Partes Usadas Folhas, sumidades floridas ou raízes.

Formas Farmacêuticas Decocto ou infuso.

Emprego O decocto das folhas ou sumidades floridas é usado contra prisão de ventre e a infusão ou decocto da raiz, contra doenças venéreas. A raiz em infuso ou decocto é preparada usando-se 1 xícara das de café para 1 litro de água. Tomar 4 xícaras das de chá ao dia contra doenças venéreas. Os ramos com folhas e flores são usados na prisão de ventre: 1 xícara das de chá da planta em 1 litro de água. Tomar 1 xícara das de chá em jejum e 1 antes das principais refeições.

Constituição Química Kaempferol 3-O-robinobiosídeo, guaijaverin, quercetin 3-O-L-ramnopiranosídeo e rutina.



SANGUE-DE-DRAGO

Família

Euphorbiaceae

Nome Científico

Croton urucurana Baill.

Sinonímia Vulgar

Sangra-d'água, mangle.

Sinonímia Científica

Croton salutaris Casar



SANGUE-DE-DRAGO

Descrição Árvore de 6,0 a 8,0 m de altura de copa aberta e tronco claro, com até 20 cm de diâmetro. Folhas cordiformes, verdes que se transformam em vermelho-amareladas, quando estão para cair. Flores pequenas e esbranquiçadas dispostas em espigas frouxas. Frutos tricoca com sementes escuras. Quando seu tronco é cortado, libera uma seiva que, em contato com o ar, toma uma cor vermelha como sangue, vindo daí seu nome popular. Esta árvore é comum em vegetação ribeirinha, daí o nome sangra d'água.

Partes Usadas Resina, folhas ou cascas.

Formas Farmacêuticas Decocto ou resina ao natural.

Emprego Folhas e cascas em decocção são usadas como cicatrizantes no estômago e intestino, em úlceras; hemostática e antisséptica. O látex, como vulnerário (quebrar um ramo e passar o látex que escorre sobre a ferida).

Constituição Química Taninos, lignanas, alcaloide (taspina – propriedades antiinflamatórias e antioxidantes). A propriedade cicatrizante foi atribuída à dimetilcedrusina (lignana) e ao alcaloide taspina.



SANTOLINA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Santolina chamaecyparissus L.

Sinonímia Vulgar

Abrota-fêmea, camomila-branca, guarda-roupa, rosmaninho.



ANTOLINA

Descrição É uma erva perene que pode atingir até 30 cm de altura, com ramos muito delgados e numerosos. Suas folhas são muito unidas ao caule, finas, lineares, com numerosos segmentos, parecendo pequenos dedinhos, de 1 a 2 mm de espessura. Suas inflorescências são capítulos hemisféricos e têm todas as flores iguais, tubulosas e com 5 dentes na sua extremidade. A inflorescência tem de 6 a 12 mm de diâmetro e sua coloração é amarela. Esta planta muitas vezes se cobre de um pelo brancacento o que dá a ela uma coloração acinzentada. Cresce em solos pobres, de preferência arenosos, e se reproduz por sementes ou ponteiros em locais ensolarados.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso ou pó (2 a 4 g).

Emprego Estomacal, digestiva e vermífuga. É vulnerária para feridas comuns e usada em distúrbios menstruais. O pó misturado ao mel é usado como vermífugo. Tomar 5 ramos em 1 copo de água, de 6 a 7 vezes ao dia.

Constituição Química Óleo essencial composto por cetonas terpênicas (santolinelona, santolina e artemisiacetona), lactonas sesquiterpênicas, álcoois mono e sesquiterpênicos; azulenos. Ácidos fenólicos, flavonoides, taninos, β -citosterol, isovaleriato acetilênico e 2-butil-3-enilfurano.

Contraindicação Pessoas sensíveis podem ter irritações na pele, quando em contato com as folhas.



SAPÉ

Família

Poaceae (Gramineae)

Nome Científico

Imperata exaltata Brongn

Sinonímia Vulgar

Sapé-de-cobrir-rancho, capim-sapé.

Sinonímia Científica

Imperata exaltata Bromyn; *Anatherum bicornis* Pal Beauv.;

Imperata brasiliensis Trin.



SAPÉ

Descrição Erva de colmo alto, até 1,20 m de altura, nós glabros e bainha foliar também glabra, lígula curtíssima ou nula, plana, lâmina linear, pilosa, lanceolada, longu-acuminada, estreitando para a base, onde é mais ou menos pilosa, lisa na página superior e nas margens, nervura mediana grossa, de cor esverdeada. Inflorescência em panícula alongada de 40 cm de comprimento por 4 de largura, frouxa, ráquis anguloso, raminhos solitários, às vezes, os inferiores, subverticilados; espiguetas solitárias, pediceladas, lineares, glumas vilosas, com 4 mm de comprimento, com pelos abundantes e compridos, sendo a primeira, estreito-lanceolada, aguda e binervada. Planta perene, ereta, com 30 a 80 cm de altura. Colmos perfilhados, glabros e verde-claros. Inflorescência em panícula de 10 a 15 cm de comprimento. Reproduz através de vigorosos rizomas; não se adapta a solos excessivamente úmidos. Fruto cariopse, envolto por brácteas e, quando nu, oval-lanceolado, de ápice ligeiramente espatulado, com 1,2 a 1,4 mm de comprimento por 0,4 a 0,5 mm de largura. Pericarpo liso, castanho-escuro e opaco. Embrião basal, muito escuro. Multiplica-se por desdobramento de touceiras em locais a pleno sol e com pouca umidade.

Parte Usada Rizomas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido, xarope ou pó.

Emprego Diurético, emoliente, colagogo. Usada nas doenças de fígado, rins e pedra na vesícula; foi citada também contra diarreia. Infuso e decocto a 2%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 0,25 a 1 ml ao dia.

Constituição Química Não encontrada.



SAPONÁRIA

Família

Caryophyllaceae

Nome Científico

Saponaria officinalis L.

Sinonímia Vulgar

Erva-saboeira, saponária-das-boticas.

Sinonímia Científica

Lychnis officinalis Scop.; *Silene saponaria* Fries



APONÁRIA

Descrição A saponária é uma erva perene, de 30 a 60 cm de altura. Tem o caule roliço e geralmente sem pelos como toda a planta, dilatado sensivelmente nos nós, de onde saem as folhas, que são opostas. No fim do verão, o caule se torna rígido e difícil de ser quebrado e com coloração vinhosa, sobretudo nas extremidades inferiores. Folhas ovais, lanceoladas, glabras, trinérveas, quase sésseis. As flores são róseas em panículas terminais. O cálice tem 5 sépalas unidas e com dentes agudos. Por cima do cálice, aparecem as chamadas unhas ou unguícolas das pétalas, tão juntas que parecem formar um outro cálice (tubo). Os estames são em número de 10 e em 2 ciclos. Os estiletos em numero de 2 aparecem quando os estames envelhecem. O fruto é uma cápsula que se abre em forma de 4 dentes. Odor fraco. As folhas têm um sabor a princípio adocicado e nauseoso e depois acre e, quando na água, levantam espuma com a agitação.

Partes Usadas Caules, folhas ou raízes.

Formas Farmacêuticas Extrato fluido, infuso ou decocto.

Emprego Usada como depurativa, sudorípara, tônica, em casos de doenças do fígado, eczemas e psoríase. Infuso e decocto a 2,5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 1 a 5 ml ao dia.

Constituição Química Saponinas (saporrubrina e ácido saporúbicos), resina e vitamina C, galactanas, açúcar redutor, goma, lactosina, matérias graxas, prótidos.



SAPUCAINHA

Família

Achariaceae (antiga Flacourtiaceae)

Nome Científico

Carpotroche brasiliensis (Raddi) Endl.

Sinonímia Vulgar

Canudo-de pito, pau-de-cachimbo, papo-de-anjo, pau-de-lepra.

Sinonímia Científica

Mayna brasiliensis Raddi



SAPUCAINHA

Descrição Árvore de tamanho variável podendo atingir até 20 m de altura e 30 cm de diâmetro. Ramos novos subangulosos, acinzentados e sedosos, ocos, ramos adultos cilíndricos, pardo-escuros, glabros e lenticulosos. Folhas simples, alternas dísticas, obovais ou obtusas, agudas ou arredondadas, finamente serradas. Estípulas aciculares, caducas, pilosas. Inflorescência masculina em cachos axilares de 3 a 5 flores. Flores grandes, alvas e aromáticas, andróginas, solitárias axiais, sendo o vegetal polígamo. Cálice trímero. Corola com 9 pétalas, raro 10 a 12, sendo as externas mais compridas que as sépalas. O androceu é formado de 50 a 60 estames nas flores masculinas e de 30 a 40 nas andróginas, dispostas em série e de filetes curtos e anteras ditecas. Disco e ovário rudimentares nas flores masculinas e gineceu de ovário súpero, ovoide, séssil, unilocular, com numerosos óvulos. Fruto baga globosa. Sementes ovoides de arilo sulcado e carnosos.

Partes Usadas Frutos ou óleo da semente.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou pó.

Emprego O óleo é usado para preparar ésteres no combate à lepra, dermatoses, sendo sucedâneo do óleo de Chalmogra. A polpa do fruto é peitoral.



SASSAFRAZ

Família

Lauraceae

Nome Científico

Ocotea odorifera (Vell.) Rohwer

Sinonímia Vulgar

Canela-sassafras, canela-cheirosa, sassafras-amarelo.

Sinonímia Científica

Ocotea pretiosa (Ness) Mez; *Sassafras officinale* Nees; *Laurus sassafras* L.; *Sassafras sassafras* (L.) Karsten; *Sassafras albidum* (Mitrail) Nees; *Sassafras variifolium* (Salish.) Kuntze; *Mespilodaphne pretiosa* Ness; *Laurus odorifera* Vell.; *Aydendron suaveolens* Ness



SASSAFRAZ

Descrição É uma árvore ou arbusto que habita o Brasil, principalmente em Santa Catarina. Folhas alternas, variando de forma e tamanho, lisas, caducas, verde-escuras na face superior e verde-pálidas na inferior. Flores pequenas, dispostas em cachos pedunculados, unissexuadas, em plantas dioicas. As flores femininas com ovário unilocular, uniovulado e estames rudimentares. As masculinas com 3 ciclos de estames, tendo cada ciclo 3 estames de anteras quadriloculares. O fruto é uma pequena baga oval azulada, contendo na base um cálice avermelhado em forma de cúpula. Odor aromático, sabor fracamente mucilaginoso, adstringente e um tanto acre.

Partes Usadas Casca do caule ou raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido, pó, tintura, xarope ou dissolvido na cachaça.

Emprego Carminativo, diaforético, depurativo, excitante, sudorífico. Usado nos embarços gástricos com notável ação sudorífera. Infuso e decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 1 a 4 ml ao dia.

Constituição Química Óleo essencial; principal componente é o safrol e em menor quantidade há o alcanfor, anetol, apiol, azarona, cariofileno, coniferaldeído, copaeno, elemicina, eugenol, 5-metoxi-eugenol, α e β -felandreno, mentona, miristicina, α -pineno, piperonil acroleína e tuiona. Possui ainda alcaloides aporfínicos, fitosteróis, taninos, cera, resina, amido, goma, mucilagem e outros compostos em pequena quantidade.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associado à salsaparrilha, sendo empregado no tratamento do reumatismo e manifestações sifilíticas. Safrol e eugenol podem inibir determinadas funções enzimáticas, o que pode aumentar os efeitos de vários medicamentos. O safrol e seus derivados prolongam a narcose do hexobarbital, devido à inibição de uma enzima hepática.

Contraindicação No início da gravidez, devido ao efeito emenagogo e potencial carcinogênico transplacentar. Contraindicado o uso prolongado por vários meses devido ao efeito hepatocarcinogênico do seu componente safrol.

Toxicidade Pode causar aborto, câncer, dermatite de contato, diaforese, sedação e vômito. Pode causar tumor no fígado, devido a seu conteúdo de safrol.



SENE-DO-CAMPO

Família

Leguminosae (Caesalpinoideae)

Nome Científico

Senna cathartica (L.) H. Irvin & Barneby

Sinonímia Vulgar

Sene-do-campo, sene-falso, seno, sena.

Sinonímia Científica

Senna cathartica L.; *Cassia cathartica* Mart. in Spix & Mart.;
Cassia cathartica Mart.



ENE-DO-CAMPO

Descrição Pequeno arbusto de 1 a 2 m de altura, inerme, tendo os ramos e pecíolos viscosos. Folhas alternas, compostas paripenadas, com 4 a 12 pares de folíolos, sendo oblongos obtusos, raramente agudos, com mais ou menos 0,5 cm de comprimento, margens sub-recurvadas, pubescentes, viscosos, raramente iguais entre si, com uma coloração verde-pardo na página dorsal. Estípulas em seta e caducas. Inflorescência em cachos curtos e axilares, com poucas flores amarelas, grandes e bissexuadas. Cálice de peças externas crassas, acuminadas, de face externa viscosa e as internas ligeiramente obtusas e petaloides. Corola com 5 peças maiores do que as sépalas, subflabeliformes por cima e longitudinalmente unguiculadas. Estames com anteras escabras ou visco-pubescentes, às vezes, brevemente pilosas. Fruto legume curto.

Partes Usadas Folhas ou flores.

Formas Farmacêuticas Decocto, infuso, pó, tintura ou extrato fluido.

Emprego Laxativo, purgativo e como sucedâneo das espécies de sene. A ação laxativa é devida à presença de emodina ou reina. É usado, ainda, como depurativo, no sarampo, doenças venéreas e também em gripes e cefaleias.

Constituição Química Glicosídeos diméricos, cujas agliconas são compostas de emodina ou de reina.



SENSITIVA

Família

Leguminosae (Mimosoideae)

Nome Científico

Mimosa pudica L.

Sinonímia Vulgar

Dormideira, malícia-de-mulher, não-me-toques, maria-fecha-porta, mimosa, dorme-dorme, dorme-maria.

Sinonímia Científica

Mimosa pudica Mill.; *Mimosa balansae* Micheli; *Mimosa hispida* Kunth; *Mimosa tetrandra* Humb. & Bonpl. ex Willd.; *Mimosa unijuga* Duchass. & Walp.



ENSITIVA

Descrição É uma planta nativa da América Tropical, ocorrendo do México ao Brasil. Subarbusto espinhento, perene, de ramos prostrados, de coloração arroxeada, com pelos rígidos, podendo atingir 2,0 m de comprimento. Folhas sensitivas (fecham-se ao menor toque e à noite), compostas bipinadas, com folíolos muito pequenos (menor que 5,0 mm de comprimento). Flores róseas, reunidas em capítulos globosos (glomérulos), pedunculados, axilares ou terminais. Os frutos são pequenos legumes tortuosos. Multiplica-se por sementes que podem ficar no solo por até 15 anos.

Parte Usada Raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Purgativa e emética. As folhas são consideradas colagogas, amargas, tônicas e usadas contra icterícia e afecções reumáticas. As flores em infusão são indicadas para banhos no tratamento de tumores e leucorreia. E na forma de cataplasma, contra a escrófula. Em uso externo, são empregadas em gargarejos para a garganta.

Constituição Química Desconhecida.



SERRALHA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Sonchus oleraceus L.

Sinonímia Vulgar

Dente-de-leão, serralha-branca, chicória-brava.

Sinonímia Científica

Sonchus oleraceus Vall.; *Sonchus mairei* H. Lév.; *Sonchus ciliatus* Lam.; *Sonchus jacinthoides* DC.; *Sonchus parviflorus* Lej.



SERRALHA

Descrição Erva anual, que cresce empinada até 80 cm de altura. Talos eretos, de pelos finos e glandulosos. Suas folhas são alternas, glabras, oblongas, sésseis, azuladas na parte superior; possuem bordas runcinadas, pinatífidas ou pinatipartidas com lobos denteados; a base abraça o caule, com orelhas acuminadas. As inferiores apresentam pecíolo largamente alado; involúcro glabro, por vezes, floculoso na base. Inflorescência em capítulos solitários ou em grupos terminais frouxos. Invólucro oval-cilíndrico, receptáculo esbranquiçado. As flores são de cor amarelada e formam numerosas cabecinhas, cada uma delas com um involúcro de numerosas brácteas. Os frutos são de cor marrom, dilatados em direção ao alto, comprimidos, estriados e com numerosas dobras transversais muito finas. Fruto do tipo aquênio, com 6 a 8 costelas estriadas, pardacento, oboval-oblongo, indeiscente, cujo pericarpo é distinto do tegumento da semente. É uma planta sem pelos ou quase sem pelos da qual flui o látex quando se danificam seus talos ou folhas.

Partes Usadas Folhas, raízes ou látex.

Formas Farmacêuticas Infuso, salada, sumo da planta toda ou folhas refogadas.

Emprego É estimulante das funções hepáticas, laxante, diurética, depurativa, digestiva, cicatrizante, usada em quadros de astenia, anemia carencial, contra terçol e em doenças da pele. Ferver 3 pés de serralha em ½ litro de leite por 30 minutos e beber 3 a 4 xícaras contra impingens, erupções, vitiligo, dores de origem reumática ou nas diarreias.

Constituição Química A serralha apresenta, como constituintes químicos principais, os esteroides, derivados terpênicos, flavonoides, óleo essencial, resinas, glucídios, vitamina C, fitosterina, sais minerais e taninos.



SETE-SANGRIAS

Família

Lythraceae

Nome Científico

Cuphea cartagenensis (Jack) J. F. Macbr.

Sinonímia Vulgar

Sete-sangrias.

Sinonímia Científica

Cuphea balsamona (L.) Cham e Scheechecht; *Lythrun cartagenense* Jack; *Balsamona pinto* Vand.; *Parsonsia balsamona* (Cham. e Scheechecht) Standl.



SETE-SANGRIAS

Descrição Erva de caules e ramos pubescentes, de pelos avermelhados folhas opostas, glabras na face superior e pilosas na face inferior. As flores são de cor rosa.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego Arteriosclerose, hipertensão arterial e palpitações cardíacas. Limpa o estômago e intestinos. Combate também doenças venéreas e afecções da pele. Do infuso e decocto usar 1 colher das de sopa de sete-sangrias para 1 litro de água. Tomar uma xícara de chá morno sem adoçante por dia. Possui atividade anticolinesterásica e um efeito musculotrópico independente, capaz de potencializar um efeito contrátil máximo de um agonista.

Constituição Química Mucilagens e pigmentos; os outros componentes ainda estão em estudo.

Contraindicação Seu uso não é aconselhável para crianças.



SOJA

Família

Leguminosea (Faboideae)

Nome Científico

Glycine soja Sciebold & Jaccarini

Sinonímia Vulgar

Feijão-japonês, feijão-chinês.

Sinonímia Científica

Glycinea hispida Maxim.; *Dolixos soja* L.; *Glycinea max* Merrill;
Soja hispida Moench.; *Soja japonica* Savi.



SOJA

Descrição Planta anual, escandente, herbácea, volúvel, podendo atingir até 60 cm de comprimento. Caule ramoso e pubescente. Folhas longo-pecioladas, compostas, trifoliadas, de cor verde-azulada. Folíolos peninérveos, hispídeos na face inferior. Flores axilares, sésseis, brancas, amarelas ou violáceas, reunidas em cachos curtos. Vagem ligeiramente arqueada, hispida, de 1 a 5 sementes. Sementes lisas, ovais ou ligeiramente comprimidas, de hilo quase sempre castanho. É cultivada na Ásia Oriental não só como planta alimentar e forrageira, mas como planta capaz de alimentar várias indústrias. O Brasil é grande produtor de soja, cuja cultura e exigências são muito semelhantes às do feijão.

Parte Usada Sementes.

Formas Farmacêuticas Óleo, maceração ou pó.

Emprego A soja é muito empregada em suplementos dietéticos balanceados. Laxante, remineralizante, nutritiva, sudorífera, tônica e vaso depressora. A semente diluída em água e filtrada produz uma emulsão branca semelhante ao leite, muito nutritiva.

Constituição Química Os feijões contêm cerca de 35% de carboidratos, 50% de substâncias protéicas, 10% de óleo fixo e a enzima uréase. Óleo fixo (triacigloceróis), a lecitina é um ingrediente útil no controle dos distúrbios do metabolismo dos lipídeos e do colesterol, e o estigmasterol pode ser usado como percussor de hormônios esteroidais. Fitoestrogênios: daidzeina e genisteina.

Interações Medicamentosas e Associações O uso excessivo da soja deve ser avaliado em pacientes em reposição hormonal e usuários de contraceptivos orais. Deixando de alimentar-se com soja, o nível de reposição de hormônio deve ser avaliado. Com agentes hipoglicemiantes orais, o extrato fermentado diminuiu a glicose pós-prandial e o uso de medicação para diabetes deve ser monitorada.

Com antidepressivos, a tiramina contida em produtos como tofu e molho de soja pode conduzir a uma crise hipertensiva. A reposição do hormônio tireoidiano deve ser feita 2 a 3 horas antes de ingestão de soja.

Contraindicação Deficiência tireoidiana e bócio endêmico, devido às isoflavonas da soja que se ligam ao iodo e reduzem sua disponibilidade para produção de hormônios. Histórico de cálculos renais por oxalato de cálcio. Pode diminuir a absorção dos íons ferro, zinco, cálcio. O óleo de soja, usado para nutrir crianças lactentes, pode levar a uma deficiência de cálcio, prejudicando a formação óssea.

Toxicidade Diarreia, flatulência e cálculos renais. O uso culinário do óleo pode causar reações alérgicas, como eritema e prurido.



SOLIDÔNIA

Família

Asteraceae (Compositae)

Nome Científico

Trixis divaricata (Kunth) Spreng

Sinonímia Científica

Trixis antimenorrhoea (Schrank) Mart. ex Baker;
Trixis antimenorrhoea Mart. ex Baker; *Prionanthes*
antimenorrhoea Schrank; *Perdicium divaricatum* Kunth;
Perdicium flexuosum Kunth



SOLIDÔNIA

Descrição Trepadeira pouco lenhosa com 2 ou mais metros de altura. Ramos denso-pubescentes. Folhas sésseis, lanceoladas, acuminadas, de base estreita, auriculadas, membranáceas, inteiras ou denteadas, pubescentes e dorso alvotomentoso. Capítulos paniculados, de 9 a 10 flores, amarelo-pálidas, hermafroditas, bilabiadas. Invólucro campanulado, escamoso, escamas internas lanceoladas e externas pequenas e poucas. Lígulas oblongas, amareladas. Fruto aquênio cilíndrico, curto-piloso, pappus longo e frágil.

Partes Usadas Folha ou ramos novos.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, extrato hidroalcoólico, água ou colírio.

Emprego Nas conjuntivites, lavagem ocular, metrorragia, vulneraria. O decocto é preparado com 1 xícara das de café da planta picada para 1 litro de água filtrada. Deixar repousar por 24 horas. Coar e guardar em vasilha de vidro. Limpar os olhos 4 a 5 vezes ao dia. Foi comprovado que o extrato hidroalcoólico na dose de 1g/kg, tem significativa ação antiulcerogênica em úlceras induzida por indometacina e álcool etílico em ratas.

Constituição Química Flavonoides e taninos.



SUCUPIRA

Família

Leguminosae (Faboideae)

Nome Científico

Pterodon emarginatus Vogel

Sinonímia Vulgar

Sicupira, sucupira-branca, fava-de-sucupira, monjolo.

Sinonímia Científica

Pterodon pubescens (Benth.) Benth.; *Acosmium inornatum* (Mohlenbr.) Yakovlev; *Sweetia inornata* Mohlenbr.



SUCUPIRA

Descrição É uma árvore de 5 a 10 metros de altura e pode atingir de 50 a 70 cm de diâmetro. Tem ritidoma cinzento, que se desprende deixando cicatrizes. As folhas são alternas, compostas, de 8 a 20 cm de comprimento e levemente pilosas, seus folíolos têm 3 cm de largura e 1 folha pode ter de 10 a 20 folíolos. Inflorescência em panícula. Cálice pentâmeros sendo 2 petaloides e 3 sepaloides. Corola com pétalas violáceas, glabras, com pontuações glandulosas. Estames monoadelphos. Seu fruto é legume orbicular, com uma única semente e com uma asa arredondada, contornando todo o legume. O fruto tem uma camada mais externa (epicarpo), que se desprende pela maturação e é mais escura. A camada interna é mais clara e possui um aspecto alado, mais visível. Seu odor é aromático, agradável e o sabor é amargo.

Partes Usadas Sementes, cascas ou tubérculos da raiz.

Formas Farmacêuticas Óleo, cachaça ou vinho.

Emprego Antiinflamatório principalmente nas dores de garganta, bronquites, asma e reumatismo; tônico usado nas escrofuloses, úlceras e manifestações sifilíticas secundárias. A casca é usada como antidiabética. Infuso e decocto a 1%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 0,5 a 2 ml ao dia. Estudos farmacológicos mostraram que o óleo da semente inibe a penetração pela pele de cercarias do esquistossomo.

Constituição Química Diterpenos, isoflavonas, sucupirina, sucupirona, sucupirol, óleo-resina (14,15-epoxigeraniolgeraniol).

Toxicidade O uso crônico pode causar lesões no fígado e rins, devido à presença de compostos terpênicos.



TAIOBA

Família

Araceae

Nome Científico

Xanthosoma violaceum Schott.

Sinonímia Vulgar

Mangarito-roxo, mangarito-grande.

Sinonímia Científica

Xanthosoma sagittifolium (L.) Schoot.; *Arum nigrum* Vell.;

Acontia cubensis Bello; *Xanthosoma iantinum* Kock.



TAIOBA

Descrição Planta herbácea de caule subterrâneo rizomatoso, originária da América do Sul e cultivada pelos índios brasileiros. Rizoma muito desenvolvido e amiláceo, de cor branca internamente. Folhas desenvolvidas, simples, longamente pecioladas, podendo atingir mais de 1 m de comprimento, tanto no pecíolo quanto no limbo. Tem cor verde mais escura na face superior e mais clara na inferior, onde as nervuras são muito salientes, e sua forma é sagitada. Flores reunidas em espiga alongada, protegida por bráctea carnosa chamada espata, de cor verde. Tanto o limbo quanto o pecíolo e também o tubérculo são muito apreciados e cultivados nas hortas de Minas Gerais. Transplantando-se uma muda de taioba, por estolon ela vai formando uma touceira. Desenvolve-se muito bem em terrenos alagadiços e com muita matéria orgânica em locais quentes de 26 a 28 graus centígrados.

Partes Usadas Tubérculo ou folhas.

Formas Farmacêuticas Pó ou infuso.

Emprego O pó do tubérculo é usado em hemorroidas; e a folha, em infusão ou cozida, é usada em doenças da pele e também como vulnerária e colagoga. Por sua riqueza em amido, é um alimento importante para as crianças, idosos, trabalhadores braçais, atletas, grávidas e mulheres que amamentam. A taioba pode desempenhar um importante papel em dietas balanceadas, devido aos minerais que a formam.

Constituição Química Vitamina A, B, C, amido, cálcio, ferro, fósforo, magnésio, manganês, cobre, zinco e potássio.

Toxicidade Planta largamente usada na alimentação.



TAIUIÁ

Família

Cucurbitaceae

Nome Científico

Cayaponia tayuya (Vell.) Cogn.

Sinonímia Vulgar

Abobrinha-do-mato.

Sinonímia Científica

Wilbrandia ebractea Cogn.; *Cayaponia tayuia* Mart.; *Bryonia tayuia* (Vell) Cogn.; *Cayaponia piauhiensis* (Cogn.) Cogn.; *Trianosperma piauhiensis* Cogn.



TAIUIÁ

Descrição Trepadeira herbácea de folhas alternas, mucronadas. As superiores são sinuosas, quase inteiras, gavinhas laterais e trifidas. Flores unissexuadas em cachos pendentes e distantes. As masculinas, com receptáculo cupulífero, trazendo sobre as bordas um cálice com 5 sépalas denteadas, parcialmente unidas, corola com 5 peças ovais, inicialmente elevadas e, a seguir, deitadas em torno de si. 5 estames, sendo 4 reunidos 2 a 2, simulando 2 anteras biloculares, sendo livre e unilocular a torcida, dilatada na parte inferior em um saco oblongo que abriga o ovário ínfero, trilocular, com 1 a 4 óvulos em cada loja. Estilete em coluna com 3 estigmas volumosos. Fruto baga ovoide carnosa, vermelha, indeiscente, com sementes sem albúmem.

Parte Usada Raiz.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Purgativo, drástico, depurativo. No taiuiá, foram caracterizadas propriedades antiulcerogênica, analgésica e antiinflamatória. Foram isolados, recentemente, da fração purificada do rizoma, 2 glicosídeos norcucurbitanos que apresentaram atividades antiinflamatórias, antitumoral e antifertilidade em rato e camundongos. Infuso e decocto a 1%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 0,5 a 2 ml ao dia.

Constituição Química Glicosídeos norcucurbitanos, amido, ácido málico, resina, tayuino, princípio ativo amargo; trianospermina, trianospermitina.



TANCHAGEM

Família

Plantaginaceae

Nome Científico

Plantago major L.[1]; *Plantago lanceolata* L.[2]

Sinonímia Vulgar

Tanchagem.

Sinonímia Científica

Plantago major Ell[1]; *Plantago major* Bert ex Barnioud[1];
Plantago major Lour[1]; *Plantago borysthenica* (Rogow.) Wissjul.
[1]; *Plantago dregeana* Decne.[1]; *Plantago latifolia* Salisb.[1];
Plantago officinarum Crantz[1]; *Plantago lanceolata* Hook.[2]



TANCHAGEM

Descrição Planta herbácea, perene, polimorfa, com rizoma curto e oblongo. Folhas radicais pecioladas, mais ou menos crassas, quase glabras, ovais ou muitas vezes elípticas, obtusas, inteiras ou sinuado-denteadas, estreitas no pecíolo. Escapos arredondados, eretos, pubescentes ou glabros. Inflorescência em espigas lineares, cilíndricas, alongadas, multifloras, com brácteas ovoides, obtusas, membranáceas, côncavas. Flores pálidas, pequeninas, numerosas. Cálice curto, com sépalas ovais, obtusas, ligeiramente glabras, corola com lobos ovais, obtusos, 4 estames epipétalos. Fruto cápsula com muitas sementes, muitas vezes violáceas. Sementes pequenas, de 8 a 15 e de cor olivácea.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido ou emplasto.

Emprego Tônico, febrífugo, adstringente. Vulnerária, sendo as folhas frescas utilizadas diretamente nas feridas. Antiinflamatória, principalmente em dores de garganta, inflamações uterinas e nas doenças de pele. Resolutivo e expectorante. A mucilagem das folhas tem ação protetora das mucosas inflamadas e das vias respiratórias. Os taninos conferem atividade adstringente, formando revestimentos protetores, atenuando a sensibilidade, além de proporcionar uma ação hemostática. Infuso 30 g/l, tomar de 3 a 4 xícaras por dia. Para uso externo, usar 60 g de folhas para 1 litro d'água.

Constituição Química Mucilagens, glúcides, tanino, sais minerais e enxofre. Ácidos orgânicos: clorogênico e ursólico. Ácido silícico. Glicosídeos: alcubina. Alcaloides: plantagonina e indicaína. Resinas: alantoína; heterosídeos: alcubigenina; enzimas: emulsina e invertina. Colina, vitamina C e sais de potássio.

Interações Medicamentosas e Associações Pode diminuir os níveis plasmáticos de tegretol e do lítio (como também sua absorção).

Contraindicação Em infecções catarrais ou congestão das mucosas respiratórias, devido ao efeito emoliente de sua mucilagem.

Toxicidade Congestão do peito, anafilaxia, constipação e flatulência, inchaço dos lábios. Lacrimejamento, espirros e erupções.

Observação As duas espécies têm as mesmas indicações.



TANCHAGEM-FALSA

Família

Plantaginaceae

Nome Científico

Plantago australis Lam.

Sinonímia Vulgar

Tanchagem-falsa, trançagem-falsa.

Sinonímia Científica

Plantago tomentosa Gilib.



TANCHAGEM-FALSA

Descrição Planta herbácea acaule de folhas radicais ou rosuladas, lanceoladas, pubescentes ou tomentosas de 15 cm de comprimento por 5 cm de largura, estreitando-se em pecíolo. Inflorescência espiga alta. Flores andróginas de 4 pétalas, urceoladas, de tubo curto e 4 estames epipétalos. Ovário súpero de 1 a 4 lojas. Fruto pixídio, abrindo por uma espécie de tampa transversal. Estigma único. Vegeta em quase todo o Brasil. Multiplica-se por sementes.

Parte Usada Folhas

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou compressas das folhas frescas lavadas, nas quais joga-se água fervente.

Emprego Antiinflamatório e como vulnerário. Ferver 3 pés de tanchagem de tamanho médio em 1 copo d'água. Tomar 3 vezes ao dia, 1 xícara.

Constituição Química Mucilagens, glúcides, tanino, sais minerais e enxofre. Ácidos orgânicos: clorogênico e ursólico. Ácido silícico. Glicosídeos: alcubina. Alcaloides: plantagonina e indicaína. Resinas: alantoína. Heterosídeos: alcubigenina. Enzimas: emulsina e invertina. Colina, vitamina C e sais de potássio.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associada à hortelã preta.



TIRIRICA

Família

Cyperaceae

Nome Científico

Cyperus esculentus L.

Sinonímia Vulgar

Junça, tiririca-comum.

Sinonímia Científica

Cyperus rotundus Hook. F.; *Cyperus rotundus* Kunth; *Cyperus rotundus* Benth.; *Cyperus rotundus* Miq.; *Cyperus bicolor* Vahl; *Cyperus maritimus* Bojer; *Chlorocyperus rotundus* (L.) Palla



TIRIRICA

Descrição Erva ereta, tuberosa e rizomatosa de haste triangular de 10 a 60 cm de altura. O rizoma lança estolon, formando uma ligação subterrânea que pode se aprofundar até 1,5 m, por isso é difícil erradicar a tiririca. Folhas basais e lineares de cor verde-clara brilhante. Flores minúsculas dispostas em uma inflorescência de cor marrom em um escapo (caule aéreo que sai diretamente do rizoma sustentando a inflorescência). É considerada uma das piores plantas daninhas da agricultura em todo o mundo.

Parte Usada Tubérculos.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou pó.

Emprego Antibacteriana, antiinflamatória, balsâmica, estimulante, diurética. Na medicina ayurvédica, é usada como febrífuga. Atualmente muitas pessoas têm feito tratamento dos calores da menopausa tomando chá do tubérculo.

Constituição Química Seu tubérculo é oleaginoso, rico em amido e maltose. Possui um hidrocarboneto cipereno-1, princípio ativo responsável pela atividade estrogênica. O óleo contém ácido linoleico, hidrocarbonetos e gorduras. Substâncias mono e sesquiterpenoides (α -ciperona). O pó contém gordura, proteínas, fibras, féculas, vitaminas H e P e numerosas enzimas.

Toxicidade Não é tóxico e os tubérculos podem ser usados como alimento.



TOMATINHO

Família

Solanaceae

Nome Científico

Lycopersicon pimpinellifolium L.

Sinonímia Vulgar

Tomateiro.

Sinonímia Científica

Lycopersicon pimpinellifolium (L.) Mill.



TOMATINHO

Descrição Planta anual, andina, ereta, com ramos herbáceos, subescandentes e muito ramificada, com folhas de formas variadas. Flores amarelas, dispostas em pequenos cachos, 5 estames de anteras unidas. Ovário súpero de 2 a 4 carpelos, formando um fruto do tipo baga, geralmente globoso, de casca fina e vermelha. O cálice fica persistente na base. O fruto contém muitas sementes pequenas e claras. É muito cultivado em todo o mundo; no Brasil ocorre como subespontâneo o tomate-cereja com características e propriedades semelhantes. Desenvolve-se muito bem em terrenos areno-argilosos, bem drenados com fraca acidez.

Partes Usadas Folhas ou frutos.

Formas Farmacêuticas Maceração (folhas), salada ou sumo (frutos).

Emprego As folhas colocadas sobre as queimaduras da pele atuam como cicatrizantes. É inibidor da absorção de colesterol. Tem propriedades antioxidante e antiinflamatória, nos casos de hiperplasia benigna da próstata. É também uma boa fonte de magnésio.

Constituição Química Tomatina, glicoalcaloide esteroide e suas geninas (tomatidina e solanidina). As folhas contêm também rutina, ácido clorogênico e uma furanocumarina de ação fotossensibilizante. Nos frutos foi registrada a presença de esteroides, ácido pecumárico, málico e ascórbico; vitaminas do complexo B e licopeno (substância que dá cor vermelha ao fruto e é responsável pela ação antioxidante e antiinflamatória).

Contraindicação Usando-se grandes quantidades de tomate, deve evitar-se a exposição demorada ao sol, por causa de queimaduras, devido à ação fotossensibilizante das furanocumarinas.

Toxicidade A ingestão de 100 g de folhas ou do tomate verde pode causar intoxicação caracterizada por vômitos, diarreia, cólicas, tontura e baixa frequência cardíaca, podendo chegar à morte por falha respiratória.



TOMILHO

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Thymus vulgaris L.

Sinonímia Vulgar

Timo

Sinonímia Científica

Thymus vulgaris Willk.; *Thymus vulgaris* Sibth & Sm.; *Thymus vulgaris* M. Bieb.



TOMILHO

Descrição Erva vivaz, com 10 a 30 cm de altura, densamente ramificada, caule tortuoso, lenhoso, com ramos acinzentados, eretos e compactos. As folhas são pequenas, opostas, sésseis, lineares ou lanceoladas, tomentosas, esbranquiçadas na face inferior, de bordos reflexos por cima, brancas ou róseas, em falsos capítulos ovoides ou globosos, surgindo em junho e julho. Corola bilabiada com 4 estames e fruto aquênio de cor escura e glabro. Multiplica-se por estolhos em solo bem drenado moderadamente seco, leve e quente. Precisa de sol pleno.

Parte Usada Sumidade florida.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido ou xarope.

Emprego Estimulante, antiespasmódico, cicatrizante e emenagogo, vermífugo.

Constituição Química Óleo essencial, álcoois, hidrocarbonetos, resina, tanino, saponosídeos.

Toxicidade Deve ser evitado em grandes quantidades por mulheres grávidas por ser emenagogo, mas é seguro como tempero.



TRAPOEIRABA

Família

Commelinaceae

Nome Científico

Tradescantia elongata G. Mey

Sinonímia Vulgar

Capoeraba.

Sinonímia Científica

Tradescantia diuretica Mart.; *Tradescantia elongata* Hort. Sinden



TRAPOEIRABA

Descrição Planta herbácea de caule reptante nodoso, ascendente, glabro, colorido, de 30 a 70 cm de comprimento, sulcado-estriado. Folhas alternas e invaginantes, tomentosas, oblongo-lanceoladas, acuminadas, serradas, munidas de pelos. Flores reunidas em umbelas terminais, geminadas, pedunculadas, são hermafroditas, actinomorfas e heteroclamídeas, trímeras e hipóginas. Os pedúnculos partem das axilas das folhas superiores, em número de 2 a 3, são eretos e suportam, no vértice, uma umbela de 6 a 20 flores, um tanto aglomeradas. As brácteas são ovais, obtusas e ciliadas. Sépalas em número de 3, verdes e com margens arroxeadas. 3 pétalas livres, maiores, obovais, de vértice arredondado e de cor violácea. 6 estames férteis, em 2 verticilos, desiguais, sendo 3 mais curtos, com anteras biloculares e outros 3 maiores com anteras de lojas divergentes. Ovário súpero, séssil, glabro. Estilete filiforme, simples, mais curto do que os estames, estigma simples, capitado e papiloso. Fruto cápsula oboval, glabra com 1 a 2 sementes em cada loja, truncadas e rugosas, embrião curto e largo.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou emplastro.

Emprego Diurético, emoliente. Contra hidropsia, reumatismo e ascite. Infuso e decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Em outras trapoeirabas foram encontrados: alcaloides, proantocianidinas, cianidinas, ácido elágico, saponinas e sapogeninas.



T

RAPOEIRABA-LISTRADA

Família

Commelinaceae

Nome Científico

Zebrina pendula Schnizl

Sinonímia Vulgar

Lambari, judeu-errante, trapoeiraba-roxa.

Sinonímia Científica

Commelia zebrina Hort.; *Tradescantia pendula* (Schnizl.) Hunt;
Zebrina pendula Schnizl; *Zebrina pendula* Hort. ex Bosse



RAPOEIRABA-LISTRADA

Descrição Planta herbácea rastejante ou pendula. Suculenta, de origem mexicana, podendo atingir até 25 cm de altura. Folhas sésseis, suculentas, com bainha inteira, verde-arroxeadas, com duas faixas prateadas e brilhantes na face superior e roxas na face inferior, atingindo até 8 cm de comprimento por 3 cm de largura. As flores pouco vistosas e pequenas estão reunidas em umbela protegidas por 2 brácteas no ápice dos ramos. Corola rósea, 6 estames e ovário súpero. A multiplicação é feita por estacas ou ponteiras já enraizadas. O enraizamento pode ser feito em água. Esta planta é usada como ornamental. Prefere terras férteis e de boa drenagem.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou emplasto.

Emprego Cicatrizante, emoliente, diurético, nas bronquites, reumatismo, hidropsia e vitiligo.

Constituição Química Proantocianidinas encontrados em toda a planta.



TRÊS-FOLHAS

Família

Rutaceae

Nome Científico

Esenbeckia febrifuga Juss.

Sinonímia Vulgar

Laranjeira-do-mato, quina-do-mato.

Sinonímia Científica

Esenbeckia febrifuga var. *densiflora* Chodat & Hassl.;

Esenbeckia febrifuga var. *fruticosa* Hassl.



TRÊS-FOLHAS

Descrição Arbusto de folhas opostas, compostas, trifoliadas, folíolos lanceolados, elípticos, um pouco acuminados. Flores em cimeiras terminais e axilares, penugentas. Cálice com 5 divisões entrecruzadas. Corola com 5 peças longas; androceu com 5 estames livres e inseridos sobre um disco sinuoso. Ovário com 5 lojas biovuladas, estilete simples, inserido no fundo da depressão apical do ovário, com estigma obtuso. Fruto cápsula com 5 cocas bivalvulares e com uma só semente albuminosa.

Parte Usada Casca do caule.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto ou tintura.

Emprego Adstringente, febrífugo, amargo. É sucedânea da quina.

Constituição Química Flindersiamina, kokusaginina, skimmiamina, g-fagarina; Alcaloides: rutaevina, dictamina, acronidina, arborinina, melicopicina, normelicopicina, cloroquina.



TROMBETEIRA

Família

Solanaceae

Nome Científico

Brungmansia suaveolens (Humb. & Bomp. ex Wills.) Berot & J. S. Presl

Sinonímia Vulgar

Saia-branca, zabumba, beladona.

Sinonímia Científica

Brungmansia suaveolens (Willd.) Bercht. & Presl; *Brungmansia suaveolens* Bercht. & C. Presl.



TROMBETEIRA

Descrição Arbusto de folhas simples, alternas, oblongo-lanceoladas. Flores solitárias, grandes, tubulosas, afuniladas, brancas, com 5 estames aderentes. Cálice dilatado na parte mediana, glabro, mais estreito nas extremidades e mais curto que o tubo da corola, que é plicado, estreito e cilíndrico. O limbo é muito desenvolvido e curtamente denteado. Os estames se inserem no tubo da corola e são do mesmo tamanho. Fruto cápsula lisa, oval ou arredondada, com numerosas sementes pequenas e luzidias.

Partes Usadas Folhas ou flores.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, cigarro, colírio ou emplasto.

Emprego Sucedânea da beladona e do meimendo. A folha, sob a forma de cigarro, é usada na asma. Sob a forma de emplasto é usada na consolidação da fratura óssea. Sob a forma de colírio, como midriático. Sob a forma de decocto, como antiespasmódico.

Constituição Química Alcaloides tropânicos predominando a escopolamina (cerca de 50%), apresentando ainda a hiosciamina e a atropina. Quando as folhas do vegetal são submetidas à secagem e extração, a l-hiosciamina se transforma em atropina (dl-hiosciamina).

Toxicidade Sintomas de intoxicação pelo vegetal se iniciam pelo aparecimento de náuseas e vômitos, seguidos de diminuição das secreções (salivar, lacrimal, sudorípara, das mucosas nasais, faringiana, bronquial e estomacal). No indivíduo intoxicado, a pele fica seca e avermelhada. O rubor facial é bem notado. A dilatação de pupila (midríase) também é sinal frequentemente observado. Taquicardia, confusão mental, agitação psicomotora e alucinações podem ocorrer. Em casos mais graves, podemos observar depressão neurológica, distúrbios cardiovasculares e respiratórios, podendo ocorrer óbito. Toda a planta é tóxica.



UNHA-DE-VACA

Família

Leguminosae (Cesalpinoideae)

Nome Científico

Bauhinia forficata Link.

Sinonímia Vulgar

Unha-de-vaca, pata-de-vaca.

Sinonímia Científica

Bauhinia brasiliensis Vogel



UNHA-DE-VACA

Descrição Arbusto lenhoso desenvolvido, ou pequena árvore que pode atingir até 10 m de altura, com caule de ramos aculeados, os acúleos quase sempre geminados, recurvados ou retos e eretos, iguais ou desiguais entre si. Ramos pendentes e desprovidos de indumento. Folhas membráceas, alternas, simples, coloridas de verde-claras ou esbranquiçadas na face dorsal, glabras, com 9 a 11 nervuras, terminando a principal por um acúleo reto ou ligeiramente recurvado, bilobado, sendo os lobos oval-lanceolados, divergentes, obtusos, agudos e até acuminados. Inflorescência agrupada em panículas laterais em relação às folhas, tendo os pedicelos geminados nos pedúnculos florais bastante desenvolvidos, com brácteas caducas que deixam apenas cicatrizes. Flores de tamanho variável, grandes, alvas, heteroclamídeas. Cálice herbáceo, com tubo cilíndrico que, no botão floral, é ligeiramente recurvado e envolve completamente a corola. Pelo desabrochamento da corola, o cálice se rompe por uma fenda longitudinal do ápice para a base. Corola pentâmera, dialipétala, tendo cada pétala uma nervura mediana saliente. Androceu com 10 estames livres, com filetes do ciclo externo mais grossos, anteras rimosas, basifixas, ditecas. Gineceu sustentado pelo ginóforo de 5 cm, unicarpelar, ovário unilocular, estilete terminal e estigma bilobado. Fruto legume perfeito, pardo-escuro.

Partes Usadas Folhas, raízes ou flores.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego Diurético, contra diabete, foi demonstrado o efeito hipoglicemiante em pacientes diabéticos em uma dosagem de 3 gramas por dia das folhas por 56 dias, usando-se a alcoolatura, depois de um contato de 7 dias. Efeitos farmacológicos antifúngicos, antibacterianos, analgésicos e antiinflamatórios. As pessoas têm usado outras plantas desse gênero e hoje tem sido comprovada sua eficiência como hipoglicemiante, inclusive a espécie *Bauhinia variegata* L., que é muito cultivada como ornamental em Belo Horizonte.

Constituição Química Esteroides, flavonoides: (rutina e quercetina), pinitol, taninos, alcaloides e cumarinas.

Toxicidade Em doses mais elevadas pode causar diarreia.



URENA

Família

Malvaceae

Nome Científico

Urena lobata L.

Sinonímia Vulgar

Carrapicho-de-cavalo, carrapicho-de-lavadeira, guaxuma, guaxiuba, malvisco, malva-roxa, rabo-de-foguete.

Sinonímia Científica

Urena sinuata Sw.



URENA

Descrição Arbusto de caule ereto, atingindo até 3 m de altura, com ramos alternos cilíndricos, de onde partem folhas alternas, pecioladas, cordiformes, lobadas e de formas variáveis, presença de glândulas nectaríferas nas 3 nervuras centrais. Flores curto-pecioladas, pequenas, solitárias, roxas ou rosas. Fruto cápsula subglobosa, de 5 carpelos indeiscentes, loculicida, com sementes escuras.

Partes Usadas Raízes ou flores.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego O decocto da raiz é diurético, emoliente, usado contra cólicas renais e apresenta atividade antibacteriana. Já a infusão das flores é usada apenas contra cólicas renais. Flores: preparar um infuso com 1 xícara das de chá de flores para 1 litro de água. Tomar 4 a 5 xícaras das de chá ao dia. Raízes: o decoto é preparado com 1 xícara das de chá de raízes picadas para 1 litro de água. Tomar de 3 a 4 xícaras ao dia.

Constituição Química Aramina, oxalato, mucilagem.



URTIGA

Família

Urticaceae

Nome Científico

Urtica dioica L.

Sinonímia Vulgar

Mansa, cansação.

Sinonímia Científica

Urtica dioica Vell.; *Urtica dioica* Thunb.; *Urtica galiopsifolia*
Wierzb ex Opiz



URTIGA

Descrição Arbusto que pode atingir até 1,5 m de altura, com caule semiescandente. Folhas simples opostas, estipuladas, ovais, sendo a base cordiforme, a margem denteada e os dentes triangulares. Flores verdes em inflorescência tipo cacho de espigas. Flores dioicas, com 4 sépalas e 4 estames, ovário súpero e estigma em forma de pincel. Fruto aquênio.

Parte Usada Toda a planta.

Forma Farmacêutica Decocto.

Emprego Moléstias cutâneas como psoríase, urticária, picadas de inseto e como adstringente e hemostático.

Constituição Química As folhas possuem uma substância histamínica e ácido fórmico. A planta inteira contém taninos, mucilagem, vitamina A, C, B2, B5. Minerais (S, Si, K, Fe, Ca, Na), clorofila, ácidos graxos, fitosterol (β -sitosterol), carotenoides, flavonoides (glicosídeo da quercetina) e secretina. Acetilcolina e serotonina.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser usada juntamente com dente-de-leão, cavalinha e bardana que têm as mesmas propriedades. O uso concomitante com o diclofenaco pode potencializar sua ação. Com anti-hipertensivos pode ter efeito somatório, devido à ação diurética e hipotensiva. A urtiga contém serotonina, que possui atividade coagulante, e vitamina K, que é antagonista da varfarina. Com agentes hipoglicemiantes orais e/ou insulina pode causar hipoglicemia.

Contraindicação Seu uso é contraindicado no caso de edemas, de problemas cardíacos e renais, devido à excreção inadequada de sais urinários. Seu uso interno excessivo é contraindicado na gravidez, devido ao efeito emenagogo, abortivo e estimulante do útero do seu componente serotonina.

Toxicidade As folhas verdes ou secas não processadas podem causar irritações oculares e dérmicas (eritema, bolhas e vesículas muito pruriginosas), quando usadas externamente. As sementes não devem ser ingeridas. Foi relatado edema de glote em pessoas sensíveis, após a ingestão de um doce de leite com urtiga, usado como depurativo. Pode provocar natriurese, oligúria, sedação e urticária.



URUCUM

Família

Bixaceae

Nome Científico

Bixa orellana L.

Sinonímia Vulgar

Tinta, coloral, açafroa-do-brasil, açafão-do-brasil, falso-açafão, colorífico, açafroa, açafão-da-terra.

Sinonímia Científica

Bixa arborea Bhubr.; *Bixa acuminata* Bojer; *Bixa americana* Poir.; *Bixa odorata* Ruiz & Pav. ex G. Don; *Bixa platycarpa* Ruiz & Pav. ex G. Don; *Bixa tinctoria* Salisb.; *Bixa urucurana* Willd.; *Orellana americana* Kuntze; *Orellana orellana* (L.) Kuntze



URUCUM

Descrição Árvore lenhosa, ramificada, que pode alcançar de 5 a 6 m. Folhas persistentes, pecioladas, alternas, cordiformes, inteiras, de uma cor verde-escura e nervuras muito salientes. Suas flores são grandes, pedunculadas, glandulosas, de cor rosa, contendo numerosos estames e reunidas em cachos terminais. Seus frutos são capsulares, espinescentes, contendo muitas sementes ovóides de cor alaranjada. O corante vermelho (anato) extraído das sementes é o único corante vermelho natural existente, e está sendo exportado para muitos países. O nome urucum vem do Tupi u-Ku que significa vermelho. Os indígenas utilizavam seu pigmento para pintar cerâmicas, a própria pele, supostamente como ornamento, e para evitar picadas de insetos ou queimaduras de sol.

Partes Usadas Folhas ou sementes.

Formas Farmacêuticas Decocto, infuso ou pó.

Emprego Gripes e tosses. Emoliente. No sarampo encubado, como febrífugo. Antídoto contra o veneno da mandioca. As folhas secas, em decocção, durante 2 minutos, na dose de 30 g/l em gargarejo, são usadas na inflamação da boca e garganta. Decocto e infuso: de 10 a 15 g de semente ou raízes em 1 litro; tomar de 1 a 3 xícaras ao dia. A dose diária para um homem é de, no máximo, 0,065 mg/Kg de peso corpóreo expresso em bixina. Repelente de insetos e filtro solar (bixina). A raiz é utilizada em casos de afecções renais, asma e coqueluche.

Constituição Química As folhas contêm óleo composto de mono, di e sesquiterpenos. A semente contém: pigmentos; carotenoides: bixina e orelina, β caroteno e vitaminas A e C, óleo fixo, saponinas, flavonoides (apigenina e luteonina), óleo essencial, ácidos graxos saturados e insaturados, ácidos fenólicos, açúcares e celulose.

Interações Medicamentosas e Associações Com agentes hipoglicemiantes orais e insulina, a bixina tem efeito hiperglicemiante e seu alto consumo pode perturbar o controle de glicose.

Contraindicação Alto consumo na diabetes, na gravidez e na lactação, pacientes com disfunção hepática.

Toxicidade Anafilaxia (alergia ao corante).



VALERIANA

Família

Valerianaceae

Nome Científico

Valeriana officinalis L.

Sinonímia Científica

Valeriana officinalis L. & Maillefer



VALERIANA

Descrição É uma planta herbácea, de rizoma truncado, com numerosas raízes adventícias emitindo ramos aéreos, anuais na base e sésseis na parte superior, pinatifida de 15/21 segmentos pubescentes e glabras, inteiras ou denteadas. Flores pequenas, brancas ou rosadas, cheirosas, dispostas em cimeiras compostas, corimbiformes. Cálice curto e com numerosos lobos na parte superior, geralmente plumosos. Corola irregular, tubulosa, de limbo com 5 lobos, 3 estames na base e livres em seguida. Ovário livre, unilocular e uniovulado. Sementes com albúmem. Odor forte, desagradável, de ácido valeriânico; sabor adocicado, depois amargo e aromático. Multiplica-se por desdobramento de touceiras e por mudas que partem do escapo, quando da inflorescência. Quando as chuvas são contínuas, ela morre, pois não suporta terreno úmido demais.

Partes Usadas Rizoma ou raiz.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido, pó ou xarope.

Emprego Antiespasmódico e sedativo. A raiz é usada contra vômitos, gases e parasitas intestinais. Usada nas afecções espasmódicas e palpitações. Atenua a irritabilidade nervosa e é útil nas dermatoses, pruridos e urticárias. Hipotensor. Em medicina popular, a valeriana é considerada um vulnerário de primeira ordem. Infuso e decocto a 5 %, tomar de 50 a 200 ml por dia; pó de 0,3 a 1,0 g, 3 vezes ao dia; extrato fluido, em álcool, de 4 a 8 ml, 3 vezes ao dia. Os monoterpenos se decompõem na presença da enzima oxidase em ácido valeriânico e metilcetona. O ácido valeriânico tem ação antiespasmódica e a metilcetona tem ação ligeiramente anestésica. O valepotriato atua como depressor do sistema nervoso, atenua a irritabilidade nervosa, melhora a coordenação e reduz a ansiedade.

Constituição Química Óleo essencial hidrocarbonetos monoterpênicos e sesquiterpênicos (α -pineno, feicheno, β -bisabolol). Ácidos: valeriânico, propiônico, málico, tânico, acético, fórmico. Ésteres terpênicos: isovalerianato de borneol. Alcaloides: valeriana e xantinina. Cetonas terpênicas: valeranona. Aldeídos terpênicos: valerenal; valepotriatos, taninos, amido, gomas, matérias resinosas e mucilaginosas, e álcoois terpênicos.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associado ao maracujá no caso de insônia. Pode potencializar o efeito dos barbitúricos, benzodiazepínicos, narcóticos, alguns antidepressivos, álcool e anestésicos e, portanto, devem ser monitorados no uso concomitante. Doses elevadas de valepotriatos diminuíram a síndrome de abstinência de benzodiazepinas em ratos. A valeriana pode interagir com fármacos, que utilizam metabolismo hepático.

Contraindicação Gravidez. Hipersensibilidade aos componentes. O uso prolongado e em altas doses pode causar cefaleia e agitação. Dispepsias, reações alérgicas cutâneas.

Toxicidade A valeriana pode provocar um efeito estimulante, para pequena minoria das pessoas, com cefaleia, dor abdominal, perturbações cardíacas, aperto no peito, excitação mental, insônia, midríases, tremores, inquietação, delírio, alucinações, torpor, convulsões e morte por parada respiratória. O uso contínuo pode induzir ao chamado "valerianismo", um estado emocional instável. Ataxia, hipotermia e aumento de relaxamento muscular.



WASSOURA

Família

Malvaceae

Nome Científico

Sida rhombifolia L.

Sinonímia Vulgar

Guaxuma, guaxima, guanxuma, malva-guaxuma.

Sinonímia Científica

Malva rhombifolia (L.) Krause; *Sida adusta* Marais; *Sida carpinifolia* Bourq. ex Griseb; *Sida retusa* L.; *Sida ruderata* Macfad; *Sida unicornis* Marais; *Sida scoparia* Vell.; *Sida hondensis* Kunth; *Sida compressa* Wall.; *Sida pringlei* Gand.



ASSOURA

Descrição Planta perene subarborescente ereta, com 30 a 70 cm de altura. Raiz muito desenvolvida, axial. Caule cilíndrico com pilosidade simples, estrelada, alvotranslúcida e estípulas linear-lanceoladas. Folhas simples, alternas, rombóides ou oblongo-rombóides, de bordos dentados e ápice obtuso, com nervura principal e secundária salientes. Inflorescência em umbela ou congesta. Flores andróginas, com corola de 5 pétalas amarelas. Tubo estaminífero de 4 cm de altura, ovário súpero de 10 a 14 carpódios trígonos. Planta invasora, que se produz exclusivamente por semente. Prefere solos ácidos e ensolarados.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso ou decocto.

Emprego As sementes são diuréticas e as folhas, depois de maceradas, aplicam-se nos tumores externos. A planta é usada, sob a forma de chá, (30 g por litro, 3 vezes ao dia) como béquica, emoliente, tônica, anti-hemorroidal, febrífuga e estomacal. Os alcaloides encontrados nesta planta apresentaram atividade antimicrobiana.

Constituição Química Mucilagem, toda a planta contém alcaloides; colina, pseudoesfedrina, β -fenetilamina, vascinana, entre outros. No caule, encontramos também hipaforina e alcaloides indólicos.



WASSOURINHA-DOCE

Família

Plantaginaceae (antiga Scrophulariaceae)

Nome Científico

Scoparia dulcis L.

Sinonímia Vulgar

Vassourinha-doce.

Sinonímia Científica

Scoparia ternata Frosk; *Capraria dulcis* (L.) Kuntze; *Gratiola micrantha* Nutt.; *Scoparia grandiflora* Nash.



ASSOURINHA-DOCE

Descrição Planta anual, herbácea de 30 cm de altura. Caule ereto, glabro, ramificado e anguloso. Folhas opostas raro verticiladas, membranáceas, glabras, peninérveas. pecioladas, inteiras, ovais, lanceoladas, agudas, denteadas, crenadas de base cuneiforme. Pecíolo inteiro, canaliculado, estreito. Flores axilares, regulares, pequenas, rotáceas, solitárias. Cálice com 4 sépalas, laciniadas, membranáceas e ciliadas. Corola pequena, clara, vilosa e com pelos claros. Filetes glabros, estilete persistente, truncado. Fruto cápsula pequena, lisa, bivalva. Sementes numerosas, oval-triangulares, foscas. Multiplica-se por sementes.

Parte Usada Toda a planta.

Formas Farmacêuticas Decocto, infuso ou tintura.

Emprego Emoliente, béquica e peitoral. Externamente, é usada para tratamento de hemorroidas. Infuso e decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Foi encontrada uma substância ativa denominada amelina ou antidiabetina. A vassourinha tem diferentes composições, de acordo com a procedência.



VELAME-BRANCO

Família

Apocynaceae

Nome Científico

Macrosiphonia velame (St. Hil.) Müell Arg.

Sinonímia Científica

Marosiphonia velame Müell Arg.



VELAME-BRANCO

Descrição Planta pequena, de caule ereto, simples ou ramificado na parte superior, provido de pelos brancos, denso-lanuginosos. Encontrado nos campos limpos e campos rupestres das montanhas mineiras. Folhas com 4 a 5 cm de comprimento, com 5 a 8 nervuras secundárias, curtamente pecioladas, opostas, oblongo-ovais, tomentosas e brancacentas, de base cordiforme ou obtusa e ápice agudo ou acuminado. Racemos laterais próximos do ápice do caule, médio ou longamente pedunculados, com 1 a 5 flores providas de pequenas brácteas. As flores são desenvolvidas, com corolas subcampanuladas e tubo longo e estreito na parte inferior e lobos ovais. Pétalas de cor branca, com a face interna do tubo da corola amarela. Cálice com lacínios longos e bases estreitas, lineares. Ovário cilíndrico, ovoide, comprido, tomentoso. Fruto do tipo folículo com 30 cm de comprimento e, depois de maduro, ereto, longo e fino. Semente de 10 mm de comprimento por 3 de largura, avermelhada.

Partes Usadas Raízes ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura ou extrato fluido.

Emprego A raiz em decocto ou infuso é usada como depurativa, antissifilítica: 1 xícara das de chá para 1 litro de água, tomar de 4 a 5 xícaras ao dia. O decocto das folhas é usado contra gripes, febres e hemorragias: 1 xícara para 1 litro, tomar de 3 a 4 xícaras de chá ao dia.

Constituição Química Não encontrada.





VELAME-DO-CAMPO

Família

Euphorbiaceae

Nome Científico

Croton campestris St. Hil.

Sinonímia Científica

Croton campestris Müell Arg.



VELAME-DO-CAMPO

Descrição Arbusto de 1 a 2 m de altura, caule muito resistente. Folhas alternas, penínervas, ovais, elípticas ou sublineares, pecíolo curto, tomentosas e fulvo-pardacentas. Estípulas e brácteas pequenas, sendo estas lanceoladas e lineares. Inflorescência em espiga, com 1 a 2 flores femininas, na base da inflorescência. Cálice provido de lacínios lanceolados, ovário piloso, estilete bipartido e 6 estigmas. As flores masculinas dispostas no ápice da inflorescência, em número de 1 a 5, diperiantadas, sendo 5 o número de peças, pétalas brancas ou amareladas. Androceu com cerca de 12 a 15 estames, providos de filetes pubescentes na parte inferior. Fruto cápsula mais ou menos globuloso-elipsoide, com 3 sementes.

Partes Usadas Raízes ou folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido, vinho ou xarope.

Emprego Depurativo, antirreumático, antiescrofuloso, contra moléstias da pele. Popularmente é usado em casos de doenças do fígado, regularizando sua função antitóxica. Infuso e decocto a 2%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 1 a 4 ml ao dia; vinho ou xarope, de 20 a 80 ml ao dia.

Constituição Química Não encontrada.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associado às plantas: alcachofra, cáscara sagrada, boldo, alcaçuz, ruibarbo e laranja-amarga, contra doenças do fígado.

Toxicidade Em doses elevadas é drástico.



VERBASCO

Família

Scrophulariaceae

Nome Científico

Verbascum virgatum Stocks

Sinonímia Vulgar

Verbasco.

Sinonímia Científica

Verbascum virgatum Spreng; *Verbascum blattarioides* Lam.;

Verbascum thapsiforme Schrad.; *Verbascum thapsuss* L.;

Verbascum phlomoedes L.



VERBASCO

Descrição Planta herbácea, forte, geralmente até 1 m de altura, caule ereto, folhas alternas, curto-pecioladas e pinatifidas, sendo as superiores sésseis, semiamplexicaules, oblongo-cordiformes e duplamente crenadas. Racemos longos, de flores amarelas, rotáceas, de 5 lobos desiguais, com a base e os 5 estames purpúreo-violáceos. São flores curto-pedunculadas, fasciculadas, geminadas ou ternadas, caducas. Cálice com lacínios lineares, lanceolados, agudos, glanduloso-hispidos. Fruto cápsula seca, globosa, com numerosas sementes.

Parte Usada Planta inteira (na floração).

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, tintura, extrato fluido ou xarope.

Emprego Emoliente e béquico. Infuso e decocto a 2%, de 2 a 3 xícaras ao dia.

Constituição Química Saponinas, mucilagens e taninos, açúcar invertido, sacarose, traços de óleos essenciais.

Toxicidade As saponinas irritam as mucosas, provocam um relaxamento intestinal, aumentam as secreções mucosas dos brônquios (são expectorantes).





VIOLETA-DE-CHEIRO

Família

Violaceae

Nome Científico

Viola odorata L.

Sinonímia Vulgar

Violeta.

Sinonímia Científica

Viola odorata Thunb.



IOLETA-DE-CHEIRO

Descrição Pequena planta herbácea, típica dos bosques, com raízes numerosas e fibrosas. Do coleto saem os caules entrelaçados. As folhas basilares são alternas, longamente pecioladas, cordiformes, crenadas, glabras. As flores, de um azul-purpúreo, ou brancas, são axilares, pedunculadas, solitárias e acompanhadas de 2 a 3 brácteas, inseridas sobre o pedúnculo, surgem no mês de março. Cálice pentâmero e prolongado como uma lâmina membranácea. Corola irregular com 5 pétalas, sendo 2 simétricas e achatadas, 2 laterais simétricas e uma anterior regular, formada de duas metades, dilatando-se sobre a sua inserção em uma espora vazia e arqueada, saindo entre as sépalas anteriores. Estames em número de 5, sendo 2 dos quais voltados para as bordas das pétalas. Ovário livre, unilocular, trazendo, sobre 3 placentas parietais, um grande numero de óvulos. Estilete alongando-se em uma espécie de bolsa. Fruto cápsula acompanhada de cálice persistente, abrindo-se com elasticidade em 3 fendas, tendo, no meio de sua face interna, grande número de sementes arilosas e albuminóideas. As flores têm cheiro característico, muito usado em perfumaria e cosmética. Sabor adocicado e mucilaginoso. Multiplica-se por sementes ou divisão de touceiras em solo rico e úmido a meia sombra.

Partes Usadas Flores ou raízes.

Formas Farmacêuticas Infuso, decocto, extrato fluido ou tintura.

Emprego As flores são emolientes e peitorais. As raízes, em doses elevadas, são eméticas. É muito usada ainda para tratar problemas de pele como psoríase e eczema e, a longo prazo, para reumatismo e infecção urinária. Infuso e decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia; extrato fluido, de 2 a 10 ml ao dia.

Constituição Química Flores: ricas em substâncias aromáticas (ironina e ionina), possuem, ainda, mucilagem, ácido salicílico, seu éter metílico, e salicilatos em pequena quantidade, pigmentos (antocianinas) e saponinas em pequena quantidade. Raízes: ricas em saponinas, apresentam alcaloide (odoratina) e um glicosídeo (violarutina), ametina, goma, açúcar e matérias protídicas.

Contraindicação Em altas concentrações, a raiz é emética e purgativa.



VIQUE

Família

Lamiaceae (Labiatae)

Nome Científico

Mentha arvensis L. var. *piperaceum* Holmes

Sinonímia Vulgar

Menta, hortelã-forte, hortelã-japonesa, vick.

Sinonímia Científica

Mentha arvensis subsp. *parietariifolia* (J. Beck.) Briq.;

Mentha arvensis var. *villosa* (Benth.) S. R. Stewart;

Mentha austriaca Jacq.; *Mentha lapponica* Wahlenb.;

Mentha parietariifolia J. Beck.



VIQUE

Descrição Planta originária da Europa ou Ásia e introduzida no Brasil no período colonial pelos imigrantes que a trouxeram de seus respectivos países, onde a utilizavam como medicinal. É uma erva anual de até 40 cm de altura, muito aromática, de cheiro característico, forte, penetrante e refrescante. Folhas pecioladas, simples, opostas e ápice agudo, cuja floração é axilar. Flores reunidas em fascículos, nas axilas das folhas, de cor rosada. Corola bilabiada, com 4 estames didínamos e ovário súpero, com estilete ginobásico. Fruto nuculâneo. Multiplica-se por sementes ou mergulhia ou estaquia dos ramos.

Parte Usada Folhas.

Formas Farmacêuticas Infuso, tintura, alcoolatura. O infuso deve ser preparado com 4 a 6 g de folhas frescas em 150 ml de água fervente. A tintura, com 20 g das folhas secas em 100 ml de álcool de cereais. A alcoolatura, com 60 g das folhas frescas, em 100 ml de álcool. Externamente, pode ser usada em compressas e inalações.

Emprego Calmante, estomáquico, descongestionante nasal, carminativa.

Constituição Química Contém de 1 a 2% de óleo essencial, rico em mentol (70%), mentona, acetato de mentilo, furfural, álcool etílico, canfeno, carvona, pulajona, neomentol e isomentol.

Contraindicação Ao usar as formulações no rosto, muito cuidado para não deixar cair nos olhos. Refluxofagite. Obstrução do ducto biliar. Doenças do fígado e vesícula.

Toxicidade Em doses muito elevadas, esta hortelã age sobre o bulbo raquidiano, podendo levar à morte. Pode causar resposta alérgica. Dermatite de contato. Perturbações gástricas. Infertilidade masculina temporária. Urticária.



ZEDOÁRIA

Família

Zingiberaceae

Nome Científico

Curcuma zedoaria (Christm.) Roscoe

Sinonímia Vulgar

Falso-açafrão.

Sinonímia Científica

Amomum zedoaria Christm.; *Curcuma zedoaria* (Bergius)
Roscoe; *Curcuma zedoaria* Roscoe; *Curcuma zedoaria* Roxb;
Curcuma pallida Lour



ZEDOÁRIA

Descrição Planta herbácea, perene, caducifolia, rizomatosa, entouceirada de 30 a 60 cm de altura. Folhas dispostas verticalmente em tufos de lâmina membranácea, com nervuras bem visíveis de 15 a 30 cm de comprimento. Inflorescências eretas, espigadas, mais curtas que a folhagem, com brácteas de cor vinácea e verde-amareladas. Flores amarelas. Multiplica-se apenas por desdobramento de touceiras. Possui sabor amargo e picante, odor aromático, recordando o do gengibre. É nativa da Índia e cultivada no Brasil. Planta muito semelhante ao açafrao-da-índia, do qual se difere por ter rizoma branco e inflorescência colorida, vinosa.

Parte Usada Rizoma.

Formas Farmacêuticas Infuso, decoto ou pó.

Emprego Excelente digestivo, pois aumenta a secreção biliar e diminui a secreção de ácido gástrico. Previne a formação de úlceras gástricas e duodenais, assim como de cálculos biliares. É usada na halitose. O extrato alcoólico tem atividade antibiótica contra *Trichophyton rubro*. Infuso e decoto 2,5%, tomar 1 xícara antes das refeições. Infuso e decocto a 5%, de 2 a 3 xícaras ao dia.

Constituição Química Óleo essencial (cineol), curcumina e seus derivados, pigmento azul, resina, amido, albuminoides, vitaminas B1, B2 e B6. Minerais (Ca, Mg, Fe, P, Na e K). Substâncias terpenoides.

Interações Medicamentosas e Associações Pode ser associada à babosa e à genciana.

Contraindicação Para mulheres no início da gestação e lactação. Pode causar hipersensibilidade em algumas pessoas. Obstrução do ducto biliar, úlceras estomacais e duodenais.



REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Maria. *Plantas tóxicas no jardim e no campo*. Belém: FCAP/Serviço de Documentação em Informação, 1980. 120 p. Il.

ALONSO, J. R. *Tratado de fitomedicina: bases clínicas y farmacológicas*. Buenos Aires: Isis Editions, 1998. 1039 p.

ANGELY, J. *Tratado de botânica aplicada a farmácia*. 2. ed. Curitiba: Edições Phytton. 1958. 310 p.

BALMÉ, F. *Plantas medicinais*. São Paulo: Editora Hemus, 1978. 398 p. Il.

BADINE, J. *Arquiclamídeas medicinais de Ouro Preto*. Ouro Preto: Editora Livraria Mineira, 1940. 161 p. Il.

BRAGA, R. *Plantas do Nordeste especialmente do Ceará*. 2. ed. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1960. 540 p.

BRANDÃO, M. G. L. *Plantas medicinais & fitoterapia em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Faculdade de Farmácia-UFMG, 2003. 140 p.

CARLINI, E. L. A. *Estudo da ação antiúlcera gástrica de plantas brasileiras: Maytenus ilicifolia* (Espinheira Santa) e outras. Brasília: CEME/AFIP, 1988. 87 p.

CARMAGO, M. T. L. A. *Medicina popular: aspectos metodológicos para pesquisa*. Garrafada – objeto de pesquisa componentes medicinais de origem vegetal, animal e mineral. São Paulo: Editora ALMED, [s.d.]. 130 p. Il.

CAMARGO, M. T. L. A. *Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros I*. São Paulo: Editora ALMED, 1988. 97 p. Il.

CARIBÉ, J.; CAMPOS, J. M. *Plantas que ajudam o homem: guia prático para a época atual*. 11. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 1999. 321 p. Il.

CARVALHO, J. C. T. *Fitoterápicos anti-inflamatórios: aspectos químicos, farmacológicos e aplicações terapêuticas*. Ribeirão Preto: Tecmedd Editora, 2004. 480 p.

COIMBRA, R. *Notas de fitoterapia*. 2. ed. [s. L.]: Laboratório Clínico Silva Araújo, 1958. 429 p.

CORREA, M. P. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926. I-III. Il.

CORREA, M. P. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: IBDF, 1969-1978. IV –VI. Il.

CORREA JÚNIOR, Cirino et al. *Cultivo de plantas medicinais condimentares e aromáticas*. 2. ed. Jaboticabal: FUNEP, 1994. 162 p. Il.

CRAVEIRO, Afranio Aragão et al. *Óleos essenciais de plantas medicinais do Nordeste*. Fortaleza: Edições UFC, 1981. 210 p.

CRUZ, G. L. *Dicionário das plantas úteis do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979. 599 p.

Di STASI, L. C.; HIRIUMA-LIMA, C. A.. *Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Unesp, 2002. 604 p. Il.

DUKE, J. A. *Handbook of medicinal herbs*. 7. ed. Boca Raton-Flórida: CRC, 1989. 677 p. Il.

HERR, S. M. et al. *Herb-drug interaction handbook*. 2. ed. Nassau-NY: Church Street Bookes, 2002. 409 p.

FERNANDES, A. *Noções de toxicologia e plantas tóxicas*. 2. ed. Fortaleza: BNB, 1987. (Monografias, 20). 80 p.

- GRANDI, T. S. M. *et al. Plantas medicinais de Minas Gerais*. Acta Bot. Bra. 3 (2) 185-224, 1989. Supl.
- GUPTA, Mahabir P. *270 plantas medicinales Iberoamericanas*. Santafé de Bogotá-D.C.-Colombia: Editorial Presencia, 1995. 617 p. Il.
- HOEHNE, F. C. *Plantas e substâncias vegetais tóxicas e medicinais*. 2. ed. São Paulo: Departamento de Botânica do Estado, 1939. 355 p. Il.
- JUSCAFRESA, B. *Enciclopedia ilustrada: flora medicinal, tóxica, aromática, condimenticia*. Barcelona: Editorial AEDOS, 1975. 542 p. Il.
- LIMA, C. *Contribuição ao estudo das metaclamídeas medicinais de Ouro Preto*. Ouro Preto: Livraria Mineira, 1941. 135 p. Il.
- LÖFGREN, A.; EVERETT, H. L. *Analysis de plantas – ensaio para uma botânica descritiva das espécies mais frequentes em São Paulo e outros estados do Brasil*. São Paulo: Typographia e Papelaria de Vanorden & Co., 1905. 396 p. Il.
- LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. *Plantas medicinais no Brasil - nativas e exóticas*. São Paulo: Editora Nova Odessa/Instituto Plantarum, 2002. 542 p. Il.
- MARTINS, E. R. *et al. Plantas medicinais*. Viçosa: Imprensa Universitária-UFV, 1994. 220 p. Il.
- MATOS, F. J. A. *Farmácias vivas: sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades*. 2. ed. Fortaleza: Editora EUFC, 1994. 180 p. Il.
- MATOS, F. J. A. *Plantas medicinais: guia de seleção e emprego de plantas usadas em fitoterapia no Nordeste de Brasil*. Fortaleza: Imprensa Universitária-UFC, 2000. 346 p. Il.
- MATOS, F. J. A. *et al. Guia fitoterápico: programa estadual de fitoterapia*. Fortaleza: Secretaria de Saúde do Estado do Ceará, 2001. 154 p. Il.
- MATTOS, J. K. A. *Plantas medicinais - aspectos agronômicos*. Brasília: Edição do Autor, 1996. 51 p.
- MILLSPAUGH, C. F. *American medicinal plants: an illustred and descriptive guide to plants indigenous to and naturalized in the United States which are used in medicine*. New York-USA: Dover Publications INC., 1974. 806 p. Il.
- MOREIRA, F. *As plantas que curam: cuide da sua saúde através da natureza*. São Paulo: Editora Hemus, 1978. 256 p. Il.
- MORGAN, R. *Enciclopédia das ervas e plantas medicinais – doenças, aplicações, descrição, propriedades*. São Paulo: Editora Hemus, 1979. 555 p. Il.
- OLIVEIRA, F. *et al. Farmacognosia*. São Paulo: Editora Livraria Atheneu., 1991. 426 p. Il.
- PINHEIRO SOBRINHO J. M. *et al. Compêndio de botânica aplicada à farmácia*. Belo Horizonte: ICEX-UFMG, 1972. 283 p.
- PINTO, J. A. *Diccionario de botânica brasileira ou compendio dos vegetais do Brasil, tanto indigenas como acclimados*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1873. 433 p.
- PLANTAS CURATIVAS: COMO UTILIZAR A NATUREZA PARA CURA DE SEUS MALES. ed. 14, São Paulo, Editora Nova Sampa, ano 1, 1999. (5-66) p. (Coleção Mística Especial).
- QUER, P. F. *Plantas medicinais - El Dioscórides Renovado*. Barcelona: Editorial Labor, 1962. 1.033 p. Il.
- REVILLA, J. *Cultivando a saúde em hortas caseiras e medicinais*. 4. ed. Manaus: Edição SEBRAE/INPA, 2003. 101 p. Il.
- RODRIGUES, V. E.; CARVALHO, D. A. *Plantas medicinais no domínio do cerrado*. Lavras: Editora UFLA, 2001. 180 p. Il.

- SANTOS, C. A. de M. *et al. Plantas medicinais (Herbarium, flora et scientia)*. São Paulo: Ícone Editora, 1988. 160 p. Il.
- SCHAUENBERG, P.; PARIS, F. *Guía de las plantas medicinales*. 2. ed. rev e ampl. Barcelona: Ediciones Omega, 1977. 420 p. Il.
- SCHVARTSMAN, S. *Plantas venenosas*. São Paulo: Editora Savier, 1979. 176 p. Il.
- SELEÇÕES DE READER'S DIGEST. *Segredos e virtudes das plantas medicinais*. Lisboa, 1983. 463 p. Il.
- SIQUEIRA, J. C. *Utilização popular das plantas do cerrado*. São Paulo: Edições Loyola, 1981. 60 p.
- SIQUEIRA, J. C. *Plantas medicinais – identificação e uso das espécies do cerrado*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. 40 p.
- SIMÕES, C.M. O. *et al. Plantas da medicina popular do Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1989. 174 p. Il.
- SIMÕES, C. M. O. *et al. Farmacognosia: da planta ao medicamento*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000. 821 p.
- STUART, M. *Enciclopedia de hierbas y herboristería*. Barcelona: Ediciones Omega, 1981. 303 p. Il.
- TERRELL, E. *et al. A checklist os names for 3.000 vascular plants of economic importance*. [s.L.]: United States Departament of Agriculture, 1986. 241 p.
- VANDER, A. *Plantas medicinais - las enfermedades y su tratamiento por las plantas*. Barcelona: Editorial y Librería Sintés, 1978. 254 p. Il.
- VIEIRA, L. S.; ALBUQUERQUE, J. M. *Fitoterapia tropical: manual de plantas medicinais*. Belém: FCAP/Serviço de Documentação e Informação, 1998. 281 p Il.
- VOLÁK, J.; STODOLA, J. *Plantas medicinais*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1990. 319 p Il.
- VON, I. F. H. *Plantas aromáticas e medicinais - plantio, colheita, secagem, comercialização*. São Paulo: Icone Editora, [s.d.]. 447 p. Il.
- WEYKE, H. *A cura pelas plantas, pela água e pela homeopatia*. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora, [s.d.]. 139 p.



GLOSSÁRIO DE TERMOS BOTÂNICOS

ABAUADO de forma convexa, semelhante a um baú.

ACÁLICE sem cálice.

ACARPELADO sem carpelo.

ACAULE sem caule visível.

ACÍCLICO flores com peças dispostas em espiral.

ACICULADO em forma de agulha.

ACLAMÍDEO flores sem perianto.

ACLOROFILADO sem clorofila.

ACRESCENTE cálice persistente que envolve o fruto.

ACTINOMORFO de simetria radiada.

ACULEADO com pontas (acúleo).

ACÚLEO excrescência epidérmica.

ACUMINADO termina por ponta aguda.

ADELFA união dos estames pelos filetes.

ADUNAÇÃO união das folhas ao caule.

ADUNADO união do limbo de folhas opostas pela base.

ADVENTÍCIO órgão que não teve origem no embrião.

AFERENTE que vai da periferia para o centro.

AFILO que não tem folhas.

AGRESTE desenvolve-se naturalmente, sem cultivo.

ALABARDINA folha cuja base se prolonga em dois lobos agudos e divergentes.

ALTERNA folha que nasce isolada.

AMENTILHO modalidade de espiga com a extremidade voltada para baixo.

AMPLEXICAULE bainha da folha que abraça o caule.

ANASTOMOSE união entre os órgãos semelhantes.

ANATROPO óvulo invertido com a micrópila junto do hilo.

ANDROCEU conjunto de estames.

ANDROCEU ANISOSTEMONE número de estames maior do que as peças do perianto.

ANDROCEU DIALISTEMONE com estames livres.

ANDROCEU DIDÍNAMO com dois estames maiores e dois menores.

ANDROCEU DIPLOSTEMONE estames dispostos em dois verticilos alternantes e em dobro.

ANDROCEU GAMOSTEMONE com estames unidos.

ANDROCEU HAPLOSTEMONE estames dispostos em um só verticilo.

ANDROCEU IRREGULAR com estames desiguais.

ANDROCEU ISOSTEMONE estames em número igual ao de pétalas ou de sépalas.

ANDROCEU MERISTEMONE estames com filetes ramificados.

ANDROCEU OLIGOSTEMONE estames em número menor do que pétalas ou sépalas.

ANDROCEU POLIADELFO estames unidos em vários feixes.

ANDROCEU POLISTEMONE estames em número superior ao de pétalas ou de sépalas.

ANDROCEU TETRADÍNAMO com quatro estames maiores e dois menores.

ANDRÓGINA flores providas de dois sexos.

ANDRÓFORO coluna que eleva os estames acima do nível da corola.

ANDROGINÓFORO coluna que eleva o androceu e o gineceu acima do nível da corola.

ANEMÓFILO polinizado pelo vento.

ANGIOSPERMAS sementes ocultas no fruto.

ANISOCARPO número de carpelos inferior ao de peças dos outros verticilos.

ANISOFILO vegetal com folhas desiguais.
ANISÓGINO flor com número de carpelos diferentes.
ANTELA cacho (corimbo) cujos ramos laterais são maiores do que o principal.
ANTERA APENDICULADA as ramificações dos filetes não suportam as anteras.
ANTERA APICEFIXA filete preso no ápice da antera.
ANTERA BASEFIXA filete preso na base da antera.
ANTERA BILOCULAR provida de duas lojas.
ANTERA EXTRORSA a deiscência se acha voltada para o exterior.
ANTERA INTRORSA a deiscência se acha voltada para dentro.
ANTERA LATERAL a deiscência se acha voltada para o lado.
ANTERA LONGITUDINAL a deiscência se acha no sentido do seu comprimento.
ANTERA MEDIFIXA com o filete inserido na parte mediana da antera.
ANTERA PENDENTE semelhante a apicefixa.
ANTERA PORICIDA deiscência por poros.
ANTERA SÉSSIL sem filete.
ANTERA VALVAR de deiscência por meio de valvas.
ANTESE desabrochar da flor.
ANTÓDIO inflorescência em capítulo comum.
APÉTALA sem pétalas.
APICULADO com pequenas emergências agudas.
APOCÁRPICO fruto múltiplo.
ARILO revestimento carnoso ou fibroso das sementes, proveniente do funículo.
ARILOIDE revestimento das sementes providas da micrópila.
ASA expansão laminar de certos frutos e sementes.
ATENUADO que se torna delgado para a ponta.
ATROFIADO que não se desenvolve.

AURICULADO com lobos semelhantes aos lobos da orelha.
AVELUDADO com numerosos pelos juntos e macios.
BAGA fruto carnoso, indeiscente e com muitas sementes.
BAINHA extremidade basal e dilatada do pecíolo da folha.
BALAÚSTIA fruto indeiscente, de pericarpo seco e cálice persistente.
BÁLSAMO resina constituída de substâncias tanoides.
BICOLATERAL com dois lados semelhantes.
BIENAL que vive dois anos.
BIFACIAL folha cujas faces são semelhantes.
BÍFIDO fendido na linha mediana.
BIFURCADO divididos em dois ramos ou pontas (dicotomia)
BILABIADO com dois lábios.
BISSEXUADO com dois sexos.
BITERNADO folha cujo pecíolo se divide em três, cada divisão com três folíolos.
BIVALVO com duas valvas.
BOLOTA OU GLANDE fruto seco, indeiscente e com uma cúpula.
BORDO contorno do limbo de uma folha.
BRÁCTEA folha modificada que protege uma flor ou inflorescência.
BRACTEOLA bráctea pequena.
BREVICAULE com caule curto.
BROTAÇÃO fase de germinação da semente.
BULBILHO pequeno bulbo.
BULBO tipo de caule subterrâneo.
CACHO inflorescência agrupada indefinida.
CADUCO que dura pouco tempo.
COLMO tipo de caule das gramíneas.

CALCARADO munido de espora.

CÁLICE primeiro verticilo protetor da flor.

CALICIFORME que tem a forma de cálice.

CALÍCULO falso cálice formado pela união de brácteas, na base das sépalas.

CAMPANULADO em forma de sino ou campânula.

CAPITADO dilatado na extremidade, semelhante a uma cabeça.

CAPITULIFORME com aspecto de capítulo.

CAPÍTULO inflorescência agrupada indefinida.

CAPÍTULO RADIADO capítulo heterogêneo.

CIPSELA fruto seco e indeiscente (aquênio)

CÁPSULA denominação geral de frutos deiscentes.

CÁPSULA DRUPÁCEA drupa deiscente.

CÁPSULA LOCULIDIDA fruto cuja deiscência é feita na nervura dorsal da folha carpelar.

CÁPSULA PORICIDA fruto cuja deiscência é feita por poros (orifícios).

CÁPSULA SEPTICIDA fruto cuja deiscência se dá na linha de sutura da folha carpelar.

CÁPSULA SEPTÍFRAGA fruto cuja deiscência se dá por duas fendas em cada folha carpelar e distantes da placenta.

CÁPSULA VENTRICIDA fruto cuja deiscência se dá na sutura ventral dos carpelos.

CAPUZ pétalas e sépalas côncavas.

CARENA união de duas pétalas opostas ao estandarte ou vexilo.

CARIOFILÁCEA corola formada de cinco pétalas livres e com unha longa.

CARIÓPSE fruto seco e indeiscente.

CAROÇO endocarpo do fruto com respectiva semente.

CARPELO folha modificada que constitui o gineceu.

CARPÍDIO cada porção do fruto que resulta do desenvolvimento de um carpelo.

CARPOLOGIA estudo dos frutos.

CARTÁCEO consistência semelhante a do papel.

CARÚNCULA excrescência de algumas sementes, em geral carnosa.

CATAFILO folhas aclorofiladas de caules subterrâneos.

CAULE órgão vegetal que sustenta as folhas.

CAULÍCULO caule rudimentar do embrião da semente.

CAULIFLORIA flores dispostas diretamente na casca do caule (jabuticaba).

CAULIFLORO que tem flores no caule.

CERÚLEO de cor azulada.

CESPITOSO vegetal que apresenta vários troncos originados da mesma raiz.

CIÁTIO inflorescência em forma de taça, com uma flor feminina rodeada de várias masculinas.

CIATIFORME semelhante a um ciátio.

CICÍNIO cimeira na qual o eixo secundário é perpendicular ao principal.

CILIADO provido de cílios.

CIMA inflorescência agrupada definida.

CIMEIRA cima, inflorescência definida.

CINÉREO cinzento.

CINORRODON fruto oval e vermelho vivo da roseira.

CIPÓ OU LIANA caule longo, delgado, flexível e escandente.

CIPSELA aquênio bicarpelar de ovário ínfero, envolvido por cálice concrecente.

CIRCINADA enrolada em espiral.

CISTÓLITO inclusão de carbonato de cálcio, em forma de cacho.

CLADÓDIO modificação do caule em achatamento, semelhante a uma folha.

CLAVIFORME em forma de clava.

CLEISTOGAMIA autofecundação da flor, ainda fechada.

CLISTOGAMIA fecundação sem antese.

COGUMELO fungo.

COIFA parte protetora da extremidade da raiz.

COLETO limite entre o caule e a raiz.

COLMO caule das gramíneas.

CONDUPLICADA dobrado em duas partes, longitudinalmente.

CONE fruto composto com escamas persistentes.

CONETIVO porção que liga a antera ao filete.

CONFLUENTE adunado.

CONÍDIO esporo assexuado de um conidióforo.

CONIDIÓFORO haste que suporta um conídio.

CONÍFERO em forma de cone.

CONOPÓDIO receptáculo em forma cônica.

CONTEXTO camada de células que se forma entre o himênio e micélio.

CONVOLUTO enrolado em espiral (cartucho).

CORIÁCEO semelhante ao couro.

CORIMBO cacho cujos pedúnculos secundários partem de vários pontos e terminam na mesma altura.

CORIPÉTALO dialipétalo.

CÓRNEO de consistência rígida, semelhante a chifre.

COROLA segundo verticilo protetor da flor.

COTILEDONE folha primordial do embrião.

CRASSO espesso, grosso.

CREMOCARPO fruto que se decompõe em dois mericarpos.

CRIPTOGAMOS classe de vegetais desprovidos de flores.

CRISOFILOS com folhas douradas.

CRUCÍFERO que tem forma de cruz.

CUCULADO pétalas ou sépalas em forma de capacete.

CUNEIFORME órgão que alarga da base para o ápice.

CÚPULA invólucro da flor feminina ou do fruto.

CUPULÍFERO que contém cúpula.

CURVINÉRVEA folhas com nervuras paralelas e curvas.

CUSPIDADO terminado em ponta.

CÚSPIDE ponta aguda e rígida.

DECÂMERO com várias partes dispostas em grupos de dez.

DECANDRIA que tem dez estames.

DECANDRO com dez estames livres.

DECASSÉPALO com dez sépalas.

DECÍDUO que cai ao amadurecer.

DECUMBENTE caule rasteiro cuja base é ereta.

DECURRENTE que está preso ao longo da haste, para baixo.

DECUSSADA folhas opostas cruzadas.

DEFLEXO curvo para fora e para baixo.

DEISCÊNCIA abertura de um órgão.

DEISCÊNCIA RUPTIL abertura por meio de fendas ou vulvas que projetam as sementes.

DESPIDO desfolhado.

DEXTRORSO que se enrola da esquerda para a direita.

DIADOLFOS união dos estames pelos filetes em dois feixes.

DIAGRAMA FLORAL disposição gráfica e esquemática das peças dos verticilos de uma flor projetada em um plano horizontal.

DIALISTÊMONE estames livres.

DIANDRO flor com dois estames somente.

DIAQUÊNIO aquênio provido de ovário bicarpelar.

DICÁSIO cimeira bípara.

DICÍCLICO com dois verticilos.

DICLAMÍDEA flor com cálice e corola.

DIPÉTALA corola com duas pétalas livres e distintas.

DICLINEA presença de estames e carpelos em flores separadas na mesma planta.

DICLINO plantas com flores unissexuadas.

DICOTILEDÔNEO com dois cotilédones.

DICOTOMIA divisão em dois ramos ou pedúnculos iguais.

DIDINAMIA disposição em quatro estames, sendo dois maiores e dois menores.

DIFILO com duas folhas.

DIGITADO folha composta de mais de três folíolos inseridos no mesmo ponto.

DIGITIFORME em forma de dedo ou luva.

DÍMERO com duas peças.

DIMORFISMO mesmos órgãos com tamanhos diferentes.

DIOICO vegetais com flores masculinas num pé e femininas noutra.

DIPLOIDE número duplo de cromossomas.

DIPLOSTÊMONE número duplo de estames em relação às pétalas.

DISPERMO com duas sementes.

DISSÂMARA fruto constituído por duas sâmaras.

DREPÂNIO cimeira escorpioide de eixo ereto.

DRUPA fruto carnoso indeiscente e com uma só semente.

DRUPÁCEO drupa deiscente.

EFÊMERO flores que murcham no ato de desabrochar.

EFERENTE dirige-se do centro para a periferia.

ELEUTERANTEREO estames com anteras livres.

EMARGINADO pequena depressão apical.

EMERGÊNCIA excrescência do caule ou da folha.

ENDOCARPO parte interna do fruto.

ENDODERMA camada interna da zona cortical do caule ou raiz.

ENDOGENO que origina internamente.

ENERVAÇÃO distribuição das nervuras na folha.

ENSIFORME em forma de espada.

ENTRENÓ espaço entre dois nós consecutivos.

EPÍFITA planta que vive sobre outra.

EPÍGINO verticilo protetor inserido acima do ovário.

EPIPÉTALO estame concrecido com a pétala.

EPISSÉPALO estame concrecido com a sépala.

EQUINADO provido de espinhos acúleos ou cerdas rígidas.

ERETO que cresce na vertical.

ESCABRA áspera ao trato.

ESCABROSO áspero.

ESCAMA folha reduzida esbranquiçada ou pardacenta.

ESCAPO haste ou pedúnculo que se eleva em grupo de folhas nas plantas acaules dando origem a uma flor ou inflorescência.

ESCARIOSO cálice com escamas membranáceas nas margens.

ESCLEROSADO endurecido, lignificado.

ESCORIÁCEO cor de cinza.

ESCORPIOIDE inflorescência que parece curvar-se em báculo.

ESPADICE espiga protegida por uma bráctea carnosa ou lenhosa e colorida.

ESPATA grande bráctea carnosa ou lenhosa.

ESPATULADO estreito e achatado na base, dilatado no ápice.

ESPICÍFERO provido de espigas.

ESPÍCULA tipo de inflorescência, pequena espiga.
ESPIGA tipo de inflorescência agrupada, indefinida.
ESPINHO parte do caule ou folha transformada em ponta aguda e rija.
ESPORÃO apêndice cônico e de forma alongada.
ESPORO célula de reprodução assexuada.
ESPOROFILO folha com esporos.
ESQUIZOCARPO fruto originado de dois carpelos ou mais, concrecentes, que quando maduros decompõem-se em monocárpicos.
ESTAME órgão masculino da flor.
ESTIGMA parte terminal do estilete.
ESTILETE parte que liga o ovário ao estigma.
ESTILOPODIO dilatação cônica que cerca a base do estilete (umbelíferas)
ESTIPE caule das palmeiras.
ESTIPITADO sustentado por um pedúnculo.
ESTÍPULA pequeno apêndice foliar encontrado na base da folha.
ESTIPULADO provido de estípulas.
ESTÍPULAS AXILARES duas estípulas soldadas, semelhante a um lígula e sobre a axila da folha.
ESTÍPULAS CADUCAS nos gomos foliares.
ESTÍPULAS CAULINARES quando são livres.
ESTÍPULAS INTERMEDIÁRIAS entre folhas opostas.
ESTÍPULAS INTERPECIOLADAS duas estípulas soldadas, em folhas opostas, parecendo única.
ESTÍPULAS INTERAXILARES o mesmo que axilares.
ESTÍPULAS OPOSITIFÓLIAS as estípulas soldam-se pelas faces opostas.
ESTÍPULAS PECIOLARES quando estão aderentes ao pecíolo.
ESTÍPULAS PERSISTENTES permanecem por muito tempo no vegetal.

ESTOLHO ramificação de um caule rastejante.
ESTÓLON ramo rastejante capaz de formar raízes.
EVOLUTO virado para a face dorsal, enrolado de cima para baixo.
EXÓGINO com estilete fazendo saliência fora da corola.
EXORRIZA a raiz principal aparece na extremidade inferior do embrião.
EXÓTICO oriundo de um país estranho.
EXSICATA planta seca, devidamente preparada para ser parte de um herbário botânico.
EXUDAÇÃO líquido viscoso que é eliminado por poros ou incisão.
EXTRAFOLIÁCEO estípulas ou órgãos vegetais que crescem para fora ou ao lado das folhas.
EXTRATO produto obtido pelo tratamento de substâncias animais ou vegetais por solvente apropriado.
EXTRORSO que abre para fora.
FALCADO OU FALCATO em forma de foice.
FANERÓGAMOS plantas com flores.
FARINÁCEO com aparência de farinha (amido).
FASCIADO com forma de feixe ou tira.
FASCICULADO reunido em feixes pequenos.
FASCICULAR em forma de feixe.
FASCÍCULO inflorescência cimosas, contraída, menos condensada do que o glomérulo.
FENESTRADO folhas constituídas somente de nervuras ramificadas e anastomosadas.
FERRUGÍNEO cor de ferrugem.
FETO samambaias.
FILETE parte do estame que sustenta a antera.

FILETE CAPILAR em forma de fio de cabelo.

FILETE CLAVIFORME dilatado e em forma de clava.

FILETE CARNÍFERO com expansão em forma de chifre.

FILETE NODOSO com dilatações sucessivas.

FILETE SUBULADO delgado na ponta.

FILIFORME com forma de filamentos.

FILOCLÁDIO caule achatado com aparência de folha.

FILÓDIO pecíolo largo com aparência de folha.

FILOIDE com aspecto de folha.

FILOTAXIA disposição das folhas no caule.

FITOLOGIA botânica.

FITOQUÍMICA estudo da química vegetal.

FITOTAXONOMIA sistemática vegetal.

FLABELIFORME em forma de leque.

FLAVESCENTE cor amarelada ou dourada.

FLAVO da cor de ouro, loiro ou fulvo.

FLEXUOSO com ramos curvados para vários lados.

FLOCOSO coberto de tufos de lanugem.

FLOR conjunto de aparelhos reprodutores dos Angiospermas e Gimnospermas.

FLOR ACÍCLICA verticilos dispostos em espiral.

FLOR ACLAMÍDEA sem perianto.

FLOR ACTINOMORFA com simetria radiada.

FLOR ANÔMALA sem simetria.

FLOR APERIANTADA sem perianto.

FLOR APÉTALA sem pétala.

FLOR ASSIMÉTRICA irregular.

FLOR BRAQUISTILA com estilete menor do que os estames.

FLOR CÍCLICA com os verticilos dispostos em círculos concêntricos.

FLOR DOBRADA corola com duas séries de pétalas.

FLOR DORSIVENTRAL o mesmo que zigomorfa.

FLOR APOCLAMÍDEA monoperiantada.

FLOR ZIGOMORFA com simetria bilateral.

FLORA conjunto de plantas que crescem em determinada região.

FLORAÇÃO época do aparecimento das flores em um vegetal.

FLORÍFERO provido de flores.

FLÓRULA flora de pequena região.

FOLHA expansão lateral e laminar do caule.

FOLHA ACEROSA rija e resistente como agulha.

FOLHA ACUMINADA afile-se bruscamente perto do ápice.

FOLHA ADUNADA séssil, oposta e soldada pela base do limbo.

FOLHA ALABARDINA hastada

FOLHA AMPLEXICAULE séssil com a bainha abraçando o caule.

FOLHA CRESPA rugosa.

FOLHA CRISPADA rugosa.

FOLHA DECORRENTE com o limbo preso ao longo do caule.

FOLHA CUSPIDADA ápice terminando em ponta aguçada e dura.

FOLHA DECURRENTE decorrente.

FOLHA INCISA OU LACINADA limbo com fendas que o divide em lobos desiguais e estreitos.

FOLHA RESSUPINADA com a face dorsal voltada para cima.

FOLÍCULO fruto seco, simples e deiscente.

FOLÍOLO cada componente de uma folha composta.

FÓRMULA FLORAL representação gráfica de uma flor.
FOTOSSÍNTESE processo de assimilação.
FUGAZ dura pouco tempo.
FULVO amarelo tostado, alourado, pardo avermelhado.
FUNÍCULO pedúnculo que liga o óvulo à parede do ovário.
FURVO negro sem brilho.
FUSIFORME dilatado no meio e afilado para as extremidades.
GÁLBULA pseudofruto do cipreste.
GAMETÓFITO protalo gerador dos gametas.
GAMETA célula sexual.
GAMOCARPELAR com carpelos unidos.
GAMOPÉTALA corola com pétalas unidas (simpétala).
GAMOSSÉPALO cálice com sépalas unidas.
GAMOSTEMONE androceu com estames unidos.
GAVINHA apêndice filamentoso espiralado resultante da transformação da folha, do caule e da raiz.
GAVINIFORME com aspecto de gavinha.
GEMA broto novo do caule.
GÊMEOS nascido no mesmo nó e próximos um do outro.
GEMINADO dispostos aos pares.
GÊMULA parte do embrião que produz a planta.
GÊNERO conjunto de espécies que apresentam certo número de caracteres comuns.
GENICULADO dobrado em ângulo, ao feitio de joelho.
GENÍCULO nódulo do caule.
GENIFORME em forma de gomo.
GEOBOTÂNICA estudo da distribuição dos vegetais na terra.

GEOCARPO fruto que amadurece debaixo da terra.
GEOTROPISMO crescimento de órgão vegetal dirigido pela ação da gravidade.
GIBOSO em forma de bolsa.
GIMNOSPERMAS divisão do reino vegetal cujas plantas apresentam sementes nuas.
GINANDRO estames unidos ao gineceu formando ginostêmio.
GINECEU verticilo reprodutor feminino.
GINOBÁSICO que nasce na base do ovário.
GINOCARPO fruto isolado e livre de órgãos acessórios.
GINÓFORO prolongamento do eixo floral, elevando o gineceu acima da corola.
GINOSTÊMIO união dos estames com os carpelos.
GLANDE fruto seco, indeiscente, provido de cúpula.
GLÂNDULA órgão vegetal que contém líquido.
GLANDULOSO: relativo à glândula.
GLAUÇO verde com fundo branco.
GLOBOIDE arredondado, de volume variado.
GLOBOSO esférico.
GLOMÉRULO inflorescência em cimeira contraída mais condensada do que o fascículo.
GLOQUÍDIAS pelos em gancho que recobrem certas sementes.
GLUMA bráctea das inflorescências das Gramíneas.
GLUMELA OU PÁLEA bráctea que protege a flor das Gramíneas.
GLUMÉLULA bráctea que protege o ovário da flor das Gramíneas.
GLUMÍFERO provido de glumas.
GOMA substância viscosa, translúcida e insípida que corre ou extrai-se de certos vegetais.
GOMO botão da planta.

GONÍDIA alga unicelular que vive em simbiose com fungos no talo de um líquen.

GRELO parte superior e tenra do caule.

GRUMOSO reunido em massas granuladas.

GUTAÇÃO eliminação de água no estado líquido pelo vegetal.

HABITAT lugar ou meio em que vive normalmente um ser.

HALÓFILO planta que vive em terreno salgado (NaCl).

HAPOCLAMÍDEO perianto formado de peças rudimentares.

HAPLOSTÊMONE androceu formado por um só verticilo.

HASTADA folha em forma de alabarda.

HASTE caule de plantas herbáceas.

HAUSTÓRIO raiz sugadora de plantas parasitas.

HELICOIDE cimeira unípara.

HELIOTROPISMO torção causada pela influencia de luz.

HALÓFITO vegetal que habita lugares salinos.

HEMATOFILO vegetal que possui folhas vermelhas como o sangue.

HEMICARPO o mesmo que mericarpo.

HEPTÂMERO verticilo floral com sete peças.

HEPTANDRIA planta cuja flor possui sete estames.

HERBÁCEO que tem consistência de erva.

HERBÁRIO coleção de exsicatas.

HERBARIZAR coletar ou colecionar plantas.

HERMAFRODITA flor que possui os dois sexos.

HESPERÍDIO fruto carnoso e indeiscente (laranja).

HETÉRIO OU ETÉRIO fruto complexo, pluridrupa (morango).

HETEROCARPO vegetal que produz frutos de matizes diversas.

HETEROCLAMÍDEO cálice e corola de coloração diferentes.

HETEROCLÍNIO flor fecundada com pólen de outra.

HETEROFILIA vegetal com folhas diferentes.

HETERÔMERO número diverso de peças em cada verticilo.

HETEROMÔRFO vegetal que apresenta formas diversas na mesma espécie.

HETEROSTÊMONE flor com estames desiguais.

HETERÓTROFO vegetal incapaz de manter-se em meio mineral, necessitando de matéria orgânica elaborada.

HEXÂMERO verticilo com seis peças.

HEXANDRO que tem seis estames.

HÍBRIDO produto de cruzamento de duas espécies vegetais diferentes.

HIDATÓDIO estoma que elimina água em estado líquido.

HIDRÓFITA planta aquática.

HIGRÓFITA plantas de lugares úmidos.

HILEIA floresta equatorial úmida.

HILO ponto de inserção do funículo ao óvulo.

HIPANTÓDIO capítulo côncavo (Moráceas).

HIPOCÓTILO parte do caule entre a raiz e os cotilédones.

HIPODERME tecido vegetal situado abaixo da epiderme.

HIPÓGINO órgão vegetal inserido abaixo do ovário.

HIPSOFILO bráctea ou falsa flor.

HIRSUTA coberta de pelos duros e ásperos.

HISTOLOGIA estudo dos tecidos.

HOMEÔMERO diz-se do líquen que tem as células clorofiladas igualmente distribuídas no micélio do fungo.

HOMOGÊNEO igual.

ICOSANDRO com vinte ou mais estames.

IMARGINADO sem margens ou bordas.

IMATURO que ainda não chegou ao pleno desenvolvimento.

IMBRICADO com partes que se sobrepõem como telhas no telhado.

IMPARIPINADO folha composta com um folíolo terminal.

INATO que se adere pela base ou ápice a um suporte.

INCERTO o mesmo que fixo.

INCISO folha ou pétala que se apresenta cortada profunda e desigualmente.

INCLUSO estame ou estilete que não ultrapassa a corola.

INCONGRUENTE que não se adapta bem.

INDEFINIDO que cresce indefinidamente.

INDEISCENTE que não se abre.

INDÍGENA nativo.

INDIVISO órgão cujas diferentes partes estão soldadas em toda a extensão.

INDUMENTO revestimento vegetal.

INDUPLICADO com bordas dobradas para dentro.

INDÚSIA membrana protetora dos soros.

INERVAÇÃO exposição das nervuras na folha.

ÍNFERO colocado abaixo do outro.

INFEROVARIADO ovário ínfero.

INFLEXO curvo ou dobrado para dentro.

INFLORESCÊNCIA disposição das flores no vegetal.

INFRUTÍFERO que não dá fruto.

INFUNDIBULIFORME em forma de funil.

INSERÇÃO disposição das folhas no caule ou nos verticilos.

INSERTO fixo, preso, ligado.

INTEGUMENTO casca do óvulo, membrana.

INTERCALAR crescimento no ápice e base ou nos entrenós.

INTERFASCICULAR entre os feixes.

INTERFOLIÁCEO flor que nasce entre cada par de folhas opostas.

INTERNÓDIO espaço entre dois nós.

INTERPECIOLAR estípula que fica entre dois pecíolos de folhas opostas.

INTRAFASCICULAR entre os feixes.

INTRAFOLIAR estípulas que cercam o caule e formam uma bainha.

INTRORSA antera que tem deiscência voltada para dentro.

INVAGINADO encerrado em uma bainha.

INVOLUCELO involúcro parcial de cada flor que se encontra na base da umbela.

INVÓLUCRO conjunto de brácteas que cercam certas inflorescências.

INVOLUTADO órgão que se apresenta enrolado para dentro.

ISOCARPO flor com número de carpelos igual ao das peças do perianto.

ISOFILO com folhas iguais em tamanho e aspecto.

ISÓGINO flor com número de carpelos igual ao das divisões do perianto.

ISÔMERO flor com o mesmo número de peças em todos os verticilos.

ISOSTÊMONE número de estames igual ao de pétalas ou sépalas.

ISÓSTEMO cálice e corola do mesmo tamanho.

JUGO par de folíolos opostos.

LABELO pétala diferente pela forma e colorido.

LABIADA corola gamopétala, zigomorfa e com dois lábios.

LACINIADO dentes livres das sépalas de um cálice gamossépalo.

LACÍNIA segmentos de uma folha recortada.

LACTESCENTE que encerra suco leitoso.

LACTÍFERO que produz líquido leitoso.

LANOSO com aspecto de lã.

LANUGEM pelos finos que recobrem frutos ou folhas.

LÁTEX líquido ou suco mais ou menos leitoso.

LAXO frouxo, espaçado.
LEGUME fruto simples, seco, deiscente.
LENTICELA pontos permeáveis do súber.
LENTÍCULA com forma de lentilhas.
LEPIDOCARPO vegetal que dá frutos escamosos.
LEPTANTE que tem flores muito pequenas.
LEPTOMA vasos e tecidos liberianos.
LEUCOCARPO com frutos brancos.
LIANA OU CIPÓ trepadeira de caule lenhoso.
LÍGULA apêndice membranáceo na junção do limbo da folha com a bainha.
LIGULADA que tem lígula.
LIMBO parte laminar da folha.
LINEAR folha estreita e comprida.
LOBADA com recortes arredondados e mais ou menos profundos.
LOBO cada recorte lobado.
LÓBULO lobo pequeno.
LOCULADO dividido em lóbulos ou lojas.
LOCULICIDA deiscência ao longo da nervura.
LÓCULO pequeno espaço separado de outro por um septo.
LOJA cada cavidade da antera.
LOMENTO legume articulado.
LUNIFORME OU LUNADO com forma de meia-lua.
LÚTEO amarelo vivo.
MACROCARPO com frutos grandes.
MACROSPERMAS com grandes sementes.
MÁCULA pequena zona colorida distinta do fundo verde de uma folha.

MACULADA folhas com manchas irregulares.
MARGINADO bordas das folhas com aspecto e cor diferentes.
MATURAÇÃO término do desenvolvimento.
MELANOCARPO que dá frutos negros.
MERICARPO parte do fruto separada naturalmente no sentido longitudinal.
MERISTEMA tecido de formação.
MESOCARPO parte mediana do pericarpo.
MESOFILO meio da folha.
MICRÓPILA abertura livre no ápice do óvulo.
MONADELFOS estames reunidos em um só feixe pelos filetes.
MONANDRO que tem um só estame.
MONOCARPO que tem um só fruto.
MONOCÁSIO cimeira unípara.
MONOCLAMÍDEO perianto simples.
MONOCLINO vegetal com flores andróginas.
MONOCOTILEDÔNEAS vegetal com um só cotilédone.
MONOICO vegetal com flores unissexuadas no mesmo pé.
MONOPODIAL com um eixo primário ou se ramifica da base para o ápice.
MONOSPÉRMICO com uma só semente.
MONOSSÉPALO com uma só sépala.
MUCILAGEM substância formada nas paredes celulares pela alteração da celulose ou pectose.
MUCRONADO folha terminada em espinho.
MULTIFIDO fendido em muitas partes.
MULTIFLORO com muitas flores.
MULTÍPARO que se divide em vários ramos.

MÚLTIPLO constituído de muitas peças isoladas.

NAPIFORME em forma de nabo.

NAVICULAR com aspecto de navio ou bote.

NÉCTAR líquido açucarado eliminado por pequenos órgãos.

NEOFILO folha nova, primeira folha.

NERVAÇÃO disposição das nervuras na folha.

NERVURAS ramificações dos feixes condutores que percorrem o limbo da folha.

NÓ VITAL plano de separação entre a raiz e o caule.

NODOSO com nós salientes mais espessos que os entrenós.

NOMOFILO folha normal verde.

NOZ fruto seco e indeiscente, com endocarpo lignificado.

NÚCULA pequena noz.

NUCULANIA fruto carnosos.

OBLONGO folha com limbo obtuso nas duas extremidades, com comprimento muito maior do que a largura.

OBOVAL oval invertido

ÓCREA bainha membranácea localizada acima do ponto de inserção da folha no caule.

OCTANDRO com oito estames.

OLEÍFERO que produz óleo.

OPALINO cor branca leitosa.

OPÉRCULO tampa do pixídio.

ORBICULAR circular.

ORLA borda da perfuração.

ORTÓTROPO óvulo reto.

OVOIDE com formato de ovo.

OVÁRIO parte inferior do carpelo.

OVULAÇÃO eliminação dos óvulos.

OVULADO com óvulos.

PÁLEA pequena bráctea membranácea encontrada nas flores das Gramíneas.

PALEÁCEO que tem semelhança e consistência de pálea.

PALMADO dividido em lobos que partem de um centro comum.

PALMATIFIDO folha palmada e fendida.

PALMATILOBADO folha palmada e lobada.

PALMINÉRVEA folha de cuja base partem várias nervuras principais.

PALMIPARTIDO folha palmada e partida.

PLÚMBEO de cor cinza e tom violáceo.

PANÍCULA cacho composto.

PANICULADO semelhante à panícula.

PAPILA protuberância cônica de diversos órgãos vegetais.

PAPILIFORME com aspecto de papilo.

PAPILOSO contém papilas.

PAPIRADO com consistência de papel.

PAPO (PAPUS) excrescência em forma de penacho superposta a certas sementes e frutos.

PARACOROLA (CORONA) espécie de falsa corola (Asclepiadáceas).

PARASITO vegetal que se nutre de seiva de outro.

PARIETAL placentação de um ovário vegetal localizada nas paredes do órgão.

PARTENOCARPO fruto constituído sem a polinização.

PARVIFLORO com pequenas flores.

PATENTE aberto, expandido.

PAUCIFLORO que apresenta pequeno número de flores.

PAUCIFOLIO com pequeno número de folhas.

PECÍOLO parte da folha compreendida entre a bainha e o limbo.
PECIOLADO com pecíolo.
PECÍOLO DECORRENTE que se prolonga ao longo do caule.
PECIÓLULO pecíolo dos folíolos.
PEDALIFORME folhas cujas nervuras não têm vasos.
PEDALINÉRVEA folha que do ponto de inserção do pecíolo no limbo parte três nervuras, uma mediana reduzida e duas laterais acompanhando o limbo.
PEDATA folha composta semelhante aos dedos do pé.
PEDICELO pedúnculo secundário.
PEDÍCULO suporte de órgãos vegetais.
PEDÚNCULO haste de sustentação de flor e fruto.
PELÍCULA membrana delgada.
PELO produto epidérmico.
PELTADO folha que tem pecíolo inserido no meio de limbo circular.
PELTIFORME que tem a forma de pequeno escudo.
PELTINÉRVEA folha cujas nervuras partem do centro para a periferia do limbo circular.
PELUGEM revestimento de pelos finos.
PENATIFIDA folha penada e fendida.
PENATILOBADA penada e lobada.
PENINÉRVEA folha de nervação penada.
PENTADELFOS estames reunidos em cinco feixes.
PENTAFIDO com cinco divisões ou lobos.
PENTAFILO com cinco folhas.
PENTÂMERO verticilo com cinco peças.
PENTANDRO com cinco estames.
PEPONÍDIO (PEPONIO) fruto carnoso indeiscente (Cucurbitáceas).

PERENE plantas que duram muitos anos.
PERFOLHADO folha soldada na base do limbo.
PERIANTO conjunto de cálice e corola.
PERICLINO conjunto de brácteas que formam o involúcro dos capítulos.
PERIGÔNIO conjunto de cálice e corola indiferenciados.
PERSONADA corola simpétala com aspecto de focinho de animal.
PERTUSA folha de limbo perfurado.
PÉTALA folha modificada que constitui a corola.
PETALINO que tem a forma de pétala.
PETALOIDE semelhante à pétala.
PILÍFERA parte da raiz que contém pelos absorventes.
PILÍFERO provido de pelos.
PILOSO o mesmo que pubescente.
PÍNULA cada um dos folíolos da folha composta.
PIRIFORME em forma de pera.
PISTILO o mesmo que carpelo.
PIXÍDIO fruto seco de deiscência transversal.
PLACENTA parte do carpelo onde se insere o óvulo.
PLACENTAÇÃO modo pelo qual os óvulos estão presos à parede do ovário.
PLASTÍDIOS corpúsculos arredondados, coloridos ou não.
PLEIOCÁSIO cimeira múltipara.
PLUMOSO coberto de plumas.
PLURICARPELAR com muitos carpelos.
PLURIDENTEADO com muitos dentes.
PLURIFLORO com muitas flores.
PLURILOCULAR com muitos lóculos ou lojas.

PLURIOVULADO com muitos óvulos.
PLURISSEPTADO com muitos septos.
PÓLEN micrósporo dos Fanerógamos.
POLIADELFO estames unidos pelos filetes em muitos feixes.
POLIANDRIA com mais de doze estames.
POLIAQUÊNIO com muitos aquênios reunidos.
POLIMORFO com formas variadas.
POLÍNEAS pólen agrupado por substância gelatinosa, constituído de massas laminares ou claviformes.
POLINIZAÇÃO transporte do pólen das anteras para os estigmas.
POLIPÉTALO com muitas pétalas.
POLISSÉPALO com muitas sépalas.
POLISTÊMONE com muitos estames.
PORICIDA que se abre por poros (antera ou fruto).
PORO pequeno orifício.
PREFLORAÇÃO disposição das peças do perianto no botão floral.
PREFOLIAÇÃO disposição do limbo da folha no gomo foliáceo.
PROCUMBENTE que se arrasta pelo solo (caule).
PSEUDOBAGA falsa baga.
PSEUDOBULBO falso bulbo (orquídea).
PSEUDOCAULE falso caule.
PSEUDOCARPO falso fruto.
PSEUDOSPERMA falsa semente.
PTEROCARPO fruto alado.
PTEROCAULE caule alado.
PUBESCENTE conjunto de pelos finos e curtos que revestem a epiderme.
PULVERULENTO plantas com epiderme que parece coberta de pó.

PUNTIFORME com forma ou aparência de pontas.
QUILHA o mesmo que carena.
QUINQUINÉRVEA folha com cinco nervuras principais.
RACEMO o mesmo que racimo.
RACEMOSO que tem configuração de cacho.
RACIMO o mesmo que cacho.
RACIMOSO com muitos cachos.
RACÍMULO pequeno cacho.
RADIADO pétalas em forma de coroa.
RADICAL que parte ou provém da raiz.
RADICANTE que emite raiz.
RADICELA o mesmo que radícula.
RADÍCULA raiz rudimentar.
RAIZ órgão de fixação do vegetal.
RAMO cada divisão ou subdivisão do tronco.
RAMOSO que contém muitos ramos.
RÁQUIS pecíolo principal da folha composta.
REBENTO botão dos vegetais.
RECEPTÁCULO eixo floral.
RECURRENTE que volta ao ponto de origem.
RECURVO curvo com a cavidade voltada para trás.
REGIME espádice ramificada (palmeiras).
RÉGMA fruto cujas valvas se abrem por movimentos elásticos (beijo de frade).
REPTANTE que se arrasta pelo solo (caule).
RESINA substância amarela, consistente, untuosa.
RETINÁCULO glândula na qual se prendem as políneas.

RETINÉRVEAS nervuras paralelas e retas.
RETUSO com pequeno recorte aberto apical.
REVOLUTO com as bordas voltadas para fora.
RIMOSO finamente estriado.
RIPÍDIO cimeira unípara helicoide de eixo ereto.
RIZOIDE raiz rudimentar.
RIZOMA caule subterrâneo semelhante à raiz.
RIZOMATOSO que tem rizoma.
RODÓFITA divisão XI do Reino Vegetal.
RODÓSPORO esporo vermelho.
ROSTELO saliência do estigma da flor de orquídea.
ROSTRADO conetivo que ultrapassa a antera e tem forma de bico.
ROSULADO disposto em rósula (roseta).
ROTÁCEO corola gamopétala semelhante aos eixos de uma roda.
RUDERAL que cresce em ruínas ou lugares abandonados.
RUDIMENTO esboço de qualquer órgão.
RUFO avermelhado.
RUNCINADO folha pinatifida cujos lobos estão voltados para a base.
RUPESTRE que cresce em rochedos.
RÚPTIL que se abre de maneira irregular.
SACIFORME em forma de saco.
SACO cavidade em forma de bolsa com uma só abertura.
SAGITADO em forma de seta.
SALPINGOMORFA corola gamopétala em forma de trombeta.
SÂMARA fruto simples, seco, indeiscente e pericarpo alado.
SARMENTOSO trepadeira lenhosa e com gravinhas.

SEGMENTO parte de um órgão distinto de outro, apesar de ser sua continuação.
SEMENTE óvulo floral fecundado.
SÉPALA folha modificada que constitui o cálice.
SEPTADO dividido em compartimentos.
SEPTICIDA a deiscência ocorre na linha de sutura da folha carpelar.
SEPTÍFERO que tem septos.
SEPTÍFRAGA a deiscência em duas fendas para cada folha carpelar, distante da placenta.
SEPTO parede divisória.
SERÍCEO coberto de finos e abundantes pelos sedosos.
SERREADO com recortes à maneira de dentes de serra.
SÉSSIL que não tem pecíolo ou pedúnculo.
SESSIFLORO com flor séssil.
SETÁCEO semelhante à cerda.
SÍCONO inflorescência em capítulo cônico (Moráceas).
SILÍCULA síliqua curta.
SÍLIQUA fruto simples seco deiscente e com um septo entre os carpelos.
SIMÉTRICO que se divide em duas partes iguais.
SIMPÉTALA corola gamopétala.
SIMPODIAL ramificação cimososa dos caules.
SINANDRIA coesão das anteras (Aráceas).
SINANDRO: flores com vários estames unidos pelas anteras.
SINÂNTEROS estames unidos pelas anteras.
SINCARPO gineceu de carpelos concrecidos.
SINUADO com lobos salientes e arredondados.
SOROSE fruto composto de bagas e drupas.
SUBARBUSTO pequeno arbusto.

SUBULADO que tem ponta semelhante à sovela.

SUDAÇÃO eliminação de água pelo vegetal.

SULCO depressão linear na superfície de um órgão.

SÚPERO acima, superiormente colocado.

SUTURA linha que resulta da união de qualquer órgão (peças).

TECA parte da antera que fica dos dois lados do conetivo.

TEGMEN tegumento interno da semente.

TEGUMENTO invólucro de uma semente.

TÉPALA peças do perigônio.

TESTA invólucro externo de uma semente.

TETRACÍCLICO flor com quatro verticilos.

TETRADÍNAMOS androceu com seis estames, sendo quatro maiores e dois menores.

TETRÁFIDO órgão vegetal dividido em quatro lóbulos.

TETRAMERO que contém quatro peças.

TETRANDRO com quatro estames livres.

TIRSO modalidade de cacho.

TIRSOIDE em forma de tirso.

TOMENTOSO coberto de pelos densos, curtos e flexíveis.

TRIANDRO com três flores.

TRICARPELAR com três carpelos.

TRIADELFO estames reunidos em três feixes.

TRICOCA fruto formado por três Carpídios.

TRICOMA pelo ramificado.

TRICOTOMIA caule com três ramos iguais.

TRIDENTADO com três dentes.

TRÍFIDO dividido em três partes.

TRIFLORO com três flores.

TRÍGONO com três ângulos.

TRIMA fruto drupáceo.

TRIMERO com três peças.

TRINÉRVEA com três nervuras.

TRIOVULADO com três óvulos.

TRIPARTIDO com três lobos profundos.

TUBÉRCULO caule subterrâneo arredondado.

TUBEROSO em forma de tubérculo.

UMBELA inflorescência agrupada indefinida simples.

UNCIFORME com forma de unha ou garra.

UNCINADO recurvado em gancho.

UNGUÍCULA pequena unha.

UNILOCULAR com uma só loja.

UNINÉRVEA com uma só nervura.

UNIOVULADO com um só óvulo.

UNÍPARA cimeira cujo pedúnculo não se ramifica.

UNISSEXUADA com um só sexo.

URCEOLADO corola gamopétala em forma de jarro.

URNA espécie de cápsula com opérculo.

UTRÍCULO fruto seco monospermico ou vesícula de plantas aquáticas.

VAGEM o mesmo que legume.

VAGINADO com bainha.

VALVA porção de um órgão que se separa pela maturidade.

VALVAR em forma de concha.

- VALVICIDA** deiscência por ruptura das valvas.
- VÁLVULA** qualquer estrutura que permite a passagem de algo.
- VARIANTE** espécie que difere ligeiramente do tipo clássico.
- VARIEGADO** irregularmente manchado.
- VASO** canal ou tubo de circulação de líquidos vegetais.
- VELAME** tecido exterior das raízes aéreas de certos vegetais.
- VERNAÇÃO** disposição do limbo folias no gomo.
- VERSÁTIL** anteras medifixas.
- VERSICOLOR** que tem várias cores.
- VERTICILLO FLORAL** as partes constituintes da flor.
- VEXILAR** prefloração da corola papilionácea.
- VEXILO** pétala maior da corola vexilar (estandarte).
- VILOSIDADE** conjunto de pelos que cobrem uma superfície.
- VILOSO** com pelos.
- VIVAZ** vegetal que vive muitos anos.
- VOLÚVEL** vegetal que se enrola em torno de corpos vizinhos.
- XERÓFILO** vegetal típico das regiões secas.
- XERÓFITO** plantas de lugares áridos.
- XILOPÓDIO** reservatório de água da raiz de certas plantas xerofíticas.
- ZOÓSPORO** esporos dotados de cílios ou flagelos para sua locomoção.



FORMAS FARMACÊUTICAS

FARMACOPEIA Coleção de fórmulas farmacêuticas e de regras para prepará-las. Contém a descrição das bases medicamentosas (drogas), com a pesquisa de suas impurezas ou falsificações. É o código farmacêutico autorizado pelo governo e de existência obrigatória nas farmácias do país.

EXTRAÇÃO É uma operação que tem por finalidade retirar os princípios ativos contidos nos vegetais, por processos especiais, ditos de extração.

PROCESSO DE EXTRAÇÃO – PERCOLAÇÃO (LIXIVIAÇÃO) Consiste na passagem de um veículo várias vezes sobre camada de substância medicinal da qual queremos tirar princípios solúveis.

ÁGUAS AROMÁTICAS (HIDROLATOS) Soluções aquosas saturadas de essências ou substâncias aromáticas resultantes da destilação ou de dissolução.

ALCOOLATO Solução extrativa obtida pela destilação do álcool contendo um ou mais princípios vegetais.

ALCOOLATURA Solução extrativa, como a tintura, porém preparada com plantas frescas.

APÓZEMA Preparação líquida magistral que contém grande quantidade de princípios medicamentosos e que não serve de bebida habitual para os doentes.

BOLO Pastilha de tamanho maior do que o normal (pesando, geralmente de 1 a 2g) e destinado a uso veterinário.

CÁPSULA Receptáculo constituído por duas metades, composto de substância inerte, de formato esférico (amiláceo) ou cilíndrico (gelatinoso), e que se destina a receber medicamentos de uso oral.

CATAPLASMA Medicamento com consistência de pasta mole, destinado ao uso externo e resultante da mistura de farinhas ou outros pós com um líquido.

CERATO Denominação dada à pomada que contém cera.

COLÍRIO Medicamento líquido destinado ao tratamento das doenças dos olhos e das pálpebras.

COLUTÓRIO Medicamento semilíquido destinado à aplicação sobre as gengivas e paredes internas da boca.

CREME Pomada preparada por emulsão, em que a fase aquosa é muito importante.

DECOCCÃO (COZIMENTO) É uma operação que consiste em ferver-se a água juntamente com fragmentos da planta. O tempo para a ebulição é preconizado para cada planta na Farmacopeia.

DIGESTÃO Processo não oficial, consistindo em aquecer-se a água com fragmentos da planta e temperatura abaixo do ponto de ebulição, por espaço de tempo determinado.

ELIXIR Preparação líquida hidroalcoólica, açucarada ou glicerinada destinada ao uso oral e contendo substâncias aromáticas e medicamentosas, devendo conter, no mínimo, 20% de álcool e, quando açucarada, 20% de açúcar.

EMULSÃO Forma farmacêutica constituída por um sistema de 2 substâncias imiscíveis (geralmente, óleo e água), uma delas finamente dividida e dispersa na outra por intermédio de um agente emulgente.

EMPLASTRO Medicamento para uso externo, tendo por base sais plúmbicos de ácidos gordurosos ou mistura de corpos gordurosos, ceras, resinas e borrachas.

ESPÍRITO Preparação obtida pela dissolução de essência em álcool, de acordo com processos indicados pela Farmacopeia.

EXTRATO FLUIDO Obtido exclusivamente por percolação e por 4 processos constantes da Farmacopeia. A característica do extrato fluido é de 1 cm³ corresponder a 1 g da planta pulverizada e seca ao ar livre.

GLICÉREO Forma farmacêutica semilíquida ou semissólida. No primeiro caso é obtida por dissolução ou suspensão de substância medicamentosa na glicerina. O semissólido é obtido pela adição de substâncias medicamentosas no glicéreo de amilo.

GRÂNULO Pílula de peso inferior a 0,1 g (Farmacopeia)

INFUSÃO Processo que consiste em verter água fervente sobre fragmento da planta em recipiente apropriado e munido de tampa.

INTRATO Extrato preparado a partir de plantas estabilizadas.

JULEPO Forma farmacêutica contendo um ou mais pós em suspensão, destinada ao uso interno a ser administrada em intervalos regulares de horas.

LINIMENTO Preparação líquida ou semilíquida de natureza alcoólica, saponácea ou oleosa, destinada ao uso externo e para ser aplicada com fricção.

MACERAÇÃO Consiste em deixar a droga em contato com o líquido extrator, à temperatura normal durante certo tempo.

MELITO Forma farmacêutica cujo veículo é o mel, no qual o açúcar é substituído pelo mel.

ÓLEO MEDICAMENTOSO É obtido pela dissolução de princípio medicamentoso em óleo fixo.

PAPEL Forma farmacêutica pulverulenta, constituída por um ou mais pós-distribuídos uniformemente em papel de tamanho adequado e convenientemente dobrado para ser entregue ao paciente.

PASTA É a pomada que contém proporção superior a 25% de pós-incorporados.

PASTILHA Sacaróleo sólido, obtido por compressão, formado principalmente de açúcar e uma ou mais substâncias medicamentosas.

PÍLULA Preparação farmacêutica de consistência firme, de forma globulosa, destinada ao uso interno e que contém uma ou mais substâncias terapêuticas ativas, incorporadas a excipientes adequados.

PÓ Forma farmacêutica sólida que deve ser entregue ao cliente no estado pulverulento.

POMADA Forma farmacêutica semissólida destinada ao uso externo.

SUCO Líquido existente nos tecidos dos diferentes organismos vivos.

SUSPENSÃO Forma farmacêutica contendo uma ou mais substâncias pulverulentas suspensas num dado veículo, com auxílio de agente intermediário, dito de suspensão.

SUPOSITÓRIO Forma farmacêutica semissólida de tamanho, forma e peso variável, destinada a ser introduzida nas cavidades naturais do corpo: reto, vagina e uretra. De acordo com a via de introdução é chamado: supositório retal, óvulo vaginal e vela uretral.

TINTURA Solução extrativa contendo menor teor em princípio ativo do que o extrato fluido.

TISANA Medicamento líquido destinado à bebida ordinária do doente, contendo em dissolução um ou mais princípios medicamentosos, oriundos de vegetais.

UNGUENTO Pomada que contém resinas.

VINAGRE MEDICINAL Forma farmacêutica obtida pela dissolução de substância medicamentosa no vinagre.

VINHO MEDICINAL Vinho comum contendo em dissolução substâncias medicamentosas.

XAROPE É uma solução aquosa, contendo 2/3 de seu peso em açúcar e um ou mais princípios medicamentosos.



TERMOS MÉDICO-FARMACÊUTICOS

ABIRRITANTE alivia a irritação.

ABLUÇÃO banho, lavagem.

ABORTIVO provoca aborto.

ABRASIVO produz escoriações na pele.

ABSCESSO acumulação de pus numa cavidade.

ACARICIDA contra sarda.

ADENITE inflamação de glândulas.

ADIAFORESE falta de sudação.

ADINAMIA grande fraqueza muscular.

ADIPOSIDADE obesidade, excesso de gordura.

ADOÇANTE edulcorante(mascara o gosto).

ADSTRINGENTE contrai os tecidos.

AFONIA perda da voz, rouquidão.

AFRODISÍACO provoca excitação sexual.

ALBUMINÚRIA presença de albumina na urina.

ALTERANTE provoca sede.

AMEBÍASE infecção causada por amebas.

AMENORREIA ausência de menstruação.

AMIÉTICO medicamento corrosivo.

ANALÉTICO tônico restaurador.

ANALGÉSICO acalma a dor.

ANAPNEICO calmante da respiração.

ANESTÉSICO produz anestesia.

ANOREXIA inapetência.

ANTÍDOTO neutralização de uma substância por outra.

ANTISSÉPTICO impede a multiplicação das bactérias.

ANÚRIA diminuição e supressão da secreção urinária.

APERITIVO estimula o apetite.

ARTRITE inflamação das articulações.

ARTRITISMO predisposição do organismo às afecções articulares.

ASTENIA debilidade geral.

ATONIA fraqueza.

BALSÂMICO medicamento aromático.

BÉQUICO contra a tosse.

BLENORRÁGICO relativo à blenorragia.

BRONQUITE inflamação dos brônquios.

CALMANTE sedativo.

CAQUEXIA estado de desnutrição geral.

CARDIOTÔNICO tônico do coração.

CARMINATIVO impede a formação dos gases estomacais e/ou intestinais ou expulsa-os.

CATÁRTICO purgativo.

CATASTÁLTICO adstringente.

CÁUSTICO destrói os tecidos.

CEFALEIA dor de cabeça.

CISTITE inflamação da bexiga.

CLIMATÉRIO conjunto de alterações somáticas e psíquicas que se observam no final do período reprodutor da mulher ou do homem.

CLOROSE anemia peculiar à mulher.

COLAGOGO desperta a secreção biliar.

COLERÉTICO estimula a secreção biliar.

CONGESTÃO acúmulo anormal ou excessivo de sangue no organismo.

CONJUNTIVITE inflamação da conjuntiva.

CONSTIPAÇÃO: retenção de fezes, ou evacuação insuficiente. Popularmente o termo é usado como gripe.

CONTRAVENENO antídoto.

CONTUSÃO lesão em que a pele não sofre solução de continuidade.

CONVALESCÊNCIA período entre a doença e a recuperação.

CONVULSIVO contra convulsão.

CORROSIVO que corrói, destrói.

COSMÉTICO preparado para conservar a beleza da pele, cabelo etc.

CRÔNICO longa duração.

CRUPE difteria.

DEFLUXO fluxo de catarro.

DELÍRIO distúrbio mental com alucinações.

DEPILATÓRIO que elimina pelos.

DEPRIMENTE que deprime.

DEPURATIVO que liberta o organismo de substâncias nocivas.

DERMATOSE infecção da pele, alérgica ou não.

DESIDRATANTE retira a água.

DESINFETANTE que desinfeta.

DETERGENTE que permite a gordura dissolver-se em água, facilitando a limpeza.

DIABETES MELITUS distúrbio em que está prejudicada a capacidade de metabolização de glicídios.

DIAFORÉTICO produz sudação.

DIARREIA evacuação líquida e constante.

DIFTERIA crupe.

DIGESTIVO auxilia a digestão.

DISENTERIA evacuação acompanhada de cólicas, catarros, sangue.

DISMENORREIA menstruação dolorosa.

DISPEPSIA digestão defeituosa.

DISPNEIA respiração difícil.

DISÚRIA micção difícil.

DIURESE secreção urinária.

DIURÉTICO provoca a diurese.

DRÁSTICO purgativo irritante e violento.

ECZEMA afecção da pele com vesículas serosas e transparentes.

EDULCORANTE adoçante ou substância que mascara o sabor desagradável.

EFIDROSE suor abundante.

EMENAGOGO estimula a menstruação.

EMÉTICO vomitivo.

EMOLIENTE amolece tecidos inflamados, favorecendo a circulação.

ENTÉRICO relativo aos intestinos.

ENTERITE inflamação aguda ou crônica dos intestinos.

EPILEPSIA doença cerebral convulsiva com perda de sentidos.

EPISPÁTICO irritação da pele acompanhada de vesículas e bolhas.

ERISPELA inflamação vermelha da pele de origem estreptocócica.

ERUTAÇÃO saída ruidosa de gases pela boca.

ESCORBUTO doença produzida pela carência de vitamina C.

ESCROFULOSE inflamação dos gânglios.

ESPASMÓDICO contração súbita e involuntária da musculatura lisa ou estriada acompanhada de dor.

ESPLÊNICO relativo ao baço.

ESPLENITE inflamação do baço.

ESTERNUTATÓRIO provoca espirro.

ESTIMULANTE que acelera a função.

ESTÍPTICO adstringente.

ESTOMACAL estimulante do estômago.

ESTOMATITE inflamação da mucosa bucal, de várias origens.

ESTRANGÚRIA micção dolorosa e gotejante da urina.

ESTUPEFACIENTE narcótico.

EUPÉPTICO facilita a digestão.

EXCITANTE excita, estimula.

EXPECTORANTE elimina líquidos e mucosas dos brônquios e traqueia.

FEBRÍFUGO baixa a febre.

FÍSTULA conduto patológico da ulceração para saída de pus ou líquido anormal.

FLATULÊNCIA distensão do estômago e dos intestinos por formação de gases.

FLEBÍTICO relativo à flebite (inflamação das veias).

FLOGÍSTICO relativo à inflamação.

FUNGICIDA combate os fungos.

FURUNCULOSE formação de furúnculos.

GALACTAGOGO estimula a secreção de leite humano.

GASTRALGIA dor no estômago.

GASTRITE inflamação do estômago.

GLICOSÚRIA presença de açúcar na urina.

GLOSSALGIA dor na língua.

GONORREIA blenorragia.

HELMÍNTICO relativo aos vermes.

HEMAGOGO produz descarga de sangue.

HEMATÚRIA hemorragia dos rins.

HEMOPTISE hemorragia da mucosa dos pulmões.

HEMORRAGIA saída de sangue para fora dos vasos.

HEMORROIDAL relativo à hemorroidas.

HEPÁTICO relativo ao fígado.

HERPES afecções cutâneas viróticas eruptivas.

HIDRAGOGO que serve para eliminar serosidades.

HIDROPSIA acúmulo anormal de líquidos nos tecidos.

HIPNÓTICO que provoca sono, narcótico.

HISTERIA neurose observada primitivamente em mulheres.

ICTERÍCIA presença de bile no sangue tornando a pele amarela.

LACTESCENTE da cor do leite, que segrega leite.

LAXATIVO purgativo brando.

LETARGO sono profundo, apatia, prostração (letargia).

LEUCORREIA corrimento branco, devido à doença sexualmente transmitida.

LIENTERIA diarreia na qual as substâncias ingeridas não sofrem digestão.

LINFAGITE inflamação dos vasos linfáticos.

LINFAGOGO que aumenta a produção de linfa.

LITAGOGO expulsa cálculos.

LITÍASE formação de pedras nas vias urinárias.

LUMBAGO dor na região lombar.

METEORISMO formação de gases nos intestinos e no estômago.

METRITE inflamação do útero.

MIALGIA dor muscular.

MICÓTICO contra a micose.

MIDRIÁTICO provoca a dilatação da pupila.

MIÓTICO contrai a pupila.

NARCÓTICO produz torpor, hipnótico, entorpecente.

NAUPATIA enjôo de mar.

NEFRITE inflamação dos rins.

NERVINO relativo aos nervos.

NEURASTENIA depressão nervosa, cansaço.

NEUROTÔNICO tônico dos nervos.

NEURALGIA dor nervosa, contínua, na região dos nervos.

NICTÚRIA micção frequente à noite.

OCITÓCICO que estimula as contrações uterinas e favorece o parto.

ODONTALGIA nevralgia dentária.

ORQUITE inflamação dos testículos.

OTITE inflamação do ouvido.

OXALURIAS excesso de ácido oxálico ou oxalato na urina.

PALIATIVO que alivia.

PANARÍCIO inflamação do tecido conjuntivo da ultima falange.

PELAGRA avitaminose com eritemas na pele, perturbações digestivas e nervosas.

PIORREIA fluxo de pus.

PIROSE azia.

PLEURISIA inflamação da pleura.

POLIÚRIA aumento de urina.

PROFILÁTICO que evita, previne.

PRURIDO coceira.

PRURIGINOSO causa prurido (coceira).

PSORÍASE afecção da pele em forma de escamas laminares e polimorfos.

PURGATIVO produz evacuações.

RAQUITISMO doença por carência de vitamina D.

REFRIGERANTE que faz baixar a temperatura.

RELAXANTE produz afrouxamento.

RESOLUTIVO que cura uma inflamação sem intervenção cirúrgica.

REVULSIVO que produz irritação local, descongestionando.

RUBEFACIENTE produz vermelhidão na pele.

SATURNISMO intoxicação pelo chumbo.

SEDATIVO que acalma.

SIALAGOGO provoca secreção salivar.

SINAPISMO emplastro de mostarda. Popularmente, o uso da planta diretamente sobre a pele.

SINUSITE inflamação das mucosas dos sinus.

SONÍFERO hipnótico.

SUDORÍFICO que faz suar.

TABAGISMO intoxicação crônica pelo fumo.

TENESMO desejo doloroso, demorado e ineficaz de urinar e defecar.

TENÍFUGO expulsa a solitária (Tênia).

TÔNICO medicamento que fortifica e aumenta a atividade de um órgão.

TÓPICO uso externo de um medicamento.

TORCICOLO inclinação do pescoço e da cabeça, em geral dolorosa.

TRAUMATISMO esmagamento dos tecidos.

UREMIA intoxicação pelos compostos da urina no sangue devido ao mau funcionamento dos rins.

URTICÁRIA doença caracterizada pela erupção súbita de placas na pele, com forte prurido.

VASO CONSTRICTOR produz contração dos vasos.

VASO DILATADOR produz dilatação dos vasos.

VERMÍFUGO que expelle os vermes.

VERTIGEM estado mórbido, no qual os indivíduos têm a impressão de que tudo gira em torno dele ou de que ele próprio está girando; tontura, desmaio.

VESICANTE que produz vesículas.

VOMITIVO emético (provoca vômitos)

VULNERÁRIO capaz de curar feridas.



ÍNDICE POR NOMES CIENTÍFICOS

A

- Abelmoschus cruentus Bertol. 992
Abelmoschus esculentus (L.) Moench. 989
Abena cayennensis (Rich.) Hitchc. 644
Acajuba occidentale (L.) Gaertn. 266
Acanthospermum australe Kuntze 353
Acanthospermum australe (Loefl.) Kuntze 353
Acanthospermum brasilium Schrank 353
Acanthospermum hirsutum DC. 353
Acanthospermum xanthioides (Kunth) DC. 353
Accacia adstringens Mart. 194
Achillea millefolium L. 773
Achillea millefolium Ledeb. 773
Achyranthes brasiliana Standl. 938
Achyrocline candicans (Kunth) DC. 770
Achyrocline flaccida DC. 770
Achyrocline satureoides (Lam.) DC. 770
Acontia cubensis Bello 1085
Acontias riedelianum Schott 806
Acosmium inornatum (Mohlenbr.) Yakovlev 1082
Adenocalymna portoricensis A. Stahl 485
Adenoropium multifidum Pohl. 179
Adiantum cuneatum Forst. 158
Adventina parviflora Raf. 596
Aeollanthus heliotropioides Oliv. 368
Aeollanthus suaveolens G. Don 368
Agallostachys antiacantha (Bertol.) Beer 656
Agallostachys commeliniana (de Vriese) Beer 656
Agave americana L. 968
Agave expansa Jacobi. 968
Agave fuestenbergii Jacobi. 968
Agave mileni Haw. 968
Agave ornata Jacobi. 968
Agave picta Salm.Dick. 968
Agave ramosa Hoech. 968
Agave spectabilis Salish. 968
Agave variegata Hort. ex Steudel. 968
Agave virginica Miller. 968
Ageratum conyzoides L. 554
Ageratum conyzoides Sieber ex Steud 554
Ageratum hirsutum Lam. 554
Ageratum latifolium Cav. 554
Ageratum maritimum Kunth 554
Ageratum mexicanum Sims. 554
Ageratum obtusifolium Lam. 554
Ajuga reptans L. 50
Alcea rosea Falk 785
Alcea rosea L. 785
Alicastrum gaudichaudii (Trec.) Kuntze 788
Alisma cordifolium L. 401
Alisma macrophyllum Kunth 401
Allamanda aubletti Pohl. 53
Allamanda cathartica L. 53
Allamanda cathartica Schrad. 53
Allamanda cathartica var. herdersonii (Bull ex Dombrain) L. H. Bayley & Raffill 53
Allamanda latifolia Presl 53
Allium ascalonicum L. 92
Allium cepa L. 383
Allium fistulosum L. 386
Allium pelomense Prokhanov 89
Allium porrum George 95
Allium porrum L. 95
Allium sativum L. 89
Aloë arborescens Mill.[2] 167
Aloë barbadensis Mill.[3] 167
Aloë perfoliata var. vera L.[3] 167
Aloë spicata L. f.[1] 167
Aloë vera L.[3] 167
Aloë vera (L.) Burn. f.[3] 167
Aloë vera Mill.[3] 167
Alomia microcarpa (Benth. ex Oerst.) B. L. Rob. 554
Aloysia citriodora Ortega ex Pers. 566
Aloysia triphylla (L'Her) Britton 566
Aloysia triphylla Royle 566
Alpinia spicata Jacq. 293
Alternanthera tenella Colla 938
Alternanthera brasiliana (L.) O. Kuntze 938
Alyssum maritimum (L.) Lam. 98
Amaranthus blitum Auct. ex Moq. 359
Amaranthus gracilis Desf. 359

- Amaranthus viridis* All. 359
Amaranthus viridis L. 359
Amaranthus viridis Pall ex Steud 359
Amaranthus viridis Pollich ex Moq. 359
Ambrina ambrosioides Sapch. 551
Ambrina parvula Phil. 551
Ambrina spathulata Moq. 551
Amomum zedoaria Christm. 1154
Amomum petiolatum Lam. 293
Amomum zingiber L. 632
Anacardium humile A. St. Hil. 269
Anacardium microcarpum Ducke 266
Anacardium nanum St. Hil. 269
Anacardium occidentale L. 266
Anacardium pumilum Valp. 269
Ananas ananas Kergawl. 11
Ananas comosus (L.) Merril 11
Ananas paraguayensis Camargo & L. B. Sm. 11
Ananas sativa Lindl. 11
Ananas sativus Lindl. 11
Ananas sativus Schult. & Schult. F 11
Anatherum bicornis Pal Beauv. 1052
Anchietea pyrifolia G. Don 449
Anchietea pyrifolia (Mart.) G. Don 449
Anchietea salutaris St. Hil. 449
Anda brasiliensis Raddi 110
Anda gomessi A. Juss. 110
Andicus pentaphyllus Vell. 110
Andropogon ceriferus Hack. 320
Andropogon citratus DC. 320
Andropogon citratus DC. ex Nees 320
Andropogon citriodorum Hort. ex Desf. 320
Andropogon densiflorus Steud 320
Andropogon nardus subsp. *ceriferus* (Hack.) Hack. 320
Andropogon roxburghii Nees ex Steud 320
Andropogon schoenanthus L. 320
Anemopaegma arvense (Vell.) Stellf. 374
Anemopaegma arvense (Vell.) Stellf. ex J. F. Sousa 374
Anemopaegma myrandum (Cham.) A. DC. 374
Anethum foeniculum L. 629
Annona bonplandiana Kunth 659
Annona cearensis Barb. Rodr. 659
Annona macrocarpa Wercklé 659
Annona muricata L. 659
Anthelminthia quadrifolia Brown 563
Anthemis cotula L. 776
Anthemis nobile L. 776
Antirrhinum cymbalaria L. 422
Apiospermum obcordatum Klotzsch 548
Apium crispum Mill. 1028
Apium graveolens Cham. 47
Apium graveolens L. 47
Apium integrilobum Hayata 47
Apium petroselinum L. 1028
Apium vulgare Bubani 47
Apodanthera smilacifolia Cogn. 431
Arachis hypogaea L. 104
Arctium lappa Kalm. 197
Arctium lappa L. 197
Arctium lappa Willd. 197
Argemone achoroloeuca Sweet. 338
Argemone leiocarpa Greene 338
Argemone mexicana L 338
Argemone mexicana var. *leiocarpa* (Greene) G. B. Ownbey 338
Argemone mexicana var. *lutea* Kuntze 338
Argemone spinosa Moench. 338
Argemone versicolor Salisb. 338
Argemone vulgaris Spach 338
Aristolochia gigantea Hook. 905
Aristolochia gigantea Mart. & Zucc. 905
Arkezostis podanthe Kuntze 14
Arrabidaea acutifolia DC. 485
Arrabidaea cuprea (Cham.) Bornm. 485
Arrabidaea larensis Pittier 485
Arrabidaea rosea DC. 485
Artemisia absinthium L. 761
Artemisia alba Turra 305
Artemisia verlotorum Lam. 146
Arthanthe adunca Mig. 692
Arum nigrum Vell. 1085
Asclepias curassavica Gliseb 884
Asclepias curassavica L. 884
Asclepias curassavica Lour 884
Asparagus officinalis L. 149

Atriplex ambrosioides Crantz 551

Avena sativa L. 155

Averrhoa carambola L. 329

Aydendron suaveolens Ness 1061

B

Baccharis dracunculifolia DC. 65

Baccharis genistelloides var. *trimera* (Less.) Baker 347

Baccharis trimera (Less.) DC. 347

Bactrylobium fistula (L.) Willd. 296

Balsamina hortensis DC. 212

Balsamona pinto Vand. 1073

Banisteria campestris E. L. 446

Banisteriopsis argyrophylla (A. Juss.) B. Gates 446

Banisteriopsis oxyclada (A. Juss.) Gaites 446

Basella alba L. 221

Basella rubra L. 221

Batatas edulis Choisy 206

Bauhinia brasiliensis Vogel 1118

Bauhinia forficata Link. 1118

Bellis perennis L. 830

Bidens alausensis Kunth 950

Bidens chilensis DC. 950

Bidens edrescens Vell. 950

Bidens leucantha (L.) Willd. 950

Bidens pilosa L. 950

Bidens quadrangularis DC. 950

Bidens scandicina Kunth 950

Bidens subalternans DC. 950

Bidens sundaicus Brume 950

Bignonia chica Bonpl. 485

Bignonia cuprea Cham. 485

Bignonia miranda Cham. 374

Bignonia triphylla Willd. ex DC. 485

Bixa acuminata Bojer 1127

Bixa americana Poir. 1127

Bixa arborea Bhubr. 1127

Bixa odorata Ruiz & Pav. ex G. Don 1127

Bixa orellana L. 1127

Bixa platycarpa Ruiz & Pav. ex G. Don 1127

Bixa tinctoria Salisb. 1127

Bixa urucurana Willd. 1127

Blitum ambrosioides (L.) Beck 551

Boerhavia diffusa L. 572

Boerhavia hirsuta Willd. 572

Boerhavia paniculata Rich. 572

Boerhavia repens L. 572

Borago officinalis L. 242

Botryopsis platyphylla Myers 20

Bragantia vandell Roem & Schult. 914

Brassica alba Boiss. 863

Brassica alba Gilib. 863

Brassica alba Hook. e Thoms 863

Brassica alba (L.) Rabenh. 863

Brassica nigra Coch. 866

Brassica nigra (L.) Andraz 866

Brassica nigra (L.) W. D. J. Coch. 866

Brassica oleracea L. 482

Brassica oleracea Lour. 482

Bredmeyeria floribunda Willd. 248

Bredmeyeria laurifolia Kl. 248

Bromelia ananas L. 11

Bromelia antiacantha Bertol. 656

Bromelia commeliniana de Vriese 656

Bromelia comosa L. 11

Bromelia sceptrum Fenzl. ex Hugel 656

Brosimum gaudichaudii for *macrophyllum* Hassl. 788

Brosimum gaudichaudii Trec. 788

Brosimum glaucifolium Ducke 788

Brosimum pusillum Hassl. 788

Brunfelsia hoppeana Hook. 797

Brunfelsia uniflora D. Don 797

Brunfelsia uniflora (Pohl.) D. Don 797

Brungmansia suaveolens Bercht. & C. Presl. 1115

Brungmansia suaveolens (Humb. & Bomp. ex Wills.) Berot & J. S. Presl 1115

Brungmansia suaveolens (Willd.) Bercht. & Presl 1115

Bryonia tayaia (Vell) Cogn. 1088

Bryophyllum caycinum Salisb. 614

Bryophyllum pinnatum Archers & Schwemf 614

Bryophyllum pinnatum Kurz 614

Bryophyllum pinnatum (Lam.) Kurz 614

Bryophyllum pinnatum (Lam.) Oken. 614

Bryophyllum proliferum Bowie 614

Buddleja albotomentosa R. E. e Fr. 191

Buddleja australis Vell. 191

Buddleja brasiliensis Jack 191

Buddleja brasiliensis Jack ex Spreng 191

Buddleja neemda Link 191

Buxus sempervirens L. 257

Buxus sempervirens Thunb. 257

C

Cacalia mentrasto Vell. 554

Cacalia sonchifolia L. 518

Cajan cajan (L.) Huth 605

Cajanus cajan Druce 605

Cajanus cajan L. 605

Cajanus cajan (L.) Druce 605

Cajanus cajan (L.) Millsp. 605

Cajanus flavus DC. 605

Cajanus indicus Spreng 605

Cajanus luteus Bello 605

Cajanus striatus Borjer 605

Calcalis carota Crantz 389

Calcalis daucus Crantz 389

Calendula officinalis Hohen 272

Calendula officinalis L. 272

Callicocca ipecacuanha Brotero 689

Camellia sinensis (L.) Kuntze 395

Camellia thea Link. 395

Capraria dulcis (L.) Kuntze 1136

Caprifolium hallianum Hort 779

Capsella bursa-pastoris (L.) Medikus 233

Capsella bursa-pastoris Medikus 233

Capsicum annuum L. 962

Capsicum baccatum L. 953

Capsicum frutescens L. 959

Capsicum frutescens Rodsch 959

Carapa guianensis Aubl. 113

Carapa latifolia Willd. ex C. DC. 113

Carapa macrocarpa Ducke 113

Cardamine clandestina (Spreng) Kuntze 38

Cardamine fontana Lam. 38

Cardaminum majus Moench. 326

Cardiospermum halicacabum L. 173

Carduus mariae Crantz 335

Carduus marianus L. 335

Carelia conyzoides (L.) Kuntze 554

Carica hermafrodita Blanco 791

Carica jimenezii Bertoni 791

Carica papaya L. 791

Carica pinnatifida Heilborn 791

Carica sativa Tussac 791

Cariocar brasiliense Cambess. 935

Carota sativa Rupr. 389

Carpotroche brasiliensis (Raddi) Endl. 1058

Carthamus maculatum (Scop.) Lam. 335

Carum graveolens (L.) Koso-pol 47

Carum petroselinum (L.) Benth. & Hook. 1028

Caryophyllus aromaticus L. 497

Casearia caldata Uitt. 539

Casearia ovoidea Lseum. 539

Casearia parviflora Wild. 539

Casearia parvifolia Willd. 539

Casearia punctata Spreng 539

Casearia samyda (Gaert.) DC. 539

Casearia silvestris Eichler 539

Casearia subsessileflora Lund 539

Cassia alata L. 365

Cassia bonplandiana DC. 296

Cassia bracteata L. f. 365

Cassia carolineana Walter 599

Cassia cathartica Mart. 1064

Cassia cathartica Mart. in Spix & Mart. 1064

Cassia ciliata Raf. 599

Cassia excelsa Kunth 296

Cassia falcata L. 599

Cassia fistula L. 296

Cassia fistuloides Colladon 296

Cassia herpetica Jacq. 365

Cassia occidentalis L. 599

Cassia rhombifolia Roxb. 296

Cassuvium pommiferum Lam. 266

Catharanthus roseus G. Don 224

Catharanthus roseus (L.) G. Don 224

Cathartocarpus excelsus G. Don 296

Cathartocarpus fistula (L.) Pers. 296

Cathartocarpus fistuloides (Colladon) G. Don 296

Cathartocarpus rhombifolius G. Don 296

Cayaponia espelina (Silva Manso) Cogn. 575

Cayaponia piauhiensis (Cogn.) Cogn. 1088

- Cayaponia podantha* Cogn. 14
Cayaponia tayuya (Vell.) Cogn. 1088
Celastrus spinifolium Larrañaga 581
Celere graveolens (L.) Britton 47
Celosia argentea L. var. *cristata* 503
Celosia cristata L. 503
Centaurea cyanocephala Velen 944
Centella asiatica (L.) Urban. 392
Centella asiatica Urban. 392
Centella coriacea Nannf. 392
Centratherum punctatum Cass. 944
Centrospermum xanthioides Kunth 353
Cephaelis emetica Pers. 689
Cephaelis ipecacuanha (Brot.) A. Rich. 689
Cestrum nocturnum L. 506
Cestrum nocturnum Lam. 506
Chalcas exotica (L.) Millsp. 872
Chamaemelum nobile (L.) All. 776
Chamomilla recutita (L.) Rauschert 281
Chaptalia nutans Hemsl. 746
Chaptalia nutans (L.) Polak 746
Chayota edulis (Jacq.) Jacq. 413
Chenopodium abovatum Moq. 551
Chenopodium album Box. ex Moq. 122
Chenopodium album L. 122
Chenopodium ambrosioides Bert ex Steud 551
Chenopodium ambrosioides Descourt. 551
Chenopodium ambrosioides Hance 551
Chenopodium ambrosioides L. var. *Sancta Maria* Vell. 551
Chenopodium anthelminticum L. 551
Chenopodium caudatum Jacq. 359
Chenopodium integrifolium Vorosch 551
Chenopodium oleraceum E. H. I. Krause. 578
Chenopodium spathulatum Sieber 551
Chenopodium suffruticosum Willd. 551
Chlorocyperus rotundus (L.) Palla 1097
Chondodendron platyphyllum (St. Hil.) Myers 20
Chrysanthemum anethifolium Brouss ex. Willd. 284
Chrysanthemum anethifolium (Willd.) Steud 284
Chrysanthemum partenium (L.) Bernh 143
Chrysanthemum tanacetum Vis. 371
Chrysanthemum vulgare (L.) Bernh. 371
Chrysocoma phosphora Vell. 152
Cichorium intybus L. 410
Cinnamomum aromaticum J. Genhan 299
Cinnamomum aromaticum Nees. 299
Cinnamomum aromaticum Zoll. 299
Cinnamomum cassia Nees ex Blume 299
Cinnamomum obtusifolium var. *cassia* Perrot & Berhardt 299
Cinnamomum zeylanicum Blume 302
Cinnamomum zeylanicum Nees 302
Cinnamonum verum J. S. Presl 302
Cirsium maculatum Scop. 335
Cissampelos glaberrima A. St. Hil. 20
Cissus canescens Lam. 683
Cissus smilacina Kunth 683
Cissus sycioides L. 683
Cissus tamoides Cambess. 683
Cissus verticillata (L.) Nicholson & C. E. Jarvis 683
Citrosma discolor Poepp. & Endl. 878
Citrus aurantium var. *amara* L. 731
Citrus bigaradia Dub. 731
Citrus deliciosa Tenore 854
Citrus hystrix H. Perrier 731
Citrus limonelloides Hayata 743
Citrus limon (L.) Burman F. 743
Citrus limonum Risso 743
Citrus medica L. var. *medica* 416
Citrus vulgaris Risso 731
Cleome spinosa Jacq. 875
Cleome spinosa Rojas 875
Cleome spinosa S.W. 875
Clitoria guianensis (Aubl.) Benth. 377
Cocculus platyphyllus St. Hil. 20
Coelestina microcarpa Benth. ex Oerst. 554
Coffea arabica Benth. 263
Coffea arabica L. 263
Coffea liberica (Bull.) Hiern. 263
Coffea virbunoides 467
Coix agrestes Lour 728
Coix arundinacea Lam. 728
Coix exaltata Jacq. 728
Coix lacrima-jobi L. 728
Coix lacryma L. 728
Coix ovata Stokes 728
Coix pendula Salisb. 728
Coleus amboinicus Lour 674

- Coleus aromaticus* Benth. 674
Coleus barbatus Andrews Benth.[1] 227
Coleus forskohlii (Willd.) Briq.[1] 227
Commelia zebrina Hort. 1109
Convolvulus batatas L. 206
Convolvulus candicans Sol. ex Sims 206
Convolvulus cordatifolius Vell. 206
Convolvulus denticulatus Ders 206
Convolvulus edulis Thunb. 206
Convolvulus esculentus Salisb. 206
Convolvulus macrocarpus L. 203
Convolvulus tuberosus Vell. 206
Conyza sagittalis Lam. 1004
Copaifera langsdorffii Desf. 470
Copaifera langsdorffii (Desf.) Kuntze 470
Copaifera nitida Mart. ex Hayne 470
Copaifera sellowii Hayne 470
Cordia salicina DC. 524
Coreopsis grandiflora Hogg ex Sweet. 287
Coreopsis grandiflora Nutt ex Chapn 287
Coreopsis leucantha L. 950
Coriandrum sativum L. 455
Costus cylindricus Jacq. 293
Costus conicus Stokes 293
Costus micranthus Gagnep. 293
Costus quartus Roem & Schult. 293
Costus spicatus (Jacq.) Sw. 293
Costus zerumbet Pers. 902
Cotyledon pinnata Lam. 614
Cotyledon brazilica Vell. 1025
Cotyledon orbiculata Forssk 182
Cotyledon orbiculata L. 182
Crassocephalum sonchifolium (L.) Less. 518
Crassuvia floripendula Comm. 614
Croton antisiphiliticus Mart. 932
Croton antisiphiliticus Müell Arg. 932
Croton campestris Müell Arg. 1142
Croton campestris St. Hil. 1142
Croton salutaris Casar 1046
Croton urucurana Baill. 1046
Cucumis anguria Forssk. 845
Cucumis anguria Rodsch 845
Cucumis argyi H. Lévl. 848
Cucumis sepium G. Mey 254
Cucurbita courgero Cer. 17
Cucurbita elongata Bean ex Schrad. 17
Cucurbita esculenta Gray 17
Cucurbita ovifera L. 17
Cucurbita pepo L. 17
Cucurbita pepo Lour 17
Cucurbita pepo Vell. 17
Cucurbita pepo Wall. 17
Cupania oblongifolia Mart. 923
Cupania oblongifolia Turcz 923
Cuphea cartagenensis (Jack) J. F. Macbr. 1073
Cupressus sempervirens L. 452
Curcuma domestica Valetton 23
Curcuma longa L. 23
Curcuma longifolia Wall. 632
Curcuma pallida Lour 1154
Curcuma sichuanensis X. X. Chen. 23
Curcuma zedoaria (Bergius) Roscoe 1154
Curcuma zedoaria (Christm.) Roscoe 1154
Curcuma zedoaria Roscoe 1154
Curcuma zedoaria Roxb 1154
Cuscuta racemosa Mart. 440
Cyanus arvensis Moench. 944
Cydonia cydonia L. 836
Cydonia oblonga L. 836
Cydonia oblonga Miller 836
Cydonia vulgaris Persh. 836
Cymbalaria muralis Gaertner & Scherb 422
Cymbalaria muralis P. Gaertner Meyer et Scherb 422
Cymbopogon citratus (DC.) Stapf. 320
Cymbopogon citriodorus Link. 320
Cymbopogon densiflorus (Steud) Stapf. 320
Cymbopogon martinii (Roxb.) J. F. Watson 314
Cynara cardunculus L. 56
Cynara scolymus L. 56
Cynodon indicus Raspail 323
Cynosurus indicus L. 323
Cyperus bicolor Vahl 1097
Cyperus esculentus L. 1097
Cyperus maritimus Bojer 1097
Cyperus rotundus Benth. 1097
Cyperus rotundus Kunth 1097
Cyperus rotundus Miq. 1097

Cyrtopodium punctatum Lindl. 1007
Cyrtopodium punctatum (L.) Lindl. 1007
 Cyssampelos abutua Vell. 20
 Cytisus cajan L. 605
 Cytisus pseudocajan Jacq. 605

D

Datura stramonium L. 590
Datura stramonium L. var. *tatula* (L.) Torr. 821
Datura stramonium Thunb. 590, 821
Datura stramonium Wall. 590, 821
Datura tatula L. 590
Daucus carota L. 389
Davilla rugosa Poir. 437
Desmodium adscendens (Sw.) DC. 356
Desmodium ceruleum (Lindl.) G. Don 356
Desmodium glaucescens Miq. 356
Desmodium oxalidifolium H. Lév. 356
Dianthera pectoralis (Jacq.) Murray 980
Dianthus caryophyllus L. 494
Dianthus sinensis L. 488
Diasperus niruri (L.) Kuntze 983
Dolixos soja L. 1076
Dorstenia arifolia Lank. 332
Dorstenia brasiliensis Lam. 332
Dorstenia cyperus Vell. 332
Dorstenia pinnatifida Miq. 332
Drimys brasiliensis Miers 362
Drimys winteri var. *andina* Reiche 362

Drimys winteri var. *chilensis* (DC.) A. Gray 362
Drimys winteri var. *punctata* (Lam.) DC. 362

E

Echinodium prostratum Poit. 353
Echinodorus macrophyllus (Kunth) Micheli 401
Echinodorus macrophyllus Micheli 401
Echolium pectorale (Jacq.) Kuntz 980
Eclipta alba Hassk. 527
Eclipta alba L. ex Jackson 527
Eclipta erecta L. 527
Eclipta marginata Boiss. 527
Eclipta prostrata (L.) L. 527
Eclipta punctata Jacq. 527
Eclipta thermalis Bunge 527
Eichhornia crassipes (Mart.) Solms. 44
Eichhornia speciosa Kunth 44
Elephantopus bodinieri Gagnep. 626
Elephantopus hypomalacus S. F. Blake 626
Elephantopus martii Graham 626
Elephantopus mollis H. B. & K. 626
Elephantopus mollis Kunth 626
Elephantopus pilosus Phil. 626
Elephantopus scaber L. 626
Elephantopus sericeus Graham 626
Elephantopus serratus Blanco 626
Elephantopus tomentosus L. 626
Eleusine gracilis Salisb. 323
Eleusine indica (L.) Gaertner 323

Eleutherine bulbosa (Mill.) Urb. 1019
Eleutherine palmifolia (L.) Merr. 1019
Eleutherine plicata Herb. 1019, 1020
Eleutherine plicata (S.W.) Klatt 1019
Eliopia riparia Raf. 245
Eliopia serrata Raf. 245
Emilia fosbergii Nicolson 518
Emilia rigidula DC. 518
Emilia sonchifolia Benth. 518
Emilia sonchifolia DC. 518
Emilia sonchifolia (L.) DC. 518
Equisetum arvense L. 380
Eriobotrya japonica Lindl. 881
Eriobotrya japonica (Thumb.) Lindley 881
Eryngium antihystericum Rottb 458
Eryngium foetidum Forssk 458
Eryngium foetidum L. 458
Eryngium foetidum Walter 458
Eryngium maritimum L. 458
Eryngium molleri Gand. 458
Erythrina verna Vell. 869
Esenbeckia febrifuga Juss. 1112
Esenbeckia febrifuga var. *densiflora* Chodat & Hassl. 1112
Esenbeckia febrifuga var. *fruticosa* Hassl. 1112
Eucalyptus globulus Labill. 593
Eugenia aromatica Baill. 497
Eugenia aromaticus L. 497
Eugenia brasiliensis Lam. 662

Eugenia brasiliensis Mart. 662
Eugenia cariophyllata Thunb. 497
Eugenia cauliflora DC. 695
Eugenia costata Camb. 965
Eugenia dombeyi Skeels 662
Eugenia dombeyi (Spreng) Skeels 662
Eugenia grumixama Vell. 662
Eugenia indica Mich 965
Eugenia jambolana Lam. 701
Eugenia michelii Lam. 965
Eugenia uniflora L. 965
Eugenia uniflora O. Berg 965
Eupatorium conyzoides (L.) E. H. L. Krause 554
Eupatorium hirtum Less. 434
Eupatorium polyanthes Spreng 152
Eupatorium rebaldianum Bertoni 584
Euphorbia capitata Lam. 521
Euphorbia globulifera H. B. K. 521
Euphorbia pilulifera L. 521
Euphorbia pilulifera L. ex Boiss. 521
Euphorbia tirucalli Forssk. 671
Euphorbia tirucalli L. 671
Euphorbia tirucalli Thunb. 671
Euphorbia verticillata Vell. 521
Euxolus caudatus Moq. 359
Euxolus viridis (Baker & Clarke, in Dyer) Moq. 359
Evea ipecacuanha (Brotero) Standl. 689
Evea ipecacuanha Standley 689

F

Ferraria parviflora Salisb. 1019
Ficus carica L. 608
Foeniculum foeniculum (L.) H. Karst 629
Foeniculum officinale All. 629
Foeniculum vulgare Hill. 629
Foeniculum vulgare Mill. 629
Fragaria vesca Benth. 860
Fragaria vesca Coville 860
Fragaria vesca L. 860
Fragaria vesca Walter 860
Fragaria vulgaris Ehrh 860
Franciscea uniflora Pohl. 797
Fredericia chica (Humb. & Bonpl.) L. G. Lohmann 485
Fumaria officinalis Burm. f. 620
Fumaria officinalis Chaub 620
Fumaria officinalis L. 620
Fumaria officinalis Schimp ex Hammar 620

G

Galatea bulbosa (Mill.) Britton 1019
Galinsoga oblonga DC. 527
Galinsoga parviflora Cav. 596
Galinsoga quinqueradiata Ruiz & Pav. 596
Gardenia genipa Sw. 635
Geissospermum laeve (Vell.) Miers 926
Geissospermum vellosii Fr. Allem 926
Genipa americana L. 635
Genipa barbata Presl 635

Genipa caruto Kunth 635
Genipa codonocalyx Standl. 635
Genipa cymosa Spruce 635
Genipa excelsa K. Krause 635
Genipa grandifolia Pers. 635
Genipa nervosa Spruce 635
Genipa oblongifolia Ruiz & Pav. 635
Genipa pubescens DC. 635
Genipa spruceana Steyerm. 635
Genipa venosa Standl. 635
Geranium maculatum Andrews 638
Geranium maculatum L. 638
Glechoma hederacea L. 668
Glechon spatulata Benth. 809
Glyceria repanda (Gaudin) Nutt. 392
Glycinea hispida Maxim. 1076
Glycinea max Merrill 1076
Glycinea soja Sciebold & Jaccarini 1076
Glycyrrhiza mediterranea Vell. 59
Gnaphalium candicans Kunth 770
Gnaphalium satureoides Lam. 770
Gnaphalium suaveolens Vell. 1004
Gomphrena arborescens L. f. 914
Gomphrena brasiliensis L. 938
Gomphrena brasiliensis (L.) Lam. 938
Gomphrena eriantha (Poir.) Moq.[1] 647
Gomphrena fruticosa L. ex Jackson 914
Gomphrena globosa L. 941
Gomphrena macrocephala St. Hil. 914

Gomphrena officinalis Mart. 914
 Gossypium hirsutum Cav. 86
Gossypium hirsutum L. 86
 Granatum guianense (Aubl.) Kuntze 113
 Gratiola micrantha Nutt. 1136

H

Hancornia speciosa Gomes 803
Handroanthus avellanedae (Lorentz ex Griseb) Mattos 686
 Hebanthe paniculata Mart.[1] 647
 Heckeria sidaefolia Kunth 308
 Heckeria umbellata (L.) Kunth 308
Hedychium coronarium Koen. 755
 Hedyosmum acutifolium Cordem 398
 Hedyosmum bompladianum H. B. & Kunth 398
Hedyosmum brasiliense Mart. 398
 Hedyosmum brasiliense Miq. 398
 Hedysarum adscendens Sw. 356
Helianthus annuus L. 650
 Heliophytum indicum (L.) DC. 245
 Heliotropium cordifolium Moench. 245
 Heliotropium foetidum Salisb. 245
 Heliotropium horminifolium Mill. 245
Heliotropium indicum L. 245
 Herpetica alata (L.) Raf. 365
 Herreria parviflora Lindl. 1037
Herreria salsaparrilha Mart. 1037
 Hibiscus fraternus L. 992
Hibiscus subdariffa L. 992

Hydrocolite asiatica L. 392
 Hydrocotyle reniformis Walter 392
 Hydrocotyle repanda Pers. 392
 Hydrocotyle triflora Ruiz & Pav. 392
Hydrocotyle bonariensis Lamarc 26
 Hydrocotyle pelviformes Grand. 26
 Hydrocotyle petiolaris DC. 26
 Hydrocotyle tribotrys Ruiz & Pav. 26
 Hydrocotyle umbellatata var. bonariensis Don 26
 Hydrocotyle vulgaris L. 392
 Hydrocotyle yucatuses Millsp. 26
 Hymenaea animifera Strokes 710
 Hymenaea candolleana Kunth 710
Hymenaea courbaril L. 710
 Hymenaea multiflora Kleinhoonte 710
 Hymenaea resinifera Salisb. 710
 Hymenaea retusa Willd. ex Hayne 710
 Hymenaea stilbocarpa Hayne 710
Hyptis carpinifolia Benth. 1016

I

Impatiens balsamina Hort. 212
Impatiens balsamina L. 212
 Imperata brasiliensis Trin. 1052
Imperata exaltata Bromyn 1052
 Imperata exaltata Brongn 1052
 Indigofera anil L. 119
Indigofera suffruticosa Miller 119
 Inga megacarpa Jones 710

Inga sessilis Mart. 680
Inga sessilis (Vell.) Mart. 680
 Ipecacuanha officinalis Arr. Cam. 689
 Ipomoea batatas Lam. 206
 Ipomoea batatas (L.) Lam. 206
Ipomoea batatas Poir. 206
 Ipomoea fastigiata Roxb. Sweet. 206
 Ipomoea purga Benth. 203
 Ipomoea purga H. 203
 Ipomoea setigera Poir. 206
 Iresine erianthos Poir.[1] 647
Iresine herbstii Hook. 473
 Iresine tenuis Suess.[1] 647
 Ixia americana Aubl. 1019

J

Jacaranda arvensis Vell. 374
 Jacaranda brasiliensis 341
Jacaranda caroba DC. 341
 Jacaranda caroba Hort ex Lam. 341
 Jacaranda caroba (Vell.) DC. 341, 344
 Jacaranda procera Spreng 341
 Jacaranda quinquefolia Steud 236
Jacaranda semiserrata Cham. 344
 Jalapa odorata L. 239
 Jambosa cariophyllus Ndz. 497
 Jambosa vulgaris L. 698
 Jambosa cariophyllus (Spreng) Nyadenzer 497
Jasminum sambac Soland. 707

Jatropha janiphe Blanco 179

Jatropha multifida L. 179

Joannesia heveoides Ducke 110

Joannesia princeps Vell. 110

Justicia pectoralis Jacq. 980

K

Kalanchoë brasiliensis Camb. 1025

Kalanchoë brasiliensis Larrañaga 1025

Kerneria dubia Cass. 950

L

Lactuca esculenta Lalisb. 68

Lactuca sativa L. 68

Lactuca scariola var. *sativa* Moris 68

Languas speciosa (J. C. Wendel) Small 902

Lantana aculeata L. 278

Lantana alba Mill. 419

Lantana armata Schauer 278

Lantana armata var. *guianensis* Moldenke 278

Lantana camara L. 278

Lantana geminata Kunth 419

Lantana mista L. 278

Lantana moritziana Otto & A. Dietr. 278

Lappa major Gaertn 197

Lappa officinalis Hill. 197

Laurus indica Siab. 8

Laurus nobilis Cav. 764

Laurus nobilis L. 764

Laurus odorifera Vell. 1061

Laurus persea L. 8

Laurus sassafras L. 1061

Lavandula angustifolia Bulbani 83

Lavandula angustifolia Mill. 83

Lavandula angustifolia Moench. 83

Lavandula officinalis Chaix. 83

Lavandula spica Desf. 83

Lavandula spica L. 84

Lavandula spica L. 83, 84

Lavandula stoechas L. 80

Lavandula vera DC. 83

Leonorus tataricus Burm. 767

Leonotis nepetaefolia (L.) R. Br. 476

Leonotis nepetaefolia Schimp. ex Benth. 476

Leontodon taraxacum L. 512

Leonurus globosus Moench. 476

Leonurus manshuricus Yabe 767

Leonurus marrubiastrum Lour 476

Leonurus multifidus Desf. 767

Leonurus nepetaefolius Mill. 476

Leonurus sibiricus L. 767

Leonurus sibiricus Schinq. 767

Leonurus sibiricus var. *grandiflora* Benth. 767

Lepiantes umbellatum (L.) Raf. 308

Lepidium ruderales L. 842

Lepidium sativum L. 842

Lepidium virginicum Gren & Godr 842

Lepidium virginicum L. 842

Ligusticum foeniculum Crantz 629

Lilium candidum L. 752

Lilium longiflorum Thunb. 752

Limnonesis commutata Klotzsch 548

Limnonesis friedrichsthaliana Klotzsch 548

Linaria cymbalaria Miller 422

Linum humile 749

Linum usitatissimum Griseb 749

Linum usitatissimum L. 749

Lippia alba (Mill.) N. E. Br. 419

Lippia alba (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson 419

Lippia citriodora (Lam.) Kunth 566

Lippia cylindrica Scheele 644

Lippia geminata var. *microphylla* Griseb 419

Lippia globiflora var. *geminata* (Kunth) Kuntze 419

Lippia triphylla Kuntze 566

Lippia triphylla (L'Her) Kuntze 566

Lithagrostis lacryma-jobi (L.) Gaertn. 728

Lithocardium fresenii Kuntze 524

Lithocardium salicinum Kuntze 524

Lithocardium verbenaceum Kuntze 524

Lochnera rosea (L.) Rchb. ex Endl. 224

Lonicera brachypoda DC. 779

Lonicera chinensis Wats. 779

Lonicera flexuosa Thun. 779

Lonicera japonica Andrews 779

Lonicera japonica Thunb. 779

Lonicera japonica Thunb. ex Murray 779

Lonicera japonica Wall. Cat 779

Lonicera pallida Host. 779

Loranthus avium Pohl. 545
 Loranthus citricola Mart. 545
 Loranthus subrotundum Pohl. 545
 Loranthus vulgaris Vell. 545
 Luffa astorii Svenson 254
 Luffa operculata (L.) Cogn. 254
Luhea divaricata Mart. 32
 Lundia chica (Bonpl.) Seem. 485
 Lychnis officinalis Scop. 1055
Lychnophora pinaster Mart. 131
Lycopersicon pimpinellifolium L. 1100
Lycopersicon pimpinellifolium (L.) Mill. 1100
Lycopodium clavatum L. 740
 Lythrum cartagenense Jack 1073

M

Macrosiphonia velame (St. Hil.) Müell Arg. 1139
Malpighia emarginata DC. 29
 Malpighia glabra Sesé & Moc 29
 Malpighia lucida Pav. & A. Juss. 29
 Malpighia peruviana Moric. 29
 Malpighia puniceifolia L. 29
 Malva erecta J. Presl & C. Presl. 782
 Malva grossheimii Ijin 782
 Malva rhombifolia (L.) Krause 1133
Malva sylvestris L. 782
 Manetia curiosa Vell. 407
 Manetia robusta Vell. 407
 Mangifera indica Blume 812

Mangifera indica L. 812
 Mangifera indica Thwaites 812
 Mangifera indica Wall. 812
Manihot esculenta Crantz 800
 Manihot utilissima Pohl. 800
 Marica plicata Ker. 1019
 Marosiphonia velame Müell Arg. 1139
 Matricaria chamomila Blanco 281
 Matricaria chamomila L. 281
 Matricaria chamomila var recutita (L.) Grierson 281
 Matricaria parthenium L. 143
 Matricaria recutita L. 281
 Mayna brasiliensis Raddi 1058
 Mays americana Baumg. 851
 Mays zea Gaertn. 851
 Maytenus angustior Briq. 581
 Maytenus hassleri Briq. 581
 Maytenus ilicifolia f. angustior Briq. 581
 Maytenus ilicifolia Reiss. 581
Maytenus ilicifolia (Schrad.) Planch. 581
 Maytenus muelleri Schwacke 581
 Maytenus pilcomayensis Briq. 581
 Mayzea cerealis Raf. 851
 Medicago afghanica (Bord.) Vassilcz. 71
 Medicago agropyretorum Vassilcz. 71
 Medicago asiatica subsp. sinensis Sinskaya 71
 Medicago beipinensis Vassilcz. 71
 Medicago grandiflora (Grossheim) Vassilcz. 71
 Medicago kopetdaghi Vassilcz. 71

Medicago ladak Vassilcz. 71
 Medicago mesopotamica Vassilcz. 71
 Medicago orientalis Vassilcz. 71
 Medicago polia (A. Brand) Vassilcz. 71
 Medicago praesativa Sinsk. 71
 Medicago praesativa subsp. spontanea Sinsk. 71
Medicago sativa L. 71
 Medicago sativa Urban. 71
 Medicago sativa var. grandiflora Grossh. 71
 Medicago sogdiana Vassilcz. 71
 Medicago tibetana (Alef.) Vassilcz. 71
 Meibomia adscendens (Sw.) Kuntze 356
 Meibomia griffithiana (Benth.) Kuntze 356
 Melampodium australe Loefl. 353
 Melia angustifolia Schem. 425
 Melia azedarach Blanco 425
Melia azedarach L. 425
 Melia sempervirens Sw. 425
Melinis minutiflora P. Beauv. 317
Melissa officinalis L. 530
Mentha arvensis L. var. *piperaceum* Holmes 1151
 Mentha arvensis subsp. parietariifolia (J. Beck.) Briq. 1151
 Mentha arvensis var. villosa (Benth.) S. R. Stewart 1151
 Mentha austriaca Jacq. 1151
 Mentha daghestanica Boriss 974
 Mentha lapponica Wahlenb. 1151
 Mentha parietariifolia J. Beck. 1151
Mentha piperita L. 677
Mentha pulegium L. 974

Mentha pulegium Luce 974
Mentha sylvestris L. 737
 Mesosphaerum carpinifolia O. K. 1016
 Mespilodaphne pretiosa Ness 1061
 Micromeria formosana C. Marquand 893
 Micropiper pellucidum (L.) Miq. 542
 Mikania banisteriae DC. 434
Mikania glomerata Spreng 665
 Mikania guaco H. B. K. 665
Mikania hirsutissima DC. 434
 Mikania maritana Gardn. 434
 Mikania separia Gardn. 434
 Mikania setigera Sch.-Bip. 896
Mikania setigera Sch.-Bip. ex Baker 896
 Mimosa balansae Micheli 1067
 Mimosa barbadetiman Vell. 194
 Mimosa hispida Kunth 1067
Mimosa pudica L. 1067
 Mimosa pudica Mill. 1067
 Mimosa sessilis Vell. 680
 Mimosa tetrandra Humb. & Bonpl. ex Willd. 1067
 Mimosa unijuga Duchass. & Walp. 1067
 Mimosa virginalis Arruda 194
 Mirabilis corimbosa Sisber 239
 Mirabilis dichotoma L. 239
Mirabilis jalapa L. 239
 Mogiphanes ramosissima Mart. 938
 Mogorium sambac Lam. 707
 Molina trimera Less. 347

Momordica charantia Descourt 848
Momordica charantia L. 848
 Momordica chinensis Spreng 848
 Momordica elegans Salisb. 848
 Momordica indica L. 848
 Momordica operculata L. 254
 Momordica perculata Vell. 848
 Momordica purgans Mart. 254
 Momordica sinensis Spreng 848
 Moraea parviflora Jacq. 1019
Morus nigra L. 107
 Morus nigra Thunb. 107
Murraya exotica L. 872
 Murraya paniculata (L.) Jack 872
Musa paradisiaca L. 185
 Myrciaria cauliflora (Mart.) O. Berg 695
 Myrciaria trunciflora Berg 695
 Myrtus brasiliensis L. 965
 Myrtus cariphyllus Spreng 497
 Myrtus cauliflora Mart. 695
 Myrtus cumini L. 701
 Myrtus dombeyi Spreng 662

N

Nasturtium clandestinum Spreng 38
 Nasturtium fontanum (Lam.) Asch. 38
Nasturtium officinale R. BR. 38
 Nicandra physaloides Gaertner 170
Nicandra physaloides (L.) Gaertner 170

Nicotiana chinensis Fisch ex Lehmann 623
 Nicotiana mexicana Schltdl. 623
 Nicotiana mexicana var. rubiflora Dunal 623
 Nicotiana pilosa Dunal 623
Nicotiana tabacum L. 623
 Noisettia pyrifolia Mart. 449
 Nyctantethes sambac L. 707

O

Ocimum basilicum L. 200, 819
Ocimum basilicum L. var. *purpureum* Hort. 818
 Ocimum carnosum Link & Otto 815
 Ocimum gratissimum Forssk. 74
Ocimum gratissimum L. 74, 1001
 Ocimum gratissimum Seem 74
 Ocimum guineense Schum. 1001
 Ocimum guineense Schum. & Thonn 1001
Ocimum selloi Benth. 815
Ocimum suave Willd. 77
 Ocimum viridi Willd. 1001
Ocotea odorifera (Vell.) Rohwer 1061
 Ocotea pretiosa (Ness) Mez 1061
Olea europaea L. 887
 Olea europaea Thunb. 887
Operculina macrocarpa (L.) Urb. 203
 Operculina macrocarpa Urb. 203
 Operculina tupethum (L.) A. Silva Manso 203
 Orellana americana Kuntze 1127
 Orellana orellana (L.) Kuntze 1127

- Origanum creticum* Lour 893
Origanum dilatatum Klok. 893
Origanum majorana L. 809
Origanum normale D. Don 893
Origanum puberulum (G. Beck) Klok. 893
Origanum vulgare L. 893
Origanum vulgare O. F. Miell 893
Oryza sativa Hochst ex Steud 137
Oryza sativa L. 137
Oxalis latifolia H. B. & Kunth 161
Oxalis latifolia Kunt 161
Oxalis latifolia Trel. 161
- P**
- Palicourea densiflora* Mart. 467
Palicourea densiflora Wawra 467
Palicourea rigida H. B. & Kunth 209
Palicourea rigida Kunth 209
Panicum melines Trin. 317
Panzeria multifida Moench. 767
Papaver rhoeas L. 908
Papaver rhoeas Pall. 908
Papaya carica (L.) Gaertn. 791
Papaya edulis Bojer 791
Papaya papaya (L.) H. Karst. 791
Papaya vulgaris A. DC. 791
Parietaria officinalis L. 917
Parsonsia balsamona (Cham. e Scheechecht) Standl. 1073
Passiflora alata Curtis 824
Passiflora alata Dryander. 824
Passiflora edulis Sims 827
Passiflora quadrangularis L. 824
Passiflora quadrangularis Triana & Planch 824
Peleria cauliflora (Mart.) Kausel 695
Peltodon radicans Pohl. 911
Peperomia sidaefolia A. Dietr. 308
Peperomia umbellata (L.) Kunth 308
Percicaria cetacia (Baldwin ex Elliot) Small 533
Perdicium divaricatum Kunth 1079
Perdicium flexuosum Kunth 1079
Pereskia aculeata Mill. 890
Periandra angulata Bth. 59
Periandra dulcis Mart. 59
Periandra mediterranea Taub. 59
Periandra mucronata Mart et Benth. 59
Periandra racemosa Benth. 59
Periantopodu carijo 575
Periantopodus espelina 575
Periantopodus tomba 575
Persea americana C. Bauh. 8
Persea americana Miller 8
Persea cinnamomum Spreng 302
Persea drymifolia Cham. & Schltldl. 8
Persea edulis Raf. 8
Persea gratissima Gaertn. 8
Persea persea Lock. 8
Persicaria hydropiperoides (Michx.) Small 533
Persicaria hydropiperoides var. *cetassium* (Small) Gleason 533
Pervinca rosea (L.) Moench. 224
Petiveria alliacea L. 560
Petiveria tetrandia Gomes 560
Petroselinum crispum A. W. Hill. 1028
Petroselinum crispum (Miller) Nyman 1028
Petroselinum crispum (Miller) Nyman & A. W. Hill. 1028
Petroselinum hortense Hoffm 1028
Petroselinum sativum L. 1028
Pfaffia eriantha (Poir.) Kuntze 647
Pfaffia glomerata (Spreng) Pedersen[2] 647
Pfaffia glomerata (Spreng) Pedersen in Cabrera 647
Pfaffia paniculata Kuntze[1] 647
Pfaffia paniculata (Mart.) Kuntze[1] 647
Phalaris canariensis Brot. 101
Phalaris canariensis L. 101
Phaseolus vulgaris L. 602
Phaseolus vulgaris Wall. 602
Phlomis nepetaefolia L. 476
Phoradendron verticilatum (L.) Ducke 683
Phyllanthus asperulatus Hutch. 983
Phyllanthus brasiliensis Müell 983
Phyllanthus corcovadensis Müell Arg. 986
Phyllanthus filiformis Pav. ex Baill. 983
Phyllanthus lathyroides H. B. K. 983
Phyllanthus lathyroides Kunth 983
Phyllanthus niruri Blanco 983
Phyllanthus niruri Griseb 983
Phyllanthus niruri L. 983
Phyllanthus niruri Schltdl & Cham. 983

- Phyllanthus niruri* Thunb. 983
Phyllanthus niruri Vell. 983
Phyllanthus niruri Well. 983
Phyllanthus tenellus Roxb. 986
Physalis angulata Heyne ex Wall. 275
Physalis angulata L. 275
Physalis angulata Ruiz & Pav. 275
Physalis capsicifolia Dunal 275
Physalis esquirolli H. Lév. & Vaniot 275
Physalis lancefolia Nees 275
Physalis linkiana Nees 275
Physalis ramosissima Mill. 275
Phytolacca americana L. 611
Pimpinella anisum Georgi 557
Pimpinella anisum L. 557
Pimpinella anisum S. G. Gmel. 557
Pimpinella magna Habl. 41
Pimpinella magna L. 41
Piper aduncifolium Trel. 692
Piper aduncum L. 692
Piper aduncum Well. 692
Piper angustifolium Ruiz & Pav. 692
Piper dombeyanum C. DC. 308
Piper elongatifolium Trel. 692
Piper elongatum Vahl 692
Piper pellucidum L. 542
Piper peltatum Ruiz & Pav. 308
Piper regnelli C. DC. 311
Piper regnellii (Miq.) C. DC. 311
Piper sidaefolium Link & Otto. 308
Piper umbelata L. 308
Piper umbellatum var. *majus* C. DC. 308
Piperomia pellucida Kunth 542
Piperomia pellucida (L.) Kunth 542
Pirus cydonia L. 836
Pistia aegyptiaca Schleid. 548
Pistia aethiopica Fenzl ex Klotzsch 548
Pistia africana C. Presl. 548
Pistia amazonica C. Presl. 548
Pistia brasiliensis Klotzsch 548
Pistia commutata Schleid. 548
Pistia crispata Blume 548
Pistia cumingii Klotzsch 548
Pistia gardneri Klotzsch 548
Pistia horkeliana Miq. 548
Pistia leprieuri Blume 548
Pistia linguaeformis Blume 548
Pistia minor Blume 548
Pistia natalensis Klotzsch 548
Pistia obcordata Schlid. 548
Pistia occidentalis Blume 548
Pistia schleideniana Klotzsch 548
Pistia stratiotes L. 548
Pistia texensis Klotzsch 548
Pistia turpine Blume 548
Plantago australis Lam. 1094
Plantago borysthenica (Rogow.) Wissjul.[1] 1091
Plantago dregeana Decne.[1] 1091
Plantago lanceolata Hook.[2] 1091
Plantago lanceolata L.[2] 1091
Plantago latifolia Salisb.[1] 1091
Plantago major Bert ex Barnioud[1] 1091
Plantago major Ell[1] 1091
Plantago major L.[1] 1091
Plantago major Lour[1] 1091
Plantago officinarum Crantz[1] 1091
Plantago tomentosa Gilib 1094
Plecthantus amboinicus (Lour) Spreng 674
Plecthantus barbathus Andrews[1] 227
Plecthantus grandis (Cremer) R. H. Wellenze[3] 227
Plecthantus ornatus Codd.[2] 227
Plinia pedunculata L. 965
Plinia rubra L. 965
Pluchea quitoc DC. 1004
Pluchea sagittalis (Lam.) Cabrera 1004
Pluchea sagittalis Less. 1004
Pluchea suaveolens (Vell.) Kuntze 1004
Plumeria lancifolia Müell Arg. 35
Polianthes tuberosa L. 116
Polygala apendiculata Vell. 188
Polygala brasiliensis Mart. 188
Polygala humilis Vell. 188
Polygala lancifolia St. Hil. 977
Polygala paniculata Forst. 188
Polygala paniculata L. 188
Polygala paniculata Leconte ex Korr & Gray 188
Polygala paniculata var. *lecoptera* S. F. Blake 188

- Polygala virgata* Vell. 977
Polygonum acre HB & Kunth 536
Polygonum acre Kunth 536
Polygonum acre Lam. 536
Polygonum acre Meisn 536
Polygonum acre Sieber ex Meisn 536
Polygonum acuminatum Bello 536
Polygonum antihaemorrhoidale Mart. 536
Polygonum hydropiper Michaux 536
Polygonum hydropiperoides Michx. 533
Polygonum hydropiperoides Pursh. 536
Polygonum percarioides Kunth 533
Polygonum punctatum Elliot. 536
Polygyne inconspicua Phil. 527
Pontederia azurea Hook. 44
Pontederia crassipes Mart. 44
Portulaca marginata Kunth 215
Portulaca oleracea L. 215
Portulaca oleracea subsp. *sylvestris* (DC.) Thell. 215
Portulaca oleracea var. *opposita* Poelln 215
Portulaca patens Jacq. 833
Portulaca patens L. 833
Portulaca reflexa (Cav.) Haw. 833
Portulaca retusa Engelm. 215
Pothomorphe alleni Trel. 308
Pothomorphe dombeyana Miq. 308
Pothomorphe sidaefolia Miq. 308
Pothomorphe umbellata (L.) Miq. 308
- Prionanthes antimenorrhoea* Schrank 1079
Prunus persica (L.) Batsch 947
Prunus persica Stokes 947
Psidium guayava L. 653
Psidium guayava L. var. *pomifera* 653
Psidium guineense S.W. 125
Psychotria ipecacuanha Müell Arg. 689
Psychotria ipecacuanha Stokes 689
Psychotria rigida Bredem. ex Roem. & Schult. 209
Psychotria ipecacuanha Brotero 689
Pterodon emarginatus Vogel 1082
Pterodon pubescens (Benth.) Benth. 1082
Pulegium daghestanicum (Boriss) Holub 974
Pulegium vulgare Mill. 974
Punica granatum L. 1010
Pyretrum vulgare (L.) Boiss. 371
Pyrostegia venusta Miers 443
- Q**
Qualea grandiflora Mart. 929
- R**
Radicula nasturtium-aquaticum Britt. & Randle 38
Rajana verticilata Vell. 1037
Remijia ferruginea DC. 998
Renealmia exaltata Blanco 902
Renealmia exaltata L. 902
Renealmia exaltata (Sims) Kuntze 902
Rhytiglossa pectoralis (Jacq.) Nees 980
- Richardia scabra* St. Hil. 971
Ricinus communis L. 794
Ricinus communis Müell Arg 794
Ricinus digitatus Nor 794
Ricinus gibsoni Cf. 794
Ricinus hibridus Bess 794
Ricinus leucocarpus Bert. 794
Roripa nasturtium (L.) Rusby. 38
Rorippa nasturtium-aquaticum (L.) Hayek 38
Rosa centifolia L. 1013
Rosa centifolia Lour 1013
Rosmarinus angustifolius Miller 62
Rosmarinus latifolius Mill. 62
Rosmarinus officinalis L. 62
Rubus brasiliensis Mart. 617
Rubus erythrocladus Meissn 617
Rubus occidentalis Vell. 617
Rubus rosifolius Sm. 857
Rubus rosifolius Stokes 857
Rumex crispus L. 725
Rumex obtusifolius Auct. ex Meisn 725
Rumex obtusifolius Ham ex Wall. 725
Rumex obtusifolius L. 725
Ruta graveolens L. 140
Ruta hortensis Mill. 140
- S**
Sabicea brasiliensis Wernham 1043
Saccharum officinarum L. 290

- Sagittaria brasiliensis* Mart. 401
Sagittaria palaefolia Nees 401
Sagittaria rombifolia Cham. 401
Salvia officinalis L. 1040
Salvia officinalis Pall 1040
Sambucus australis Cham. & Schtdl. 1022
Samyda silvestris Poir. 539
Santolina chamaecyparissus L. 1049
Saponaria officinalis L. 1055
Sarcotheca bahiensis Turcz. 134
Sassafras albidum (Mitr.) Nees 1061
Sassafras officinale Nees 1061
Sassafras sassafras (L.) Karsten 1061
Schinus acutifolia Engl. 134
Schinus angustifolia Shodat & Hassl. 134
Schinus aroeira Vell. 134
Schinus chichita Speg. 134
Schinus damasiana Beauv. 134
Schinus dubia Barkl 134
Schinus glasioviana Engl. 134
Schinus microphylla Chodat & Hassl. 134
Schinus pilosa Engl. 134
Schinus raddiana Engl. 134
Schinus selloana Engl. 134
Schinus terebinthifolia Raddi 134
Scoparia dulcis L. 1136
Scoparia grandiflora Nash. 1136
Scoparia ternata Frosk 1136
Sechium americanum Poir. 413
Sechium edule (Jacq.) S.W. 413
Sechium edule S.W. 413
Sedum dendroideum DC. 176
Sedum dendroideum Moc & Sessé ex DC. 176
Sedum madagascariense Clus 614
Selinium coriandrum Crause 455
Selinum graveolens (L.) Krause 47
Senecio cineraria DC. 428
Senecio cineraria L. 428
Senna alata (L.) Irw. & Barnb. 365
Senna alata (L.) Roxb. 365
Senna alexandrina L. 365
Senna cathartica L. 1064
Senna cathartica (L.) H. Irvin & Barneby 1064
Senna occidentalis (L.) H. Irvin & Barneby 599
Senna occidentalis (L.) Link 599
Senna occidentalis (L.) Roxb. 599
Sesamum indicum DC. 641
Sesamum orientale L. 641
Seseli graveolens Scop. 47
Sicyos edulis Jacq. 413
Sicyos fauriei H. Lév. 848
Sida adusta Marais 1133
Sida carpinifolia Bourg. ex Griseb 1133
Sida compressa Wall. 1133
Sida hondensis Kunth 1133
Sida pringlei Gand. 1133
Sida retusa L. 1133
Sida rhombifolia L. 1133
Sida ruderata Macfad 1133
Sida scoparia Vell. 1133
Sida unicornis Marais 1133
Silene saponaria Fries 1055
Silybum maculatum (Scop.) Moench. 335
Silybum mariae (Crantz) Gray 335
Silybum marianum (L.) Gaertn. 335
Sinapis alba (L.) Hooker f. 863
Sinapis nigra L. 866
Siparuna discolor (Poepp. & Endl.) A. DC. 878
Siparuna foetida Barb. Rodr. 878
Siparuna guyanensis Aubl. 878
Siparuna panamensis A. DC. 878
Sisyrinchium bulbosum Mill. 1019
Sisyrinchium palmifolium L. 1019
Sium apium Roth. 47
Sium graveolens (L.) Vest 47
Sizymbrium nasturtium-aquaticum (L.) 38
Sizymbrium nasturtium Thunb 38
Smilax brasiliensis Spreng 704
Smilax medica Chamisso et Schelechtendal 1031
Smilax medica Schlec. & Cham. 1034
Smilax officinalis Griseb 1031
Smilax officinalis Kunth 1031
Smilax papyracea Poiret 1031
Smilax syphilitica Humboldt et Bompland 1031

- Soja hispida* Moench. 1076
Soja japonica Savi. 1076
Solanum americanum Mill. 569
Solanum asperolanatum Ruiz et Pav. 722
Solanum cernuum Vell. 251
Solanum gilo Raddi 716
Solanum gilo Requien ex Dun. 716
Solanum lycocarpum St. Hil. 758
Solanum melongena L. 218
Solanum melongena Wall. 218
Solanum nigrum L. 569
Solanum nodiflorum Jacq. 569
Solanum oleraceum Dunal 569
Solanum paniculatum L. 719
Solanum pterocaulum Dunal 569
Solanum racemiflorum Dun. 716
Solanum tenellum Bitter 569
Solidago chilensis Meyen 128
Solidago linearifolia DC. 128
Solidago marginella DC. 128
Solidago microglossa DC. 128
Solidago nitidula Mart. 128
Solidago odora Hook. 128
Solidago polyglossa DC. 128
Solidago vulneraria Mart. 128
Sonchus ciliatus Lam. 1070
Sonchus jacinthoides DC. 1070
Sonchus mairei H. Lév. 1070
Sonchus oleraceus L. 1070
Sonchus oleraceus Vall. 1070
Sonchus parviflorus Lej. 1070
Spatodea montana Spr. 236
Sphaerium lacryma (L.) Kuntze 728
Spigelia anthelmia L. 563
Spigelia anthelmia var. *nervosa* (Steud) Progel 563
Spigelia nervosa Steud 563
Spigelia quadrifolia Stokes 563
Spinacia oleracea L. 578
Stachys artemisiae Lour 767
Stachys arvense L. 674
Stachys mediterranea Vell. 476
Stachytarpheta australis Moldenke 644
Stachytarpheta cayennensis (Rich.) Vahl. 644
Stachytarpheta cayennensis Schauer 644
Stachytarpheta dichotoma (Ruiz & Pav.) Vahl. 644
Stachytarpheta dicothoma Vahl. 644
Stackys bizantina C. Koch 899
Steffensia adunca (L.) Kunth 692
Stemmatella sodiroi Hieron. 596
Stenocalyx affinis O. Berg 965
Stenocalyx brasiliensis O. Ber 662
Stenocalyx brunneus O. Berg 965
Stenocalyx dasyblastus O. Berg 965
Stenocalyx glaber O. Berg 965
Stenocalyx impuctatus O. Berg 965
Stenocalyx lucidus O. Berg 965
Stenocalyx michelii (Lam.) O. Berg 965
Sterculia chicha A. St. Hil. 407
Stethoma pectoralis (Jacq.) Raf. 980
Stevia rebaudiana (Bertoni) Bertoni 584
Stevia rebaudiana Hemsl. 584
Stissera curcuma Raeusch 23
Struthanthus marginatus Blume 545
Struthanthus marginatus (Ders.) G. Don 545
Struthanthus marginatus Pohl. 545
Strychnos pseudoquina St. Hil. 995
Stryphnodendron adstringens Coville 194
Stryphnodendron adstringens (Mart.) Coville 194
Stryphnodendron barbatiman Mart. 194
Styrax camporum Pohl. 587
Subdariffa rubra Kostel 992
Sweetia inornata Mohlenbr. 1082
Sygygium jambolanum (Lam.) DC. 701
Symphytum officinale L. 461
Syzygium aromaticum (L.) Merrill & L. M. Perry 497
Syzygium cumini (L.) Skeels 701
Syzygium jambos (L.) Alstron 698

T

- Tabebuia ipe* (Mart.) Standl. 686
Tagetes bonariensis Pers. 491
Tagetes corymbosa Sweet. 500
Tagetes elongata Willd. 500
Tagetes erecta L. 500

Tagetes ernstii H. Rob. & Nicolson 500
 Tagetes glandulosa Link 491
 Tagetes grandulifera Schrank 491
 Tagetes heterocarpha Rydb. 500
 Tagetes major Gaertn. 500
Tagetes minuta L. 491
 Tagetes porophyllum Vell. 491
Talinum paniculatum (Jacq.) Gaertn. 833
 Talinum patens Andrews 833
 Talinum patens (Ehrh) Willd. 833
 Talinum patens Juss. 833
 Talinum patens Willd. 833
 Talinum reflexum Cav. 833
 Tanacetum boreale Fisch ex DC. 371
 Tanacetum parthenium (L.) Sch. Bip. 143
Tanacetum vulgare L. 371
 Taraxacum aureum Fisch. 512
 Taraxacum officinale F. H. Wigg 512
 Taraxacum officinale (L.) Weber 512
Taraxacum officinale Weber 512
 Taraxacum retroflexum Lindb. F. 512
 Taraxacum vulgare (Lam.) Schrank 512
 Taraxacum wallichii DC. 512
 Tecoma ipe Mart. ex K. Schum. 686
 Telanthera capituliflora Moq. 938
 Telanthera ramosissima Moq. 938
 Temnocydia carajura Mart. ex DC. 485
 Thea chinensis Sims. 395

Thea sinensis L. 395
Theobroma cacao L. 260
 Theobroma sphearocarpum A. Chev. 260
Thevetia peruviana K. Schum. 404
 Thevetia peruviana Merr. 404
Thymus vulgaris L. 1103
 Thymus vulgaris Sibth & Sm. 1103
 Thymus vulgaris Willk. 1103
 Tiaridicum indicum (L.) Lehm. 245
Tournefortia paniculata Cham. 839
 Tradescantia diuretica Mart. 1106
Tradescantia elongata G. Mey 1106
 Tradescantia elongata Hort. Sinden 1106
 Tradescantia pendula (Schnizl.) Hunt 1109
 Trianosperma piauiensis Cogn. 1088
 Tristegis glutinosa Nees 317
Triumfetta semitriloba Jacq. 350
 Triumfetta semitrilobata Bojer 350
 Triumfetta semitrilobata Griseb 350
 Triumfetta semitrilobata Lank 350
 Trixis antimenorrhoea Mart. ex Baker 1079
 Trixis antimenorrhoea (Schrank) Mart. ex Baker 1079
Trixis divaricata (Kunth) Spreng 1079
Tropaeolum majus L. 326
Turnera alba Liebn 509
Turnera angustifolia Mill. 509
Turnera coerulea DC. 509
Turnera mollis Kunth 509

Turnera ulmifolia L. 509
Turnera ulmifolia var. *velutina* (C. Prsl.) Urb. 509

U

Uragoga ipecacuanha Baill. 689
 Uragoga ipecacuanha H. Br. 689
Urena lobata L. 1121
 Urena sinuata Sw. 1121
Urtica dioica L. 1124
 Urtica dioica Thunb. 1124
 Urtica dioica Vell. 1124
 Urtica galiopsifolia Wierzb ex Opiz 1124
 Uvaria aromatica Lam. 956

V

Valeriana officinalis L. 1130
 Valeriana officinalis L. & Maillefer 1130
 Valerianoides cayennense (Rich) Kuntze 644
 Vasconcellia acutifolia Mart. ex DC. 485
 Verbascum blattarioides Lam. 1145
 Verbascum phlomoedes L. 1145
 Verbascum thapsiforme Schrad. 1145
 Verbascum thapsuss L. 1145
 Verbascum virgatum Spreng 1145
Verbascum virgatum Stocks 1145
 Verbena dichotoma Ruiz & Pav. 644
 Verbena jamaicensis L. 644
 Verbena triphylla L'Her. 566
 Verbesina alba L. 527

Verbesina conyzoides Trew 527
Verbesina prostrata L. 527
Vernonanthura condensata (Baker) H. Rob. 230
Vernonia bahiensis Toledo 230
Vernonia condensata Baker 230
Vernonia corcovadensis Gardn. 152
Vernonia patens Less. 152
Vernonia polyanthes Less. 152
Vernonia psittacoun DC. 152
Vernonia sylvestis Glaz 230
Vinca guilelmi-waldemarii Kotsch 224
Vinca rosea L. 224
Viola odorata L. 1148
Viola odorata Thunb. 1148
Viola suma Vell. 449
Vitex agnus-castus Kurz 479
Vitex agnus-castus L. 479
Vitex polygama Cham. 164
Vitis sicyoides (L.) Baker 683
Vitis vinifera L. 920
Vitis vinifera Marsh 920

W

Wedelia psammophila Poep. 527
Wiborgia oblongifolia Hook. 527
Wiborgia parviflora (Cav.) Kunth 596
Wilbrandia ebractea Cogn. 1088
Willoughbya banisteriae (DC.) Kuntze 434
Willoughbya hirsutissima (DC.) Kuntze 434

X

Xanthosoma iantinum Kock. 1085
Xanthosoma riedelianum Schott 806
Xanthosoma sagittifolium (L.) Schoot. 1085
Xanthosoma violaceum Schott. 1085
Xeraea arborencens (L. f.) O. Kuntze 914
Xeraea paniculata (Mart.) Kuntze[1] 647
Xylocarpus carapa Spreng 113
Xylopiya aromatica Baill. 956
Xylopiya aromatica (Lam.) Mart. 956
Xylopiya grandiflora A. St. Hil. 956

Z

Zala asiatica Lour 548
Zapania citriodora Lam. 566
Zea cania S. Watson 851
Zea erythrolepis Bonaf. 851
Zea hirta Bonaf. 851
Zea mays L. 851
Zea saccharata Sturtev. 851
Zea segetalis Salisb. 851
Zea vulgaris Mill. 851
Zebrina pendula Hort. ex Bosse 1109
Zebrina pendula Schnizl 1109
Zerumbet speciosum J. C. Wendel 902
Zeyheria montana Mart. 236
Zingiber aromaticum Noronha 632
Zingiber majus Rumphius 632
Zingiber missionis Wall 632

Zingiber officinale Roscoe 632
Zingiber sichuanense Z. Y. Zhu et al. 632
Zingiber zingiber H. Karst 632

